

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

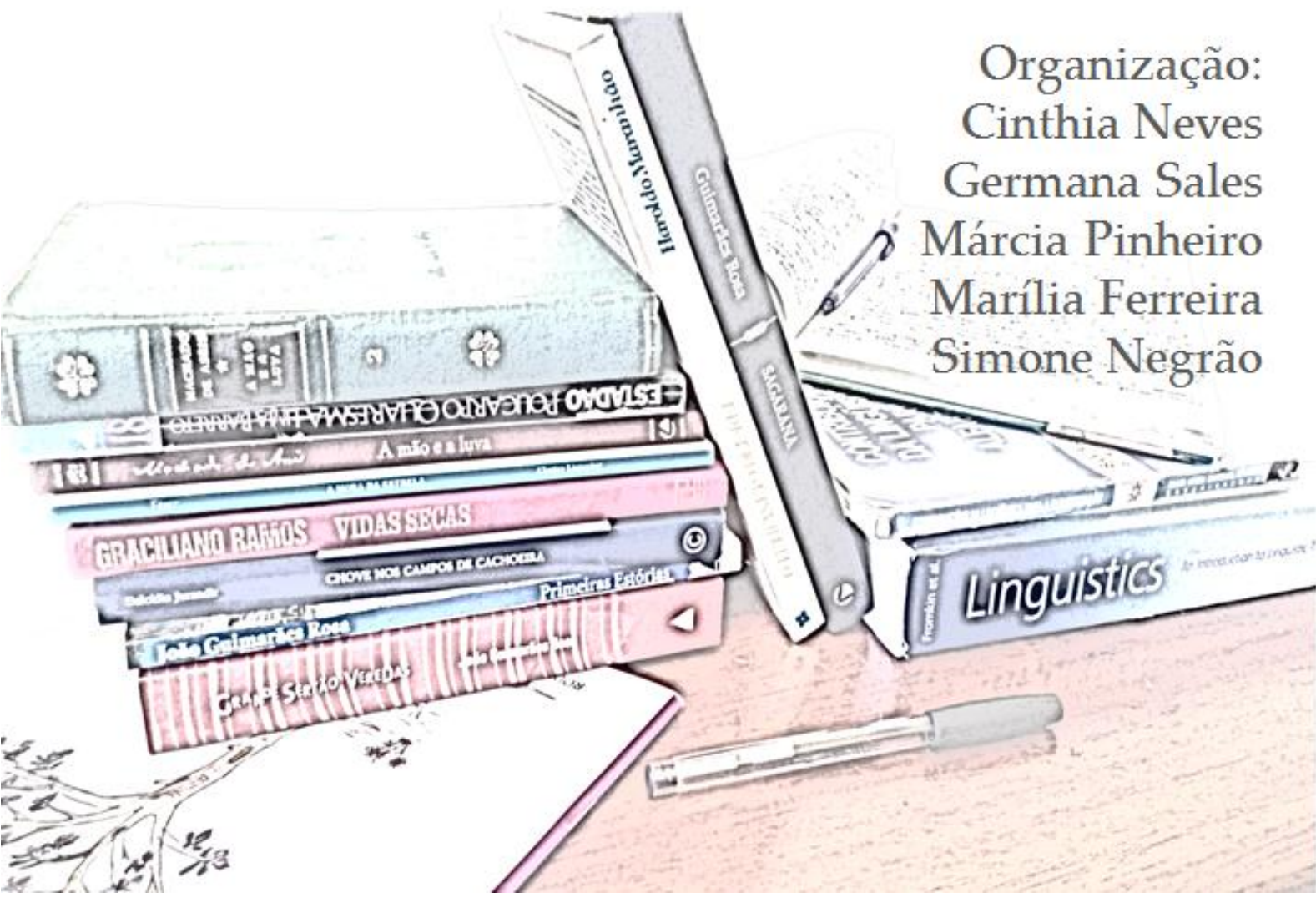
# X SEPA

Seminário de Pesquisas em Andamento

**10 anos pesquisando a Amazônia  
na área de Letras & Linguística**

## ANAIS

Organização:  
Cinthia Neves  
Germana Sales  
Márcia Pinheiro  
Marília Ferreira  
Simone Negrão



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
Prof. Dr. Carlos Edilson de Almeida Maneschy  
Reitor

Prof. Dr. Horacio Schneider  
Vice-Reitor

Profa. Dra. Marlene Rodrigues Medeiros Freitas  
Pró-Reitoria de Ensino e Graduação

Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves  
Pró-Reitoria de Extensão

Prof. MSc. Edson Ortiz de Matos  
Pró-Reitoria de Administração

João Cauby de Almeida Júnior  
Pró-Reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal

Prof. Dr. Erick Nelo Pedreira  
Pró-Reitoria de Planejamento

INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO

Dr. Otacílio Amaral Filho Diretor Geral

Dra. Fátima Pessoa Diretora Adjunta

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Dra Germana Maria Araújo Sales

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Dra Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira  
Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Dra. Germana Maria Araújo Sales

Presidente da comissão organizadora

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Dra. Marília de N. de Oliveira Ferreira

Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras

Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

Ma. Cinthia de Lima Neves

Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Linguísticos)

Márcia do Socorro Pinheiro

Discente da Faculdade de Letras

Ma. Simone Negrão de Freitas

Discente do Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Linguísticos)

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

---

Seminário de Pesquisas em Andamento (10.: 2013: Belém, PA)

S471a [Anais] do X Seminário de Pesquisas em Andamento (SEPA), 26\_a 27 de setembro de 2013/ Organização: Germana Sales, et. al - Belém : Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPA, 2013.

153 p: il.

Evento realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA.

Inclui bibliografias.

ISBN: 978-85-67747-00-2.

Disponível em: [www.ppgl.ufpa.br](http://www.ppgl.ufpa.br)

1. Educação superior - Congressos. 2. Literatura - Congressos. 3. Linguística - Congressos. I. Sales, Germana, org. III. Título.

CDD-22. ed. 378.177

---

## Apresentação

O X Seminário de Pesquisas em Andamento (X SEPA), atividade anual que reúne a apresentação de projetos de pesquisas de docentes e de discentes do vinculados ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2013, teve como tema “10 anos pesquisando na área de Letras & Linguística na Amazônia”.

O evento ocorrido nos dias 26 e 27 de setembro de 2013 teve como conferencista em sua abertura, a Profa. Dra. Marisa Lajolo (UNICAMP/Mackenzie) que intitulou sua fala como ‘Livros são mesmo, papéis pintados com tinta?’. Em seu encerramento, o evento contou com a presença da Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros (USP/ Mackenzie) com a conferência ‘A construção discursiva dos discursos intolerantes e preconceituosos’.

Das apresentações de docentes e de discentes feitas no X SEPA, 48 estão reunidas nos presentes Anais, como trabalhos completos, os quais versam sobre pesquisas realizadas nos campos de Estudos Linguísticos e Estudos Literários, as quais estão diretamente vinculadas aos projetos de pesquisa dos docentes do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em suas linhas de pesquisa.

Registramos, nestes Anais, uma homenagem ao doutorando do PPGL, Prof. MsC. Orlando Cassique Sobrinho Alves (*in memoriam*), docente da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Pará (UFPA), que apresentou o trabalho ‘Nasalidade vocálica pretônica em contextos rural, urbano e metropolitano da Amazônia Paraense: um estudo da relação língua, estigma e identidade sob o enfoque sociodialetoológico variacionista’. O professor Cassique, como era comumente conhecido, ‘viajou’ para tomar outros ares, em lugares eternos, no segundo semestre de 2013, quando aconteceu o X SEPA.

Nos últimos três anos o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) obteve respostas muito positivas quanto ao crescimento da pós-graduação. No triênio que se concluiu, referente aos anos 2011, 2012 e 2013, o PPGL teve seu doutorado aprovado, com nota 4, em 25/10/2012, na 65ª Reunião do CTC/CAPES. Além disso, a nota do Curso de Mestrado igualou-se à nota do Doutorado também. Desta forma, o desejo da Coordenação do PPGL é que, ao ler os trabalhos constantes nos presentes Anais, se possa vislumbrar o que se tem feito de pesquisas na área de Letras & Linguística, na Região Norte do Brasil, com especial atenção à Universidade Federal do Pará (UFPA).

Profa. Dra. Marília de Nazaré Ferreira & Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales

## SUMÁRIO

### **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

<b>PROCESSOS DE MUDANÇA DE VALÊNCIA EM LÍNGUAS TIMBIRA</b> Cinthia de Lima Neves Marília Ferreira	12
<b>HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A IMAGEM COMO MEDIAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS</b> Dione Márcia Alves de Moraes Thomas Massao Fairchild	20
<b>O ENSINO DO PORTUGUÊS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TIMOR-LESTE: DOS DOCUMENTOS OFICIAIS ÀS APROPRIAÇÕES DOS SUJEITOS USUÁRIOS</b> Fabiana Almeida dos Santos Thomas Massao Fairchild	31
<b>TERMINOLOGIA DA AGROINDÚSTRIA DO DENDÊ</b> Francivaldo Mata Quaresma Abdelhak Razky	44
<b>ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS DA AMAZÔNIA PARAENSE: A INFLUÊNCIA DO DIALETO DOS MIGRANTES NO PORTUGUÊS FALADO EM BELÉM</b> Giselda da Rocha Fagundes Regina Célia Fernandes Cruz	54
<b>A VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA VARIEDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS FALADA NO MUNICÍPIO DE BARCARENA/PA</b> Gisele Braga Souza Regina Célia Fernandes Cruz	63
<b>O ENSINO/APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO ESCRITA EM TURMAS HETEROGÊNEAS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: DAS TAREFAS AO EXAME CELPE-BRAS</b> Hellen M. POMPEU de Sales José Carlos Chaves da Cunha	70

---

<b>A IMAGEM DA MULHER NA POLÍTICA EM IGARAPÉ-MIRI: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS NO JORNAL MIRIENSE</b>	81
Israel Fonseca Araújo Fátima Cristina da Costa Pessoa	
<b>A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: ANÁLISE DISCURSIVA DE ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE FACULDADES E/OU UNIVERSIDADES PRIVADAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA</b>	89
Jairo da Silva e Silva Fátima Cristina da Costa Pessoa	
<b>VARIAÇÃO LEXICAL NO ESTADO DO AMAPÁ</b>	99
Josevaldo Ferreira Abdelhak Razky	
<b>ESTUDO PERCEPTUAL DO TOM COMO PISTA PROSÓDICA DE FRONTEIRA DISCURSIVA EM NARRATIVAS ORAIS ESPONTÂNEAS</b>	108
Júlia Izabel Lopes Pereira Regina Célia Fernandes Cruz	
<b>A CONSTITUIÇÃO DAS “DISCIPLINAS” DE METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (MELP) NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS</b>	114
Laura Viviani dos Santos Bormann Thomas Massao Fairchild	
<b>OS DISCURSOS DAS PRÁTICAS DOCENTES NA ALFABETIZAÇÃO: APRENDIZAGEM, ENSINO E CULTURAS</b>	126
Lorena Bischoff Trescastro Laura Maria Silva Araujo Alves	
<b>A (DES)MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM EM ALUNOS DOS CURSOS EXTENSIVO E INTENSIVO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA</b>	137
Marcus Alexandre Carvalho de Souza Walkyria Magno e Silva	
<b>TIPOS DE TEXTOS E GÊNEROS TEXTUAIS</b>	148
Maria Cristina de Souza Sidi Facundes	
<b>GÊNEROS DA TRADIÇÃO ORAL PARA O ENSINO DA LÍNGUA PARKATÊJÊ</b>	160
Maria de Nazaré Moraes da Silva Marília de Nazaré Oliveira Ferreira	
<b>CONTRIBUIÇÕES PARA O ATLAS DO PROJETO AMPER – NORTE: VARIEDADE LINGUÍSTICA DE MOCAJUBA (PA)</b>	171
Maria Sebastiana da Silva Costa Regina Célia Fernandes Cruz	

---

<b>NASALIDADE VOCÁLICA PRETÔNICA EM CONTEXTOS RURAL, URBANO E METROPOLITANO DA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO DA RELAÇÃO LINGUA, ESTIGMA E IDENTIDADE SOB O ENFOQUE SOCIODIALETOLÓGICO VARIACIONISTA</b> Orlando Cassique Sobrinho Alves Orientador: Dr. Abdelhak Rasky	182
<b>PROCESSOS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA NO DESENVOLVIMENTO LINGUAGEIRO DE PROFESSORES DE E/LE EM FORMAÇÃO</b> Patricia Neyra Myriam Crestian Cunha	189
<b>ELABORAÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO DAS ETNIAS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARÁ</b> Regis José da Cunha Guedes Abdelhak Razky	199
<b>CONSTRUTIVISMO, AUTONOMIA E ACONSELHAMENTO LINGUAGEIRO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS</b> Rejane Santos Nonato Walkyria Magno e Silva	209
<b>CONTRIBUIÇÕES PARA O ATLAS DO PROJETO AMPER – NORTE: VARIEDADE LINGUÍSTICA DE BAIÃO (PA).</b> Rosinele Lemos e Lemos Regina Célia Fernandes Cruz	221
<b>O ALTEAMENTO [o]&gt;[u] NO FALAR DA ZONA RURAL DE CIDADES RIBEIRINHAS DO PARÁ: UMA ESTUDO VARIACIONISTA</b> Valena Regina da Cunha Dias Regina Fernandes Cruz	232



## ESTUDOS LITERÁRIOS

<b>A PERFORMANCE DAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO SUPERIOR</b>	226
Adrine Motley Santana Maria do Perpetuo Socorro Galvão Simões	
<b>MARQUES DE CARVALHO: UM ESCRITOR EM DEFESA DO NATURALISMO NA AMAZÔNIA</b>	235
Alan Victor Flor da Silva Germana Maria Araújo Sales	
<b>O ROMANCE <i>MARAJÓ</i> NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CARIOCA</b>	243
Alex Moreira Marlí Tereza Furtado	
<b>MODOS DE VER A AMAZÔNIA EM <i>O CORONEL SANGRADO E SAFRA</i></b>	254
Ana Caroline da Silva Rodrigues Marli Furtado	
<b>NO MERGULHO ÀS ORIGENS: A EXPERIÊNCIA CORPORAL NA <i>LINHA-D'ÁGUA</i>, DE OLGA SAVARY</b>	264
Andréa Jamilly Rodrigues Leitão Antônio Máximo Ferraz	
<b>A CRÔNICA E O FUTEBOL: AS PERSONAGENS PELÉ E GARRINCHA, NOS TEXTOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E NELSON RODRIGUES</b>	270
Breno Pauxis Muinhos Tânia Sarmiento-Pantoja	
<b>A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM “TERRA SONÂMBULA”, DE MIA COUTO</b>	281
Breno Ricardo da Silva Velasco José Guilherme dos Santos Fernandes	
<b>A MEMÓRIA LITERÁRIA EM TRÊS CONCEITOS</b>	288
Edvaldo Santos Pereira Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões	
<b>TRADUÇÃO TRANSCRIADORA E MÍDIA DIGITAL EM E. E. CUMMINGS</b>	297
Fernanda Pinheiro Arruda Izabela Guimarães Guerra Leal	
<b>AVALOVARA: REALIZAÇÃO E NARRATIVA</b>	305
Harley Farias Dolzante Antônio Máximo Ferraz	
<b><i>O TETRANETO DEL-REI</i>: PRAZER DO TEXTO NUM TEXTO DE PRAZER</b>	323
Jonatas Alves da Silva Socorro Simões	

---

<b>RUPTURA EXTERNO E INTERNO: QUANTO MAIS ENGAJADO, MAIS AUTÔNOMO O NATIVO DE CÂNCER DE RUY BARATA</b> Laurenice Nogueira da Conceição José Guilherme Fernandes	329
<b>O LITERÁRIO E O FILOSÓFICO, ENTRE GUIMARÃES ROSA E MARTIN HEIDEGGER: DUAS VISÕES SOBRE O NAZISMO</b> Leonardo Castro da Silva Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	339
<b>“VIDAS SINGULARES. ESTRANHOS POEMAS: UM ESTUDO SOBRE A INFÂMIA EM ENEIDA DE MORAES” E LYGIA FAGUNDES TELLES</b> Lilian Lobato do Carmo Tânia Maria Sarmiento-Pantoja	350
<b>RASTROS LUSITANOS EM JORNAIS PARAENSES DO SÉCULO XIX</b> Maria Lucilena Gonzaga Costa Germana Maria Araújo Sales	360
<b>AS NARRATIVAS CAMILIANAS PUBLICADAS NO ESPAÇO FOLHETIM DO DIÁRIO DO GRAM-PARÁ</b> Neila Mendonça Garcês Lima Germana Maria Araújo Sales	370
<b>O SILÊNCIO COMO VOZ DE ALFREDO NA LEITURA DO MUNDO MARAJOARA</b> Regina Barbosa da Costa Marlí Tereza Furtado	376
<b>A PENA FEMININA: ROMANCES-FOLHETINS FRANCESES NA BELÉM OITOCENTISTA</b> Shirley Laianne Medeiros da Silva Germana Maria Araújo Sales	387
<b>INCERTEZAS E DESCOBERTAS: A PRODUÇÃO LITERÁRIA DURANTE OS ANOS INICIAIS DO REGIME MILITAR BRASILEIRO (1964-1968)</b> Suellen Monteiro Batista Tânia Sarmiento- Pantoja	393
<b>OS HERÓIS DEMOCRÁTICOS NAS CRÔNICAS DE DALCÍDIO JURANDIR PARA O JORNAL DIRETRIZES</b> Tayana Andreza de Sousa Barbosa Marlí Tereza Furtado	403
<b>‘ÁLIBI’ DO RECORDAR COMO ‘PÓLVORA’ PARA A FICCIONALIZAÇÃO: O PREFÁCIO DE HOMENS &amp; CARANGUEJOS</b> Thiago Azevedo Sá de Oliveira Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões	411
<b>CAMINHOS PARA O SILÊNCIO NA POESIA DE MAX MARTINS</b> Thiago de Melo Barbosa Antônio Máximo Ferraz	418

<b>SUBVERSÃO À MORALIDADE: LEITURA DE CINCO MULHERES MACHADIANAS EM O JORNAL DAS FAMÍLIAS</b>	426
Valdiney Valente Lobato de Castro Germana Maria Araújo Sales	
<b>PREFÁCIOS CAMILIANOS: A MORALIZAÇÃO DO ROMANCE EM CENA</b>	434
Vanessa Suzane G. dos Santos Germana Sales	
<b>“PARA FALAR DO CORPO MORTO É PRECISO FICAR NO CINZA”: RESSONÂNCIAS DA MELANCOLIA EM <i>CINZAS DO NORTE</i>, DE MILTON HATOUM</b>	444
Veridiana Valente Tânia Sarmento-Pantoja	
<b>VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES: RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE VICTOR TAMER.</b>	454
Vivianne da Cruz Vulcão Maria do Socorro Simões	

# ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

## PROCESSOS DE MUDANÇA DE VALÊNCIA EM LÍNGUAS TIMBIRA

Autora: Cinthia Neves  
cynthianeves@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Marília Ferreira  
marilia@ufpa.br

### RESUMO

O trabalho proposto pretende descrever e analisar os processos envolvidos no fenômeno de rearranjo de valência verbal em Parkatêjê, descrevendo, do ponto de vista morfosintático, os mecanismos envolvidos, com base nos estudos de Ferreira (2011 e 2003), comparando àqueles atestados em outras línguas Timbira seguindo os seguintes passos: (i) pesquisa de campo, que inclui viagens ao local onde a língua é falada, momento em que são coletados os dados a serem analisados, além de observações que podem ajudar a levantar novas hipóteses; (ii) análise do material obtido nessas coletas, organizando-o e comparando-o com outras línguas do Complexo Timbira e do tronco; (iii) levantamento bibliográfico dos dados linguísticos disponíveis que deverão compor o corpus de comparação entre o parkatêjê e as demais línguas Timbira.

**Palavras-chave:** Rearranjo; Valência; Timbira.

### ABSTRASCT

The proposed work aims to describe and analyse the processes related to the phenomenon of verbal valence rearrangement in Parkatêjê, describing, from the morphosyntactic point of view, the mechanisms involved, based on the studies from Ferreira (2011 and 2003), comparing them to those attested in other Timbira languages, following these steps: (i) field research, including traveling to the places where the language is spoken, when data to be analyzed will be collected, together with observations that could help to bring new hypotheses; (ii) analyzis of the obtained material, organizing and comparing it to other languages from the Timbira Complex and its trunk; (iii) Bibliographical survey of the linguistic data available, which will compose the corpus for comparison between Parkatêjê and the other Timbira languages.

**KEYWORDS:** Valency rearrangement; Timbira.

### Introdução

O trabalho proposto pretende descrever e analisar os processos envolvidos no fenômeno de rearranjo de valência verbal na língua falada na Comunidade Indígena Parkatêjê, que juntamente com Krahô, Krintati, Apaniekrá-Canela, Ramkokamekrá-Canela, Pykobiê-Gavião e Apinajé, o Parkatêjê forma um grupo de línguas inteligíveis entre si em diferentes graus chamado de “Complexo Dialetal Timbira” (Rodrigues,

1986), pertencente à família Jê do tronco linguístico Macro-jê. Ainda há controvérsia quanto a se tratam-se de línguas aparentadas de dialetos de uma única língua, o Timbira. O fato é que estudos têm mostrado semelhanças que permitem agrupar estas línguas dessa forma: Nimuendajú (1946) considera que a unidade do grupo Timbira e sua classificação na família linguística Jê são tão evidentes que até hoje não foram postas em dúvida por ninguém que se ocupou seriamente do assunto.

A proposta deste trabalho é descrever, do ponto de vista morfossintático, os mecanismos envolvidos nos processos de rearranjo de valência em parkatêjê com base nos estudos de Ferreira (2011 e 2003), comparando àqueles atestados em outras línguas Timbira.

Lehmann (1978) reconhece a sintaxe como o componente central da língua e, dentre suas construções, a relação entre o verbo e o objeto como a mais importante. Considerando, então, que nomes exercem a função sintática de objeto, amplificando o verbo, nomes e verbos ocupam os papéis mais importantes na estrutura sintática básica. Portanto, questões relacionadas a estas classes são fundamentais para as relações gramaticais da língua.

Ferreira (2003, p. 85) define a classe de verbos em parkatêjê a partir de dois critérios: a) critério semântico – classe de palavras associada a processos, eventos, ações, desejos que estão ligados à noção de temporalidade; b) critério morfossintático – os verbos exercem caracteristicamente a função de predicado e estão ligados às categorias gramaticais de tempo, aspecto, modo, voz e polaridade, que podem ser expressas morfológica ou sintaticamente.

Quanto ao número de argumentos<sup>1</sup> que esta classe admite, tais elementos podem ser transitivos, de argumentos nucleares A (sujeito) e O (objeto) ou intransitivos, cujo papel nuclear corresponde a S. Em parkatêjê todos os verbos transitivos são verbos semanticamente ativos, cujos argumentos são A e O e ordem que segue o padrão AOV. Ainda segundo Ferreira (2003, p. 87), em parkatêjê, semanticamente, os verbos intransitivos podem ser ativos (verbos de ação), ou descritivos (verbos não-ativos e estativos).

A relação entre os papéis semânticos e gramaticais nas orações em parkatêjê podem ser ajustados, segundo Ferreira (2003), por mecanismos como causativização e

---

<sup>1</sup> A nomenclatura deste trabalho segue a premissa de Dixon (1994, p. 6), segundo a qual “todas as línguas operam em termos de três relações primitivas: S – sujeito intransitivo; A – sujeito transitivo; e O – objeto transitivo”.

construções com pronomes reflexivos e recíprocos. Estes mecanismos, que estão ligados à noção de valência, encontram-se abaixo discutidos:

### a) Causativização

A causativização é um processo recorrente nas línguas do Complexo Timbira. Segundo Rodrigues (1999) algumas línguas têm características morfológicas para a formação de verbos causativos, como a derivação de uma raiz transitiva para uma intransitiva, enquanto outras línguas apresentam apenas características sintáticas, envolvendo verbos como ‘fazer’/‘causar’.

Em parkatêjê, este processo ocasiona, segundo Ferreira (2003), um aumento da valência verbal, permitindo “a inclusão de mais um participante agentivo no evento descrito pelo verbo”. A causativização nesta língua é um mecanismo sintático feito pelo acréscimo de *tɔ* ‘fazer’ à sentença:

As línguas que possuem derivação morfológica de causativos podem causativizar verbos intransitivos ou derivar para nominais apenas raízes verbais transitivas. Ferreira (2003) afirma que o uso deste elemento causativo é produtivo em parkatêjê, sendo possível observar vários verbos transitivos e intransitivos (ativos e estativos) ocorrendo com *tɔ*. Entretanto, as implicações morfossintáticas e o sentido necessitam ainda de investigação.

As línguas que possuem derivação morfológica de causativos podem causativizar verbos intransitivos ou derivar para nominais apenas raízes verbais transitivas. Abaixo encontra-se um exemplo em pykobjê apresentado por Amado (2004), no qual o processo ocorre com o nome *k<sup>h</sup>re*:

ej	-te	to	k <sup>h</sup> re
1	ERG	CAUS	buraco
‘eu cavei’			

Amado (2004) também aponta que no pykobjê o processo de causativização pode formar o modo imperativo:

to	tʃwa
CAUS	banhar
‘vai tomar banho’	

### b) Passivização

Ferreira (2003) verificou na língua a presença do formativo *aipĩ*, que aparece em sentenças nas quais um dos argumentos do verbo é omitido, e considerou que este formativo poderia estar ligado à passivização.

A autora apresenta um exemplo em que a introdução do formativo *aipĩ* condiciona um verbo transitivo a se comportar como verbo intransitivo:

Os exemplos abaixo demonstram que em uma operação passiva “a locução nominal sujeito A torna-se S da passiva, (...) vai para uma posição periférica, sendo marcada por um caso não-nuclear, posposição, etc”:

i-kra	te	i-3-õ	kuwe	kwĩn
1-filho	Erg	1-Rel-Pos	arco	quebrar+Pas

‘meu filho quebrou meu arco’

i-3-õ	kuwe	aipĩ	kwĩn	(i-kra	kot)
1-Rel-Pos	arco		quebrar	(1-filho	Com)

‘meu arco foi quebrado (pelo meu filho)’

No *apãniekrá*, a redução de valência das construções prototipicamente transitivas é dada pelo morfema *pi-* prefixado ao verbo. Neste caso, semelhante ao que ocorre em *parkatêjê*, o agente (sujeito na oração transitiva) não é expresso na oração intransitiva derivada e o paciente (objeto na transitiva) é promovido a sujeito (intransitivo não-ativo):

Alves (2004) relacionou a ocorrência deste morfema à voz média, uma vez que o verbo derivado denota um evento não-agentivo, defocalizando o agente semântica e pragmaticamente:

a-te	ken	ka-pon
2-ERG	pedra	partir

'você partiu a pedra'

ken	pi-ka-pon
pedra	MD-partir

'a pedra partiu'

As questões relacionadas a este processo em *parkatêjê* também necessitam de



aprofundamento.

### c) Incorporação nominal

A incorporação nominal é um mecanismo que consiste na junção de um argumento nuclear que se prende ao verbo, formando um verbo complexo. Em Parkatêjê, “é possível alguns nomes serem incorporados à esquerda de verbos intransitivos (ativos ou estativos) e verbos transitivos” (Ferreira-Silva, 2011).

Segundo a autora, a incorporação é um mecanismo de preservação de valência nesta língua: com verbos intransitivos estativos, a valência verbal não é alterada e o verbo permanece intransitivo; e intransitivos ativos podem ter determinados nomes a eles incorporados permanecendo intransitivos:

ry	Tutaki	kra=kato
já	Tutaki	filho.sair

‘o filho da Tutaki já nasceu’

pêpia	kitare	miti	katiti	aiku	wỹr	krã=mõ
EVIASS	jacaré	grande		PR	DIR	cabeça.ir

‘Dizem que jacaré grande estava boiando (no rio)’

Entretanto, se nomes são incorporados a verbos transitivos, estes se

i-j-õ		rop	mũ	tay
1-Rel-Poss		cachorro		desaparecer

‘meu cachorro desapareceu’

mẽ	ntia	te	mẽkarõn	tõ	tay
Pl	mulher	Erg	fotos	Caus	desaparecer

‘as mulheres perderam as fotos’ lit. ‘as mulheres causaram as fotos desaparecerem’

intransitivizam, pois “o argumento nominal do verbo simples é satisfeito dentro do verbo, logo o verbo continua ocorrendo apenas com o argumento nominal sujeito” (Ferreira, 2011, p. 89).

pê aiku ajêť nã hâr=popok nã tyn tẽ nã

PYP

EVI PR pendurar SS asa.bater SS morrer ir SS

cair

‘Ele ficou pendurado batendo as asas, morrendo, e caiu’

Alves (2004) relata que o argumento O de transitivos ativos quando incorporado ao núcleo verbal também resulta em redução de valência no apãniekrá:

i-te i-kra mpøn  
 1-ERG 1-filho carregar  
 'eu carreguei meu filho'

i-kra= mpøn  
 1-filho= carregar  
 'eu carreguei meu filho'

O parkatêjê também permite a incorporação do pronome reflexivo *amji* à raiz verbal, mantendo a valência do verbo (Ferreira, 2011, p. 88):

pyt kaxêr kãm kryk: -jê amjikapi puro  
 sol lua LOC estar.zangado VOC aprender logo  
 ‘o Sol ficou zangado com a Lua (e disse-lhe): Jê, agora tu aprendeste!’

Há ainda muitos aspectos sobre a mudança de valência que necessitam ser explorados e descritos no parkatêjê e em outras línguas Timbira. Alves (2004), por

wa i-te i-j-õ kuwe kwĩn  
 eu 1-Erg 1-Rel-Poss arco quebrar  
 ‘Eu quebrei meu arco’

i-j-õ kuwe aipĩ kwĩn  
 1-Rel-Poss arco quebrar  
 ‘meu arco quebrou’

exemplo, aponta a existência de morfema, *aw-*, que prefixado a alguns verbos transitivos do apãniekrá causa um processo que a autora chama de detransitivização. Segundo ela, “a interpretação desses verbos quando esse prefixo ocorre é de um 'objeto' com significado genérico. Já o 'sujeito' semanticamente é sempre agente”:

ke     ha     mẽ     aw-jabe  
 3     IRR    PL     DTR-caçar  
 'eles vão caçar'

Este elemento intransitivizador ainda não tem sua ocorrência descrita em parkatêjê, sendo propósito deste trabalho analisar sua produtividade na língua.

Amado (2004) atribui a mudança de valência no pykobjê à partícula *to*, descrita acima como elemento de causativização, tanto em parkatêjê quanto em apãniekrá:

ej - te           ku     to     ej - kom  
 1 ERG           ‘água’ CAUS 1 ‘beber’  
 ‘eu bebi água’

Como visto, há ainda muitos aspectos sobre a mudança de valência que necessitam ser explorados e descritos no parkatêjê e em outras línguas Timbira. Espera-se que os resultados possam também ser utilizados por diferentes pesquisadores e que possam se reverter em benefícios para a comunidade falante.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Flávia de Castro. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá*. Tese de doutoramento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2004.
- ALVES, F. C. & SÁ, R.M. As estruturas silábicas do Apãniekrá e do Pykobjê: uma contribuição ao estudo da sílaba nas línguas Timbira. *Anais do Congresso da ABRALIN*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- AMADO, Rosane de Sá. *Aspectos morfofonológicos do Gavião Pykobjê*. Tese de doutoramento. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. A grafia uniformizada: uma conquista dos povos Timbira. *Linha D'Água*, nº 17, 2005.

- COMRIE, B. The Syntax of Causative Constructions. In: Shibatani, Masayoshi (ed.) *The Grammar of Causative Constructions*. Syntax and Semantics. Volume 6. Academic Press, 1976.
- \_\_\_\_\_. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. T. Shopen. (ed). *Language typology and syntactic description*. Vol. 3. pp. 309-348. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- DIXON, R. M. W. *Ergativity*. Language. 1979. 55,59-138.
- \_\_\_\_\_. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DUBOIS, Jean et alli. *Dicionário de linguística*. 16a ed. São Paulo: Cultrix, 2011.
- FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo Morfosintático da Língua Parkatêjê*. Campinas, SP: [s.n.], 2003. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.
- FERREIRA-SILVA, M. N. Descrição da incorporação nominal em parkatêjê. In: *Raído*, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 81-90, jan./jun. 2011.
- ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LEROY, Maurice. *As grandes correntes da lingüística moderna*. Rio de Janeiro, ao livro técnico, 1971.
- MUSSALIM, Fernanda. *Linguística I*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.
- SÁ, R. M. *Análise fonológica preliminar do Pykobjê*. São Paulo: Universidade de São Paulo. (Dissertação de Mestrado), 1999.

# HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A IMAGEM COMO MEDIAÇÃO ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS

Dione Márcia Alves de Moraes ([dionelestat@hotmail.com](mailto:dionelestat@hotmail.com))

Orientador: Prof. Dr. Thomas Massao Fairchild ([tmfairch@yahoo.com.br](mailto:tmfairch@yahoo.com.br))

**RESUMO:** Este trabalho, embasado em Ferreiro (2001), Mendonça (2007), Cagliari (2008), entre outros, realiza uma pesquisa qualitativo-interpretativa, de natureza aplicada. Destaca como objetivos a) trabalhar a imagem como mediadora entre a oralidade e a escrita para acelerar a leitura de alunos já alfabetizados, porém, que ainda apresentam a predominância de uma leitura lenta e hesitante; b) fazer o diagnóstico inicial das leituras dos alunos; c) elaborar uma intervenção para a aprendizagem da leitura, baseadas em histórias em quadrinhos (HQ); d) ministrar aulas com HQ; e) comparar diagnóstico inicial e diagnóstico final, observando se o uso da HQ ajudou a melhorar a compreensão e fluidez da leitura e; f) discutir o próprio procedimento da elaboração da intervenção. Almeja ajudar no desenvolvimento do aluno-leitor e na formação (inicial e continuada) do professor.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental, Leitura, HQ.

**ABSTRACT:** *ABSTRACT :This study, based on Ferreiro (2001), Mendonça (2007), Cagliari (2008), among others. It aims to: a) exploit images as a means of transition between orality and writing, in order to achieve faster reading from students that are already “literate” but still read slowly and hesitantly; b) make initial and final Reading diagnoses for all students in the group; c) develop procedures to teach reading based on comics; d) teach classes with comics; e) compare initial diagnosis and final diagnosis by observing the evolution of the class and; f) discuss the procedures used. The project aims to help both students-readers and teachers in training develop their knowledge on the matter of early reading processes.*

**KEYWORDS:** Elementary Education, Reading, Comics.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho apresenta um recorte adaptado do projeto que desenvolvemos no projeto de pesquisa “O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do Ensino Fundamental de 9

anos e da inserção do laptop na escola pública brasileira<sup>2</sup>” – desenvolvido na Escola de Aplicação da UFPA-Belém. Ao participarmos do projeto de pesquisa mencionado, identificamos a dificuldade do professor em trabalhar com crianças que apresentam discrepância na aprendizagem, essa heterogeneidade é algo corrente nas salas de aula, que segundo Fairchild (2012, p.151): “[...] ela não é um traço incidental, resultante de uma distorção a ser corrigidas pela escola, mas consiste numa característica constitutiva da sala de aula [...]”.

No âmbito deste projeto são realizadas intervenções no 1º a 2º ano do Ensino Fundamental com diagnósticos constantes de evolução dos alunos, produção de atividades baseadas em diagnósticos e respeitando as heterogeneidades etc.. Assim, nas observações preliminares que fizemos, percebemos que enquanto alguns apresentam considerável avanço nessas as aptidões, outros demonstram dificuldades tanto no desenvolvimento de textos orais como para produzirem as primeiras letras e na leitura de palavras soltas. De acordo com o projeto de pesquisa mencionado:

Este projeto parte do pressuposto de que, para além das singularidades que promovem as diferenças dos modos de aprender, tem que ser considerada a barreira constituída pelas dificuldades de domínio das habilidades mais fundamentais da aprendizagem: a oralidade, a leitura e a produção escrita [...] (BELINTANE et al., 2010, p.9)

Dentro do projeto citado, procuramos trabalhar com histórias em quadrinhos (HQs) com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, utilizando a imagem como mediação entre a fala e a escrita para a aceleração da compreensão e da fluência leitora, foco do nosso estudo. As HQs apresentam textos de variada extensão e complexidade, tanto da imagem quanto do escrito, o que ajuda a adaptar as atividades de leitura à habilitação dos alunos, possibilitando uma transição entre os textos mais curtos e simples aos mais longos, de diversas páginas e com mais personagens.

O trabalho baseia-se em teóricos como Ferreiro (2001), Mendonça (2007), Cagliari (2008), Rama (et al., 2005), Belintane (et al, 2010), Fairchild (2012), entre outros, no qual delineamos uma pesquisa qualitativo-interpretativa, de cunho etnográfico e de natureza aplicada que procura

---

<sup>2</sup>Financiado por meio do edital nº 38/2010/CAPES/INEP – Observatório da Educação, e realizado em conjunto com equipes sediadas na Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERJ) e na Universidade de São Paulo (USP), sob a coordenação geral de Claudemir Belintane.

responder a questão: Como promover o ensino da leitura, focado na aceleração de sua fluência e no desenvolvimento da compreensão leitora nas séries iniciais do Ensino Fundamental?

Destacamos como objetivo geral refletir o uso da imagem como mediadora entre a oralidade e a escrita para acelerar a leitura de alunos já alfabetizados, porém, que ainda apresentam a predominância de uma leitura lenta e hesitante. Apresentamos como objetivos específicos: a) fazer o diagnóstico inicial das leituras dos alunos; b) elaborar uma intervenção para a aprendizagem da leitura, baseadas em HQs; c) ministrar aulas com HQs; d) comparar diagnóstico inicial e diagnóstico final, observando se o uso da HQ ajudou a melhorar a compreensão e fluidez da leitura e; e) discutir o próprio procedimento da elaboração da intervenção.

O artigo está dividido em duas seções, além destas Considerações Iniciais e das Considerações Finais. Na primeira seção, dividida em duas subseções, discorreremos a respeito dos teóricos e das teorias que embasam o trabalho. Na segunda seção, apresentamos dois recortes de exercícios elaborados seguidos de uma breve análise de seus resultados, apresentando assim, um diagnóstico inicial do estudo.

## 1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Discorreremos, brevemente, sobre os conceitos teóricos de alfabetização, leitura e HQ que nortearão este recorte adaptado do projeto, observando que podem ser revistos durante a aplicação do estudo.

### 1.1 Alfabetização e Leitura

A alfabetização está sendo cada vez mais discutida e problematizada nos dias atuais, inclusive pelos docentes, para que seja possível encontrar melhores caminhos para este momento tão delicado da vida escolar, em que os alunos são introduzidos em um novo mundo de experiências como o desenvolvimento da cultura oral, da leitura e da escrita. Citando Fairchild (2012, p.155):

Se a escrita requer a passagem do sujeito por um saber não sabido, operado por meio de um “recalcamento” da imagem, reconhecemos que ensinar a escrita coloca o alfabetizador de hoje face a um conjunto de dificuldades relacionadas à maneira como a cultura de nosso tempo tem privilegiado certas formas de relação com a imagem e certos modos de uso da fala.

A dificuldade que a criança encontra no processo de alfabetização, pode ser comparado com a aprendizagem de uma nova língua pelo adulto ou com o processo histórico da própria invenção da escrita, respeitando as devidas proporções. Nos primeiros anos da escolarização, os caracteres presentes no papel apresentam um “mistério” assustador e fascinante para quem não sabe decifrá-lo.

Essa dificuldade é observada tanto para aqueles ainda não começaram o processo de alfabetização como para os que estão começando a trilhar o seu caminho, mas, que ainda não leem fluentemente palavras, frases ou textos: “Ler é fácil para quem sabe e, nesse primeiro passo da leitura, a facilidade ou dificuldade do texto se torna irrelevante com relação à dificuldade específica de decifração propriamente dita da escrita” (CAGLIARI, 2008, p.158).

A leitura é mais do que decodificar signos linguísticos, trata-se de um ato de compreensão e apreensão dos sentidos existentes nos textos e a forma como esta competência é desenvolvida, nos primeiros anos do Fundamental, pode afetar toda a vida do sujeito – leitor, tanto nas leituras para aprendizagem como para o lazer. De acordo com Cagliari (2008, p.169): “Além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança goste da escola e de estudar”.

## 1.2 Histórias em Quadrinhos

Os quadrinhos podem ser definidos como: “[...] um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. A HQ apresenta como elementos típicos os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal.” (MENDONÇA, 2007, p. 200). Além dos elementos constitutivos elencados acima, os quadrinhos apresentam outros, como: composição dos personagens, cada personagem tem uma ou duas características marcantes; relação entre os personagens, protagonista *versus* antagonista; cenas prototípicas, uma espécie de roteiro a ser seguido; coerências temáticas, como os temas ocorridos em um núcleo da cidade; paródias, de filmes, lendas, contos etc..

O trabalho com as HQs nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ajuda na construção do sujeito – leitor, isso ocorre porque aqueles que estão se alfabetizando podem utiliza-se tanto da imagem como dos recursos existentes nesses textos para a ação leitora:

[...] o papel de semioses distintas (verbal e não-verbal) para a construção de sentido termina por tornar as HQs acessíveis não só aos adultos com baixo grau de letramento, mas também às crianças em fase de aquisição de escrita, que podem apoiar -se nos desenhos para produzir sentido (MENDONÇA, 2007, p. 202).



Destarte, no projeto referido, identificamos ainda, que as crianças nos primeiros anos do Ensino Fundamental apresentam dificuldades na leitura de palavras, limitando-se a ler as letras ou os pares silábicos que aprenderam no processo de alfabetização, outras, apresentam problemas com textos que contém mais dificuldades do que aqueles que estão acostumadas.

A leitura de HQs pode, ainda, ajudar a criar “matrizes narrativas”, já que a criança pode apreender traços da narrativa pelas imagens, mesmo se ainda não souber ler o texto.

Ou seja, é uma complexificação necessária do domínio pictórico, uma vez que os quadrinhos apresentam uma sequência de desenhos expressando a ordenação de fatos que compõem o enredo. Desta forma, ajudando tantos aos alunos que tem certo domínio da leitura, quanto àqueles que ainda sentem-se inseguros ao trilhar os caminhos das letras, aperfeiçoando e desenvolvendo uma leitura mais fluente e auxiliando na compreensão da narrativa.

## 2. DIAGNÓSTICOS PRELIMINARES

Entre as ações previstas dentro do projeto referido, destacamos:

**Diagnosticar o nível de leitura de cada criança:** utilizando imagens, textos, livros e atividades com rébus e com as letras do alfabeto, procurar detectar as habilidades já dominadas de cada criança [...].

**Produzir atividades de ensino baseadas em diagnósticos:** cada fase diagnosticada corresponderá à produção de unidades de ensino, mas em módulos diversificados, com conteúdos e estratégias que tomam como referências os diferentes tipos de dificuldades encontradas [...] (BELINTANE et al, 2010, p.21, grifo dos autores).

Desta forma, apresentamos nesta seção algumas conclusões<sup>3</sup> da Atividade 1 de leitura em voz alta, realizada nos dias 17/05/2013 e 24/05/2013 e da Atividade 2 de leitura silenciosa, feita no dia 24/06/2013. No nosso estudo, após observarmos durante algumas semanas o 2º ano do Ensino Fundamental da Escola de Aplicação da UFPa – Belém, levamos um aluno de cada vez para a sala do projeto, apresentamos a narrativa em quadrinhos *Machucou?*(2008) e pedimos que fizessem a leitura individual em voz alta e depois, recontassem o que leram.

---

<sup>3</sup> Usamos o roteiro para o Diagnóstico Individual, produzido pelo projeto de pesquisa, como embasamento para fazermos a análise das atividades.

Objetivamos com essa atividade notar particularmente a fluência dos alunos, quais as palavras que encontravam mais dificuldades, sua entonação, qual relação que faziam entre a imagem e escrita, entre outros. Observamos, também, neste processo a diferença no domínio da leitura: alguns soletram; outros silabam; uns leem palavras inteiras com grandes pausas entre uma e outra e aqueles que leem com alguma fluidez.

*Aluno B*(trecho da gravação)

\_ “Ai, Ai, no-ssa...A/”

((Encontra uma palavra que não conhece, complexa- Alípio -, para, aponta e retoma do começo da frase))

\_ “Nossa Alipú...Alipô...u o...que...aconteceu? te...ten...tentei pulá... LÁ a cerca mas tropecei ne-la e caí”

\_ “Calma... ami...a:migão deixa que eu cuido cu.. cuido de-sse machucado.”

\_ “E agora... e:...e...é só...a-rru-má...a...CER-ca”

O aluno B apresenta uma leitura predominantemente silabada, às vezes seguida de palavra por palavra, com algumas pausas frente àquelas mais complexas, o que torna sua leitura lenta e hesitante, e pode dificultar a compreensão global da narrativa, citando Kleiman (2002, p.36): “O aluno que lê vagorosamente, sílaba por sílaba, terá dificuldades para lembra o que estava no início da linha quando ele chegar ao fim”.

Apresenta pouca entonação, predominando uma leitura monotônica, além de não levar em conta os sinais de pontuação para pausar a leitura, como vírgula, exclamação, reticências, com exceção da interrogação no final da pergunta:

(1) “Nossa Alipú...Alipô...u o...que...aconteceu?”

Entretanto, percebemos que diante de palavras desconhecidas e difíceis ele não para, e sim retoma para tentar compreendê-la, o que apesar resultar em maior lentidão, representa algo positivo, pois mesmo desconhecendo o que está escrito, procura entender.

(2) “Ai, Ai, no-ssa...A/”

“Nossa Alipú...Alipô...u o...que...aconteceu?”

Além disso, o Aluno B, durante a atividade, não “pula” nenhuma palavra ou frase, seguindo até o final do exercício, concentrando-se na ação, não dispersando e procurando ler com toda a atenção voltada para a HQ. Ele segue o começo e fim dos quadrinhos, lendo os balões na ordem dos turnos de diálogos, seguindo um quadro após o outro até o fim de uma página para poder

iniciar no princípio da outra. Enfim, demonstra o conhecimento da ordem “lógica” da leitura do gênero estudado, o que não foi percebido com alguns alunos que demonstraram confusão sobre qual a sequência nessa ação.

Apesar de nossos estudos estarem em fase inicial, esperamos que o ensino com HQ possa ajudar o Aluno B a progredir para uma leitura mais dinâmica e auxiliar na compreensão da narrativa (MENDONÇA, 2007). Além de ajudar a desenvolver a entonação durante o processo, seguindo, além dos sinais de pontuação, as imagens, os balões e o contexto narrativo para poder inferir os sentimentos expressos pelas falas dos personagens.

Segundo Ferreira (2001), para a criança que está se alfabetizando, só as letras não bastam para a produção de sentido, ela precisa de um “suporte” imagético para poder compreender o texto. A autora referida explana sobre experiências com crianças de 5 anos, porém, acreditamos com base nas observações feitas, que apesar de terem a idade média de 7 anos, os alunos do 2º ano do Fundamental, e o Aluno B, ainda apoiam-se bastante no imagético.

Essa intermediação da imagem pode ser benéfica, pois apesar do Aluno B ler todas as palavras, apresenta uma leitura “sofrida”, em que observamos a necessidade de desenvolver maior habilidade nessa ação, citando Cagliari (2008, p. 170): “É preciso que o leitor diga o que lê (leu) como se fosse o autor daquilo que está lendo”.

Na Atividade 2, apresentamos uma história da *Turma da Mônica*, porém, com diálogos criados e incoerentes com as imagens, objetivando observar: a compreensão da leitura silenciosa; o que eles entendiam do que liam; se as crianças percebiam a incongruência entre texto verbal e não verbal; se eles fixavam mais no texto verbal ou na imagem e; como eles interpretavam aquela singularidade. As crianças denominam essa atividade de “troca-troca”, aceitando, nesta situação específica, a incongruência entre a fala e o desenho como algo típico de HQ.

Assim, apresentamos a narrativa e deixamos que lessem em silêncio, logo nos primeiros quadrinhos manifestaram o estranhamento pela troca das falas, seguido de debates em que cada aluno apresenta sua opinião sobre quem são os personagens que estão falando, qual o local que se encontram e as justificativas do seu ponto de vista. Após, distribuimos na sala de aula a atividade embasada nessa narrativa. Apresentamos as respostas de um dos alunos, observando que essa atividade está anexada.

Respostas (*Aluno B*):

- 1- “a mãe da magali e a mãe do cascão tão tomando café”
- 2- “socorro alguém pegou meu coelhinho”
- 3- “a mãe do cebolinha esta conversando com ele”

- A mãe do cebolinha tá falando ‘mau’ da monica”
- 4- “mãe do cebolinha e o cebolinha”
  - 5- “que a mãe de ele pegou o coelhinho da monica”
  - 6- “lá fora na arvore” e
  - 7- “que ele fica de primido”.

Na primeira questão, o Aluno B concentra-se no que está acontecendo no plano central da narrativa: duas mulheres tomando café, utilizando-se da imagem, pois a criança está vendo o Cebolinha na cena, para nomear um personagem “mãe do cebolinha”, e usa o texto verbal presente no segundo quadro no qual o personagem exclama (foi você, Cascão!), para inferir quem é a outra personagem “mãe do cascão”. Na segunda questão, a criança reproduz o que diz o personagem.

Na terceira, o Aluno B interpreta os três quadros, fazendo um resumo do que infere ser essa parte da narrativa “A mãe do cebolinha esta conversando com ele/a mãe do cebolinha tá falando ‘mau’ da monica”, usando para isso estratégias de leitura (KLEIMAN, 2002) como lê, interpretar e resumir com suas próprias palavras àquilo que leu no texto verbal e nas imagens.

Na quinta questão, o Aluno B relaciona a imagem com o texto verbal e interpreta a narrativa “que a mãe de ele pegou o coelhinho da monica”, pois, observa a imagem da mãe do Cebolinha e interpreta a fala do personagem no segundo quadrinho (foi você, Cascão!). Ele ignora o nome do Cascão, pois como já foi comentado, as crianças aceitaram algumas trocas como algo normal nos gibis.

Na sexta, ele responde “la fora na arvore” fazendo uso da imagem como referência para esclarecer que não é *dentro* da casa e sim *fora* dela, e utiliza-se do texto que faz referência ao fato do personagem está em cima de uma árvore. Na sétima questão, ele interpreta a situação final e a fala do personagem (poxa, nunca mais pego o coelhinho...) como algo triste e responde “que ele fica de primido”.

O Aluno B lê e interpreta a história com base nas imagens e no texto verbal, destacando em certas respostas mais o imagético e em outras, mais os diálogos, porém, procurando sempre fazer a relação entre os dois para poder produzir a compreensão da narrativa. O que, nesse primeiro momento, reforça o que esperamos com o estudo, de que a utilização da HQ auxilia na fluência e compreensão da leitura, ajudando os alunos já alfabetizados, mas que ainda apresentam dificuldades, a melhorá-la, utilizando a imagem para intermediar e completar a interpretação do texto verbal (MENDONÇA, 2007).

A Atividade 1 mostra-se bem sucedida para o diagnóstico preliminar, nos proporcionando uma primeira amostra das habilidades de leitura e compreensão dos alunos frente ao gênero (BELINTANE et al, 2010). A Atividade 2 apresenta-se como um desafio a compreensão e interpretação dos alunos, permitindo-nos observar de forma mais contundente como eles fazem a relação imagem e texto verbal para a leitura dos quadrinhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, ao apresentar um recorte ajustado do estudo que desenvolvemos para o projeto de mestrado, procura refletir sobre a construção da capacidade de leitura de alunos do 2º ano do Ensino Fundamental com o auxílio de HQ, tendo em vista, a utilização da imagem como mediadora entre o oral e o escrito.

Destarte, à luz de teóricos como Ferreiro (2001), Kleiman (2002), Mendonça (2007), Cagliari (2008), Rama (et al., 2005), Belintane (et al, 2010), Fairchild (2012), entre outros, procuramos responder a questão de Como promover o ensino da leitura, focado na aceleração de sua fluência e no desenvolvimento da compreensão leitora nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Para isso, apresentamos um recorte de algumas atividades preliminares que propusemos para as crianças, os resultados iniciais apresentados após esses exercícios e uma reflexão sobre essas atividades (BELINTANE et al, 2010).

Assim, apresentando trechos da Atividade 1 e da Atividade 2 do Aluno B, observamos, preliminarmente, que as HQs mostram-se um desafio para a capacidade leitora das crianças. Elas precisam apreender vários signos linguísticos e, também, tem a possibilidade de utilizar as imagens para completar e intermediar o escrito, observando o contexto da narrativa para ajudar a sair da leitura monotônica (MENDONÇA, 2007). Nessas atividades, constatamos, ainda, a heterogeneidade de capacidades existente na sala de aula (FAIRCHILD, 2012),

Sem a pretensão de apresentarmos um diagnóstico final, já que o estudo ainda está em andamento, acreditamos que com as observações e atividades realizadas, refletindo sobre essas atividades, conseguimos ter uma visão e entendimento da competência leitora. Assim, esperamos com o término desse estudo, contribuir para melhorar a fluidez e compreensão leitora das crianças, observando as diferenças apresentadas nessa capacidade (FAIRCHILD, 2012) e promover o papel do professor como mediador do conhecimento, incentivando assim, a sua formação inicial e continuada.

## REFERÊNCIAS

BELINTANE, Claudemir et al.. **Projeto de Pesquisa: O Desafio de Ensinar a Leitura e a escrita no contexto do Ensino Fundamental de nove anos e da Inserção do laptop na Escola Pública Brasileira**. USP, UERN, UFPA: 2010.

FAIRCHILD, Thomas Massao. A escrita e sistema de escrita em práticas de Alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental de 9 anos. In: MENDES, Edleise; CUNHA, José Carlos (Orgs.). **Práticas em sala de aula de línguas: diálogos necessários entre teoria(s) e ações situadas**. Campinas, SP: Pontes, 2012, p.149-169.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2008.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 9ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2002.

RAMA, Angela et al. . **Como usar as histórias em Quadrinhos na sala de aula**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2005.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 194-207.

SOUZA, Maurício de. **Páginas Semanais**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/comics/welcome.htm>>. Acesso em: 10 de Dez. 2012.

EDUARDO, João. Machucou? In. KACHAR, Frederic Zoghaibet al. **Coleção Cocoricó em Quadrinhos: Histórias da Turma**. São Paulo: Globo, 2008.p.5-9.

## ANEXO



1. O QUE ACONTECE NESTE QUADRO?
2. O QUE A CRIANÇA ESTÁ FALANDO?



3. O QUE ESTÁ ACONTECENDO NOS QUADROS ACIMA?
4. QUAIS OS NOMES DAS PESSOAS QUE ESTÃO CONVERSANDO?
5. SOBRE O QUE ELAS ESTÃO CONVERSANDO?
6. EM QUE LUGAR ESTÁ A CRIANÇA?



7. O QUE ACONTECEU NO FINAL DA HISTÓRIA?

## **O ENSINO DO PORTUGUÊS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TIMOR-LESTE: DOS DOCUMENTOS OFICIAIS ÀS APROPRIAÇÕES DOS SUJEITOS USUÁRIOS**

Fabiana Almeida dos SANTOS – fabyzinha\_18@yahoo.com.br  
Thomas Massao FAIRCHILD – tmfairch@yahoo.com.br

### **Resumo**

A presente pesquisa pretende abordar a problemática do ensino-aprendizagem do português para professores da Educação Básica (Pré-secundário e secundário) em Timor-Leste, a partir de uma análise discursiva dos documentos oficiais em que se assenta o Programa de Reintrodução da Língua Portuguesa em Timor-Leste e das maneiras como os professores inseridos nesse contexto atribuem sentido a essa política linguística. Essas reflexões baseiam-se em uma experiência como professora do curso de formação de professores em língua portuguesa, de responsabilidade da cooperação brasileira desde 2005, através do “Programa de Qualificação e ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste (PQLP)”, coordenado pela Fundação CAPES. Para proceder a discussão tomarei como base teorias da AD apoiadas nos conceitos de Maingueneau (1984), especialmente o de “inter-incompreensão”, como também os conceitos de “estratégia” e “tática” de Michel de Certeau (1999), que compõem seu modelo polemológico das apropriações culturais, como também, teorias da didática das línguas apoiadas no QECR para o ensino de línguas. As análises, ainda em andamento, apontam uma construção de simulacros de tradução/interpretação do discurso do ‘Outro’ nas categorias do ‘Mesmo’ entre o discurso do programa de reintrodução do português em Timor-Leste presente nos documentos oficiais e os sujeitos que aderem a esse discurso, especificamente, os professores timorenses.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa, Ensino-aprendizagem, simulacro.

### **Abstract**

This research aims to address the issue of teaching and learning Portuguese for teachers of Basic Education (Pre-secondary and Secondary) in East Timor, from a discursive analysis of official documents in which sits the Reintroduction Program of Portuguese Language in East Timor and the ways in which teachers working in this context make sense for this language policy. These reflections are based on my experience as a teacher of training course for teachers in Portuguese, Brazilian cooperation of responsibility since 2005, through the "Qualification Program and Teaching of Portuguese in Timor-Leste (PQLP)" coordinated by CAPES Foundation. To make the discussion I will take as a base theories of AD supported in the concepts of Maingueneau (1984), especially the "inter-misunderstanding", as well as the concepts of "strategy" and "tactics" of Michel de Certeau (1999), which compose his polemológico model of cultural appropriations, but also Didactics of Language theories supported in the QECR for language teaching. The analysis, still in progress, points for a construction of translation / interpretation simulacrum from 'Other's' speech in the categories of 'Same' between the discourse of the reintroduction program in Portuguese



East Timor in official documents and subjects that adhere this discourse, specifically the Timorese.

**Key-words:** Portuguese Language, Teaching and Learning, simulacrum.

### **1. Introdução**

O Interesse de trabalhar com o ensino do português na formação de professores em Timor-Leste está ligado a minha experiência como professora cooperante da CAPES no Programa de “Qualificação e ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste (PQLP)”, onde ministrei aulas de língua portuguesa aos professores leste-timorenses que se encontravam nos cursos de formação de Ciências Naturais (Biologia, Física, Química e Matemática). O objetivo do ensino da língua portuguesa naquele momento era tornar os professores proficientes na língua para acompanhar as aulas do curso de formação e conseqüentemente, usar o referido idioma em suas práticas de ensino em sala de aula.

No primeiro contato com os professores leste-timorenses, constatei que muitos aprenderam o português no período da colonização portuguesa – que durou do início do século XVI até 1975 –, e que esta foi a língua na qual foram alfabetizados. Com invasão da Indonésia em 1975, as escolas portuguesas foram destruídas e foi proibida qualquer manifestação no país que fizesse alusão à língua portuguesa e à cultura lusófona. Dessa forma, muitos desses professores foram forçados a concluir seus estudos em universidades indonésias.

No período da ditadura (1975-1999), a Indonésia promoveu investimentos na educação com a finalidade de desestruturar as identidades e os valores culturais advindos da cultura portuguesa. Nesse período, o governo indonésio implantou muitas escolas públicas no país a fim de assegurar o domínio territorial e substituir os referenciais em vigor, principalmente a língua portuguesa, trocando-a pela língua bahasa-indonésio. Para isso, enviou professores indonésios para o território timorense, instituindo uma educação de subserviência ao novo regime.

O período indonésio causou uma ruptura no uso da língua portuguesa em Timor-Leste, mudando fortemente o cenário linguístico-cultural do país ao provocar uma cisão na sociedade: os velhos timorenses, falantes da língua portuguesa, nascidos antes da invasão; e os jovens timorenses, falantes do bahasa-indonésio, nascidos depois de 1975. Essas duas gerações colocam em evidência a presença dessas duas línguas e culturas distintas, que convivem com outras línguas e culturas também presentes no país (como o inglês e uma grande diversidade de línguas autóctones, dentre as quais se destaca o

tétum, que em sua variedade tétum-praça é utilizada em parte do país como língua franca).

O período de ditadura indonésia sofreu uma forte resistência de parte da população timorense, que lutou pela liberdade tendo a língua portuguesa como símbolo da resistência. Diante dessa situação, a Indonésia foi obrigada a admitir um referendo que decidiria se Timor-Leste passaria ou não a ser um país independente. O referendo de 30 de agosto de 1999, organizado pela ONU, foi favorável à independência de Timor e pedia a saída imediata do governo indonésio das terras leste-timorenses. O Governo indonésio se viu obrigado a abandonar o território. Contudo, antes de sua saída, as forças indonésias realizaram a maior atrocidade que o país viveu durante a ditadura, ao queimar todos os prédios públicos, deixando o país completamente em cinzas - uma devastação que se reflete no território até os dias atuais, fato que pude presenciar quando estive no local. Todas as escolas foram destruídas, os professores indonésios retornaram ao país de origem e o sistema educativo de Timor ficou totalmente arrasado. Com a restauração em 2002, uma nova política foi adotada, e o tétum passou a ser língua oficial do país juntamente com o português. Essa escolha é defendida por muitos estudiosos como o resgate da identidade nacional do país. Para estes, o português, assim como o tétum, fazem parte de um conjunto de valores culturais e sociais que simbolizaram a luta pela resistência no período da ditadura indonésia e que, portanto, merece ser preservada e valorizada em solo timorense.

A reintrodução da língua portuguesa em solo timorense tem sido um desafio àqueles que estão diretamente ligados à sua promoção. Apesar dos esforços envidados pelo governo timorense juntamente com as cooperações internacionais, desde 2002 até a presente data, no investimento de ambientes de ensino e uso do português pelos cidadãos timorenses, durante o período de 2009/2010, em que ministrei aulas e convivi com a população leste-timorense, percebi que a língua portuguesa não faz parte da vida social dessa nação, tal qual como se anseia os que incentivam o uso do português no país, nem mesmo no contexto educacional, onde professores e alunos encontram acentuadas dificuldades no uso do português em sala de aula.

Diante deste panorama nos questionamos sobre qual o papel atribuído à disciplina língua portuguesa na formação de professores no contexto de reintrodução do português no país Timor-Leste e como os professores em formação se apropriam dessa nova ordem imposta a eles.

Assentados nessa problemática nos debruçaremos em investigar como os sujeitos timorenses, especificamente agentes do sistema educativo do país, lidam com a nova política linguística de Timor-Leste, a reintrodução da língua portuguesa.

Esta pesquisa é de cunho etnográfica fundada na observação *in locu* do contexto da pesquisa, na análise de documentos e na pesquisa bibliográfica. Os dados da pesquisa compõem dois grandes grupos:

1. Documentos oficiais que tratam da reintrodução da língua portuguesa em Timor-Leste: a constituição do país, a Lei de Bases da Educação, o programa curricular para o ensino secundário “Projeto Falar Português” e o Projeto de Reintrodução da Língua Portuguesa (PRLP) elaborado pela cooperação portuguesa;
2. Registros de minha experiência como professora: diários de campo, relatórios, vídeos e fotos das aulas.

Os dados do segundo conjunto foram produzidos na sala de aula de língua portuguesa do curso de formação de professores do Bacharelato Emergencial de Ciências Naturais, projeto integrante do “Programa de qualificação e ensino da língua portuguesa em Timor-Leste”, de responsabilidade da cooperação brasileira.

Participaram dessa disciplina alunos do último semestre do curso de formação de professores de Ciências Naturais em língua portuguesa. São professores que já atuam em sala de aula em diferentes distritos das escolas públicas de Timor, nas séries do nível pré-secundário e secundário da educação básica. Foram escolhidos para serem professores por sua familiaridade com o idioma português, pois fazem parte da geração de timorenses nascidos antes de 1974, e que tiveram um contato razoável com a língua portuguesa na infância ou juventude. Porém, a língua portuguesa não é sua LM, possuindo LMs distintas, conforme seu distrito de origem. No período da ditadura indonésia, muitos desses professores foram guerrilheiros, outros atuaram como tradutores e informantes de textos em língua portuguesa, ou seja, timorenses que de alguma maneira estavam ligados à política ou à elite local dos distritos – o que também tem a ver com o fato de falarem português.

A produção dos dados referentes a esta segunda etapa da pesquisa aconteceu no período entre 14 de junho a 28 de outubro de 2010, nas aulas de língua portuguesa ofertadas como aulas complementares ao currículo do curso de formação de professores.

## **2. Recorte teórico: Interincompreensão e simulacro**

No livro “Gênese dos discursos” Maingueneau (2008), chama a atenção para a heterogeneidade constitutiva dos discursos. Um discurso só pode se constituir em relação com o outro, num processo dialógico. Logo, “*a análise pertinente à AD deve ser feita no espaço das trocas entre os vários discursos convenientemente? escolhidos*”. Assim, para o autor, a definição de interdiscurso precede o próprio discurso, sendo este constituído na relação com o Outro, ou seja, para que o Eu do discurso exista é imprescindível que o Outro exista. Este é o conceito de heterogeneidade constitutiva proposto por Maingueneau, onde o Outro ocupa a mesma cena do Eu, em outras palavras, a relação com o Outro é função da relação consigo mesmo.

No mesmo livro, Maingueneau apresenta novos postulados à AD, um deles é o conceito de campo e espaço discursivo, articulados com a noção de Formação Discursiva (FD). Para ele, os discursos se constituem no interior de um campo discursivo, onde estão imersos “*conjuntos de Formações Discursivas em concorrência delimitadas em uma região do universo discursivo*” (p.34). É neste espaço discursivo que a relação do Eu x Outro se constituem.

A Formação Discursiva é vista como condição para a constituição da relação entre o Eu e seu Outro, sendo um operador de regularidades para sua existência, regulando o que pode ser dito, o que é possível enunciar de uma determinada posição sujeito. O que Maingueneau nos diz sobre essa situação é que

a formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso. Se, no universo do gramaticalmente dizível, um discurso define uma ilha de enunciados possíveis considerados capazes de saturar a enunciação a partir de uma posição dada, no conjunto de enunciados assim recusados, ele define igualmente um território como sendo o de seu outro, daquilo que, mais que qualquer outra coisa, não pode ser dito. O outro circunscreve justamente o dizível insuportável sobre cujo interdito se constitui o discurso; por conseguinte, não há necessidade de dizer, a cada enunciação, que ele não admite esse Outro, que exclui pelo simples fato de seu próprio dizer” (MAINGUENEAU, 2008, p.37).

Dessa forma o Outro é constituído no que escapa, no não dito, no que é apagado por uma FD, no que lhe causa estranhamento. Esse estranhamento é questionado por Foucault em “*A arqueologia do saber*” e, Maingueneau hipotetisa que essa estrutura estranha recusada por uma FD possa vir “*justamente de uma exploração sistemática da falta que o próprio discurso primeiro instituiu ao se constituir*” (p.44). Podemos dizer então, que o Outro é constituído nas lacunas do Mesmo, ou seja, pelo que é rejeitado por uma FD. Logo, a “*Formação Discursiva não define somente um universo de sentido*

*próprio, ela define igualmente seu modo de coexistência com os outros discursos e a possibilidade de traduzi-los”* (p.106), gerando então, o que se chama de conflito regrado entre o Eu e seu Outro.

Contudo a relação com o Outro se dá num processo de tradução/ interpretação onde uma FD constitui seu Outro pelo avesso. Isso ocorre porque cada FD tem uma maneira própria de interpretar seu Outro em seu fechamento semântico de interpretação/tradução de cunho histórico-ideológico que permite interpretar o Outro nas categorias de registro de seu próprio sistema, com suas próprias palavras.

Para Maingueneau as regras de restrições semânticas funcionam como um filtro que permite distinguir certos enunciados do conjunto de enunciados possíveis como pertencentes daquela FD, causando o estranhamento. “... esses enunciados têm um ‘direito’ e um ‘avesso’ na medida em que estão voltados para a rejeição do discurso de seu outro” (p. 38). Dessa forma, o discurso do Outro é apreendido pelas categorias de valores do Mesmo não de uma maneira transparente, mas, apenas o que sua categoria semântica permite interpretar.

A esse fenômeno de tradução/interpretação Maingueneau chamou de interincompreensão regrada:

“o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz a interação semântica entre os discursos parecer um processo de tradução, de interincompreensão regulada. Cada um introduz o seu Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do ‘simulacro’ que dele constrói” (MAINGUENEAU, 2008, p.21).

Portanto, é impossível compreender o Outro estando em FDs de oposição. O que sempre se terá é um simulacro, ou seja, uma representação imperfeita do discurso do Outro através do processo interincompreensão regida pelas regras da categoria semântica da própria FD que o traduz. Conforme nos explica Maingueneau “*no processo de interincompreensão generalizada [...] não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de não compreender o sentido do Outro* (p.99), são lados de uma mesma moeda. É nessa condição que o Mesmo lida com o discurso do Outro, porém, por ser *compreendido no interior do fechamento semântico de seu intérprete, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente com o simulacro que dele constrói*” (p.100).

Podemos considerar o fenômeno da interincompreensão como um diálogo de surdos, cada um é delimitado em seu fechamento semântico, compreendendo o Outro, na sua

própria língua. Todavia, a interincompreensão é de ordem da tradução das formações discursivas, abrange o espaço sócio-histórico e ideológico e, não de ordem linguageira. Logo, não compromete a estabilidade do significante linguístico, se fala das mesmas coisas, mas, com posicionamentos discursivos diferentes.

Diante de uma FD antagonica o discurso tem as opções de recusá-lo totalmente, através da exclusão polêmica simples, ou de tentar incorporá-lo em sua grade semântica, através da integração do discurso do outro. Em ambos os casos o discurso estará recusando ou integrando o simulacro do Outro. A opção por integrar o discurso do Outro na grade semântica do Mesmo é uma maneira de evitar a polêmica simples, pois, segundo Maingueneau (op.cit), *“o ideal é fazer do discurso do Outro um componente entre outro de uma ‘Ordem’”* (p.104), de tal forma que esse não ocupe um lugar de monopólio.

A Formação Discursiva já possui em sua categoria o lugar que o Outro ocupará em sua grade semântica, como forma de manter sua identidade e seu lugar. Podemos então dizer que a integração é uma tentativa de anular o discurso do Outro, falseando sua intenção ao tentar colocá-lo numa mesma ordem de estabilidade dentro de sua Formação Discursiva. Não obstante, Maingueneau salienta que essa estratégia não é eficaz, visto que a tradução do Outro, seu simulacro, jamais poderá ser integrado perfeitamente, pois o discurso *“se expulsa por si próprio, pelo simples fato de que se alimenta de um universo semântico incompatível com o da enunciação que o envolve”* (p.108).

## **2.1 Implicações ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa em Timor-Leste**

A partir dos postulados de Maingueneau podemos afirmar que qualquer situação de ensino-aprendizagem se configura numa relação interdiscursivas, em que estão em concorrência Formações Discursivas em harmonia e/ou em oposição. Considerar este fato torna-se necessário visto que se colocarão em pauta as formações históricas e ideológicas que forma cada sujeito.

Em Timor-Leste esta reflexão torna-se mais urgente ainda, por seu caráter linguístico-cultural heterogêneo, com certeza, está imerso também, Formações Discursivas diversas formadas por ideologias distintas.

Nesse contexto é importante compreender que a relação com o Outro, no caso professor e aluno não é uma relação direta, mas transpassada por simulacros que cada um faz constantemente de seu Outro. Portanto, é preciso nos conscientizarmos que o processo de ensino-aprendizagem se delinea pela construção de simulacro, porém, não apenas

isso, mas, identificar quais são esses simulacros construídos em sala de aula por professores e alunos.

Em relação ao ensino-aprendizagem do português em Timor-Leste trabalhamos com a hipótese dos seguintes simulacros:

- Introdução ou reintrodução do português;
- Legitimação do português;
- Relação língua portuguesa com o Tétum;
- Relação do português com o bahasa-indonésio;
- Apagamento da diversidade linguística-cultural da sociedade timorense;
- Valorização das línguas locais;
- Papel da língua portuguesa para a nação timorense;
- O ensino do português em Timor-Leste;
- O aluno timorense;
- O papel das cooperações portuguesa e brasileira.

Todas essas hipóteses serão utilizadas como categorias de análise para os textos coligidos no primeiro grupo de dados desta pesquisa.

### **3. A língua portuguesa em Timor-Leste: uma areia movediça**

A língua portuguesa exerce em Timor-Leste, o estatuto de Língua Oficial (LO), conforme o artigo 13 da Constituição da República Democrática de Timor-Leste (RDTL), juntamente com tétum, em sua variedade tétum-praça. Isso imputa ao idioma o papel de língua a ser utilizada nas atividades oficiais do país: legislativas, executivas e judiciais. Sendo língua oficial passa obrigatoriamente a ser o idioma de comunicação entre os cidadãos timorenses e o Estado. Como LO também cabe ao Português ser a língua de escolarização e de acesso aos conhecimentos das diversas áreas do saber. Razão pela qual explica a presença das cooperações portuguesa e brasileira na implementação de cursos de capacitação de professores, como por exemplo, o Programa de Qualificação e ensino da Língua Portuguesa, do qual fiz parte como professora bolsista.

A escolha da língua portuguesa como LO advém fortemente de duas conjunturas: uma de ordem político-econômica e a outra de ordem histórico-cultural.

Do ponto de vista histórico-cultural o principal argumento é de que optar pelo Português como LO de Timor-Leste tem por objetivo preservá-lo para que se tenha o mesmo idioma dos países nascidos de um processo histórico semelhante (países que forma a

Comunidade de língua portuguesa – CPLP). Xanana Gusmão, guerrilheiro na luta contra a ditadura indonésia, representando o poder político de Timor-Leste na IV Conferencia de Chefes de Estado e de Governo da CPLP, afirmou que a escolha do Português como uma das LOs do país se justifica pelo peso da tradição: “O Português é a nossa identidade histórica, que ironicamente nos foi concedida pela presença colonial”.<sup>4</sup>

Muitos historiadores e linguistas que se dedicam em estudos sobre Timor-Leste defendem em suas pesquisas o papel histórico-cultural da língua portuguesa para aquele país. Para Hull (2001), o papel central da língua portuguesa na civilização timorense é *completamente inquestionável*. Sua presença é *imprescindível* para que se mantenha uma relação com o passado de Timor. “Optar por outra língua seria *dar as costas* ao passado e *privar* os jovens cidadãos timorenses de conhecerem o papel fulcral que o Português desempenhou na gênese da cultura nacional” (HULL, 2001, p 21).

Em um tom semelhante, Felgueiras (2001) afirma que:

É *inegável*, pelas decisões tomadas no passado recente pelos dirigentes timorenses, em relação à questão da língua portuguesa em Timor-Leste, atribuindo-lhe o papel de língua oficial, e pelo esforço que, no presente, é feito para a sua divulgação e ensino, que esta língua, nesse pequeno país, tenha um enorme valor cultural e afetivo. Na verdade, “uma língua que foi banida ostensivamente durante 20 anos, proibida nas escolas e que se apresenta *viçosa* logo a seguir à *libertação*, mostra que estava mesmo com profundas raízes nos valores culturais mais sagrados deste povo. [...] a experiência de ensinar língua portuguesa, mais abertamente, mas ainda discreta, anos antes do referendo, veio demonstrar vigorosamente que a semente da língua portuguesa esperava no coração do povo, das crianças e dos jovens o momento para germinar” (FELGUEIRAS, 2001, p.49 apud ALMEIDA, 2011, p. 27).

As afirmações acima representam o argumento dominante nas esferas do discurso governamental e acadêmica. Defendem a presença da língua portuguesa como um fator cultural, fazendo uma ligação com o passado, além de entender que a língua portuguesa teria uma penetração homogênea em Timor-Leste, como se fosse falada e aceita igualmente em todas as regiões e por todos os estratos sociais no país. De certo que a língua portuguesa foi falada por muito tempo em Timor-Leste durante a colonização, porém, uma afirmação como a de que ela se encontra “*viçosa* logo a seguir

<sup>4</sup> Trecho do discurso de Xanana Gusmão na conferência IV Conferencia de Chefes de Estado e de Governo da CPLP realizada no Brasil em 2002.



da libertação” não é acurada. Contudo, podemos levantar exemplos que revelam o contrário dessas afirmações a partir de nossa própria experiência no país e da bibliografia que descreve a situação linguística de Timor Leste.

De nossa experiência destaco uma visita à ilha de Jaco, situada em Uluato-Los palos, que fica na parte leste de Timor, ao tentar comunicar com os timorenses da ilha, pude perceber que os mesmos não conheciam nem mesmo a variedade tétum-praça, comunicando-se em tétum-térik. Ao observar seus modos de vida constatei que a língua portuguesa nunca fez parte do cotidiano daquele lugar e que o projeto de reintrodução da língua portuguesa ainda não atingiu aquela comunidade.

Além de casos como estes, a própria bibliografia sobre as línguas de Timor Leste oferece alguns dados importantes. Ruak (2001) afirma que no período da colonização portuguesa o idioma português sempre esteve restrito aos usos da administração e ensino, mesmo no período de dominação portuguesa. Essa língua era falada apenas pelos portugueses e pelos timorenses que circulavam nos ambientes das instituições administrativas do Estado e nas escolas.

Há que considerar também, que para uma boa porcentagem da população essas raízes históricas, culturais e linguísticas do português nem sempre são evidentes, principalmente para a população mais jovem, que cresceu e iniciou os estudos sob o domínio indonésio, sendo, por razão, o bahasa-indonésio a língua materna desses falantes em simultâneo com a língua local. Esses falantes, pertencentes à geração após 1975, normalmente não dominam nem o português nem o tétum em sua variedade tétum-praça.

Estes exemplos mostram que, embora o português já tenha estatuto de língua oficial em Timor Leste, sua instauração como língua de escolarização e de uso é muito mais complexa do que se dá a entender na maior parte dos discursos que tratam dessa questão. É necessário observar que a população timorense é caracteristicamente considerada uma nação linguístico-culturalmente heterogênea, logo, é válido encarar dizeres como os de Hull e Felgueiras, citados acima, em termos dos *efeitos de sentido* que o discurso da reintrodução do português vem produzindo em território timorense, principalmente no contexto de sala de aula.

Sobre a conjuntura político-econômica que justifica a presença da língua portuguesa pouco se ver na literatura de Timor-Leste. No mesmo discurso Xanana Gusmão (op.cit) salienta que a opção política é de natureza estratégica. Porém torna a ressaltar o valor histórico-cultural que faz de Timor se diferenciar por possuir uma identidade particular

diante dos demais países da Ásia. Mas não apresentou nenhum argumento que explicasse a representação política-econômica da LP no país.

Evidencia-se aqui, uma opacidade no que se refere à escolha do Português. Principalmente quando não se esclarece os fatores político-econômicos para justificar a presença do referido idioma em Timor. Permitindo transparecer assim, que as duas conjunturas significam da mesma maneira independente de qual lugar social se esteja enunciando (Governo, cooperações internacionais e cidadão timorense), cristalizando um único sentido e apagando outras possibilidades de significação. A língua portuguesa seria fator de identidade cultural, símbolo de luta e resistência contra a ditadura indonésia. Logo, parte da história dessa jovem nação.

#### **4. A política de reintrodução da língua portuguesa: uma análise discursiva**

A política de reintrodução da língua portuguesa em Timor-Leste foi adotada pelo Governo timorense, concomitantemente sua adoção como LO do país. Para tal política o Governo timorense conta com o apoio de cooperações internacionais que o ajuda na promoção da LP no cenário timorense. Dentre as cooperações, ganham bastante notoriedade as cooperações brasileira e portuguesa com o Projeto de Consolidação da Língua Portuguesa (PCLP) e o Programa de Qualificação e ensino da Língua Portuguesa (PQLP) respectivamente. Ambos atuam diretamente na formação e capacitação de professores timorenses e outros setores da Administração Pública.

A análise discursiva primeiramente, se deterá em descrever as Formações Discursivas que condicionam o discurso oficial de reintrodução do português em Timor-Leste, sustentado pelos materiais e documentos produzidos pelos projetos das duas cooperações, incluindo-se documentos legais, projetos e termos de cooperação, ementários e grades curriculares do curso de formação. Coligiremos também, outros documentos e textos acadêmicos com embasamento científico que discutem sobre a atual política linguística de Timor-Leste.

O outro momento da análise será feito a partir dos registros das práticas de ensino de língua portuguesa sala de aula, em que buscaremos descrever as apropriações que os professores timorenses, participantes do curso de formação de professores, realizam sobre os enunciados da Formação Discursiva reconhecida nos textos coligidos do primeiro grupo de análise.

Baseados nas análises dos dois grupos de dados, discutir os efeitos dos cursos de formação de professores em Timor-Leste considerando que a reintrodução do português

em Timor-Leste se dá a partir da implementação de “estratégias” e sua apropriação pelos professores, por meio de ações “táticas”, conforme os conceitos de Michel de Certeau (1999).

## 5. Considerações finais

Conforme o que foi exposto neste ensaio, fica claro que a língua portuguesa desempenhou e desempenha um papel importante em Timor-Leste. Contudo, a nova prática discursiva que se inscreve em Timor, a reintrodução da língua portuguesa, não possui um sentido unívoco. Portanto, consideramos uma reflexão conforme o gênero apresentado neste trabalho, necessária por entendermos que as posições assumidas pelos sujeitos envolvidos nos programas de formação de professores face às políticas que determinam o formato desses programas (currículo, carga horária, grade curricular, conteúdos etc.) é anterior a qualquer discussão sobre a metodologia de ensino a ser adotada. Em outras palavras, consideramos que o aporte de modelos ou procedimentos de ensino de língua considerados bem-sucedidos em pesquisas realizadas no Brasil ou em Portugal não é viável antes que se tenha um conhecimento mais claro sobre a situação da língua portuguesa em Timor-Leste, tanto do ponto de vista linguístico (grau de conhecimento da língua, amplitude da sua presença, etc.) quanto do ponto de vista ideológico (aceitação, apropriação, etc.) – levando-se em conta que os discursos oficiais desenham um quadro (em que a LP seria universalmente falada e desejada) que não corresponde à realidade, e que Timor-Leste é um país com características linguístico-culturais muito diferentes das de Brasil ou Portugal hoje.

## 6. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Nuno. *Língua Portuguesa em Timor-Leste: ensino e cidadania*. Lisboa: Lidel, 2011.

BANCO MUNDIAL (2003). *Relatório “Timor-Leste Education – the way forward”*. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org/INTTIMOLESTE/resources/thewayforward.pdf>.> acessado em 16 de agosto de 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 19ed. (Trad. Ephraim Ferreira Alves).

FELGUEIRAS, P. e J. *As raízes da Resistência*. Camões – Revista de Letras e culturas lusófonas, n<sup>o</sup> 14, julho-setembro 2001, Lisboa: Instituto Camões.

GOVERNO RDTL. *Constituição da República Democrática de Timor-Leste*. 2002.

HULL, Geoffrey. “*Língua, Identidade e Resistência*. Camões – Revista de Letras e culturas lusófonas, n<sup>o</sup> 14, julho-setembro 2001, Lisboa: Instituto Camões.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*.. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Trad. S. Possenti

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora Unicamp. (Trad. Eni Orlandi).

## TERMINOLOGIA DA AGROINDÚSTRIA DO DENDÊ

Francivaldo Mata Quaresma (francymq@gmail.com)

Abdelhak Razky (arazky@gmail.com)

**RESUMO:** Neste texto apresentaremos uma pesquisa sobre o léxico especializado da agroindústria do dendê proveniente de discursos escritos presentes em textos especializados que tratam sobre a referida área. A intenção é fazer uma breve exposição de nossa pesquisa, que se encontra em andamento, situando-a teoricamente e metodologicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Socioterminologia, Agroindústria, Dendê.

**ABSTRACT:** In this paper we will present a survey of the lexicon of specialized palm oil agroindustry from written speeches present in specialized texts that deal on that area. The intention is to make a brief presentation of our research, which is ongoing, situating it theoretically and methodologically.

**KEYWORDS:** Socioterminology, Agroindustry, Palm oil.

### PALAVRAS INICIAIS

A pesquisa aqui apresentada traz como tema a ser estudado o léxico especializado da agroindústria do dendê. No Brasil, as áreas de maior cultivo de dendê, estão localizadas no Pará, Amapá, Amazonas e Bahia, sendo o Pará o maior produtor de óleo de palma do país, onde se concentra mais de 80% da área plantada com dendezeiro<sup>1</sup>. Dentro do estado paraense a empresa com maior produtividade de óleo de palma e palmiste é a AGROPALMA S.A. O Grupo AGROPALMA iniciou suas atividades de produção e extração de óleo de palma e óleo de palmiste em 1982 no município de Tailândia, e tornou-se o maior produtor de óleo de palma da América Latina, dominando todo o ciclo produtivo, da produção de mudas ao óleo refinado, gorduras vegetais e margarinas.

O dendezeiro (*elaeis guineensis*) é uma palmeira oleaginosa de origem africana. Foi trazido para o Brasil por volta do século XVI, período marcado pelo tráfico de

escravos negros africanos. O principal produto extraído do dendezeiro é o óleo de palma, mais conhecido como óleo de dendê. Por suas múltiplas aplicações, esse óleo é reconhecido internacionalmente. Por apresentar ricas propriedades orgânicas, tem sido muito utilizado pela agroindústria alimentar, pois, após passar por um processo de refino, possui importante aplicação na fabricação de margarinas, biscoitos, pães e sorvetes; além de ser usado também na produção de sabão, detergente, produtos farmacêuticos, corantes naturais etc. Na indústria siderúrgica vem sendo utilizado na fabricação de laminados e de ferro branco.<sup>2</sup>

Além da vasta utilização citada o óleo de palma também vem encontrando aplicação na indústria de biocombustíveis. Pesquisas científicas vêm mostrando que o óleo de palma bruto pode ser usado diretamente como combustível para acionar carros com motores adaptados. No que se refere à incidência de impacto ambiental produzido pela utilização do óleo com esta função, houve a constatação de que a fumaça produzida pelo escapamento dos veículos abastecidos com óleo de palma bruto era mais limpa que a dos motores com diesel. Tal descoberta vem tornando ainda mais promissor o cultivo da palmeira no Brasil.

Além de despertar o interesse de estudiosos das áreas das ciências agrárias, tecnológicas e etc., a agroindústria do dendê, assim como outras culturas agrícolas, vem atraindo também a atenção dos estudiosos da linguagem, mais especificamente daqueles que se voltam para os estudos terminológicos.

No Brasil, o interesse de pesquisadores da área da Terminologia pelo léxico especializado utilizado nos mais diversos campos de conhecimento vem crescendo consideravelmente. Para Barros (2004: p. 36), “a partir de meados da década de 1980 a Terminologia ganhou espaço como disciplina científica se implantando efetivamente no Brasil”. Desde então, o léxico especializado das mais diversas áreas do conhecimento, inclusive das que se referem ao cultivo agrícola, seja ele industrializado ou artesanal, tornaram-se foco de pesquisas de diversas universidades brasileiras. No Estado do Pará, por exemplo, a Universidade Federal do Pará - UFPA, por meio de seu Programa de Pós-graduação em nível de Mestrado na Área de Linguística e do Projeto Atlas Linguístico do Pará – ALIPA, vem realizando, entre muitos outros, importantes trabalhos de pesquisa linguística voltados para o estudo do léxico especializado utilizado em diversas áreas do conhecimento seja de natureza artesanal ou industrial dentro da região amazônica paraense.

Considerando a relevância do tema a ser estudado, para o Estado do Pará e também para o Brasil e a importância da Terminologia enquanto disciplina científica, esta pesquisa tem a intenção de produzir um glossário socioterminológico proveniente de discursos escritos presentes em textos especializados que tratam sobre a agroindústria do dendê. Acreditamos na hipótese de que nesses discursos há a utilização de um relevante repertório de termos a ser documentado, descrito e analisado, uma vez que, ainda não temos em âmbito acadêmico no Pará um estudo terminológico feito sobre essa atividade profissional. Pensamos também na possibilidade de ocorrência de um processo de variação terminológica presente nesses discursos, o qual provavelmente revela um pouco da cultura linguística de seus usuários.

### SOCIOTERMINOLOGIA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Tendo em vista as hipóteses mencionadas e as intenções de nosso trabalho, estamos realizando nossa pesquisa utilizando pressupostos teóricos da Socioterminologia. Segundo Faulstich (1995: p. 2)

**Socioterminologia**, como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem.

**Socioterminologia**, como disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social. Assim sendo, a pesquisa socioterminológica deve ter como auxiliar:

1) os princípios da sociolinguística, tais como os critérios de variação linguística dos termos no meio social e a perspectiva de mudança;

Tomando por base as palavras citadas acima verificamos que a Socioterminologia pode ser vista a partir de dois ângulos. Entendida como trabalho terminológico ela visa perceber em que condições os termos circulam no processo de funcionamento da linguagem. Em outras palavras, sua tarefa é pesquisar o uso dos termos como veículo linguístico de conhecimento dentro da linguagem em funcionamento. Compreendida como disciplina descritiva sua primordial função é a de analisar a constituição do termo dentro da interação social. Esta última ótica da Socioterminologia traz como preceitos auxiliares princípios da sociolinguística referentes ao processo de variação e mudança linguísticas. A observação de tais princípios justifica-se pelo fato da interação social receber importância crucial para os dois campos de estudo.

Calvet (2002: p. 32) citando Labov, uma das maiores referências dentro dos estudos sociolinguísticos contemporâneos, mostra em uma pequena passagem como este último vê os referidos estudos: “Para nós, nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística”. Depreende-se de tal afirmação que o estudo da linguagem, dentro da perspectiva da sociolinguística, não deve ser feito descontextualizado, isto é, fora do contexto social, pois é nele que a linguagem humana se realiza; é dentro da interação social efetivada na e pela comunidade linguística que a linguagem deve ser estudada. Seguindo tal orientação a Socioterminologia busca a implementação da pesquisa linguística dos termos dentro do contexto da interação social.

Krieger e Finatto, em comentário à perspectiva teórica defendida por Gaudin, grande expoente dos estudos socioterminológicos na contemporaneidade, afirmam que

Gaudin critica a inoperância dos instrumentos de referência, glossários e dicionários técnicos que não expressam a realidade dos usos terminológicos, propondo que o artificialismo do ideal normalizador seja suplantado pelo exame do contexto de produção dos léxicos especializados. A primeira consequência é o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas. (Krieger; Finatto, 2004, p. 35).

Observando os comentários supracitados podemos observar que Gaudin defende um estudo contextualizado das línguas de especialidade, onde a variação terminológica também seja considerada como uma realidade a ser estudada. Em outras palavras, os termos devem ser documentados, descritos e analisados dentro do contexto real de comunicação de onde emergem; o discurso terminológico precisa ser considerado *in vivo*, isto é, dentro da dinâmica de interação comunicativa estabelecida entre os socioprofissionais. Dessa forma, o autor propõe um rompimento com os postulados teóricos tradicionais da Terminologia baseados em uma perspectiva prescritivista, a qual prega uma análise *in vitro*, ou seja, descontextualizada e onde o termo é visto sob o ponto de vista da univocidade, desconsiderando-se, assim, a variação.

Partindo de pressupostos da Socioterminologia, estamos trabalhando em nossa pesquisa, que já se encontra em andamento, com um *corpus* escrito constituído a partir de uma seleção de textos que refletem uma diversidade de discursos em variados contextos técnicos e científicos em circulação nas diversas regiões do Brasil. Ao optarmos pela coleta de publicações disponíveis em sites especializados da internet e bibliotecas físicas e virtuais, obtivemos um rico e variado conjunto de textos dentro dos



quais, estamos buscando uma terminologia, isto é, um repertório de termos, que reflita a dinâmica de interação comunicativa existente entre socioprofissionais ligados a área de especialidade em estudo, onde a variação terminológica torna-se parte constituinte e objeto de análise.

## OBJETIVOS DA PESQUISA

Como objetivo maior de nossa pesquisa, pretendemos produzir um glossário socioterminológico proveniente de discursos escritos presentes em textos especializados que tratam sobre a agroindústria do dendê. Para o alcance desse objetivo pretendemos documentar a terminologia presente nesses discursos escritos; descrever a variação terminológica atuantes nesses discursos e, ainda, analisar, na documentação dos discursos coletados, os termos que se caracterizam como usos do domínio especializado e como expressão do universo sociocultural.

## ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Tendo em vista a perspectiva teórica escolhida, apresentaremos a seguir os procedimentos metodológicos em uso em nossa pesquisa.

Considerando o fato de que pretendemos, em nosso trabalho, construir um glossário socioterminológico a partir dos discursos escritos que tratam da agroindústria do dendê, isto é, de seu cultivo e do beneficiamento de seus produtos e subprodutos, a primeira etapa de nossa pesquisa foi constituída pelo levantamento do *corpus* escrito formado por textos que tratam direta ou indiretamente sobre o tema em questão. A respeito desse procedimento afirma Faulstich (1995: p. 3 e 4)

A seleção da documentação que servirá de base para a pesquisa deve ser rigorosa. Ao levantar o corpus bibliográfico, o pesquisador considerará aspectos fundamentais para o trabalho a ser desenvolvido, tais como o discurso (a linguagem em uso) científico ou técnico escrito com fonte referenciada para fins de recolha de termo e de contexto, pelo menos; o discurso científico ou técnico oral gravado, com os registros pessoais dos informantes, que também permita a recolha de termo e de contexto; audiovisuais, publicações seriadas, impressos científicos ou técnicos que ofereçam as mesmas condições etc. Ao lado da bibliografia útil para o trabalho descritivo, deve ser utilizada, também, a literatura teórica que dará suporte de conteúdo ao pesquisador.

No que se refere ao levantamento do *corpus*, levamos em conta os aspectos supracitados, enfatizando, entre eles, o discurso científico ou técnico escrito presentes em textos de diversos gêneros em circulação nas mais variadas regiões do Brasil,

constituído por publicações disponíveis em sites especializados da internet e bibliotecas físicas e virtuais. Como já foi dito anteriormente, obtivemos um rico e variado conjunto de textos dentro dos quais estamos buscando uma terminologia da agroindústria do dendê que reflita a dinâmica de interação comunicativa existente entre socioprofissionais ligados a área de especialidade em estudo, onde a variação terminológica torna-se parte constituinte e objeto de análise. Com isso estamos buscando constituir nossa pesquisa a partir de subsídios teóricos consistentes.

Após a seleção dos textos, o próximo passo foi o agrupamento dos mesmos em gêneros textuais a fim de podermos contemplar e explicitar a diversidade dos discursos coletados que estão servindo de fonte para a seleção dos termos e variantes que constituirão nosso glossário terminológico. Depois de serem agrupados, os textos foram então convertidos para o formato TXT para a realização do procedimento de recolha, análise e organização dos dados da pesquisa.

Na etapa de recolha, análise e organização dos dados presentes no *corpus* de nossa pesquisa, momento atual de nosso trabalho, os instrumentos em uso são as ferramentas computacionais (softwares) WordSmith Tools, para recolha e análise e, Lexique-Pro, para a organização de nossos dados em formato de glossário. Essas ferramentas estão nos auxiliando de forma eficiente para a implementação do estudo do *corpus* coletado, de onde estão sendo extraídos os termos que estão compondo o glossário socioterminológico objetivo final de nossa pesquisa.

Seguindo a orientação de Faulstich (1995, p. 03) que propõe, entre outras coisas, consulta a especialistas da área, implementaremos, em uma próxima etapa de nosso trabalho um levantamento de dados provenientes do discurso científico ou técnico oral de socioprofissionais ligados direta ou indiretamente à agroindústria do dendê em caráter de complementação de nossa pesquisa a fim de elucidar dados escritos presentes em nosso *corpus*, bem como para submeter o glossário a um teste de fiabilidade. Vale ressaltar que o objetivo nessa etapa não é a recolha de termos, uma vez que, o foco de nossa pesquisa são as fontes escritas.

Para a efetivação da etapa supracitada utilizaremos como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada sobre a qual Boni; Quaresma (2005: p. 75) fazem as seguintes considerações:

As **entrevistas semi-estruturadas** combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve

seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados.

Como se pode observar nos comentários das autoras a entrevista semiestruturada oferece a possibilidade de o informante discorrer sobre o assunto posto em questão, dentro de um contexto informal de comunicação espontânea. Apresentando certa flexibilidade, esse tipo de entrevista, como foi dito acima, permite ao entrevistador gerir a discussão incluindo, caso seja necessário, perguntas adicionais e com isso pode direcionar as informações, de forma delimitada, para os objetivos que pretende alcançar. Considerando o fato de que pretendemos obter, de forma objetiva, precisa e espontânea, informações que possam elucidar nossas indagações a respeito dos termos coletados nos textos que constituem o *corpus* de nossa pesquisa e complementar, caso haja necessidade, o conteúdo dos verbetes de nosso glossário, e submeter nosso glossário a um teste de fiabilidade, acreditamos na possibilidade de que essa técnica de pesquisa seja apropriada aos nossos propósitos.

## RESULTADOS PRELIMINARES

Nossa pesquisa, como já dissemos anteriormente, encontra-se em andamento e já obteve alguns resultados preliminares provenientes das análises do nosso *corpus* de pesquisa. Tais resultados são constituídos pelos termos que possivelmente irão compor o glossário socioterminológico da agroindústria do dendê. Para efeito de exemplificação, apresentamos a seguir dois termos coletados já organizados em seus respectivos verbetes com os seguintes elementos: Termo entrada, Categoria gramatical, Campo semântico, Definição, Fonte, Contexto, Fonte, Nota e Fonte nessa sequência (exemplo 01); Termo entrada, Categoria gramatical, Campo semântico, Definição, Fonte, Contexto, Fonte, Variante, Nota e Fonte, nessa ordem (exemplo 02).

Exemplo 01:

**Coroamento** *sm.* [área de plantação]

Operação que consiste na limpeza da cobertura vegetal ao redor do pé do dendezeiro, possibilitando melhores condições de desenvolvimento e produção das plantas, melhor

eficiência da adubação, assim como fornece condições operacionais adequadas para o manejo da cultura e a colheita e carregamento dos cachos e frutos soltos. (LV 03, p. 14 e AP 01, Parte III, p. 04 ).

*As práticas de manejo da palma de óleo são similares às de outros cultivos perenes, destacando-se, entre outras, a fertilização, o <<coroamento>>, a roçagem, o controle de pragas e doenças, os cultivos intercalados, a poda e a colheita. (LV 04, p. 107).*

Nota: O raio da coroa e o número dos coroamentos varia com a idade da planta, com o desenvolvimento da cobertura e com as infestações de ervas daninhas. (LV 03, p. 14).

Exemplo 02:

**Rebaixo** *sm.* [área de plantação]

Operação de controle do desenvolvimento da cobertura vegetal do dendezal, geralmente da espécie puerária, quando já consolidada e controle do desenvolvimento de ervas daninhas e rebrotações quando a leguminosa ainda não se consolidou. (LV 03, p. 14).

*O <<rebaixo>>, que é a operação de controle do desenvolvimento da cobertura de puerária, quando já consolidada e controle do desenvolvimento de ervas daninhas e rebrotações quando a leguminosa ainda não se consolidou. (LV 03, p. 14).*

*Var. Rebaixamento*

Nota: O rebaixo tem as seguintes finalidades: proporcionar um ambiente mais favorável para o desenvolvimento das plantas; evitar que a capoeira tome a plantação; reduzir incidência de pragas; possibilitar trânsito e acesso ao interior das parcelas; aumentar a eficiência da adubação; favorecer o carregamento de cachos. (AP 01, Parte III, p. 06).

Como organização conceitual de nosso glossário estamos tomando por base um sistema conceitual organizado em dois campos semânticos principais representados pelas seguintes áreas do domínio especializado pesquisado: área de plantação que está composta pelas subáreas: preparo de área, plantio, tratos culturais e colheita; e, área de beneficiamento, representada pelos processos industriais de geração dos produtos e subprodutos da agroindústria do dendê. Esta sistematização conceitual foi escolhida tendo por base o conjunto de termos em análise e que, portanto, tem se mostrado representativa do *corpus* em estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto procuramos traçar em linhas gerais o percurso teórico e metodológico que estamos seguindo em nossa pesquisa. Após situar nosso campo de pesquisa, procuramos mostrar de que forma os pressupostos teóricos da Socioterminologia estão sendo aplicados em nosso trabalho e, além disso, expusemos comentários sobre os instrumentos metodológicos que estão sendo utilizados. Vale ressaltar que as bases da pesquisa aqui exposta são flexíveis e por isso estão sujeitas a mudanças. Sendo assim, considerando que nosso trabalho de pesquisa está em andamento, alguns aspectos podem ser alterados sempre visando o alcance dos objetivos propostos.

Esperamos com essa breve exposição ter transmitido uma ideia de como estamos executando nossa pesquisa dentro da área dos estudos socioterminológicos, e além disso, despertar o interesse de mais estudiosos pelo estudo desse fascinante universo que é o léxico especializado.

## REFERÊNCIAS

AGROPALMA S. A. Disponível em <<http://www.agropalma.com.br>> Acesso em: 24 de set. de 2011.

BANCO DA AMAZÔNIA S.A. Consultoria Técnica COTEC. Coordenadoria de Estudos Especiais – COESP. O comportamento do mercado do óleo de palma no Brasil e na Amazônia. Estudos setoriais 11. Belém- Pará: 1998. Disponível <<http://www.bancoamazonia.com.br>> Acesso em: 23 de set. de 2011.

BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BONI, Valdete e QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Em Tese*. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <<http://www.emtese.ufsc.br>> Acesso em: 28 de julho de 2011.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.3, 1995. Disponível em: <<http://www.emtese.ufsc.br>> Acesso em: 28 de julho de 2011.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Borcony. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

Notas:

<sup>1</sup>Disponível em: <http://www.biodieselbr.com>

<sup>2</sup>Disponível em: <http://www.bancoamazonia.com.br>

## ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NO PORTUGUÊS DA AMAZÔNIA PARAENSE: A INFLUÊNCIA DO DIALETO DOS MIGRANTES NO PORTUGUÊS FALADO EM BELÉM.

Giselda da Rocha Fagundes – giselda.fagundes@gmail.com<sup>5</sup>

Regina Célia Fernandes Cruz – reginafcruz@gmail.com<sup>6</sup>

**Resumo:** O presente trabalho surgiu quando, a partir dos resultados advindos da versão anterior do Projeto Vozes da Amazônia, evidenciou-se a necessidade de se aprofundar suas fronteiras e discutir temas relacionados ao desenvolvimento de políticas linguísticas e à identidade sociodiscursiva do amazônida nas regiões onde se atesta contato interdialeto decorrente de fluxo migratório intenso motivado por projetos econômicos na região Amazônica, o que inclui o tratamento de aspectos culturais, sociais, históricos e político-ideológicos. O objetivo central é o de mapear a situação sociolinguística diagnosticada por Cruz et al (2009) identificada na Amazônia paraense. Diante do mapeamento obtido pelo Projeto Vozes da Amazônia com relação à situação sociolinguística das vogais médias pretônicas do português regional paraense, sentiu-se a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre a situação sociolinguística no município de Belém, uma vez que este recebeu um fluxo migratório considerável em decorrência de projetos econômicos da região. A coleta de narrativas de experiência pessoal (TARALLO, 1988) será o objetivo principal do trabalho de campo. Este trabalho trará, ainda, o exame do fenômeno das vogais pretônicas na fala de grupos de migrantes ou de seus descendentes no município de Belém, tendo como base uma amostra estratificada como fizera Bortoni-Ricardo (1985).

**Palavras-chave:** Variação linguística. Contato interdialeto. Amazônia Paraense.

**Abstract:** The present study arose when, from the results from the previous version of Amazon's Voices Project, there was the need to deepen their borders and discuss issues related to the development of language policies and identity sociodiscursiva the Amazonian regions where attests contact interdialeto resulting from intense migration motivated by economic projects in the Amazon region, which includes the treatment of cultural, social, historical and political-ideological. The central objective is to map the sociolinguistic situation diagnosed by Cruz et al (2009) identified in the Amazon state of Pará. Before the mapping obtained by the Project Voices of Amazon regarding the sociolinguistic situation of middle unstressed vowels of Portuguese regional Pará, felt the need for further research on the sociolinguistic situation in the city of Bethlehem, since it received a migration considerably as a result of economic projects in the region. The collection of narratives of personal experience (Tarallo, 1988) will be the main objective of the field work. This work will also take the phenomenon of unstressed vowels in the speech of groups of migrants or their descendants in the city of Belém, based on a stratified sample as did Ricardo Bortoni-(1985).

---

<sup>5</sup> Mestranda em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

<sup>6</sup> Orientadora

**Key-words:** Linguistic variation, Dialectal contact, Amazon Pará.

## 1. Introdução

O projeto Vozes da Amazônia, ao qual este trabalho está vinculado, já procedeu a descrições do processo de variação das vogais médias pretônicas de cinco localidades do Estado do Pará, a saber: i) do português falado em Cametá (Rodrigues & Araújo 2007); ii) em Mocajuba (Campos 2008); iii) em Breves (Cassique *et al* 2009; Dias *et al* 2007; Oliveira 2007); iv) em Belém (Sousa 2010; Cruz *et al* 2008) e; v) em Breu Branco (Marques 2008, Coelho 2008, Campelo 2008). Todas são descrições sociolingüísticas de cunho variacionista.

O fato de estas descrições terem seguido orientações metodológicas comuns permite uma comparação de seus resultados quanto ao fenômeno estudado, no caso o alteamento das vogais médias pretônicas, e conseqüentemente o diagnóstico sociolingüístico da Amazônia paraense aqui descrito.

Portanto, tomaram-se como base para o presente projeto de pesquisa as descrições variacionistas já concluídas para os dialetos de Belém (Cruz *et al* 2008, Sousa 2010), de Breves (Cassique *et al* 2009; Dias *et al* 2007; Oliveira 2007), de Cametá (Rodrigues & Araújo 2007), de Mocajuba (Campos 2008) e de Breu Branco (Marques 2008). Estas descrições contêm uma análise quantitativa através do programa de análise de regra variável (VARBRUL).

Todos os resultados sobre as variedades do português da Amazônia paraense apontam para uma tendência dos dialetos paraenses, dos quais se tem descrição do fenômeno em questão, de preferência pela preservação das médias pretônicas em detrimento do alçamento, como pode ser verificado no quadro 1 abaixo.

**Quadro 1.** Percentual de alteamento nas variedades linguísticas investigadas pelo Projeto Vozes da Amazônia<sup>7</sup>.

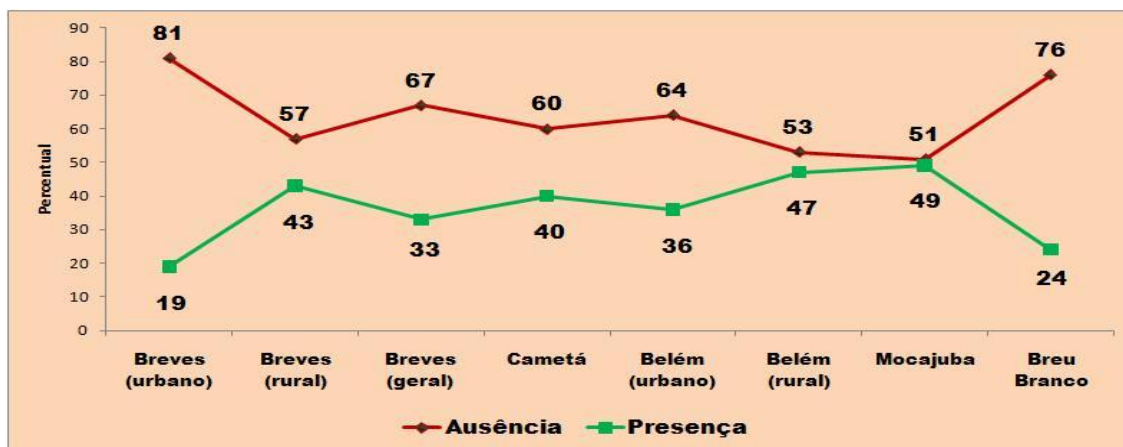
<b>Dialeto</b>	<b>Ausência</b>	<b>Presença</b>	<b>Fonte</b>
Breves (urbano)	81	19	Oliveira (2007)
Breves (rural)	57	43	Dias <i>et al</i> (2007)
Breves (geral)	67	33	Cassique <i>et al</i> (2009)
Belém (rural)	53	47	Cruz <i>et al</i> (2008)

<sup>7</sup> Fonte: Cruz *et al* (2009)



Belém (urbano)	64	36	Sousa (2010)
Cametá	60	40	Rodrigues & Araújo (2007)
Mocajuba	51	49	Campos (2008)
Breu Branco	76	24	Marques (2008)

Os dialetos da Amazônia paraense apresentam uma configuração do fenômeno de alteamento que exige um maior aprofundamento de suas causas sejam internas ou externas, pois os dialetos da zona rural de Breves (Dias *et al* 2007), das ilhas de Belém (Cruz *et al* 2008) e de Mocajuba (Campos 2008) apresentam percentuais muito próximo de alteamento e manutenção das médias pretônicas com tendência maior para ausência de alteamento, atestando, inclusive variação neutra das vogais médias pretônicas no caso do português falado em Mocajuba (Campos 2008), reforçado por Cametá (Rodrigues & Araújo 2007), por Belém (zona urbana) e por Breves no geral (Cassique *et al* 2009) que comprovam uma tendência mais acentuada para ausência de elevação das médias. A relação presença *versus* ausência de alteamento é ainda mais acentuada no português falado na zona urbana de Breves (Oliveira 2007) e no município de Breu Branco (Marques 2008), como se comprova no gráfico 1 abaixo.



**Gráfico 1.** Tendência à ausência de alteamento das vogais médias pretônicas no Português da Amazônia Paraense<sup>8</sup>

Diante do mapeamento obtido pelo Projeto Vozes da Amazônia com relação à situação sociolinguística das vogais médias pretônicas do português regional paraense, apresentou-se, dentre outras, a necessidade de verificar se o dialeto falado na zona urbana da cidade de Belém sofreu forte influência do dialeto dos migrantes. Esta é exatamente a motivação do presente trabalho.

<sup>8</sup> Fonte: Cruz *et al* (2009)

## 2. Por que Belém?

Cassique (2006), tomando como base as considerações de Silva Neto (1957), apresenta uma nova divisão dialetal do Pará que está sendo considerada nas investigações conduzidas no seio do Projeto Vozes da Amazônia e, conseqüentemente, está na base da escolha da localidade-alvo do presente estudo.

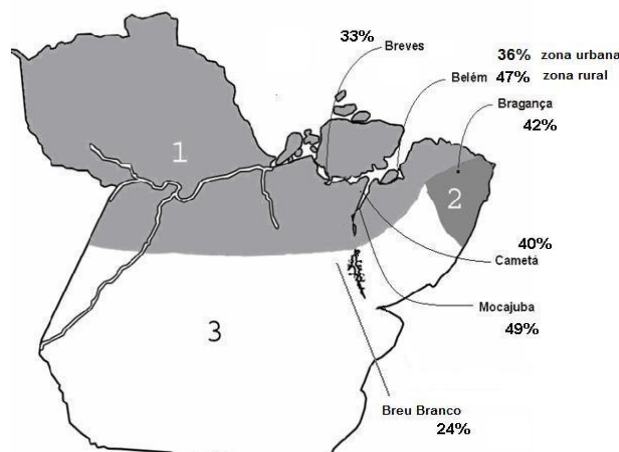
A divisão dialetal do Pará estabelecida por Cassique (2006) considera as várias fases migratórias ocorridas no Estado e que foram responsáveis pelas alterações da configuração original da situação sociolingüística da região.

A primeira fase corresponde à chegada dos açorianos ao Pará ainda no século XVII, quando o português não conseguia sua implantação definitiva, uma vez que se atesta a situação de língua Franca com o domínio de uma variante do tupinambá, a Língua Geral Amazônica – LGA - (CALDAS *et al.* 2005).

Segundo Rodrigues (1996), a primeira importante leva de falantes nativos de português chegou à Amazônia apenas no primeiro ciclo da Borracha no século XVIII, estes primeiros falantes nativos eram os nordestinos que migraram para a Amazônia seduzidos pelo poder econômico da borracha.

O mapa 1 mostrado abaixo proposto por Cassique (2006) apresenta as três zonas dialetais presentes no Estado no Pará. A primeira zona (1) se refere ao dialeto “*canua cheia de cúcus de pupa a prua*”, a mais extensa e que abarca quase toda a parte norte do Estado, sendo que os principais municípios já estudados dessa região são: Belém, Breves, Cametá e Mocajuba. A segunda zona dialetal (2) é conhecida como zona bragantina, que vai do nordeste ao extremo leste do Estado, sendo que os principais municípios são Bragança (PA) e Castanhal (PA). A zona 3, que pertence a área do Sul do Pará, abarca toda a parte setentrional do Estado e não há dialeto definido, já que essa região sofreu intenso fluxo migratório, sendo que há mescla da variedade lingüística dos estados do Centro-oeste, do Sul e do Sudeste, com a contribuição de nordestinos de Estados mais distantes, tais como baianos e paraibanos (cf. Cassique, *Idem*).

O mapa 1 abaixo mostra que os percentuais de alteamento são muito baixos de modo geral nas três zonas dialetais do Pará.



**Mapa 1.** Percentuais de alteamento nas zonas dialetais do Pará<sup>9</sup>.

O índice destoante de Belém (36%) indica a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre a situação sociolingüística deste município que recebeu um fluxo migratório considerável em decorrência de projetos econômicos da região.

O fato de a localidade de Belém ter recebido uma forte migração de falantes do português de outras regiões do Brasil por conta de projetos econômicos faz com que sua variedade lingüística se assemelhe muito as demais variedades da zona 3 do mapa 1 de Cassique (2006), pois ela não possui marcas de identidades (e aí em todos os sentidos) com a Amazônia paraense, e tudo indica principalmente na variedade lingüística.

Portanto o objetivo geral desta pesquisa é identificar a influência de fatores extralingüísticos na configuração dos dialetos da Amazônia paraense, mais especificamente na cidade de Belém, cujo fluxo migratório é considerável em decorrência de projetos econômicos desenvolvidos na região Amazônica.

A hipótese levantada é a de que os fatores externos são relevantes no condicionamento da realização das variantes das médias pretônicas e fazem com que tal variedade seja muito diferente das demais, na fala da Amazônia paraense. Para comprovar tal hipótese precisaremos de uma nova coleta de dados, controlando como principal fator a origem ou ascendência do falante. Acreditamos ser talvez a variável que esteja controlando a realização dessas variantes. Verificaremos também além da variável origem do falante, a variante idade dos falantes, em especial na fala dos mais jovens, a fim de se verificar se se trata de uma mudança estável ou em progresso.

Como última hipótese, acreditamos que na região em questão – Belém - ainda não se cristalizou uma nova norma resultado do contato intervariedades nessa região, como ocorrido

<sup>9</sup> Fonte: Cruz *et al* (2009).

em Brasília, e o fato desta nova norma ainda não ter sido estabelecida resulta em contraste muito acentuados da realização das variantes atestadas.

### 3. Metodologia

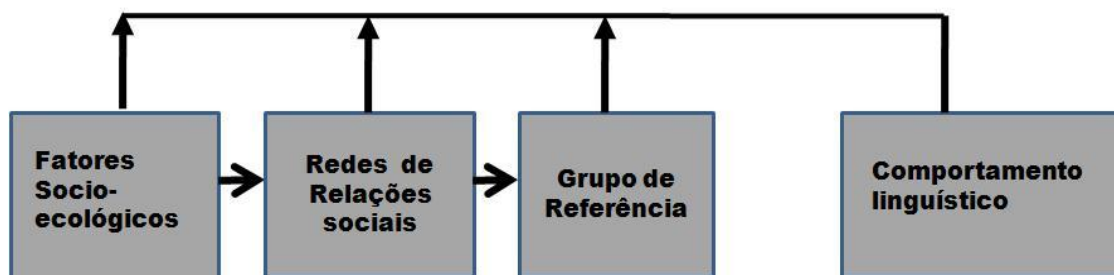
A coleta de narrativas de experiência pessoal (Tarallo 1988) será o objetivo principal do trabalho de campo. Este projeto trará ainda o exame do fenômeno das vogais pretônicas na fala de grupos de migrantes ou de seus descendentes no município de Belém à luz do tempo da duração da residência na localidade escolhida, dos anos de escolaridade, da estabilidade de emprego dos informantes selecionados, além dos parâmetros usuais de sexo e idade como fizera Bortoni-Ricardo (1985) ao proceder a um estudo sociolingüístico sobre a difusão dialetal no repertório dos falantes do português no Brasil que migram da região rural para a urbana.

Pensa-se tal como Bortoni-Ricardo (1985) ter de considerar fatores sócio-ecológicos e variáveis independentes na correlação com o comportamento lingüístico. Segundo a autora supramencionada, o melhor instrumento para lidar simultaneamente com as diferenças individuais e com a identificação da variação sutil dos padrões sistemáticos é o da análise das redes sociais dos migrantes, já usado anteriormente em Sociolinguística Correlacional (Labov, 1972; Milroy, 1980).

Segundo Bortoni-Ricardo (1985 apud Cunha [s.d.]), a rede social é o conjunto de ligações que se estabelecem entre indivíduos. Utilizam-se as redes sociais em investigações sociolingüísticas envolvendo comunidades lingüísticas de migrantes quando o interesse da investigação não está nos atributos dos indivíduos, mas na caracterização das relações de um com outro, a qual pode predizer e explicar o comportamento destes indivíduos, inclusive o comportamento lingüístico.

A rede de relações sociais será utilizada como conceito ancilar da análise a ser empreendida como o fez Bortoni-Ricardo (1985). Igualmente acrescentar-se-á o conceito de grupo de referência dos falantes, como fez a referida autora. Segundo Bortoni-Ricardo (1985), o grupo de referência é o grupo que serve de alavanca à construção da identidade do indivíduo, ou seja, o falante modela seu discurso de acordo com o grupo com o qual ele busca identificar-se, o grupo que atende as suas expectativas psicossociais.

Partindo dos fatores socio-ecológicos como variáveis independentes, e, considerando como variáveis intervenientes tanto a rede social como o grupo de referência, Bortoni-Ricardo (1985) estabelece um modelo metodológico, eficiente e inovador, para a explicação da variável dependente, o comportamento lingüístico, como pode ser visualizado no esquema 1.



**Esquema 1.** Relação estabelecida entre as partes componentes do modelo metodológico de Bortoni-Ricardo (1985)<sup>10</sup>.

Com base no modelo de análise proposto por Bortoni-Ricardo iremos: relacionar aspectos de variação inter- e intradialetal; caracterizar sociolinguisticamente o português falado em Breves; e identificar fatores sociais favorecedores da variação dialetal do português da Amazônia paraense falado nas regiões de forte migração interna.

A pesquisa será realizada, como exposto anteriormente, no município de Breves, no arquipélago marajoara, e dois grupos de informantes serão formados. Um grupo de ancoragem a ser formado com 24 informantes (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino), distribuídos em duas faixas etárias de 26 a 46 anos e acima de 50 anos. E um grupo de controle de 12 informantes (6 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), todos devem ser filhos, netos ou sobrinhos do grupo de ancoragem.

O grupo de ancoragem, assim chamado por servir de base a pesquisa, será composto por falantes não nativos do Estado, portanto todos devem ser provenientes de uma determinada região do Brasil. O grupo de controle, que servirá como parâmetro para o grupo de ancoragem, será composto por jovens nascidos na mesma região proveniente de seus ascendentes, que vieram ainda crianças para os municípios paraenses *locus* do presente projeto ou mesmo que já tenha nascido nas localidades em questão.

Uma vez o trabalho de campo concluído, o tratamento dos dados seguirá todas as etapas previstas em um estudo sociolinguístico, a saber: (i) transcrição dos dados no moldes da análise da conversação (Castilho 2003); (ii) triagem dos grupos de força (Câmara Jr. 1969); (iii) transcrição fonética dos vocábulos contendo marcas dialetais, utilizando-se o alfabeto SAMPA; (iv) codificação dos dados e; (v) tratamento quantitativo VARBRUL.

#### 4. Considerações finais

Esta pesquisa, que discutirá o alteamento das vogais médias pretônicas no português da Amazônia paraense, e que tem como objetivo identificar a influência de fatores extralinguísticos

<sup>10</sup> Fonte: Bortoni-Ricardo (1985).

na configuração dos dialetos da Amazônia paraense, especificamente na cidade de Belém, está se desenvolvendo de acordo com um cronograma montado para este fim.

A cidade de Belém foi escolhida para este estudo por ter recebido um fluxo migratório considerável em decorrência de projetos econômicos desenvolvidos na região Amazônica, e acreditamos em Belém ainda não se cristalizou uma nova norma resultado do contato intervariedades nessa região, como ocorrido em Brasília.

Para esta pesquisa fizemos um levantamento bibliográfico, consolidação do pressuposto teórico, e alguns preparativos para o trabalho de campo. Atualmente a pesquisa está em fase final de coleta de dados dos informantes selecionados para a coleta de narrativas de experiência pessoal.

## Referências

- BORTONI-RICARDO, S. M. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 265p.
- CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CAMPELO, M. M. **A Variação das Vogais Médias Anteriores Pretônicas no Português Falado no Município de Breu Branco (PA): uma Abordagem Variacionista**. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).
- CAMPOS, B. M. S. P. **Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no Município de Mocajuba-Pará**. 2008. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA. Orientador: Regina Célia Fernandes Cruz.
- CASTILHO, A. **A língua falada no ensino do português**, 5ª. Edição. São Paulo: Contexto, 2003.
- CASSIQUE, O. Projeto de Doutorado “**Linguagem, Estigma e Identidade no Interior da Amazônia Paraense: um exame de base variacionista da nasalidade vocálica pretônica no município de Breves (PA)**”, 2006. (Projeto de Pesquisa. Inédito).
- CASSIQUE, O. *et al.* “**Variação das Vogais Médias Pré-tônicas no português falado em Breves (PA)**”, in *Atas do I Simpósio sobre Vogais (SIS-Vogais)*. João Pessoa (PB): UFPB/PROLING, 2009.
- COELHO, M. L. **A Variação das Vogais Médias Posteriores Pretônicas no Português Falado no Município de Breu Branco (PA): uma abordagem variacionista**. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).
- CRUZ, R. *et al.* “As Vogais Médias Pretônicas no Português Falado nas Ilhas de Belém (PA), in Maria do Socorro Silva de ARAGÃO (Org.). **Estudos em fonética e fonologia no Brasil**. João Pessoa: GT-Fonética e Fonologia / ANPOLL, 2008. ISBN 978-85-906544-4-5.

CRUZ, R. *et al.* “**Alteamento vocálico das médias pretônicas no Português falado na Amazônia Paraense**”, Comunicação Oral apresentada no *II Sis-Vogais* (Simpósio sobre Vogais do Português Brasileiro), realizado na UFMG (BH), de 21 a 23 de maio de **2009**.

DIAS, M. P.; CASSIQUE, O. & CRUZ, R. “**O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista**”. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (REVEL)*. Porto Alegre, n. 9, vol. 5, jul. **2007**. (Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/9/artigos/>)

FREITAS, S. N. **As vogais Médias Pretônicas no Falar da Cidade de Bragança**. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA. **2001**.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University Press, **1972**

MARQUES, L. C. S. **Alteamento das Vogais Médias Pré-tônicas no Português Falado no Município de Breu Branco(PA): uma Abordagem Variacionista**. Belém: UFPA/ILC/FALE, **2008**. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

OLIVEIRA, D. A. **Harmonização vocálica no português falado na área urbana do município de Breves/PA: uma abordagem variacionista**. Plano PIBIC/CNPq, Belém: UFPA. **2007**.

RODRIGUES, D. S. **Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pretônica: alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/NE paraense - uma abordagem variacionista**. Belém – Pará: UFPA, **2005**. (Dissertação de Mestrado)

RODRIGUES, D. S. & ARAÚJO, M. P. “**As vogais médias pretônicas / e / e / o / no português falado no município de Cametá/PA – a harmonização vocálica numa abordagem variacionista**”, *Cadernos de Pesquisa em Linguística, Variação no Português Brasileiro*, Leda Bisol & Cláudia Brescancini (orgas.), volume 3, Porto Alegre, novembro de **2007**, pp. 104-126.

SOUSA, J. C. C. **A Variação das Vogais Médias Pretônicas no Português Falado na área Urbana do Município de Belém (PA)**. Dissertação (Curso de Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA. **2010**.

## A VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA VARIEDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS FALADA NO MUNICÍPIO DE BARCARENA/PA

Gisele Braga Souza – giselebraga18@bol.com.br

Regina Célia Fernandes Cruz – regina@ufpa.br

**Resumo:** O presente estudo de caráter variacionista compreende um recorte da Dissertação de Souza (em andamento), que tem como objetivo principal caracterizar a variação das vogais médias pretônicas na fala de Barcarena/PA, tomando como base os mesmos procedimentos metodológicos adotados por Ferreira (2012).

**Palavras-chave:** Sociolinguística, variação, vogais.

**Abstract:** This variation study comprises a part of the Souza's Dissertation (in progress), which aims to characterize the variation of the unstressed mid vowels in Brazilian Portuguese spoken in Barcarena/PA. We adopt here the same Ferreira's (2012) methodological procedures.

**Keywords:** Sociolinguistics, variation, vowels.

### 1. Introdução

O presente trabalho compreende um recorte da Dissertação de Mestrado de Souza (em andamento), vinculada ao projeto Vozes da Amazônia (Portaria 037/2013 ILC). A pesquisa em questão objetiva caracterizar a variação das vogais médias pretônicas - /e/ e /o/ - no português falado em Barcarena/PA.

Para tal, neste artigo, serão apresentados o projeto ao qual esta pesquisa está ligada, a metodologia de trabalho e as peculiaridades que tornam o município de Barcarena um importante alvo de investigações sociolinguísticas. Pretende-se, assim, demonstrar a pertinência e a relevância da pesquisa que será desenvolvida.

Sendo assim, este trabalho estrutura-se do seguinte modo: na seção 1, há uma breve exposição do projeto Vozes da Amazônia; na seção 2, descrevemos os procedimentos que serão adotados para o desenvolvimento da pesquisa, com base em Ferreira (2012); na seção 3, apresentamos a cidade de Barcarena/PA como uma importante zona de investigação; na seção 5, tecemos uma breve conclusão acerca do trabalho exposto; e na seção 6, informamos as referências consultadas.



## 2. Projeto Vozes da Amazônia

O projeto Vozes da Amazônia, sediado na Universidade do Estado do Pará, tem como objetivo mapear a situação sociolinguística diagnosticada por Cruz (2012) da Amazônia paraense, no qual se atesta contato interdialeto decorrente de fluxo migratório intenso motivado por projetos econômicos na região Amazônica. Até o momento, quatro regiões estão sendo investigadas: Aurora do Pará, Breu Branco, Belém e Barcarena.

O Vozes é integrante direto do projeto nacional PROBRAVO<sup>11</sup> - Projeto Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil) -. Nesse sentido, a equipe da UFPA, vinculada a este grande projeto, pretende ao mesmo tempo caracterizar o sistema vocálico átono e suas variantes, com base em amostra estratificada e em termos variacionistas, assim como analisar qualitativamente e explicar o processo de variação das vogais médias pretônicas e postônicas não finais no português falado no Norte do Brasil condicionado por fatores internos.

Na região Norte, os estudos sobre as vogais átonas foram impulsionados com a entrada da coordenadora do Vozes da Amazônia (CRUZ, 2012) e de sua equipe de pesquisa, todos integrantes do projeto, no Grupo PROBRAVO. Antes do trabalho da equipe do projeto Vozes da Amazônia, há o registro de raros estudos sobre o tema na variedade do português falado na Amazônia paraense.

Desde 2007, quando se tornou integrante do grupo PROBRAVO, o projeto Vozes da Amazônia já procedeu a descrições do processo de variação das vogais médias pretônicas do português falado em cinco localidades do Estado do Pará: i) Cameté (RODRIGUES & ARAÚJO, 2007); ii) Mocajuba (CAMPOS, 2008); iii) Breves (CASSIQUE *et al*, 2009; DIAS *et al*, 2007; OLIVEIRA, 2007); iv) Belém (SOUSA, 2010; CRUZ *et al*, 2008) e; v) Breu Branco (MARQUES, 2008; COELHO, 2008, CAMPELO, 2008). Todas são descrições sociolinguísticas de cunho variacionista, que apresentam um tratamento quantitativo dos dados.

---

11

Para mais informações acessar <http://relin.lettras.ufmg.br/probravo>

### 3. Metodologia do Vozes

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa serão os mesmos utilizados por Ferreira (2012), que compreende o estudo pioneiro no seio do Vozes da Amazônia sobre as zonas de migração no Pará. Ferreira (2012) investigou a variação das vogais médias pretônicas no falar de Aurora do Pará, analisando a fala de 36 informantes. Os migrantes selecionados eram provenientes do Estado do Ceará, visto que este Estado lidera a tabela referente à migração em Aurora do Pará, segundo o censo do IBGE (2010).

Nesse sentido, a constituição da amostra tem como base o modelo proposto por Bortoni-Ricardo (2011), adotado pelo Vozes da Amazônia. Assim, a amostra será constituída por dois grupos de falantes, um de ancoragem e outro de controle, que totalizarão, a princípio, 34 informantes. O grupo de ancoragem, que servirá de base para esta pesquisa, será formado por falantes não nativos da localidade investigada e que migraram já adultos para a mesma. A naturalidade ainda será definida. O grupo de controle, que servirá como parâmetro para análise do grupo de ancoragem, será composto por descendentes dos migrantes, que devem ter nascido na cidade ou, se forem de outro estado, devem ter migrado nos primeiros anos de vida.

Assim como fez Ferreira (2012), a coleta de dados para esta pesquisa ocorrerá por meio de gravações de entrevistas realizadas com os informantes. A técnica para obtenção de relatos de experiência de vida pessoal (TARALLO, 2007) e um questionário sociolinguístico serão utilizados como protocolos da pesquisa. Os assuntos serão diversos, desde que sejam de interesse do informante. Em especial, aos informantes do grupo de ancoragem, solicitaremos que falem de sua trajetória de migração da cidade de origem até sua chegada ao Estado do Pará, quais os motivos da mudança, suas perspectivas de vida, entre outras questões.

Uma vez a coleta de dados concluída, as gravações serão segmentadas no programa *Praat*, em cinco níveis: enunciado, palavra-alvo, sílaba, vogal e transcrição fonética. Como orienta Tarallo (2007), após uma observação atenta das gravações e, especialmente, das ocorrências das variantes, as variáveis independentes de ordem linguística serão estabelecidas e as hipóteses devidamente construídas. Juntando-se a isso os fatores extralinguísticos selecionados – sexo, faixa etária, grupo de amostra e

tempo de residência na localidade –, os dados serão codificados para as rodadas programa *Varbrul*.

Tal como feito na pesquisa de Ferreira (2012), após a codificação dos dados, realizaremos uma rodada para a variável /e/ e outra para a variável /o/, em separado, para sabermos qual das variantes – abaixamento, manutenção, alteamento – será mais recorrente no dialeto em estudo. Assim que obtivermos esse resultado, faremos mais duas rodadas para sabermos quais fatores condicionarão a variante predominante.

#### **4. Barcarena como zona de contato interdialetoal (SOUZA, em andamento)**

No que diz respeito à escolha da cidade de Barcarena, ela se deve a importantes fatores. O principal é o município paraense ter sofrido muitas mudanças nos últimos tempos, devido à condição de polo industrial, abrigando as grandes empresas vinculadas à produção de alumínio ALBRÁS e ALUNORTE. Em virtude disso, muitas pessoas migraram para a cidade para usufruir do desenvolvimento trazido pelas indústrias, e os nativos tiveram que ser remanejados para outras áreas, afetando, em muito, o modo de vida já existente na localidade.

Segundo Maia e Moura (1999), 40% da população empregada é proveniente de outras regiões do Brasil pela exigência do trabalho qualificado. Devido à intensa migração, o Estado foi obrigado realizar um processo de urbanização do município que, em princípio, era quase totalmente rural. Povoados, como Vila do Conde e Laranjal, ficaram saturados de pessoas que vieram para trabalhar nas indústrias, além de habitantes que foram desapropriados para a construção das fábricas. Por tudo isso, ainda foi necessário criar o chamado núcleo urbano, denominado Vila dos Cabanos, destinado, em grande parte, à moradia dos trabalhadores das fábricas. Todo esse processo acabou gerando

um reordenamento do espaço social, uma inversão brusca na proporção rural-urbana [...], implicando numa transformação acelerada em suas formas de sobrevivência e de seu cotidiano. É interessante assinalar que na área do núcleo urbano reside atualmente uma população que corresponde a mais da metade da população do distrito-sede e que, sendo em quase totalidade constituída por migrantes da região e de outras partes do país, vem adicionando uma nova dimensão política a este espaço social. (MAIA & MOURA, 1999, p. 138-139).

Embora pertença à mesorregião metropolitana de Belém, Barcarena não tem sido alvo de muitas atenções, considerando-se a dificuldade em encontrar estudos já realizados e, até mesmo, a própria história de Barcarena, o que a deixa ao mesmo tempo perto e distante da capital paraense. Por ter se constituído um importante polo receptor de migração nos últimos 50 anos, Barcarena tornou-se um “laboratório” especial, no dizer de Bortoni-Ricardo (2011) para o estudo de variedades regionais e socioletais em contato. Assim, o interesse em estudar o contato dialetal de Barcarena trará não só contribuições para o campo linguístico, mas, também, para reconstituição de sua história, ainda pouco estudada.

## 5. Conclusão

Este trabalho teve como objetivo apresentar o que será realizado na pesquisa correspondente à Dissertação de Mestrado de Souza (em andamento). A referida pesquisa tem como foco as vogais médias pretônicas na variedade do português falado em Barcarena/PA, tomando como base os pressupostos teóricos da sociolinguística.

O município investigado localiza-se na Mesorregião Metropolitana de Belém, e apresenta como particularidade o fato de ter recebido intenso fluxo migratório nas décadas de 70 e 80 do século passado. Por ser uma região onde ocorreu fluxo migratório intenso, as vogais médias pretônicas tendem a se realizar de maneira a refletir esse processo. Assim, ao investigar Barcarena como uma zona de contato interdialeto, objetiva-se atender aos anseios do projeto Vozes da Amazônia e do PROBRAVO.

Diante disso, a presente pesquisa se apoia na necessidade e importância de se investigar a variação das vogais médias na fala barcarenense, visando constatar a influência exercida pelos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. Dessa forma, estima-se que o trabalho possa realizar relevantes descobertas acerca da variação linguística na fala de Barcarena e, conseqüentemente, do português falado da Amazônia paraense.

## 6. Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: um estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

CAMPELO, Madalena. *A Variação das Vogais Médias Anteriores Pretônicas no Português Falado no Município de Breu Branco(PA): uma Abordagem Variacionista*. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

CAMPOS, Benedita. *Alteamento vocálico em posição pretônica no português falado no Município de Mocajuba-Pará*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA.

CASSIQUE, Orlando *et al.* Variação das Vogais Médias Pré-tônicas no português falado em Breves (PA). In: HORA, D. da (Org.). *Vogais no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa (PB): Ideia, 2009. p. 163-184.

COELHO, Maria Lúcia. *A Variação das Vogais Médias Posteriores Pretônicas no Português Falado no Município de Breu Branco(PA): uma Abordagem Variacionista*. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

CRUZ, Regina *et al.* As Vogais Médias Pretônicas no Português Falado nas Ilhas de Belém (PA). In: ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). *Estudos em fonética e fonologia no Brasil*. João Pessoa: GT-Fonética e Fonologia / ANPOLL, 2008.

CRUZ, Regina. Alteamento vocálico das médias no português falado na Amazônia Paraense. In: LEE, Seung Hwa. *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p.194-220.

DIAS, Marcelo *et al.* . O alteamento das vogais pré-tônicas no português falado na área rural do município de Breves (PA): uma abordagem variacionista. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem (REVEL)*. Porto Alegre, n. 9, v. 5, jul. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/pdf/9/artigos/>

FERREIRA, Jany Éric. Aspectos preliminares da variação das médias pretônicas no falar de Aurora do Pará/PA. In: *Anais do II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística*. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 565-576.

MARQUES, Luzia Carmen. *Alteamento das Vogais Médias Pré-tônicas no Português Falado no Município de Breu Branco (PA): uma Abordagem Variacionista*. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

MAIA, Maria Lúcia; MOURA, Edila A. Ferreira. Da Farinha ao Alumínio: os caminhos da modernização na Amazônia. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE BARCARENA.

*Subsídios para um Estudo da História do Município de Barcarena*. Barcarena: Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

OLIVEIRA, Daniele. *Harmonização vocálica no português falado na área urbana do município de Breves/PA: uma abordagem variacionista*. Belém: UFPA. 2007. (Plano PIBIC/CNPq).

RODRIGUES, Doriedson; ARAÚJO, Marivana dos Prazeres. As vogais médias pretônicas /e / e /o/ no português falado no município de Cametá/PA – a harmonização vocálica numa abordagem variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). *Cadernos de Pesquisa em Linguística, Variação no Português Brasileiro*, vol. 3, Porto Alegre, novembro de 2007. p. 104-126.

SOUSA, Josivane. *A Variação das Vogais Médias Pretônicas no Português Falado na Área Urbana do Município de Belém/PA*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém: UFPA.

SOUZA, Gisele Braga. *A variação das vogais médias pretônicas na fala do município de Barcarena/PA*. Em andamento. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Para, Belém (PA), em andamento.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

**O ENSINO/APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO ESCRITA EM TURMAS  
HETEROGÊNEAS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: DAS TAREFAS AO  
EXAME CELPE-BRAS**

Hellen M. POMPEU de Sales - hellenpompeu2@hotmail.com

Orientador: Profº Dr. José Carlos Chaves da Cunha – jccunha@gmail.com

**RESUMO:** Ensinar a produzir textos escritos em Português Língua Estrangeira (PLE) com turmas heterogêneas do ponto de vista linguístico-cultural é uma tarefa complexa que requer do professor (e do aprendente) um desempenho direcionado para a ação. Partindo desse fato, propõe-se aos alunos do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) do MEC um trabalho com orientações metodológicas baseadas em uma Perspectiva Acional que considera o estudante como ator social que cumpre tarefas em situações específicas, o que também nos direciona para uma concepção de língua/linguagem focada no interacionismo e para os gêneros textuais/discursivos. O objetivo é levar esses aprendentes a produzirem textos escritos em português adequados às diferentes situações de uso. O *corpus* do trabalho foi composto por produções textuais de gêneros da modalidade escrita da língua portuguesa como, *artigos de opinião, cartas etc.*, desenvolvidas pelos alunos do PEC-G. A hipótese aqui levantada é a de que a complexidade que existe no ensino-aprendizagem da produção escrita desses estudantes pode encontrar uma ordem quando eles são inseridos em contextos significativos, com tarefas e discussões que tenham um propósito e que os levem a agir languageiramente em situação real e/ou simulada.

Palavras-chaves: Heterogeneidade, Português língua estrangeira, Produção escrita.

**RESUMÉ**

L'enseignement/apprentissage de la production écrite en Portugais langue étrangère (PLE), en classes hétérogènes du point de vue linguistico-culturel, est une tâche complexe qui inquiète les enseignants et les élèves depuis longtemps. À partir de ce fait, nous proposons aux élèves du Programme de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) du MEC un travail avec des orientations méthodologiques basées sur la Perspective Actionnelle qui considère l'élève un acteur social qui accomplit des tâches en situation spécifique, qui nous dirige également vers une conception de langue-langage axée sur l'interactionnisme sur les genres textuels/discursifs. L'objectif est d'amener ces apprenants à produire des textes écrits en portugais appropriés aux différentes situations de l'usage de la langue. Le corpus du travail est constitué de productions textuelles de genres de la modalité écrite de la langue portugaise comme l'article d'opinion, la lettre etc., développées pour les élèves du PEC-G. L'hypothèse posée ici est que la complexité qu'il y a dans l'enseignement/apprentissage de la production écrite de ces étudiants peut trouver un ordre lorsque les élèves sont insérés dans un contexte

significatif avec des tâches et des discussions qui ont une raison et que les amènent à agir langagièrement en situation réelle et/ou simulée.

Mots-clés: Hétérogénéité ; Portugais langue étrangère ; Production écrite.

## INTRODUÇÃO

Muitos cidadãos apontam como principais motivos para se aprender o português língua estrangeira (PLE), a oportunidade de trabalhar e/ou estudar no Brasil. Este segundo é o que leva inúmeros cidadãos estrangeiros a se candidatarem ao Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G<sup>12</sup>, que proporciona a eles a chance de cursar uma Universidade, mas, para isso, o candidato precisa, entre outras coisas, comprovar proficiência em língua portuguesa, através do exame Celpe-Bras<sup>13</sup>. O exame é composto de prova Escrita e Oral. Para este estudo, interessa-nos mais particularmente saber como preparar um aprendente de Português Língua Estrangeira - PLE do PEC-G, em relação à produção escrita - PE.

A partir da experiência vivenciada no projeto de extensão *Português Língua Estrangeira* – PLE, na Universidade Federal do Pará - UFPA, no ano de 2012, trabalhamos a competência de produção escrita do português com uma turma *heterogênea do ponto de vista linguístico/cultural*<sup>14</sup>. Durante o curso nos inquietamos com os problemas apresentados pelos alunos e decidimos analisar se a complexidade existente no ensino-aprendizagem da PE desses aprendentes pode encontrar uma ordem quando eles são inseridos em contextos significativos, com tarefas e discussões que tenham um propósito e que os levem a agir em situação real e/ou simulada de uso da língua. O que nos direcionou para uma orientação metodológica assentada na Perspectiva Acional, proposta no Quadro Europeu Comum de Referência para línguas – QECRL (2001); para uma concepção de língua/linguagem focada no interacionismo e para os gêneros textuais/discursivos.

<sup>12</sup> O PEC-G oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas – federais e estaduais – e particulares, o PEC-G seleciona estrangeiros, entre 18 e 25 anos, com ensino médio completo, para realizar estudos de graduação no país. Fonte: MEC ([http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530id=12276option=com\\_contentviewmost](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530id=12276option=com_contentviewmost)).

<sup>13</sup> O Celpe-Bras é o único certificado brasileiro de proficiência em português como língua estrangeira reconhecido oficialmente pelo Brasil. Fonte MEC (<http://portal.inep.gov.br/celpebras>).

<sup>14</sup> Expressão utilizada na pesquisa coordenada pelo Prof. Dr. José Carlos C. da Cunha – intitulada de *Práticas de ensino, metalinguagem e uso de material didático em turmas heterogêneas do ponto de vista linguístico e cultural*.



O *corpus* deste estudo é parte da dissertação de mestrado da pesquisadora. Nele analisamos as produções escritas do gênero *Cartas do leitor* desenvolvidas por sete aprendentes PEC-G, a partir de tarefas elaboradas e propostas por nós.

## 1. UMA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA/LINGUAGEM INTERACIONISTA SOCIODISCURSIVO - ISD

Segundo Bronckart (1999, p.21), a expressão Interacionismo Social - IS “designa uma posição epistemológica geral, na qual podem ser reconhecidas diversas correntes filosóficas e das ciências humanas”. O autor explica que o que há em comum entre essas correntes é que todas aderem “à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização”.

Vigotsky (1947-2002)<sup>15</sup>, principal representante do IS, apresentou propostas de aquisição da linguagem, divulgadas nos anos 70, reagindo contra os estudos inatistas e a qualquer estudo de base positivista relacionado à linguagem. Para ele, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento tem origens sociais e externas, e é realizado nas trocas comunicativas, sendo que a “Linguagem não é apenas uma expressão do conhecimento. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos a outro” (VIGOTSKY, 2002, p. 10).

Bakhtin (1997)<sup>16</sup> também compreende a linguagem a partir de uma perspectiva social, em atividades sociais da comunicação humana que tem como unidade comunicativa o enunciado. Segundo ele, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1997, p. 279). Suas ideias contribuíram para o Interacionismo Sócio-Discursivo (ISD)<sup>17</sup> de Bronckart.

Para Bronckart (2007), o ISD vai ao encontro de uma ciência integrada do humano centrada na formação das práticas de linguagem. A teoria também trata das condições de produção dos textos, de sua classificação e do seu funcionamento em um quadro teórico que entende as “condutas humanas como ações significantes, cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização” (BRONCKART, 1997, p.13). Isto é herança dos trabalhos de Vygotsky.

<sup>15</sup> Psicólogo soviético que apresentou estudos nesse quadro teórico, desenvolvendo princípios do Interacionismo Social.

<sup>16</sup> Filósofo russo que, assim como Vigotsky, apresentou trabalhos no quadro teórico dos princípios do Interacionismo Social.

<sup>17</sup> Desenvolvido por Jean Paul Bronckart e sua equipe da Universidade de Genebra.

No ISD texto é “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir sobre o seu destinatário um efeito coerente de sentido” (BRONCKART 1996, p.74)<sup>18</sup>. E, por serem os textos resultados da atividade humana, ligados às necessidades, interesses e condições de funcionamento das formações sociais, há características distintas que definem as múltiplas “espécies de texto”, com características comuns, que são denominadas no ISD de *gêneros de textos*.

Se os gêneros textuais trazem discussões para as pesquisas, eles trazem para as salas de aulas indagações de como trabalhá-los. Uma das maneiras, apresentada pelo grupo de Genebra é a partir de Sequência Didática – SD<sup>19</sup>. Sua estrutura de base é a seguinte: Apresentação da situação, Produção inicial, Módulo1 a módulo N e Produção final. Para Dolz et AL (2004), a *Apresentação da situação* é a fase de descrever detalhadamente a tarefa que deverão ser trabalhadas. A *Primeira produção* é quando o aluno elabora um primeiro texto, relacionado ao gênero de texto apresentado. Os Módulos são as várias atividades ou exercícios. A estrutura apresentada é encerrada com a *Produção final*, que é quando o aluno põe em prática os conhecimentos adquiridos e, junto com o professor, avalia os progressos.

## 2. UMA ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA ACIONAL

Os professores que adotaram a orientação metodológica do QECRL, publicado em 2001, a Perspectiva Acional (PA) sentem a necessidade de levar os alunos a ultrapassarem os atos de fala, característicos da abordagem comunicativa (AC), a partir do momento que compreendem que o aprendente é um ator social/usuário da língua, que ele age no mundo e que realiza tarefas que não podem se limitar às linguageiras. Para ilustrar, ver figura abaixo<sup>20</sup>.

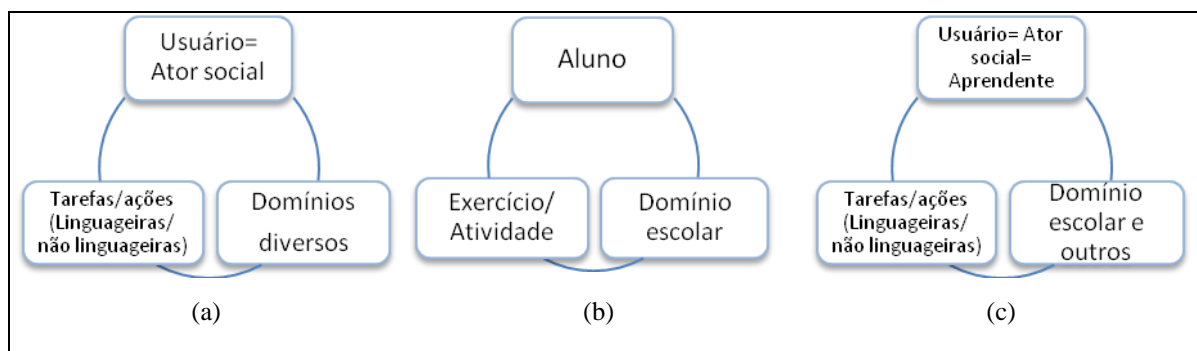


Figura.1.1. a) Usuário de uma língua em contexto real; b) escolar tradicional, c) escolar acional.

<sup>18</sup> Texto é “toute unité de production verbale véhiculant un message linguistiquement organisé et tendant à produire sur son destinataire un effet de cohérence” (BRONCKART 1996, p.74)

<sup>19</sup> “o conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz et AL, 2004, p. 82), que tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto.

<sup>20</sup>Elaborada por Hellen Pompeu.

Em (a), o usuário de uma língua em um contexto real é um ator social, isto é, uma pessoa que realiza tarefas e que age no mundo em diversas situações. Mas quando ele chega à sala de aula (b), o mundo real fica fora e ele se encontra como um estudante que realiza apenas atividades escolares. No ensino/aprendizagem da produção escrita, esta situação aparece quando se vê os alunos realizando atividades do tipo perguntas/respostas ou exercícios de gramática fora do contexto. No ensino acional (c), há um diálogo entre a escola e o contexto real. Compreende-se que o indivíduo, mesmo na sala de aula, é um aprendente/usuário/ator social que age no mundo, que executa tarefas que não são apenas limitadas aos domínios escolares uma vez que, fora da sala de aula, o aprendente é confrontado a um mundo real que o espera para realizar ações em outros domínios. A vida real, portanto, não pode desaparecer quando o aprendente entra na sala de aula.

No QECRL a noção de tarefa aparece como uma ação necessária no ensino/aprendizagem de língua, ela “é definida como qualquer ação com uma finalidade considerada necessária pelo indivíduo para atingir um dado resultado no contexto da resolução de um problema, do cumprimento de uma obrigação ou da realização de um objetivo” (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p.30). Contrariamente à tarefa, os exercícios e atividades<sup>21</sup> estão ligados diretamente ao saber linguístico, típicos do ensino tradicional.

Comparamos a ação na execução de uma tarefa com a realização de uma peça de teatro: os atores leem textos, memorizam, repetem etc.; o diretor prepara os atores etc.; os técnicos testam a luz, os cenários etc. Todo mundo tem muitas atividades até a representação da peça. Mas a ação só se realiza verdadeiramente quando a peça é interpretada. Acontece o mesmo na sala de aula: fazem-se muitos exercícios e atividades, mas a finalidade é a realização da tarefa.

Uma tarefa pode ou não ser realizada na escola. Ela está diretamente ligada a uma ação que pode ou ser real ou simulada. A simulação é uma preparação para a vida e facilita a aprendizagem porque o aprendente é colocado em uma situação próxima da vida real. A respeito disso, Bérard (2009) diz que as tarefas escolares não são idênticas as da vida real, a maioria é simulada, mas elas podem levar o aluno à praticar ações comparáveis as da vida real

Para além da sala de aula, as tarefas que levam o aluno a agir no mundo também são propostas pelo exame Celpe-Bras.

### **3. UM EXAME DE PROFICIÊNCIA QUE IMPLICA AÇÃO**

---

<sup>21</sup>Segundo Cuq (2003, p.94), o termo *exercício* remete « a um trabalho metódico, formal, sistemático, homogêneo direcionado para um objetivo específico»; e *atividade* é um termo polissêmico que pode ser ligado a ideia de «repetir, comparar, memorizar etc”.

Diferentemente dos exames tradicionais, de base estruturalista que compreendiam a linguagem como um sistema abstrato, o Celpe-Bras tem natureza comunicativa,

Isso significa que não se busca aferir conhecimentos a respeito da língua, por meio de questões sobre a gramática e o vocabulário, mas sim a capacidade de uso dessa língua. A competência do candidato é, portanto, avaliada pelo seu desempenho em tarefas que se assemelham a situações que possam ocorrer na vida real. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 7).

Os níveis de referência para avaliação do exame são: *Intermediário, Intermediário Superior, Avançado e Avançado Superior*. E os parâmetros de avaliação são: *Adequação ao contexto, Adequação discursiva e Adequação lingüística*. De acordo com os examinadores, a *Adequação ao contexto* é a mais importante.

<i>Adequação ao contexto</i>	(cumprimento do propósito de compreensão e de produção, levando em conta o gênero discursivo e o interlocutor).
<i>Adequação discursiva</i>	(coesão e coerência).
<i>Adequação lingüística</i>	(uso adequado de vocabulário e de estruturas gramaticais).

#### 4. O CONTEXTO DA PESQUISA

Este estudo é parte integrante da dissertação de mestrado da pesquisadora, desenvolvido através de pesquisa-ação realizada em 2012 na Universidade Federal do Pará (UFPA).<sup>22</sup> Os Sujeitos nele envolvidos foram: doze aprendentes, cinco professores/monitores e um coordenador. Dos doze aprendentes, oito (1 do Haiti, 1 da Jamaica, 3 de Cuba, 2 do Congo e 1 de Trinidad e Tobago) eram do PEC-G e 4 (1 da Alemanha, 1 da França, 1 da Holanda e 1 do Suriname) do Curso Livre da UFPA (CL).<sup>23</sup> No total, foram contabilizadas em sala de aula 9 línguas/culturas e 10 países diferentes. No final do curso, somente sete aprendentes PEC-G permaneceram na turma.<sup>24</sup>

O corpus deste trabalho foi constituído por produções textuais do gênero *Carta do leitor*, desenvolvidas pelos aprendentes. Para guiar o nosso processo de análise utilizamos a seguinte questão de pesquisa: *Inserir o aprendente em contextos significativos, com tarefas e discussões*

<sup>22</sup> Uma das instituições de ensino superior pública credenciada ao exame Celpe-Bras. Ela mantém o projeto de extensão Português Língua Estrangeira (PLE) que oferece curso de português para os alunos Celpe-Bras.

<sup>23</sup> Curso livre de língua estrangeira oferecido pela Faculdade de Línguas Modernas –(FALEM)- da UFPA.

<sup>24</sup> No primeiro semestre de 2012 aceitou-se na turma (que inicialmente seria formada somente por aprendentes PLE/PEC-G), três aprendentes do PLE/CL. No segundo semestre, estes voltaram para seus países e encerraram as atividades na turma. Assim, esta estaria formada somente pelos oito aprendentes PEC-G. Porém, em agosto, foi integrado ao grupo um novo estudante PLE/CL, que logo deixou a turma. Durante o 2º semestre, a turma se manteve com sete estudantes PLE/PEC-G (visto que um destes abandonou o curso alegando problemas de saúde).

que tenham um propósito e que os levem a agir em situação real e/ou simulada de uso da língua, permite que ele se aproprie do gênero Carta do leitor?

## 5. A ELABORAÇÃO DAS TAREFAS DE PE PARA PLE

Para que os alunos pudessem estar expostos a diversos textos escritos, disponibilizamos a eles 30 revistas “**Isto É**” do ano de 2011 e desenvolvemos nossas tarefas em três momentos. No 1º MOMENTO (preparação para a PE), o foco está na compreensão do assunto do texto de apoio. Ele ocorre: em sala de aula para a escolha da revista; em casa na leitura individual de um texto; em sala de aula na apresentação da leitura para a turma e na escolha do texto mais interessante para ser discutido e trabalhado. Difere portanto da SD genebrina que, desde o início, foca no gênero e não no assunto.

No 2º MOMENTO (o desenvolvimento da PE), o foco está na produção de texto escrito. Como os alunos já conheciam bem o assunto, solicitamo-lhes a primeira produção escrita do gênero *Carta do leitor*. Este momento é semelhante ao da SD genebrina, quando os alunos são expostos a modelos autênticos para perceberem as características do gênero.

No 3º MOMENTO (os ajustes na PE), com o objetivo de melhorar o desempenho da PE dos aprendentes, foi utilizada a plataforma *APRENDENTESPLE*<sup>25</sup> - um ambiente virtual de aprendizagem, na qual os alunos têm a oportunidade de melhorar seus textos iniciados em sala de aula, de ajudar os colegas com dificuldades de escrita etc.

Para a avaliação das tarefas, criamos uma grade de avaliação baseada no Celpe-Bras.

Adequação	Gênero <b>Carta do leitor</b>
<b>Adequação ao contexto</b>	Aspectos físicos: Abertura - saudação nomeando o destinatário; fechamento - despedida.
Gênero	Aspectos sócio-comunicativo – função – Interlocutor: sabe se portar adequadamente ao interlocutor (revista, editor, jornalista, leitores em geral etc). Mantém as marcas de interlocução claramente ao longo do texto.
Propósito	Apresenta o assunto e tudo que se pede no comando da questão. Em caso de Carta do leitor apresenta a tese, os argumentos e proposta de intervenção.
<b>Adequação discursiva</b>	Apresenta o assunto com clareza e objetividade.
<b>Adequação</b>	Apresenta uso adequado de vocabulário, estruturas gramaticais e

<sup>25</sup> [www.aprendentesple.com.br](http://www.aprendentesple.com.br) – plataforma virtual idealizada pela pesquisadora deste estudo e programada por Washington Sousa, doutorando de engenharia elétrica. Mais informações sobre a plataforma no artigo: *APRENDENTESPLE: Plataforma virtual no ensino-aprendizagem da produção escrita em Português Língua Estrangeira – PLE*

*linguística*

evita a influência da língua materna.

## 6. ANÁLISE

Reconhecendo a infinidade dos gêneros, selecionamos para o curso de PE apenas aqueles que, nos últimos anos, ocorreram com mais frequência no Celpe-Bras, como: *Carta* (e suas variantes), *e-mails*, *artigos de opinião*, *editoriais*, *resumos etc.* Como não é possível analisar, neste estudo, todos os gêneros textuais/discursivos produzidos pelos aprendentes, detivemo-nos apenas na análise das quatorze *Cartas do leitor*. Optamos por comparar aqui o texto inicial - **TI** e o texto final - **TF** do aprendente 5, a fim de ilustrar essa discussão.

Segue um trecho do texto de apoio para a realização da tarefa<sup>26</sup>.

### **Educação financeira para crianças e adolescentes**

Imersos em uma sociedade de consumo jovens perdem a noção do valor do dinheiro se não forem bem orientados. Saiba como combater esse risco.

#### **Adriana Nicacio**

Controlar o próprio orçamento não é uma tarefa fácil. Mais difícil é ensinar os filhos a lidar com dinheiro. Autora do livro “Born to Buy”, espécie de bíblia do assunto, a americana Juliet Schor disse que a propensão das crianças ao consumo não tem limites. Um bebê de 18 meses já identifica logotipos e antes de completar 2 anos sabe pedir presentes pela marca. Aos 10 anos, o pré-adolescente tem de 300 a 400 marcas na memória e consome uma quantidade sem precedentes de produtos. Não por acaso, crianças e jovens são vistos pelos publicitários como o atalho ideal para o bolso dos pais. Por isso mesmo, os pais devem começar bem cedo a educação financeira da família. Álvaro Modernell, sócio da Mais Ativos, diz que o grande desafio é ensinar os mais novos a encontrar o equilíbrio, para não estimular nem demasiados poupadores nem gastadores exagerados. “A criança tem que aprender a diferença entre querer e precisar”, diz Modernell, também autor de sete livros sobre educação financeira para crianças. “Sou da corrente que acredita que é preciso ensinar a ética em relação ao dinheiro desde o berço.”

Na tarefa esperava-se do aprendente: A AÇÃO de produzir um texto do gênero *carta do leitor*; no qual se dialogasse com um INTERLOCUTOR direto (editor, o jornalista etc.) ou indireto (leitores em geral); com o PROPÓSITO de argumentar sobre o texto de apoio (concordando ou não). De forma CLARA e objetiva; sem tanta influência da língua materna/segunda.

Seguem trechos do texto inicial e final do aprendente 5.

**Comando da questão:** Leia o texto Educação financeira para crianças e adolescentes (ISTOÉ - edição: 2182- 2011). Reportando-se às informações e aos argumentos apresentados no texto, escreva uma Carta para a revista posicionando-se quanto ao assunto.

**TI**

*Belém 5 de junho de 2012*

*Cara Adriana Nicacio,*

*Deixa mem apresenta-lhe meus saudações e meus parabéns pelo maravilhoso artigo publicado na revista istoé sobre o título Educação financeira para crianças e adolescentes. Eu fui muito*

<sup>26</sup> Adaptado da Revista ISTOÉ – Independente - Edição: 2182- 02.Set.11- Disponível também na internet - Consultado em 12/07/13:

*supresa quando e li o artigo, é por isso que eu resolvi mandar essa carta para a senhora dando minha opinião sobre o assunto.*

*Eu completamente concordo pela consideração da senhora, mas devemos considerar as coisas que pode acontecer quando começamos a ensinar a ética em relação ao dinheiro (...)*

*(...) eu não acredito pelo fato que a senhora elabore que a mesada pode ser intituída a partir dos 3 anos.*

*(...)*

*Atenciosamente*

*Um leitor*

**TF**

*Belém 5 de junho de 2012*

*Cara Senhora Adriana Nicacio,*

*Venho, através desta carta, apresentar a minha opinião sobre o artigo que a senhora publicou na revista “IstoÉ”, com o título “Educação financeira para crianças e adolescentes”.*

*Foi lamentável o jeito que a senhora abordou esse assunto. Eu não acredito que a senhora falou que nós precisamos iniciar a educação financeira das crianças a partir da idade de 3 anos. Porque nesta idade, a criança ainda não é madura para receber esse tipo de educação, por causa de falta de conhecimento a respeito do dinheiro.*

*(...)*

*Enfim, cara senhora, na minha opinião se a mãe não deu arroz com feijão para o bebê, é porque ele ainda não está na idade de consumir esse tipo de alimento, mas com certeza um dia ele poderá comê-los. Em relação ao dinheiro é a mesma coisa, e é assim para a vida toda, cada coisa no seu tempo.*

*Atenciosamente*

*Um leitor*

No **TI**, percebemos que o aluno não apresenta dificuldades para compreender o texto de apoio (o que ocorria antes desse tipo de tarefa). Porém, ele comprometeu seu texto ao não responder com clareza ao comando da questão: ele inicia concordando com o assunto apresentado pela autora, tecendo-lhe elogios, mas, em seguida, mostra que discorda do ponto de vista dela e a critica, tornando assim seu texto contraditório. Há também inadequações de ordem gramatical (Deixa Mem, supresa, intituída etc.), que comprometem o entendimento.

No **TF** percebemos que, diferentemente de alguns alunos, **A5** não se limitou a copiar o texto de apoio. Ele apresentou a sua opinião, opondo-se ao ponto de vista da autora. O aluno usou termos como “*Foi lamentável*”, “*Eu não acredito que a senhora falou*”, para reforçar a sua opinião.

A mudança ocorreu após a correção e as discussões em sala de aula. Apresentamos a eles modelos de *carta do leitor*. O que está de acordo com a sequência didática genebrina que expõem os alunos a modelos autênticos de gêneros. O ajuste no texto fez com que o aprendente respondesse corretamente ao comando da questão, cumprindo assim a sua tarefa.

Antes da nossa proposta de tarefas o primeiro problema detectado nos textos era a falta de compreensão do assunto e do comando da questão. Percebemos nos dois textos TI/TF que esse problema não existiu, ou seja, desde o 1º Momento o aluno compreendeu o assunto. O 2º momento foi positivo, visto que expôs o aluno um modelo. Sobre o 3º momento, do ajuste na plataforma, também ajudou. O trabalho colaborativo levou os aprendentes a sanarem suas dúvidas de PE.

## CONCLUSÃO

Com este trabalho tentamos responder a nossa pergunta de pesquisa: *Inserir o aprendente em contextos significativos, com tarefas e discussões que tenham um propósito e que os levem a agir em situação real e/ou simulada de uso da língua, permite que ele se aproprie do gênero Carta do leitor?*

Observamos que simular ações da vida real levou os aprendentes se verem como atores sociais que cumprem tarefas no mundo, mesmo sendo a tarefa simulada (a carta não foi, realmente, enviada à revista).

Percebemos também que iniciar uma tarefa discutindo sobre o assunto do texto pode ser importante para que o aluno compreenda melhor o assunto, evite copiar o texto de apoio, e tenha mais chance de apresentar seu ponto de vista.

No decorrer do trabalho, percebemos também a necessidade de retornar algumas vezes a Sequência Didática Genebrina, quando expusemos os alunos a modelos das Cartas do leitor (documentos autênticos) para que eles pudessem perceber as particularidades do gênero.

Não podemos dizer que foi apenas a nossa proposta de elaboração de tarefas que ajudou os alunos a alcançarem sucesso<sup>27</sup> no Celpe-Bras, pois o empenho de cada aluno e dos outros professores-monitores também contribuiu bastante. Mas os resultados obtidos nos permitem afirmar que se os alunos não tivessem sido envolvidos em tarefas significativas, as chances de sucesso teriam sido menores.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M., 1895-1975. Os gêneros do Discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de PEREIRA, M., 2ªed., São Paulo: Martins Fontes, 1997

---

<sup>27</sup>Todos os alunos foram aprovados no exame: 1 Avançado Superior, 1 Avançado, 4 Intermediário superior, 1 intermediário.



BÉRARD, E. Les tâches dans l'enseignement du FLE : Rapport à réalité et dimension didactique. In : *Le Français dans le monde. La perspective actionnelle et l'approche par les tâches en classe de Langue*. Paris: 2009. (p. 37 a 43).

BRONCKART, J-P. *Atividades de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: Educ, 1999

\_\_\_\_\_. A Atividade de linguagem em relação à língua – Homenagem a Ferdinand de Saussure. In: *O Interacionismo Sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. Org. GUIMARÃES, A. et al. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007. p. 19-42.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: aprendizagem, ensino e avaliação*. Trad. De Maria Joana P. do Rosário e Nuno V. Soares. Porto, Portugal: Edições Asa, 2001. disponível em: [www.asa.pt/downloads/](http://www.asa.pt/downloads/)

CUQ, J.P. *Dictionnaire de didactique du français langue étrangère et seconde*. Paris : Cle International, 2003.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B.; Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 81-108. 2ª edição, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Manual do Candidato ao Exame Celpe-Bras*. 2010. Acessado em 01/07/13. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/outras\\_acoes/celpe\\_bras/manual/2012/manual\\_examinando\\_celpebras.pdf](http://download.inep.gov.br/outras_acoes/celpe_bras/manual/2012/manual_examinando_celpebras.pdf)

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. Edição eletrônica, 1947-2002. Consultado em 01/06/2012. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>

# **A IMAGEM DA MULHER NA POLÍTICA EM IGARAPÉ-MIRI: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS NO JORNAL MIRIENSE**

Israel Fonseca Araújo – poemeiro@hotmail.com

Orientadora: Fátima Cristina da Costa Pessoa – fpessoa37@gmail.com

**Resumo:** Investigar-se-á as relações interdiscursivas nos textos do jornal *Miriense* que tecem a figura política feminina em Igarapé-Miri, apoiando-se no instrumental teórico-metodológico da Análise do Discurso, conforme defendido por Maingueneau (2008) e Possenti (2009), entre outros. Os discursos desse jornal sobre a mulher na política teriam a sua identidade estruturada a partir de relações interdiscursivas singulares. As principais categorias analíticas são: Prática discursiva, Interdiscurso, Formação Discursiva e Comunidade discursiva.

**Palavras-Chave:** Relações interdiscursivas, práticas discursivas, Relações de gênero.

**Résumé:** On recherchera les relations interdiscursives dans les textes de Journal *Miriense* qui tissent la figure politique féminine à Igarapé-Miri, en s'appuyant sur des outils théoriques et méthodologique de l'Analyse du Discours, tel que préconisé par Maingueneau (2008) et Possenti (2009), entre autres. Les discours de ce journal sur les femmes dans la politique auraient leur identité structurée à partir des relations interdiscursives singulières. Les principales catégories analytiques sont les suivantes: Pratique discursive, Interdiscour, Formation discursive et Communauté discursive.

**Mots-clés:** Relations interdiscursives, pratiques discursives, genre.

## **1. Contextualização da proposta de pesquisa**

O projeto de pesquisa que se desenvolve no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará constitui-se numa proposta que se ocupará da prática discursiva jornalística do jornal *Miriense*, nos textos que tecem a figura pública/política feminina em Igarapé-Miri, tendo como ferramenta teórica/metodológica a Análise do Discurso de linha francesa (AD), conforme proposto por Maingueneau (1997, 2008a e 2008b), Possenti (2009), entre outros estudiosos(as) dessa “disciplina de entremeio” (ORLANDI, 1994). É, logo, uma proposta focada na investigação das relações interdiscursivas que tecem a figura pública/política da mulher, na cidade de Igarapé-Miri, cujas materialidades linguísticas estão marcadas interdiscursivamente,

segundo entendimento de Maingueneau (2008b), para quem o interdiscurso precede o discurso, sendo o objeto de investigação não mais o discurso e, sim, a relação interdiscursiva que há entre discursos que circulam num determinado campo discursivo, que encenam determinada realidade.

Já que se trata de investigar os interdiscursos que se referem à mulher atuante em Igarapé-Miri, importa contextualizar brevemente essa realidade municipal. Fala-se sobre um município que conta com serviços de imprensa em várias de suas formas. Tem retransmissoras de televisão, como a TV Record, Cultura do Pará e TV Liberal<sup>28</sup>. No entanto, é a imprensa escrita a que mais se destaca em Igarapé-Miri<sup>29</sup>. No que se refere a essa produção jornalística, surge, nos idos de janeiro de 1980<sup>30</sup>, um jornal denominado de “Mensageiro do Miri”, veículo que vinha com o propósito principal de produzir e levar informações à sociedade miriense. Alguns anos depois, surge o jornal *Miriense* – sucessor do *Mensageiro* – conforme especificado a seguir.

O jornal *Miriense* é um veículo da mídia impressa, de periodicidade mensal e circula principalmente em Igarapé-Miri. O jornal adotou como *slogam* de trabalho “A Verdade em Primeiro Lugar”, o que não significa dizer que é dessa perspectiva e/ou nessa crença que se deva basear esta pesquisa. Trata-se de um jornal que veicula matérias que são de interesse geral da população, sejam publicações da área “social” (aniversários, casamentos...), sejam receitas/curiosidades, matérias esportivas, educacionais, científicas (descobertas científicas etc.), político-partidárias. Nos últimos anos, esse jornal passou a contar com uma página na internet, a saber <http://jornalmiriense.zip.net>. No caso do estudo aqui apresentado, a atenção maior será para os textos/matérias que veiculam imagens da mulher com atuação pública/política em Igarapé-Miri.

O principal objetivo desta proposta encontra-se definido da seguinte maneira: *investigar as relações interdiscursivas constituintes do jornal Miriense, materializadas*

<sup>28</sup> Além de outras formas, como rádio, TV por assinatura, internet e outras.

<sup>29</sup> Município que tem pouco mais de 58.000 (cinquenta e oito mil) habitantes, segundo dados do IBGE 2010, dos quais mais da metade habita a cidade.

<sup>30</sup> Conforme informação contida em sua página virtual, seu início se dá precisamente a 01/01/1980. (Cf. [http://jornalmiriense.zip.net/arch2012-09-09\\_2012-09-15.html](http://jornalmiriense.zip.net/arch2012-09-09_2012-09-15.html) (acesso em 04/06/2013)). O jornal “Miriense” veio suceder o “Mensageiro do Miri”, ambos criados por Dorival Pereira Galvão, editor-chefe do “Miriense”. Conforme o jornalista Dorival Galvão, “em junho de 1993, o **Mensageiro do Miri** entra em um novo projeto jornalístico e passa a chamar-se **JORNAL MIRIENSE**” (*Jornal Miriense: breve histórico*; informação do próprio editor-chefe, repassada ao pesquisador via e-mail (em junho de 2013) e livremente cedida para ser incorporada nesta pesquisa – grifos do editor).

*nos textos que tecem a figura pública/política feminina em Igarapé-Miri.* É importante indicar que se pretende investigar essas relações interdiscursivas tendo em conta o entendimento de que é importante visualizar (ou evidenciar) a relação da prática política com as questões de gênero em Igarapé-Miri. Essa relação do trabalho jornalístico/midiático com a construção de imagens da figura pública/política feminina em Igarapé-Miri poderá dar visibilidade às intrínsecas relações entre: discurso, sociedade, gênero e política.

Considerando-se toda a produtividade desse jornal e os objetivos deste estudo, são selecionados os textos publicados no interstício 2004-2008, quando a produção discursiva do *Miriense* fica muito mais densa de textos que mostram a atuação pública/política da mulher de Igarapé-Miri, já que, nas eleições de 2004, há a vitória de uma mulher para assumir a prefeitura da cidade.

O estudo dos textos que evidenciam essa prática jornalística ajudará a entender como se dão as relações interdiscursivas e a construção da(s) imagem(ns) de mulher pública/política atuante em Igarapé-Miri – prática materializada em textos que tratam da atuação das mulheres na política igarapemiriense; textos que não se restringem à prefeita, mas que tematizam, também, o lugar de vereadora, de professora/servidora pública, de empresária, de líder sindical – entre outros. Trata-se de não fechar os olhos a essa realidade social/histórica, que é evidenciada pelo jornal *Miriense*. A produção discursiva que se nutre dessa realidade histórica.

Como desdobramentos dessa análise discursiva, far-se-á uma problematização das condições de mulheres públicas/políticas, pelo que se pode supor, até agora, que a construção interdiscursiva dessa imagem pode se dar de maneira distinta para a mulher e para o homem, isto é, que essa figura de mulher pública que é vendida pelo jornal se dá por meio de relações interdiscursivas diferentes daquelas que tecem a figura pública do homem. Portanto, o estudo deve levar em conta esse caráter das relações de gênero.

Gondim e Lima (2006) falam sobre a relevância de estudos acerca das questões de gênero poderem estar perpassados por várias áreas do saber, sendo investigadas “por meio de estudos que se entrecruzem com outras áreas do conhecimento, como é o caso de trabalhos sobre imagens do feminino nos meios de comunicação de massa” (GONDIM; LIMA, 2006, p. 62).

Pelas considerações feitas até aqui, é de se acreditar que esta pesquisa poderá trazer importantes contribuições para os Estudos Linguísticos na Amazônia, uma vez

que considera que a prática jornalística/midiática é, também, uma prática discursiva que se debruça sobre a vivência política partidária. Pode-se assinalar que estudar a construção da imagem da mulher pública, nesse jornal, equivale a fazer um estudo linguístico-discursivo que valorizará a produção jornalística existente em Igarapé-Miri. Aceitando que Igarapé-Miri tem uma tradição jornalística consolidada, aponta-se o quão importante pode ser, para a academia, a investigação dessa prática, seja pela trajetória consolidada do *Miriense*, seja pela problematização da posição da mulher nessa esfera pública/política, seja pela investigação das respectivas regularidades enunciativas. Além disso, crê-se que seja possível abordar duas outras questões correlatas: (a) o discurso jornalístico e sua relação com a política, seja em sua acepção partidária, seja no sentido de exercício da vida pública, da cidadania; e (b) o exercício da política e sua relação com as questões de gênero, já que o foco de análise são as relações interdiscursivas sobre as quais é construída a atuação pública da Mulher em Igarapé-Miri.

Quanto à problematização que mobiliza esta proposta, alguns questionamentos, sem prejuízo de outros, devem ser indicados: *a)* Qual a imagem de mulher pública é construída nos textos do Jornal *Miriense*?; *b)* Que relações interdiscursivas estão na base da construção dessa imagem de mulher pública e expõem o exercício da política e as questões de gênero? Quanto às hipóteses (iniciais) que norteiam esta proposta, são citadas: *a)* A(s) imagem(ns) de mulher pública que é(são) construída(s) por essas relações interdiscursivas é(são) diferente(s) da imagem correlata masculina; *b)* Um olhar investigativo direcionado à construção dessa(s) imagem(ns) (e assentado na atividade enunciativa, na produção/veiculação de sentidos) poderá apontar para uma assimetria em termos de tal construção, e poderia indicar, logo, a seguinte particularidade: as imagens convocadas são diferentes, quando se trata de falar do homem e da mulher – a partir das diversas posições de fala envolvidas e das formações discursivas que determinam o que pode/deve ser dito a partir dessas posições.

### **1.1. Análise do Discurso francesa: opção teórico/metodológica da pesquisa**

Do ponto de vista da teorização que sustenta esta proposta, são destacadas algumas das contribuições colhidas da AD de linha francesa. Além do que já foi pontuado anteriormente, podem ser apontadas as seguintes considerações a fim de marcar inicialmente a posição assumida neste estudo, a começar pelo entendimento do que vem a ser essa disciplina “de entremeio”. Uma possibilidade de resposta é dizer que ser uma disciplina que se move entre várias outras, como sugere Orlandi (1994),

significa dizer que a AD pode estar inscrita “em um quadro que articula o linguístico e o social”, haja vista que a mesma já nasceu assentada na interdisciplinaridade – posto que a mesma possuía, em seu nascimento, “preocupação não só de linguistas como de historiadores e de alguns psicólogos” (BRANDÃO, 2012, p. 16). Por sua vez, Possenti (2009) esclarece que a AD não funciona (como supomos que funcionem outras disciplinas) “a partir da última versão da teoria”, o que significa dizer que “que não há propriamente, no campo da AD, questões vencidas” (p. 153-154), o que quer dizer que sempre haveria o que dizer sobre o interdiscurso – com o que nos ocuparemos mais adiante.

Conforme apontado por Brandão (2012, p. 103), à AD está posto um *desafio*, emanado de sua condição de materializar, na linguagem, as contradições ideológicas existentes na sociedade, desafio esse que pode ser assim descrito: “realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente linguísticos nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia”. Essa disciplina não pode ser entendida como uma disciplina pronta, acabada, uma vez que ela:

se apresenta como uma disciplina não acabada, em constante construção, problematizante, em que o linguístico é lugar, o espaço, o território que dá materialidade, espessura a ideias, conteúdos, temáticas de que o homem se faz sujeito; não um sujeito ideal e abstrato mas um sujeito concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social (BRANDÃO, 2012, p. 104).

Também Gregolin (2007, p. 11) ajuda a demarcar o terreno teórico no qual estamos nos movendo, quando ensina que “a análise do discurso é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens”.

Outra questão de suma importância a ser levantada aqui é, ao menos parcialmente, a posição de Dominique Maingueneau (e de outros estudiosos) sobre discurso e interdiscurso. No que concerne ao discurso, afirma Sírio Possenti que os discursos “não surgem apenas se certas condições são satisfeitas, mas também que eles podem afetar essas mesmas condições” (POSSENTI, 2009, p. 80), o que implica dizer que, além dos discursos veiculados pelo *Miriense* existirem porque há um cenário politicoeleitoral e administrativo subjacente (marcado por relações de poder), os discursos também afetam esse cenário aqui levantado, o que implica perceber um conjugado de forças que se movem, dialeticamente, nos dois sentidos aqui apontados: os discursos (que se materializam nos textos) existem porque há um cenário social que permite seus surgimentos e os discursos também afetam essas condições, esse cenário.

Por sua vez, Maingueneau, acerca do discurso, diz que o mesmo é entendido como uma noção que “não é estável”, pelo que se entende um “conjunto de enunciados realizados, produzidos a partir de uma certa posição” (1997, p. 23). O discurso entendido não somente como um conjunto de enunciados, mas como manifestação linguajeira intimamente atrelada a posições. A falar sobre o sentido e efeitos de sentido, Sírio Possenti (2002, p. 181) esclarece que “qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que enunciados (palavras) recebem seu sentido”. Para esta proposta de pesquisa, esse *conjunto* será fornecido pelos textos produzidos e veiculados pelo *Miriense* no interstício aqui escolhido. Quanto à análise discursiva a ser feita, deverá considerar tais textos, atentando para a posição de sujeito na qual (nas quais?) se inscrevem os enunciadores, quando discorrem sobre a atuação das mulheres na política de Igarapé-Miri e evidenciam imagens de mulher pública com atuação política nessa cidade, já que “qualquer enunciação supõe uma posição, e é a partir dessa posição que os enunciados (palavras) recebem seu sentido” (POSSENTI, 2002, p. 181).

Nessa linha de entendimento, ainda pode-se dizer como Orlandi (1994), a saber: que o discurso leva em conta “tanto a ordem própria da linguagem como o sujeito e a situação” (ORLANDI, 1994, p. 53). Em consonância com esse entendimento, crê-se que é por meio da linguagem verbal, e auxiliada por outros recursivos discursivos (como fotos, charges/caricaturas), que se deve evidenciar a(s) imagem(ns) pública(s)/política(s) de mulher atuante em Igarapé-Miri, tecida(s) nos textos veiculados pelo “Miriense”.

Neste momento do presente texto, importa situar o entendimento de base acerca do interdiscurso. Maingueneau, ao iniciar seus comentários sobre esse conceito (que, segundo ele, precede o discurso), diz que “quando precisam encarar a heterogeneidade enunciativa, os linguistas são levados a distinguir duas formas de presença do ‘Outro’ em um discurso”, que são a heterogeneidade *mostrada* e a heterogeneidade *constitutiva*, ao que esse pesquisador diz só a primeira ser “acessível aos aparelhos linguísticos” (2008b, p. 31).

Quando falam sobre “um certo número de idéias-força”, Charaudeau e Maingueneau (2008) ensinam que, quando o discurso *é assumido como um interdiscurso*, ele “não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos” (p. 170). E, nesse sentido, esses autores enfatizam que para “interpretar o menor enunciado, é preciso colocá-lo em relação com todos os tipos de outros, que se comentam, parodiam, citam...” (p. 172), que é o que se acredita valer para o caso dos

discursos veiculados pelo “Miriense” acerca da mulher na política em Igarapé-Miri, discursos esses concebidos e construídos interdiscursivamente sobre a imagem feminina na política, uma vez que, pelo que se entende de Maingueneau (sobre o primado do interdiscurso), todos os discursos são o resultado das relações. Discorrendo acerca dessa sua tese, Maingueneau fala da relação de um Mesmo com seu Outro e diz que no espaço discursivo, “o Outro não é nem um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa (...). Ele é aquele que faz falta sistematicamente falta a um discurso” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 36-37).

Maingueneau deixa claro que sua “hipótese do primado do interdiscurso se inscreve na perspectiva de uma heterogeneidade constitutiva, que amarra (...) o Mesmo do discurso e seu Outro.” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 31). Afirma o autor que esse Outro não deve ser reduzido à figura do interlocutor, que a heterogeneidade constitutiva se dá, num discurso, “independentemente de qualquer forma de alteridade marcada” no texto (2008b, p. 37).

Tendo em conta a linha francesa da AD, esta tomada como modelo teórico-metodológico para este estudo (com primazia para os postulados de Dominique Maingueneau (2008a e b), foram eleitas, inicialmente, as seguintes categorias de análise (ou conceitos operacionais) que darão suporte à investigação, quais sejam: Prática discursiva (entendendo a produção jornalística do *Miriense* como constituinte de ou perpassada por uma prática discursiva), Interdiscurso (dá ancoragem à ideia de relações interdiscursivas, que serão investigadas no que tange à construção de imagem(ns) da mulher com atuação pública/política em Igarapé-Miri), além de Formação Discursiva e Comunidade discursiva.

Esses são alguns indicativos teórico-conceituais que, de início, nos ajudam a situar esta proposta nos meandros do território que pretendemos explorar com a pesquisa pretendida.

## 2. Referências

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 3ª ed. rev., Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2ª Ed., São Paulo: Contexto, 2008.



GONDIM, Linda Maria de Pontes; LIMA, Jacob Carlos. *A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. São Carlos (SP): EdUFSCar, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 4; n. 11, p. 11 a 25, Nov. 2007.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes – Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Análise de Textos de Comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. – 5ª Ed. - São Paulo: Cortez, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008b.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso, Imaginário Social e Conhecimento*. Em Aberto, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994 (p. 52 a 59).

POSSENTI, Sírio. Observações sobre o interdiscurso. In: POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009 (p. 153-168).

\_\_\_\_\_. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. In: POSSENTI, Sírio. *Os limites do Discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba/PR: Criar edições, 2002 (p. 167-186).

ROCHA, Décio e SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Pérez. *Por que ler “Gênese dos Discursos”?*. Resenha de *Gênese dos Discursos*, de Dominique Maingueneau. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009.

## **A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: análise discursiva de anúncios publicitários de faculdades e/ou universidades privadas na Amazônia brasileira**

**Jairo da Silva e Silva**<sup>31</sup>

E-mail: [jairodasilvaesilva@hotmail.com](mailto:jairodasilvaesilva@hotmail.com)

**Fátima Cristina da Costa Pessoa**<sup>32</sup>

E-mail: [fpessoa37@gmail.com](mailto:fpessoa37@gmail.com)

### **Resumo**

Este trabalho se propõe a analisar o processo discursivo de transformação da educação em produto de consumo, enunciado em anúncios publicitários de faculdades e/ou universidades privadas que atuam na Amazônia brasileira, sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa, fundamentada nos estudos dos filósofos M. Pêcheux e M. Foucault sobre discurso, formação discursiva, condições de produção, posições-sujeito e efeitos de sentido.

**Palavras-Chave:** Discurso, anúncios publicitários, mercantilização da educação.

### **Abstract**

This study aims to analyze the discursive process of transformation of education in consumer product, stated in advertisements for colleges and / or private universities operating in the Brazilian Amazon, in the theoretical-methodological Discourse Analysis of French, based studies of philosophers M. Pecheux and M. Foucault's discourse, discursive formation, production conditions, subject-positions and effects of sense.

**Keywords:** Discourse, commercials, commodification of education.

### **Introdução**

Nossa dissertação de mestrado se propõe a analisar o processo discursivo de transformação da educação em produto de consumo, enunciado em anúncios publicitários de faculdades e/ou universidades privadas na Amazônia brasileira, sob a perspectiva teórica-metodológica da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), fundamentada nos estudos dos filósofos Michel Pêcheux e Michel Foucault. Mesmo reconhecendo que há diferenças entre os estudos destes teóricos, seus escritos dialogam e se aproximam em suas categorias teóricas, filosóficas e metodológicas,

---

<sup>31</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará – UFPA

<sup>32</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras - UFPA. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

garantindo, assim, o sustentáculo teórico-metodológico à nossa análise. Adotaremos as seguintes categorias analíticas para o tratamento dos dados reunidos para a pesquisa: *concepção de sujeito, condições de produção, interdiscurso/memória discursiva e formação discursiva*.

## **Fundamentação Teórica**

Com o advento do capitalismo e a expansão da sociedade de consumo, a publicidade tem desempenhado um papel fundamental na contemporaneidade, não apenas com o intuito de persuadir ao público consumidor, mas de criar necessidades de consumo e de posicionar o público consumidor em determinados lugares na relação com os anunciantes dos textos publicitários.

A fim de analisar as condições de produção do discurso publicitário das instituições de ensino superior, faremos a contextualização histórica do período compreendido a partir da instauração de um governo neoliberal no país, alicerçado na lógica capitalista, iniciado nos anos 80, no governo de Fernando Collor de Mello, e se solidificado nos anos 90, no governo de Fernando Henrique Cardoso, presente até os dias de hoje (NEVES; FERNANDES, 2002).

Conforme Neves e Fernandes (2002), o governo de FHC implementou e consolidou no país um projeto político privatista e neoliberal, o que certamente haveria de refletir no ensino brasileiro, ao difundir uma abordagem ideológica de capacitação e empregabilidade. Neste contexto, com a privatização do ensino, houve um amplo aumento da concorrência, surgindo a necessidade da publicidade do ensino oferecido pelas instituições privadas.

Elegemos como recorte para esta pesquisa anúncios publicitários do período histórico que corresponde os anos 2000 a 2013. Estes anúncios foram veiculados na mídia visual (*outdoors, busdoors, banners*) e digital (*sites* das instituições de ensino), os quais concebemos como *arquivo*, segundo a perspectiva de Michel Foucault em seu método arqueológico:

Meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, a existência acumulada dos discursos. *A arqueologia, tal como eu a entendo*, não é parente nem da geologia (como análise dos subsolos) nem da genealogia (como descrição dos começos e das sucessões): ela é *a análise do discurso em sua modalidade de arquivo*. (FOUCAULT, 1967, p. 62) [Grifos meus]

Segundo Gregolin (2004, p. 17), o arquivo é:

O conceito mais amplo da análise proposta por Foucault na *Arqueologia do Saber*. A partir dele, pensando em termos descendentes podemos unir todos os conceitos – enunciado, formações discursivas; conjunto de enunciados (discurso); práticas discursivas; a priori histórico; positividade; arquivo. De uma certa maneira, nesse livro de explicitação teórico-metodológica, Foucault opera por círculos concêntricos, tentando definir os conceitos operacionais do método que empregara nos trabalhos anteriores. Isso o leva a constantes retomadas, a idas-e-vindas. (grifo da autora)

Optamos por trabalhar com a AD pelo fato de que esta abordagem não é a simples análise do conteúdo, mas a investigação de que modo ocorre a produção do discurso, como ele se dá no fazer histórico e social em que se insere e produz sentidos.

A análise do Discurso propõe, portanto, descrever as articulações entre materialidade dos enunciados, seu agrupamento em discursos, sua inserção em formações discursivas, sua circulação através de práticas, seu controle por princípios relacionados ao poder, sua inscrição em um arquivo histórico. (GREGOLIN, 2003b, p. 12)

Segundo a mesma autora, os nomes que servem de alicerce para a AD derivada de Pêcheux e que vão influenciar suas propostas são:

Althusser com sua releitura das teses marxistas; Foucault com a noção de *formação discursiva*, da qual derivam vários outros conceitos (interdiscurso; memória discursiva; práticas discursivas); Lacan e sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente, com a formulação de que ele é estruturado por uma linguagem; Bakhtin e o fundamento dialógico da linguagem, que leva a AD a tratar da heterogeneidade constitutiva do discurso. (GREGOLIN, 2003b, p. 25, grifo da autora)

Assim, ao recorrer a estas regiões de conhecimento científico, a AD apresenta a linguagem como não-transparente, pois a relação língua-discurso-ideologia garante sua materialidade.

Vale ressaltar que o foco de atenção da AD é o texto, constituído de materialidade significante na história, por isso é necessário pensar a questão da produção de sentidos, o que não está pronto, mas é construído a partir da relação entre o texto e sua exterioridade. O que implica na constituição de um sujeito descentrado,

dividido, discursivo, clivado, fundamentalmente histórico e ideológico, o que significa afirmar que o sujeito da AD não é dono do seu dizer.

A AD não considera o sentido como um elemento imanente ao texto, isto é, o sentido é relacionado ao exterior. Para Pêcheux (1997, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas.” O que significa afirmar que o discurso por si só não significa.

O conceito de *interdiscurso* é fundamental para a compreensão do funcionamento do discurso, da sua relação com o sujeito e com a ideologia. Pois é no interdiscurso que se estabelecem relações entre discursos, pois ainda que de forma inconsciente, ou esquecida, o sujeito utiliza já-ditos, os quais recebem novos significados e vão possibilitar o dizer.

Ao discutir a relação entre o discurso e o “já-dito”, Pêcheux, segundo Gregolin e Baronas (2001), postula que os processos discursivos se constituem a partir de algo dito anteriormente, em outro lugar, proveniente de outros enunciadores.

Assim, o dizer não significa apenas pelo que se tem a dizer, mas pelas enunciações que o fizeram significar, pela memória de que está impregnado, mesmo que ausentes ou esquecidas. O que se diz, em dado momento histórico, já foi dito. Isto é, não somos os donos de nossos dizeres. Eles significam pela história e para a língua e podem ser apreendidos por outras vozes. É a partir da *memória discursiva* que surge a possibilidade de toda formação discursiva fazer circular as “redes de formulações” outrora enunciadas.

O conceito de *formação discursiva* (doravante FD) foi formulado por Foucault, em *Arqueologia do Saber* (1969). O autor desenvolveu essa concepção como um dispositivo metodológico para a análise arqueológica dos discursos, que definia como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* ... (FOUCAULT, [1969] 1986, p.43).

Para a AD a formação discursiva não deve ser entendida como a “visão de mundo” de um determinado grupo social, mas como um domínio inconsistente, aberto e instável, dado a partir da dispersão, na heterogeneidade dos lugares de fala, ou seja, das posições que os sujeitos assumem nos discursos.

Desta forma, para a AD, a FD é o que determina, em dada enunciação, o que pode e deve ser dito e também o que não pode e não deve ser dito pelo sujeito que enuncia. Isto é, a FD propicia a produção de sentido do discurso. Portanto, é tarefa do analista, ao investigar o funcionamento do discurso, relacioná-lo a outras formações discursivas, procurando entender porque em determinado discurso obteve-se um sentido e não um outro, e como é possível este sentido.

Portanto, a partir das fundamentações teóricas expostas, buscaremos refletir sobre as seguintes questões:

- Quais os efeitos de sentidos nos anúncios publicitários de instituições privadas de ensino superior que atuam na Amazônia brasileira?
- Quais são as condições de produções destes enunciados?
- Quais outros discursos concorrem com a constituição dos discursos sobre a educação, determinando o seu dizer?
- De que lugares se posicionam os sujeitos que enunciam estes dizeres?
- De que formas a educação é significada como objeto de consumo?
- Quais estratégias discursivas significam a mercantilização do ensino superior privado na Amazônia brasileira?

### **Justificativa**

O advento do capitalismo e o fortalecimento do neoliberalismo em todos os segmentos da sociedade brasileira, inclusive no âmbito educacional, se evidenciam também na região que compreende a Amazônia brasileira, na qual há um número relevante de instituições de ensino superior particulares, que assumem o discurso da “instituição excelente”, transformando a educação em mais um simples produto de consumo dentro do universo capitalista.

Desta forma, ponderamos que esta pesquisa é de considerável relevância acadêmica para os interesses dos estudos linguísticos, uma vez que se justifica pelo fato de favorecer a compreensão das estratégias discursivas de faculdades e/ou universidades privadas na Amazônia do Brasil, adotadas na composição da ordem do discurso publicitário, possibilitado por suas determinações histórico-sociais e ideológicas, analisando de que forma tal discurso (re)produz sentidos e o que pode (ou não) ser dito sobre a educação no país.

Ademais, este trabalho dialoga com outros estudos da área das ciências humanas, que descrevem a situação da política educacional brasileira na contemporaneidade e suas interfaces: a ausência de uma educação pública de qualidade, atrelada à crescente presença da educação privatizada.

### **Corpus da pesquisa: primeiras impressões**

Como *corpus* de pesquisa, temos como arquivo (entendido como objeto discursivo) anúncios publicitários de faculdades e/ou universidades particulares que atuam na Amazônia brasileira, produzidos por agências de publicidade e por tais instituições privadas que, além de oferecerem/venderem seus serviços ao público-alvo (seus consumidores), buscam ainda a construção da imagem instituição ideal.

Assim, para a realização desta pesquisa será necessário um amplo levantamento de anúncios publicitários, coletados na mídia visual e digital. *A priori*, organizaremos esse arquivo com base nas estratégias discursivas adotadas para a oferta dos serviços das instituições de ensino. Em nossas primeiras impressões, destacamos que, neste universo de instituições privadas que atuam na Amazônia do Brasil, encontramos variadas estratégias que veiculam a venda do “saber” como mais um simples produto: enquanto há faculdades/universidades que se valem da imagem de personagens midiáticos<sup>33</sup>, há outras que apelam às mais diversas maneiras de atrair o “cliente”, oferecendo “gratuitamente” *tablets*, curso de idiomas, telefones celulares, *pendrivers*, canecas, camisetas, viagens ao exterior, estacionamento, bônus em mensalidades (algumas instituições oferecem descontos de 10 a 100%) e/ou processos seletivos (vestibulares) agendados, diária ou semanalmente.

Apresentamos algumas análises preliminares a fim de exemplificar o que temos exposto até o presente momento.

---

<sup>33</sup> atores de telenovelas – Reynaldo Gianecchini, Rodrigo Faro, Ricardo Tozzi – e apresentadores de programas televisivos – Celso Portioli, Rodrigo Faro, Luciano Huck.

**CHEGUE NA FRENTE DA CONCORRÊNCIA INVISTA EM VOCÊ!**

- \* **Administração**
- \* **Ciências Contábeis**
- \* **Pedagogia**
- \* **Letras**
- \* **História**

• AMPLA E MODERNA ESTRUTURA  
• CURSOS RECONHECIDOS PELO MEC  
• O MELHOR ESPAÇO FÍSICO DE ANANINDEUA  
• EXCELENTE EQUIPE DE PROFESSORES  
• ESTACIONAMENTO GRATUITO  
• BIBLIOTECA INFORMATIZADA

**Prova dia 17 de Novembro**  
Inscreva-se até o dia 15/11

**INSCREVA-SE**  
**WWW.FAAM.COM.BR**  
**91 3255-2236**

Mensalidades a partir de **R\$ 376,00**

BR-316, Km 07, Nº 590  
Levilândia, Ananindeua-PA

Mérito concedido pelo Guia do Estudante à Faculdade da Amazônia.

**Guia de MELHORES UNIVERSIDADES 2012**  
Ciências Contábeis  
Faculdade de Amazônia-PA - Ananindeua  
☆☆☆

Figura 01 – Campanha Vestibular 2012 da Faculdade da Amazônia – FAAM.

**FCAT**  
FACULDADE DE CASTANHAL  
A educação levada a sério

A EDUCAÇÃO LEVADA A SÉRIO

**GRADUAÇÕES FCAT. Com elas o currículo pesa.**

Vestibular FCAT 2013  
Inscrições até: 16/01. Prova: 20/01

Faça já sua inscrição!  
[www.fcat.edu.br/vestibular2013](http://www.fcat.edu.br/vestibular2013)

[f /Faculdadedecastanhall](https://www.facebook.com/Faculdadedecastanhall) [@FCATCastanhall](https://twitter.com/FCATCastanhall)

Figura 02 – Campanha Vestibular 2013 da Faculdade de Castanhall – FCAT.

Nos dois anúncios publicitários, percebemos as diferentes posições-sujeito que determinam o que pode ser dito (ou não) sobre a educação superior. Na figura 01, a posição-sujeito educador competitivo, empreendedor, que entende a



educação como uma corrida pelo sucesso, onde o mais preparado vence. Na figura 02, a posição-sujeito de educador sério, determinado, onde a educação é tratada com seriedade.

Em ambas as posições-sujeito, há uma atualização de dizeres outrora já-ditos, que fazem parte de uma rede de memória discursiva, o interdiscurso. Estes anúncios publicitários são produzidos por alguém que se posiciona quanto ao seu lugar de fala, que pode ser o proprietário, dirigente da instituição e/ou o publicitário, o que implica um sujeito composto que autoriza o que deve ser dito (ou não) nestas propagandas.

Quanto às condições de produção destes anúncios publicitários, os dois foram veiculados dentro de um contexto sócio-histórico e ideológico que atribui sentidos a estes dizeres. No período de veiculação destas propagandas (anos 2012 e 2013), imersa na onda da competitividade, da busca pelo sucesso, da livre concorrência, itens indispensáveis ao sistema capitalista, a sociedade brasileira – sobretudo os jovens pré-vestibulandos – é levada a buscar o melhor de tudo, e não seria diferente quanto à escolha da universidade/faculdade ideal.

Na figura 01, destacamos o enunciado: *Cursos reconhecidos pelo MEC*. No período de veiculação desta propaganda, o contexto sócio-histórico daquele momento determinava, exigia este dizer, pois o Ministério Público Federal fechara várias faculdades (e cursos) não reconhecidas no Ministério da Educação<sup>34</sup>, e esta ação do MPF – PA frequentemente era veiculada pela mídia paraense<sup>35</sup>. Assim a Faculdade da Amazônia se apresenta como credenciada junto ao MEC, o que não traria problemas futuros ao pretense cliente/aluno, produzindo um efeito de sentido de seriedade e compromisso com o público-alvo.

Da figura 02, apesar da presença de dois aparelhos móveis de telefonia, sorteados entre os inscritos para o vestibular daquele período – estratégia recorrente entre várias IES – preferimos destacar o enunciado *Graduações FCAT. Com elas o currículo pesa*. Ao lado da imagem do braço de um jovem em um movimento característico de atividade física, este dizer produz o sentido de que, enquanto em outras faculdades o currículo é leve (aqui há uma rede de memória discursiva<sup>36</sup> sobre o

<sup>34</sup> No site do MPF-PA, o link <http://www.prpa.mpf.mp.br/news/2012/arquivos/caso-faculdades-irregulares> apresenta a relação das faculdades investigadas e fechadas (Acesso em 28 de julho de 2013).

<sup>35</sup> Ver reportagem no link <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/02/faculdade-no-para-e-fechada-por-falta-de-credenciamento-no-mec.html>. (Acesso em 28 de julho de 2013).

<sup>36</sup> Segundo Gregolin (2006, p. 168) a memória cunhada pela AD “não é pensada em seus aspectos psíquicos ou neurobiológicos; trata-se de entender o estatuto social da memória como condição de seu funcionamento discursivo na produção textual dos acontecimentos”.

significado deste enunciado, que por um movimento da interdiscursividade, determinada pelas condições de produção deste momento histórico-social, ou seja, num período em que várias faculdades foram fechadas pelo MPF-PA, podemos significar *leve* como desqualificado, desacreditado), a Faculdade de Castanhal se apresenta como uma excelente faculdade.

Para a AD, o modo como os enunciados materializam o discurso é de suprema importância para a compreensão dos sentidos e seus efeitos.

As palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e não podem ser apreendidas senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras constitutivas do discurso (GREGOLIN, 2003a, p. 42).

Ou seja, a mesma palavra, enquanto enunciado, pode exercer diferentes significados, a partir do momento em que se insere em outra FD, que é o caso de “... o currículo pesa”. Este *peso* não teria o mesmo significado encontrado em alguns dicionários da língua portuguesa. Segundo o Dicionário de Aurélio B. de H. Ferreira (versões 1999 e 2000), o vocábulo peso significa: “s.m. Qualidade de um corpo pesado. Resultado da ação do peso sobre um corpo. Pedaco de metal de um peso determinado que serve para pesar outros corpos. Corpo pesado suspenso pelas correntes de um relógio para lhe dar movimento...”. Nas condições de produção deste anúncio publicitário, o sentido de “peso” se atualiza. Está relacionado à pretensa qualidade da Faculdade de Castanhal: excelência.

### **Considerações Finais**

Considerando a proposta desta pesquisa e os anúncios publicitários até aqui analisados, pontuamos que as propagandas das instituições de ensino superior que atuam na Amazônia brasileira materializam práticas discursivas que reproduzem outros discursos já-ditos, marcados ideologicamente, significando a educação superior, às vezes tratada como mais um item a ser explorado numa sociedade pautada nos princípios capitalistas.

### **REFERÊNCIAS**

FOUCAULT, M. **Sobre as maneiras de escrever a história**. Les Lettres Françaises, nº 1, 15-21 de junho de 1967, p. 6-9. Trad. bras. Em Ditos & Escritos 2, p. 62-81.

\_\_\_\_\_. *L'Archéologie du Savoir*. Paris: Gallimard, 1969. Trad. bras. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Org.). **Teorias Lingüísticas: novas problemáticas**. 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2003a, v. 01, p. 35-50.

\_\_\_\_\_. A mídia e a espetacularização da cultura. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003b, p. 9-19.

\_\_\_\_\_. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, M. R. (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003c, p. 95-110.

\_\_\_\_\_. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso e mídia: a reprodução das identidades**. Revista Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, Vol. 4, Nº 11 (2007).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 3ª e 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999, 2000.

GREGOLIN, M. R. V.; BARONAS, R. (orgs.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos, SP: Claraluz, 2001. (Coleção Olhares Oblíquos).

NEVES, L. M. W.; FERNANDES, R. R. Política neoliberal e educação superior. In: NEVES, Lúcia M. Wanderley. (Org.) **O empresariamento da educação**. São Paulo: Xamã, 2002.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, 2.ed., Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani *et. al.* Campinas, SP: Ed. da

## VARIAÇÃO LEXICAL NO ESTADO DO AMAPÁ

Josevaldo Ferreira - [jferreira1234@yahoo.com.br](mailto:jferreira1234@yahoo.com.br)  
Abdelhak Razky – [arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho apresenta os estudos relacionados a variação semântico-lexical no estado do Amapá. Seguindo o método da geografia linguística que é uma espécie de consórcio dos conhecimentos da sociolinguística, a qual leva em consideração aspectos alheios ao sistema lingüístico em suas análises, como idade, gênero e nível educacional do falante, com os conhecimentos da dialetologia, que é essencialmente diatópica e procura ilustrar por meios de mapas o comportamento lingüístico de uma determinada região, procurar-se-á traçar um panorama dos falares de cinco cidades do Amapá, a saber: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari e Oiapoque. O projeto ALAP ( Atlas Linguístico do Amapá) tem, contudo, o objetivo de coletar, descrever, analisar e comparar, por meio de mapas, dados de dez localidades do estado em questão, sendo que este projeto ocupar-se-á das cinco cidades mencionadas acima. Este trabalho terá como base para coleta de dados um questionário semântico-lexical com 202 questões e tal questionário segue o modelo do que é usado no Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

**PALAVRAS-CHAVES:** Variação, sociolinguística, dialetologia.

## LEXICAL VARIATION IN THE STATE OF AMAPÁ

Josevaldo Ferreira - [jferreira1234@yahoo.com.br](mailto:jferreira1234@yahoo.com.br)  
Abdelhak Razky – [arazky@gmail.com](mailto:arazky@gmail.com)

**ABSTRACT:** This Project presents the lexical-semantics variation in the state of Amapá. Following the geolinguistics method, which is a type of consortium of the knowledge produced by the sociolinguistics that in itself takes into consideration external aspects of the language such as age, gender and level of education to name but a few, with the knowledge produced by the dialectology, which is essentially diatopic and tries to show through maps, the linguistic production of a determined region, I will try to trace a view of the linguistic behavior in five cities from the state of Amapá: Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari e Oiapoque. the ALAP project (Which stands for Atlas Linguístico do Amapá) has, as the most important goal, the purpose to

collect, describe, analyze and compare, through maps, as stated above, data from ten different cities in the state of Amapá. This project, however, will be in charge of getting information from the five cities mentioned above in order to develop all the process to produce the results which it seeks, that is, an overview of the way of speaking from the state of Amapá. The collecting of data will be based on the lexical-semantics questionnaire which is made up of 202 questions and it follows the model of the one used by ALIB project.

**KEY-WORDS:** Variation, Sociolinguistics, Dialectology.

## INTRODUÇÃO

A modalidade falada da língua portuguesa no Brasil é extremamente diversificada em função da dimensão territorial, das diversas etnias e culturas presentes e, especificamente, no estado do Amapá, devido ao processo migratório, e em especial no município de Oiapoque, por ser fronteira com o território francês. Com isso, certamente temos uma heterogeneidade dialetal bastante atuante e significativa na região. Sabe-se que uma língua nunca se realiza de forma homogênea em um determinado local, sempre há fatores de ordem linguística e/ou extralinguística agindo e desencadeando a variação, o que nos leva à necessidade de sistematização desse falar para que possamos relacioná-lo aos outros falares do país e detectarmos suas peculiaridades. Dessa forma, nossa problemática consiste em evidenciar o perfil da língua portuguesa falada no estado amapaense, de forma sistemática e organizada.

Cardoso (2010) afirma que “a historia dos estudos dialetais vem demonstrando que a visão diatópica não tem estado desacompanhada da perspectiva social na construção de uma metodologia a ser seguida pela geolinguística”. Dessa forma, uma série de fatores externos à estrutura linguística, como idade, sexo, nível educacional, contexto de produção linguística etc. têm influência no comportamento linguístico dos falantes de uma dada região. Fazendo-se, assim, o consórcio dos pressupostos teóricos da sociolinguística que, entre outras coisas, procura estudar a relação da produção linguística do falante com fatores alheios ao sistema em si, conforme mencionado acima, com os pressupostos teóricos da dialetologia, considerada essencialmente diatópica e que procura coletar, descrever, analisar e comparar, por meio de mapas, o que está acontecendo com uma determinada língua, “seja pela identificação dos mesmos

fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2010, p. 45), pretende-se fazer um trabalho de pesquisa semântica-lexical nas cidades de Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari e Oiapoque. Desse modo, conforme aponta Cardoso:

“firma-se, assim, a geografia lingüística como método por excelência da dialetologia e vai se incumbir de recolher de forma sistemática o testemunho das diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados” (CARDOSO, 2010, p. 46).

O projeto ALAP está diretamente ligado ao movimento de mapeamento lingüístico no Brasil que se intensificou a partir do lançamento em 1996 do projeto Atl as lingüístico do Brasil –ALiB. Os diversos atlas regionais que surgiram depois demonstraram a necessidade de mapear todo o território nacional levando em consideração um rede de localidade mais ampla do que aquela prevista no ALiB para qualquer estado brasileiro. A concretização de um atlas regional numa região nunca mapeada de ponto de vista de sua diversidade no que diz respeito a língua materna, constitui uma contribuição importante para a geografia lingüística brasileira e para a sociolingüística. Espera-se conseguir informações que possam nos ajudar a compreender como se dá a relação dos falantes dessa área geográfica com o mundo que os cerca e que possam ser captados por meio da variação lexical usada por eles e mais primordialmente demonstrar essa variação com o uso de mapas que corroborem as conclusões tiradas. Segundo Cardoso, esse estudo é justificável na medida em que a “dialetologia é um ramo dos estudos lingüísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” ( CARDOSO, 2010 ).

. No caso específico desse trabalho, o mesmo justifica-se, ainda, como uma forma de contribuição para os estudos dialetológicos no Amapá, servindo, também, como base de consulta para pesquisadores, professores de língua portuguesa, alunos de graduação e pós-graduação das áreas de letras e interessados em geral na pesquisa do português falado na Amazônia, para a produção de trabalhos acadêmicos como monografias, trabalhos de conclusão de curso etc.

No Brasil, esse modelo de estudo dialetal, encontra-se em pleno desenvolvimento com a produção do *Atlas Linguístico do Brasil (AliB)*, que é um projeto de âmbito nacional. Contudo, além desse, já foram publicados outros atlas em níveis regionais, como: *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963); *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* (ZÁGARI, 1977); *Atlas Linguístico da Paraíba - ALPb* (ARAGÃO, 1984); *Atlas Linguístico de Sergipe* (ROSSI 1987); *Atlas Linguístico do Paraná - ALPr* (AGUILERA, 1994); *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS* (KOCH, 2002); *Atlas Linguístico de Sergipe II – ALSII* (CARDOSO, 2002); o *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004); e o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA 1.1* (RAZKY, 2004).

Para nortear a pesquisa que se pretende desenvolver neste trabalho, algumas obras literárias teóricas sobre o assunto foram de extrema importância para situar-nos em nossa proposta de pesquisa a qual se apoia na intersecção dos pressupostos teóricos da sociolinguística com os pressupostos teóricos da dialetologia. Conforme Elizaincín:

“Aun reconociendo esta desigualdad “epistemológica” digámoslo así, ambas, la geo- y la sociolingüística presentaban fuertes posibilidades de que sus cauces confluyeran en algún momento ya que la concepción general del lenguaje que ambas sustentan es, en el fondo, la misma, a saber, el lenguaje es un objeto móvil por definición, altamente sensible a la acción e influencia de factores externos que imponen modificaciones lingüísticas de mayor o menor relevancia o aceptación por parte de la comunidad usuaria de ese lenguaje” ( ELIZAINCIN, 2010, p.18 )

Além desse autor, Cardoso também compartilha a idéia de confluência das disciplinas acima mencionadas, pois, após um período em que os estudos dialetológicos deixaram fora de seus estudos os aspectos sociais, se preocupando basicamente com a delimitação diatópica dos fenômenos linguísticos (fenômenos lexicais a priori), a dialetologia incluiu em suas pesquisas fatores sociais considerados preponderantes para a diversidade linguística de uma determinada área geográfica. Diz a autora:

“estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo as considerações de

fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal” ( CARDOSO, 2010, p. 25)

Reitera-se, de qualquer forma, que a proposta desse trabalho é de cunho dialetal que busca observar a variação lexical nas localidades proposta acima.

## **OBJETIVOS**

### **a) Geral**

Coletar, descrever, analisar, e mapear a variação lexical de cinco localidades do estado do Amapá, mais especificamente nas cidades de Macapá, Santana, Mazagão, Laranjal do Jari e Oiapoque.

### **b) Específicos**

- Identificar a variação espacial ( diatópica ) e sócio- cultural ( diastrática ).
- Mapear a variação lexical que ocorre na fala dos informantes de cada uma das localidades pesquisadas;
- Confeccionar as cartas lexicais correspondentes aos dados coletados nas referidas localidades;
- Comparar os resultados obtidos, como a produtividade dos campos semânticos e as relações analógicas estabelecidas com o universo social, econômico, cultural, bem como o espaço geográfico nos quais os informantes estão inseridos.

## **METODOLOGIA**

Para a execução deste trabalho de pesquisa será necessário o deslocamento até as localidades onde os dados serão coletados. Pelo menos duas visitas as cidades onde os dados serão recolhidos serão necessárias, pois, entende-se que tal coleta pode despende bastante tempo, assim como gerar eventuais dúvidas em relação a algum aspecto da língua, que somente um retorno ao campo poderá dirimir. Então, far-se-á a seleção de



oito informantes na capital, Macapá, quatro com ensino fundamental e quatro com nível superior de educação, e nas quatro localidades restantes, serão selecionados quatro informantes com nível fundamental de educação, totalizando 24 informantes nas cinco cidades pesquisadas. O perfil desses informantes é de: 12 mulheres e 12 homens, distribuídos equitativamente em 1 homem e 1 mulher com faixa etária entre 19 a 33 anos e 1 homem e uma mulher com idade entre 50 a 70 anos.

Num primeiro momento, será feito o levantamento de leituras que dêem apoio teórico para a exequibilidade do projeto. Além disso, será feito um trabalho de pesquisa sobre cada uma das cidades estudadas, em relação à história de sua formação, de sua população, sobre sua economia etc. Fatos esses que podem ajudar na compreensão dos fenômenos linguísticos das mesmas.

Este trabalho terá como base para coleta de dados um questionário semântico-lexical com 202 questões. Tal questionário segue o modelo do que é usado no Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

Os dados serão registrados em fitas magnetofônicas de 60 minutos, totalizando 1440 minutos de informações acerca das variáveis lexicais. Finalmente, esses dados serão sistematizados em tabelas de acordo com os campos semânticos das variáveis diageracional, diafásica e diagenérica, conforme apontado acima. Além disso, os dados serão transcritos foneticamente segundo o alfabeto fonético internacional (IPA), para posteriormente se produzir os mapas linguísticos das regiões estudadas, mapas estes que serão solicitados do Laboratório de Análises Espaciais da (UFPA/NAEA) e que serão adaptados às necessidades específicas do projeto, usando-se o *software* editor de imagens Adobe Photoshop CS4 para este fim.

## **PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA**

Para a realização desta pesquisa serão realizados os seguintes passos:

- a) Integralização curricular das disciplinas obrigatórias e outras atividades obrigatórias pelo programa;
- b) Levantamento bibliográfico;



## REFERÊNCIAS

CALVET, Louis–Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marciolino. – São Paulo: Parábola, 2002

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo. Parábola editorial, 2010.

COSTA, Céliane Souza. **Variação lexical no nordeste do Pará**. (TCC- Universidade Federal do Pará), 2005.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y geolinguística: Nueva alianza em los estudios sobre el uso lingüístico. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, nº 41, Salvador. Programa de pós-graduação em língua e cultura, programa de pós graduação em literatura e cultura da universidade federal da Bahia, janeiro-junho. 2010.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Variação lexical em quatro municípios da mesorregião metropolitana de Belém**. (TCC – Universidade Federal do Pará), 2007.

MOLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação** – 3.ed., 1ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Arlon F. Carvalho. **Variação lexical e fonética na Ilha do Marajó**. Belém, 2003 (Texto Técnico-Científico).

RAZKY, Abdelhak (org). **Estudos geo-sociolinguísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003

\_\_\_\_\_. **Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará (AliSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

\_\_\_\_\_. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A Geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1999

RECTOR, Mônica. **A Linguagem da Juventude: uma pesquisa Geo-sociolinguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chellini *et alii*. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006, 280 p.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10ª. ed. – São Paulo: contexto, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

## ESTUDO PERCEPTUAL DO TOM COMO PISTA PROSÓDICA DE FRONTEIRA DISCURSIVA EM NARRATIVAS ORAIS ESPONTÂNEAS

Júlia Izabel Lopes PEREIRA - [julia@ufpa.br](mailto:julia@ufpa.br)

Regina Célia Fernandes CRUZ - regina @ufpa.br

**Resumo**= Este artigo trata de um experimento de percepção que investiga se a prosódia, mais especificamente a diferença de tom das palavras que compõem narrativas orais espontâneas, corpus de projetos, influencia o ouvinte para perceber mais efetivamente a estrutura do texto narrativo e ajuda na compreensão.

**Palavras-chave** = Prosódia, Percepção, Tom.

**Abstract:** This article is a perception experiment that investigates the prosody, specifically the difference in tone of the words that compose oral narratives spontaneous corpus projects, influences the listener to realize more effectively the structure of narrative text and aid in comprehension.

**Keywords:** Prosody, Perception, Tone.

### 1. Introdução

A palavra prosódia, segundo Coupe-Kuhlen (1986- apud Scarpa, 1999, p.7), foi usada pelos gregos para “designar o acento de tom ou melódico, isto é, os traços da fala não representados ortograficamente”. Pesquisas afirmam que a primeira vez em que se ouviu falar em “prosódia” foi na obra *República*, de Platão, para opor o conteúdo segmental (sucessão de vogal e consoante) às narrações imitativas semelhantes ao canto. ou em “sintonia com o canto Aí identifico uma justificativa para a seguinte origem da palavra: “prosódia origina-se da palavra bimorfêmica grega *pros-wdia* (*PROS*= em direção a, junto com; *WDIA*= canto)”. Ainda em consonância com a autora, outros fenômenos a que se convencionou chamar de prosódia, como parâmetros de altura, intensidade, duração vocálica, pausa, velocidade de fala e mais o estudo linguístico dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais só foram somados à significação melódica séculos depois. Hoje, já existem estudos que corroboram a hipótese de que a prosódia é regularmente usada para delimitar estruturas discursivas que constituem macrounidades coerentes em diferentes gêneros (Geluykens & Swerts, 1994; Grosz & Hirschberg, 1992; Passonneau & Litman, 1993). Todavia sabe-se que

estudos envolvendo aspectos prosódicos da fala devem considerar não apenas a produção, mas também a percepção de tal fenômeno. Nessa perspectiva perceptual, ainda são poucas as evidências.

Então, para ampliar tal estudo, este artigo, considerando o prisma perceptual, investiga a hipótese de que a prosódia ajuda o ouvinte a perceber mais efetivamente a estrutura do texto narrativo e, desta forma, ajuda-o a compreender melhor o texto (Oliveira Jr.,2000)<sup>37</sup>. Neste estudo, a pista prosódica considerada é o tom (*pitch reset*). Sendo assim, considero importante destacar o que diz Maia (2001, p.37) a respeito da relação entre tom e voz. Para a autora, “a voz é um tom complexo, ou seja, é composta simultaneamente de mais de um tom”. Apesar disso, a língua portuguesa não é uma língua tonal, ou seja, a variação de tom (nível de *pitch* ) não altera a significação das palavras nem as categorias gramaticais a que elas pertencem. Mas, por meio da diferença de tom (*pitch reset*), é possível investigar, com base em experimento perceptual, se um ouvinte não treinado beneficia-se, ou não, dessa pista prosódica para marcar fronteira discursiva em narrativas orais espontâneas. Vamos nos deter, portanto, na apresentação da análise em andamento e na sua descrição.

## **2. Informação sobre *pitch* e a relação com o trabalho**

*Pitch* é um termo de origem inglesa, conhecido, numa abordagem mais simples, como “a altura do som”. Neste trabalho, verificamos o *Get pitch* e o *Get maximum pitch*, (tom médio e tom máximo, respectivamente) de cada palavra que compõe as narrativas que formam o corpus desta pesquisa. Consultamos o *pitch* usando o Programa Praat<sup>38</sup>.

## **3. Métodos**

Os materiais usados durante este estudo foram um Netbook Microboard, um Teclado Maxprint, um fone de ouvido da marca Audio-Technica. O corpus da pesquisa é o mesmo usado em Oliveira Jr.(2000): quatro narrativas de quatro diferentes sujeitos: três mulheres e um homem, ainda estudantes de pós-graduação, à época, entre a faixa etária de 25 a 37 anos de idade. Os informantes pertenciam a diferentes regiões do Brasil: um do Nordeste, um do Centro-Oeste e dois do Sul. O objetivo das gravações não foi revelado a nenhum deles. Essas narrativas foram selecionadas de um corpus de *entrevistas*

<sup>37</sup> Projeto Percepção dos Elementos Prosódicos nas Narrativas Orais Espontâneas, ao qual se integra o Projeto Estudo Perceptual da Prosódia como Elemento Demarcador da Estrutura de Narrativas Orais Espontâneas 2012/2013.

<sup>38</sup> Ferramenta para a análise de voz, desenvolvida por Paul Boersma y David Weenink, do Institute of Phonetic Sciences, Universidade de Amsterdã.

*espontâneas* (Wolfson, 1979), durante as quais os participantes falavam livremente sobre qualquer tema, a partir de uma lista de 28 tópicos possíveis. Embora não tenha sido solicitado que os participantes contassem histórias, a maioria deles produziu naturalmente pelo menos uma narrativa durante as suas falas.

A mais longa narrativa selecionada teve uma duração de 114 segundos e a mais breve, 46 segundos. Quatro diferentes condições (C) foram apresentadas a cada narrativa. Na condição 1 (C1), houve apenas a transcrição ortográfica da narrativa, sem marca de pontuação e sem paragrafação. Na condição 2 (C2), foram apresentados simultaneamente a transcrição da narrativa e o áudio a que a transcrição se refere. Na condição 3 (C3), apenas o áudio da narrativa foi apresentado. Na condição 4 (C4), uma versão deslexicalizada da narrativa foi apresentada. Os informantes da pesquisa participaram de maneira voluntária, mediante convite informal, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará e fora dela. Para participar do estudo, havia as seguintes restrições: (i) a língua nativa (português); (ii) o grau de escolaridade (terceiro grau, completo ou incompleto) e (iii) a saúde auditiva (não reportar existência de qualquer tipo de distúrbio auditivo). Um total de 64 pessoas, de ambos os sexos, participou do estudo. As entrevistas foram realizadas na Universidade Federal do Pará ou na residência dos entrevistados.

Antes da entrevista, os voluntários leram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Ministério da Saúde e do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas<sup>39</sup>. Se confirmada a participação, algumas instruções gerais impressas acerca do experimento eram lidas e exemplos com narrativas segmentadas em partes constitutivas, com análise das prováveis intenções do falante, eram apresentados, havendo, ainda, uma narrativa na forma deslexicalizada (ininteligível) para ser ouvida, apenas para familiarização com o tipo da versão a ser usada na Condição 4. A tarefa de marcar fronteiras nas narrativas, depois dos vocábulos em que o participante julgasse ter havido intenção do falante em encerrar uma unidade comunicativa era livre. Não foi dada nenhuma definição para unidade comunicativa, cada voluntário fazia as suas marcações de maneira subjetiva.

Os participantes receberão quatro diferentes narrativas, em quatro diferentes condições (descritas acima). Eles terão que ouvir, ler, ou ler e ouvir cada uma das narrativas para

---

<sup>39</sup> O Projeto titular do experimento, *Percepção dos Elementos Prosódicos das Narrativas Oraís Espontâneas* (Oliveira Jr., 2000), é da UFAL.

segmentar de acordo com o julgamento que fizerem a respeito da intenção do falante de finalizar uma unidade comunicativa.

Nas condições C1 e C2, em que receberam uma transcrição da narrativa, os participantes farão a segmentação na transcrição, por meio de barras transversais (/). Nas condições C3 e C4, em que ouviram a narrativa, os participantes farão a segmentação simultaneamente à execução do áudio, pressionando a tecla *Enter* de um teclado diferente do do *netbook*<sup>40</sup>. As respostas a essas duas condições foram registradas no aplicativo computacional ELAN<sup>41</sup>. Os estímulos foram escolhidos semialeatoriamente: cada uma das quatro narrativas que compõem o corpus do estudo, em diferentes condições experimentais, apareceu pelo menos quatro vezes em cada ordem de apresentação (4 narrativas x 4 condições x 4 ordens = 64 grupos de apresentação únicos).

As entrevistas foram separadas em blocos de Narrativas (N1, N2, N3 e N4) e de Condição (C1, C2, C3 e C4), por exemplo, a Narrativa 1 teve dezesseis informantes na Condição 1; mais dezesseis, na Condição 2; dezesseis, na Condição 3 e mais dezesseis, na Condição 4, totalizando sessenta e quatro informantes por Narrativa. O mesmo procedimento aconteceu com as Narrativas 2, 3 e 4. Nas Condições 1 e 2, os registros dos informantes foram contados nas narrativas impressas, já nas Condições 3 e 4, as segmentações foram conferidas por meio da gravação do experimento no Programa ELAN, sendo necessário ouvir repetidas vezes cada narrativa, sobretudo a que se encontrava na versão filtrada (Condição 4) para se certificar em que final de palavra houve a marcação de fronteira.

Como a pesquisa investiga se a diferença de tom é uma pista prosódica influente, quanto ao aspecto perceptual, para delimitar estruturas discursivas em macrounidades coerentes, o Programa Praat foi consultado para se verificar o *Get Pitch (Tom Médio)* e o *Get Maximum Pitch (Tom Máximo)* de cada vocábulo que constitui as Narrativas 1, 2, 3 e 4.

Conferências concluídas, os resultados foram lançados em planilhas do Programa Excel, primeiramente, para especificar o total de registros nas palavras consideradas fronteira pelos informantes. Em outra planilha, foram lançados os números referentes aos tons médio e máximo (*Get Pitch* e *Get Maximum Pitch*, respectivamente) de cada palavra

<sup>40</sup> O procedimento evitava que os participantes tivessem acesso à imagem da tela, portanto, as marcações eram feitas somente com base no áudio.

<sup>41</sup> O ELAN é um aplicativo computacional desenvolvido pelo Max Planck Institute for Psycholinguistics: <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/élan/>



das narrativas que compõem o corpus deste trabalho, a fim de registrar a diferença de tom entre uma palavra da narrativa e sua subsequente.

Uma análise acústica será realizada para registrar no Praat a diferença de tom das palavras selecionadas como fronteira pelos voluntários do experimento. Será ainda observado se outra pista prosódica, por exemplo, a pausa, também ocorre na fronteira marcada.

### 3. O tom como pista prosódica para delimitar estrutura discursiva de narrativas orais espontâneas- Análise em andamento

Recentemente, estudos apontaram que as pessoas concordam significativamente para delimitar fronteira em narrativas orais espontâneas, com base somente na intenção do falante, como também demonstraram que a prosódia desempenha papel importante no aspecto perceptual da estrutura da narrativa (Silva & Oliveira, 2011).

Para ampliar esses estudos e ratificar a importância da prosódia nesse processo, a diferença de tom está sendo pesquisada para verificar qual o papel dessa pista prosódica, quanto à percepção dos participantes, na delimitação de fronteira em narrativas orais espontâneas.

Nesta fase, a diferença de tom de todas as palavras das narrativas já foi identificada e registrada em tabelas do Programa Excel, como a do exemplo abaixo:

Análise do Tom			Narrativas					
Texto	Tom médio	Tom máximo	# Tom Máx	# Tom Méd	N4_01	N4_02	N4_03	N4_04
acidentes	278	334	0	0	5	1	0	0
aconteceu	264	321	13	14	2	1	0	0
um	221	223	98	43	0	0	0	0
acidente	202	239	-16	19	6	5	0	0
mas	204	233	6	-2	0	0	1	0
eu	199	218	15	5	0	0	0	0
não	198	203	15	1	0	0	0	0
lembro	190	227	-24	8	7	1	0	0
eu	177	188	39	13	0	0	0	0
tinha	199	228	-40	-22	0	0	1	0
dois	196	217	11	3	0	1	0	0
anos	290	499	-282	-94	7	8	7	7
e	209	401	98	81	0	1	1	2
por	213	231	170	-4	0	0	0	0
algum	216	233	-2	-3	0	0	0	0

Tabela 1- Tabela usada para comparar dados da pesquisa

O *pitch reset* (diferença de tom) será analisado acusticamente (Programa Praat) na segmentação feita pelos participantes do experimento perceptual para se certificar de que o tom da palavra selecionada como fronteira influenciou na escolha.

#### 4. Resultados Esperados

Depois de concluída a análise da diferença de tom como pista prosódica relevante na segmentação das narrativas, sob o aspecto perceptual, espera-se confirmar a hipótese central do Projeto Estudo Perceptual da Prosódia como Elemento Demarcador da Estrutura de Narrativas Oraís Espontâneas: “a prosódia facilita o ouvinte a perceber mais efetivamente a estrutura do texto narrativo, o que obviamente acarreta numa melhor compreensão do discurso como um todo”. Se confirmada essa hipótese, validaremos a ideia, parcialmente testada (Oliveira Jr. 2000), de que a prosódia exerce papel influente na estruturação do discurso narrativo.

#### 5. Considerações Finais

**Estudos direcionados à investigação da funcionalidade das pistas prosódicas na demarcação da estrutura de narrativas oraís espontâneas ajudam-nos a compreender não só o papel dos fenômenos prosódicos na segmentação de narrativas, mas também o sentido do texto todo, uma vez que usuários da língua, tendo domínio de alguns aspectos prosódicos empregados no português brasileiro, beneficiam-se com este conhecimento.**

Outras pistas prosódicas, como a pausa, a velocidade da fala, também podem preencher os espaços ainda existentes em torno deste assunto.

#### 6. Referências

- GELUYKENS, R.; SWERTS, M. Prosodic cues to discourse boundaries in experimental dialogues. *Speech Communication*, v. 15, 1994.
- GROSZ, B.; HIRSCHBERG, J. Some intonational characteristics of discourse structure. In: PROCEEDINGS OF THE INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPOKEN LANGUAGE PROCESSING, 1992.
- OLIVEIRA JR., Miguel. *Projeto de Pesquisa Percepção dos Elementos Prosódicos nas Narrativas Oraís Espontâneas*, 2000.
- PASSONNEAU, R. J.; LITMAN, D. J. Intention-based segmentation: Human reliability and correlation with linguistic cues. In: PROCEEDINGS OF THE 31ST ANNUAL MEETING OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS (ACL-93), 1993.
- SCARPA, E. M. (Org.) *Estudos de prosódia*. Campinas, SP: Unicamp, 1999.

## A CONSTITUIÇÃO DAS “DISCIPLINAS” DE METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA (MELP) NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM LETRAS

Laura Viviani dos Santos BORMANN (lvbormann@yahoo.com.br)  
Prof. Dr. Thomas Massao FAIRCHILD (tmfairch@yahoo.com.br)

**RESUMO:** A presente pesquisa pretende desenvolver uma discussão acerca da formação inicial de professores de Licenciatura em Letras. A crise pela qual passa a educação no Brasil hoje afeta a universidade brasileira e tem reflexos diretos sobre a qualidade da educação básica, na medida em que deveria constituir centro de formação, reflexão e produção de conhecimento para a escola. Os problemas que a universidade encara, especificamente no tocante às licenciaturas, têm raízes muito mais complexas do que a formulação de metas quantitativas para a formação inicial de professores ou para a alocação de recursos financeiros. Logo, é importante (e necessário) que se conheça melhor a constituição dos cursos de licenciatura que estão formando os professores contemporâneos. Dessa forma, a pesquisa proposta tem como objetivo investigar, em instituições de ensino superior de Belém-Pa (uma pública e uma privada), a constituição das “disciplinas” de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa - MELP, aquelas voltadas para a prática de ensino. Para tanto, nos fundamentaremos em conceitos da Análise do Discurso de linha francesa. Analisaremos dados coletados em pesquisa documental (Projeto Pedagógico do Curso, Ementas, Planos de ensino e Material didático) e pesquisa de campo (observação em sala de aula, anotações de alunos e diário de campo), com o intuito de verificar quais elementos de disciplinas, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 1996), se fazem presentes na constituição das atividades curriculares MELP desses currículos de Cursos de Licenciatura em Letras. Os dados de quatro disciplinas serão analisados a fim de identificar que objetos, métodos, proposições, definições e instrumentos são reconhecidos e de que maneira relacionam-se.

Palavras-chave: Formação de professores, Disciplina, Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa.

### INTRODUÇÃO

A crise pela qual passa a educação no Brasil hoje afeta a universidade brasileira e tem reflexos diretos sobre a qualidade da educação básica, na medida em que deveria constituir centro de formação, reflexão e produção de conhecimento para a escola. Os problemas que a universidade encara, especificamente no tocante às licenciaturas, têm raízes muito mais complexas do que a formulação de metas quantitativas para a formação inicial de professores ou para a alocação de recursos financeiros. Logo, é

importante (e necessário) que se conheça melhor a constituição dos cursos de licenciatura que estão formando os professores contemporâneos.

Dessa forma, a pesquisa ora proposta tem como objetivo investigar, em instituições de ensino superior de Belém-Pa, a constituição das disciplinas de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (doravante MELP). Para tanto, será fundamentada a partir dos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa. Iremos nos ocupar em analisar alguns dados já coletados em uma de duas instituições a serem pesquisadas na região metropolitana de Belém (uma pública e uma privada), com o intuito de verificar quais elementos de disciplinas, no sentido foucaultiano (FOUCAULT, 1996), se fazem presentes na constituição das atividades curriculares MELP do currículo nos Cursos de Licenciatura em Letras. Ementas e materiais didáticos de três disciplinas são analisados a fim de identificar que *objetos, métodos, proposições, definições/conceitos* são reconhecidos.

O presente artigo está dividido em quatro partes: apresentação do projeto de pesquisa de minha dissertação; discussão dos conceitos que servirão de base para a análise do corpus; exposição e análise dos dados recortados para este artigo.

## 1 - O PROJETO

Para iniciarmos a apresentação de nosso projeto de pesquisa da dissertação, vale salientar que o mesmo é fruto de reflexões já principiadas no seio de um projeto maior: *O Desafio de Ensinar a Leitura e a Escrita no Contexto do Ensino Fundamental de Nove Anos e da Inserção do Laptop na Escola Pública*. Tal projeto engloba a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a Universidade Federal do Pará e possui duas grandes áreas de investigação: Séries iniciais e Formação de professores. O primeiro eixo trabalha com as dificuldades de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I (séries iniciais), considerando-se a heterogeneidade que é característica das salas de aula brasileiras. O segundo, no qual nos encaixamos, visa à formação linguístico-pedagógica dos profissionais que atuam nesses contextos. O intuito é analisar documentos referentes à organização de cursos de Pedagogia e Letras (projetos pedagógicos, planos de ensino, ementas etc.) e registrar práticas de ensino em disciplinas pedagógicas desses cursos.

O ponto de vista que agrega os dois eixos é a percepção de que a formação inicial de professores nas Licenciaturas é um dos fatores determinantes na qualidade do ensino.

Sendo assim, verificam-se como as avaliações governamentais, a situação escolar dos alunos e outros diagnósticos, bem como bibliografia pertinente, são incorporados aos programas de disciplinas das licenciaturas, em especial aquelas que reúnem os conhecimentos da área de Linguagens com aquelas do campo do Ensino. A proposta é refletir sobre condições concretas que permitam aproximar os cursos e disciplinas das demandas mais cruciais evidenciadas pelas avaliações nacionais da educação brasileira, incluindo sua atualização tecnológica.

A partir dessas reflexões, nasce o nosso projeto de dissertação, que tem como alvo as atividades curriculares de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa – MELP, que se constituem como “disciplinas” que trabalham diretamente com a formação do professor, denominadas de “estágio supervisionado”, “práticas de ensino”, “atividades práticas de docência”, “ensino aprendizagem da Língua Portuguesa”, dentre outras designações.

Intitulado de *A Constituição das “Disciplinas” de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (MELP) em Cursos de Licenciatura em Letras*, temos como objetivo geral verificar quais disciplinas se fazem presentes na constituição das atividades curriculares MELP do currículo dos Cursos de Licenciatura em Letras. O termo disciplina trazido no título irá permear toda a pesquisa e remete à concepção de Michel Foucault, apresentada em sua obra *A Ordem do Discurso* (1970). Sobre tal conceito falaremos posteriormente.

Traçamos como objetivos específicos os seguintes pontos:

- Determinar quais, quantas e como se distribuem as atividades curriculares MELP no currículo dos Cursos de Licenciatura em Letras de três Instituições de Ensino Superior de Belém do Pará, a partir da análise dos Projetos Políticos dos Cursos;
- Situar que disciplinas, ou elementos dessas disciplinas (aqui, no sentido Foucaultiano), são perceptíveis dentro das atividades curriculares MELP, no que diz respeito aos documentos e em sala de aula;
- Analisar como se relacionam essas disciplinas dentro das atividades curriculares de MELP.

Para alcançarmos os devidos fins, faremos uma pesquisa de cunho Etnográfico a qual “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia em suas diversas modalidades.” (SEVERINO, 2007, p.119). Nosso cronograma inclui a análise documental, coleta dos Projetos Pedagógicos dos Cursos, ementas, planos de ensino e material didático de algumas disciplinas e, concomitantemente, a pesquisa de campo, observando aulas MELP em sala e produzindo diários de campo. A leitura de

documentos oficiais, como resoluções do Conselho Nacional de Educação e Ministério da Educação, que regem a vida dos cursos de graduação também será feita, e se preciso for, outros documentos internos das instituições, a fim de visualizarmos todo o contexto em que estão inseridos os cursos de Licenciatura em Letras pesquisados: dois de instituições públicas e um de instituição privada; todos localizados na região metropolitana de Belém.

## 2 – CONCEITOS PERTINENTES

Nesta seção apresentaremos alguns conceitos fundamentais que são a chave para a investigação da pesquisa de dissertação, os quais serão utilizados nas análises. Nossa base está na **Análise do Discurso**, iniciada na França no final da década de 60, no auge do Estruturalismo. Sobre sua origem, Maria Cristina Ferreira afirma:

Do ponto de vista político, a Análise do Discurso (AD) nasce, assim, na perspectiva de uma intervenção, de uma ação transformadora, que visa combater o excessivo formalismo linguístico então vigente, visto como uma nova facção de tipo burguês. Ao lado dessa tendência revolucionária, a AD busca desautomatizar a relação com a linguagem, donde sua relação crítica com a linguística. A rigor, o que a AD faz de mais corrosivo é abrir um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. (FERREIRA, 2004, p. 40)

É nesse “campo de questões” que estamos ancorados, e queremos, com os postulados da AD de Michel Foucault, adentrar os motes dos currículos dos cursos de Letras, especificamente as MELP, investigando a formação dessas “disciplinas” e desvendando os caminhos traçados – os saberes e os poderes. Para Foucault (1987, p. 124), **discurso** designa o “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar de discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico”. E esse sistema de formação é denominado também de **Formação Discursiva (FD)**, que por sua vez, foi um conceito esboçado pelo autor na tentativa de traçar uma regularidade dos enunciados e, após um longo percurso de hipóteses que não se sustentavam, ele pode afirmar:

Mais do que buscar a permanência dos temas, das imagens e das opiniões através do tempo, mais do que retrair a dialética de seus

conflitos para individualizar conjuntos enunciativos, não poderíamos demarcar a dispersão dos pontos de escolha e definir, antes de qualquer opção, de qualquer preferência temática, um campo de possibilidades estratégicas? [...] No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convicção que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1987, p.42-43)

A FD não é algo fechado em si, há constantemente processos interdiscursivos acontecendo e que, verdadeiramente, a constituem, são sua essência. Para a pesquisa em questão, interessa-nos, além do conceito de discurso e FD, outro, bem específico, trazido pelo estudioso em sua obra *A ordem do discurso* (1996), é o conceito de **disciplina**. A hipótese apresentada na referida obra é a de que a produção dos discursos na sociedade é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (p.9). Como forma de ratificar a teoria, o autor traz os procedimentos que regem o exercício coercitivo dos discursos, dividindo-os em exteriores e internos. Procedimentos exteriores são da ordem da exclusão, põem jogo o poder e o desejo: Interdição, Separação / Rejeição, Vontade de Verdade. Os procedimentos internos de controle e delimitação do discurso, por sua vez, são: Comentário, Autoria e Disciplinas. Neste último é que se sustentará nossa inquirição; é o ponto de partida de nossa pesquisa e nos movimenta para o campo de “criação dos discursos”, sem deixar de ser princípio de coerção. Foucault diferencia os três procedimentos internos explicando ser a disciplina um espaço de produção discursiva:

A organização das disciplinas se opõe tanto ao princípio do comentário como ao do autor. Ao do autor, visto que uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor. Mas o princípio da disciplina se opõe também ao do comentário: em uma disciplina, diferentemente do comentário, o que é suposto no ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, nem uma identidade que deve ser repetida; é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados.

Para que haja disciplina é preciso, pois, que haja possibilidade de formular, e de formular indefinidamente, proposições novas. Mas há

mais; e há mais, sem dúvida, para que haja menos: uma disciplina não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa; não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade. [...] Há mais ainda: para pertencer a uma disciplina uma proposição deve poder inscrever-se em certo horizonte teórico [...]. (Foucault 1986, p.30-31).

Em nossa pesquisa olharemos os dados buscando as peculiaridades das disciplinas presentes nas atividades curriculares MELP. Que *objetos, métodos, proposições, definições/conceitos* estão presentes e que constituem tais atividades, podendo vir a construir-lhes uma especificidade ou apenas possibilitar a enumeração das disciplinas ali presentes. Durante algumas observações, leitura de material a respeito da temática e acompanhando pesquisas já empreendidas neste campo, nossos passos, no presente trabalho, serão trilhados com o intuito de responder a seguinte questão: *Que objetos, métodos, proposições e definições/conceitos conseguimos reconhecer nos materiais didáticos e ementas?* A próxima seção ocupará-se da apresentação e análise dos dados que são uma amostra da pesquisa de dissertação.

### 3 – EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Durante o segundo semestre de 2012, fizemos o primeiro contato com uma das Instituições Privadas de Ensino Superior – IES que possuem curso de Licenciatura em Letras na região Metropolitana de Belém e iniciamos o processo de coleta de dados. Fizemos, primeiramente, a leitura do Projeto Pedagógico do Curso, posteriormente, com a leitura e conhecimento da grade curricular do curso, elegemos três disciplinas, a saber: Prática Interativa em Sala de Aula, Estudos de Linguagem I e Estudos de Linguagem IV. A escolha se deu, dentro outros motivos, pela curiosidade em desvendar como a carga-horária de prática estava sendo trabalhada dentro delas, visto que, em cada uma das disciplinas de todos os semestres do curso de Licenciatura em Letras desta instituição, há carga-horária destinada ou à “prática de ensino” (estágio) ou à “carga-horária prática”, além é claro, da “carga-horária teórica”, e também, por acreditarmos que eram disciplinas que tratavam de metodologia de ensino. O alvo das análises são os elementos que constituem as disciplinas, num sentido foucaultiano, como já explicitado anteriormente: *objetos, métodos, proposições, definições/conceitos*. Fizemos o levantamento das **ementas** das referidas disciplinas e de seus respectivos **planos de**



**curso**, fomos à sala de aula durante todo o semestre e coletamos o **material didático** usado pelos docentes com os alunos. Eis os dados que temos para serem analisados neste primeiro momento. Posteriormente o procedimento será repetido na outra IES envolvida.

Iniciaremos com a análise da disciplina Prática Interativa em Sala de Aula, ministrada no segundo semestre do curso, tem uma carga-horária de 40h, sendo 20h para a teoria e 20h para a prática, sobre a qual temos ementa e uma apostila organizada pelo professor, com aproximadamente 40 páginas e que foi o único material usado durante todo o semestre. A ementa da disciplina é a seguinte:

Ementa: As diferentes formas de ensino como planos de organização e processos de interação. Identificação e análise de estratégias de ensino e de natureza dos conteúdos. O aprendizado em sala de aula como esforço cooperativo entre professor e aluno. A conversação. Os turnos conversacionais. O sistema de troca de turnos em sala de aula. Os marcadores conversacionais. Elementos de análise conversacional.

Ao encontrarmos a expressão “formas de ensino” e “estratégias de ensino” percebemos que podemos incluí-la, instantaneamente, na relação de disciplinas de metodologia do ensino de línguas. Pressupomos, a partir do primeiro trecho da ementa e do nome que é dado à disciplina, que ela proporcionará uma reflexão sobre métodos de ensino (*objeto*), elucidará como os futuros professores poderão trabalhar em sala de aula e encontrar estratégias de acordo com os objetivos e conteúdos pretendidos. Entretanto, ao lermos a continuidade da ementa percebemos outros elementos (*objetos*) que nos deixam em dúvida quanto a essa perspectiva, pois a disciplina propõe-se também a estudar “a conversação”, “os turnos conversacionais”, “os marcadores”, “a análise conversacional”, que só poderão ser tomados como elementos próximos a uma metodologia de ensino com a leitura do material didático e observação das aulas.

Sendo assim, partimos aos elementos encontrados no “apostilão” utilizado pelo professor como base para as aulas. Nele há conceitos (*definições*) de aprendizagem de autores como Piaget, Skinner e Gagné que nos colocam no campo da relação entre aluno-professor-conteúdo (este último tratado no material como “assunto”). Elementos da Comunicação (*objeto*) também são encontrados, quando temos em um dos tópicos o título “A Importância da Comunicação nas Práticas Interativas” e a seguinte afirmação: “O professor, o futuro professor, os educadores, os funcionários de qualquer instituição educacional têm como função principal estabelecer um sistema de comunicação, para o sucesso de suas práticas interativas e interação social, bem como conhecer como

funciona o processo comunicativo.” (Prática Interativa em Sala de Aula, 2012, p.8). A partir daí percebemos que toda a apostila é uma reunião de *objetos*, *definições*, *proposições* de diversas disciplinas como Filosofia, Psicologia, Sociologia, Tecnologia, dentre outras e que não são (ou são pouco) relacionadas ao ensino.

Supomos que um motivo disto é que a disciplina encontra-se no segundo semestre do que é chamado na instituição de “eixo ou núcleo comum”, período que corresponde ao primeiro ano, ministrado para todos os cursos de formação de professor (História, Geografia, Pedagogia e Letras). Os alunos compõem uma única turma e durante um ano estudam “disciplinas comuns”, que visam integrar os conhecimentos, daí talvez a disciplina Prática Interativa em Sala de Aula não caracterizar uma MELP. É um conglomerado de “disciplinas”, no sentido Foucaultiano, porém, não está vinculada à área de nosso interesse, o ensino de língua. Não de maneira direta. Até onde nossa análise pode alcançar, a conclusão a que chegamos é que esta disciplina ficará em suspenso em nossa pesquisa, por suas características mais notórias aqui já elencadas.

A segunda disciplina a ser analisada, intitulada Estudos de Linguagem I, ministrada no terceiro semestre do curso, tem uma carga-horária de 100h, destas, 70h de teoria, 10h de prática e 20h de prática de ensino, foi observada durante um semestre, principalmente, por conter uma carga horária de prática de ensino na grade curricular. É uma disciplina que introduz os estudos da Língua Portuguesa, apresentando aspectos de sua origem e desenvolvimento. Deste o início suspeitamos de sua inclusão no quadro das MELP, porém, nossa hipótese só seria confirmada se acompanhássemos todo o trajeto da turma. Assim sendo, foi confirmada nossa hipótese, a disciplina deste sua ementa apresenta *objetos* como: “história” e “gramática” da língua latina, a evolução desta até a chegada à língua portuguesa.

Há duas apostilas maiores usadas durante a disciplina e algumas menores distribuídas aos alunos nas aulas, como também exercícios de fixação (aqueles cujo objetivo são a memorização do conteúdo, longe de uma reflexão sobre ele); os quais podem constituir um *método*, porém, no momento, não sabemos relacioná-lo a uma disciplina específica. Nestes materiais temos *proposições* e *objetos* pertencentes a disciplinas variadas como: Filologia, Linguística Comparativa, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Lexicologia.

A ementa focaliza a história e desenvolvimento da língua portuguesa, porém, com o aparecimento de um tópico nomeado “os neologismos como informação e criatividade” dá um “salto”, o que pode aparentar uma tentativa de aproximação com o ensino, porém ao confrontar com o material não encontramos indícios fortes disso, pois trata de

questões distintas. Mais uma vez parece que não temos MELP, é um trabalho que se debruça sobre a teoria. A grande questão, é que dentro do currículo da instituição pesquisada não encontramos uma única disciplina que vise exclusivamente metodologias de ensino de língua portuguesa – todas têm carga horária teórica e prática (algumas explicitamente “prática de ensino”). É um modelo de organização curricular bem diferente do encontrado em outras IES. A proposta da instituição, como o próprio Projeto Político do Curso (p. 25). comprova em suas Linhas metodológicas é “orientar-se-á por uma metodologia que privilegia a aplicação prática concomitante aos fundamentos teóricos [...] o aluno terá contato tanto com aspectos teóricos quanto práticos de cada uma das línguas estudadas e suas respectivas literaturas”. No PPC da instituição percebemos que há um caminhar no sentido de uma aproximação cada vez maior da teoria com a prática, não as dissociando ou dando lugares distintos. Será uma “maré” a que estão sujeitas as demais IES? Pode ser o início de um movimento que modificará a maneira de organização dos currículos das Licenciaturas em Letras?

Estudos de Linguagem IV é o nome da terceira disciplina a que nos vamos deter, ministrada para os alunos concluintes do curso, com carga-horária de 100h, sendo 80h de teoria e 20h de prática de ensino. A ementa da disciplina nos remete a *objetos* pertencentes a disciplinas como Linguística Textual, Semântica, Gramática, como podemos verificar:

Ementa: Mecanismos sintáticos e semânticos para a produção do sentido. As marcas linguísticas da argumentação. As atividades linguísticas em situação e condições específicas e situadas. O sentido em enunciados em contexto. As funções e valores dos movimentos, das cores, dos espaços, do tempo na construção das significações.

A ementa parece nos apresentar uma lista de *objetos*, de disciplinas variadas, é marcada pela *proposição* implícita “é preciso ensinar a língua em uso, não apenas no plano formal”. E essa proposição é confirmada ao olharmos para alguns textos que circularam na disciplina durante o semestre como o texto “Interfaces entre a linguística e a gramática no ensino de língua portuguesa<sup>42</sup>”, que contrapõe análise gramatical e análise textual. O que percebemos é que o *método* usado é este, mostrar como a análise gramatical é limitada, e como a análise “pragmática” é mais adequada. No artigo “Os

---

42 SILVA, Elisabeth, GURPILHARES, Marlene. Interfaces entre a linguística e a gramática no ensino de língua portuguesa. In: CASTRO, Solange T. Ricardo de e SILVA, Elisabeth Ramos (Org.) **Formação do profissional docente: Contribuições de pesquisas em linguística Aplicada**. Taubaté: Cabral, 2006, p. 47-71.

sentidos do texto: considerações iniciais<sup>43</sup>”, o *objeto* aparece é o “texto”, mas o texto da disciplina Linguística Textual, definido pelas “marcas de textualidade”. Objeto que aparenta estar relacionado com a primeira frase da ementa “mecanismos sintáticos e semânticos para a produção de sentido”. Alguns exercícios entregues pelo docente à turma confirmam o trabalho com tal objeto. Já outros exercícios objetivam criticar atividades de livros didáticos a partir dos conceitos de determinada teoria, mas isso não constitui um *método* de uma disciplina específica. Seria este um método da própria MELP? Em sua maioria, os textos trabalhados em sala evidenciam um pertencimento disciplinar mais claro com a Linguística Textual e outros que já são textos de “ensino de língua”, de certa maneira vagos, que não desenvolvem conceitos com muita clareza, mas parecem usar esse “método” de comparação: teoria X é melhor para trabalhar em sala de aula. O objetivo de preparar os futuros professores para o desenvolvimento de sua prática fica mais visível nesta disciplina, entretanto ela não os leva à uma prática propriamente dita. O que fazem é ler e analisar textos, discutir sobre métodos mais apropriados de ensino.

O desafio que se apresenta a nós na leitura desses dados é a diversificação que encontramos na composição das disciplinas do currículo, processo que faz do campo algo híbrido. Não há uma regularidade quanto à organização da grade do curso de Licenciatura em Letras. As IES são exigidas quanto à regulamentação de carga horária, obrigatoriedade do estágio – que significa colocar o graduando em contato com o campo em que irá atuar antes mesmo de formado – porém, as disciplinas e os conteúdos são exclusivamente de responsabilidade de cada instituição, e em certos momentos, seriam também de responsabilidade do próprio professor? Cada uma organiza de acordo com o que acredita ser pertinente para a formação de seus alunos, para a formação de um professor de língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, objetivamos expor as primeiras análises dos dados de nossa dissertação. Foi um exercício de olhar atentamente para os objetivos da pesquisa, delimitar o corpus a ser analisado e definir conceitos pertinentes para a análise. Após apresentar nossa

---

43 PAULO, Lucineide Lima de. **Em Teu Seio, Ó Liberdade: A Intertextualidade Como Fator De Coerência Em Textos Publicitários**. In: FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (FELIN): Língua Portuguesa, educação e mudança, IX, 2007. Rio de Janeiro (UNISUAM e UFF). Anais publicado em <http://www.filologia.org.br/ixfelin/>.

proposta, discutir sobre os conceitos importantes e esboçar uma análise, sabemos que muito caminho ainda há até a confirmação das hipóteses e resolução das questões de pesquisa, porém o que mais aproveitamos foi o aprendizado sobre a maneira como precisamos olhar os dados. Eles, de maneira alguma, são soberanos ou suficientes; constituem-se um recorte que podem ou não nos ajudar para encontrar respostas e ainda mais, têm o poder de fazer aparecer mais dúvidas. A partir da ótica da *Interação Verbal*, podemos pensar nos dados como linguagem, e esta é fundadora de ação. Na teoria do “agir comunicacional” postulada por Habermas (1987, *apud* BRONCKART, 2006) a linguagem é “uma produção específica por meio da qual os humanos constroem conjuntamente as coordenadas formais dos mundos”, as quais tornam possível avaliarmos as interações em curso, e fazem destas interações uma “atividade unificadora de ações significantes” (p.74).

A comunicação humana diferencia-se da dos animais pela relação que estabelece entre os sinais emitidos e os acontecimento do mundo, e é neste ponto que nossos dados são interessantes, no sentido de colocarem-se como possibilidade de respostas aos questionamentos, visto que em sua relação com o contexto específico da pesquisa, significam. A produção languageira permite modificar as representações particulares de mundo em representações compartilhadas por outros, é um processo de interação. Tudo isso constrói o próprio movimento científico, faz evoluir conceitos, métodos e modificar objetos dentro das variadas disciplinas que organizam a história do pensamento humano. Nessas bases é que nossa pesquisa assenta-se e pretende contribuir para o ensino aprendizagem da Língua Portuguesa.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 59-91.

EUFRÁSIO, D. **Traços das formações discursivas do dogma e da investigação em relatórios de pesquisa e de estágio: Reflexões sobre o papel da pesquisa na formação docente**. 2007. 196F. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.

FERREIRA, M. C. L. **O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo**. In: Revista Letras. UFSM. Edição 27. Out/2004. p. 39-46.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, A. P.; BARZOTTO, V.H.; SAMPAIO, M.L.P. (orgs). **Formação de professor de língua portuguesa: quando a linguagem e o ensino se encontram**. Editora Paulista, São Paulo, 2010.

## OS DISCURSOS DAS PRÁTICAS DOCENTES NA ALFABETIZAÇÃO: APRENDIZAGEM, ENSINO E CULTURAS

Autora: Lorena Bischoff Trescastro – [lbtrescastro@hotmail.com](mailto:lbtrescastro@hotmail.com)  
Orientadora: Laura Maria Silva Araujo Alves – [laura\\_alves@uol.com.br](mailto:laura_alves@uol.com.br)

**RESUMO:** Pretende-se analisar os discursos sobre as práticas docentes na alfabetização, focalizando aprendizagem, ensino e culturas. Descreve o interesse pelo objeto, apresenta a linguística como campo teórico e metodológico da investigação e discute estudos sobre as práticas de alfabetização.

**Palavras-Chave:** alfabetização, discurso, práticas docentes.

**ABSTRACT:** Is intended to analyze the discourse on the teaching practices in literacy, focusing on learning, teaching and cultures. Describes interest in the subject, presents linguistics as a theoretical and methodological research and discusses studies of literacy practices.

**Keywords:** Literacy, discourse, teaching practices

### Introdução

Este artigo apresenta as ideias norteadoras do projeto de pesquisa sobre os discursos das práticas docentes na alfabetização, ligada à linha de pesquisa: ensino-aprendizagem de línguas e culturas: modelos e ações, do Programa de Pós-graduação em Letras, na área de Linguística, da UFPA. O interesse pela investigação, deste tema, se deu a partir da análise do discurso de alfabetizadores, mais precisamente de formulações escritas de questionamentos docentes sobre o que os professores em situação de formação em serviço queriam saber sobre as práticas de alfabetização.

De acordo com Maingueneau, (2008, p. 15), “entenderemos por discurso uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Conhecer os discursos das práticas docentes na alfabetização, produzidos no contexto da formação continuada, pode fornecer indicadores para subsidiar ações da formação continuada de professores, à medida que os resultados da análise podem favorecer a aproximação do contexto da formação à realidade das práticas docentes em sala de aula.

Sendo esta pesquisa sobre os discursos das práticas docentes na alfabetização, é na

Linguística que se pretende encontrar o escopo teórico e metodológico para a investigação. Isso porque, tratando-se de alfabetização, é da aprendizagem da língua que se está estudando, e dos discursos docentes, produzidos em uma determinada situação enunciativa pelos professores em interação com os objetos e sujeitos da formação continuada da qual participam, que se pretende tomar de objetos de estudo.

A metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, será desenvolvida mediante: pesquisa bibliográfica e documental do material de estudo da formação, entrevista com professores alfabetizadores e observação de suas intervenções em sala de aula. Tal escolha se justifica porque, numa abordagem qualitativa, “as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 12).

É objetivo do estudo, no decorrer de três anos, analisar os discursos dos professores sobre as práticas docentes na alfabetização, focalizando aspectos sobre a aprendizagem, o ensino e a cultura escolar. Por tratar-se de pesquisa em andamento, serão apresentados os resultados dos estudos teóricos realizados, com vistas a destacar o que dizem os autores estudados sobre as práticas docentes na alfabetização.

Em suma, o presente artigo tem por objetivo apresentar a pesquisa em andamento sobre os discursos das práticas docentes na alfabetização. Para tanto, descreve o interesse pelo objeto, apresenta a linguística como campo teórico e metodológico e o percurso da investigação, por fim, discute estudos sobre as práticas de alfabetização.

### **1. O interesse pelo objeto: discursos docentes sobre as práticas na alfabetização**

É recorrente no discurso de professores alfabetizadores, no contexto da formação continuada, a heterogeneidade em sala de aula ser apontada como principal dificuldade a ser enfrentada, no exercício da docência, para alfabetizar os alunos de uma classe de CI<sup>44</sup>. Quando mencionam a heterogeneidade, estão os professores se referindo ao fato de seus alunos deterem conhecimentos distintos sobre a leitura, a escrita e seus usos culturais, bem como pelo fato de se encontrarem em diferentes níveis do processo de aprendizagem (TRESCASTRO e SILVA, 2012, 2013). Além de indicar uma expectativa de que a formação inclua discussões relacionadas às suas práticas, tal discurso aponta para as dificuldades que os docentes têm para alfabetizar seus alunos.

---

<sup>44</sup> Na rede municipal de ensino em Belém, cuja organização é por ciclos, o CI corresponde aos três primeiros anos do Ensino Fundamental de 9 anos, com atendimento aos alunos de 6 a 8 anos.



Se nos aproximarmos da sala de aula, qualquer avaliação que se faça, no decorrer do ano letivo, em uma turma em processo de alfabetização de CI, seja do 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental, ficará evidente que a turma é heterogênea. Isso porque parte dos alunos conhece letras, outros não, uns conhecem umas, outros conhecem outras; há aqueles que leem, outros não, uns leem com fluência, mas há outros que não; uns contam e escrevem histórias, outros ainda não; parte dos alunos escreve textos compreensíveis ao leitor, outros não apresentam escrita legível e assim vai. Mesmo assim, é tarefa irrenunciável do professor alfabetizador, mediar o processo de aprendizagem a fim de tornar seus alunos alfabetizados. Entende-se, por alfabetizado, “o aluno que lê e compreende um texto simples, escrito por outra pessoa, e escreve um texto compreensível ao leitor, ou seja, é capaz de se comunicar por escrito” (TRESCASTRO, 2012b, p. 51).

Em seu discurso, apoiando-se na expectativa de uma suposta homogeneidade, que facilitaria sua intervenção em sala de aula, para levar os alunos de uma turma a ler e a escrever com proficiência, no decorrer de um ano letivo, os professores questionam:

“Como ensinar crianças que se encontram em níveis diferentes de aprendizagem numa turma de CI 1º ano?”, “De que forma devo fazer para que meus alunos, que têm aprendizagens diferentes, possam ter aprendizagens significativas durante o processo de leitura e escrita?”, “Como um professor pode atuar na sala de aula, garantindo um bom aprendizado aos alunos, se as crianças se encontram em níveis de leitura e escrita diferentes?” e “Para obter resultados necessito mudar “todo” o meu planejamento?” (TRESCASTRO e SILVA, 2012, 2013).

Como se vê, professores ao assumirem uma turma de CI, no início da carreira, já que ingressaram em agosto de 2012, mesmo tendo formação em Pedagogia e obtido aprovação em concurso público, se interrogam sobre as práticas de intervenção docente no tratamento da heterogeneidade da linguagem da criança em processo de alfabetização. Na verdade, o discurso dos professores revela que querem saber como organizar o processo de ensino e aprendizagem, na sala de aula, considerando a diversidade de conhecimento ou desconhecimento das crianças sobre a língua.

Por outro lado, do lugar que me encontro, como coordenadora do Programa de Formação Continuada de Professores Alfabetizadores (SEMEC-Belém), de abril de 2005 a dezembro de 2012, que em 2013 integra o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, proposto pelo Ministério da Educação, coordenando uma equipe de formadores, organizando cursos, elaborando pautas de formação, selecionando materiais de estudo, produzindo materiais didáticos, realizando avaliações da aprendizagem... me

interrogo a respeito de como analisar os discursos docentes a fim de encontrar neles os elementos a serem tratados na formação docente, com vistas a dar condições para os professores responderem suas questões, aprenderem com elas e realizarem a intervenção didática no contexto das práticas em sala de aula, no sentido de qualificar o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

Esse foi o ponto de partida que motivou o interesse pela pesquisa sobre os discursos das práticas docentes, conforme afirma Fazenda (1994, p. 16), “o interesse pelo tema pode ser próximo – visando solucionar questões presentes no cotidiano do trabalho”. Para além do que se identificou sobre a “dificuldade em lidar com a heterogeneidade em sala de aula”, pretende-se apreender dos discursos dos professores outras “regularidades enunciativas” sobre as práticas na alfabetização.

## **2. A linguística como um campo teórico e metodológico**

Escolher a linguística – e as disciplinas a ela relacionadas – como um campo teórico e metodológico para a análise dos discursos das práticas docentes em sala de aula na alfabetização é reconhecer em primeiro lugar que é sobre a linguagem, sobretudo da aprendizagem pela criança de 6 a 8 anos da linguagem na sua modalidade escrita, em contexto escolar, que se pretende estudar. A escolha da linguística e a sua relação com outras disciplinas para realizar este estudo se deu por entendê-la, conforme propõe Lemos (2006, p.14), “como lugar onde o que não se sabe sobre a linguagem é reconhecido e produz questões”.

Ainda que seja a linguística o lugar para se produzir as questões sobre a linguagem, sabe-se, em virtude da complexidade da alfabetização, da impossibilidade de nela encontrar todas as respostas às essas questões. Isso porque em um sentido mais amplo, a linguística “não é um campo homogêneo: nele se defrontam diferentes teorias, diferentes pontos de vista sobre a linguagem, a partir dos quais se constituem diferentes objetos” (LEMOS, 2006, p.15).

A alfabetização escolar deve ser estudada, considerando sua complexidade. Isso porque constitui um processo dinâmico de relações estabelecidas entre o objeto de conhecimento, que é a modalidade escrita da língua materna; o sujeito que aprende, que é o aluno que se alfabetiza; o sujeito que ensina, que se refere ao professor e aos demais

sujeitos capazes de influenciar o processo de aprendizagem do aluno; e as situações de ensino-aprendizagem, que envolvem todo encaminhamento didático e pedagógico tendo em vista a aprendizagem da leitura e da escrita no contexto da sala de aula, incluindo as múltiplas influências culturais de uso da linguagem (TRESCASTRO, 2001).

É a alfabetização, aqui, entendida como o processo de ensino e aprendizagem das práticas de leitura e da escrita em contexto escolar, um dos objetos de estudo da linguística e de outras áreas que investigam sobre a linguagem. Ao caracterizar as práticas de leitura e escrita, Lerner (2006, p.59) afirma que:

A contribuição das ciências da linguagem é, de todo modo, fundamental, já que, embora elas não nos deem um objeto de referência direto com base no qual esboçar o objeto de ensino, fazem uma contribuição definitiva para a conceitualização das práticas e permitem assim explicitar alguns dos conteúdos que devem estar em jogo na sala de aula: as estratégias postas em ação pelos leitores, as relações entre os propósitos e as modalidades de leitura, as operações envolvidas na escrita, os problemas que se apresentam ao escrever e os recursos linguísticos que contribuem para resolvê-los...

Com base nos estudos linguísticos, no contexto do programa de formação continuada de professores alfabetizadores, que se pretende analisar os discursos dos professores sobre as práticas docentes na alfabetização.

### **3. Delineando o percurso metodológico**

Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, por envolver “a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 13). No decorrer da pesquisa, a perspectiva dos participantes (professores em formação continuada) será trazida a mostra a partir da análise dos discursos das práticas docentes na alfabetização.

Neste momento, vem sendo realizada a pesquisa bibliográfica exploratória, sobre a temática envolvida neste estudo, a fim de melhor compreender o objeto da pesquisa, a saber: discurso docente, práticas de alfabetização, processo de ensino e aprendizagem e cultura escolar.

As etapas posteriores, num total de três, compreendem a coleta de dados, propriamente. Na primeira etapa será feita uma pesquisa documental do material de estudo utilizado na

formação continuada de professores alfabetizadores, do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, do Ministério da Educação, para verificar o que dizem os documentos da formação sobre as práticas docentes na alfabetização. Esta formação vem sendo desenvolvida em âmbito nacional, por orientadores de estudo, indicados pelo município. A formação dos orientadores de estudo vem sendo feita pelas Universidades Federais, em Belém será pela UFPA/IEMCI (MEC, 2012).

Conforme Lüdke e André (1986, p. 38), “a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvendando aspectos novos de um tema ou problema”.

Em 2013, o tema da formação de fevereiro a dezembro, com duração de 8 horas mensais, é alfabetização e letramento. A Secretaria Municipal de Educação de Belém aderiu ao Pacto com a formação de 30 turmas de aproximadamente 25 professores que atuam nos três primeiros anos do Ensino Fundamental. Este é o *locus* da pesquisa documental, onde vem sendo feita a coleta de dados na formação e estabelecidos os contatos para identificar os participantes das demais etapas da pesquisa.

Na segunda etapa da pesquisa será feita entrevista com os professores alfabetizadores que participam da referida formação continuada, reunidos documentos, tais como relatórios, com objetivo de analisar o que dizem os professores sobre suas práticas de alfabetização. Para Lüdke e André (1986, p. 33), “na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”. Da análise das entrevistas, serão extraídas as categorias de análise do discurso dos professores sobre a alfabetização.

A terceira etapa da pesquisa consistirá na observação de aulas, em turmas de CI, de três professores alfabetizadores, participantes da entrevista, para identificar as práticas de ensino e aprendizagem da atividade de leitura e de escrita, que realizam. De acordo com Lüdke e André (1986, p. 26), “a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”. Da análise, busca-se apontar aspectos norteadores da intervenção docente em sala de aula na alfabetização que se relacionam com as categorias identificadas em seu discurso.

#### 4. O que dizem os estudos sobre as práticas docentes na alfabetização

O processo de escolarização, mais especificamente nos três primeiros anos do Ensino Fundamental, agrega ao conceito de alfabetização as práticas de letramento nos termos do que propõe Soares (2011):

Tradicional e consensualmente, considera-se que o acesso ao mundo da escrita é incumbência e responsabilidade da escola e do processo que nela e por ela se dá — a escolarização. Em outras palavras, considera-se que é à escola e à escolarização que cabem tanto a aprendizagem das habilidades básicas de leitura e de escrita, ou seja, a alfabetização, quanto o desenvolvimento, para além dessa aprendizagem básica, das habilidades, dos conhecimentos e das atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, isto é, o letramento.

Soares (2003), ao tratar sobre alfabetização e letramento, defende a ideia de que a aprendizagem da técnica - conhecer o código, saber decodificá-lo, usar o papel, usar o lápis etc. – e a aprendizagem dos seus usos nas práticas sociais se constituem em dois processos simultâneos e interdependentes a serem desenvolvidos nos primeiros anos de escolarização.

No entanto, ao se referir aos resultados de alunos nas avaliações nacionais, em que muitos não apresentam bons resultados em leitura, alerta para o fato de que, com a inserção da ideia de letramento, a aprendizagem da técnica na alfabetização foi afetada. Neste sentido alerta que “a alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ficar diluída no processo de letramento. Acredito que essa é uma das principais causas do que vemos acontecer hoje: a precariedade do domínio da leitura e da escrita pelos alunos” (SOARES, 2003, p. 1).

Dentre as causas da suposta “perda da especificidade da alfabetização”, a autora faz alusão a dois fatos ocorridos a partir da década de oitenta, um deles foi a ampla divulgação da abordagem construtivista na concepção de alfabetização nas escolas brasileiras a mesma época que se inseriu o conceito de letramento e se teceu críticas às cartilhas de alfabetização, usadas até então; e o outro foi a mudança do regime seriado, em que as turmas são organizadas por séries escolares e a nova organização do tempo da escola por ciclos, preconizada pela nova LDB, “trazendo junto a questão da progressão continuada – da não-reprovação” (SOARES, 2003). Passam, a partir dessa mudança, os professores a terem que lidar em uma mesma turma de 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, com alunos alfabetizados e não alfabetizados, o que

implica em saber, na prática, a lidar com tal “heterogeneidade”, conforme indica seus discursos.

Tratando sobre a necessidade da consolidação da alfabetização, nos anos iniciais de escolarização, Batista (2011, p. 11-12) coloca que

um desafio central do ensino de língua materna reside na consolidação da alfabetização: nós teríamos dificuldades para, tendo levado os alunos a dominar o princípio alfabético e as principais correspondências grafo-fonêmicas (quer dizer, as principais relações que se estabelecem entre letras e sons no sistema ortográfico que utilizamos), conseguirmos levá-los a desenvolver a compreensão em leitura, assim como a capacidade de produzir textos”.

Os estudos de Batista (2011) indicam que há evidências de limitações para se consolidar a alfabetização nos anos iniciais. Suas pesquisas mostram que há maior êxito na alfabetização inicial, ou seja, na apropriação do sistema alfabético, em sentido mais restrito, na aprendizagem da técnica, nos termos de Soares (2003), do que pela consolidação da alfabetização incluindo o desenvolvimento de habilidades de ler e grafar irregularidades ortográficas e organizações silábicas complexas, além da “aquisição progressiva da fluência em leitura e na escrita e pelo domínio das capacidades de compreender e produzir textos escritos com maior autonomia” (Batista, 2011, p. 15).

Isso se deve, possivelmente, segundo Batista (2011, p. 16), porque “ocorra uma perda de foco: o trabalho com a leitura e a escrita talvez deixe de ser objeto de forte atenção de professores, escolas e redes de ensino, em detrimento do trabalho com outros conteúdos e com práticas de educação linguística pouco adequadas para essa etapa”. Embora, sejam os três primeiros anos destinados à alfabetização e ao letramento, nos termos legais, as práticas dos professores, citadas por Batista, não se mostram profícuas para a consolidação da alfabetização, segundo Rocha *apud* Batista (2011), em parte, porque os professores do 2º e do 3º ano não se sentem responsáveis pela alfabetização, por entenderem que isso caberia ao professor do primeiro ano.

Se isso ocorre é porque de certa forma o professor ainda pensa sua prática de alfabetizador no modelo de organização do tempo escolar por seriação, assim como foi no tempo em que o professor se alfabetizou, no qual caberia ao professor do primeiro ano dar conta do processo de alfabetização e só passaria para o segundo ano aqueles que

estivessem alfabetizados, mas com o regime organizado por ciclos está o professor diante de uma turma sem este núcleo comum – todos supostamente alfabetizados.

Outra mudança ocorrida foi a inclusão das crianças de 6 anos no primeiro ano do Ensino Fundamental que passou de oito para nove anos, segundo Batista (2011, p. 11), “a entrada no ensino fundamental aos seis anos, por exemplo, desafia os educadores a pensar práticas curriculares mais adequadas ao ensino e à formação de crianças nessa faixa etária”. Isso implica em desenvolver práticas de alfabetização mais lúdicas, por exemplo, para atender às especificidades desta faixa etária.

Para Soares (2004),

a natureza complexa e multifacetada do processo de alfabetização e seus condicionantes sociais, culturais e políticos têm importantes repercussões no problema dos métodos de alfabetização, do material didático para a alfabetização, particularmente da cartilha, da definição de pré-requisitos e da preparação para a alfabetização, da formação do alfabetizador.

Embora se saiba que a aprendizagem da leitura e da escrita seja um contínuo organizado, na escola e fora dela, em torno de uma progressiva ampliação da familiaridade com o sistema alfabético da língua escrita e as práticas da cultura escrita ou do letramento (SOARES, 2004), bem como da necessidade de um contínuo domínio de conhecimentos e habilidades que permitem aos alunos prosseguir seus estudos nos anos subsequentes do Ensino Fundamental e participar de práticas sociais próprias da cultura letrada com autonomia, para fins pedagógicos, Batista (2011) propõe que “é importante definir momentos ou etapas desse contínuo. Em primeiro lugar, a alfabetização designa os estágios iniciais desse processo de aprendizado da língua escrita, marcado pela conquista de uma maior autonomia e independência em matéria de leitura e escrita de textos”. Aos que relutam a essa ideia é porque ela se apresenta, pela dificuldade que os professores detêm em lidar com a heterogeneidade na sala de aula, na contramão dos fundamentos que instalaram o regime por ciclos, seria de certa forma a volta à seriação.

### **Para concluir**

Do breve estudo exploratório feito sobre as práticas de alfabetização, a partir de Soares (2003, 2004, 2011) e Batista (2011), foram apontados aspectos que poderão estar relacionados aos discursos das práticas docentes na alfabetização:

- o processo de escolarização, nos três primeiros anos de escolarização, no qual se situa a pesquisa, compreende a etapa de alfabetização e letramento;
- a coexistência desses dois processos tornou as práticas de alfabetização mais complexas;
- os resultados das avaliações nacionais apontam para a “precariedade do domínio da leitura e da escrita pelos alunos” dos anos iniciais de escolaridade;
- o ‘novo’ modo de organização do tempo escolar por ciclo em vez de série evidencia a heterogeneidade em sala de aula e aponta para a necessidade de mudanças nas práticas docentes;
- para além do domínio do código da língua escrita, é preciso consolidar a alfabetização quanto ao domínio das atividades de leitura e escrita;
- são múltiplos os fatores que interferem nas práticas docentes de alfabetização, e consequentemente nos discursos docentes, dentre eles: métodos de alfabetização, materiais didáticos, mudanças no sistema escolar, concepções de aprendizagem, avaliações externas, representações do papel de alfabetizador, formação do professor inicial e continuada.

## Referências

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Alfabetização, leitura e ensino de português: desafios e perspectivas curriculares*. Revista Contemporânea de Educação, nº 12, ago./dez. 2011.
- LEMOS, C. T. G.. *Sobre a aquisição da escrita: algumas questões*. In: ROJO, R. (org.) *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. 3 reimp. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- LERNER, D. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MEC. Ministério da Educação. *Pacto Nacional pela alfabetização na idade certa*. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/>. Acesso em 12 dez. 2012.



SOARES, Magda. *A reinvenção da alfabetização*. Revista Presença Pedagógica, v.9, n.52, jul./ago. 2003.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização e letramento*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Letramento e escolarização*. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1247>. Acesso em: 21 dez. 2011.

TRESCASTRO, L. B.. *A avaliação nas práticas de alfabetização: um estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em classes de ciclo básico I*. 248 p. Dissertação de Mestrado Belém - Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

\_\_\_\_\_. *Seis olhares teórico-metodológicos sobre alfabetização*. Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, Brasil, São Paulo: FEd/USP, volume 1, nº. 12, p. 85 – 107, Mar. 2012. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net>.

\_\_\_\_\_. *Escrita de texto pelo aluno na alfabetização*. In: Alfabetização, letramento e matemática. Belém: SEMEC/ECOAR, 2012b. p. 51-63.

TRESCASTRO, L. B.; SILVA, C. M. V. *A interlocução do professor/leitor com o texto de estudo no contexto da formação de alfabetizadores*. Caderno de resumos do III Seminário Práticas Socioculturais e Discurso: Debates Transdisciplinares, Brasília: Nelis/Unb, 27 e 28 nov. 2012, p.6. Disponível em: <http://www.nelis.unb.br>.

\_\_\_\_\_. *Questionamentos docentes sobre a aprendizagem na alfabetização*. In: IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia, Belém: CIELLA/UFPa, 23 a 26 de abr. 2013. Disponível em: <http://www.4ciella.com.br/resumos>.

## A (DES)MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM EM ALUNOS DOS CURSOS EXTENSIVO E INTENSIVO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA

Marcus Alexandre Carvalho de Souza – alexandre0202@yahoo.com.br

Orientadora: Prof. Dra. Walkyria Magno e Silva – wmagno@ufpa.br

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar o andamento da pesquisa que vem sendo realizada em âmbito de mestrado, na qual pesquiso a motivação e a desmotivação na aprendizagem de língua inglesa de alunos do curso de graduação em licenciatura em Letras Língua Inglesa oriundos de uma turma extensiva e uma intensiva. Nele, apresento em linhas gerais uma definição para os dois construtos, bem como um panorama histórico dos estudos motivacionais e as pesquisas até agora realizadas acerca da desmotivação. Em seguida, apresento, de forma resumida, o contexto e sujeitos de pesquisa, o tipo de pesquisa que pretendo empreender, bem como os procedimentos metodológicos até agora utilizados. Apresento também os dados preliminares da pesquisa, divididos em influências motivacionais e desmotivacionais, bem como os próximos passos da realização dessa pesquisa.

**Palavras-chave:** Motivação, Desmotivação, Aprendizagem de Língua Inglesa.

*Abstract: This work aims at presenting the progress of the research that is being conducted in the graduate course, in which I research motivation and demotivation in the learning of English language of undergraduate students of English Teaching Course that study in one extensive class and in one intensive class. I present a definition for both constructs, as well as a historical overview of the motivational studies and the researches on demotivation done until now. Then, I present the context and the subjects of the research, as well as the methodological procedures used to this moment. I also show some preliminary research data, dividing them into motivational and demotivational influences, and also the next steps for doing this research.*

**Keywords:** Motivation, Demotivation, English Language Learning.

### Introdução

O desejo de realizar esta pesquisa partiu principalmente de observações empíricas em turmas de licenciatura em Letras Língua Inglesa que funcionavam no interior do estado em regime extensivo e intensivo<sup>45</sup>. Uma das coisas que pude perceber foi que a aprendizagem não se dava da mesma forma nos alunos e alguns deles apresentavam baixo desempenho em disciplinas de língua inglesa. Em geral, os alunos de turmas intensivas atribuíam o baixo desempenho ao fato de estudarem a língua inglesa apenas no período de aulas, não a estudando nos demais períodos. Isso me incentivou a pesquisar sobre a motivação como uma possível variável para explicar as diferenças entre esses alunos.

Esta pesquisa tenta responder aos seguintes questionamentos:

- a) Como ocorre, nos sujeitos pesquisados, a flutuação da motivação para a aprendizagem da língua alvo?
- b) Quais os fatores geradores de motivação e suas influências na aprendizagem da língua inglesa nos sujeitos da pesquisa?
- c) Quais os fatores geradores de desmotivação e suas influências na aprendizagem da língua inglesa nos sujeitos da pesquisa?
- d) Qual a diferença no padrão motivacional dos alunos oriundos da turma intensiva em relação aos oriundos da turma extensiva?

Este texto divide-se em três partes: uma pequena fundamentação teórica, onde apresento os construtos da motivação e desmotivação na aprendizagem de línguas estrangeiras, um resumo dos procedimentos metodológicos até agora utilizados e uma apresentação dos primeiros dados obtidos.

## **1 Fundamentação teórica**

Nesta seção apresento de forma breve os dois construtos teóricos que balizam esse trabalho: a motivação e a desmotivação na aprendizagem de línguas estrangeiras.

### **1.1 Motivação na aprendizagem de línguas estrangeiras**

O termo motivação é originado do verbo latino *movere*, que significa mover. Podemos dizer que “relaciona-se àquilo que move uma pessoa a fazer certas escolhas, a

---

<sup>45</sup> Turmas extensivas são as que têm suas aulas distribuídas no período regular do ano letivo, ou seja, março a junho no primeiro semestre e setembro a dezembro no segundo. Turmas intensivas são as que têm as aulas distribuídas nos períodos de férias escolares no Brasil, ou seja, janeiro e fevereiro no primeiro semestre e julho e agosto no segundo, com aulas em período integral (dois horários diários).

se engajar em uma ação e a persistir em uma ação” (USHIODA, 2008, p. 21)<sup>46</sup>. Seus estudos tiveram início na área da psicologia, com abordagens próprias. Na área da aprendizagem de línguas estrangeiras, a motivação toma um rumo de estudos diferentes, por ser este tipo de aprendizagem diferente dos outros (GARDNER, 2007; DÖRNYEI, 2005). Além do mais, aprender uma língua estrangeira é uma tarefa que leva tempo para ser realizada e, por consequência, requer um tipo de motivação diferente (DÖRNYEI, 2001). Dörnyei (2005) nos apresenta os estudos na área divididos em três períodos: socio-psicológico, cognitivo e orientado para o processo.

O primeiro impulso para o início das pesquisas na área de línguas estrangeiras foi dado pelos psicólogos sociais Robert Gardner, Wallace Lambert e seus colegas, na década de 1950, no Canadá. Nesse período tem início o período socio-psicológico. Gardner (1985) afirma que a motivação é direcionada a uma meta, a qual ele dá o nome de orientação e distingue em dois tipos: orientação integrativa e instrumental. A orientação integrativa é percebida em indivíduos que tinham um interesse sincero e pessoal pela integração e interação social com a língua-cultura estrangeira e uma visão positiva em relação a seus membros (GARDNER, 1985; DÖRNYEI, 2001; 2005). Já a orientação instrumental era percebida em indivíduos que apresentavam razões utilitárias para esta aprendizagem, como um emprego ou aprovação em testes e seleções (GARDNER, 1985; DÖRNYEI, 2001, 2005).

Ainda no período socio-psicológico, o psicólogo canadense Richard Clément e seus colegas começaram a pesquisar a importância da autoconfiança, que é a crença de que a pessoa pode ser competente em executar tarefas ou produzir resultados. Clément, Dörnyei e Noels (1994) reforçam que a autoconfiança pode ser desenvolvida em contextos multiétnicos a partir de contatos frequentes e prazerosos com a outra língua.

O período cognitivo, que já era percebido por meio de pesquisas desde a década de 1980, surgiu oficialmente na década de 1990 devido à necessidade de nivelamento dos estudos na área com os estudos empreendidos na área da psicologia, que já seguiam tal abordagem. Outro motivo era o desejo de estreitar as perspectivas de estudo, que antes focavam em comunidades languageiras inteiras, para que atuassem em situações mais reais de aprendizagem, como uma sala de aula, por exemplo. Duas teorias que surgiram nesse período são a da autodeterminação e da atribuição.

---

<sup>46</sup> [...] concerns what moves a person to make certain choices, to engage in action, and to persist in action.

A teoria da autodeterminação, elaborada por Edward Deci e Richard Ryan, é uma das mais mencionadas quando se trata da motivação na aprendizagem de línguas estrangeiras. Trata da divisão dos motivos em intrínsecos e extrínsecos. Os motivos intrínsecos são percebidos em indivíduos que executam determinadas tarefas pelo simples prazer em realiza-las, não requerendo recompensas. Deci e Ryan (2000) afirmam ser este o tipo mais autodeterminado e autônomo de motivação.

Já os motivos extrínsecos são percebidos em indivíduos que executam uma tarefa devido aos ganhos que poderão obter pela sua realização, mas que são externas a ela. Segundo Deci e Ryan (2000), temos quatro tipos de motivação extrínseca: 1) regulação externa, na qual os comportamentos são regulados por promessas recompensas ou ameaças de punições; 2) regulação introjetada, cuja característica é a necessidade de aumentar a autoestima ou evitar a culpa por não realizar a tarefa; 3) regulação identificada, que ocorre devido à importância e à valorização dadas para determinado comportamento ou atividade; e 4) regulação integrada, na qual o indivíduo integra a atividade ou comportamento a outras atividades e outros aspectos da sua vida.

Outra teoria surgida no período cognitivo foi a teoria da atribuição. Proposta pelo psicólogo Bernard Weiner, ela não foi elaborada para a área do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, mas pode ser aplicada à área. Trata de processamento de experiências passadas de sucesso ou fracasso, ligando-as aos esforços empreendidos para realizações futuras por meio da formação de atribuições causais (DÖRNYEI, 2001; 2005), ou seja, as razões às quais atribuímos nossos sucessos ou fracassos do passado moldam nossa motivação para ações futuras. Para Weiner (2000, p. 5), “a expectativa de sucesso, junto com emoções como orgulho, culpa ou vergonha, determinam o comportamento subsequente. Ou seja, o comportamento depende de pensamentos, bem como de sentimentos”<sup>47</sup>.

Estudos mais recentes em motivação começaram a levar em consideração o caráter mutante e a dimensão temporal da motivação, momento no qual entramos no período orientado para o processo, com pesquisas empreendidas por Zóltan Dörnyei, Ema Ushioda, entre outros. Essa abordagem leva em consideração o fato da aprendizagem de línguas estrangeiras ser uma tarefa de longo prazo, o que requer motivos (ou influências) diferentes para os períodos em que ela ocorre, já que a motivação muda no decorrer desse tempo (DÖRNYEI, 2001).

---

<sup>47</sup> Expectancy of success, along with emotions such as pride, guilt, and shame, together determine subsequent behavior. That is, behavior depends on thoughts as well as feelings.

O ponto alto do período é a elaboração do modelo processual de motivação de Dörnyei e Ottó (1998), que integra diversas teorias já existentes a respeito da motivação em um todo. O modelo é caracterizado pela divisão da motivação em três fases: pré-acional, acional e pós-acional. Cada uma das fases possui influências próprias e uma sequência de ações a serem realizadas para se alcançar o resultado da tarefa.

Na fase pré-acional há a motivação de escolha que “diz respeito ao processo de escolha de um rumo de ação a ser realizada” (DÖRNYEI, 2001, p. 87)<sup>48</sup>. Ela é dividida em três subfases: 1) estabelecimento de objetivos, que são formados por meio do processamento de vontades, esperanças, desejos e possibilidades; 2) formação da intenção, que é uma espécie de comprometimento na realização do objetivo; é nesse momento que se estabelece o plano de ação, bem como se vislumbra a viabilidade da tarefa; e 3) início do desenvolvimento da intenção, na qual são angariados os recursos necessários e viabilizados os meios e condições para o início da ação. A partir daí, entra-se na fase acional.

A fase acional apresenta a motivação executiva, a qual tem ênfase na implementação e continuidade da ação. Nessa fase são geradas subtarefas que facilitem o desenrolar da ação, aplica-se mecanismos de autorregulação e autonomia, bem como se estabelece um processo contínuo de avaliação. Durante essa fase, o indivíduo pode concluir a ação ou interrompê-la. No caso de uma interrupção, ele pode revisar objetivos e planos de ação, engajando-se em uma nova ação. Em ambos os casos, o processo motivacional é conduzido à fase pós-acional.

Na fase pós-acional entra em ação a retrospectiva motivacional, a qual “envolve uma retrospectiva crítica depois que a ação tenha sido concluída ou cessada” (DÖRNYEI, 2001, p. 85)<sup>49</sup>. Ela é caracterizada pela formação de atribuições causais, elaboração de normas e estratégias para ações vindouras e pelo descarte de intenções e planejamento de novas ações.

Outro construto importante para a realização deste trabalho é o da desmotivação, que será melhor explicado na seção seguinte.

## **1.2 Desmotivação na aprendizagem de línguas estrangeiras**

A desmotivação é conceituada como “forças externas específicas que reduzem ou diminuem a base motivacional de uma intenção comportamental ou uma atitude em

<sup>48</sup> [...] concerns the process of choosing a course of action to be carried out.

<sup>49</sup> Involving critical retrospection after action has been complete or terminated.

curso” (DÖRNYEI, 2011, p. 143)<sup>50</sup>. Desse conceito, podemos observar algumas características do construto. Uma delas diz respeito ao fato dos desmotivos não serem internos, mas externos. A outra característica é a redução da base motivacional, o que nos leva a afirmar que ela só acontece em indivíduos com uma base motivacional anteriormente estabelecida, ou seja, em pessoas que já estiveram outrora motivadas. Esse aspecto reforça a característica de flutuação da motivação, que apresenta momentos de alta e baixa. Os motivos, entretanto, não são anulados, podendo haver forças positivas que os energizem e reestabeleçam a motivação do indivíduo. A terceira característica é que ela pode acontecer tanto na fase pré-acional quanto na fase acional da motivação, o que nos leva a inferir que as influências que desenergizam as intenções comportamentais não são as mesmas que atuam sobre as ações propriamente ditas.

Nem todas as forças negativas podem ser consideradas desmotivos. Há influências negativas que não necessariamente geram desmotivação, como: a) encontrar algo mais atraente para fazer do que a realização da tarefa que se está realizando; b) não se sentir bem fisicamente naquele dia em particular; c) perder gradualmente o interesse em atividades longas demais; ou d) reconhecer custos a seres despendidos na realização da atividade.

Os estudos sobre desmotivação começaram a ser realizados em aulas de língua materna, na chamada pesquisa de comunicação instrucional, na qual estudiosos como J. Gorham e D. M. Christophel chegaram à conclusão de que um dos principais fatores que desmotivam a aprendizagem é o professor e suas atitudes em sala de aula.

Na área da aprendizagem de línguas estrangeiras, Dörnyei (2001) apresenta alguns estudos do construto, empreendidos por a) Ema Ushioda, que mostrou que os principais fatores de desmotivação no contexto pesquisado estavam relacionados ao ensino institucionalizado; b) Rebecca Oxford, que apresentou como principais desmotivos a relação entre alunos e professores e as atitudes desses últimos em sala, a natureza das atividades e o material didático usado no curso; c) Gary Chambers, que entrevistou professores e alunos; os primeiros apresentaram uma série de fatores, incluindo de ordem psicológica, para a desmotivação dos alunos; por sua vez, os alunos apontaram como desmotivo o professor, o grupo no qual estão inseridos e questões ambientais; e d) Zóltan Dörnyei, que apresenta os fatores desmotivadores obtidos em sua pesquisa divididos em nove categorias: o professor, instalações escolares

---

<sup>50</sup> [...] specific external forces that reduce or diminish the motivational basis of a behavioral intention or an ongoing action.

inadequadas, autoconfiança reduzida, atitudes negativas em relação à língua estrangeira, natureza compulsória dos estudos da língua estrangeira, interferência de outra língua estrangeira na que está sendo estudada, atitudes negativas em relação à comunidade onde a língua é falada, atitudes de membros do grupo escolar e material didático.

A seguir, apresentamos as linhas gerais da metodologia que será empregada na realização desta pesquisa.

## 2 Metodologia da pesquisa

O principal objetivo desta pesquisa é compreender o processo motivacional em alunos de graduação em Letras Língua Inglesa oriundos de turmas extensivas e intensivas e as implicações deste na aprendizagem da língua alvo.

A pesquisa está sendo realizada em duas turmas de Letras Língua Inglesa que funcionam na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, cujas características principais enumero a seguir:

- A primeira turma pesquisada é a turma 2009 extensiva, com entrada por meio do processo seletivo da Instituição em março de 2009. Ela é constituída atualmente por 17 alunos (o processo seletivo ofertou 30 vagas), sendo a maioria de Bragança e alguns de cidades circunvizinhas. Pude contar com a participação de 14 alunos na pesquisa.
- A segunda turma é a turma 2009 intensiva, também com entrada por meio do processo seletivo da Instituição, mas em julho de 2009, que também ofertou 30 vagas. Atualmente é constituída por 14 alunos, oriundos na sua maioria de cidades vizinhas a Bragança, com alguns residentes no município. Participam da pesquisa 11 alunos.

A pesquisa em questão é um estudo de caso, que é “uma forma de fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida-real” (YIN, 1990 *apud* CAMPOMAR, 1991, p. 96). Será realizado um estudo de caso de cada turma para realizar uma análise comparativa de ambos.

O instrumento de pesquisa já utilizado foi um questionário, no qual os alunos marcaram, numa escala de 1 a 5, o seu nível de motivação em cada um dos períodos letivos do seu curso, sendo que 1 significava motivação baixa e 5, motivação alta. Em seguida, eles deveriam narrar uma ou mais experiências que justificassem a motivação alta ou baixa experienciada em cada período. A coleta desses dados aconteceu em dois



momentos: no mês de maio de 2013 na turma extensiva e no mês de julho do mesmo ano na turma intensiva.

Após a coleta, as informações prestadas pelos alunos foram sistematizadas em subcategorias, dentro das categorias maiores: influências motivacionais e influências desmotivacionais, que serão apresentadas na seção seguinte.

### 3 Resultados preliminares

Nesta seção apresentamos a sistematização preliminar dos dados obtidos por meio dos questionários. Os dados estão divididos em quadros de influências motivacionais e desmotivacionais. É importante informar que alguns dos sujeitos pesquisados passaram por um processo de mudança de turma (um aluno oriundo da turma 2006 intensiva que está na turma 2009 extensiva e dois alunos que fizeram uma permuta de vagas entre as duas turmas em determinado momento do curso). Eles ainda não estarão nessa análise preliminar. Temos, portanto, neste trabalho, a análise dos questionários de 12 alunos da turma extensiva e 10 da turma intensiva. Os alunos são identificados pela letra e (=extensivo) ou i (=intensivo), seguido de uma numeração atribuída de forma aleatória.

#### 3.1 Influências motivacionais

Durante a análise dos questionários aplicados aos alunos da turma extensiva, podemos destacar algumas influências motivacionais. As influências que mais foram apontadas pelos alunos estão no Quadro 1 a seguir:

<b>INFLUÊNCIAS MOTIVACIONAIS – TURMA EXTENSIVA</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desejo de aprender uma nova língua ou de ter um conhecimento novo: foi apresentado como influência motivacional por oito alunos, em todos no período inicial do curso. O aluno e12 apontou essa influência ainda no segundo ano do curso.</li> <li>• Contato com as ETAs<sup>51</sup>: foi apontado por cinco alunos, quatro deles no quarto ano do curso e apenas o aluno e9 no período atual. Os alunos e1 e e11 apontam como fator motivador o fato de poderem se comunicar com um falante nativo, como confirmação da proficiência adquirida durante o curso.</li> <li>• Percepção de avanço na aprendizagem da língua e bom desempenho em disciplinas: foi apontada por três alunos. O aluno e2 apresenta essa influência em seus relatos três vezes, a partir do terceiro ano do curso.</li> <li>• Metodologia utilizada pelos professores e dinâmica das aulas: apontada por três alunos, dois no segundo ano do curso e um deles no último período.</li> <li>• Atuação docente (ou realização do estágio) utilizando a língua: apontada por três alunos, todos já na fase final do curso.</li> <li>• Incentivo de outras pessoas: apresentado no relato de quatro alunos. O aluno e9 mencionou ter recebido incentivo de um professor, membros da família e colegas de turma (ou amigos). Os demais receberam incentivos apenas de um dos três grupos mencionados.</li> </ul>

<sup>51</sup> English Teaching Assistant (Assistentes de Ensino de Inglês). Intercambistas americanos que vêm ao Brasil durante um ano letivo para auxiliar no ensino e aprendizagem do inglês em universidades públicas, por meio do Programa Capes Fulbright.

- Fato de estar fazendo um curso superior: mencionado por dois alunos na fase inicial do curso.
- Percepção da motivação dos professores: citado por dois alunos na fase inicial do curso.
- Desejo pela atuação docente: mencionado por dois alunos na fase final do curso.
- Outros motivos (mencionados apenas por um aluno): tomada de consciência de como se aprende a língua, no segundo ano do curso (aluno e1); percepção do tempo gasto (sentimento de não poder mais voltar) no último ano do curso (aluno e6).

Quadro 1: Influências motivacionais percebidas nos questionários dos alunos da turma extensiva

Já na turma intensiva, podemos apontar como principais influências motivacionais citadas nos questionários as que aparecem no Quadro 2 abaixo:

#### **INFLUÊNCIAS MOTIVACIONAIS – TURMA INTENSIVA**

- Incentivo de outras pessoas: apontado como fator motivador por três alunos. Os alunos i2 e i10 mencionaram apoio dos professores e o aluno i8, o apoio de colegas de turma (i8).
- Desejo de aprender uma nova língua ou de ter um conhecimento novo: apresentado por dois alunos na fase inicial do curso.
- Fato de estar fazendo um curso superior: mencionado por dois alunos também na fase inicial do curso.
- Percepção de avanço na aprendizagem da língua e bom desempenho em disciplinas: foi apontada por dois alunos, ambos no segundo ou terceiro ano do curso.
- Outros motivos (citados apenas por um aluno): cobrança de proficiência pelos professores em concordância com o nível que possuía (aluno i4); abertura de perspectivas profissionais usando a língua (aluno i6); desejo pela atuação docente ou ingresso no mercado de trabalho (aluno i7); ter conhecimento prévio da língua (aluno i9); percepção do tempo gasto (sentimento de não poder mais voltar) no último ano do curso (aluno i11).

Quadro 2: Influências motivacionais percebidas nos questionários dos alunos da turma intensiva

### **3.1 Influências desmotivacionais**

Em seus relatos, os alunos apresentaram também algumas influências negativas, que atuaram diminuindo a motivação. A seguir, no Quadro 3, apresento os fatores desmotivacionais observados no relato dos alunos da turma extensiva.

#### **INFLUÊNCIAS DESMOTIVACIONAIS – TURMA EXTENSIVA**

- Atitudes de professores e da coordenação do curso: apontado por nove alunos da turma durante o período do segundo até o início do quinto ano do curso.
- Rapidez com que as disciplinas eram ministradas: quatro alunos citaram o fato de as disciplinas acontecerem de forma muito rápida, já que eram ministradas em formato modular.
- Percepção da pequena quantidade de disciplinas de inglês durante o curso: citado por três alunos na fase inicial do curso.
- Disparidade entre períodos de aulas *versus* períodos de férias: três alunos mencionaram o fato de terem períodos muito longos de férias, o que ocasionou atraso no final do curso.
- Greve dos professores: apontada por três alunos como fator desmotivador.
- Percepção de não ter alcançado proficiência (em comparação aos demais colegas): citado por três alunos, do terceiro ano do curso em diante.
- Problemas externos: citados por dois alunos. O aluno e8 cita problemas com transporte escolar no segundo ano e problemas de saúde no terceiro. O aluno e9 atribui seu baixo desempenho ao trabalho durante o segundo e terceiro ano do curso.
- Reprovação em disciplinas de línguas: apontada pelos alunos e5 e e9 por duas vezes cada.
- Falta de contato com as ETAs: ponto mencionado por dois alunos.
- Outros desmotivos (citados por apenas um aluno): dificuldade em se adaptar ao curso no decorrer do segundo ano (aluno e2); duração do curso (aluno e10); não ser mais divertido estudar inglês no terceiro ano como nos anos anteriores (aluno e12).

Quadro 3: Influências desmotivacionais percebidas nos questionários dos alunos da turma extensiva

Os fatores apresentados a seguir, no Quadro 4, foram mencionados nos questionários respondidos pelos alunos da turma intensiva.

#### **INFLUÊNCIAS DESMOTIVACIONAIS – TURMA INTENSIVA**

- Percepção de não ter alcançado proficiência (em comparação aos demais colegas): citado por sete alunos a partir do segundo ano do curso.
- Greve dos professores: apontada por cinco alunos como fator desmotivador, em especial por terem perdido um período inteiro de aulas. A greve aconteceu durante o quarto ano do curso, mas foi citada por alguns alunos no quinto ano devido aos impactos que causou, em especial na oferta das disciplinas (ofertaram disciplinas de dois períodos letivos em apenas um).
- Problemas externos: citados por três alunos. Os alunos i7 e i11 citam o trabalho como fator desmotivador. O aluno i9 menciona problemas financeiros que o impulsionavam para a desistência do curso.
- Impacto causado pelo contato inicial com a língua: apontado por dois alunos.
- Descaso para com a turma: mencionado por dois alunos.
- Outros desmotivos (citados por apenas um aluno): poucas disciplinas de inglês durante o curso (aluno i4); falta de conhecimento prévio da língua, falta de contato com a mesma fora do curso e fracasso em tarefas avaliativas (aluno i7); atribuição da baixa motivação ao fato de ter se inscrito para o curso errado (mencionado duas vezes pelo aluno i8); falta de exigência do curso em relação aos alunos, o que causou pouca evolução em determinado momento do curso (aluno i9); crença de que o curso não é suficiente para aprender, rapidez com a qual são ministradas as disciplinas e falta de contato com as ETAs (citados pelo aluno i10; por ser o único a mencioná-las, acredito que os alunos da turma intensiva não eram conscientes da presença das assistentes de ensino).

Quadro 4: Influências desmotivacionais percebidas nos questionários dos alunos da turma intensiva

### **Considerações finais**

Este trabalho consistiu em uma apresentação dos primeiros dados obtidos nos questionários, que foi o primeiro instrumento de pesquisa utilizado. A pesquisa, porém, ainda está em andamento.

O segundo instrumento a ser utilizado constitui-se nos históricos escolares dos alunos, nos quais se pretende observar o desempenho dos alunos durante o curso, comparando-os com os níveis motivacionais por eles apresentados no questionário. Em seguida, serão realizadas entrevistas com a finalidade de explorar aspectos que, porventura, não tenham ficado claros na análise dos primeiros dados ou levantar novos aspectos da motivação e desmotivação dos sujeitos.

Dessa forma, pretendo concluir esta pesquisa de forma satisfatória, apresentando aspectos da motivação e, principalmente, da desmotivação, que é um construto pouco estudado e com poucos dados de pesquisa na literatura da área.

### **Referências**

CAMPOMAR, M. C. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 95-97, 1991.

CLÉMENT, R.; DÖRNYEI, Z.; NOELS, K. Motivation, self-confidence and group cohesion in the foreign language classroom. *Language Learning*, v. 44, p. 417-448, 1994.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. Intrinsic and extrinsic motivations: classic definitions and new directions. *Contemporary Educational Psychology*, Rochester, v. 25, p. 54-67, 2000.

DÖRNYEI, Z.; OTTÓ, I. Motivation in action: a process model of L2 motivation. *Working papers in Applied Linguistics*. London: Thames Valley University, p. 43-69, 1998.

DÖRNYEI, Z. *Teaching and researching: motivation*. Harlow: Longman, 2001.

\_\_\_\_\_. *The psychology of the language learner: individual differences in second language acquisition*. London: Lawrence Erlbaum, 2005.

GARDNER, R. C. *Social psychology and second language learning: the role of attitudes and motivation*. London: Edward Arnold, 1985.

\_\_\_\_\_. Motivation and second language acquisition. *Porta Linguarum*, Granada, n. 8, p. 9-20, 2007.

USHIODA, E. Motivation and good language learners. In: GRIFFITHS, C. (org.) *Lessons from good language learners*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 19-34.

WEINER, B. Intrapersonal e interpersonal theories of motivation from an attributional perspective. *Educational Psychology Review*, v. 12, n. 1, p. 1-14, 2000.

## TIPOS DE TEXTOS E GÊNEROS TEXTUAIS

Maria Cristina de SOUZA (UFPA) solza.chris@gmail.com

Sidi FACUNDES (UFPA) sfacundes@gmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre a distinção terminológica entre os tipos de textos e os gêneros textuais. Dessa forma, apresentamos as ideias e concepções de vários autores como Xiao e McNery (2005), Lee (2001), Biber e Conrad (2009). Xiao e McNery (2005) apresentam um debate sobre a conversação e o discurso. Lee (2001) desenvolve uma abordagem reflexiva sobre as características do gênero, registro, tipos de texto, domínio, sublinguagem e estilo. Biber e Conrad (2009) estruturam um estudo sobre a questão da variação textual, registros, gêneros e estilos. Desse modo, através da análise sobre as ideias dos autores, pretendemos estabelecer um debate com diferentes concepções terminológicas nas quais estão inseridos os diferentes usos dos termos “tipos de textos” e os “gêneros textuais”.

Palavras-chave: Tipologia Textual, Gêneros Textuais, Linguagem.

**ABSTRACT:** This research aims at presenting a reflection on the terminological distinction between textual types and textual genres. To achieve this purpose, we present the ideas and conceptions of authors such as Xiao and McNery (2005), Lee (2001), Biber and Conrad (2009). Xiao e McNery (2005) present a debate about the distinction between conversation and discourse. Lee (2001) develops a reflective approach on the characteristics of the genre, register, text types, domain, sublanguage and style. Biber and Conrad (2009) structured a study on the issue of textual variation, records, genres and styles. Thus, through the analysis of the ideas of the authors, we hope to establish a debate about the uses of the terms “text types” and “genres”.

Key words: Textual Typology, Textual Genres, Language.

### Introdução

Este estudo é o resultado de uma reflexão analítica que se respalda nas leituras e revisão da literatura da área de Estudos linguísticos com base nas ideias e argumentos de Lee (2001), Biber (1988), Conrad e Biber (2009); Xiao e McNery (2005), e demais teóricos que estudam as questões sobre gêneros textuais e tipos de textos. A análise consiste em se verificar as questões relativas a gênero e tipos de textos, com observações do discurso dos autores nas relações de complexidade entre os assuntos.

Na estruturação do estudo percebemos que apesar da mesma temática, gênero e tipos de textos, os objetivos dos autores se diferenciam na intenção de análise. Em Xiao e Mcenery (2005) é feita uma verificação do gênero, particularmente, os termos conversação e discurso cruzando as informações com os dados demográficos contidos em uma amostra retirada do BNC (*British National Corpus*). Para Lee (2001) a tentativa é de analisar os termos gênero, registro, tipo de texto, domínio, sublinguagem e estilo. Essa tentativa é feita com o objetivo de esclarecê-los e separá-los para então converter os resultados obtidos numa planilha do banco de dados do *British National Corpus* – BNC. Biber e Conrad (2009) direcionam o seu foco de análise para a questão da variação textual - registro, gêneros e estilos. Abordam também, a língua usada nos tipos diferentes de textos (falados e escritos) e suas características linguísticas.

Nesta perspectiva, para dar encaminhamento à proposta de estudo e para efeito de estruturação do artigo, estabelecemos uma conduta metodológica na qual trabalhamos a revisão das obras dos autores, separadamente, com vistas a propiciar maiores especificações, como também, detalhar com melhor precisão cada argumento. Na finalização faremos considerações sobre nossa interpretação das abordagens apresentadas neste estudo.

### **Gêneros e tipos de textos**

Com base nessa argumentação introdutória fica mais fácil demonstrar a intenção do estudo que foi a de “esmiuçar” as entrelinhas dos textos, buscando numa perspectiva de análise sobre gênero e tipos textuais estabelecer os parâmetros abordados por cada um dos autores, refletindo sobre a necessidade de entendê-los de acordo com suas particularidades metodológicas.

### **Zhonghua XIAO e Aknthonny MCENERY (2005)**

Xiao e Mcenery (2005) estabelecem para o estudo, como foco de análise, duas abordagens sobre gênero. A primeira obra é a análise multidimensional de Biber (MDA) com utilização de sistemas computacionais e de técnicas estatísticas. A segunda, a tese de Tribbler sobre a função da palavra-chave de *Wordsmith*, que é um programa bastante sofisticado de análise de corpus, argumentando que seus resultados serão similares aos obtidos pela análise multidimensional (MDA – foi originalmente desenvolvido para comparar registros falados e escritos em inglês (Biber 1988)).

O parâmetro de comparação utilizado é o estudo de casos de conversação, fala e prosa acadêmica em Inglês Americano moderno. Os autores definem os termos conversação e discurso, utilizados no estudo, demograficamente relacionados aos dados na amostra contextualizada do BNC. A conversação corresponde à comunicação estabelecida no cotidiano, enquanto o discurso exige a participação de vários receptores e poucos produtores (são indicados como exemplo: sala de aula, palestras, discursos políticos, entre outros). Em relação à prosa acadêmica é definida como um gênero típico formal e escrito que difere dos dois gêneros falados: conversação e discurso. A conversação corresponde à comunicação estabelecida no cotidiano, enquanto o discurso exige a participação de vários receptores e poucos produtores.

De acordo com Xiao e Mcenery (2005) a Análise Multidimensional de Biber (MDA) tem sido utilizada por diversos teóricos, uma vez que seu uso favorece a comparação entre os registros falados e escritos na língua inglesa. Além disso, o MDA trata das questões relacionadas ao design de *corpus* (BIBER, 1993) como também, as definições registros/ gêneros e tipos de textos (BIBER, 1989).

Xiao e Mcenery (2005) identificam como problema o fato de que é possível a função das palavras-chave *WordSmith* (um pacote de exploração de corpus avançado, que inclui a concordância e a lista de palavras, palavras-chave, e as funções de colocações) alcançar iguais efeitos e resultados aos dos MDA, e que a complexidade envolvida no uso do MDA na extração das características linguísticas não se aplica a *WordSmith*.

Na metodologia do trabalho Xiao e Mcenery (2005) utilizaram os dados primários do *corpus* obtidos no *Corpus de Santa Bárbara de Inglês Americano falado* (SBCSAE) e o *Corpus do Inglês Americano Falado Profissional* (CPSA). Foram classificados 43 arquivos de corpus de SBCSAE para os gêneros de conversação e do discurso na base do tema e o número de participantes descritos na documentação, entretanto, somente doze desses arquivos estavam disponíveis para este estudo no que concerne ao gênero do discurso nos dados da SBCSAE, consideravelmente menos do que os dados para o gênero de conversação. Na tentativa de comparação dos dois gêneros falados com um tipicamente escrito, os autores utilizaram para extração das características linguísticas o sistema *CLAWS* de Lancaster utilizado para marcação dos dados, com aplicação de marcador de *C7BNC* que é conjunto de algoritmos desenvolvido com o fim de combinação das funções de pesquisa *WordSmith* avançadas utilizadas na extração de recursos linguísticos de *corpora* etiquetados usando *CLAWS* de Lancaster. Foram extraídas oitenta amostras de textos na categoria do *corpus FROWN*, designado como *FROWN*. O *FROWN* é uma atualização de *Brown* contendo dados a partir do início de 1990.

Partindo dessa compreensão os autores fazem uma avaliação sobre a análise multidimensional (MDA) esclarecendo sobre as características linguísticas com carga negativa (fator - 3) e positiva (fator + 1), suas sete dimensões e suas estruturas fatoriais. Ressaltam que para se classificar a dimensão de um texto é necessário que se quantifiquem as pontuações de todos os recursos linguísticos em uma dimensão, retirando a média dos escores fatoriais dos textos dentro do gênero. Além disso, calculam as pontuações decorrentes das dimensões dos três gêneros (conversação, fala e prosa acadêmica) demonstrando suas diferenças significativas.

É interessante ressaltar que Xiao e Mcenery (2005) usam como base as sete dimensões indicadas por Biber (1988) no MDA e que se encontram assim relacionadas:

- 1) produção informacional *versus* produção envolvido;
- 2) questões narrativas *versus* questões não narrativas;
- 3) referência explícita *versus* referência dependente da situação;
- 4) expressão aberta de persuasão;
- 5) informação abstrata *contra* não abstrata;
- 6) elaboração de informativos *on-line*;
- 7) *hedging* (escrita acadêmica).

Nesse contexto de análise os autores enfatizam que o mais marcante contraste entre as três dimensões está na conversação que possui restrição de produção em tempo real em virtude por ser o mais oral dos gêneros. O mais literário dos três gêneros é a prosa acadêmica, isso por ser a mais densa em informação. A conversa e a fala são semelhantes entre si, fazendo referência à situação física e temporal do discurso em diferentes graus, não necessitando de elaboração estatística por não ter um foco informacional.

O *WordSmith* é o recurso utilizado por Xiao e Mcenery (2005) para a análise dos três gêneros numa base comparativa com os resultados do MDA, isso na tentativa de exploração de comparabilidade entre as duas técnicas. O *WordSmith* é definido pelos autores como:

is an advanced *corpus* exploration package that includes concordance as well as wordlist, keyword, and collocation functions. As *WordSmith* can generate a wordlist and extract keywords automatically, the keyword approach to genre analysis does not require users to extract complicated structures from a *corpus* or under-take a sophisticated statical analysis. (p.07).<sup>52</sup>

Na extração das palavras-chave positivas e negativas, os autores chegam à conclusão de que nove entre dez palavras positivas extraídas do *corpus* de conversação americana aparecem na lista de FLOB e BNC. Quanto às negativas são as mesmas no FLOB e BNC, porém numa ordem diferente. Eles fazem uma observação quanto às interjeições que aparecem com frequência maior na conversação, enquanto no discurso aparecem como partículas com a intenção de manter a coerência na conversação. Uma ressalva, as interjeições são importantes numa análise de palavras-chave, sem, entretanto, serem incluídas como características no MDA. Duas palavras-chave (*THAT* e *SO*) estão entre o topo da lista de dez do discurso, mas não da lista de conversação.

Os autores ressaltam que o fator total da conversação sobressai sobre o da fala, sendo sobrepujado somente pelo discurso o que indica uma possível discrepância entre os gêneros falados. Essa observação é compatível com os resultados de MDA.

Um outro aspecto constatado nos resultados é que entre as dez melhores palavras-chave da prosa acadêmica a preposição *of* confere um peso negativo para a dimensão de produção informacional versus produção envolvida. Essa preposição funciona como elemento pós-modificador na estrutura N1+of+N2. Quanto ao artigo definido *the* é também associado com substantivos. Em MDA os substantivos do tipo nominalidade possuem características de carga positiva para a dimensão 3, enquanto outros tipos de substantivos têm carga negativa para a dimensão 1, em contrapartida, nesta dimensão o verbo do presente *is* apresenta aspecto positivo. Comparativamente a MDA os substantivos do tipo nominalidade possuem características de carga positiva

É feita uma observação em relação às palavras-chave com carga negativa de menor frequência quando estão ligadas a um *corpus* de referência que por sua vez deve ser analisado na intenção de se verificar o motivo da baixa frequência nos dados americanos. Um alerta é fornecido pelos autores: que o BNC não é adequado como *corpus* de referência para se estudar palavras-chave negativas. Pensando dessa forma, utilizou-se uma lista de palavras-chave baseada em FLOB (*Corpus de referência que apresenta uma lista de palavras semelhante ao BNC*), fazendo um contraste com palavras-chave negativas da prosa acadêmica.

Com base em uma tabela que contém as dez melhores palavras-chave de carga negativa associada aos três gêneros, os autores deduzem que, tanto as negativas quanto as positivas possuem igual importância por serem reveladoras. Na dimensão 1, que é uma das dimensões no MDA de Biber, são associadas ao discurso interativo; existem quatro características linguística que estão associadas à produção informacional &

---

52 [...] é um pacote avançado de pesquisa de *corpus* que inclui “concordância”, lista de palavras, palavras-chave e funções de colocação. Como o *WordSmith* pode gerar lista de palavras e extrair palavras-chave automaticamente, a abordagem à análise de gênero a partir de palavras-chave não força os usuários a extraír estruturas complicadas de um *corpus* ou fazer uma análise estatística sofisticada (p. 07).’ (Nossa tradução).



produção envolvida, com peso positivo entre as dez melhores palavras-chave negativas da prosa acadêmica. Em contrapartida as duas características linguísticas da mesma dimensão estão entre as dez melhores negativas da conversa e da fala. Isso revela um contraste entre os gêneros falados: que seis em cada dez palavras-chave negativas da conversa são associadas com características do fator -1 enquanto apenas três palavras-chave negativas do discurso são associadas com características do fator -1. Nota-se, que da mesma forma sete palavras-chave negativas e três características linguísticas da prosa acadêmica estão associadas com a dimensão 2 que são as questões narrativas & questões não narrativas, isso conduz a se achar que a prosa acadêmica tem um foco menos narrativo do que a dos dois gêneros falados, conversação e discurso. Nesta dimensão a prosa acadêmica possui menor pontuação significativa estatisticamente.

Encontrando-se no topo das dez palavras-chave negativas do gênero da conversa o pronome *which* possui dificuldade de interpretação, sendo utilizado em orações relativas e construções com preposições que aparecem na frase antes do objeto. Essa baixa frequência funciona como um indicador de que a conversação depende muito do contexto de referência, possuindo ainda baixa pontuação para a dimensão 3 que está associada à referência explícita & referência dependente da situação.

Concluindo a sua argumentação Xiao e Mcenery (2005) afirmam que as duas abordagens analisadas possuem coerência entre os três gêneros diferentes (conversação, discurso e prosa acadêmica) considerando o fato de que as palavras-chave podem ser utilizadas para maior aproximação com a análise de MDA.

Entretanto, fazem ainda a seguinte ressalva em relação às duas abordagens:

- Há diferença significativa entre a conversação e o discurso na dimensão 1, diferindo também na dimensão 6;
- A conversação é mais interativa e efetiva do que o discurso, por ser a primeira mais densa e precisar de elaboração *on-line*;
- Os dois gêneros falados, conversação e discurso, diferem significativamente da prosa acadêmica ao longo das dimensões 1, 3 e 5, indicando que a prosa acadêmica é a mais letrada, técnica e abstrata dos três gêneros, fazendo por outro lado, referência explícita no texto.

Dessa feita, Xiao e Mcenery (2005) destacam os parâmetros existentes entre as duas abordagens (MDA e Tribbler), pontuando cada dimensão com suas respectivas diferenças sempre com a preocupação de estabelecer um cruzamento de informações entre ambas.

Os autores trataram o estudo através de uma linguagem técnica, porém, preocupados em elucidar as questões sob a ótica da sistematização da linguagem, oportunizando, dessa feita, a compreensão.

Outro ponto importante, os autores se preocuparam em explicar cada uma das dimensões nos apêndices que acompanham o artigo.

No entanto, é interessante observarmos que este estudo ainda não foi amplo o suficiente, uma vez que a MDA apesar de ser uma ferramenta muito importante é extremamente técnica o que dificulta, provavelmente, o cruzamento dos dados recuperados.

### **David Y. W Lee (2001)**

Em sua obra Lee (2001) faz análise dos termos gênero, registro, tipo de texto, domínio, sublinguagem e estilo. Através de uma verificação objetiva na tentativa de esclarecê-los e separá-los, para então converter os resultados numa planilha do banco de

dados (Índice *British National Corpus* - BNC) contendo etiquetas de gênero e outras informações, com vistas a favorecer a navegação fácil de cientistas, linguistas, professores de línguas, dentre outros usuários. Além disso, o trabalho de Lee objetiva permitir realizar pesquisas sobre gênero, restringindo as buscas em subconjuntos específicos de sublinguagem de BNC usando concordâncias baseadas em *WordSmith*, *MonoConc* ou *BNCWEB*.

Quanto à questão da elucidação do problema, Lee (2001) acredita que o conceito da distinção entre gênero e tipo de texto seja ainda bastante confuso, em virtude disso, necessita ser clarificado em relação às características linguísticas. Segundo ele, as especificações teóricas de gênero são um tanto obscuras para as pessoas que não possuem familiaridade com a gramática funcional sistêmica e que observam gêneros como um agrupamento de textos. Nesse caso, ele faz uma análise sobre essa distinção confusa a luz da interpretação de outros autores: Biber (1988); Eagles (1996); Kress (1993) e; Tribble (1999).

O autor inicia sua análise citando Biber (1988, p.70) e Eagles (1996, p.170) para fazer distinção entre gênero e tipo de texto. O primeiro autor baseia seus estudos em critérios externos não linguísticos e o segundo em características internas linguísticas de textos próprios. Nessa perspectiva, um gênero é definido como categoria com base em critérios externos, tais como público alvo, propósito e tipo de atividade, que segue um agrupamento convencional e culturalmente reconhecido de textos que possuam propriedades que não sejam características lexicais ou gramaticais de ocorrência que, ao contrário, são critérios internos (linguísticos). “Categorias de gênero são determinadas com base em critérios externos relacionados ao propósito do falante e tópico, pois eles são atribuídos com base na utilização, em vez de na base da forma”. (BIBER, 1988, nossa tradução)

Para o autor os termos *gênero e registro* são os mais confusos e usados em alguns casos como sinônimos, pois se sobrepõem em algum grau. A diferença entre os dois está exatamente no fato de que gênero está associado mais à organização da cultura e fins sociais em torno do idioma, estando vinculado às considerações de ideologia e poder. Por sua vez, registro está associado à organização da situação ou contexto imediato.

Para esclarecer essa questão o autor menciona Martin e Matthiessen (1991) que apresentam um diagrama que mostra a relação entre linguagem e contexto, vistos pela abordagem sistêmico-funcional, apresentando o registro como configuração particular de campo, conteúdo e modo de escolhas. Apresenta também as metafunções de registro e gênero, sendo esse último uma elaborada expressão do *potencial semântico e específico*. Porém, essa especificidade está relacionada a uma Estrutura Potencial Genérica (EPG).

Quanto ao estilo, Lee (2001) discorre que quando o mesmo é determinado num texto não há caracterização do gênero pertencente, mas sim pela utilização do. Em seu argumento, explica que o fato do estilo ser informal para determinado autor não significa que ele não possa fazer uso de um estilo mais formal dentro do próprio gênero. Para o autor, registro é usado quando o texto traduz uma linguagem com diferentes nuances com configurações de idioma adaptado à sua tarefa. Por outro lado, o gênero, é percebido como um fator de consenso por uma cultura, passível de mudanças ou críticas ao longo do tempo.

O autor afirma ainda que sua visão se baseia no pensamento de Fairclough (2000) e Eggins e Martin (1997), com quem tem familiaridade de ideias por entender que este último acredita que as características linguísticas selecionadas em um texto determinarão as dimensões

contextuais indicando o contexto de produção e identidade genérica quanto à tarefa alcançada. Quanto à definição de registro os autores são vagos indicando-o como algo abaixo do gênero em relação às metafunções. Isso significa dizer que para ambos o gênero e o registro são completamente diferentes, sendo o primeiro culturalmente reconhecido e o segundo utilizado como padrões léxico-gramaticais e discursivo-semânticos associados a situações. À medida que a sociedade se altera culturalmente e ideologicamente, a construção de gênero também é alterada.

O autor decide se utilizar do termo gênero na descrição de grupos de textos recolhidos e compilados para *corpora* ou estudos baseados em *corpus*. Aceita como fato que esses grupos estejam associados às configurações de poder, ideologias e fins sociais que são aspectos dinâmicos da linguagem. O autor se incomoda com o fato de que os parâmetros de uso da linguagem são associados de maneira inquestionável com certas características linguísticas sem passarem por um crivo de avaliação através da contestação de uma visão crítica. Por fim, o estudo das diferenças de gêneros implica a forma como a linguagem sofre variação em virtude das características sociais e situacionais indicadas anteriormente.

Os níveis de generalidades dos rótulos de gênero trazem grande variação e amplitude, principalmente nos discursos acadêmicos que possuem um nível de variação interna considerável, diferindo na linguagem quando provêm de textos individuais.

O autor cita Steen (1999) quando indica a Teoria do Protótipo para conceituação de gênero com a formalização de uma taxonomia do discurso. Nessa teoria as categorias são dispostas através de hierarquia com o máximo de atributos. Distinguem-se por serem termos superiores e subordinados. No nível básico de categorização ocorre a conceituação das pessoas, no nível subordinado surgem as derivações decorrentes do nível básico, sendo consideradas protótipos difusos e cognitivamente salientes numa escala móvel. Ou seja, o nível básico são os gêneros e os subordinados são os subgêneros, sendo a classe mais abstrata do discurso, os superiores. Há uma série de atributos provenientes dessas diferenças que são em número de sete: domínio, meio, conteúdo, forma, função, tipo e linguagem.

Para Lee (2001) trabalhar com gêneros, subgêneros ou domínio requer conhecimento prévio das categorias para o estudo de *corpora*. Porém, nem todas as categorias utilizadas são gêneros adequados, porém podem ser vistas algum tipo de “gênero” em um abordagem com categorias difusas ou uma hierárquicas.

O autor aponta como vantagens da Teoria do Protótipo as características: a) imprecisão entre e dentro dos gêneros em um estatuto teórico próprio, e b) sobreposição de categorias como não sendo um problema, pois textos podem pertencer a mais de um gênero.

Após ter esclarecido algumas terminologias e conceitos observando as categorias usadas em *corpora*, Lee (2001) resolve considerar a análise de alguns problemas existentes no *British National Corpus* (BNC) para depois apresentar um novo recurso chamado de Índice de BNC na tentativa de facilitar a navegação dos vários textos pelos pesquisadores, professores e alunos.

Para o autor a amplitude e a falta de explicação do esquema de classificação do BNC é um problema por precisar de um mapa de navegação. Um outro aspecto é o fato de que os textos imaginativos das bibliografias do BNC são retiradas de livros. Os erros de classificação e os títulos confusos do BNC são considerados um grande problema por não favorecer a recuperação pelos usuários, mesmo que as informações estejam em suporte automatizado. E por último, e

não menos importante, é apresentado um problema relacionado aos subgêneros num único arquivo, que deve ser analisado por outros linguistas que trabalham com gêneros relativamente homogêneos.

### **Douglas Biber e Susan Conrad (2009).**

Biber e Conrad (2009) direcionam o foco do estudo para a questão da análise da variação textual - registro, gêneros e estilos. Abordam também a língua usada nos tipos diferentes de textos (falados e escritos) e suas características linguísticas.

De acordo com os autores as perspectivas dessa variação textual possuem similaridades em seu foco linguístico; registro e gênero se direcionam para a descrição dos propósitos e o contexto situacional de uma variedade textual; o seu contraste está na questão do registro se focar nas estruturas convencionais quando da construção de um texto. Apesar da semelhança do estilo com o registro, a diferença chave encontra-se no fato de que o estilo não é motivado pelo contexto situacional, pois refletem preferências estéticas, associadas com autores particulares e períodos históricos.

Os autores em sua discussão dizem que a ênfase está na perspectiva de registro uma vez que propicia a descrição de todas as variedades do texto, ou seja, qualquer amostra textual pode ser analisada sob a ótica de registro.

O que se pode observar nesta afirmação é que os autores partilham da opinião de que as variações textuais e suas diferenças afetam diretamente a vida diária das pessoas em qualquer situação até de trabalho. Argumentam que as proficiências com essas variações aumentam o acesso à informação e a habilidade de participar em comunidades variadas. A variabilidade é inerente à linguagem humana. As pessoas dizem a mesma coisa de formas diferentes e usam formas linguísticas diferenciadas em situações distintas. A variação é sistemática, pois as pessoas que falam uma língua escolhem palavras, morfologia, pronúncia e gramática dependentes de fatores não linguísticos. Esses fatores incluem a intenção do falante na comunicação, sua relação com o ouvinte, suas características sociais e as circunstâncias de produção. A variação é percebida num nível mais alto como línguas diferentes e em um nível mais baixo como as diferenças existentes entre falantes numa linha comparativa ou as diferenças entre dois textos elaborados pelo mesmo falante.

Os autores fazem referência à língua natural usando o termo texto quando a mesma é percebida em um discurso ou escrita. Assim, tanto podem ser textos um romance, um artigo de jornal, um trabalho de pesquisa, quanto podem ser um sermão ou uma conversa entre dois falantes presentes. As diferenças entre textos são estabelecidas da seguinte forma: texto completo, quando o discurso deixa claro que tem início e fim, como exemplo, um sermão ou artigo; e excerto de texto que são discursos extraídos de um texto completo. Dessa feita, pode ser um excerto de texto de dois ou três parágrafos de um romance ou as várias rodadas de interação de uma conversa.

Um outro aspecto observado na análise é a de que os textos podem ser descritos com base no seu contexto, considerando as características das pessoas que produziram os textos e as características das situações e propósitos comunicativos associados aos textos. O termo geral variação é usado para categorias de textos que dividem algumas características sociais ou situacionais. Como exemplo, uma variação nacional do inglês se refere aos textos produzidos por pessoas que falam a língua e que moram num país específico (inglês britânico, inglês australiano, inglês indiano, etc.).

A maioria das pesquisas sociolinguísticas se concentra nas variações relacionadas a grupos diferentes de falantes. Um exemplo são pessoas que moram em regiões diferentes, classes econômicas diferentes, grupos étnicos, etc. Essas variações são chamadas de dialetos.

Quando de sua análise de registro, da situação, das características linguísticas e das funções, os autores dizem que registro pode ser descrito por suas típicas características gramaticais e lexicais. Por outro lado, registro pode também ser descrito pelo contexto situacional, se são produzidos no discurso ou na escrita, se são interativos e quais os propósitos comunicativos iniciais. Um dos argumentos centrais do livro é de que as características linguísticas são sempre funcionais quando consideradas sob a perspectiva de registro.

Uma observação feita é de que o componente linguístico de uma análise de registro exige identificação das características linguísticas presentes na variação, uma vez que características linguísticas podem ocorrer na variação e são mais comuns no registro de fonte.

Por outro lado as características de gênero não são generalizadas, pois elas podem ocorrer somente uma vez no texto completo, no início ou no final. Elas são frequentemente convencionais em vez de funcionais.

Os autores fazem um alerta para o fato de que quando ocorre uma conversa em tempo real entre duas pessoas há interação entre as partes e um diálogo de contexto imediato. As características linguísticas típicas da conversa exigem a consideração de múltiplos textos de registro de fonte. Alguns estudos anteriores encontraram três características linguísticas muito comuns na conversa: pronomes pessoais da primeira pessoa (*I* e *We*), pronomes pessoais da segunda pessoa (*You*) e perguntas.

Um outro aspecto da análise de registro é interpretar o relacionamento entre características situacionais e as linguísticas generalizadas em termos funcionais.

Características de registro se evidenciam se uma análise contrasta dois registros diferentes. Um exemplo, quando um autor escreve um artigo de jornal não está se referindo a uma pessoa específica e não existe interação direta entre ele e o leitor. Outro aspecto é que não é comum o autor descrever seus sentimentos pessoais e nem comentar aspectos de sua vida. Como resultado dessas considerações funcionais, existem poucos pronomes na primeira e segunda pessoa, como também, perguntas nos artigos de jornais.

A descrição de um registro tem três componentes: descrição comunicativa – situacional, descrição de características linguísticas presentes e análise das associações funcionais entre formas linguísticas e contextos situacionais.

Os autores atentam para o fato de que registros diferem entre as características linguísticas e situacionais, estas últimas mais básicas. Os falantes usam a língua com diferentes propósitos, contextos e circunstâncias. Em contraste, as diferenças linguísticas entre os registros podem ser derivadas de diferenças situacionais, uma vez que características linguísticas são funcionais. Uma vez que poucos registros podem ser identificados por características gramaticais e lexicais, deve ser considerado numa análise linguística a extensão do uso das características linguísticas, observando as que são comuns no registro de fonte. Por exemplo, no diálogo há mais pronomes e menos nomes, enquanto na escrita jornalística existe o inverso. Isso significa dizer que a análise linguística de registros é baseada em tais diferenças na distribuição relativa das características linguísticas as quais são comuns e presentes em alguns registros, mas comparativamente raras em outros registros.

O processo de análise de registro é frequentemente interativo. A ocorrência ou não de certas características linguísticas geram padrões linguísticos imprevisíveis que

irão exigir que se analisem as características situacionais de registro, particularmente, as características menos óbvias no processo comunicativo.

Essas diferenças linguísticas não são arbitrárias, pois as análises de registros sempre incluem a descrição do contexto situacional e interpretação de por que as características linguísticas ocorrem naquele contexto. As associações funcionais entre padrões linguísticos têm suma importância no estudo da variação de registro.

Na compreensão dos autores não há um nível correto para identificar um registro, isso depende dos objetivos do estudo. Independente do tipo de produção, tudo pode ser registro, a diferença encontra-se no nível de generalidade, quanto mais específica é uma categoria, mais adequadamente é possível identificar as características linguísticas e situacionais. A observação é de que os registros podem ser estudados em diferentes níveis de especificidades.

No estudo das diferentes variações da língua, no caso o inglês, muitas vezes se remete para se pensar num dialeto. Em virtude disso, os autores explicam dois tipos de dialetos mais comumente encontrados na linguística: dialetos geográficos, que são as variações associadas com falantes que vivem numa localidade específica; e dialetos sociais, que são variações associadas a um determinado grupo geográfico (diferentes classes sociais). Em relação a esse último, a maioria dos estudos usam uma abordagem comparativa para sua análise, onde se descrevem os padrões linguísticos da variação por grupos sociais na maioria dos centros urbanos, como *Nova York, Norwich, Belfast e Montreal*.

Biber e Conrad (2009) observam ainda que os estudos sobre dialetos se concentram em características que não estão associadas com as diferenças de significado. As diferenças fonológicas residem na variação de como se pronunciar o “r” na palavra *park*. Isso deixa claro que não há alteração de significado apesar da variação fonológica. Isso diz respeito também às características gramaticais e lexicais que nos estudos são selecionadas de modo a não modificar o significado de um termo. Essas diferenças linguísticas não são funcionais. Em virtude disso, alguns sociolinguistas argumentam que essas diferenças são arbitrárias, onde uma forma linguística está associada convencionalmente a um grupo social.

Mediante essas considerações, os autores finalizam argumentando que as variáveis linguísticas usadas em estudos de registros são exatamente o oposto daquelas usadas no estudo de dialetos. As variáveis de registro são funcionais e as de dialetos são convencionais.

### **Considerações finais**

Ao iniciar as considerações sobre nossa percepção dos argumentos centrais das obras dos autores, inicialmente, interessa-nos dizer que não há e talvez nunca haverá num processo de análise como este, um endosso consensual. Há sempre a opção de aceitar ou rejeitar a ideia em questão. Importa-nos, sim, oferecer uma compreensão dos fatos, de modo que, contribua para que esta opção seja feita.

Tendo em vista os assuntos abordados, entendemos que estudar gêneros em suas múltiplas facetas não é tarefa fácil, uma vez que necessita de uma ampla sistematização com abordagens articuladas com as visões de outros estudiosos sobre o tema, que em diferentes períodos se em preocuparam em compreender e elucidar o termo.

Verificamos no estudo que os argumentos principais utilizados pelos autores para transparecer seus posicionamentos são feitos através da verificação das abordagens de autores

renomados na literatura, cujas ideias são semelhantes aos seus no que diz respeito à diferença terminológica de gênero.

Nesse estudo é possível constatar que fazer a distinção entre tipos de texto e gênero entre os pressupostos teóricos dos autores aqui apresentados não é uma tarefa das mais fáceis. Lee (2001) em sua análise sobre a argumentação de Biber (1988), afirma que para este autor o tipo de texto se baseia em características internas linguísticas de texto próprio (léxico, gramática, aspectos formais) enquanto o gênero possui categorias externas (interativos, discursivos, público alvo, propósito, tipo de atividade), que se relacionam com a intenção do falante e do tópico, isso em virtude de estar o gênero mais relacionado ao uso da língua pelo falante do que com a sua forma estrutural.

Outro ponto relevante nessa argumentação, diz respeito a Lee (2001), que se contrapõe a essa visão de que texto se baseia em critérios internos, e afirma que não existe ainda a identificação de categorias de tipos textuais que definam gêneros amplamente reconhecidos com base em características linguísticas internas. O autor evidencia em sua fala que a seleção de textos para inclusão em um *corpus* deve acontecer sempre com base em critérios externos, pois em caso contrário, um texto inteiramente selecionado em critérios internos não traria nenhuma informação sobre linguagem e seu contexto situacional. Para esse autor, de acordo com a teoria de Biber, dois textos podem pertencer ao mesmo tipo de texto, muito embora possam vir de gêneros diferentes por sua semelhança na forma linguística. Significa dizer que essa é uma tentativa de explicar a variação dentro de e entre gêneros.

Para Lee (2001) os termos gênero e registro se confundem como sinônimos em alguns casos, pois se sobrepõem em determinado grau. O primeiro sempre está relacionado com os eventos dinâmicos da linguagem no que concerne à organização da cultura e fins sociais, baseados na relação de poder e ideologia. O segundo está condicionado a um contexto imediato situacional. Entretanto, o autor não se sente confortável da forma como os parâmetros linguísticos são comparados em associação sem passarem por uma crítica analítica que os contestem antes da aceitação.

Há consenso entre os autores Xiao e Mcenery (2005) e Lee (2001) de que o rótulo “gênero” possui ampla generalidade, com grande variação e amplitude, diferindo na forma de linguagem. Um outro aspecto é a questão confusa de distinção entre gênero e outras características, como exemplo, o registro.

Por outro lado Biber e Conrad (2009) dizem que as características de gênero não são generalizadas e que são quase sempre convencionais em vez de funcionais. Mas se as características linguísticas são consideradas sob a perspectiva de registro, são sempre funcionais.

## REFERÊNCIAS

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press. 1988

- BIBER, Douglas e CONRAD, Susan. **Register, Genre, and Style**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- EAGLES. *EAGLES preliminary recommendations on text typology*. EAGLES Document EAG-TCWG-TTYP/P, Version of June, 1996, available at: <http://www.ilc.cnr.it/EAGLES96/texttyp/texttyp.html>
- LEE, David Y. W. *Genres, registers, text types, domains, and styles: clarifying the concepts and navigating a path through the BNC jungle*. In: *Language Learning & Technology*, Lancaster University, 2001, september, vol. 5, n. 3, p. 37-72.
- XIAO, Zhonghua; MCENERY, Anthony. *Two approaches to genre analysis: three genres in Modern American English*. *Journal of English Linguistics*. Lancaster University, 2005, vol. 33, n. 1, march, p.62-82.



## GÊNEROS DA TRADIÇÃO ORAL PARA O ENSINO DA LÍNGUA PARKATÊJÊ<sup>53</sup>

Maria de Nazaré Moraes da SILVA - mn@ufpa.br

Orientadora: Profa. Dra. Marília de Nazaré Oliveira FERREIRA - marília@ufpa.br

Resumo: Desde o período de intensificação da colonização do Brasil, grande parte da variedade linguístico-cultural que existia no país foi exterminada. Das, aproximadamente, 180 línguas e dialetos nativos que subsistem, muitos estão ameaçados, em consequência da crescente invasão da língua portuguesa em territórios indígena e do inevitável contato dessas comunidades com a sociedade envolvente. A partir da segunda metade do século XX, com o novo panorama político de reivindicações das organizações sociais em favor das minorias étnicas, emergiram questionamentos acerca das formas tradicionais de construção do conhecimento no Brasil. Nesse contexto, algumas áreas de estudo, como a educacional e a linguística, buscam rever suas teorias a fim de contribuir para a sobrevivência das línguas indígenas. Este artigo apresenta uma proposta pedagógica à língua parkatêjê, com base nos gêneros de sua tradição. Os Parkatêjê habitam a Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município Bom Jesus do Tocantins, no sudeste do Estado do Pará, e, atualmente, vivenciam preocupante situação sociolinguística, uma vez que os jovens e as crianças da aldeia não mais falam a língua tradicional.

Palavras-chave: Ensino de língua indígena, Gêneros da tradição oral, Parkatêjê.

### GENRE OF ORAL TRADITION FOR PARKATEJÊ LANGUAGE TEACHING

Abstract: From the period of intensification Brazil's colonization to the present day, much of the linguistic and cultural variety which existed in the country was destroyed. From approximately 180 native languages and dialects remain, many are threatened as a result of the increasing encroachment of Portuguese language in indigenous territories and the inevitable contact these communities with the surrounding society. From the second half of the twentieth century, with the new political landscape of claims of social organizations in favor of ethnic minorities, emerged questions about traditional forms knowledge construction in Brazil. In this context, some areas of study such as education and linguistics, seek to revise their theories in order to contribute to the survival indigenous languages. This research presents a pedagogical proposal to language Parkatêjê, marked by a transdisciplinary approach of the genders their tradition. Parkatêjê inhabit the Indigenous Mother Mary, located in the city of Bom Jesus do Tocantins, in the southeast of Pará, and currently experiencing worrying sociolinguistic situation, since the young and the village children no longer speak the traditional language.

Keywords: Indigenous language teaching, Genre of oral tradition, Parkatêjê.

### 1 INTRODUÇÃO

<sup>53</sup> Este artigo é resultante de comunicação apresentada no X Seminário de Pesquisas em Andamento (SEPA), realizado pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras e Comunicação (ILC) da Universidade Federal do Pará (UFPA) nos dias 26 e 27 de setembro de 2013.

Por volta do século XV, havia, no Brasil, 1,2 mil línguas indígenas, aproximadamente (RODRIGUES, 2005). Mesmo após violenta colonização que levou à morte inúmeros índios, o sentimento de pertencimento étnico que se instaurou nas aldeias foi decisivo para assegurar a sobrevivência das mais de 200 diferentes etnias e cerca de 180<sup>54</sup> diferentes línguas indígenas brasileiras.

Segundo Calvet (2007), somente a partir da segunda metade do século XX, quando o Brasil foi reconhecido, politicamente, como um país pluriétnico/pluricultural, as comunidades indígenas passaram a se organizar, efetivamente, para protagonizar o seu destino. Nesse cenário, educadores e linguístas, entre outros profissionais, iniciaram uma revisão em suas teorias a fim de contribuir com novos projetos em prol da sobrevivência das línguas indígenas do país.

Neste artigo, apresento uma proposta para o ensino da língua parkatêjê. No entanto, antes de divulgá-la, discorro, sumariamente, sobre os avanços dos campos educacionais e linguísticos no que se refere ao contexto indígena brasileiro, desde o século XVI até os dias atuais; em seguida, falo sobre o primeiro projeto escolar implantado na aldeia parkatêjê, para o fortalecimento de sua língua tradicional, bem como para o aprendizado da língua portuguesa.

## 2 EVIDÊNCIAS DE MUDANÇAS NOS CAMPOS LINGUÍSTICO E EDUCACIONAL EM FAVOR DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

A educação escolar em áreas indígenas do Brasil encontra-se historicamente interligada com o desenvolvimento da linguística indígena no país. Por uma questão didática, os avanços nesses dois campos de estudo podem ser divididos em quatro momentos, conforme a explanação apresentada neste item.

Do ano de 1540 a 1910, aproximadamente, ocorreu o que pode ser denominado ‘o paradigma assistencialista e a tupinologia’. Esse primeiro momento demarca a introdução da educação escolar no Brasil e o conseqüente processo de integração das comunidades indígenas à civilização (MILHOMEM, 2008).

Por ocuparem a costa atlântica do Brasil, os povos Tupi foram os primeiros a serem contatados pelos colonizadores e pelos missionários jesuítas. Inicialmente, houve um grande esforço dos jesuítas para aprender a língua tupi a fim de realizarem suas

---

<sup>54</sup> De acordo com Rodrigues (2005) e com o Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (RCNEI), o Brasil conta, atualmente, com cerca de 180 línguas indígenas (BRASIL, 1998). De certo, este número pode apresentar variações, a depender de como são contabilizadas as línguas e os dialetos.

pregações, mas esse intento resultou em grande paixão por estudá-la (CÂMARA JR., 1979).

Nos séculos XVII e XVIII<sup>55</sup>, as concepções linguísticas exerceram grande influência entre os missionários, e eram refletidas em seu desejo de alcançar a perfeição gramatical, de modo que havia entre eles o propósito de aproximar a estrutura das línguas indígenas ao padrão do latim. Como lidavam com comunidades ágrafas, o ensino/aprendizagem da catequese era feito oralmente, por meio da memorização, e não levava muito tempo para que os índios se tornassem católicos (FUNARI; PIÑÓN, 2011).

Ao sintetizar as características principais do acervo linguístico dessa época, Seki destaca

(1) o fato de se referirem somente à língua Tupi, também chamada de Brasília, nos séculos XVI e XVII e de Tupinambá, no século XVIII e períodos posteriores (a única exceção da língua Cariri, sobre a qual há documentos produzidos no final do século XVII); (2) a língua era focalizada não pelo interesse nela em si, enquanto objeto de estudo, mas com finalidade prática de estabelecer um meio de comunicação com os nativos de promover sua catequese; (3) a língua era abordada com base no aparato conceptual então disponível – o das gramáticas clássicas, particularmente a latina (SEKI, 1999, p. 34).

O segundo momento, denominado o ‘paradigma de transição e a linguística missionária’, se estendeu de 1910 a 1970. Ferreira (2001) aponta a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) (1910) como o marco desta segunda fase.

As ações do SPI estavam harmonizadas aos interesses da Comissão Rondon, uma das comissões designadas pelo governo brasileiro para facilitar os projetos de instalação das linhas telegráficas no país<sup>56</sup>. A pacificação e a insulação das comunidades indígenas dos espaços de interesse do Estado encontravam-se entre suas principais investidas.

De acordo com Seki,

De modo geral nos trabalhos desse período não tomavam como objetivo central a abordagem da língua em si, mas estavam subordinados aos interesses de catequese, no caso dos missionários, ou aos interesses específicos de cada pesquisador, nos demais casos; os estudos consistem, via de regra, de listas lexicais, sendo raras as tentativas de descrição de outros aspectos da língua; as transcrições eram, com raras exceções, precárias (SEKI, 1999, p. 261).

<sup>55</sup> Nesse período, mais precisamente a partir da Renascença, fortaleceu-se a distinção entre línguas civilizadas e línguas selvagens. O sentido de selvagem seria ‘o homem natural’, desprovido do grau de racionalização, o falante de uma língua ainda sem gramática, no sentido integral, na opinião dos estudiosos daquela época. A condição para que o homem recebesse o título de *sapiens* seria falar a língua do homem civilizado (CÂMARA JR., 1979).

<sup>56</sup> Os projetos de instalação das linhas telegráficas no Brasil foram iniciados no final do período imperial, mas, até a proclamação da República, eram poucos os trechos concluídos. O processo foi acelerado com os trabalhos do Marechal Rondon (BIGIO, 2003).

No que se refere à educação escolar na fase das ações rondonianas, Freire (2008) sumariza que a pedagogia esteve centrada em cultos à Pátria, trabalhos manuais, técnicas pecuárias e práticas agrícolas. As escolas “não se diferenciavam das escolas rurais, do método de ensino precário à falta de formação do professor, predominando a formação de índios como produtores rurais voltados para o mercado regional” (Ibidem, p. 7).

No ano de 1967, mesmo após a substituição do SPI pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (Decreto 5.371/67), as políticas indigenistas continuaram subjugadas ao plano de expansão política e econômica do Estado brasileiro para o interior, principalmente da Amazônia. Com a ditadura militar<sup>57</sup>, uma onda de protestos eclodiu no Brasil, mostrando resistência à política do governo. Um dos fatos mais significativos dessa fase foi a consolidação de movimentos pelos direitos das ‘minorias’ étnicas, que ocorreu na década de 1970 (HABERT, 1996).

A Lei 6.001/73, conhecida como Estatuto do Índio, foi outorgada nesse contexto com o propósito de regular a situação jurídica das comunidades indígenas e de preservar a sua cultura por meio da introdução do ensino obrigatório das línguas nativas nas escolas (BRASIL, 1973). Entretanto, as propostas pedagógicas instauradas após essa Lei ancoravam-se num *bilinguismo subtrativo*<sup>58</sup>, que se traduzia numa violência linguístico-cultural exercida em ‘doses homeopáticas’ (MAHER, 2006).

Para implantar a educação bilíngue, a FUNAI precisou recorrer ao *Summer Institute of Linguistics* (SIL)<sup>59</sup>, que, a partir de 1959, ficou integralmente responsável pelos programas educacionais do Brasil, uma vez que o país não tinha linguistas e pedagogos capacitados para lidar com o grande número de indígenas de seu território (FERREIRA, 2001). Todavia, as propostas do SIL pouco se afastaram das antigas intenções do governo.

O terceiro momento corresponde aos anos de 1970 a 1980. De acordo com Ferreira,

<sup>57</sup> A ditadura militar foi um movimento político que se estendeu de 1964 a 1985 e passou a controlar as ações da FUNAI, cujo modelo de política indigenista provocou embates que culminaram em mortes e expulsão dos índios de suas terras (HABERT, 1996).

<sup>58</sup> Segundo a autora, a criança indígena, inicialmente monolíngue (L1), vivenciava um período de bilinguismo transitório, na sua língua tradicional (L1) e na língua portuguesa (L2), e depois se tornava monolíngue apenas na língua portuguesa (L2). Para se chegar a esse resultado, a língua portuguesa, depois de assimilada, passava a prevalecer no currículo, sendo utilizada como língua de instrução, em detrimento da língua indígena, que aos poucos era excluída.

<sup>59</sup> A partir de 1991, passou a se chamar “Sociedade Internacional de Linguística”, com o objetivo de manter a mesma sigla (SIL) (FERREIRA, 2001).

articulada ao movimento indígena, a atuação de diferentes entidades e instituições pró-índio marcou essa terceira fase da educação escolar para povos indígenas, enquanto um novo momento mobilizava grupos organizados da sociedade civil para a elaboração de uma Política Nacional de Educação Indígena, cujo objetivo era contemplar concepções e filosofias educativas dos povos indígenas do Brasil (FERREIRA, 2001, p. 91).

Seki (1999) ressalta que, na década de 80, e depois com maior intensidade na década de 90, os postulados da corrente funcionalista começaram a mediar as análises dos fenômenos linguísticos do Brasil. Dessa forma, as pesquisas tipológicas passaram a incrementar os estudos em línguas indígenas.

Barros (1994) rememora que o envolvimento de linguistas em projetos de escolarização indígena foi efetivado com a Portaria n. 75/72, estabelecida em 1972 pela FUNAI. E foi por meio desta mesma portaria que o ensino bilíngue se tornou obrigatório no Brasil. Destarte, além de investir na escrita fonológica das línguas indígenas, a linguística dedicou esforços em defesa da língua materna para a alfabetização das comunidades indígenas.

O quarto momento, denominado ‘o paradigma emancipatório e a responsabilidade social do linguista’, teve início nos anos de 1980, e se prolonga nos dias atuais. É demarcado pela implantação de projetos educacionais com vistas à fomentação da autonomia indígena.

A maior conquista desse período foi a promulgação da Constituição Brasileira, em 1988. Essa lei representa um marco nas relações entre o Governo Federal, a sociedade civil e os povos indígenas, pois assegurou a estes últimos o direito às suas terras, ao ensino bilíngue e o respeito às suas singularidades.

Na mesma década, o governo do Pará iniciou um projeto de instalação de uma escola na aldeia parkatêjê, a pedido da própria comunidade. Um dos objetivos da equipe de profissionais e indígenas que estiveram à frente desse empreendimento foi desenvolver uma educação que assegurasse a cidadania aos índios Parkatêjê, reforçasse a sua identidade étnica e garantisse sua autodeterminação (ARAÚJO, 1996). Este assunto será abordado no próximo item.

### 3 A ESCOLA PARKATÊJÊ

A comunidade Parkatêjê é constituída pelos Rõhõkatêjê, Akrãtikatêjê e Kÿikatêjê. Juntos somam 450 pessoas, aproximadamente, um total resultante de casamentos entre esses índios e indivíduos de outras etnias, bem como de uniões

realizadas com não índios (FERREIRA, 2003). Eles habitam a Terra Indígena Mãe Maria, localizada no município Bom Jesus do Tocantins, a sudeste do Pará.

No ano de 1989, Krôhokrenhũm, o líder tradicional, precisou agir com sabedoria para evitar que os jovens se afastassem dos costumes tradicionais para estudar fora da aldeia. Com o apoio da comunidade, ele solicitou a instalação de uma escola na aldeia<sup>60</sup>, um projeto que se desenvolveu no período de 1990 a 1995, sob a coordenação da professora Leopoldina Araújo<sup>61</sup>.

A meta do projeto era “proporcionar aos membros da comunidade indígena, através de um sistema modular adequado às expectativas e projetos do grupo para o futuro, permitindo-lhes adquirir conhecimento que fortalecesse o seu sentido de identidade, bem como os preparasse para interagir com a sociedade regional e nacional” (ARAÚJO, 1996, p. 293).

Araújo (1996) menciona que o primeiro ano letivo funcionou em sistema modular, no qual as disciplinas língua portuguesa, matemática, estudos gerais e ciências eram trabalhadas em conjunto, em caráter bilíngue e interdisciplinar. As aulas sobre ‘cultura parkatêjê’ eram ministradas pelos indígenas da própria comunidade; as demais disciplinas, por professores não índios. Todavia, ao finalizarem esse período, estes últimos desistiram do projeto. Mas após autorização da SEDUC, um novo grupo de professores foi organizado.

Segundo Araújo (1996, p. 294), “um dos princípios do projeto era que a escola - instrumento da sociedade envolvente - devesse ser absorvida pela comunidade, para tornar-se seu próprio instrumento”. Dessa forma, o ensino não poderia continuar limitado às quatro paredes do prédio onde a escola funcionava. Coube, então, aos professores, harmonizar teoria e prática, ministrando parte das aulas no campo, a fim de que o ensino se tornasse ferramenta substancial às atividades diárias da comunidade.

Ao término de 1993, questões econômicas somadas a outros fatores como o crescimento da comunidade, compromissos familiares e necessidade de maior dedicação às atividades comunitárias, motivaram o afastamento de grande parte dos alunos, e passaram a colocar em risco a continuação do projeto.

<sup>60</sup> Essa foi a primeira experiência da SEDUC com ensino fundamental de 1ª a 8ª séries, em terras indígenas (ARAÚJO, 1996). O projeto funcionou em convênio com a FUNAI, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e a comunidade indígena (FERRAZ, 2001). Também contou com a assessoria das professoras da Universidade de Campinas (Unicamp) Iara Ferraz e Marineuza Gazzeta.

<sup>61</sup> O primeiro trabalho linguístico descritivo sobre a língua parkatêjê intitula-se *Estruturas subjacentes de alguns tipos de frases declarativas afirmativas do dialeto gavião-jê* (1977) é de autoria da Profa. Dra. Leopoldina Araújo, então linguista da Universidade Federal do Pará (UFPA).

De acordo com Ferraz (2001), a partir de abril de 1994, o custo elevado do empreendimento motivou questionamentos dos agentes da CVRD sobre a continuação ou não das atividades com o apoio financeiro da Companhia. Essa pressão externa associada a outros acontecimentos, como o falecimento de Kruwa, um dos grandes incentivadores da escola, e o conseqüente desânimo da comunidade, foi decisiva para que Krôhokrenhũm pensasse no fim definitivo do projeto de educação.

No mesmo ano, após reunir com seu grupo, o capitão Krôhokrenhũm decidiu experimentar mais uma vez a escola, desde que os alunos reconhecessem sua importância e assumissem oralmente, diante de toda a comunidade, o compromisso de continuar estudando. Esse fato chamou a atenção dos integrantes da equipe, que, até então, realizavam a matrícula apenas por meio do preenchimento de uma ficha de inscrição, ou seja, aos moldes das escolas da sociedade envolvente, ignorando, portanto, a cultura com a qual lidavam (ARAÚJO, 1996). Após o referido episódio, duas formas de inscrição foram adotadas: a oral e a escrita.

Os Parkatêjê, atualmente, vivenciam preocupante situação sociolinguística. Ferreira (2003) registra que a maioria dos índios da primeira geração (50 a 70 anos) interage na língua tradicional somente com os índios de sua faixa etária; com os demais, utilizam a língua portuguesa. Os da segunda geração (30 a 49 anos) se comunicam tanto na língua tradicional quanto na língua portuguesa. A primeira é utilizada quando se dirigem aos índios mais velhos; a segunda, quando dialogam com os mais novos. Os da primeira geração (0 a 29 anos), por sua vez, comunicam-se apenas em português, embora, em alguns casos, entendam a língua indígena. Essa realidade exprime o transcurso de sua história, os surtos epidêmicos, as desavenças internas e os contatos nem sempre amistosos com os não índios.

No passado, quando ainda não conheciam a escrita gráfica, os conhecimentos dessa comunidade eram repassados de geração a geração por meio de gêneros da tradição oral. Com base nesse fato, proponho a incorporação do que vou rotular ‘metodologia’ para o ensino de sua língua tradicional, tendo como apoio os postulados de Calvet (2011), para quem, em sociedades de tradição oral, existe um saber particularmente elaborado, embora não esteja registrado em tratados de estilística ou de gramática.

A fim de demonstrar o conhecimento linguístico-cultural que pode ser apreendido sobre a língua tradicional com o auxílio de gêneros orais pertencentes a sua cultura, apresento, a seguir, o exame de uma das cantigas que os Parkatêjê entoam para enunciar a chegada de um caçador.

## 4 KAPRÀN ‘JABUTI’

<b>Kô pupu</b> (A)	‘Eu vi na água’
<b>Arkwa nã kô (hô) pupun</b> (B)	‘Eu vi a boca dentro da água’
Mã ja kaprànàti ri <i>arkwa nã kô</i> (C)	‘Era jabuti mesmo com a boca na água’
<i>Pupu hô arkwa nã kô (hô) pupun</i> (B)	‘Eu vi a boca dentro da água, eu vi’
<i>Arkwa nã kô (hô) pupun</i> (B)	‘Eu vi a boca dentro da água’

O cântico *Kapràn ‘Jabuti’* foi publicado em *Cantos de caçador*, pelo Programa Raízes e o Instituto de Artes do Pará (IAP)<sup>62</sup>. Esse livro acompanha um CD no qual há uma antologia de cantigas compiladas com a ajuda de Krôhônkrenhũm.

Segundo *Katyi*, como carinhosamente é chamada por eles a professora Leopoldina Araújo,

as cantigas parkatêjê fazem sempre um comentário – lírico, satírico ou puramente descritivo – sobre o ambiente em que vivem: pessoas, animais, paisagens, acontecimentos e são entoadas no cotidiano, ou durante festas e brincadeiras coletivas. Mesmo em momentos trágicos, como o da morte acontecida ou temida, o parkatêjê canta (CANTOS..., 2004, p. 2).

De acordo com Vansina (2010), a transmissão da tradição em sociedades orais é encargo oficial de um grupo dirigente. Os textos são repassados, com o auxílio de especialistas do grupo, por mnemotecnica, que são exercícios de memória, em geral canções. No caso da cultura parkatêjê, existe a figura do cantador, contudo os demais integrantes também conheçam as letras dos cânticos.

Calvet (2011) observa que o especialista consegue atrair a atenção da audiência porque sabe lidar com o tom das palavras que profere, com a sua dicção, com a organização dos fatos e com o sistema de sua língua.

Embora obedeçam a uma estrutura - “uma introdução, constituída de dois ou mais versos, repetidos, que define o tema; um ipirã, geralmente constituído por três ou quatro versos, que constituem comentário, ou explanação, do tema; uma conclusão, que repete a introdução” (CANTOS..., 2004, p. 2) - existe *improviso* e *memorização* (CALVET, 2011) nos textos dos cantos de caçador.

Ocorre a repetição de grande parte das palavras, o que favorece um exercício fonológico da língua em questão. Destaquei em **negrito** aquelas que vão se repetir e em *itálico* as repetições. Apenas o trecho *Mã ja kaprànàti ri* ‘era jabuti mesmo’ não é reiterado, mas

<sup>62</sup> Com o apoio do Governo do Estado do Pará no combate às desigualdades sociais.



aparece acompanhado pela expressão *arkwa nã kô* ‘boca dentro d’água’, que é a de maior índice de repetição. Existe uma espécie de retorno da mesma palavra (*kô* ‘água’), que parece encadear o ritmo do cântico ao ser produzida acompanhada de prefixo relacional seguido de verbo (*pupun* ‘eu vi’). Ou seja, a ocorrência deste verbo se torna previsível (ou quase maquinal) pela palavra que o enuncia, manifestando, assim, um efeito de sentido entre os dois seguimentos que desvenda um saber gramatical mesmo a quem não conhece a língua, à semelhança de alguns jogos infantis que servem de exercícios pedagógicos quando da iniciação a uma língua materna. Essas *brincadeiras* ocultam ‘métodos ativos’, conforme denomina Calvet (2011), os quais favorecem uma *intuição linguística*, “que não advém dos linguistas ou de um saber livresco, mas da tradição” (Ibidem, p. 33).

Goody (2012) observa que o contexto, o ritual, a música e a dança ocorrem como um conjunto de ações culturais em paralelo às definições de voz, gestos e intenções, entre outras formas singulares de ordenamento a ser demandado para cada evento. De certo, essas configurações do estilo oral tendem a desaparecer no momento em que a escrita gráfica se impõe às culturas tradicionais. Entre os Parkatêjê, esse fato já se tornou realidade, e se aglutina a outros fatores que justificam sua situação sociolinguística, mas pode ser revertido, pois assim acredita a comunidade, que almeja preservar sua cultura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história dos Parkatêjê é permeada por um processo de submissão e resistência à ‘gente civilizada’ (FERRAZ, 1984), em consequência de sucessivas invasões de suas terras que facilitaram o contato sistemático dos membros dessa comunidade com a língua portuguesa. Atualmente, se mostram cientes da importância de garantirem a sobrevivência de sua língua tradicional. Dentre as estratégias utilizadas para esse fim, estão a manutenção dos ciclos cerimoniais, das narrativas míticas e dos cânticos tradicionais, momentos em que a língua parkatêjê é amplamente utilizada.

Como proposta para o ensino/aprendizagem de línguas indígenas, sugiro *priorizar* a tradição oral, a ‘força da fala’ (CALVET, 2011) e deixar a modalidade escrita dessas línguas para momento posterior, quando os aprendentes demonstrarem certa consciência fonológica de suas línguas, por exemplo, e caso seja interesse dos próprios indígenas.

Ademais, acredito que os gêneros da tradição oral, a exemplo da cantiga apresentada neste artigo, não funcionam apenas como simples diversão em sociedades indígenas.

Há, nesses textos, saberes linguístico-culturais adequados à aprendizagem de línguas, conforme procurei demonstrar na análise do cântico *Kapràn*.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. La escuela: instrumento de resistencia de los parkatêjê. In: GONZALBO, Aizpuru. (Coord.). *Educación rural e indígena em Iberoamérica*. México: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1996.

BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes. Educação bilíngue, linguística e missionários. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 63, jul./set., 1994. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

BIGIO, Elias dos Santos. *Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930)*. Brasília: CGDOC/FUNAI, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei n. 6.001*, de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio. Brasília, 1973.

CALVET, Louis-Jean. *Tradição oral & Tradição escrita*. Tradução de Waldemar Ferreira Netto, Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.

\_\_\_\_\_. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979 (Linguística e Filologia).

CANTOS de caçador: povo Parkatêjê - Pará. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2004.

FERRAZ, Iara. Lições da escola parkatêjê. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawal Leal. (Org.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os Parkatêjê das matas do Tocantins: a epopeia de um líder Timbira*. 1984. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (Org.). *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 2001, p. 71-111.

FERREIRA, Marília de Nazaré Oliveira. *Estudo morfossintático da língua parkatêjê*. 2003. 266 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI). *Rede da Memória Virtual Brasileira*, c2008. Disponível em: < <http://www.bndigital.bn.br>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

FUNARI, Pedro Paulo; PIÑÓN, Ana. *A temática indígena na escola: subsídios para professores*. São Paulo: Contexto, 2011.

GOODY, J. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012. (Coleção Antropologia).

HABERT, Nadine. *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MAHER, Teresinha Machado. A formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. (Org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e Diversidade, 2006.

MILHOMEM, M. S. F. dos S. Educação escolar indígena: as dificuldades do currículo intercultural e bilíngue. *Fórum: identidades*, ano 2. v. 3, jan./ jun. UFSE, 2008. Disponível em: <<http://www.posgrap.ufs.br/periodicos>>. Acesso em: 29 set. 2011.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. *Ciência e Cultura*, v. 57, n. 2, 2005, p. 35-38.

SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. *DELTA*, v. 15, 1999, p. 257-290 (Número Especial). Disponível em: <[www.etnolinguistica.org](http://www.etnolinguistica.org)>. Acesso em: 28 fev., 2013.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: *História Geral da África I: metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

## CONTRIBUIÇÕES PARA O ATLAS DO PROJETO AMPER – NORTE: VARIEDADE LINGUÍSTICA DE MOCAJUBA (PA)

Maria Sebastiana da Silva Costa – [sebast\\_costa@hotmail.com](mailto:sebast_costa@hotmail.com)  
Regina Célia Fernandes Cruz – [regina@ufpa.br](mailto:regina@ufpa.br)

### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é caracterizar prosodicamente a variedade linguística de Mocajuba (PA). Adota-se aqui a metodologia do Projeto AMPER. Os resultados preliminares indicam que as variações de F0 contribuem para distinguir enunciados declarativos e interrogativos da variedade investigada.

**Palavras-chave:** Variação, Prosódia, acústica.

### **Abstract**

This paper aims to characterize prosodically the linguistic variety from Mocajuba (PA). The AMPER methodology is adopted in this project. The preliminary results indicate that the F0 variations contribute to distinguish affirmative and interrogative sentences of the variety studied.

**Key words:** variation, prosodic, acoustic.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho compreende mais uma contribuição ao projeto Amper-Norte (Atlas Prosódico Multimedia do Norte do Brasil). Apresenta-se aqui uma análise dos dados obtidos de um informante do sexo feminino com ensino Médio Completo (BE93) da variedade do português falado em Mocajuba.

A pesquisa referente a variedade falada no Município de Mocajuba está em andamento, mas sete *corpora* já foram formados, referentes a: ilha de Mosqueiro (GUIMARÃES, em andamento), cidade de Belém (SANTOS JR., 2008; BRITO, 2012), cidade de Bragança (CASTILHO, 2009), cidade de Cametá (SANTO, 2011), cidade de Abaetetuba (REMÉDIOS, em andamento), cidade de Baião (LEMOS, em andamento),

cidade de Curralinho (FREITAS, em andamento). Além dessas localidades o projeto Amper Norte já tem previsto a formação de *corpora* nas seguintes localidades: Óbidos, Santarém e Breves.

Trata-se de um trabalho pioneiro, tendo em vista que as únicas descrições do português falado em Mocajuba são de caráter sociolinguístico e do nível segmental (CAMPOS, 2008; COSTA, 2007). Campos (2008) trata do processo de variação das vogais médias pretônicas neste dialeto. Costa (2007), por sua vez, aborda o fenômeno de rotacismo no falar em questão. Portanto nenhum estudo sobre os aspectos suprasegmentais até o presente momento fora realizado sobre a variedade em escopo.

O nosso objetivo maior é caracterizar a variação prosódica dialetal do português falado no município de Mocajuba (PA), para tanto busca-se constituir um *corpus* prosódico com amostras dialetais do português falado no município de Mocajuba (PA); disponibilizar o *corpus* formado *on line*; e proceder a uma análise instrumental dos aspectos prosódicos do português falado no município de Mocajuba (PA).

O presente trabalho encontra-se dividido nas seguintes secções: na secção 1, apresentamos em linhas gerais o Projeto AMPER-Norte; na secção 2, descrevemos a metodologia do projeto; na secção 3, esboçamos especificamente o estudo empreendido por Costa (em andamento) com relação à variedade linguística investigada de Mocajuba (PA); na secção 4 apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na realização da pesquisa; na secção 5, discutimos os resultados preliminares obtidos, na secção 6, tecemos as considerações finais que o estudo apontou; e na secção 7, expomos as referências bibliográficas consultadas.

## 1. PROJETO AMPER-NORTE

O projeto AMPER - Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico - objetiva a elaboração de um Atlas Dialetoal Multimédia a fim de mostrar a prosódia das distintas línguas românicas . A presente pesquisa iniciou-se somente com o estudo das variedades europeias, mas desde 2004 o grupo de pesquisadores estendeu-se para o continente Americano.

O Amper-POR (Atlas Prosódico Multimédia do Português) é constituído por quinze instituições, dentre as principais variedades do Português destacam-se: O Português Europeu Continental, o Português Europeu Insular e o Português Brasileiro.

O Amper-Norte, portanto, faz parte do Amper-POR e tem como objetivo principal proceder a um levantamento das características prosódicas das variedades linguísticas do português falado na Amazônia Paraense, com a finalidade de confeccionar um Atlas Prosódico Multimédia da região Norte do Brasil.

O projeto Amper-Norte é sediado no laboratório de Ciência e Tecnologia da Fala do Campus Universitário de Cametá (CUNTINS) da UFPA e conta com a infra-estrutura deste para a execução de suas atividades. O projeto em questão já produziu duas monografias de conclusão de Curso (SANTOS JR. 2008; CASTILHO, 2009), uma Dissertação de Mestrado (SANTO, 2010) e dois planos de Iniciação Científica (SILVA, 2011; BRITO, 2012). A coordenadora do projeto possui uma bolsa de Produtividade do CNPq (PQ2) com este mesmo projeto desde 2009.

## 2. METODOLOGIA AMPER

Como um dos objetivos do projeto AMPER compreende uma análise contrastiva dos dialetos estudados, o *corpus* gravado é formado de seis repetições de 102 frases do *corpus* de base do projeto para a língua portuguesa. Cada um dos elementos constituintes das frases possui uma imagem correspondente, uma vez que não é permitido nenhum contato dos informantes com as frases escritas. Portanto, durante a coleta de dados, a representação visual das frases é projetada por meio de slides aos informantes como meio de estímulos gráficos para a produção das 612 repetições a serem geradas. A série de frases que forma o *corpus* do projeto AMPER obedece a critérios fonéticos e sintáticos previamente estabelecidos.

Uma vez que nas vogais reside a maior parte da informação relevante no que concerne à curva prosódica e, tendo-se em conta as características da estrutura acentual do português, escolheram-se vocábulos representativos das diversas estruturas acentuais (oxítona<sup>63</sup>, paroxítona<sup>64</sup> e proparoxítona<sup>65</sup>) nas diversas posições frásicas<sup>66</sup>.

---

63 Os vocábulos oxítonos utilizados são: 'o bisavô', 'de Salvador', 'nadador' e 'capataz'.

Sintaticamente as frases são montadas de forma a apresentar Sujeito - Verbo – Complemento (SVC) e suas expansões com a inclusão de Sintagmas Preposicionais. Quanto à estrutura sintática, todas as frases possuem apenas: 1) quatro personagens: Renato, pássaro, bisavô e capataz; 2) três sintagmas adjetivais: nadador, bêbado e pateta; 3) três sintagmas preposicionais indicadores de lugar: de Mônaco, de Veneza e de Salvador; e 4) um único verbo: gostar. Com relação à entoação, elas são concebidas de modo a contemplar as modalidades declarativas e interrogativas globais.

No momento da coleta de dados, a cada informante são pedidas seis repetições da série de frases do corpus (em ordem aleatória), como já mencionado acima, sendo selecionadas para análise acústica as três melhores repetições, a fim de serem estabelecidas médias dos parâmetros acústicos controlados: duração, frequência fundamental (F0) e intensidade.

Conforme determina o projeto geral, para a seleção dos informantes, é levado em consideração os seguintes critérios: 1) faixa etária (acima de 30 anos); 2) escolaridade (fundamental, médio e superior) e; 3) tempo de residência na localidade (nativos do local). A partir desses critérios, foram selecionados seis informantes, três homens e três mulheres, que participaram da coleta de dados. Trata-se, portanto, de uma amostra estratificada. Cada informante recebe um código de acordo com o sistema de notação adotado pela coordenação do projeto AMPER-POR e conforme o quadro 01 abaixo.

Quadro 01 - Codificação dos informantes do município de Mocajuba segundo suas características sociais.

Localidade	Escolaridade	Sexo	Código <sup>67</sup>
Mocajuba	Ensino Fundamental	Feminino	BE91
		Masculino	BE92
	Ensino Médio	Feminino	BE93
		Masculino	BE94
	Ensino Superior	Feminino	BE95
		Masculino	BE96

64 Os vocábulos paroxítonos utilizados são: 'o Renato', 'de Veneza', 'pateta'.

65 Os vocábulos proparoxítonos são: 'o pássaro', 'de Mônaco', 'bêbado'.

66 As posições frásicas são: sintagma nominal, sintagma preposicional.

67 A letra B significa português brasileiro, a letra E identifica o Estado do Pará, o número 9 é o código da zona Urbana Mocajuba e os números pares finais referem-se sexo masculino e os números ímpares ao sexo feminino, os números 1 e 2 identificam o Ensino Fundamental, 3 e 4 Ensino Médio e 5, 6 nível superior de escolaridade.

A taxa de amostragem de cada sinal gravado é de 44.100 Hz, 16 bits, sinal mono. Uma vez a gravação concluída, procede-se à separação por informante das 612 frases do sinal original em um arquivo sonoro específico.

O material gravado sofre, então, seis etapas de tratamento: a) codificação das repetições; b) isolamento das repetições em arquivos de áudio individuais; c) segmentação vocálica dos sinais selecionados no programa PRAAT 5.0; d) aplicação do script praat; e) seleção das três melhores repetições e; f) aplicação da interface Matlab para se obter as médias dos parâmetros das três melhores repetições.

### 3. Formação e Organização do Corpus de Mocajuba (PA).

Para proceder-se a pesquisa em Mocajuba contou-se com a ajuda de familiares que moram neste Município para a seleção dos informantes. O informante em análise tem 33 anos e possui nível médio de escolaridade (BE93). A gravação dos dados foi feita com gravador profissional digital PMD660 Marant e um microfone Shure dinâmico e de cabeça para a captura do áudio. A taxa de amostragem de cada sinal é de 44.100 Hz, 16 bits, sinal mono.

O sinal foi gravado na residência de um primo da informante, localizada no centro de Mocajuba, o local foi escolhido a pedido da própria informante. A gravação realizou-se no horário do almoço das 12:00hs às 13:30hs. O mesmo não teve contato nenhum com as frases escritas apenas com a visualização de slides exibidos com o auxílio de um notebook sony vaio por meio do programa *power point*. Para a variedade linguística de Mocajuba, estamos utilizando o *corpus* ampliado do Projeto AMPER-POR de 102 frases. A informante produziu seis repetições da série de frases (em ordem aleatória), totalizando 612 frases.

O *corpus* da informante BE93 sofreu as seis etapas de tratamento dos dados citadas acima.

Na segmentação fonética, utilizamos o programa PRAAT. Durante a segmentação fonética, estabelecemos a escala de *pitch* que ficou entre 150 Hz a 350 Hz.



O *script* praat foi aplicado a cada uma das repetições de cada frase do *corpus*. A aplicação desse *script* gerou um arquivo.TXT contendo as medidas dos parâmetros acústicos frequência fundamental, duração e intensidade das vogais de cada repetição.

Antes de se proceder à análise acústica na interface Matlab, foram selecionadas as três melhores repetições de cada frase em termos de qualidade sonora e de similaridade de distribuição de vogais plenas (v) e elididas (f).

A aplicação da interface Matlab forneceu a média dos parâmetros físicos – F0, duração e intensidade – em um arquivo fono.txt das três repetições de cada frase e das duas modalidades. A interface gerou mais outros arquivos em formato de imagem contendo gráficos das médias de F0, duração e intensidade de cada modalidade individualmente, assim como gráficos comparativos de ambas as modalidades. A interface gerou igualmente arquivos ton contendo uma síntese de cada modalidade sem a parte segmental.

Para proceder-se uma análise preliminar dos dados obtidos da informante BE93, observou-se os parâmetros acústicos referentes à variação das médias de F0 em Hz, da duração em ms e da intensidade em dB especificamente nas sílabas tônicas do núcleo dos sintagmas nominais analisados.

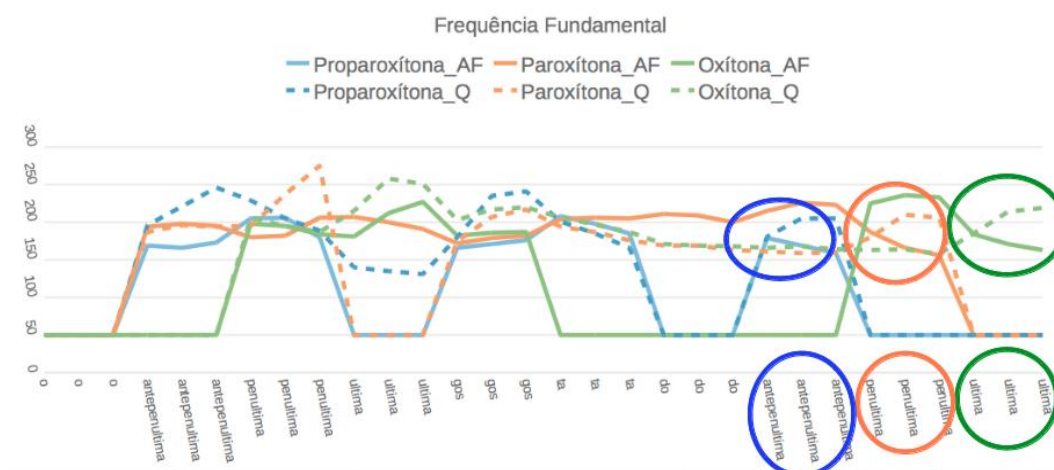
#### 4. RESULTADOS PRELIMINARES

Para o presente estudo do informante BE93, consideramos apenas os dados fornecidos para as frases com sintagmas nominais finais simples contendo 10 vogais, a saber: 'O pássaro gosta do pássaro' (pwp), 'O Renato gosta do Renato' (twk) e 'O bisavô gosta do bisavô' (kwk), cujas sentenças são compostas sintaticamente de sujeito, verbo e predicado.

Todas as frases selecionadas possuem os vocábulos alvos – 'pássaro', 'Renato' e 'bisavô' – tanto em posição inicial da frase, como núcleo do sujeito, quanto em posição final, como núcleo do sintagma nominal final que constitui o predicado. Os gráficos abaixo contém uma comparação entre os parâmetros acústicos das sentenças nas duas modalidades entoacionais (declarativa e interrogativa total), para tanto busca-se

observar respectivamente em cada um a frequência fundamental (F0), duração e intensidade.

Gráfico 1: Comparação entre a média de variação de F0 nas sentenças pwp (azul) - O pássaro gosta do pássaro -, twt (laranja) – O Renato gosta do Renato – e kwk (verde) - O bisavô gosta do bisavô – em ambas as modalidades – declarativa (linha plena) e interrogativa (linha tracejada), faladas por um locutor do sexo feminino com Ensino Médio Completo de Mocajuba.



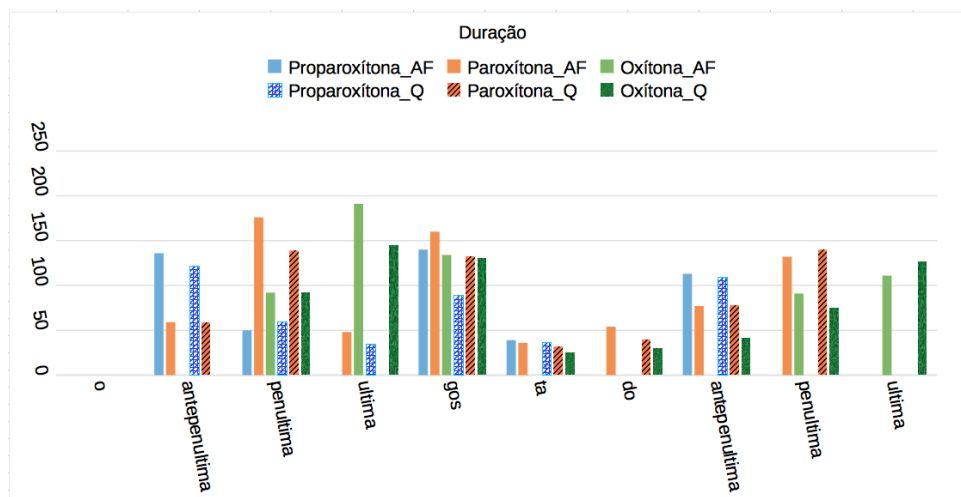
O gráfico 1 contém as médias de F0 em Hz das sentenças alvo. Observa-se que o movimento de variação de F0 mais importante responsável pela distinção das duas modalidades alvo – declarativa e interrogativa total - ocorre justamente na vogal tônica do núcleo do vocábulo alvo – pássaro, Renato e bisavô -, mais precisamente observa-se um movimento de pinça nas respectivas sílabas tônicas dos vocábulos em análise.

Notou-se que em pwp, twt e kwk os movimentos melódicos foram bem parecidos, os quais apresentaram um movimento de pinça, ou seja movimentos opostos entre a declarativa e interrogativa, isto deve-se ao fato de nas vogais incidir o maior número de variação e portanto a maior significância acústica está centrada nas respectivas sílabas tônicas a saber: “pá-”, “-na-” e “-vô” correspondentes aos vocábulos “pássaro, Renato e bisavô”.

Apesar dos enunciados – pwp, twt e kwk – possuírem o núcleo do sujeito e do predicado preenchidos pelo mesmo vocábulo, verifica-se que os movimentos mais importantes de F0 ocorrem no sintagma nominal final correspondente ao predicado.

Este resultado assemelha-se com o observado por Santo (2011) para os dados de Cametá; por Cruz & Brito (2012) para os dados da cidade de Belém e; por Lemos (2013) para os dados da cidade de Baião, cujos resultados mostraram ser significativa a variação de F0 na sílaba tônica do sintagma nominal final das frases declarativas e Interrogativas.

Gráfico 2: Comparação entre a média de variação de ms nas sentenças pwp (azul) - O pássaro gosta do pássaro -, twt (laranja) – O Renato gosta do Renato – e kwk (verde) - O bisavô gosta do bisavô – em ambas as modalidades – declarativa (coluna plena) e interrogativa (coluna com ranhuras), faladas por um locutor do sexo feminino com Ensino Médio Completo de Mocajuba.



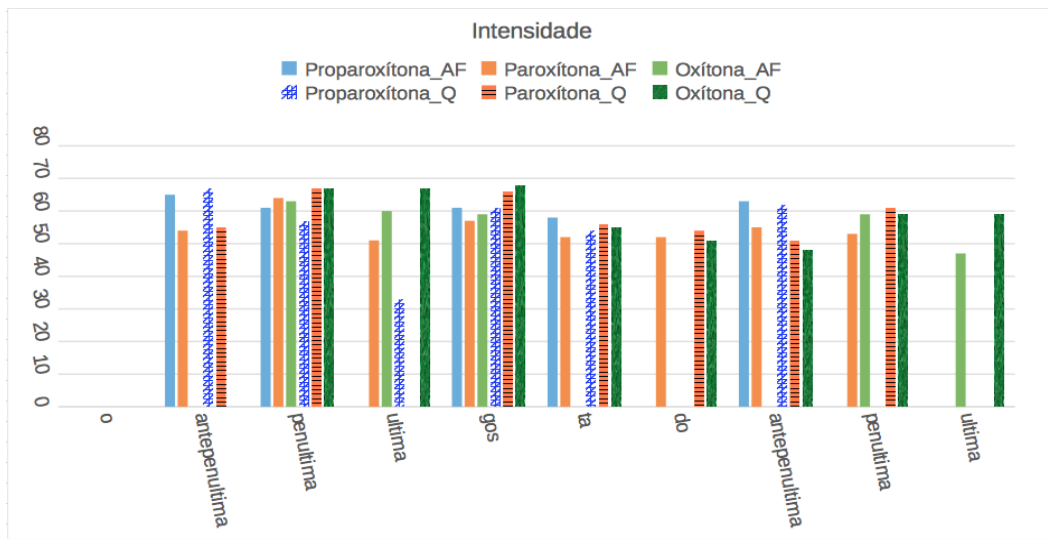
Observa-se no gráfico acima, contendo as médias de ms do parâmetro de duração, que este parâmetro não se mostrou significativa para nossa análise haja vista que os níveis de duração entre as interrogativas e as afirmativas mantiveram-se com elevações parecidas, vale ressaltar que em twt - Renato gosta do Renato - na vogal tônica “a”, do vocábulo Renato a afirmativa mostrou-se um pouco mais longa que a interrogativa, o mesmo aconteceu em kwk, no qual a sílaba tônica “-vô” mostrou-se com uma duração maior na modalidade afirmativa do que na interrogativa. Como o confronto entre as pautas acentuais nos vocábulos não é objeto do presente estudo, deixaremos para explorar esse aspecto futuramente.

Os resultados sobre os parâmetros de duração observados em Mocajuba assemelham-se com os observados por Lemos (2013) para os dados da cidade de Baião, em ambos

constatou-se que a característica acústica de duração não sofreu variação significativa importante na fala dos informantes analisados.

Por outro lado Cruz & Brito (2012), ao analisarem os dados da cidade de Belém, constataram que as medidas de duração das vogais tendem a ser maior na modalidade interrogativa do que na declarativa, principalmente da última vogal tônica do enunciado.

Gráfico 3: Comparação entre a média de variação de dB nas sentenças pwp (azul) - O pássaro gosta do pássaro -, twt (laranja) – O Renato gosta do Renato – e kwk (verde) - O bisavô gosta do bisavô – em ambas as modalidades – declarativa (coluna plena) e interrogativa (coluna com ranhuras), faladas por um locutor do sexo feminino com Ensino Médio Completo de Mocajuba.



O gráfico correspondente a intensidade nos mostra que esta característica não é relevante para a nossa análise haja vista que as medidas mantiveram-se com mesmo nível em todas as frases pwp, twt e kwk e nas duas modalidades afirmativas e interrogativas.

Cruz & Brito (2012), Santo (2011) e Lemos (em andamento) também constataram que o parâmetro acústico de intensidade não foi relevante em suas análises.

## CONCLUSÃO

Este estudo faz parte do projeto Amper Norte e objetiva caracterizar a variação prosódica dialetal do português falado no Município de Mocajuba (PA). Para tanto foram selecionados até o momento dados de um informante - BE93 - nativo do município de Mocajuba, com idade acima de trinta de anos, a qual realizou seis repetições das 102 frases do corpus AMPER, totalizando 612 frases.

O material gravado sofreu seis etapas de tratamento a) codificações das repetições; b) isolamento das repetições em arquivos de áudio individuais; c) segmentação vocálica dos sinais selecionados no PRAAT 5.0, cuja a escala de pitch variou de 150 a 350; d) aplicação do script praat; e) seleção das três melhores repetições e; f) aplicação do interface Matlab para se obter as médias dos parâmetros das três melhores repetições.

Após concluir-se o tratamento dos dados da informante BE93 e já de posse das médias fornecidas pela interface Matlab dos parâmetros acústicos de duração, F0 e intensidade das frases correspondentes aos códigos kwk, pwt e twt, procedeu-se à descrição dos resultados preliminares do presente trabalho.

Uma análise preliminar das modalidades oracionais declarativas e interrogativas, considerando os parâmetros acústicos de frequência fundamental, duração e intensidade, tem demonstrado que a F0 é um parâmetro relevante na distinção das duas modalidades alvo. Observa-se um movimento de pinça que marca as curvas melódicas decrescentes para as frases declarativas e crescentes para as frases interrogativas. A duração e a intensidade não se mostraram relevantes no presente estudo.

## 6. Referências Bibliográficas.

- BRITO, Camila. Atlas prosódico multimédia do Português do Norte do Brasil – AMPER-POR: variedade lingüística da zona rural de Belém (PA), Belém: UFPA/ILC/FALE, 2012 ( Iniciação Científica).
- CAMPOS, Benedta do Socorro. Alteamento das vogais médias pretônicas no português falado em Mocajuba – PA: uma abordagem variacionista. Belém: UFPA/CML, 2008. (Dissertação de Mestrado em Linguística).
- CASTILHO, Francinete Carvalho. Formação de Corpora para o Atlas Dialetal Prosódico Multimídia do Norte do Brasil: Variedade Lingüística de Bragança (PA). Bragança: UFPA/Campus de Bragança/Faculdade de Letras, 2009. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

- COSTA, Maria Sebastiana da Silva. Rotacismo no falar dos analfabetos da zona urbana do município de Mocajuba/Nordeste do Pará: um exercício variacionista. Cametá: UFPA. 2007 (monografia de graduação).
- CRUZ, Regina et al. Formação e anotação do corpus do Projeto AMPER Norte. In: Proceedings of GSCT 2012, Belo Horizonte, UFMG, fevereiro de 2012, no prelo.
- FREITAS, João. Atlas Prosódico Multimédia do Município da ilha do Marajó (PA), Belém: UFPA/ILC/CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).
- GUIMARÃES, Elizeth. Atlas Prosódico Multimédia da Belém Insular (PA), Belém: UFPA/ILC/CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).
- LEMOS, Rosinele. Atlas Prosódico Multimédia do Município de Baião (PA), Belém: UFPA/ILC, CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).
- REMÉDIOS, Isabel. Atlas Prosódico Multimédia do Município de Abaetetuba (PA), Belém: UFPA/ILC/CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).
- SANTO, Ilma. Atlas Prosódico Multimédia do Município de Cametá (PA), Belém: UFPA/ILC/CML, 2011. (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS JR., Manoel Fonseca dos. Formação de corpora para o Atlas Dialectal Prosódico Multimédia do Norte do Brasil: variedade lingüística de Belém. Belém: UFPA/ILC/FALE, 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).
- SILVA, Amanda. Atlas prosódico multimédia do Português do Norte do Brasil – AMPER-POR: variedade lingüística da zona rural de Belém (PA). Belém: UFPA. 2011. (Plano PIBIC/CNPq). Orientador: Regina Célia Fernandes Cruz.

**NASALIDADE VOCÁLICA PRETÔNICA EM CONTEXTOS RURAL, URBANO E METROPOLITANO DA AMAZÔNIA PARAENSE: UM ESTUDO DA RELAÇÃO LINGUA, ESTIGMA E IDENTIDADE SOB O ENFOQUE SOCIODIALETOLÓGICO VARIACIONISTA**

Orlando Cassique Sobrinho Alves ( [cassique@ufpa.br](mailto:cassique@ufpa.br) )

Orientador: Dr. Abdelhak Rasky ( [razky@ufpa.br](mailto:razky@ufpa.br) )

## RESUMO

Examinar-se-á a nasalização de vogais pretônicas localizadas antes de consoantes nasais na sílaba seguinte, situação em que o fenômeno é probabilístico. Fatores linguísticos e extralinguísticos serão considerados. Estudar-se-ão relatos de experiência pessoal de 42 informantes da Cidade de Breves-PA, 36 da zona rural de Breves-PA e 54 da Cidade de Belém-PA, em amostra estratificada segundo a faixa etária, a escolaridade e o sexo.

Palavras-chave: vogais pretônicas, nasalização vocálica, variação fonética.

### 1- O dialeto paraense, seus falares.

Identificam-se três divisões no falar paraense:

- área do “**canua cheia de cucos de pupa a prua**”, a mais extensa, que abarca todo o norte do Estado, a partir da Baía de Quatipuru, para oeste; toda a Ilha do Marajó; o centro, o noroeste e o extremo oeste do Estado, até o limite sul dos municípios de Tomé Açu, São Domingos do Capim, Acará, Moju, Baião, Oeiras, Bagre, Portel, Porto de Moz, Prainha, Santarém, Aveiro do Pará(?), Juruti, Faro; todo o Baixo-Amazonas; grandes porções de áreas rurais de municípios da área Bragantina;
- área da “**bragantina**”, a nordeste e ao extremo leste do Estado, especialmente nas áreas urbanas, com uma linha que começa na baía de quatipuru e, passando sempre a oeste, desce pelo lado de Capanema, Peixe Boi(?), Igarapé Açu (?), São Francisco (?), Castanhal, São Miguel do Guamá, Irituia, Mãe do Rio, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará (também pelo sul deste Município), e se conclui passando ao Sul de Nova Esperança do Piriá até tocar no Estado do Maranhão;

- área do “**Sul do Pará**”, abrangendo toda a parte meridional do Estado, com limites ao Norte tocando as áreas da “bragantina” e do “canua cheia de cucos de pupa a prua”, conforme o caso.

Ainda sobre esse falar centro-setentrional do Pará, deve ser dito que suas marcas mais evidentes são o alteamento [o]>[u] na sílaba tônica (canua (canoa), buca (boca), tuco (toco)) – essa a principal -, (CASSIQUE 2003); o abaixamento [i]>[e] e/ou [i]>[E] na vogal dos clíticos (CASSIQUE & ROCHA 2006); uma quantidade maior de nasalizações vocálicas pretônicas (CASSIQUE 2002); o rotacismo, seja em grupo consonantal prevocálico, seja em coda silábica (CASSIQUE 2005) e (CASSIQUE, ROCHA e SOARES 2006).

Nos contextos urbanos correspondentes, por outro lado, esses traços encontram-se neste momento reduzidos, especialmente em virtude dos efeitos da escolarização, em determinadas áreas, com acentuadas atitudes estigmatizantes (cf. p. ex. CASSIQUE 2002). Esse confronto será tanto mais marginalizador desse falar paraense quanto os laços identitários forem menos coesos. A Cidade de Cametá reage menos ao uso popular em apreço que a de Breves, por exemplo. Na 1ª, os fortes laços sócio-econômico-culturais a impedir maiores estigmatizações; na segunda, a violência do extrativismo madeireiro, a diluir cada vez mais quaisquer traços de resistência. Dessa forma, o que se vai impondo claramente nas áreas urbanas são as marcas da Metrópole:

- 1- natureza pós-uvular (faringal ou glotal) do /r/ pós-vocálico;
- 2- manutenção da lateral pós-vocálica com realização física de [u];
- 3- /s/ pós-vocálico chiante;
- 4- abertura da vogal média pretônica, sem a ênfase nordestina;
- 5- /t/ e /d/ africados antes de /i/ (mas nunca depois de /i/, como em áreas do Nordeste (tchia, mas não ôchu, por exemplo) );
- 6 - manutenção do [o] tônico;
- 8) vogal alta anterior no pico dos clíticos (“mi dá”, “qui tau”);
- 8- médio índice de nasalização vocálica pretônica, equivalente a Rio e São Paulo<sup>68</sup>.

## 2- UMA PESQUISA DO FALAR PARAENSE TRADICIONAL

<sup>68</sup> Aqui ficam diferentes da Metrópole. Em Belém, registra-se alto índice de nasalizações, como que a prolongar a situação de Recife e de Salvador (cf. LOBO (2005), CASSIQUE e Lobo (2006), para Belém e ABAURRE (1996), para Recife e Salvador.). Já em Breves o índice é mediano, pois se foge do [u] por preconceito ao falar popular aqui já referido. Com isso, a probabilidade de ocorrerem nasalizações cai (cf. CASSIQUE (2002) )



Dos três dialetos referidos, impõe-se dar maior atenção ao primeiro, por ter suas raízes históricas plantadas concomitantemente ao trajeto da Amazônia no tempo. É estreitamente vinculado à Língua Geral Amazônica, razão pela qual seus tentáculos abraçaram a vida silvícola em sua constituição e dela se alimentaram, de tal modo que guarda marcas lexicais e mórficas indígenas importantes. É componente indelével da identidade paraense: pertence aos ribeirinhos e seu usuário mais evidente é o não-escolarizado, de modo que sobre quem o fala recai mais enfaticamente a crônica exclusão política da Região: péssimas condições sanitárias, educação sem maior suporte didático- pedagógico e muitas vezes sem equipamento adequado, nutrição insuficiente, renda dos que vivem abaixo do nível da pobreza.

Essa motivação resultou numa pesquisa que enfocou, a partir de 1999, a cidade de Breves e, agora, apresenta avanços capazes de englobar, a mais, um cotejo entre a sua manifestação rural e a sua feição metropolitana.

### 2.1 A Metodologia

A metodologia adotada será, como foi em CASSIQUE 2002, a da sociolinguística variacionista, de base Laboviana. Desse modo, prossegue-se considerando a variável dependente *vogal pretônica situada antes de onset nasal* suscetível de manifestar-se por duas variantes: **presença de nasalização** ou **ausência de nasalização** (cf. [Kãma'rãũ] , [kama'rãũ] ).

O material linguístico, já digitalizado, será o colhido a quarenta e dois sujeitos, em quarenta e duas fitas magnéticas, já utilizado em CASSIQUE 2002, relativos à área urbana de Breves. Acrescentar-se-á agora o material colhido a 36 sujeitos da área rural de Breves, bem como a 54 sujeitos da área metropolitana de Belém, com dados já tratados no programa VARBRUL (cf. BRESCANTINI, 2002 ).

### 2.2 O tratamento estatístico

O tratamento estatístico conta com a ajuda do pacote VARBRUL, um conjunto de programas capazes de lidar com regras variáveis, a ponto de fornecer o percentual correspondente à interferência de cada fator pertencente a cada grupo de fatores elencados, bem como de determinar o peso relativo de cada fator face a todo o conjunto de fatores com que se trabalha. (cf. BRESCANCINI, 2002 )

### 3- Grupos de fatores elencados e resultados

Além da variável dependente, mais 15 grupos de fatores ou variáveis independentes, lingüísticas e sociais - foram inferidos.

Clara ficou da parte do falante a fuga paulatina à vogal [u] à medida em que a escolarização avança, para evitar revestir o discurso da sonoridade repleta de vogais altas posteriores típica da prolação do paraense interiorano. A condição estigmatizante do comportamento nesse caso é tal que se evita o [u] num contexto lingüístico em que o alteamento não é característica dialetal cabocla paraense, mas de diversas áreas brasileiras, inclusive metropolitanas. O fato não implica uma atitude reflexiva sobre a língua e seu uso, mas um auto-monitoramento do falante, presidido pela norma padrão escolar, que ele treinou, em que a forma eleita evita que a variável dependente em causa neste trabalho se manifeste pelo [u]. E não se trata de estigma à nasalização, mas a consequência é a queda de nasalizações, pois, como mostrei acima, ratificado teoricamente por OHALA (1975), em Breves a tendência das nasalizações é a de enfatizar-se na vogal [u].

### 4- A comparação

Ter falado da escola urbana de Breves como a responsável pelo estigma acima referido e cujo sintoma foi a redução de nasalizações, conquanto tenha se apoiado no rigor metodológico da Sociolingüística Variacionista, precisa avançar nas comprovações. Se a escola – melhor se teria dito urbanização, repita-se – é hoje adversária desse dialeto, não se deve desconsiderar o fato de as áreas rurais serem dotadas de escolas, embora não se possa comparar com o atendimento urbano. Aliás, em termos de interior da Amazônia paraense, trata-se de um fosso a distância entre os dois atendimentos. Sucede, então, que a pesquisa deve avançar e se reconstruir a partir da comparação entre área urbana e área rural, com acrescentamento da área metropolitana (aqui se trata de Belém), por seu papel referenciador no Brasil atando-se sempre de forma nuclear no exame da nasalização vocálica pretônica. O novo seria - e se trata do velho sempre novo das ciências – **a comparação**. Esse procedimento, pelo qual a lingüística se fez ciência no séc. XIX e outras grandes ciências, no séc. XX (a Antropologia, a Biologia), seria adotado da seguinte maneira:

a-Uma vez que já se dispõe de análise inicial sobre a área urbana, exposta em trabalho acadêmico (CASSIQUE 2002), acoplar a análise rural e a análise metropolitana nos moldes aqui já expostos para a análise urbana;

b-Fazer com que os três arquivos de dados (urbano, rural e metropolitano) convivam nas etapas do processo estatístico, juntando-os - sem cortes maiores de quantidade de dados, vez que se fará no GOLDVARB - e extrair daí outra análise, na qual, não mais pondo os processamentos e inferências simetricamente diante um do outro, mas agora um ao lado do outro, se possa ter a significância do estigma, se é que se manterá, para os dois aspectos do falar brevense.

c-Extrair as conseqüências do olhar dedicado a esse falar quanto à vida desse homem, o ribeirinho, usuário dessa manifestação identitária do interior da Amazônia paraense, numa situação renovada: a de quem a estudou de forma renovada.

4.1- Trabalhando-se com a hipótese, já possível neste passo da pesquisa, de que **a nasalização de vogais pretônicas situadas antes de consoante nasal na sílaba seguinte reduz sua probabilidade de ocorrência em área urbana, face à comparação com área rural, como efeito de fuga à prolação da vogal alta posterior nessa mesma posição e em virtude de estigma relativamente ao falar interiorano da Amazônia paraense**, visar-se-ão aos seguintes objetivos:

#### 4.1.1- Geral

4.1.1.1- Demonstrar a existência de estigma veiculado pela urbanização, especialmente pela ação da escola, face ao falar ribeirinho do interior da Amazônia paraense a partir da redução da probabilidade de nasalizações de vogais pretônicas situadas antes de consoante nasal na sílaba seguinte e em comparação com probabilidades mais acentuadas desse mesmo fenômeno em área rural e em área metropolitana;

#### 4.1.2- Específicos

4.1.2.1- Perscrutar, a partir de pesquisa bibliográfica e de interação com estudiosos da área, possíveis interferências de substratos indígenas - da língua geral amazônica paraense, vale dizer - na conformação do falar amazônico aqui referido, bem como quanto ao estigma que o atinge;

4.1.2.2- Atualizar levantamento bibliográfico sobre nasalidade e nasalização do Português do Brasil;

4.1.2.3- Discutir uma política lingüística e um planejamento lingüístico capaz de apoiar melhores resultados no ensino do Português do Brasil, em área rural da amazônica paraense, no nível básico;

4.1.2.4- Contribuir para a causa sempre presente da identidade ribeirinha amazônica, no sentido da minimização da crônica exclusão política dessas populações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BRESCANCINI**, Cláudia. A análise da regra variável e o programa Varbrul 2S. In: BISOL, Leda & BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

**CASSIQUE**, Orlando. *minina bunita...olhos esverdeados*. UFPA/PROPESP/CML, 2002 (dissertação de mestrado inédita).

\_\_\_\_\_. O alteamento [o]>[u] na fala da cidade de Breves - PA: uma reflexão introdutória da natureza variacionista. In: VII encontro IFNOPAP -, 2004, Belém et al, 2003. p. 13-34.

\_\_\_\_\_, **ROCHA**, Dayanna; **SOARES**, Andréa Viana. *Rotacismo no falar de Breves-PA: uma abordagem variacionista*. In: IX IFNOPAP, 2006, Soure e Salvaterra. Anais IX IFNOPAP, 2006.

\_\_\_\_\_, **ROCHA**, Dayana. *Variação dos clíticos no português falado na cidade de Breves-PA*. In: IX IFNOPAP, 2006, Soure e Salvaterra, 2006. p. 9-20.

*seguida de consoante nasal na sílaba seguinte no português falado na cidade de Belém-Pa*. Belém, 2006 (inédito).

**LABOV**, William. *O estudo da Linguagem em seu Contexto Social*. Tradução de Telma de C.Lobo, Rio, Ufrj, 1977. (inédita).

\_\_\_\_\_. *Modelos sociolingüísticos*. Traducción José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

**LOBO**, Danielle. *Variação da nasalização vocálica pré-tônica seguida de consoante nasal na sílaba seguinte no português falado na cidade de Belém-Pa: uma reflexão introdutória de natureza variacionista*. In: IX jeel, 2005, BELÉM:UFPA.

**OHALA**, John J. *Phonetic Explanations for Nasal Sound Patterns*. In: Nasalfest: papers from a Symposium on Nasals and Nasalisation, Ferguson, Hyman and Ohala (eds.)pp 289-316. Stanford CA: Language Universals Project, 1975.

## PROCESSOS DE AVALIAÇÃO FORMATIVA NO DESENVOLVIMENTO LINGUAGEIRO DE PROFESSORES DE E/LE EM FORMAÇÃO

Patricia Neyra –  
neypato@gmail.com  
Myriam Crestian Cunha –  
mycunha@gmail.com

**Resumo:** O intuito deste trabalho é refletir sobre as práticas de avaliação no ensino/aprendizagem de Línguas Estrangeiras, com ênfase na Língua Espanhola e propor a avaliação formativa no curso de formação de professores de Espanhol Língua Estrangeira (E/LE) como uma maneira do aluno regular a própria aprendizagem da língua alvo para melhorar seu desempenho e preparar-se como futuro professor no ato de ensinar e avaliar.

**Palavras-chave:** Avaliação formativa, ensino/aprendizagem de E/LE, formação de professores.

**Abstract:** The purpose of this paper is to discuss the assessment practices in the teaching and learning of Spanish as a foreign language. It aims to propose the formative assessment in the teacher training course of Spanish as a Foreign Language. The formative assessment is presented as a way of students regulate the target language learning to improve their performance and to prepare themselves as future teachers in the act of teaching and assessing.

**Keywords:** Formative assessment, teaching and learning of Spanish, teacher training course.

### 1. Introdução

No presente trabalho será apresentado sucintamente um projeto em andamento desenvolvido no Curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), o qual pretende problematizar e

refletir sobre o ensino/aprendizagem da língua estrangeira, especificamente da língua espanhola, no contexto do Curso de Licenciatura em Letras, isto é, da formação de professores. Assim, apresentar-se-ão alguns pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, principalmente aqueles relacionados com a avaliação do processo de ensino/aprendizagem de língua; os objetivos que se pretendem alcançar; e a metodologia que será adotada.

## **2. O Projeto: interesse, objetivo, metodologia**

O projeto que se pretende desenvolver procura implantar, experimentar e analisar práticas de avaliação formativa em um curso de formação de professores de Espanhol Língua Estrangeira (E/LE) como uma maneira do aluno regular a própria aprendizagem da língua alvo para melhorar seu desempenho linguístico e refletir, como futuro professor, sobre o ato de ensinar e avaliar. Dessa maneira, a avaliação formativa será abordada em uma dupla perspectiva: por um lado, como dispositivo de aprendizagem que permite ao aluno se tornar plenamente sujeito de sua aprendizagem, capaz de regulá-la e de desenvolver a competência comunicativo-interacional na língua meta; por outro, como dispositivo de avaliação que confronta o futuro professor com outras maneiras de apreciar o desenvolvimento de suas competências.

O interesse de pesquisar a problemática da avaliação, com ênfase na avaliação formativa, foi motivado pela minha atuação profissional, a qual está relacionada com a formação de professores de E/LE que atuarão no Ensino Fundamental – do 6º ao 9º ano – e no Ensino Médio. Ao longo da minha formação, não houve oportunidade de refletir sobre esse assunto, pois não foi suficientemente trabalhado nas aulas teóricas nem implementado nas próprias avaliações que eram realizadas nas diversas disciplinas. Ao tomar conhecimento dessa problemática e refletir sobre a avaliação formativa numa disciplina de pós-graduação, surgiram diversas perguntas, algumas pessoais: como avaliava os meus alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio - à época que lecionava na escola -, como avalio atualmente os meus alunos - futuros professores de E/LE -, como fui e sou avaliada na escola e na universidade; e outras mais gerais: o que dizem os documentos oficiais que orientam o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) sobre o ensino e a avaliação, qual a proposta de

avaliação dos Projetos Político-Pedagógicos (PPP) dos cursos de formação de professores de E/LE, como se avalia na formação de professores de E/LE; e ainda, aprender uma LE na Licenciatura implica também aprender a ensiná-la ou ambos devem dar-se como processos independentes; se se relacionam, a avaliação formativa pode facilitar a articulação desses dois processos.

Após diversas leituras sobre a problemática da avaliação, somado à própria experiência como aluna universitária e como professora, percebi que o tratamento de tal problemática tem sido tradicionalmente um lugar de relativa vacância tanto na escola quanto nos cursos de formação de professores, principalmente na área de ensino/aprendizagem de LE e que, quando se indaga sobre avaliação, na maioria das vezes se escolhem como objeto de estudo outros níveis do sistema, como o Ensino Fundamental, o Ensino Médio ou o Vestibular, mas poucas vezes se centra na análise dos processos de avaliação na Universidade. Dessa maneira, esta pesquisa pretende indagar sobre as questões expostas no parágrafo anterior e outras que venham surgir no percurso do seu desenvolvimento por meio de uma proposta de avaliação formativa para um curso de formação de professores de E/LE. Especificamente, procura-se: experimentar o processo de regulação da aprendizagem da LE por meio da coavaliação, da avaliação mútua e da autoavaliação, como forma de facilitar a aquisição dos saberes e procedimentos que permitem desenvolver as competências; incluir a avaliação formativa e a reflexão sobre a mesma na disciplina Compreensão e Produção em Espanhol (CPE) de uma turma da Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará – *Campus* de Castanhal, com vistas à apropriação, pelo aluno, das práticas e dos instrumentos de avaliação do professor; e analisar, diagnosticar e gerenciar os processos de ensino/aprendizagem durante a inclusão da avaliação formativa na disciplina CPE, para tomar consciência dos processos e reajustar os critérios, os objetivos e os instrumentos de avaliação. Para que os objetivos propostos acima possam ser alcançados, serão desenvolvidas: uma pesquisa bibliográfica, a partir da leitura de obras representativas dos estudos da Problemática da Avaliação, do Ensino/Aprendizagem de Línguas, da Pedagogia e de outras áreas afins ao ensino de línguas, com vistas ao estabelecimento dos conceitos que serão elaborados/explorados na pesquisa. Alguns dos autores que orientarão a reflexão serão Allal, Bain, Ballester, Barlow, Bonniol, Fernandes, Hadji,



Luckesi, Perrenoud, entre outros; uma pesquisa documental, por meio da leitura de documentos oficiais elaborados e apresentados como parâmetros e/ou referência para professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e de Projetos Político-Pedagógicos (PPP) de diversas instituições de formação de professores de E/LE. Alguns dos documentos consultados serão os PCN, os PCN+, as Orientações Curriculares Nacionais; e uma pesquisa-ação, através da inclusão de práticas de avaliação formativa em uma disciplina de CPE da Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará – *Campus* de Castanhal.

Uma vez apresentado o projeto, serão expostos, a continuação, os pressupostos teóricos que guiarão a pesquisa.

### 3. A avaliação formativa: alguns conceitos chave

Abordar a avaliação formativa implica, de alguma maneira, em contrastá-la com a avaliação mais tradicional, conhecida como avaliação somativa. Pois, a primeira se desenvolveu como uma crítica à segunda, uma forma de lidar com os problemas que a avaliação somativa não conseguia solucionar, principalmente aqueles relacionados com o processo de ensino/aprendizagem e com o êxito escolar. Assim, primeiro serão apresentadas de maneira geral as características da avaliação somativa e posteriormente será abordada mais detalhadamente a avaliação formativa.

Guba e Lincoln (1989, apud FERNANDES, 2009) distinguem três paradigmas ou gerações de avaliação: a *geração da medida*, na qual os testes e outros instrumentos destinados a medir aprendizagens humanas permitiam quantificá-las, compará-las ou ordená-las em uma escala. Dessa forma, era possível trabalhar matematicamente os resultados e os testes tinham o papel de verificar, de medir se os sistemas educacionais produziam bons produtos a partir da matéria prima disponível (os alunos). Caracterizava-se por ter o professor como único participante do processo de avaliação e por basear-se em um padrão ou norma, como, por exemplo, a média final; a *geração da descrição*, na qual a principal meta era descrever padrões de pontos fortes e fracos. A medida deixou de ser sinónimo de avaliação, para ser uns dos meios ao seu serviço. Reconheceu-se a necessidade de se formularem objetivos (comportamentais)

para que se pudesse definir mais concretamente o que se estava avaliando. Porém, havia uma busca pela objetividade, como parâmetros mais importantes para garantir a validade da avaliação. Isso teve implicações sérias para o ensino/aprendizagem de línguas, pois o “complexo” passou a ser fragmentado em pequenos objetivos que podiam ser avaliados em separados, de preferência de modo que até uma máquina pudesse realizar a avaliação. Portanto, se caracterizava como uma avaliação em termos de “acerto” e “erro”, que não se prestava para avaliar a realidade multidimensional da produção escrita ou oral ou da compreensão; e a *geração da formulação de juízos de valor*, na qual a avaliação se tornou mais sofisticada do ponto de vista teórico. Surgiu aqui o conceito de avaliação somativa – como sinônimo de prestação de contas, certificação, seleção – e avaliação formativa – como sinônimo de desenvolvimento, melhoria das aprendizagens, regulação dos processos de ensino/aprendizagem. Pode ser observado até aqui que de uma concepção inicial muito limitada, redutora e técnica, evoluiu-se para uma mais sistêmica e abrangente, pois a avaliação passou a envolver professores, alunos, currículos, disciplinas, etc. Entretanto, continuou considerando-se somente o ponto de vista do professor, acreditando-se que as falhas eram unicamente responsabilidade dos alunos e avaliando-se de maneira pouco ou nada contextualizada.

Após essas três gerações, surge a chamada *geração da negociação e a construção*, a qual adota a avaliação formativa baseada no construtivismo e no cognitivismo, e se opõe às concepções iniciais de avaliação formativa dos anos 60, que era de base behaviorista e não colocava a regulação pelo aprendiz no centro das práticas avaliativas. Assim, esta nova concepção de avaliação formativa é mais interativa, situada nos contextos vividos pelos alunos e pelos professores, centrada na regulação e na melhoria das aprendizagens, mais participativa, mais transparente e integrada nos processos de ensino/aprendizagem. Segundo Wiggins (1989a; 1989b, apud FERNANDES, 2009) a avaliação formativa inclui tarefas contextualizadas; contribui para desenvolver as competências; utiliza os conhecimentos de maneira funcional (o “saber” como um dos componentes das competências, ou seja, o saber em ação); e considera as estratégias cognitivas e metacognitivas, uma vez que muita coisa daquilo que um aluno de LE produz não é propriamente “erro” e sim inadequação, coisa que é correta gramaticalmente, mas que um nativo jamais

diria naquela situação. Por outro lado, a apropriação dos critérios não é algo que tenha que vir “após” a produção: quando tiver um erro, se remedia. Isso se relaciona com a visão clássica, behaviorista. Assim, a avaliação formativa impacta em duas questões numa aula de LE, o modo de usar a LE em estudo e o modo de estudar. A regulação não diz respeito somente às competências linguageiras dos alunos, mas também às suas estratégias de aprendizagem.

Como esta avaliação faz parte do processo de ensino/aprendizagem e um dos seus objetivos consiste em tentar desenvolver a regulação no aluno, o papel que este deve desempenhar torna-se mais ativo. Dessa forma, é preciso incentivar o desenvolvimento das tarefas propostas, a partilha do seu trabalho, das suas dificuldades e dos seus sucessos com o professor ou com os colegas. Porém, não basta só incentivar os alunos. Faz-se necessário também colocá-los em situação de reflexão explícita e sistemática sobre suas estratégias de aprendizagem e sobre suas produções, ou seja, não será suficiente o aluno pensar que precisa estudar mais e sim saber o que significa estudar de forma apropriada para escrever melhor, para desenvolver a compreensão oral, para melhorar a pronúncia, etc. Por isso, ao professor cabe regular o processo de ensino, definir claramente os propósitos e a natureza da avaliação, criar um clima de comunicação interativa entre os alunos e entre estes e o professor. Afinal, na avaliação formativa pressupõe-se a partilha entre o docente e o estudante.

Pelo exposto acima, percebe-se que a regulação do ensino e da aprendizagem constitui-se como o ponto central do processo de avaliação formativa. Portanto, no próximo tópico será abordado esse conceito.

### 3.1 A regulação do ensino e da aprendizagem

Visto que a avaliação formativa pode ser considerada como “[...] toda prática de avaliação contínua que pretenda contribuir para melhorar as aprendizagens em curso [...]” (PERRENOUD, 1999, p. 78), faz-se necessária a regulação como uma forma do professor ajustar sistematicamente o ensino e o aluno adaptar a sua aprendizagem de acordo às necessidades. Assim, há por um lado a regulação do ensino, a qual se fundamenta na constatação das causas das dificuldades dos alunos, na busca das causas desses obstáculos e na proposta de tarefas para superá-los (SANMARTÍ, 2009) ou, em caso de não haver

dificuldades, incentivar-se o aluno à reflexão sobre as estratégias que está utilizando e que o conduzem a melhorar seu desempenho. Para regular o ensino são necessários três momentos: o primeiro para realizar a avaliação diagnóstica, cujo objetivo é analisar a situação do aluno antes do processo de ensino/aprendizagem para saber os pontos de partida; o segundo momento para executar avaliações durante o processo, pois ajuda a superar obstáculos e a autorregular-se; por último a avaliação final, a qual está orientada a verificar quanto a regular: verificar os aspectos que devem ser reforçados nos processos de ensino posteriores, regular ajudando os alunos a reconhecerem os aspectos aprendidos.

Por outro lado, existe a regulação das aprendizagens ou também chamada autorregulação, a qual consiste em um processo que vai além do desenvolvimento das aprendizagens na medida em que permite seu controle e moderação pela adoção de processos cognitivos e metacognitivos, os quais não são diretamente controláveis ou previsíveis (ALLAL 1986, apud FERNANDES, 2009). Para incluir a regulação das aprendizagens nas aulas, torna-se mais importante o que os alunos fazem e pensam do que os professores fazem, pois as ações devem ser orientadas para o desenvolvimento dos processos complexos de pensamento dos alunos, das aprendizagens profundas e das estratégias de resolução de problemas. Como se trata de processos cognitivos e metacognitivos, realizam-se procedimentos avaliativos, que mobilizam instrumentos diversos (elaboração de grades de critérios e descritores pelos próprios alunos, produção de diários de classe, etc) e organização pedagógica diversa (em dupla, em grupos, etc.) como caminho para a regulação e a autorregulação.

Neste projeto propõe-se trabalhar com três modalidades de avaliação para desenvolver a autorregulação das aprendizagens, uma delas é a coavaliação, na qual o aluno e o professor trabalham juntos na elaboração dos objetivos e critérios da avaliação, o que propicia o diálogo gerando um espaço de interação. É imperativo que os critérios sejam partilhados e até discutidos com os alunos para que eles possam ter clareza em relação àquilo que está sendo esperado e se tornarem aptos a se autoavaliarem: se o objetivo é “falar dos seus projetos”, o fato de elaborar critérios conjuntamente com o professor para avaliar uma produção oral ou escrita na qual falem de seus projetos vai exigir de perceber o

que isso envolve e assim, tais critérios ajudarão os alunos a organizarem o próprio estudo, contribuirão para motivá-los a aprender e a delinear estratégias de aprendizagem e de envolvimento nas tarefas que lhes são propostas pelos professores; outra modalidade é a avaliação mútua (conhecida também como um tipo de coavaliação), na qual o aluno realiza atividades em grupo e pode fazer críticas, comentários, sugestões, julgamentos da produção dos seus colegas e vice-versa. Aqui o importante é a cooperação e não a competitividade; e a terceira é a autoavaliação, cujo interesse resulta na passagem obrigatória pela verbalização ou pela escrita pessoal, que permite reformular o critério e compará-la com o trabalho realizado (NUNZIATI, 1990 apud BONNIOL, 2001, p. 286). O aluno deverá ser estimulado a autoavaliar os resultados atingidos numa determinada tarefa aprendida, os seus interesses, a eficácia das estratégias adoptadas, a utilidade e o esforço requerido na adopção dessas estratégias, as suas crenças e expectativas sobre a aprendizagem, as suas atribuições sobre o sucesso ou insucesso educativo, as suas ações antes, durante e após o ato de aprender. Assim, o próprio aluno percebe seus progressos e necessidades nas atividades que desenvolve.

Cada uma das modalidades descritas acima poderá ser efetivada por meio de instrumentos ou recursos que permitem diagnosticar, refletir ou examinar o processo de aprendizagem. Alguns desses instrumentos podem ser: o portfólio – coleção de trabalhos e reflexões dos estudantes que recopila informação para poder monitorar os processos de aprendizagem e avaliar o progresso (ou não) dos alunos –; o diário de classe – registro individual de dúvidas, comentários, sugestões, no qual cada aprendiz expressa sua experiência pessoal nas diferentes atividades realizadas ao longo da disciplina ou durante um determinado tempo –; o debate – discussão que se organiza com os alunos sobre determinado tema para analisá-lo e chegar a certas conclusões, permitindo desenvolver diferentes estratégias de comunicação –; o estudo de caso – análise de uma situação ou contexto que permite a discussão e a tomada de decisões para resolver problemas apresentados no caso –; o projeto – planejamento e execução, pelo aluno, de uma tarefa, pesquisa ou atividade, na qual ele próprio é executor e avaliador do processo –, entre outros.

As características e propostas da avaliação formativa podem permitir ao aluno – futuro professor –, não somente a reflexão da sua própria aprendizagem, mas

também a reflexão sobre o ensino, visto que ele tomará conhecimento dos objetivos propostos pelo professor, da maneira em que é avaliado (pois o aluno também propõe critérios), dos instrumentos utilizados (o estudante participa na elaboração). Dessa forma, a exposição a um novo modelo de avaliação pode possibilitar ao aluno refletir e por que não incluir futuramente essa modalidade avaliativa. Infelizmente, trata-se de uma hipótese de difícil verificação, pois mesmo que o aluno proponha a avaliação formativa nas suas aulas, não há como afirmar que foi consequência da sua experiência numa aula da licenciatura. Porém, só o fato de ter contato com tal conhecimento abre a possibilidade de que o aluno reflexione e ponha em prática a avaliação formativa. A preocupação de o estudante pensar sobre o processo de ensino na disciplina de CPE surge pela questão de que a mesma concentra as características da disciplina que esse futuro professor ministrará na escola, visto que ele não dará aula de Linguística, nem de Fonética, nem de Literatura. A disciplina que o aluno ministrará será de Língua Espanhola. Por isso, a questão da aprendizagem da LE na licenciatura torna-se complexa se se pensa que o aluno além de aprendê-la deve ensiná-la. Se o estudante deve ensiná-la, pode ser alvo de uma aula na qual o objetivo somente seja que aprenda a língua? Sabe-se que disciplinas de didática existem na licenciatura, mas essas disciplinas, pelo menos na instituição na que se realizará a pesquisa-ação, se ofertam no final do curso, após o aluno ter passado pela CPE. Ora, a proposta radica em que o aluno na própria disciplina CPE reflita também sobre o ensino, pois estará vivenciando uma situação similar à dos seus futuros alunos, mas com um olhar também de professor, que no final é o objetivo da licenciatura: formar professores de E/LE. Como se trata de um projeto em andamento, essas questões precisam ser amadurecidas, mas o caminho que se pretende trilhar segue essa problemática.

#### **4. Conclusão**

A prática da avaliação formativa no processo de ensino/aprendizagem de E/LE consiste em criar condições efetivas para que os alunos desenvolvam as competências necessárias para uma real comunicação na LE. Um dos motivos pelo qual não se inclui a avaliação formativa no âmbito escolar pode estar relacionado a sua vacância nas práticas de alguns cursos de formação de

professores. Por isso, este trabalho propôs a inclusão da avaliação formativa na disciplina CPE de uma universidade pública brasileira com o objetivo de que os futuros professores de E/LE regulem suas aprendizagens na LE para melhorarem as competências linguageiras e também reflexionarem sobre o ato de ensinar, considerando assim a futuro trabalho que terão.

## REFERÊNCIAS

BONNIOL, Jean-Jaques; VIAL, Michel. *Modelos de avaliação: textos fundamentais*. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ESTÉVEZ, Cayetano. *Evaluación integral por procesos: una experiencia construida desde y en el aula*. Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio, 1997.

FERNANDES, Domingos. *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação. Da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANMARTÍ, Neus. *Avaliar para aprender*. Trad. Carlos Henrique Lucas Lima. Porto Alegre: Artmed, 2009.

## ELABORAÇÃO DO ATLAS LINGUÍSTICO DAS ETNIAS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARÁ

Regis José da Cunha Guedes (regisbspaz@yahoo.com.br)

Abdelhak Razky (razky@ufpa.br)

### RESUMO

Nesta pesquisa, elege-se como objeto de estudo a descrição geolinguística de línguas indígenas e do português falado por etnias indígenas no estado do Pará, com vistas à elaboração de um mapeamento da variação fonética e lexical de línguas indígenas (maternas) e do português falados pelas etnias selecionadas. Para tanto, adotam-se os pressupostos teórico-metodológicos da moderna Dialectologia e da Geolinguística, que aliados às contribuições dadas pela Sociolinguística, desde a segunda metade do século XX, têm propiciado a elaboração de trabalhos com abordagens pluridimensionais da realidade linguística das comunidades de falantes. O que constituiu, por assim dizer, o que se entende por uma abordagem Geossociolinguística. O mapeamento se dará nos níveis diatópico (geográfico), diagenérico (sexo) e diageracional (faixa etária).

**Palavras-Chave:** Línguas Indígenas, Língua Portuguesa, Geolinguística.

### ABSTRATC

In this work the object of study is the geolinguistic description of the portuguese and indigenous languages spoken by indigenous groups in the state of Pará, with the objective to preparing a mapping of lexical and phonetic variation of indigenous languages (L1) and portuguese spoken (L2) by selected ethnic groups. Therefore, we adopt the theoretical and methodological assumptions of modern dialectology and geolinguistics, which allies the contributions given by the sociolinguistics, since the second half of the twentieth century which provided the development of multidimensional approaches with the linguistic reality of the communities of speakers. The mapping will occur in levels diatopic, diagenetic and diagenetic.

**Key-words:** indigenous languages; portuguese language; geolinguistics

### 1. INTRODUÇÃO

Neste projeto, elege-se como objeto de estudo a descrição geolinguística de línguas indígenas e do português falado por indígenas no estado do Pará. Com vistas à elaboração de um mapeamento da variação fonética e lexical de línguas indígenas (maternas) e do Português falados nas etnias selecionadas. O mapeamento se dará nos níveis diatópico (geográfico), diagenérico (sexo) e diageracional (faixa etária). Para tanto, adotam-se os pressupostos teórico-metodológicos da moderna Dialectologia e da Geolinguística, que aliados às contribuições dadas pela Sociolinguística, desde a segunda metade do século XX, têm propiciado a elaboração de trabalhos com



abordagens pluridimensionais da realidade linguística das comunidades de falantes. O que constituiu, por assim dizer, o que se entende por uma abordagem Geossociolinguística.

A pesquisa realizar-se-á sob a hipótese de que a descrição da variação fonética e lexical das línguas maternas das etnias selecionadas, em paralelo com a do português falado por essas etnias, proporcionará uma visão mais ampla e ainda inédita da situação linguística de comunidades de falantes indígenas no estado do Pará.

A Região Norte, compreendida por sete estados: Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Pará e Tocantins, conta com apenas dois atlas linguísticos já concluídos (ALAM do Amazonas e ALiSPA do Pará). O estado do Pará conta ainda com um projeto de atlas linguístico em andamento, o do Atlas Geossociolinguístico do Pará (ALIPA).

Contudo, em se tratando de línguas indígenas, e do português falado por indígenas, pode-se falar em uma ausência de estudos na área da geolinguística, com essa abordagem, no Brasil. O que justifica o intento de elaborar esse estudo, que contribuirá para a descrição do português e das línguas maternas faladas pelos indígenas das etnias selecionadas. Descrição essa, que tem caráter de urgência, pois como afirma Silva (2010, p. 1):

A realidade linguística brasileira já foi bastante diferente do que se observa nos dias atuais. De acordo com Junqueira (2002), no começo do estabelecimento do contato, o Brasil era habitado por pessoas pertencentes a diferentes sociedades, com costumes e línguas também diferentes. Por meio de uma projeção, Rodrigues (1993) observou que as línguas indígenas brasileiras totalizaram, naquele momento, um número de cerca de 1300 línguas. Atualmente, há no Brasil cerca de 180 línguas (ou 220, dependendo do que se considera como língua, dialeto etc). Inúmeros povos indígenas foram dizimados sem que houvesse nenhum tipo de registro sobre sua cultura ou língua. Poucos tiveram alguma documentação de sua língua, como é o caso do Kipeá, pertencente à família Kariri, o qual foi descrito pelo Padre Mamiani. Desnecessário afirmar que cada língua constituía uma importante parte da identidade étnica desses povos.

Atualmente, temos<sup>69</sup> no Brasil diversos atlas linguísticos, que mapearam o português falado em âmbitos estaduais/regionais, já publicados ou elaborados aguardando publicação, são eles:

- *Atlas Prévio do Falares Baianos – APFB (1963);*
- *Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG (1977) ;*

<sup>69</sup> Os levantamentos aqui apresentados baseiam-se nos estudos de Aguilera (2006, p. 2), Lima (2006, p. 87), Cristianini (2007, p. 52), Pereira (2007, p. 35), Encarnação (2010, p.103) e Sousa (2011, p. 48) e em nossas leituras.

- *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984);*
- *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS I (1987);*
- *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (1994);*
- *Atlas Linguístico de Sergipe - ALS II (2002);*
- *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS (2002);*
- *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA (2004);*
- *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (2004);*
- *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS (2007);*
- *Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II (2007);*
- *Atlas Linguístico do Ceará – ALECE (2010).*

Outros tantos<sup>70</sup> estão em andamento. Diversos deles são trabalhos de cunho monográfico em níveis de mestrado e doutorado, como o aqui proposto.

Contudo, em se tratando de descrições geolinguísticas das línguas indígenas brasileiras, não se tem conhecimento de projetos na área, exceto o projeto Um Atlas Sonoro para as Línguas Indígenas do Brasil, coordenado pelos professores Abdelhak Razky (UFPA) e Ana Suely Cabral, do qual integro a equipe, esse que submetido e ainda está aguardando avaliação da CAPES.

O quadro da geografia linguística brasileira se expandiu tanto a partir de 1996 com o projeto nacional do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, que as pesquisas de âmbito regional têm ganhado novo impulso, e constituem significativas contribuições para o conjunto das pesquisas nacionais no sentido de projetar uma imagem da língua portuguesa no Brasil como um todo.

Cumpr-se ressaltar que a elaboração deste estudo consistirá em grande avanço, no sentido de que projetará imagens da diversidade linguística presente na fala de membros de comunidades inexploradas do ponto de vista dos estudos dialetológicos.

## 2. OBJETIVO GERAL

Mapear a variação fonética e lexical do Português e das línguas maternas de indígenas pertencentes às etnias presentes no estado do Pará.

---

<sup>70</sup> *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALIPA, Atlas Linguístico do Acre – ALiAC, Atlas Etnográfico do Acre – ALAC, Atlas Linguístico do Amapá – ALAP, Atlas Linguístico de Rondônia – ALiRO, Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA, Atlas Linguístico do Piauí, Atlas Linguístico do Mato Grosso – ALiMAT, Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – ALiRN, Atlas Prévio do Espírito Santo – APES, Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro - ALiSon-Rio, Atlas Linguístico do Estado de São Paulo – ALESP, Atlas Linguístico do Estado de Pernambuco – ALiPE.*

## 2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Mapear a diversidade fonética, lexical nos níveis diatópico (geográfico), diagenérico (sexo) e diageracional (faixa etária) que ocorrem na fala dos informantes selecionados.

Confeccionar cartogramas fonéticos e lexicais correspondentes aos dados coletados nas etnias selecionadas.

Interrelacionar os dados linguísticos obtidos na elaboração dos cartogramas aos dados histórico-sociais das etnias selecionadas.

## 3 QUADRO TEÓRICO

No contexto do surgimento da Dialectologia, Cardoso (2001) ressalta a contribuição de George Wenker que fez um levantamento de dados linguísticos na Alemanha em 1881, recobrando grande parte do território alemão, com um total de 44.251 respostas coletadas, tendo em vista a elaboração do Atlas Linguístico da Alemanha. Contudo, esses dados não foram sistematizados levando em conta as variantes sociais, tais como faixa etária e sexo. A autora ressalta ainda a contribuição de Gilliéron e Edmont, pela recolha sistemática de dados para o *Atlas Linguistique de la France (ALF)* (1902-1910), destacando a sua principal contribuição metodológica que foi a documentação *in loco* realizada por Edmont.

No contexto da afirmação da Dialectologia como uma ciência ressalta-se dois importantes autores: o filólogo italiano Ascoli, cujos estudos permitiram conhecer as transformações por que passaram as línguas em fases anteriores a partir do estudo sistemático de traços linguísticos de línguas na atualidade; e Antonie Meillet, discípulo de Saussure, que em 1908 inicia os estudos dialetológicos indo-europeus com a publicação de *Les dialectes indo-européens*.

Numa concepção bem tradicional de Dialectologia, Dubois (1978, p. 185) designa a mesma como:

[...] a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.

Segundo Elizaincín (2010, p. 16), para Coseriu (1955 e 1982) a Dialectologia seria a ciência da variação diatópica, por outro lado, para Labov, ela seria fundamentalmente diastrática e diafásica:

[...] sea desde el punto de vista coseriano, sea desde el punto de vista laboviano (dos teorías que tienen mucho más que ver entre sí de lo que normalmente nos suponemos) la dialectología (sin adjetivos, o la “urbana” como la pensó Labov) es la disciplina más general que se ocupa de la variación, notoriamente la diatópica en Coseriu, no diatópica pero sí diestrática y diafásica, fundamentalmente, en Labov.

A Geografia Linguística ou Geolinguística, por sua vez, é a parte da Dialectologia que se ocupa em localizar e registrar as variações das línguas. É um método cartográfico desenvolvido pelos dialetólogos que objetiva registrar e comparar os resultados das pesquisas linguísticas em localidades diferentes.

Segundo Rector (1975), a Geografia Linguística ou Geolinguística é um método da dialectologia tradicional, da qual se distingue não por estudar um dialeto local num só ponto, mas fenômenos análogos num espaço, por meio de pesquisa e registro dos fatos comprovados em mapas. Para Carreter (1974) o conjunto desses mapas constitui um Atlas Linguístico.

O termo Geografia Linguística é tido, por Elizaincín (2010, p. 17), como antecessor ao que hoje se entenderia por Geolinguística. Além disso, para o autor, a Geolinguística é um método possível e recomendável para capturar a variação do qual a Dialectologia se serve, como se pode verificar:

[...] la geografía lingüística, hoy geolingüística, no es disciplina que epistemológicamente tenga el status de ella: se trata de un método posible (recomendable) para capturar la variación a través de su sofisticada batería de técnicas de recolección de los datos, ordinamiento y representación cartográfica (metáfora del espacio) de los mismos. De esos datos, cuidadosamente presentados por el geolingüística se sirve privilegiadamente la dialectología, aunque pueda usar también otro tipo de fuentes.

Tratando ainda dessa relação entre a Dialectologia e a Geolinguística, Aragão (2009, p. 71) que afirma: “a moderna Dialectologia não é uma mera Geolinguística, como se considerava até alguns anos atrás, onde se estudava somente as variações regionais ou diatópicas, o que por sua vez produzia resultados monodimensionais, monostráticos, monogeneracionais e monofásicos”. Nesse contexto a autora, citando Elizaincín e Thun (1992), afirma que “a moderna Dialectologia estuda também as causas sociais e estilísticas que determinam as variações regionais, o que implica dizer que um atlas linguístico pode e deve propiciar uma imagem multidimensional da variação”.

Desde o advento da Sociolinguística Laboviana em 1966, a Geolinguística ampliou o seu campo de observação, que até então se restringia ao registro da variação diatópica (espacial), passando a controlar variáveis sociais mais complexas, tais como a variação diastrática (classe social), variação diafásica (escolaridade), variação

diagenérica (sexo), variação diageracional (faixa etária), dentre outras, o que constitui até, para alguns autores, uma nova vertente da Geolinguística, denominada de Geossociolinguística (RAZKY, 1998).

Conceituando então Sociolinguística, pode-se tomar Mollica (2010, p. 9), que a concebe como uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.

Segundo Campoy (1993, 162)

La *Sociolingüística*, “esa parte de la lingüística ocupada del estudio lenguaje como fenómeno social y cultural” (Trudgill 1983a: 32), y concretamente, dentro de ésta, la vertiente llamada *Lingüística Secular*, *Sociolingüística Laboviana*, *Sociolingüística Cuantitativa*, *Sociolingüística Correlacional*, o incluso *Sociolingüística Auténtica*, estuvo concebida en su origen en muy estrecha relación con la *Dialectología Tradicional*, en el momento de su redefinición y reformulación, reconociéndose entre ambas una conexión de evolución natural: además de la dimensión geográfica, los dialectólogos comenzaron a incorporar una dimensión social a sus descripciones lingüísticas.

Nesse sentido, os dialetólogos do século XIX já faziam uma espécie de Sociolinguística, uma vez que os fatores sociais já eram levados em consideração por trabalhos tradicionais em Geografia Linguística. É o caso do pioneiro Atlas Linguístico da França (ALF), no dizer de Cardoso (2001), cujas variáveis sociais são depreensíveis a partir do exame do perfil dos informantes, embora estas não tenham sido registradas nas cartas. Obviamente, pode-se dizer que a criteriosa sistematização dos fatores sociológicos realizados em Sociolinguística estava presente nesses trabalhos ainda de forma embrionária.

Assim, entende-se que a Dialectologia e a Sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas se encontram e se completam. É o que afirma Callou (2010, p. 33-35), para quem “a metodologia da Dialectologia tradicional rural sofreu adaptações para dar conta da análise linguística nos grandes centros urbanos [...] vindo esta dialectologia urbana a confundir-se com a Sociolinguística”.

Sobre este aspecto, Campoy (1993, 162) afirma que:

Después de la Segunda Guerra Mundial observaron que limitando los estudios dialectales a áreas rurales estaban ignorando el habla de la inmensa mayoría de la población, esto es, el habla de las grandes áreas urbanas, que no podían ser investigadas aplicando los métodos de la tradicional dialectología rural. De este modo, la Dialectología Urbana apareció combinando una función tanto lingüística como social y una dimensión sincrónica

Nessas interfaces entre Dialectologia e Sociolinguística emerge o que se concebe

por uma Geossociolinguística, isto é, uma Geolinguística preocupada em controlar variantes sociais como sexo, idade, escolaridade, renda, dentre outras, além da variante geográfica, tradicionalmente estudada.

Uma perspectiva geossociolinguística é necessária, segundo Razky (2010a, p. 172), para compensar os limites de cada uma das duas disciplinas: A Sociolinguística cuja maior parte dos trabalhos no Brasil se detém na dimensão social e local; e a Geolinguística, que se ocupa com o aspecto espacial com uma estratificação social mínima.

#### 4 METODOLOGIA

Este estudo será elaborado por meio do mapeamento, nos níveis fonético e lexical, da diversidade linguística presente na fala de quarenta informantes pertencentes a dez pontos de inquérito (aldeias indígenas) selecionados no estado do Pará. O mapeamento se dará de acordo com o Método Geolinguístico, abrangendo as seguintes variáveis: i. Diatópica, que se refere à disposição espacial dos pontos de inquérito; ii. Diagenérica, referente ao sexo dos informantes e iii. Diageracional, relativa à faixa etária dos informantes.

A pesquisa será realizada em três etapas principais: Na primeira fase serão feitos o levantamento e a revisão bibliográfica necessários ao tratamento do objeto de estudo. Na segunda fase será realizada a coleta de dados, feita por meio de pesquisa de campo. A terceira e última etapa será constituída do tratamento desses dados, da elaboração dos cartogramas linguísticos referentes a cada questão dos questionários utilizados e da redação da tese.

##### 4.1 PONTOS DE INQUÉRITO

Serão selecionados dez pontos<sup>71</sup> de inquérito dentro do território que corresponde aos limites político-administrativos do Estado do Pará, onde residem etnias indígenas. Serão levados em consideração os seguintes fatores: i. representatividade histórica e econômica das localidades; ii. quantidade de habitantes por localidade; iii. distribuição espacial dos pontos de inquérito; iii. A situação de perigo de extinção das línguas indígenas no estado do Pará.

---

<sup>71</sup> Os pontos de inquérito ainda estão sendo selecionados.

## 4.2 INFORMANTES

Os informantes serão selecionados de acordo com o seguinte perfil: serão quatro informantes por ponto de inquérito, o que totalizará quarenta informantes.

Mantendo-se a norma da investigação dialetológica, os informantes devem ser naturais da etnia investigada, não tendo se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida.

Em relação ao fator idade, os informantes se enquadram em duas faixas etárias – de 18 a 30 anos, e de 50 a 65 anos, de forma a se ter a representação de falantes mais jovens e de falantes mais velhos. Serão, por tanto, dois homens e duas mulheres na primeira faixa etária, dois homens e duas mulheres na segunda faixa etária para cada localidade.

Contemplando-se a variável gênero, em cada localidade são entrevistados informantes do sexo masculino e do sexo feminino, distribuídos equitativamente nas duas faixas etárias mencionadas.

## 4.3 QUESTIONÁRIOS

Para a coleta de dados serão utilizados dois questionários: **i. Questionário Fonético-Fonológico (QFF)**, que é orientado principalmente, mas não exclusivamente, no sentido de identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos já documentados em pesquisas anteriores; **ii. Questionário Semântico-lexical (QSL)**, de orientação basicamente onomasiológica e de interesse diatópico, tem por objetivo a documentação do registro coloquial do falante, buscando as formas de emprego mais geral nas etnias.

A coleta de dados será efetuada por meio de entrevistas, gravadas com gravador digital Sony DI, e realizadas *in loco*.

## 4.4 MAPEAMENTO

Na terceira e última fase desta pesquisa, os dados serão organizados e sistematizados em tabelas, conforme os campos dos questionários, estruturas sociais e espaciais. Serão transcritos foneticamente segundo o Alfabeto Fonético Internacional – IPA, utilizando a fonte *SILDoulosIPA*. E, em seguida, serão mapeados em cartogramas linguísticos. O mapa que servirá de modelo para a elaboração dos cartogramas linguísticos será elaborado a partir de um sistema GIS, contendo escala e pontos de inquérito georeferenciados. O mapa base será alterado, tendo em vista às necessidades de produção dos cartogramas linguísticos. As alterações serão realizadas utilizando os

softwares editores de imagens Adobe Photoshop CS4 e Corel Draw X6, tendo em vista a inserção das cruzes de estratificação social, dos símbolos e das caixas de legenda.

### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O projeto que aqui se apresenta é considerado plenamente exequível, apesar de sua significativa abrangência, tendo em vista o cronograma de execução proposto, e sob outros aspectos, levando-se em consideração a experiência obtida desde a elaboração do nosso Trabalho de Conclusão de Curso da graduação até a conclusão da dissertação de mestrado, ambos trabalhos de cunho dialetológico e geolinguístico.

### REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A geolinguística no Brasil: estágio atual. **Revista da ABRANLIN**, v. 5, n. 1/2, p. 215-238, dez. 2006. Disponível em: <[http://www.abralin.org/revista/RV5N1\\_2/RV5N1\\_2\\_art10.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV5N1_2/RV5N1_2_art10.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2010.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de (Org.). **Estudos em lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia**. Fortaleza, 2009.

CALLOU, D. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, p. 33- 35, jan./jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010.

CAMPOY, J. M. Hernández. Dialectología tradicional, sociolinguística laboviana y geolinguística trudgilliana: tres aproximaciones al estudio de la variación. E. L. U. A. 9, 1993. Disponível em: <[http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6470/1/ELUA\\_09\\_08.pdf](http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6470/1/ELUA_09_08.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2012.

CARDOSO, Suzana Alice M. Dialectologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **Revista Delta**, São Paulo, v. 17. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 04 out. 2011.

CARRETER, Fernando Lázaro. **Diccionario de términos filológicos**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1974.

CRISTIANINI, Adriana C. **Atlas semântico lexical da região do grande ABC**. 2007. 635 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.



ELIZAINCÍN, Adolfo. Socio y Geolingüística: nueva alianza em los estúdios sobre el uso lingüístico. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 41, jan/jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010. (p. 13- 28)

ENCARNAÇÃO, Marcia. R. T. da. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba**: municípios do litoral norte de São Paulo. 2010. 723 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas fonético do entorno da baía da Guanabara – AFeBG**. 2006. 158 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Um desafio**: o Atlas Lingüístico do Brasil. UFBA, 1998.

PEREIRA, Maria das Neves. **Atlas Geolingüístico do Litoral Potiguar**. 2007. 312 p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolingüístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A Geolingüística no Brasil**: Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

RAZKY, Abdelhak (org). **Estudos geo-sociolingüísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas Lingüístico Sonoro do Estado do Pará (AliSPA 1.1)**. Belém: s/ed. 2004. (Programa em CD-ROM).

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolingüística para a análise do status da variável < s> em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. In: **Estudos Linguísticos e Literários**. n. 41, Salvador, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, PPGLC da Universidade Federal da Bahia, jan/jun., 2010.

RECTOR, Mônica. **A Linguagem da Juventude**: uma pesquisa Geo-sociolingüística. Petrópolis: Vozes, 1975.

SILVA, Marília de Nazaré Ferreira. Contato entre línguas, perda lingüística e identidade étnica: notas sobre o povo Parkatejê. **Caderno de Letras da UFF - Dossiê**: Letras, lingüística e suas interfaces, n. 40, p. 239-247, 2010.

SOUSA, Gracione Teixeira de. **Atlas lingüístico do Acre**: cartas fonéticas da região do Purus. 2011. 170. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Universidade Federal do Acre, Acre, 2011.

## CONSTRUTIVISMO, AUTONOMIA E ACONSELHAMENTO LINGUAGEIRO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Rejane Santos Nonato - rejanenonato@yahoo.com<sup>72</sup>

Profa. Dra. Walkyria Magno e Silva (Orientadora) –  
walkyriamagno@gmail.com<sup>73</sup>

**Resumo:** Minha dissertação de mestrado versa sobre a formação continuada de professores de inglês de escolas públicas por meio do aconselhamento languageiro. Neste texto exponho alguns aspectos da fundamentação teórica de meu trabalho, a saber, o construtivismo, a autonomia e o aconselhamento languageiro.

**Palavras-chave:** construtivismo, autonomia, aconselhamento languageiro

**Abstract:** My master dissertation focuses on the continuing education of teachers of English in public schools through language advising. In this paper I expose some aspects of the theoretical basis of my work, namely constructivism, autonomy and language advising.

**Keywords:** constructivism, autonomy, language advising

### INTRODUÇÃO

Não é novidade que lecionar em escolas públicas é uma tarefa bastante difícil. E quando se fala em Línguas Estrangeiras (LE) as dificuldades são ainda maiores, pois o professor de LE está sozinho: a maioria das escolas não oferece condições mínimas de ensino (não tem material didático, CD *player*, DVD *player*, computadores, acesso a internet etc.); os outros professores tratam as LE como se fossem disciplinas pouco relevantes para a formação do aluno, o que contribui para a baixa auto-estima do professor de LE. E como se isso tudo não fosse o suficiente, boa parte das escolas públicas estão sucateadas e a maioria das turmas superlotadas, o que unido ao tempo reduzido que o professor de LE tem em cada turma (1:30h por semana) torna o ensino

---

<sup>72</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>73</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA).

de LE em escolas públicas uma atividade superficial de tradução de textos e um estudo metalinguístico das estruturas gramaticais (RATIER, 2011).

Tílio (1979), já apontava que “as atividades dos professores são fortemente moldadas pela tradição histórica do sistema educacional e pelo ambiente no qual foram formados, bem como pelo local onde trabalham” (TÍLIO, 1979 *apud* PERIN, 2003, p. 113). Dessa forma, podemos considerar que Tílio (*ibid*) atribui o fracasso do ensino de LE, não somente às escolas públicas, mas também ao sistema educacional brasileiro, que deixa as LE em segundo plano, e aos cursos de formação inicial de professores de línguas, que põem no mercado profissionais pouco qualificados.

Se é verdade que o curso de Letras não é a garantia da formação de professores de LE qualificados linguisticamente e pedagogicamente (RATIER, 2011), o que fazer então para qualificá-los?

Em um contexto de grandes centros urbanos a resposta me parece muito simples: oferecer formação continuada. Mas, em contexto de cidade pequena, onde os centros de formação estão a quilômetros de distância e não há interesse por parte dos governantes em patrocinar a formação dos professores de LE, cursos de formação continuada estão ainda mais distantes da realidade dos professores do que de fato estão os centros de formação.

O estudo que apresento aqui é a base teórica de minha dissertação de mestrado que objetiva realizar uma pesquisa-ação entre professores de inglês de escolas públicas do interior. Minha hipótese inicial é que a autonomização desses profissionais os ajudará a aprimorar a competência linguística, o que, por sua vez, pode refletir na competência pedagógica, promovendo assim a melhoria do ensino de inglês em escolas públicas do interior. Para tanto, utilizo o aconselhamento linguístico como ferramenta viável na promoção da autonomia dos profissionais enfocados em meu estudo.

## 1. CONSTRUTIVISMO E ENSINO

Por muito tempo acreditou-se que o conhecimento era algo que se transmitia de um ser para o outro, ou seja, um objeto que podia ser adquirido, como se adquire produtos no supermercado (JONASSEN, 1996). Dentro dessa linha de pensamento, acreditava-se que o conhecimento era apenas resultado da ação do meio sobre o indivíduo, o que significava que o aluno era um sujeito passivo no processo de ensino e a aprendizagem dependia somente do professor que, detentor do conhecimento, deveria

criar formas de transmiti-lo aos alunos. Essa forma de conceber o conhecimento e a aprendizagem ficou conhecida como Empirismo.

Contrariando a corrente empírica do pensamento, surge o construtivismo. Para os filósofos construtivistas o conhecimento é uma construção humana de significados, tendo em vista que a realidade é resultado das interpretações pessoais que fazemos do mundo (JONASSEN, 1996). Nesta perspectiva, existem várias pontos de vista sobre o mundo, uma vez que cada um de nós percebe o mundo de forma diferente. Desta forma, não existe um conhecimento único possível de ser transmitido de um ser para o outro.

Em se tratando do processo de ensino e aprendizagem, a filosofia construtivista postula que o aprendizado é dialógico, isto é, parte da interação do aluno consigo mesmo e/ou com outros. Nesse sentido, a aprendizagem parte do próprio aluno, das interações que ele estabelece consigo mesmo, com o meio, com o professor, com os demais colegas etc.

Dentro da filosofia construtivista, surgem os estudos sócio-interacionistas de Lev Vygotsky. Os estudos de Vygotsky ficaram conhecidos por esse nome por terem como principal pressuposto a ideia de que o ser humano constitui-se como tal na relação com o outro, ou seja, para Vygotsky o ser humano é fruto das interações que estabelece com outros seres no seio da sociedade. Por essa razão, podemos dizer que para o sócio-interacionismo, assim como para os construtivistas em geral, o meio é elemento de fundamental importância para o desenvolvimento humano, pois é na interação com o meio que se constrói o conhecimento.

Ao tratar de aprendizagem, Vygotsky postula que esta é fundamental para o desenvolvimento, uma vez que só através do processo de aprendizagem se alcança o processo de internalização de conceitos, que constitui, nas palavras do próprio Vygotsky, “a reconstrução interna de uma operação externa” (VYGOTSKY, 1984, p. 40). Martins (1997) assim define esse processo:

Na teoria sóciointeracionista de VYGOTSKY, encontramos uma visão de desenvolvimento humano baseada na idéia de um organismo ativo cujo pensamento é constituído em um ambiente histórico e cultural: a criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo.

Esta reconstrução interna é postulada por VYGOTSKY na lei que denominou de dupla estimulação: tudo que está no sujeito existe antes no social (interpsicologicamente) e quando é apreendido e modificado pelo sujeito e devolvido para a sociedade passa a existir no plano intrapsicológico (interno ao sujeito). A criança vai aprendendo e se modificando. (MARTINS, 1997, p. 114).

É por meio do processo de internalização que ocorre a transição de conceitos espontâneos, que são desenvolvidos a partir da vivência diária da criança, para conceitos científicos, geralmente adquiridos com a ajuda de um adulto, por meio de um ensino formal. Desta forma, o conceito de internalização de Vygotsky pressupõe a participação do outro na construção do conhecimento.

Assim, para Vygotsky, a aprendizagem de conceitos científicos se dá na interação com companheiros mais capazes. Essa aprendizagem, por sua vez, só se faz possível graças aos conhecimentos desenvolvidos por meio das experiências diárias das crianças. Com isso, pode-se dizer que os conhecimentos espontâneos são mediadores do processo de aprendizagem de novos saberes. Ou seja, para Vygotsky, o processo de aprendizagem parte daquilo que a criança já sabe em direção a construção de um conhecimento novo.

Com isso, para Vygotsky (1984), existem dois níveis de desenvolvimento: o nível real e o nível potencial. No primeiro, o indivíduo é capaz de realizar tarefas com independência, e caracteriza-se pelo desenvolvimento já consolidado. No segundo, o indivíduo só é capaz de realizar tarefas com a ajuda do outro, o que corresponde a uma fase de amadurecimento.

A partir desses dois níveis, Vygotsky define a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) como a distância entre o conhecimento real e o potencial, ou seja, a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984).

Dessa forma, é na ZDP que acontece a interação e conseqüentemente a aprendizagem. Dentro desse pensamento, Vygotsky postula que o professor deve agir na ZDP do aluno, servindo de parceiro na construção do conhecimento.

## **2. AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS**

Na aprendizagem de LE, assim como na aprendizagem em geral, o conceito de autonomia ocupa um lugar especial. Entendida como “uma atitude em relação ao aprendizado e não uma metodologia”<sup>74</sup> (DICKINSON, 1994, p. 2), a autonomia descreve a capacidade do aprendiz de “assumir a responsabilidade por seu próprio

---

<sup>74</sup> “an attitude to learning rather than a methodology”. Esta e todas as traduções do original são de minha responsabilidade.

aprendizado”<sup>75</sup> (DICKINSON, 1994, p. 4). Em outras palavras, autonomia relaciona-se a tomada de atitude, a realização de ações por parte do aprendiz, para garantir uma aprendizagem mais eficiente e significativa.

Um dos primeiros teóricos que se ocupou com o estudo da autonomia no ensino de línguas foi Holec. Para esse autor, autonomia é “a habilidade de assumir responsabilidade pelo próprio aprendizado”<sup>76</sup> o que inclui “ser capaz de tomar todas as decisões concernentes a aprendizagem com a qual o aprendiz está ou deseja estar envolvido”<sup>77</sup> (HOLEC, 1981, p. 3- 4).

Na definição de autonomia postulada por Holec, o aprendiz deixa de ser visto como sujeito passivo e passa a ocupar o centro do processo de aprendizagem. Sobre isso, Paiva (2005) afirma que:

O aprendiz é parte central do processo e deve ser visto como agente de sua própria aprendizagem e não como objeto que se plasma de acordo com as imposições dos métodos do professor” ( PAIVA, 2005, p. 31).

Passando para o aprendiz a responsabilidade pela sua aprendizagem, o que significa colocá-lo no centro do processo de aprendizagem, rompemos com a visão de que a aprendizagem é um processo de transferência de conhecimento que vai do professor para o aluno, e instauramos uma nova visão de ensino que passa a ser entendido como a criação de possibilidades para a produção ou construção do conhecimento (FREIRE, 2005).

Para Freire (2005), autonomia é a capacidade dos aprendentes de “se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer” (FREIRE, 2005, p.10). Ainda segundo Freire (ibid) autonomia é “uma pedagogia centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 2005, p. 107). Para esse autor, autonomia se relaciona com: a) a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender; b) ao processo de aprendizagem, uma vez que a autonomia possibilita a formação de um aprendiz mais criador; c) a prática docente, que permite a reflexão entre o fazer e o pensar sobre o fazer; d) ao ensino como construção do conhecimento; e e) a ética, uma vez que o respeito a autonomia é um direito de todos.

<sup>75</sup> “to undertake the responsibility for his own learning”.

<sup>76</sup> “the ability to take charge of one’s own learning”.

<sup>77</sup> “to be capable of making all the decisions concerning the learning with which he is or wishes to be involved”.

Para identificar o aprendiz autônomo, Dam (*apud* THANASOULAS, 2000), postula que:

alguém se qualifica como aprendiz autônomo quando escolhe independentemente objetivos e propósitos e estabelece metas; escolhe matéria, métodos e tarefas, exercita a escolha e a finalidade ao organizar e desempenhar as tarefas escolhidas; e escolhe os critérios para a avaliação (DAM *apud* THANASOULAS, 2000).

Desta forma, o aprendiz, ao se tornar autônomo, terá o controle de sua aprendizagem, o que implica dizer que o aprendiz traçará as metas que deseja alcançar, definirá o melhor método a utilizar para atingir suas metas, assim como escolherá as estratégias mais adequadas. É por essa razão que Freire (2005) define autonomia como algo que pode aguçar a curiosidade do aprendiz, tornando-o cada vez mais criador.

Sobre as formas de aquisição de autonomia, Holec (1981) considera que não se trata de uma habilidade inata ao ser humano, mas sim, de algo que pode ser adquirido de forma natural ou por meio de aprendizagem formal. Corroborando com Holec, Magno e Silva (2007) considera, que por, se tratar de um processo, a autonomização pode ser implementada gradativamente, com ou sem a ajuda de outras pessoas. Ainda segundo Magno e Silva, o processo de autonomização pressupõe fases de conscientização, mudança de atitude e transferência de responsabilidade.

Por fim, é importante salientar que autonomia não é um conceito de tudo ou nada, mas sim uma questão de grau (NUNAN, 1997 *apud* BENSON, 2001), uma vez que, não existe um estado estável de autonomia. Ela se situa ao longo de um contínuo entre a autonomia total e a dependência total e se modifica segundo influências do meio, como afirma Benson (2001).

### **3. ACONSELHAMENTO LINGUAGEIRO**

O aconselhamento linguageiro é um campo de pesquisa que tem se tornado bastante popular no ensino de línguas devido às necessidades práticas, financeiras e pedagógicas de se aprender uma língua estrangeira em contextos que dificultam a participação em cursos regulares: distância dos centros de línguas, custo do curso, quantidade de alunos por turma etc. Ao mesmo tempo em que o aconselhamento linguageiro possibilita uma aprendizagem mais autônoma, ele pode exercer grande influência no processo de ensino-aprendizagem de línguas, apoiando as ações desenvolvidas pelo professor em sala de aula (GARDNER; MILLER, 1999; RILEY, 1997; VIEIRA, 2007).

Muitos estudiosos têm se ocupado com este tema e assim muitas definições já surgiram tentando esclarecer o que é o aconselhamento languageiro. Todas essas definições, entretanto, seguem o mesmo caminho, sempre direcionando o aconselhamento languageiro ao desenvolvimento da autonomia do aprendente. Vejamos algumas delas agora:

Carson e Mynard (*apud* MYNARD, 2011), definem aconselhamento languageiro como sendo um processo em que se oferece ajuda aos alunos com a intenção de direcioná-los para seus próprios caminhos, afim de torná-los melhor, mais autônomos na aprendizagem de língua.

Em um artigo intitulado “The what, why, and how of language advising”, Reinders (2008) define aconselhamento languageiro como sendo uma forma de suporte de aprendizagem de língua, em que o professor procura dar conselhos ao aluno a respeito de seu aprendizado, possibilitando assim que esse desenvolva habilidades de aprendizado autodirecionadas.

Segundo Reinders (2007), as sessões de aconselhamento correspondem a um ou mais encontros individuais, que não necessariamente precisam ser presenciais, conduzidos em qualquer língua que professor e aluno compartilhem, e que se baseiam nas necessidades individuais de aprendizagem do aprendente e permitem uma maior ligação entre a sala de aula e a vida fora da sala de aula.

Para Reinders (2008), as sessões de aconselhamento caracterizam-se também por: 1) serem negociadas: é muito importante sempre deixar o aluno em situação de escolha, oferecendo diferentes opções, o que quer dizer que o conselheiro languageiro deve evitar oferecer conselhos de execução de ações; 2) serem personalizadas: uma vez que as atenções devem estar voltadas para os desejos e necessidades dos alunos, as sessões de aconselhamento precisam ser organizadas de acordo com cada aluno; 3) serem flexíveis: o que significa que não se deve elaborar programas estruturados, pois as sessões variam de acordo com os objetivos e necessidades do aprendente no momento.

Segundo Mozzon-McPherson (2001), o conselheiro languageiro é uma figura que gera empatia, ou seja, cria um ambiente em que o aprendente sente-se a vontade para falar de suas dificuldades e problemas de aprendizagem. Ainda segundo Mozzon-McPherson (*ibid*), o conselheiro languageiro situa-se em uma área entre o professor e monitor do centro de autoacesso, o que o torna uma figura rica uma vez que este acumula características de ambos. Outra particularidade relevante do conselheiro



linguageiro apresentada por esta autora é o fato deste não só dominar a língua estrangeira em estudo, como também possuir vasto conhecimento de estilos e estratégias de aprendizagem que são aspectos importantíssimos para a aprendizagem independente.

Ao falar sobre aconselhamento, Mozzon-McPherson (2001) retoma o trabalho de Voller (1997) que, ao discutir o papel do professor na aprendizagem autônoma, destaca quatro termos: facilitador, ajudante, conselheiro e consultor. Segundo Voller (ibid), os termos facilitador/ajudante estão mais relacionados ao ambiente de sala de aula, onde a função do professor é resumida como suporte técnico e psicossocial, enquanto que em atendimento individualizado o termo mais comumente utilizado é conselheiro.

Sobre os conteúdos do aconselhamento, Mozzon-McPherson (2001), destaca que o conselheiro é especializado tanto na língua quanto em aprendizado independente, e assume o papel de ponte na transição entre a sala de aula e o ambiente de aprendizagem independente.

Para essa autora a grande diferença do conteúdo entre professor e conselheiro está no nível do discurso. Kelly (1996 apud MOZZON-MCPHERSON, 2001) observa que a natureza do discurso empregado por professores e conselheiros é diferente. Ela descreve o aconselhamento lingueiro como sendo “uma forma de diálogo terapêutico que capacita um indivíduo a gerenciar seus problemas” (KELLY, 1996 apud MOZZON-MCPHERSON, 2001, p. 12)<sup>78</sup>. Para deixar mais claro a distinção entre conselheiro e professor, Kelly (ibid) distingue dois tipos de habilidades: macro e micro habilidades. Segundo ela, as macro habilidades são facilmente reconhecidas por bons professores pois esses as usam frequentemente; são elas: guiar, modelar, dar *feedback*, dar suporte, avaliar etc. As micro habilidades, por sua vez, estão mais relacionadas ao dia-a-dia do conselheiro lingueiro; são elas: atender, reafirmar, parafrasear, questionar, confrontar, refletir sentimentos, criar empatia.

Para Riley (1997), o conselheiro é a pessoa que ajuda o aprendente a tomar as suas próprias decisões, tornando-os conscientes de suas representações, crenças e atitudes. Sobre isso Stickler (2001) estipula três habilidades básicas para um bom conselheiro lingueiro. Segundo essa autora, todo conselheiro lingueiro deve ser

---

<sup>78</sup> “a form of therapeutic dialogue that enables an individual to manage a problem”.

uma espécie de guia, precisa conhecer o ambiente de aprendizagem do aprendente e precisa ter ou desenvolver boas habilidades de aconselhamento.

Mynard (2011), por sua vez, estabelece as seguintes funções de um conselheiro languageiro:

1. Aumentar a consciência do processo de aprendizagem de língua;
2. Guiar o aluno;
3. Ajudar o aluno a identificar objetivos;
4. Sugerir materiais adequados, oferecendo opções de escolha, mais do que prescrever atividades;
5. Sugerir estratégias adequadas, oferecendo opções;
6. Motivar, dar suporte e encorajar o aprendizado autodirecionado;
7. Ajudar o aluno a se autoavaliar e refletir;
8. Ajudar o aluno a descobrir como ele aprende melhor;
9. Ouvir ativamente o aluno;
10. Ajudar o aluno a falar sobre seus problemas.

As funções do conselheiro languageiro apresentadas acima nos levam a crer que esta figura é um grande suporte na formação de aprendentes de língua, uma vez que ele não objetiva repassar um conteúdo específico, mas sim direcionar o aluno para uma aprendizagem mais eficiente. Desta forma, o conselheiro assume apenas o papel de mediador do processo de aprendizagem que parte do próprio aluno, dos seus anseios e das suas necessidades. Processo esse que parte em direção a uma aprendizagem mais significativa que relaciona conhecimento escolar com vida fora da escola e culmina com a formação de um aluno capaz de aprender fora do contexto escolar, ou seja, capaz de continuar aprendendo por toda a vida, o que chamamos de aprendente autônomo.

Em resumo, as definições acima deixam clara a íntima ligação existente entre o aconselhamento languageiro e a autonomia, posto que as práticas de aconselhamento estendem-se muito além das sessões de aconselhamento. No entanto, segundo Magno e Silva (2012, p.218), o objetivo do aconselhamento só será alcançado se se criar “uma atmosfera que maximize a autonomia do aprendente e que minimize as intervenções em tom professoral apontando soluções para os problemas do aprendente”.

## CONCLUSÃO

Com base no referencial teórico acima exposto, darei prosseguimento à minha dissertação de mestrado. Nos próximos meses coletarei os dados de dois professores de

escola pública do município de Igarapé-Miri para a partir deles verificar se minha hipótese de pesquisa está correta, ou seja, se o aconselhamento linguageiro como forma de promoção de autonomia é de fato um recurso válido na formação continuada de professores de inglês de escola pública do interior.

#### REFERÊNCIAS:

- BENSO, P. *Teaching and researching autonomy in language learning*. Harbo: Pearson, 2001.
- DICKINSON, L. Learner autonomy: what, why, and how? In: LEFFA, V. J. (Ed.). *Autonomy in language learning*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994. p. 2-12.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GARDNER, D.; MILLER, L. Counseling. In: \_\_\_\_\_. *Establishing Self-Access. From theory to practice*. Cambridge: Cambridge, 1999.
- HOLEC, H. *Autonomy and foreign language learning*. Oxford: Pergamon Press, 1981.
- JONASSEN, D. O uso das novas tecnologias na educação à distância e a aprendizagem construtivista. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.70, abr./jun.1996.
- MAGNO E SILVA, W. Apontamentos de aula. 2007.
- MAGNO E SILVA, W. Autonomia, motivação e aconselhamento linguageiro na sala de aula de línguas. In: MENDES, E.; CUNHA, J. C. *Práticas em sala de aula de línguas: diálogos necessários entre teoria(s) e ações situadas*. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2012.
- MARTINS, J. C. *Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo*. Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997.
- MOZZON-McPHERSON, M.; VISMANS, R. (Eds) *Beyond language teaching towards language advising*. London: CILT, 2001.
- MYNARD, J. The role of the learning advisor in promoting autonomy. 2011. Disponível em: <http://ailarenla.org/lall>. Acesso em 21 de novembro de 2012.
- PAIVA, V. L. M. O. O modelo fractual de aquisição de línguas. In: BRUNO, F. C. (Org.). *Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: Reflexão e Prática*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 23-36.
- PERIN, J.O.R. *Ensino/aprendizagem de inglês em escolas públicas: um estudo etnográfico*. Maringá, v. 25, nº 1, 2003, p. 113-118.
- RATIER, R. *Ir além do ensino para inglês ver*. Nova Escola. V. XXVI, nº. 243, junho/julho, 2011, p. 28-30.
- Reinders, H. University language advising: Is it useful? In: *Reflections in English Language Teaching*. 2007 - nus.edu. 2007.

REINDERS, H. The what, why, and how of language advising. In: MexTESOL, v. 32, n°2, 2008.

RILEY, P. The guru and the conjurer: Aspects of counseling for self-access. In: BENSON, P.; VOLLER, P. (Eds.). *Autonomy and Independency in Language Learning*. London: Longman, 1997.

STICKLER, U. Using counseling skills for advising. In: MOZZON-McPHERSON, M.; VISMANS, R. (Eds) *Beyond language teaching towards language advising*. London: CILT, 2001.

THANASOULAS, D. *What is learner autonomy and how can it be fostered?* The internet TESL journal, v. VI, n° 11, nov. 2000. < <http://iteslj.org/Articles/Thanasoulas-Autonomy.html> > Acesso em 24 de março de 2007.

VIERA, F. Teacher development through Inquiry: Getting Started. In: BARFIELD, A.; BROWN, S.H. (Eds.). *Reconstructing Autonomy in Language Education. Inquiry and Innovation*. London: Palgrave, 2007.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984, 132 p.

## CONTRIBUIÇÕES PARA O ATLAS DO PROJETO AMPER – NORTE: VARIEDADE LINGUÍSTICA DE BAIÃO (PA).

Rosinele Lemos e Lemos – [rosinele\\_lemos@terra.com.br](mailto:rosinele_lemos@terra.com.br)  
Regina Célia Fernandes Cruz – [regina@ufpa.br](mailto:regina@ufpa.br)

### Resumo

O objetivo deste trabalho é caracterizar prosodicamente a variedade linguística de Baião (PA). Adota-se aqui a metodologia do Projeto AMPER. Os resultados preliminares indicam que as variações de F0 contribuem para distinguir enunciados declarativos e interrogativos da variedade investigada.

Palavras-chave: Projeto AMPER, Prosódia, Português Brasileiro.

### Abstract

This work aims to characterize prosodically one Amazon Brazilian Portuguese linguistic variety spoken in Baião city. We adopted here the AMPER Project's methodology. The first results indicate that the F0 variations contribute to distinguish declarative and interrogative sentences.

**Keywords:** Amper Project, Prosody, Brazilian Portuguese.

### Introdução

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados preliminares da pesquisa de Dissertação de Mestrado de Lemos (em andamento), vinculada ao projeto internacional AMPER<sup>79</sup> (*Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Romain*). Apresentam-se aqui particularmente os resultados obtidos com o tratamento dos dados de um informante do sexo feminino e de baixa escolaridade (BF91). A Universidade Federal do Pará (UFPA) participa desse projeto desde 2007, com a responsabilidade de confeccionar o Atlas Prosódico do Português do Norte do Brasil (Amper-Norte). Atualmente, estão formados *corpora* nas seguintes localidades paraenses: a) Cametá (SANTO, 2011); b) Belém

(SANTOS JR, 2008, SILVA, 2011; BRITO, 2012); c) Bragança (CASTILHO, 2009); d) Abaetetuba (REMÉDIOS, em andamento); e) Mosqueiro (GUIMARÃES, em andamento); f) Curralinho (FREITAS, em andamento); g) Mocajuba (COSTA, em andamento); e h) Baião (LEMOS, em andamento) cujos dados compõem a referida pesquisa.

As análises dos dados de BF91 foram realizadas considerando os parâmetros físicos: frequência fundamental F0, intensidade e duração com o objetivo de verificar qual(is) parâmetro(s) contribui(em) na distinção entre as modalidades frasais declarativas e interrogativas na variedade investigada.

Este trabalho está dividido nas seguintes secções: secção 1 - Projeto AMPER-Norte; secção 2 - Metodologia do projeto AMPER; secção 3 Variedade linguística investigada de Baião PA (Lemos, em andamento); secção 4 - Procedimentos metodológicos; secção 5 - Resultados preliminares; secção 6 - Considerações finais; e secção 7 - Referências bibliográficas.

## 1. Projeto AMPER-Norte

O projeto AMPER-Norte está diretamente ligado ao projeto de pesquisa europeu **AMPER**, coordenado pelos professores Michel Contini e Jean-Pierre Lai, do Centro de Dialectologie da Universidade de Grenoble 3 (França); Antonio Romano da Universidade de Turim (Itália) e Albert Rillard do CNRS, Paris (França) e do qual fazem parte onze<sup>80</sup> outras instituições, além da UFPA, responsáveis por investigar o português (AMPER-POR).

O projeto AMPER tem como objetivo principal a organização prosódica das variedades faladas no espaço dialetal românico. O AMPER planeja também a disponibilização *online* do *corpus* com a intenção de possibilitar futuras investigações a diversos níveis da análise linguística.

A pesquisa relativa à variação prosódica do Português (AMPER-POR81) é coordenada pela Professora Lurdes de Castro Moutinho do Centro de Investigação de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (Portugal).

O projeto **Amper-Norte** é sediado no laboratório de Ciência e Tecnologia da Fala do *Campus* Universitário de Cametá (CUNTINS) da UFPA e conta com a infraestrutura desta para a

---

80 Universidade de Aveiro (Portugal), Universidade dos Açores (Portugal), Universidade da Madeira (Portugal), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

81 [www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/AMPER-POR.htm](http://www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/AMPER-POR.htm) / [www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/](http://www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/)

execução das atividades. O projeto em questão já produziu duas monografias de conclusão de Curso (SANTOS JR. 2008; CASTILHO, 2009), uma Dissertação de Mestrado (SANTO, 2011) e dois planos de Iniciação Científica (SILVA, 2011; BRITO, 2012). A coordenadora do projeto é bolsista de Produtividade do CNPq (PQ2) desde 2009<sup>82</sup>.

## 2. Metodologia do projeto AMPER

Considerando que o projeto AMPER compreende uma análise contrastiva dos dialetos estudados, o *corpus* gravado era composto de seis repetições de 66 frases que foram estruturadas obedecendo às mesmas restrições fonéticas e sintáticas, a fim de se manter o mesmo padrão para todos os *corpora* coletados nas três variedades do português que fazem parte do projeto AMPER-POR. Atualmente, este *corpus* foi ampliado para 102 frases, totalizando 612 sinais sonoros.

Sintaticamente, as frases foram montadas de forma a apresentar Sujeito - Verbo – complemento (SVC) e suas expansões com a inclusão de Sintagmas Preposicionais. Todas as frases possuem apenas: 1) três personagens: Renato, pássaro e bisavô; 2) três sintagmas adjetivais: nadador, bêbado e pateta; 3) três sintagmas preposicionados indicadores de lugar: de Mônaco, de Veneza e de Salvador; e 4) um único verbo: gostar. Com relação à entoação, elas foram concebidas de modo a contemplar as modalidades declarativas e interrogativas. O *corpus* também foi formado considerando as três pautas acentuais do português: oxítone, paroxítone e proparoxítone.

Conforme determina o projeto geral - AMPER-POR - os informantes selecionados para a formação dos *corpora* devem atender aos seguintes critérios: 1) ser nativo ou ter vivido a maior parte de sua vida na localidade alvo; 2) ter idade acima de trinta anos; e 3) possuir escolaridade de ensino fundamental, médio ou superior. Trata-se, portanto, de uma amostra estratificada. Cada informante recebe um código, que contém informações sobre seu perfil. A partir desses critérios, são selecionados seis informantes: três homens e três mulheres. No momento da gravação do *corpus*, a cada informante são pedidas seis repetições da série de frases do *corpus* (em ordem aleatória), sendo selecionadas para análise acústica as três melhores repetições, a fim de se poderem estabelecer médias nos diversos parâmetros acústicos: duração, frequência fundamental e intensidade.

O material gravado sofre cinco etapas de tratamento: a) codificação das repetições; b) segmentação vocálica dos sinais selecionados no programa PRAAT 5.0; c) aplicação do *script*

praat; d) seleção das três melhores repetições e; e) aplicação da interface Matlab para se obter as médias dos parâmetros das três melhores repetições.

No caso da codificação das repetições, retoma-se o código do informante, contendo o seu perfil, acrescenta-se o código de cada frase já estabelecido pelo projeto AMPER, com as indicações sintáticas, fonéticas e prosódicas, por último acrescenta-se um número de ordem cronológica da repetição.

Para o trabalho de segmentação fonética, utiliza-se o programa PRAAT. Apenas um nível de segmentação fonética é criado, denominado de <vogais>. O *script* PRAAT lê como códigos apenas a letra “v” (indica vogais plenas) e a letra “f” (indica vogais fracas ou elididas). Durante a segmentação fonética são estabelecidas as escalas de *pitch* adequadas para a análise de cada informante.

Concluída a segmentação fonética de todos os sinais de áudio - 396 do *corpus* antigo e 612 do *corpus* expandido - de cada informante, passa-se à aplicação do *script praat*. O *script praat* é aplicado a cada uma das 396 (do *corpus* antigo) ou 612 (do *corpus* expandido) repetições obtidas com a codificação da gravação original. A aplicação desse *script* gera um arquivo .TXT contendo as medidas dos parâmetros acústicos (intensidade, frequência fundamental, duração e formantes) das vogais de cada repetição.

Previamente à análise acústica na interface Matlab, selecionam-se as três melhores repetições de cada frase em termos de qualidade sonora e de similaridade de distribuição de vogais plenas (v) e elididas (f).

A aplicação da interface Matlab fornece a média dos parâmetros físicos – F0, duração e intensidade – em um arquivo fono.txt das três repetições de cada frase e das duas modalidades. A interface gera mais outros arquivos em formato de imagem contendo gráficos das médias de F0, duração e intensidade de cada modalidade individualmente, assim como gráficos comparativos de ambas as modalidades. A interface gera igualmente arquivos ton contendo uma síntese de cada modalidade sem a parte segmental.

### 3. Variedade linguística investigada de Baião PA (LEMOS, em andamento)

Os dados deste trabalho referem-se à variedade linguística do português falado no município de Baião (PA) e são considerados inéditos.



O *corpus* está de acordo com a metodologia do projeto AMPER quanto à organização e tratamento dos dados. Em Baião foram gravadas as 66 frases do *corpus* antigo<sup>83</sup>. Os informantes são nativos da localidade, com idade acima de trinta anos e níveis de escolaridade fundamental, médio e superior. A gravação ocorreu na própria casa dos informantes para garantir a espontaneidade do discurso. Utilizou-se gravador digital PMD660 Marant microfone Shure dinâmico e de cabeça para a captura do áudio, e computador notebook para a projeção das imagens e controle da qualidade das gravações no software Soundforge.

As figuras, em slides, formadoras das 66 frases foram exibidas pelo computador no programa PowerPoint aos informantes, sem apresentar-lhes suas formas escritas. Cada informante repetiu seis vezes a série de frases (em ordem aleatória), no momento da gravação sem interrupção até a última frase. Ao todo foram obtidos seis sinais sonoros de 6h33min15s de gravação. A taxa de amostragem de cada sinal é de 44.100 Hz, 16 bits, sinal mono. Cada informante recebeu um código com informações sobre seu perfil.

Quadro 01. Código, bairro e duração de gravação do *corpus* gravado dos informantes de Baião (PA).

Informante	Bairro	Duração da gravação
BF91	Limão	1h 23min 39seg
BF92	Cumbucão	1h 53min 36seg
BF93	Maracanã	48min 58seg
BF94	Centro	53min 50seg
BF95	Centro	39min 29seg
BF96	Limão	33min 36seg

Até o presente momento foram explorados apenas os dados do informante BF91, como veremos no item seguinte.

<sup>83</sup> O *corpus* ampliado de 102 frases está sendo utilizado por REMÉDIOS (em andamento), FREITAS (em andamento) e COSTA (em andamento).

#### 4. Procedimentos Metodológicos

O material gravado do informante BF91 sofreu seis etapas de tratamento: a) codificação das repetições; b) isolamento das repetições em arquivos de áudio individuais; c) segmentação fonética dos sinais selecionados no programa PRAAT 5.0; d) aplicação do *script praat*; e) seleção das três melhores repetições e; f) aplicação da interface Matlab para se obter as médias dos parâmetros das três melhores repetições.

Na codificação das repetições desse informante acrescentou-se o código de cada frase com as indicações sintáticas, fonéticas e prosódicas, e um número de ordem cronológica da repetição para em seguida isolar as 396 frases do sinal original em um arquivo sonoro específico.

Na segmentação fonética utilizou-se o programa PRAAT e estabeleceu-se a escala de *pitch* que ficou entre 120 Hz a 350 Hz.

O *script praat* foi aplicado a cada uma das 396 repetições que gerou um arquivo.TXT contendo as medidas dos parâmetros acústicos (frequência fundamental, duração e intensidade) das vogais de cada repetição.

Antes de se proceder a análise acústica na interface Matlab, foram selecionadas as três melhores repetições de cada frase em termos de qualidade sonora e de similaridade de distribuição de vogais plenas (v) e elididas (f).

A aplicação da interface Matlab forneceu a média dos parâmetros físicos – F0, duração e intensidade – em um arquivo fono.txt das três repetições de cada frase e das duas modalidades. A interface gerou mais outros arquivos em formato de imagem contendo gráficos das médias de F0, duração e intensidade de cada modalidade individualmente, assim como gráficos comparativos de ambas as modalidades. A interface gerou igualmente arquivos ton contendo uma síntese de cada modalidade sem a parte segmental.

Para este estudo, considerou-se apenas os dados fornecidos para as frases com sintagmas nominais finais simples contendo 10 vogais, a saber: “O **pássaro** gosta do **pássaro**” (pwp), “O **Renato** gosta do **Renato**” (twk) e “O **bisavô** gosta do **bisavô**” (kwk), porque representam as três pautas acentuais do português (proparoxítona, paroxítona e oxítona).

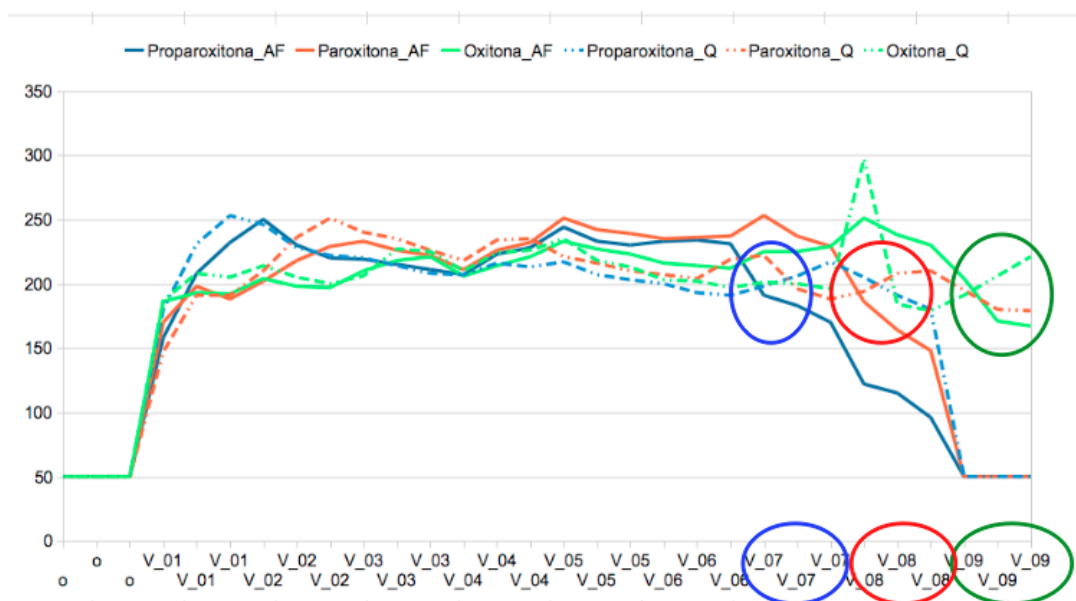
#### 5. Resultados Preliminares

A análise preliminar incidiu sobre as variações dos parâmetros físicos controlados – F0, duração e intensidade – sobre as sílabas tônicas do núcleo dos sintagmas nominais para verificar a hipótese, base do projeto Norte Vogais, de que as variações mais importantes de F0 ocorrem justamente na sílaba tônica do núcleo do sintagma final do enunciado analisado, como constatados para as variedades de Belém (CRUZ; BRITO 2011) e Cametá (SANTO, 2011).

Os resultados de Belém (CRUZ; BRITO 2011) e de Cametá (SANTO, 2011) demonstraram que a duração atua como parâmetro complementador na distinção das modalidades declarativas e interrogativas das sentenças analisadas, mas a intensidade não se apresenta como um parâmetro importante na distinção das modalidades em questão.

Os resultados de BF91 indicam também que as variações de F0 mais importantes ocorrem justamente na sílaba tônica do sintagma nominal final do enunciado (Gráfico 01).

Gráfico 01 - Comparação entre a média de variação de F0 nas sentenças pwp (azul), twt (laranja) e kwk (verde) em ambas as modalidades – declarativa (linha plena) e interrogativa (linha tracejada), faladas por um locutor do sexo feminino com baixa escolaridade de Baião.

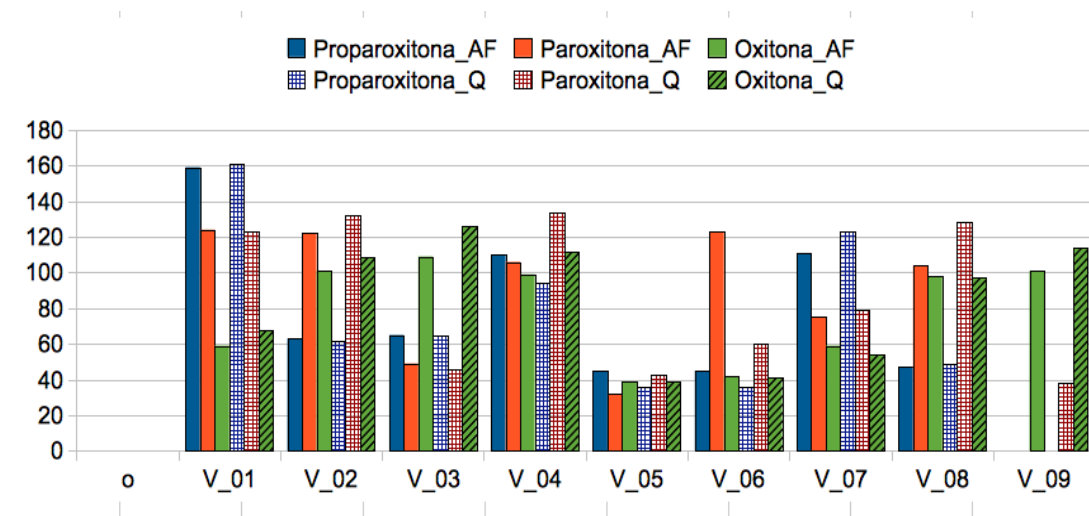


As médias de variação de F0 nas sentenças pwp “O **pá**ssaro gosta do **pá**ssaro” (azul), twt “O **Renato** gosta do **Renato**” (laranja) e kwk “O **bisavô** gosta do **bisavô**” (verde), representam as três pautas acentuais do português: proparoxítona, paroxítona e oxítona, respectivamente. Observaram-se os contornos de F0 de cada uma dessas frases nas duas modalidades alvos: declarativa (em linha plena) e interrogativa (linha pontilhada). A posição do sujeito encontra-se no início dos vocábulos

Segundo as análises, as variações das médias do movimento da curva melódica de F0 mais importantes concentram-se nas vogais 7 (“O **pássaro** gosta do **pássaro**”), 8 (“O **Renato** gosta do **Renato**”) e 9 (“O **bisavô** gosta do **bisavô**”). Nota-se igualmente que o contorno realizado apresenta-se em forma de “pinça”, padrão esperado nas variedades do português do Norte do Brasil. Desse modo, a hipótese apresentada por Santo & Cruz (2011) é corroborada com esses resultados, pois é na última sílaba tônica da frase que se evidencia o movimento mais importante de F0.

Apesar da variedade de Baião reforçar a hipótese defendida por Cruz; Brito (2011) e Santo (2011) de que F0 é um parâmetro físico fundamental na distinção das modalidades em análise, os valores de duração não apresentam comportamentos semelhantes às variações de Belém e Cametá. (Gráfico 02.).

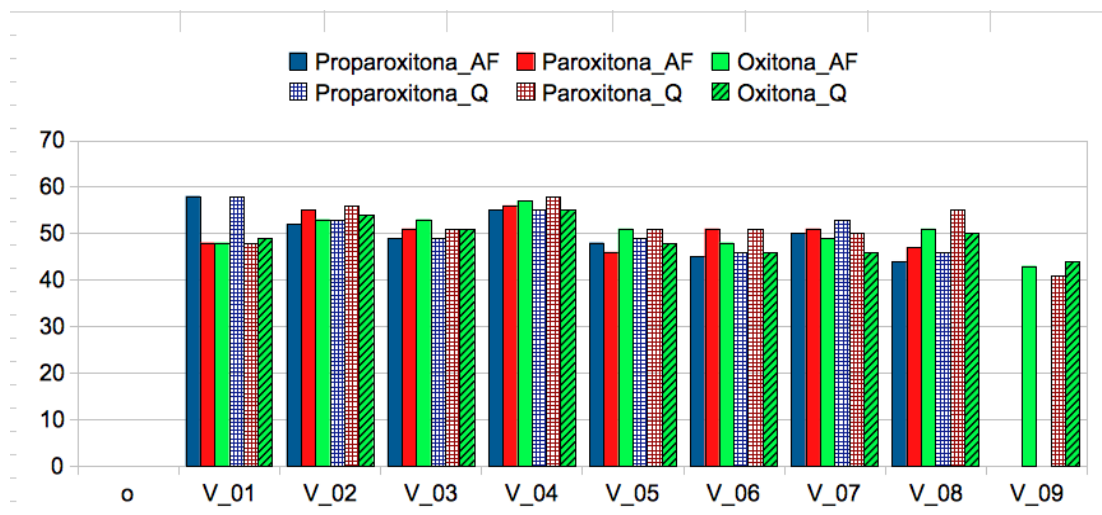
Gráfico 02 - Comparação entre a média de variação de ms nas sentenças pwp (azul), twt (laranja) e kwk (verde) em ambas as modalidades, declarativa (coluna plena) e interrogativa (coluna com ranhuras), faladas por um locutor do sexo feminino com baixa escolaridade de Baião.



A média de variação de ms nas sentenças (Gráfico 02) O **pássaro** gosta do **pássaro** (pwp - azul); O **Renato** gosta do **Renato** (twt - laranja); e O **bisavô** gosta do **bisavô** (kwk - verde) para as três pautas acentuais do português: proparoxítona, paroxítona e oxítona, nas modalidades – declarativa (coluna plena) e interrogativa (coluna com ranhuras), cujo sujeito encontra-se no

início do sintagma demonstra que as medidas de duração não são significativas para distinguir as duas modalidades frasais como observaram Cruz e Brito (2011) e Santo (2011). Da mesma forma, a intensidade também não se configura como um parâmetro relevante na distinção das duas modalidades na variedade de Baião (Gráfico 03).

Gráfico 03 – Comparação entre a média de variação de dB nas sentenças pwp (azul), twt (laranja) e kwk (verde) em ambas as modalidades, declarativa (coluna plena) e interrogativa (coluna com ranhuras), faladas por um locutor do sexo feminino com baixa escolaridade de Baião.



A média de variação de dB nas sentenças O **pássaro** gosta do **pássaro** – (azul), – O **Renato** gosta do **Renato** – (laranja) e - O **bisavô** gosta do **bisavô** (**verde**) – que representam as três pautas acentuais do português: proparoxítona, paroxítona e oxítona, em ambas as modalidades – declarativa (coluna plena) e interrogativa (coluna com ranhuras), com sujeito no início do enunciado não apresenta diferença significativa para distinguir as duas modalidades frasais pelo parâmetro intensidade. Os resultados de Baião acompanham aqueles obtidos em Belém por CRUZ e BRITO (2011) e em Cameté por (SANTO, 2011) de que a intensidade não é um parâmetro relevante para distinguir enunciados declarativos e interrogativos.

## 6. Conclusão

Os resultados preliminares da Dissertação de Mestrado de LEMOS (em andamento) do informante BF91 quanto aos parâmetros físicos de intensidade, duração e frequência fundamental (F0), relacionados à pauta acentual do português para a variedade investigada, permitem concluir que apenas o parâmetro físico de frequência fundamental F0 é relevante para a distinção entre as modalidades declarativas e interrogativas do português falado no município.

Os parâmetros de duração de ms e de intensidade dB não se configuram relevantes para a distinção das duas modalidades frasais na variedade linguística de Baião (PA).

## 7. Referências Bibliográficas

**BRITO**, Camila. *Atlas prosódico multimídia do Português do Norte do Brasil – AMPER-POR: variedade linguística da zona rural de Belém (PA)*, Belém: UFPA/ILC/FALE, 2012 ( Iniciação Científica).

**CASTILHO**, Francinete Carvalho. *Formação de Corpora para o Atlas Dialetal Prosódico Multimídia do Norte do Brasil: Variedade Linguística de Bragança (PA)*. Bragança: UFPA/Campus de Bragança/Faculdade de Letras, **2009**. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

**COSTA**, Maria Sabastiana da Silva. *Atlas Prosódico Multimídia do Município de Mocajuba (PA)*, Belém: UFPA/ILCCML, em andamento (Dissertação de Mestrado).

**CRUZ**, Regina; **BRITO**, Camila. Atlas Prosódico Multimídia da Cidade de Belém (PA): uma visão geral. Comunicação oral apresentada durante o V Congresso de Fonética Experimental. Cáceres (Espanha): Universidad de Extremadura, 25 a 28 de outubro de 2011.

**FREITAS**, João. *Atlas Prosódico Multimídia do Município da ilha do Marajó (PA)*, Belém: UFPA/ILC/CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).

**LEMOS**, Rosinele. *Atlas Prosódico Multimídia do Município de Baião (PA)*, Belém: UFPA/ILC, CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).

**REMÉDIOS**, Isabel. *Atlas Prosódico Multimídia do Município de Abaetetuba (PA)*, Belém: UFPA/ILC/CML, em andamento (Dissertação de Mestrado).

**SANTO**, Ilma; **CRUZ**, Regina. Atlas Prosódico Multimídia do Município de Cametá (PA): uma visão geral. Comunicação oral apresentada durante o III Colóquio De Prosódia da Fala. Belo Horizonte (MG – Brasil): Universidade Federal de Minas Gerais, 6 a 8 de junho de 2011.

**SANTO**, Ilma. *Atlas Prosódico Multimídia do Município de Cametá (PA)*, Belém: UFPA/ILC/CML, 2011. (Dissertação de Mestrado).

**SANTOS JR.**, Manoel Fonseca dos. *Formação de corpora para o Atlas Dialetal Prosódico Multimídia do Norte do Brasil: variedade linguística de Belém*. Belém: UFPA/ILC/FALE, **2008**. (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras).

**SILVA**, Amanda. *Atlas prosódico multimédia do Português do Norte do Brasil – AMPER-POR: variedade lingüística da zona rural de Belém (PA)*. Belém: UFPA. 2011. (Plano PIBIC/CNPq).

## O ALTEAMENTO [o]>[u] NO FALAR DA ZONA RURAL DE CIDADES RIBEIRINHAS DO PARÁ: UMA ESTUDO VARIACIONISTA

Valena Regina da Cunha Dias ([valenadiaz@hotmail.com](mailto:valenadiaz@hotmail.com))

Orientadora: Profa. Dra. Regina Fernandes Cruz ([regina@ufpa.br](mailto:regina@ufpa.br))

### RESUMO

Trata-se do estudo do alteamento [o]>[u], no meio rural de Bujaru, Cametá, Breves, Belém, Colares e Oriximiná, de acordo com sexo, idade, escolarização e localização geográfica. Baseado no levantamento documental especializado do fenômeno, o *corpus* coletado será analisado por meio do pacote **VARBRUL**.

**Palavras-chave:** alteamento, vogais, variação.

Este trabalho sinaliza um estudo que toma como referência o ponto de vista variacionista para considerar que o povo paraense manifesta importante diversidade de falares. Dessa maneira, propõe-se a fazer o estudo do alteamento [o]>[u], na posição tônica, relacionado ao social no meio rural dos Municípios de Bujaru, Cametá, Breves, Belém, Colares e Oriximiná, levando em consideração que a linguagem assume formas representativas e identificadoras dos habitantes dessas comunidades.

Os Municípios em estudo são representativos de cada uma das áreas em que se usa, dentro do dialeto amazônico do Português do Brasil, o falar característico do interior do Pará. O projeto considera esse linguajar uma componente essencial da identidade paraense. Assim, tanto quanto a motivação para a descoberta científica, o compromisso com a cultura estimula a pesquisa positivamente. Considere-se também que

“As metas a serem alcançadas surgem de uma preocupação com a identidade lingüística de comunidades menos favorecidas social, econômica, política e culturalmente, visando a seu reconhecimento como falantes de uma variedade do português com características próprias, diferentes, mas em hipótese alguma



erradas, como durante anos se incutiu ideologicamente.”  
(RODRIGUES, 2005)

Os objetivos deste trabalho, além de registrar o fenômeno do alteamento o/u, residem na busca, identificação e explicação desse mesmo fenômeno a partir de sua relação entre o fonético e o social. O alteamento em foco é realizado simplesmente por falantes que não usam o português padrão. Visa-se ainda, se há outras explicações para a sua ocorrência; identificar em que classe social o fenômeno do alteamento é mais recorrente; perceber em que classe gramatical há maior probabilidade de realização, reconhecer a influência das características extralinguísticas, como o fator sexo, faixa etária e escolaridade, além verificar em que aspectos o alteamento é também um problema de ordem linguística.

O tipo de abordagem que direcionará a pesquisa será o método de análise da Sociolinguística variacionista, que trabalhará sempre com um método quantitativo e dará muita importância a aspectos matemáticos, pois necessitará sempre de matematizações que comprovem sistematicamente os resultados considerados relevantes dos fatos em estudo. A relevância de se optar pela linha de pesquisa que norteia a Sociolinguística variacionista deve-se à necessidade de se obterem dados mais precisos para a pesquisa.

Para a efetivação da pesquisa realizaremos primeiro um levantamento da literatura especializada do fenômeno de alteamento e outros estudos que possam subsidiar teoricamente a construção do projeto. Em seguida organizaremos o *corpus* da pesquisa, que será construído de 32 relativos à área rural de Oriximiná e 32 relativos à área rural de Colares – considerando-se que, em virtude de estudos precedentes, já existem dados sobre as demais áreas visadas, com estudos já elaborados sobre o tema, os quais podem ser tomados para efeito de conjugação e comparação. O material recolhido vai sugerindo ou impondo aos poucos o ponto de vista da abordagem, de acordo com a conclusão de Tarallo, em obra já citada:

"O modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não aromatizado artificialmente. Em poucas palavras, dentro do modelo de análise proposto neste volume, o objeto - o fato linguístico - é o ponto de partida e, uma vez mais um porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontrarmos dificuldades de análise".

"A natureza do objeto de estudo sempre precederá o levantamento de hipóteses de trabalho e, conseqüentemente, a construção de um modelo teórico." (TARALLO, 1994)

Em seguida, será feita a triagem da variável dependente, com ajuda do programa Windows Média Player, tarefa pela qual serão identificados os grupos de força em que se manifestam ou não o *alteamento*. Os informantes serão selecionados de acordo com os critérios: sexo, idade, escolarização e localização geográfica, assim como deverão ser moradores naturais de cada município. A formação do *corpus* desta pesquisa construir-se-á a partir da coleta de relatos de experiências pessoais dos informantes.

O primeiro passo a seguir-se para gravação das entrevistas será a familiarização com a comunidade em estudo, a partir de conversas informais que demonstrem interesse pelo modo de vida e cultura local. Em seguida, serão motivados a falar livremente sobre esses assuntos. O plano da amostra aplicável a cada área será o seguinte:

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>MASCULINO</b>		<b>FEMININO</b>			
	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>LOCALIDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>LOCALIDADE</b>		
15 a 25 anos	Analfabeto (2)	<b>Zona rural</b>	Analfabeto (2)	<b>Zona rural</b>		
	Fundamental (2)		Fundamental (2)			
	Médio (2)		Médio (2)			
26 a 45 anos	Analfabeto (2)				Analfabeto (2)	
	Fundamental (2)				Fundamental (2)	
	Médio (2)				Médio (2)	
46 em diante	Analfabeto (2)				Analfabeto (2)	
	Fundamental (2)				Fundamental (2)	
	Médio (2)		Médio (2)			

Após a coleta dos dados será feita a análise quantitativa dos mesmos, com tratamento estatístico de acordo com os parâmetros do programa VARBRUL, um pacote de programas de análises estatísticas, cujos resultados dão suporte matemático às conclusões a que se pode chegar sobre as variações em estudo. A opção por esse método de análise através do programa VARBRUL deve-se ao fato de que uma abordagem estatística pode indicar coerentemente em que circunstâncias ou momento uma variante linguística é preferida em detrimento de outra.

“O(a) sociolinguísta variacionista precisa ter paciência, pois, como o método é quantitativo, ele(a) vai ter de viver explicando que as matematizações são importantes para estabelecer a relevância dos fatos para o falar de determinado agrupamento humano. Não se pode afirmar no vazio um estigma ou uma preferência em relação a este ou àquele uso. Afirmar a existência de causas sociais a fatos da linguagem verbal é uma tarefa que impõe busca de comprovações rigorosas, sistematicamente demonstráveis: se eu digo que determinada pronúncia se explica pelo analfabetismo de quem a usa, é porque eu examinei a fala de “x” analfabetos, em face da fala de “x” escolarizados de nível fundamental e em face da fala de “x” escolarizados de nível médio, e observei que, mantidos inalterados os outros fatores, a pronúncia em exame não foi “pesadamente” freqüente ou não foi detectada nos dois últimos grupos. Apoiado nos cálculos se chega de fato à qualidade das afirmações sobre as razões lingüísticas e sociais das variantes, sem o inconveniente das alegações vazias ou conduzidas unicamente pela inferência do estudioso - tanto mais quanto se sabe que as inferências humanas são sempre ideológicas. Assim sendo, as amostras são estratificadas e segmentadas em células representativas dos diversos segmentos de falantes da comunidade alvo, em que se controlam detalhes fundamentais, a começar pela procedência do informante, aptidão dos órgãos articulatórios, filiação etc. A amostra é estatisticamente tratada para avaliação das hipóteses.” (CASSIQUE, 2003)

O procedimento implica um arquivo de especificação, em que se define a variável dependente, da qual as variantes são os fatores, além dos grupos de fatores que se considera suscetíveis de interferência no fenômeno estudado. Cada fator da variável dependente e dos demais grupos de fatores recebe um símbolo (letra ou número) que o identifica para o programa. Em seguida prepara-se o arquivo de dados, em que se colocam os dados antecidos dos símbolos correspondentes entre parênteses, numa tarefa que exige atenção para detalhes mínimos. Pronta essa codificação, o trabalho se processa por uma rodada atrás da outra. A primeira é a que examina a codificação e aponta todos os erros dessa etapa: é o CHECKTOK. Reparados tais problemas, um arquivo de dados sem erros, de saída irá para a rodada seguinte, a do READTOCK, pelo qual se prepara um arquivo de ocorrências, que participará da rodada do MAKE3000 ou MAKECELL, para a atuação do qual prepara-se também um arquivo-resumo de todos os fatores intervenientes, chamado arquivo de condições. No arquivo de células se começa a ter resultados percentuais e, a partir dele, pode-se começar as rodadas do VARB2000 ou IVARB, das quais resultarão os pesos relativos, as significâncias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIQUE, Orlando. *Canua cheia de cucus: relatório do projeto de pesquisa Traços fonéticos do dialeto interiorano da Amazônia Paraense no português falado na Cidade de Breves-PA: uma perspectiva variacionista*. UFPA/PROPESP: Belém, 2003.
- RODRIGUES, Doriedson do Socorro. *Da zona urbana à rural/entre a tônica e a pré-tônica: o alteamento /o/ > [u] no português falado no município de Cametá/Ne paraense – uma abordagem variacionista*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2005.
- TARALLO, Fernando. *Pesquisa Sociolinguística*. 4º ed. São Paulo: Ática, 1994.

# ESTUDOS LITERÁRIOS

## A PERFORMANCE DAS CONTADORAS DE HISTÓRIAS DE FORMAÇÃO SUPERIOR

Adrine Motley Santana

[adrinemotley@yahoo.com.br](mailto:adrinemotley@yahoo.com.br)

Maria do Perpetuo Socorro Galvão Simões

galvão@ufpa.br

### **Resumo:**

Atualmente a contação de histórias já não ocorre mais em meio a grupos sentados ao redor de uma fogueira e dentre eles, um contador de histórias aquecendo o povo ali presente com seu hálito vivo contando as histórias que passaram de geração em geração. Hoje, ela ocorre em espaços diferenciados como escolas, hospitais, praças públicas, universidades, entre outros. Desse modo, esta pesquisa propõe estudar a performance das contadoras de histórias formadas em instituições públicas de ensino superior, UFPA e UEPA, no período de 2000 a 2005, que por meio do corpo e da voz propagam as narrativas estudadas e ouvidas, nos projetos de pesquisa e/ou extensão dos quais fizeram parte, pelos espaços profissionais onde atuam.

**Palavras – Chave:** narrativa, contadoras de histórias e performance.

### **Abstract:**

Currently the storytelling does not happen more amid groups sitting around a compfire and mound them, a storyteller warming the people present there with his living breath telling the stories he had heard from generation to generation. Today, its occurs in different spaces, such as schools, hospitals, public plazas, universities among others. Thus, this research aims to study the performance of storytellers trained in public institutions of higher education, UFPA and UEPA, in the period 2000 – 2005, which through the body propagate the narrative voice and heard and studied in projects research and/ or extension of which were part of, in the spaces where professionals work.

**Key-words:** narrative, storytellers, performance.

## INTRODUÇÃO

As tecnologias como a internet, os jogos eletrônicos, o twitter e outros meios conseguiram alcançar um grande espaço na sociedade contemporânea. Nesse sentido, muitas dúvidas começaram a surgir: o livro vai acabar? E as histórias orais vão continuar?

No entanto, o que se percebe é que nestas primeiras décadas do século XXI, em que há um domínio das tecnologias, existe um movimento que resiste à cultura visual que nos assola. Este movimento está baseado no ato de ouvir. Agora, é outro campo sensorial que se prepara para um momento único, o da palavra, que é dita, cantada, declamada e que por isso faz inquietar, identificar, acalmar e sonhar.

Nesse contexto, falo mais especificamente da contação de histórias que já não ocorre mais em meio a grupos sentados ao redor da fogueira e, dentre eles, um contador de histórias aquecendo o povo ali presente com seu hálito vivo e com as histórias passadas de geração em geração. Atualmente, esses atos de contar histórias acontecem nas escolas, em hospitais, nas universidades, ou em eventos da área da Educação, da Língua Portuguesa, da Literatura para que esta tradição se perpetue.

O trabalho que o contador de histórias, realiza com a palavra, envolve encanto e magia e este gesto permeia a minha vida desde a infância até os dias atuais. Quando criança ouvia histórias de meu pai, minha mãe, minha tia, meu tio... Enfim, fui muito agraciada pelas mil e uma possibilidades da palavra.

Diante disso, enveredei pelo ofício de ensinar e já na universidade entrei para o grupo de contadores de histórias GRIOT<sup>84</sup>. Desde então, fui trilhando caminhos que me levaram a um outro ofício, o de contadora de histórias.

Dessa forma, como contadora de histórias da contemporaneidade, resolvi realizar um trabalho de pesquisa na área das Poéticas Oraís, pois diante de tantas tecnologias se faz necessário estudar uma das tecnologias que se perpetua, talvez, até como resistência a grandes inovações, a voz humana na figura do contador de histórias.

Neste contexto, esta pesquisa propõe estudar a performance das contadoras de histórias formadas em instituições públicas de ensino superior no período de 2000 a 2005, uma vez que na Universidade Estadual do Pará existia, desde 1999, o grupo de

---

<sup>84</sup> Grupo de Contadores de Histórias da Universidade do Estado do Pará. Coordenado pela professora Dr.<sup>a</sup> Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos.

Contadores de Histórias GRIOT e ao mesmo tempo existia, na Universidade Federal do Pará, o grupo Contadores Itinerantes.

Por que então, estudar as mulheres? O interessante a ser pontuado é que enquanto contadora de histórias, e pesquisadora da área descobri, nos textos de Ana Maria Machado e Marina Warner, que os principais agentes difusores das narrativas foram as mulheres que durante seus afazeres domésticos, teciam belas histórias, tanto pela voz quanto pelo bordado. A mão e a voz eram suas armas, para subverter uma ordem machista já estabelecida. Diante disso, quero estudar as mulheres que, ao cursarem uma graduação no ensino superior, participaram de projetos de extensão e/ou pesquisa, principalmente na UEPA e na UFPA, na área da contação de histórias e que, por conta disso, formaram-se contadoras de histórias profissionais, utilizando-se desta técnica na profissão que exercem.

## 1. JUSTIFICATIVA

“As histórias recontadas não têm fim, nunca terão”. Esse verso do poema de Antonio Juracy Siqueira, poeta paraense, expressa o movimento contínuo da perpetuação das histórias de geração em geração por séculos. As narrativas fazem parte do grande fio condutor da vida e, assim, somos cercados e constituídos por elas.

A tradição oral, fonte primeira, pela qual os contos se difundiram atingindo os mais longínquos lugares constituíram-se no principal meio de transmissão dos conhecimentos acumulados por gerações, e precisavam ser repassados para continuarem a se perpetuar. Dentro deste contexto, a figura do narrador (a) exerce papel importante, uma vez que é por sua voz e memória, que as histórias chegarão a diferentes localidades.

As palavras faladas contem o hálito, elemento vital, que desaparece dela quando escrita (...) certos conhecimentos milenares só podem ser transmitidos em uma troca interpessoal, para que haja a força da vital entre duas ou mais pessoas. (PRIETO,1999, p.38).

Paul Zumthor (1997) ressalta que existem sociedades, nas quais, uma parte do legado de suas tradições poéticas orais, é de domínio de alguns especialistas, ficando o restante sob domínio da coletividade.



Desse modo, estudar as mulheres que contam histórias e que passaram pela experiência do ensino superior tendo a possibilidade de ouvir narrativas, como também de lê-las à luz da teoria, torna o tema interessante, assim como busca estudar um novo perfil de contador de histórias, aquele que vivendo e atuando em espaços urbanos tem a chance de procurar na letra e na voz o alimento para suas performances.

É notório que existe nas universidades brasileiras, inclusive na UFPA, estudos acerca de contadores das comunidades rurais, assim como da capital, como os já estudados pelo IFNOPAP (Imaginário das Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense). No entanto, pouco se sabe desse contador urbano e a pesquisa, em questão, propõe fazer um mapeamento dos contadores urbanos existentes, especificamente das mulheres.

Portanto, os fenômenos que envolvem o trabalho dessas contadoras, de acordo com a proposta deste projeto, contribuem para o campo dos estudos culturais para melhor compreender a identidade que se constrói a cada dia por esses contadores, bem como para a área da educação, pois se percebe que os planos para essa área abrem espaço para as poéticas orais e questões de gênero. Dessa maneira, a partir dos argumentos apresentados acima, percebe-se que o projeto proposto interliga os temas memória, cultura e identidade.

## **2. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:**

Os contos populares para se manterem vivos e ultrapassarem fronteiras do tempo e do espaço, necessitam tanto da voz quanto da escrita, pois vivemos em um *sistema de oralidade mista*, como denomina Zumthor (1997). Esse fenômeno permite que estes textos se movimentem pela letra e pela voz e, por isso, cheguem até nós.

Na pré-história, com base em sua capacidade criativa, o homem elabora diversas narrativas de ordem mítico-sagradas, para explicar fenômenos até então incompreensíveis, fato que marca o nascimento do mito, em nossa era. A partir daí, o homem deixa de ser natureza e passa a ser cultura. Sua postura de narrador leva-o a entrelaçar elementos de sua realidade com aspectos cosmogônicos que o ligam à natureza. Em síntese, podemos dizer que:

“Dotado da capacidade de fabular, o homem teve a possibilidade de sair da condição de ser primitivo, para se tornar narrador, agente de sua própria história, sonhada, fabulada e narrada.

Assim, imerso no mundo simbólico preenchido pelas imagens universais foi traçando o seu caminho e se fortalecendo como sujeito da linguagem e de si portanto, um criador de cultura.”(CAVALCANTI, 2002:20).

Nesse processo de construção cultural, o homem que narra guarda na memória fatos e acontecimentos de seu povo para poder repassá-los a gerações posteriores. Sendo assim, a memória associada à linguagem, exerce um papel fundamental, uma vez que é por meio delas que os conhecimentos se tornam de domínio coletivo, perpetuando-se historicamente. Todavia, a memória não se constitui em uma faculdade linear, isto é, nem tudo que é captado pelo olhar e/ou escuta, fica registrado na ordem em que acontecem.

Na mitologia grega, a memória era representada pela Deusa Mnemosyne, considerada Mãe das Musas, a quem era atribuído o poder de iluminar os poetas, dando-lhes o dom da vidência, isto é, concedia a eles, o poder de decifrar o passado, ou o tempo original, a idade heróica, isso acontecia devido ao fato de que “a memória transporta o poeta ao coração dos acontecimentos antigos, em seu tempo. A organização temporal de sua narrativa não faz senão reproduzir a série dos acontecimentos, aos quais ele assiste de certo modo, na mesma ordem em que se sucedem a partir da sua origem” (VERNANT apud PLATÃO, 1973:74).

O dom da vidência conduzia os poetas a apreciarem o passado, testemunhando uma época que só era revelada para poucos, privilegio pago com os olhos, uma cegueira que os levava a ver o que estava oculto. Contudo, para que este dom fosse exercido em sua plenitude, cabia aos poetas fazerem exaustivos exercícios mnemotécnicos, com ênfase na recitação de trechos bem longos repetidos de cor.

No texto *Dois singulares e um plural: diálogos sobre poéticas orais*, Fares ressalta que: “A memória exerce, então, um poder sagrado, que lhe é outorgado por uma sociedade puramente oral, na qual os únicos registros são as narrativas míticas”.

Nos estudos de Jerusa Pires Ferreira(2003) a ação da memória se processa de acordo com sistemas internos de cada narrador. Nela ficará registrado somente aquilo que tiver algum significado para ele, algo que lhe desperte a curiosidade, que tenha íntima relação com sua história de vida, que lhe cause indignação ou esteja reforçando suas concepções. Desse modo, não é certo afirmar que o contador de histórias guarda, na memória, tudo o que lhe penetra pelos sentidos; na verdade, tudo é captado

parcialmente, alguns retalhos ficam, outros se perdem no grande emaranhado que compõe a colcha cultural, na qual estamos envolvidos.

E quando o narrador é uma mulher? A história muda de contexto, mesmo que elas tenham desempenhado um papel fundamental para a difusão das narrativas.

Sabe-se que na oralidade o discurso feminino foi severamente criticado. A idéia de que a mulher era faladeira, falava o que não convém, foi repassado *de geração em geração*, acabando por ganhar vida própria, independente até mesmo do contexto histórico.

Nas últimas décadas do século XVII, ocorreu uma explosão de debates feministas. Elas lutavam cada vez mais por seus direitos de vez e voz na sociedade. No entanto, esse discurso foi deturpado, sendo visto como um meio de arrumar tumulto e confusão.

Rousseau (Apud MACHADO, 2001, p. 33) dizia que:

as mulheres não deviam se pronunciar publicamente e nem dominar a questão que, por ordem natural, era dos homens, pois uma mulher que se desliga do seu lar, este se torna vazio e sem vida.

Assim como Rousseau, houve muitos que pensavam dessa forma, já que no século XVII as mulheres ferviam como escritoras e poetas, desafiavam as convenções da época e passaram a trocar idéias também no campo literário e artístico. Tudo isso ia de encontro também com os princípios da tradição cristã, que defendia as virtudes do silêncio, da obediência e da descrição. Para a igreja, o demônio era o responsável pela falas das mulheres, pois ele as incentivava a tagarelar.

Como diz Warner (1999, p. 57): *“A sedução da fala feminina refletia a sedução de seus corpos; era considerada perigosa para homens cristãos e condenada por imprópria per se”*.

No final do século XVII, algumas mulheres inauguram em Paris a moda de escrever contos de fadas e afirmam que as narrativas escritas foram coligidas de amas e criadas. Entretanto, o preconceito contra as mulheres, principalmente velhas senhoras que contavam histórias, veio à tona. A sociedade criticava o novo gênero literário e depreciava pela forma diminutiva de referir-se a ele.

O conhecimento e a leitura só poderiam ser exercidos por homens e as mulheres que também as praticavam, não eram consideradas femininas, como afirma Machado

(2001, p. 33): “A circulação de matéria têxtil era incentivada, mas a circulação dos textos e da palavra da mulher encontrava obstáculos.”

No final do século XIX, com a invenção da máquina de escrever as mulheres começaram a desempenhar uma outra função: a datilografia. Era uma nova opção além do magistério.

Desse modo, as mulheres continuaram a tecer narrativas, principalmente escritas, com as quais entraram para sempre no mundo encantado das histórias. Assim, construíram e consolidaram um caminho de magníficas produções literárias, que nos levou a felicidade de ter atualmente, no Brasil, um fabuloso número de escritoras, que pelas suas linhas traçam em nosso imaginário, belas imagens que nos encantam pelo cuidado e carinho dispensados no trato com as palavras.

## CONCLUSÃO

No decorrer da construção deste trabalho, observa-se o quanto a oralidade é importante para a perpetuação das tradições de um povo.

São contos, lendas, mitos, fábulas, entre outros... que juntos formam uma teia de narrativas presentes no mundo todo. Estas narrativas se tornam vivas no corpo do contador, figura secular, que guarda na memória as tradições de um povo, repassando-as, constantemente às novas gerações por meio da voz, estimulando assim a cadeia da tradição a se manter sempre ativa.

O ato de contar e ouvir histórias, como podemos perceber, é impregnado de beleza e complexidade, uma vez que os contos se constituem em documentos históricos, importantíssimos, que acabam por revelar em suas entrelinhas, realidades de culturas passadas, que, mescladas com uma boa dose de fantasia, formam o passaporte perfeito para um mundo desconhecido.

A viagem para os mais longínquos lugares e épocas, tem início assim que o contador pronuncia o “Era uma vez...” Uma atmosfera mágica se instala e só dispersa após o “E foram felizes para sempre”.

O desejo de levar a palavra a todos aqueles que querem ouvi-la, é incessante em todo contador de histórias, ajudando a tecer esta “colcha de retalhos” que tem envolvido a todos nós, desde sempre.

Por fim, podemos afirmar que, cada um de nós é responsável por continuar tecendo esta teia de narrativas que envolvem a humanidade, desde épocas remotas até os dias atuais. Contar histórias é um momento fantástico que proporciona prazer, e

umenta a compreensão de mundo dos indivíduos, contribuindo assim para sua formação como sujeitos do mundo. Vamos ouvir e contar histórias, a fim de manter sempre nutrido o imaginário humano.

Portanto, entrou por uma porta e saiu pela outra quem quiser que conte outra!

## REFERÊNCIAS:

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALBERGARIA, Lino de. **Do Folhetim à Literatura Infantil: leitor, memória e identidade**. Belo Horizonte, MG: Lê, 1996.
- BASTOS, Renilda do Rosário Moreira Rodrigues. **Itinerário Poético do “Era uma Vez” ao Agora**. 1999. Dissertação de Mestrado – Orientadora Prof. Dr. Maria do Socorro Simões, Centro de Letras – UFPA.
- BASTOS, Renilda e FARES, Josebel. Dois singulares e um plural: diálogos sobre poéticas orais IN: **Múltiplos Olhares**. UEPA, 2004.
- BENJAMIM, Walter. **Obras recolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Lescov. IN: **Obras escolhidas**. v. 1. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- DANTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos e Outros Episódios da História da Cultura Francesa**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. 5ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- MACHADO, Ana Maria. **Texturas: Sobre Leituras e Escritos**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2001.
- PAIVA, Aparecida Et Alli. **No Fim do Século: a Diversidade – O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. Autêntica. 2000.
- PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PRIETO, Heloisa. **Quer Ouvir uma História? – Lendas e Mitos no Mundo da Criança**. São Paulo: Angra, 1999.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. São Paulo: EDUSP, 1973.

WARNER, Marina. **Da fera à loira**: sobre conto de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira. Editora Hucitec. São Paulo: 1997.

## MARQUES DE CARVALHO: UM ESCRITOR EM DEFESA DO NATURALISMO NA AMAZÔNIA

Alan Victor Flor da Silva – alan.flor@hotmail.com  
 Germana Maria Araújo Sales – germanasales@uol.com.br

### Resumo:

Considerando o ensaio crítico que Marques de Carvalho publicou no periódico *A Arena*, objetivamos, com este trabalho, avaliar a relação existente entre o escritor paraense e a estética naturalista, de modo a identificar sua concepção e sua assimilação acerca do Naturalismo na Amazônia.

**Palavras-chave:** Marques de Carvalho, Naturalismo, ensaio crítico.

### Résumé:

En considérant l'essai critique que Marques de Carvalho a publié dans le journal « A Arena », nous avons comme but dans cette étude évaluer la relation entre l'écrivain et l'esthétique naturaliste, afin d'identifier son conception et sa assimilation sur le Naturalisme dans l'Amazonie.

**Mot-clef:** Marques de Carvalho, Naturalisme, essai critique.

Os críticos literários, de modo geral, classificam o romance *Hortênci*a, de Marques de Carvalho, como uma obra de cunho naturalista<sup>85</sup>. É importante, porém, considerar que o próprio escritor paraense afirma que se filiou a esse movimento estético-literário, tanto nos prefácios de seus romances quanto em seu ensaio crítico publicado no jornal *A Arena*.

É possível assegurar que Marques de Carvalho levantou, sobremaneira, a bandeira do Naturalismo na Amazônia, chegando ao ponto de vangloriar-se por se considerar o primeiro escritor paraense a produzir uma obra aos moldes do mais novo e promissor movimento literário que se anunciava no final do século XIX. Além disso, criticou, severamente, os outros escritores que ainda se mantinham vinculados ao Romantismo, estética já considerada por ele saturada na penúltima década do período oitocentista, e também censurou – em tom mordaz e ferrenho – os presumíveis leitores de suas obras, que, segundo o próprio escritor paraense, não seriam capazes de compreender o projeto literário de seus romances, supostamente escritos à maneira naturalista.

---

<sup>85</sup> Os principais críticos literários que avaliam o romance *Hortênci*a como uma obra naturalista são José Veríssimo, Sílvio Romero e Lúcia Miguel Pereira.

Em seu ensaio crítico, publicado no jornal *A Arena* e intitulado *Da crítica*<sup>86</sup>, Marques de Carvalho, por exemplo, lamenta o fato de haver poucos paraenses capacitados para contentar as cobranças da crítica moderna, justamente por se manterem ainda, em pleno final do século XIX, afiliados ao Romantismo, movimento estético-literário que já se encontrava saturado.

Bem poucos são os moços paraenses habilitados para a satisfação das exigências da crítica moderna. Vivendo num meio literário tão acanhado como o Pará, sem poderem dispor de boas bibliotecas onde se orientem do rumo da literatura contemporânea, vêm-se forçados a uma vegetação intelectual deveras lastimável, tanto mais quanto possuem talento e não lhes falta vontade para o trabalho. Alguns poucos já conseguiram desembaraçar-se das peias do Romantismo, seguindo, sem olhar atrás, para a escola moderna, – que, mais tarde se há de impor fatal e irresistivelmente a todos, em virtude da lei eterna da evolução; – outros, porém, – o maior número, – caminham às cegas, vivendo a vida romântica dos atletas de 1830, sem que lhes passe pela mente a lembrança de que o Naturalismo abrirá a nós, moços de hoje, as portas do século XX, com essa grande chave que se chama – *a escola literária dos documentos humanos!*

(CARVALHO, *A Arena*, 09 jun. 1887, p. 8)

Nesse excerto, é possível perceber que Marques de Carvalho acredita que o Naturalismo – “a escola literária dos documentos humanos” – seria, sem sombra de dúvida, o mais novo e promissor movimento literário do momento e ganharia, mais cedo ou mais tarde, o devido espaço a que tinha direito no cenário nacional das letras. Além disso, o autor paraense defende que alguns escritores conterrâneos – uma parte significativa – ainda se mantinham filiados ao Romantismo, pois a falta de grandes bibliotecas no estado os impedia de conhecer a direção que a literatura contemporânea estava seguindo e, por essa razão, desconheciam a existência da mais nova estética literária que, na visão de Marques de Carvalho, chegaria, de fato, ao século XX.

É importante considerar que o autor paraense demonstra conhecer a fundo a obra crítica do escritor francês Émile Zola, considerado o precursor e a figura mais expressiva da escola literária naturalista, como se pode perceber no excerto a seguir.

[Alguns escritores paraenses] Exigem que todos os trabalhos sejam construídos sobre as bases da fantasia, com os sonhos de um visionário, porque ignoram o lado para onde tombam as tendências da nossa época e da sua literatura, que só tira inspiração da natureza, a qual encerra maiores

<sup>86</sup> Este ensaio crítico foi publicado em duas partes no jornal *A Arena*: a primeira foi lançada no dia 09 e a segunda no dia 19 de junho de 1887. Esta última parte foi lançada em resposta ao autor de um texto crítico lançado no jornal *A Província do Pará*, assinado sob o pseudônimo de PLAN, dias depois da divulgação da primeira parte do ensaio crítico de Marques de Carvalho.



ensinamentos, mais grandiosos e atraentes, do que toda a força criadora de uma inteligência valentemente dotada de alucinações maravilhosas. Aquilo que tiver o cunho do real, que traduzir a vida, – não presta, não lhes serve: deem cambalhotas pelo ar, façam sortes de *jongleurs*, saltem no trampolim do inverossímil, atrevam-se aos equilíbrios perigosos na corda bamba da “bela fantasia”, que as bancadas aplaudirão ruidosamente os trabalhos, batendo palmas de prazer! Quanto a criar um pedaço da vida quotidiana, e dar-lhes “um canto da natureza visto através de um temperamento”, na frase de Émile Zola, é inútil: não havendo a imaginação exagerada, não vale o favor de uma leitura...

(CARVALHO, A *Arena*, 09 jun. 1887, p. 8)

Ao criticar os escritores paraenses que, por ignorância, ainda se conservavam vinculados ao Romantismo e que produziam obras à base da fantasia, Marques de Carvalho pauta-se nas máximas naturalistas propostas por Émile Zola em sua obra crítica *O romance experimental*<sup>87</sup>. Logo no primeiro parágrafo do artigo *Do romance*, o autor francês assegura que a imaginação e a fantasia não são mais qualidades que podem ser atribuídas aos novos romances.

O mais belo elogio que se podia fazer a um romancista outrora era dizer: “Ele tem imaginação”. Hoje, esse elogio seria visto quase como uma crítica. É que todas as condições do romance mudaram. A imaginação já não é a qualidade mestra do romancista.

(ZOLA, 1995, p. 23)

Embora Zola admita que a imaginação seja um artifício utilizado até mesmo pelos escritores que se detêm a produzir romances naturalistas, qualidade sem a qual não seria possível escrever uma obra ficcional, esse estratagema deve ser ocultado sob o real.

Com o romance naturalista, o romance de observação e de análise, as condições mudam imediatamente. O romancista inventa ainda mais; inventa um plano, um drama; apenas, é uma ponta de drama, a primeira história surgida, e que a vida cotidiana sempre lhe fornece. Em seguida, na estruturação da obra, isso tem bem pouca importância. Os fatos só estão lá como desenvolvimentos lógicos das personagens. O grande negócio é colocar em pé criaturas vivas, representando diante dos leitores a comédia humana com a maior naturalidade possível. Todos os esforços do escritor tendem a ocultar o imaginário sob o real.

(ZOLA, 1995, p. 24)

<sup>87</sup> *O romance experimental*, coleção de artigos reunidos por Émile Zola em 1880 sob o nome do mais célebre entre eles, é uma das obras-primas da crítica literária da segunda metade do século XIX. Os estudiosos de Zola, assim como David Baguley, ainda hoje encontram novos sentidos para a obra crítica do escritor francês, pois desconfiam das máximas do Naturalismo baseadas em teorias científicas e positivistas.

Assim, para que o real se sobreponha ao imaginário, Zola informa que, para compor uma obra de cunho naturalista, quase todos os escritores contemporâneos precisam tomar longas notas, examinar todas as fontes e adquirir todos os documentos que lhe sejam necessários. Somente após essa investigação é que é possível para os romancistas começar a escrever, pois, segundo Zola, a configuração da obra origina-se – de forma natural, lógica e espontânea – justamente a partir dessa pesquisa na qual os escritores devem se deter.

Quase todos estabelecem suas obras a partir de notas, tomadas longamente. Quando estudaram com um cuidado escrupuloso o terreno onde devem caminhar, quando se informaram em todas as fontes e têm em mãos os múltiplos documentos dos quais necessitam, somente nesse momento decidem-se a escrever. O plano da obra lhes é trazido por esses próprios documentos, pois acontece de os fatos se originarem logicamente, este antes daquele; estabelece-se uma simetria, a história se compõe de todas as observações recolhidas, de todas as notas tomadas, uma puxando a outra, pelo próprio encadeamento da vida das personagens, e a conclusão nada mais é que uma consequência natural e inevitável. Vê-se, nesse trabalho, o quanto o imaginário tem pouca importância.

(ZOLA, 1995, p. 24-25)

Para ser mais claro a respeito de todo o trabalho de um escritor naturalista, Zola parte de uma situação hipotética para demonstrar que o imaginário circunscreve-se a um plano periférico na economia da obra literária.

Um de nossos romancistas naturalistas quer escrever um romance acerca do mundo dos teatros. Ele parte dessa ideia geral sem ter ainda um fato nem uma personagem. Seu primeiro cuidado será reunir em notas tudo o que puder saber a respeito desse mundo que pretende retratar. Conheceu tal ator, assistiu a tal cena. Eis aí documentos, os melhores, aqueles que amadureceram nele. Em seguida, sairá a campo, ouvirá os homens mais bem informados sobre a matéria, colecionará as expressões, as histórias, as descrições. Não é tudo: irá, depois, aos documentos escritos, lendo tudo o que lhe pode ser útil. Enfim, visitará os locais, viverá alguns dias num teatro para conhecer seus mínimos recantos, passará suas noites num camarim de atriz, impregnar-se-á o máximo possível do ar ambiente. E, uma vez completados os documentos, seus, como já o disse, se estabelecerá por si mesmo. O romancista terá apenas que distribuir logicamente os fatos. De tudo o que tiver apreendido resultará a ponta do drama, a história que ele necessita para montar o arcabouço de seus capítulos. O interesse já não se encontra na estranheza dessa história; ao contrário, quanto mais banal e geral ela for, mais típica se tornará. Fazer mover personagens reais num meio real, dar ao leitor um fragmento da vida humana, aí se encontra todo o romance naturalista.

(ZOLA, 1995, p. 26)

Além de desqualificar a imaginação como elemento imprescindível para compor a economia do romance, Zola defende que o senso do real é o principal atributo de um escritor. Para o autor francês, no entanto, essa qualidade, embora pareça intrínseca a todo o ser humano dotado de razão, é muito rara, pois o homem, de modo geral, observa os fatos da vida a partir de sua visão muito particular e, por esse motivo, não consegue perceber a realidade tal qual ela é. Nesse sentido, o senso do real pode ser visto como uma disposição natural ou um dom com que o ser humano nasce.

Visto que a imaginação já não é a qualidade mestra do romancista, o que, então, a substituiu? É preciso sempre uma qualidade mestra. Hoje, a qualidade mestra do romancista é o senso do real. E é a isso que eu gostaria de chegar.

O senso do real é sentir a natureza e representá-la tal qual ela é. Parece, inicialmente, que todo mundo possui dois olhos para ver e que nada deve ser mais comum do que o senso do real. Entretanto, nada é mais raro. Os pintores sabem muito bem disso. Coloquem alguns pintores diante da natureza, eles a verão do modo mais barroco do mundo. Cada um a perceberá sob uma cor dominante; um a fará tender ao amarelo, um outro ao violeta, um terceiro ao verde. Para as formas, os mesmos fenômenos se produzirão; um arredonda os objetos, outro multiplica os ângulos. Cada olho tem, assim, uma visão particular. Enfim, há olhos que não veem absolutamente nada. Possuem sem dúvida alguma lesão, o nervo que os liga ao cérebro sofre de uma paralisia que a ciência ainda não pode determinar. O certo é que de nada adiantará observarem a vida se mover ao seu redor, jamais saberão reproduzir exatamente uma cena.

(ZOLA, 1995, p. 26)

Em seu famoso artigo *O romance experimental*<sup>88</sup>, Zola também demonstra como não apenas a realidade, mas também a verdade são elementos essenciais para a economia do romance naturalista. Se, para o romancista francês, a realidade é ponto de partida e só pode ser captada a partir de uma observação atenta e minuciosa dos fatos, a verdade é o produto final ao qual o escritor deve buscar com base na experiência.

O romancista é feito de um observador e de um experimentador. Nele, o observador apresenta os fatos tal qual os observou, define o ponto de partida, estabelece o terreno sólido no qual as personagens vão andar e os fenômenos a se desenvolver. Depois, o experimentador surge e institui a experiência, quer dizer, faz as personagens evoluírem numa história particular, para mostrar que a sucessão dos fatos será tal qual a exige o determinismo dos fenômenos estudados. [...] O romancista sai em busca de uma verdade.

(ZOLA, 1982, p. 31)

<sup>88</sup> Segundo Émile Zola, este artigo é uma adaptação do livro *Introdução ao estudo de medicina experimental*, do cientista Claude Bernard, pois, para o romancista francês, o método experimental pode ser aplicado não apenas às ciências, como também ao romance.

Quando, então, Marques de Carvalho, em seu ensaio crítico, censura escritores que ainda fundamentavam seus trabalhos em “bases da fantasia”, pois esses autores não estavam atentos, por falta de conhecimento, às novas tendências literárias da época, o escritor paraense demonstra não apenas que leu a obra de cunho teórico de Émile Zola, mas também que seu posicionamento crítico em relação à produção literária na região amazônica estava de acordo com as teorias do romance experimental e da estética naturalista.

Por acreditar que a escola naturalista é a mais promissora orientação literária do final do século XIX, Marques de Carvalho exalta a figura de Zola como um talentoso escritor e defende convictamente que o Naturalismo é resultado da Evolução e a única forma pela qual a literatura contemporânea poderia atender às exigências dos leitores e dos críticos de seu tempo.

A minha inabalável admiração pela escola naturalista em literatura não é só o produto do encantamento em que vivo pelo enorme talento de Émile Zola. É também, e principalmente, porque depois de um longo e profundo inquérito sobre as passadas frases da literatura, cheguei à convicção de que o Naturalismo era, nesta época, uma fatal resultante da Evolução, e a única forma por que a literatura contemporânea poderia satisfazer as exigências do público e da crítica atuais.  
Não é sistema, não: é uma opinião arraigada, que já lançou longas raízes, empolgando todo a meu espírito.

(CARVALHO, A *Arena*, 19 jun. 1887, p. 4)

Na primeira parte do ensaio crítico, publicada no dia 9 de junho de 1887, Marques de Carvalho censura algumas obras, como *Paulo e Virgínia* e *A Dama das Camélias*, respectivamente de Bernardin de Saint-Pierre e de Alexandre Dumas Filho, além de alguns livros de escritores também muito famosos no século XIX, como Ponson du Terrail, Eugène Sue, Xavier de Montépin e Enrique Pérez Escrich.

Vive-se aferrado a meia dúzia de livros tradicionais, muito piegas e falsos, como *Paulo e Virgínia*, *Dama das Camélias* e a enorme salada de livros de exportação europeia, traduzidos às trouxas-mochas dos insípidos novelistas Ponson du Terrail, Eugène Sue, Montépin e Escrich, – o celeberrimo Escrich de colegial recordação.

(CARVALHO, A *Arena*, 09 jun. 1887, p. 8)

Já na segunda parte desse ensaio, publicado no dia 19 de junho de 1887, o escritor paraense restringe-se a fazer uma crítica somente ao romance de Bernardin de Saint-Pierre.

Quando aludi ao livro de Bernardin de Saint-Pierre, a esse delicioso poema em prosa que foi o suave e grande encanto da minha meninice, do meu *bon vieux temps*, não me dirigi ao estilo, que é um primor da simplicidade e elegância: quis falar da intuição literária sob a qual foi ele criado. *Piegas e falso*, escrevi eu. Piegas, quanto a esse doloroso sentimento que, desde as primeiras páginas, confrange o coração do leitor. Falso, a respeito da sua criação, que nada tem de real ou verdadeiro.

É por este lado que eu censuro todos os produtos do Romantismo.

E censuro-os por esse lado, porque é o lado capital.

Só pode perdurar na memória popular e produzir bons frutos a obra literária que tiver o seu lado humano salientando-se profundamente.

Esta é a máxima inicial do Naturalismo. Ela é também o meu farol nas grandes tenebrosidades perigosíssimas da literatura.

(CARVALHO, A *Arena*, 19 jun. 1887, p. 4)

Marques de Carvalho afirma que *Paulo e Virgínia*, embora seja uma leitura que lhe tenha agradado nos tempos de sua juventude, é um livro “piegas e falso”, pois não segue as máximas do romance experimental, cujas páginas devem ser impregnadas de realidade e verdade. É também por essa razão que o ensaísta do jornal *A Arena* censura todas as obras que se enquadram dentro da estética romântica. Assim como Émile Zola, Marques de Carvalho, seguindo os passos de seu grande mestre, critica todas as obras que fogem aos princípios do Naturalismo, parâmetro eleito pelo escritor para julgá-las criticamente. É possível perceber, portanto, que a fidelidade e devoção de Marques de Carvalho a esse movimento estético-literário é tão grande que ele próprio chega a afirmar que uma das máximas da escola naturalista – o senso do real – é o farol que o guia “nas grandes tenebrosidades perigosíssimas da literatura”.

## Referências

CARVALHO, Marques de. Da crítica literária. *A Arena*, Belém, 09 jun. 1887, p. 7-8; 19 jun. 1887, p. 4.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: Prosa de ficção (de 1870 a 1920). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROMERO, Sílvio. A literatura em perspectiva. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sílvio Romero**: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. In: BARBOSA, João Alexandre (Org.). **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

ZOLA, Émile. **Do romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário; Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. O romance experimental. In: \_\_\_\_\_. **O romance experimental e o Naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

## O ROMANCE *MARAJÓ* NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CARIOCA

Alex Moreira – alexmoreira\_20@yahoo.com.br

Marlí Tereza Furtado – marlitf@ufpa.br

### Resumo:

Escrito pelo romancista paraense **Dalcídio Jurandir** (1909-1979) e publicado no Rio de Janeiro em 1947, o romance “Marajó” narra as agruras de um povo derruído diante do isolamento da ilha homônima à obra e das crueldades dos mandatários locais. Além disso, encontram-se na obra personagens marcadas por tragédias passadas e que vivem na iminência de tragédias futuras. Este trabalho apresenta os primeiros resultados da pesquisa que estuda a recepção crítica de “Marajó” na imprensa carioca durante os meados do século XX.

**Palavras-chave:** *Dalcídio Jurandir, Marajó, imprensa carioca.*

### Abstract:

Written by north brazilian author Dalcídio Jurandir (1909-1979) and publised in Rio de Janeiro in 1947, the romance called "Marajó" tell us about the severitys of a failed folk in the island`s isolation, its have the same name of the book, and the cruelties of the local delegates, moreover, in the book`s story, there are some characters pointed by past tragedys, who are living in the edge of a future tragedys. This work show us the first results of a research, its got the critical reception of the "Marajó" by local journalists between XX century.

**Keywords:** Dalcídio Jurandir, *Marajó*, carioca press.

### INTRODUÇÃO

*Marajó*, segundo romance do ciclo *Extremo Norte*<sup>89</sup>, escrito pelo paraense

---

89 O universo romanescos do ciclo *Extremo Norte* é composto por dez romances, a citar: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem do inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1968), *Ponte do galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). Há também a obra *Linha do Parque* (1959), único romance fora do ciclo *Extremo Norte*, pois fora encomendado na década de 50 pelo Partido Comunista.

Dalcídio Jurandir, narra a vida de um povo marcado por tragédias passadas e que vive na iminência de tragédias futuras. A obra começou a ser escrita no Pará durante a década de 1930, entretanto, foi publicada em 1947, no Rio de Janeiro, pela editora José Olympio. Atualmente, o romance está na sua 4ª edição. Dividido em cinquenta e três capítulos não titulados, a obra deixa transparecer uma consciência social e uma certa consciência de classe (embora não sejam esses o seu foco). Vê-se que esses elementos postos no romance (ora sugestivamente ora explicitamente), além auxiliarem na construção do discurso ficcional, são marcas inerentes ao romancista; pois, Dalcídio Jurandir fez campanha e apoiou a causa comunista durante quase toda a sua vida. Na década de 1930, ainda quando residia no Pará, ele defendeu a luta da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e ao longo dos anos 40, 50 e 60, já residindo no Rio de Janeiro, militou no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além de militante político, Dalcídio Jurandir foi jornalista, e nos diversos periódicos (principalmente os comunistas) nos quais colaborou com variados textos, manifestou sua consciência social e a sua consciência político-partidária. Destaca-se que na maioria dos artigos, contos, crônicas e reportagens sobressai a opção pelos pobres e desvalidos.

Destaca-se também a participação do romancista no meio intelectual da época. Nas primeiras décadas do século XX, Dalcídio Jurandir estava ligado a grandes grupos de artistas e outras personalidades de relevo do momento. Entre os grupos têm-se o ligado ao editor José Olympio (composto por vários romancistas, poetas e outros artistas), o grupo ligado ao PCB (cujos membros mais notáveis estavam Graciliano Ramos, Jorge Amado, Nelson Werneck Sodré e Candido Portinari) e o grupo da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), que aglutinava um considerável número de escritores, entre eles, Carlos Drummond de Andrade e os dois nordestinos acima citados.

Além da participação nos círculos intelectuais, Dalcídio Jurandir foi um escritor premiado. O primeiro prêmio foi concedido pelo jornal carioca *Dom Casmurro* e pela editora Vecchi ao romance *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941); o segundo pela Biblioteca do Estado da Guanabara e o terceiro pelo Pen Clube do Brasil, ambos concedidos, à *Belém do Grão-Pará* (1960). E o último conferido pela Academia Brasileira de Letras ao conjunto da obra. Entretanto, os prêmios não foram suficientes para permitirem ao autor uma boa receptividade da crítica literária, como afirma Marlí Furtado (2010, p. 12) “a Dalcídio sempre restou o 'peixe frito', quer por ter sobrevivido



em parcas condições financeiras, quer por ter sido praticamente esquecido no panorama literário”. A pesquisadora ainda aponta que as Histórias Literárias Brasileiras dispenderam pouco espaço ao autor, salvo exceções<sup>90</sup> como Temístocles Linhares e Renan Perez.

E nas poucas vezes que foi agraciado pela crítica, era taxado como um autor “representante do regionalismo, ora do 'grupo do norte', ora do 'amazônico', ora do 'paraense' e até representante de um 'regionalismo menor'. Apenas a crítica de um seu conterrâneo, Benedito Nunes, o distancia 'consideravelmente das experiências regionalistas” (FURTADO, 2010, p. 174). Pois, segundo Benedito Nunes, os romances são ficções que apresentam um processo de interiorização muito grande, são aventuras de uma experiência interior que cada vez mais se adensa. (NUNES apud FURTADO, 2010, p. 174).

Apesar de a crítica literária ter relegado o romancista à margem do cânone, são comuns as menções aos romances de Dalcídio Jurandir na imprensa periódica. São vários os jornais, revistas e suplementos literários que trazem leituras de suas obras. Por exemplo, Alexandre Rodrigues, ao traçar o perfil da “revista de tendência marxista” *Estudos Sociais* (periódico que circulou a partir de 1958 e foi dirigida por Astrojildo Pereira), afirmar que:

A temática da literatura não esteve ausente. Encontram-se artigos, ensaios e resenhas de ou sobre escritores tanto da literatura internacional quanto de representantes das letras nacionais. No primeiro caso, cabe citar, por exemplo, os nomes de Balzac, Bertold Brecht, Dostoiévski, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Louis Aragon, Maiacovski [sic] e Tolstoi. No segundo caso, é possível encontrar referências de ou sobre os seguintes autores: Dalcídio Jurandir, Euclides da Cunha, Ferreira Gullar, Guimarães Rosa, Jorge Amado e, como não poderia faltar, Machado de Assis.

Além das seções de crítica de livros e revistas nacionais e internacionais, que se encontram em quase todos os números da revista, convém destacar os textos marxistas que abordam temas como a psicanálise, o existencialismo, o realismo socialista, o cristianismo, a dialética, a polêmica sobre Hegel, uma polêmica científica na URSS etc. (RODRIGUES, 2006, p. 08).

Tânia Regina De Luca (2005) indica que as revistas culturais e literárias interessavam mais diretamente a livreiros e editores, que tinham nas suas páginas um

---

<sup>90</sup> Além desses, são citadas as considerações de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Massaud Moisés, sobre Dalcídio Jurandir, e os trabalhos oriundos das academias, que se multiplicaram nos finais dos anos 90 do século passado. A maioria desses estudos tomam, entre os romances do ciclo *Extremo Norte, Marajó* como principal objeto de estudo, fazendo com que a obra goze de uma pequena fortuna crítica.

veículo de divulgação de autores e obras. Esses periódicos eram um importante espaço para a manifestação e divulgação de ideias e um espaço no qual os escritores tinham a oportunidade para se legitimarem. Além disso, a imprensa, juntamente com os cafés, os salões e as editoras funcionavam como uma rede de sociabilidade para muitos escritores e intelectuais, o que possibilitou a estruturação de um campo intelectual brasileiro.

Outro periódico no qual se aponta a publicação de resenhas e críticas ao romancista Dalcídio Jurandir é a revista *Leitura* (embora não se auto-rotulasse como comunista, o seu corpo editorial composto por comunistas imprimia em suas páginas os ideais do Partido). Segundo Cláudia Rio Doce (2008), a revista, teve uma vida longa se comparada a outros periódicos da mesma linha editorial, circulou entre 1942 e 1965, no Rio de Janeiro, e passou por várias direções. A revista tinha como objetivos: fazer propaganda dos livros que estavam nas livrarias, promover a aproximação de artistas do povo como forma de democratização da arte e popularizar a literatura. Para Cláudia Rio Doce, *Leitura* sintetiza a política cultural daquele momento e a partir dela pode-se compreender como se deu o processo de esquecimento de Dalcídio Jurandir da história literária brasileira.

[...] o conjunto de material que encontramos nas páginas da revista requer que pensemos a produção cultural de difusão massiva não como um conjunto inerte e definitivamente situado, mas como um campo instável, cheio de tensões. Talvez estas tensões se estabeleçam desde o momento em que folheamos a revista, pois uma das características que podemos salientar em *Leitura*, embora não seja uma particularidade, mas uma característica comum a muitas revistas literárias de outras épocas é o convívio de nomes que se tornaram referências na literatura, como Graciliano Ramos, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, com outros que nos são, hoje em dia, completa ou praticamente desconhecidos: Eloi Pontes, José Maria Belo, Dias da Costa, Galeão Coutinho, Lia Correa Dutra, etc. Longe de recorrer à justificativa de costume — que parece ser óbvia mas que é também muitas vezes leviana — e dizer que os grandes escritores, aqueles que realmente tinham talento, permaneceram, enquanto os outros foram esquecidos, devemos tentar compreender as relações aí encontradas e ponderar que houve um tempo em que Oswald de Andrade também se tornou um nome esquecido que precisou ser "resgatado" para uma reavaliação mais justa de seu valor literário. Da mesma forma, o Instituto Dalcídio Jurandir juntamente com a Fundação Casa de Rui Barbosa tem o projeto de reeditar toda a obra de Dalcídio, reivindicando para ela e seu autor uma atenção que julgam jamais terem recebido. Será? Este nome, hoje familiar a pouquíssimas pessoas, está estampado em muitas páginas de *Leitura*. (DOCE, 2008, p. 04-05 [PDF]).

Como apontou Cláudia Rio Doce, é leviano dizer que o apagamento de Dalcídio Jurandir do cânone brasileiro deveu-se à falta de qualidade estética nos seus romances, fato que por si só é negado pelos prêmios que o romancista recebeu. Apesar da crítica literária ter relegado o paraense a uma espécie de ostracismo literário, a crítica “impressionista” circulante em jornais e revistas em meados do século XX proporcionou a Dalcídio Jurandir uma considerável receptividade; cita-se como exemplo os textos críticos de Josué Montello, Paulo Fleming, Machado Coelho, Francisco Ayres e Omer Mont'Alegre ao romance *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941) publicados no jornal carioca *Dom Casmurro*.

#### MARAJÓ NAS PÁGINAS DA IMPRENSA CARIOCA

Diante dessas informações, procurou-se observar como o romance *Marajó* foi recebido pela imprensa carioca (principalmente na imprensa comunista). É importante assinalar que embora a linha editorial principal dos veículos de imprensa do Partido Comunista fosse as questões político-partidárias e a defesa do comunismo, as letras e as artes não ficaram de fora de suas páginas. Pois, alguns escritores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Eneida de Moraes e Carlos Drummond de Andrade ou foram colaboradores ou integraram a direção de alguns periódicos. Por exemplo, em meados de 1940, Dalcídio Jurandir compôs a direção do jornal diário *Tribuna Popular* ao lado de Pedro Mota Lima, Álvaro Moreira, Aidano do Couto Ferraz e Carlos Drummond de Andrade.

Com a concentração de muitos intelectuais na redação dos órgãos de imprensa comunista, alguns desses periódicos ganharam cadernos especiais, seções específicas e suplementos nos quais a literatura e as artes eram discutidas. Sobre a concentração desses intelectuais nas redações dos órgãos de imprensa, Silviano Santiago (1993: p. 15) assevera que lá encontravam-se “verdadeiros formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de obras e autores, esses críticos foram responsáveis ainda por uma contínua atualização e ampliação internacional do quadro de leituras do brasileiro”.

Um dos periódicos que se dedicaram inteiramente a discussão da cultura e das artes e ajudaram na ampliação das referências de leitura dos brasileiros foi a revista *Literatura*. O periódico foi lançado em 1946 por Astrojildo Pereira, tinha como objetivos declarados aproximar cultura e povo, bem como reunir setores amplos da intelectualidade. A revista não estava diretamente subordinada ao Partido Comunista e

congregava, realmente, diversos intelectuais de esquerda. O conselho de redação era composto por Graciliano Ramos, Álvaro Moreira, Aníbal Machado, Artur Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa.

Na edição da revista de março, de 1948, aparece o texto “Marajó” escrito por Floriano<sup>91</sup> Gonçalves (membro do PCB). Neste artigo, o romance *Marajó* é lido a partir da ótica do realismo socialista<sup>92</sup>, enfatizando-se a luta do povo “contra a sociedade de velhos senhores latifundiários e criadores de gado”. Veja-se o que Gonçalves afirma sobre a obra:

Esta etapa da evolução da arte de Dalcídio Jurandir, corresponderia, então, a uma mais geral porque o romance brasileiro de vanguarda terá de passar. O realismo não será fotográfico e esquemático, nem puramente crítico. Seria um realismo criador, algo romântico na construção das linhas do novo herói do povo, das lutas de massa por sua emancipação e independência política e econômica. Neste sentido, passaria a estudar e valorizar as próprias virtudes e qualidade populares, a analisar e criticar suas debilidades, a exaltar romanticamente seu sentido de luta pela construção de um mundo novo. Exatamente nisto estaria o processo de elaboração do novo herói positivo, síntese das energias e qualidades populares, encarnação consequente e politicamente justa das que o povo oferece às suas relações de vida coletiva. À medida que este herói for sendo elaborado, o povo irá encontrando nele o eco de suas mesmas aspirações e, por isso, unindo-se a ele, refortalecendo-o, impulsionando-o, tornando-o sua vanguarda de luta. (GONÇALVES, 1948, P. 42).

O texto de Floriano Gonçalves em vários momentos explicita a oposição entre patrão e empregado, entre vaqueiros e fazendeiros e entre o “povo de pé no chão” e os latifundiários. Entretanto, é visível a sintonia da crítica do texto de *Literatura* às diretrizes programáticas propostas para a literatura e as artes, pelo comissário de cultura do Partido Comunista soviético, Andrei Zhdanov. De acordo com as teses apresentadas por Zhdanov, no I Congresso de Escritores Soviéticos, na Rússia, em 1934, a arte deveria ter uma função educativa, ajudando a formar uma consciência proletária. Para

91 Floriano Gonçalves foi membro do PCB, ensaísta, jornalista e romancista. Publicou pela José Olympio o desconhecido romance “Lixo”.

92 De maneira bastante geral, pode-se dizer que o realismo socialista foi concebido como um esforço do Partido Comunista soviético para promover uma “cultura proletária” que pudesse servir de contraponto e fazer à “cultura burguesa” e, deste modo, servir como um instrumento propagador do comunismo.

este propósito, a forma deveria se submeter a um conteúdo de exaltação do socialismo e do herói proletário.

Apesar de tentar fugir dos paradigmas que colocam *Marajó* como uma obra puramente regionalista, Floriano Gonçalves não desatreia da leitura do romance sua posição político-ideológica e o seu contexto político imediato (momento de acirramento entre as políticas de esquerda e às de direita). As considerações, do comunista diante do romance dalcidiano, indicam que Gonçalves tomou a obra como um documento histórico, não como uma obra literária.

Também o povo, no livro, não parece haver forjado uma consciência que agisse dificultando a reprodução de tipos de latifundiários. Talvez a menor procura e o menor lucro para o gado em pé abrandasse as razões do egoísmo e da dureza que leva a intensificar a exploração do trabalhador e a ampliar o latifúndio para campos de criação. Por outro lado, a luta política anulá-se, uma vez que o coronel Coutinho era a única autoridade a disputar a primazia feudal da região. (GONÇALVES, 1948, p. 44).

É explícito também, na crítica de Floriano Gonçalves, a aproximação de *Marajó* aos postulados do romance naturalista, orientados pela tríade de Hippolyte Taine (na qual o homem estaria fadado ao meio, a raça e ao momento).

É o ambiente indomado, agreste, selvagem, a terra sob um regime de relações que a impõe ao homem, mais como elemento de aniquilamento que de progresso. E sobe, penetra no homem, deprime-o, embora ele lute tenazmente. Dentro do quadro de relações miseráveis que o latifúndio impõe, frequentemente, o homem tem de descer à condição de bicho ou árvore para não sucumbir. Exatamente por atribuído a esta unidade constituída do homem do povo lutando contra o meio, através das relações sociais que a posse latifundiária do solo impõe, uma categoria de primeiro plano, o livro de Dalcídio Jurandir apresenta um conteúdo novo que somente raros outros livros nos mostram. (GONÇALVES, 1948, p. 40).

O crítico não consegue ver que o aniquilamento do humano em *Marajó* não é causado pelo “ambiente indomado”, mas pelos latifundiários que reduzem homens, mulheres e crianças a condição de bichos e árvores. Esse equívoco na leitura não o permite ver que o “ambiente indomado” ao invés de derruir o homem, torna-se uma forma de resistência aos desmandos coronéis. As declarações de Floriano Gonçalves incluem-se entre as de outros críticos que queriam tão somente considerar Dalcídio

Jurandir como autor regionalista. Contra essa postura da crítica, Marlí Furtado afirma que a técnica usada pelo romancista:

[...] quebra em sua obra o tom naturalista a que se associa muito do que foi produzido no Brasil dentro dessa linha. O jogo com o tempo, a mistura de vozes, os monólogos interiores, tudo o que ajuda no traço da simultaneidade presente em suas narrativas, as distancia do naturalismo. (FURTADO, 2010, p. 177).

Entretanto, e apesar de raros, o jornalista comunista, Floriano Gonçalves, consegue vislumbrar os processos de criação estética em *Marajó*:

A faculdade de associar a ação presente, relacionando-a ao passado, de juncá-la aos seus elementos estéticos e formadores, é uma das qualidades do romancista [...] dá-lhe o caráter original, não descritivo, mas substancial que faz a arte revolucionar para uma categoria universal. (GONÇALVES, 1948, p. 41).

Observa-se que a crítica de Floriano Gonçalves centra-se nas representações sociais existentes no romance, entretanto, outras questões como liminaridade da existência e vida e morte não são levadas em consideração na leitura do jornalista comunista. Diante da crítica de Gonçalves, pode-se considerar que as tragédias narradas em *Marajó* são entendidas apenas como algo fatídico (sem relação a com tessitura da obra), que distancia homens pobres de homens ricos, fazendeiros donos de gado e miseráveis despossuídos de lar. É visível que Floriano Gonçalves desenvolve uma leitura centrada no imediato discurso político provocado por *Marajó*, isto auxiliado pelo reflexo direto da posição político-ideológica do crítico e do autor do romance, pois, não se pode perder de vista que ambos eram militantes do Partido Comunista Brasileiro.

Em *Marajó* reside uma forte oposição entre a liberdade e a necessidade de lutar contra um destino implacável. Esta luta fica muito bem marcada em todos os personagens da obra<sup>93</sup>, entretanto, torna-se mais explícita em Missunga, Alaíde, Guíta e Ormindá, pois, a maioria da ação do romance gira entorno dos quatro.

Missunga, personagem que já deu título a primeira versão do livro, ocupa uma posição limiar na obra, filho do fazendeiro Coronel Coutinho, dono de rios, de grandes pedaços terra e de animais de Marajó, vive no embate entre a desobediência às vontades

---

93 Marlí Furtado (2010) chama a atenção para a distinção entre ricos e miseráveis no romance que divide a protagonização da obra em dois grupos: um por mulheres pobres (Alaíde, Guíta e Ormindá) e outro pelos barões marajoaras (cujo representante maior é o Coronel Coutinho). Missunga é o único personagem que transita livremente entre os dois grupos.

do pai e uma ligeira simpatia à população miserável da ilha. Ao lado de Alaíde, Guita e Orminda, Missunga prefigura como um herói trágico, pois, todos lutam contra um destino implacável, todavia, por mais que lutem contra o destino, acabam sucumbindo diante dele.

Destaca-se que apesar da obra focalizar a oposição entre ricos e miseráveis, não prevalece, ou melhor, inexistente um tom maniqueista no romance. Entende-se que a narrativa de *Marajó* é tecida a partir da oposição entre ricos e pobres. As ações do personagem Missunga também marcam esse jogo de oposições.

Pertencia, afinal, perguntava, por fatalidade aos insultos de Adelaide, às crônicas de Manfredo, às elegantes partidas de tênis no Pará Clube, entre ingleses, norte-americanos e os melhores cavalheiros de Belém? Lera, com tão íntimo prazer, a nota esportiva da “Folha” a respeito de “seus dotes magníficos de discípulo digno de Suzanne Lenglen” e o cronista destacava os recursos técnicos, os golpes, o “arremesso agressivo do exímio raquetista da dupla Missunga-Abelardo, campeã no Pará Clube”. Queria era aprender golfe de verdade. E isto valia uma viagem à América do Noite, pensava. No tênis estava sem competidor em Belém, o que o enfastiava um pouco. Já não contemplava com o mesmo entusiasmo e alguma inveja o retrato de Suzanne Lenglen na moldura em seu quarto de S. Jerônimo. Nem mesmo entre os turistas ingleses apareciam bons competidores. O mal da fartura, o sucesso no tênis e o desengano nos estudos, o namoro de Hilda — como este objeto o queria prender, entregar-se, engatar na sua herança! — o empurravam para aqueles matos, fazendas, aquela Alaíde que fedia a peixe, a lama da várzea na vazante. (MARAJO, 2008, p. 57).

Missunga ao longo da obra manifesta o seu caráter dual, dominado pela paixão que nutre por Orminda, Guita e Alaíde, ele é capaz de enfrentar o pai para ter seus anseios satisfeitos, entretanto, diante da miséria que assola as terras do Coronel Coutinho, Missunga sempre recua quando tem de enfrentar a realidade miserável do povo marajoara.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o presente momento, considerando o corpus coletado na imprensa carioca para a pesquisa, pode-se separar em dois eixos as críticas ao romance *Marajó*: o primeiro, enfatizando-o como representação de meio social com seus problemas; o segundo, considerando-o como uma obra regionalista (isto dito ora explicitamente, ora apenas sugerido pela ênfase do crítico nos aspectos naturais da ilha). Destaca-se que ao segundo eixo, geralmente, esta associado a ideia de que o livro pertence à escola do naturalismo brasileiro.

A crítica de Roger Bastide, publicada no suplemento literário “Letras e Artes”, do jornal *A manhã*, em agosto de 1948, explicita com precisão esse discurso recorrente sobre o romance de Dalcídio Jurandir. Veja-se:

Eu dizia que “Marajó” pertence à escola naturalista brasileira; o que a caracteriza é, não apenas uma pintura fiel do homem, indo até ao biológico, mas também uma descrição exata do meio social; e porque se resume em poesia. Ora, esta fusão da poesia e da realidade talvez seja caráter comum a todas as literaturas da América do Sul. (BASTIDE, 1948, p. 13).

Apesar de algumas críticas serem consensuais quanto à interpretação de *Marajó*, considera-se que elas são extremamente relevantes, pois, na contemporaneidade, a literatura e outras artes são mercadorias que estão relacionadas a determinadas práticas e finalidades. E não fugindo a esta regra a crítica literária (principalmente a que circula nas páginas da imprensa) está inserida em um complexo sistema de divulgação, legitimação e negação de gostos. De modo diverso e em níveis diferentes, participam desse sistema, os críticos, os editores, o sistema educacional, as academias e, neste caso, principalmente, a imprensa com as críticas literárias consolidadoras de sentido. (JOBIM, 2012, p. 15 e 18).

Outro fator que torna relevante a recuperação das críticas literárias publicadas na imprensa carioca a *Marajó* é a possibilidade de serem levantadas hipóteses novas, auxiliando as novas leituras de Dalcídio Jurandir a irem além das propostas “que o sistema em que a crítica se insere pode compreender, trazendo elementos que não são visíveis ou não foram tematizados pelo sistema que está posto...”. (JOBIM, 2012, p. 11-12).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BASTIDE, Roger. *Romance daqui e dalhures*. In: Letras e Artes: suplemento literário de *A manhã*. Rio de Janeiro. Domingo, 15 de agosto de 1948; p. 13.
- [2] *História concisa da literatura brasileira*. 2a Ed. São Paulo: Cultrix. 1977.
- [3] CANDIDO, Antonio. A Literatura e a vida social. In: Literatura e sociedade – Estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- [4] \_\_\_\_\_ A Revolução de 1930 e a cultura. In: CÂNDIDO, Antonio. *A Educação pela noite & Outros Ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 195-196.
- [5] DOCE, Cláudia Rio. *Leitura: entre a política cultural e a cultura política*. XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008. São Paulo. Material disponível no site: [http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/016/CLAUDI A\\_DOCE.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/016/CLAUDI A_DOCE.pdf).



- [6] FURTADO, Marlí Tereza. *Dalcídio Jurandir e a crítica literária para o Estado do Pará* (1938/194). in: FIGUEREDO, C., AUGUSTI, V., HOLANDA, Silvio (ORGS). *Crítica e Literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011.
- [7] \_\_\_\_\_ *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- [8] GONÇALVES, Floriano. *Marajó*. In: *Literatura* [periódico]. Rio de Janeiro, 1948. p. 40-47.
- [9] JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés: EDUERJ, 2012.
- [10] JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 4ª ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008.
- [11] LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005.
- [12] RODRIGUES, Alexandre M. E. *Revista Estudos Sociais: engajamento na renovação comunista*. Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no mundo Ibero-americano. 17 a 18 de maio de 2006. Rio de Janeiro. Ano 05, Vol. II. Material disponível no site: <http://www.intellectus.uerj.br/coloquio/Alexandre%20Rodrigues.pdf>
- [13] SANTIAGO, Silviano. *Crítica literária e jornal na pós-modernidade*. In: *Revista Estudos Literários*. Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 11-17, out. 1993.

## **MODOS DE VER A AMAZÔNIA EM *O CORONEL SANGRADO* E *SAFRA***

Ana Caroline da Silva Rodrigues- [caroline\\_salmo150@hotmail.com](mailto:caroline_salmo150@hotmail.com)

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Marli Furtado- [marlitf@ufpa.br](mailto:marlitf@ufpa.br)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as técnicas narrativas utilizadas nos romances *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa e *Safra*, de Abguar Bastos. A análise se deterá na maneira como o homem se relaciona com a terra, o rio e a floresta, observando se houve, ou não, - de um período literário para o outro - quebra das imagens idealizadas que colocavam a Amazônia como “paraíso” natural, alheio às influências da modernidade. Para isso, foram utilizados as teorias da narrativa, de Jonathan Culler, Antoine Compagnon e Walter Benjamin; e Regionalismo, de Ligia C. Moraes Leite, a fim de se entender o processo de construção da imagem desse espaço do Brasil, ainda desconhecido da maioria.

Palavras-chave: Narrador, Amazônia, Regionalismo.

Abstract: This paper aims to analyze the narrative techniques used in novels Colonel Bled, English and Safra de Sousa, of Abguar Bastos. The analysis will stop in the way man relates to the land, the river and the forest, observing whether or not - of a literary period to another - breaking the idealized images that put the Amazon as "paradise" natural, oblivious to the influences of modernity. For this, we used the theories of narrative, Jonathan Culler, Antoine Compagnon and Walter Benjamin, and Regionalism, Ligia C. Moraes Leite, in order to understand the process of building the image of that space in Brazil, still unknown to many.

Keywords: Narrator, Amazon, Regionalism.

### **Introdução**

Falar das imagens da Amazônia em literatura significa passar por visões cristalizadas e que se mostram, por vezes, simplórias como as imagens que privilegiam paisagens naturais e exóticas e uma comunidade isolada do restante do país, alheia a

tudo o que está ao seu redor. Este tipo de visão, ainda está presente na mente de muitos brasileiros, em decorrência, principalmente, da mídia televisiva. Em muitas obras literárias, a Amazônia pode ser vista pelas mãos de vários autores em diversos períodos. Podemos citar José Veríssimo, Inglês de Sousa, Mário de Andrade, Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Abguar Bastos, Dalcídio Jurandir e os mais contemporâneos como Milton Hatoum e Márcio Souza, entre os que apresentaram essa região, ainda desconhecida da grande maioria. No entanto, devemos considerar que embora essas obras queiram mostrar a Amazônia dos brasileiros que vivem aqui, elas tomam como parâmetro de construção o que está fora dela. Os livros não são feitos para os habitantes das regiões interioranas do Brasil, mas para os leitores das cidades, do centro. Conforme Ligia Chiapinni Moraes Leite (1994) afirma sobre os conteúdos e a técnicas utilizadas pelos escritores, ao falar do Regionalismo Literário Brasileiro:

É preciso, então, ultrapassar o critério conteudístico e levar em conta o modo de formar, observando como certas obras, para além do assunto regional, buscam *harmonizar* tema e estilo, matéria prima e técnica, revelando mais do que paisagens, tipos ou costumes, “estruturas cognoscitivas” e construindo uma verdadeira linhagem de representação/apresentação dos brasileiros pobres de culturas rurais diferenciadas, cujas vozes se busca concretizar paradoxalmente pela letra; de um grande esforço em torná-las audíveis ao leitor da cidade, de onde surge e para a qual se destina essa literatura. (LEITE, 1994, p.668)(grifo nosso)

Considerando o aspecto de harmonização, enfatizado pela autora, vale nos perguntarmos até que ponto os autores de obras sobre a Amazônia romperam com a visão periférica e inferior desse espaço do Brasil. Para isto, neste trabalho, analisaremos o narrador em duas obras de períodos literários distintos, são elas: O Coronel Sangrado (1877), de Inglês de Sousa e Safra (1937), de Abguar Bastos. Iremos nos deter em observar a relação do homem com a terra e o ambiente, tanto no apego, ainda, às imagens idílicas, se existentes, quanto à exploração da floresta e supremacia do homem sobre ela. No que tange a isto, será considerado o narrador como elemento principal da narrativa, visto que é por meio de sua visão que a história chega até nós.

### **Os porta-vozes da narrativa e seus autores**

Tratar dos elementos da narrativa em análise literária é tentar compreender, a partir do texto, os múltiplos sentidos que ele nos traz. Mais do que um processo que se ocupe somente de estruturas e tipologias, tal ação visa a ampliar o horizonte de possibilidades proporcionado pela interação entre leitor e texto. Em textos orais ou escritos, esse processo é mediado por aquele que em sua fala conduz os acontecimentos da história: o narrador. Por isso, Benjamin (1983) comparou o ofício de narrar ao trabalho manual:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1983, p. 205)

Com o passar do tempo, a tendência era que houvesse o desaparecimento dos rastros deixados pelo narrador, no entanto algumas impressões são fortes demais para se esconderem por trás de uma terceira pessoa. Por isso, ainda que recebamos os relatos de um sujeito sem nome, é possível, a nós, percebermos suas intenções.

Na construção da história, um ponto determinante para o modo de narrar é o público. Como já vimos, em se tratando de uma sociedade em que a cultura letrada (que se pretende, muitas vezes, erudita) é privilegiada, as formas de linguagem culta revelam um narrador externo, quando se trata de regionalismos, por exemplo. O que fica estabelecido socialmente são padrões e formas de se expressar, as quais podem – e devem, segundo os padrões sociais – ser utilizadas em todas as situações. Por vezes, isso revela ainda uma tentativa de homogeneização da língua em vistas de se resguardar a unidade pressuposta a ela.

Ainda no que se refere ao público, é importante considerarmos que a temática das narrativas é um dos fatores que podem ter influência no gosto dos leitores, e embora a Amazônia seja parte do Brasil, quanto mais pitorescas parecerem as descrições feitas nos livros, as distâncias geográficas e culturais se tornarão ainda maiores. Conforme Benjamin já havia identificado, “o saber que vem de longe hoje encontra menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos” (BENJAMIN, 1983, p.

202). É nesse sentido que podemos ver que a descrição dos grandes centros, onde estava a maior parte dos leitores tinham maior recepção tanto pela crítica quanto pelo público.

Outro ponto a se destacar é que há, sempre, um receptor implícito, o qual pode ser construído, ainda, a partir dos elementos que estão dentro da narrativa. “Quem fala para quem?” É a pergunta feita por Culler (1999) para desenvolver análise acerca do narrador e destaca:

Quer os narratários sejam ou não explicitamente identificados, a narrativa implicitamente constrói um público através daquilo que sua narração aceita sem discussão e através daquilo que explica. Uma obra de um outro tempo e lugar geralmente subentende um público que reconhece certas referências e partilha certos pressupostos que um leitor moderno pode não partilhar. (CULLER, 1999, p.88)

Dessa forma, a relação que se estabelece entre narrador e leitor deve ser mediada com certa (des)confiança naquilo que está sendo dito e com o mínimo de conhecimentos necessários para uma interpretação coerente e satisfatória. O leitor, algumas vezes, tem que se comportar, ou pelo menos experimentar, as ações esperadas pelo narrador a fim que a interação na leitura seja dada da forma como foi idealizada no momento de produção. Caso contrário, certos elementos não produzirão o efeito de sentido desejado e parecerão inúteis e sem o menor sentido para leitores distraídos.

Outro aspecto relevante no que tange ao narrador é a associação que se faz, no senso comum, é entre narrador e autor. Por isso, perguntas como “o que o autor quis dizer no texto?” são comuns no ato de interpretação. Esse tipo de atitude é compreensível visto que, em busca de nos sentirmos seguros, a associação àquilo que é real, ou seja palpável, e verdadeiramente existente, é característico de uma sociedade em que o material evidencia a veracidade das coisas. Assim é mais confortável para o leitor pensar que ele, na leitura, dialoga com alguém que realmente existe ou existiu e que - quem sabe?- poderia ter a oportunidade de ter suas dúvidas solucionadas pelo “dono da história”.

Compagnon (2010) discute esse aspecto desde a tese intencionalista, que aprisiona o texto às intenções de quem o escreveu – fazendo da crítica literária algo inútil, visto que é possível saber a intenção do autor de outras maneiras que não seja por meio da leitura de um livro - até ao que Roland Barthes (Apud Comapagnon) nomeou como

“Morte do Autor”. A partir dela, o autor deixou de ser a única ponte que leva a uma interpretação genuína do texto e buscou-se compreender o mediador entre leitor e história. Então:

O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao “escriptor”, que não é jamais senão um “sujeito” no sentido gramatical ou linguístico, um ser de papel, não uma “pessoa” no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação, mas se produz com ela, aqui e agora. Donde se segue, ainda, que a escritura não pode “representar”, “pintar” absolutamente nada anterior à sua enunciação, e que ela, tanto quanto a linguagem, não tem origem. (COMPAGNON, 2010, p.50)

Essa nova configuração mostra a importância do leitor, tomando-o como um elemento textual, pois se o autor de outrora se tornou um ser de papel, sendo encontrável somente dentro do texto, cabe ao leitor compreender, em sua função estética, a partir das estruturas presentes na obra, os sentidos dela decorrentes.

A recepção dos textos, nesse sentido, será influenciada por diversos fatores, os quais se evidenciarão nas técnicas de exposição utilizadas pelos autores, na maneira de abordagem dos conteúdos e fatores externos, que normalmente, se referem ao contexto de produção. Isto porque as motivações de certas obras levam a um certo engajamento, a um determinado objetivo fazendo, muitas vezes, com que as características estéticas e literárias sejam postas à margem.

É bem frequente vermos a crítica literária, em sua análise perante uma obra, levar em consideração a nacionalidade e/ou naturalidade do escritor, seus ideais ou até mesmo, suas profissões, entre outros fatores, mas ao leitor comum, essas informações não terão grande relevância. A partir disso, resta-nos saber até que ponto a obra literária está atrelada ao seu autor? Ou ainda, qual é o limite do distanciamento entre eles? Na escrita, os narradores adquirem também nacionalidades? Pertencem também às regiões que descrevem? Até que ponto emitem opiniões, explicam, analisam...? Ou em que momento desaparecem deixando a história falar por si mesma?

Essas são algumas perguntas que irão nortear nossa análise que, como já dissemos, tomará como objetos as obras *O Coronel Sangrado*, de Inglês de Sousa e *Safra*, de Abguar Bastos, dos períodos Naturalista e Modernista, respectivamente. Ambas as obras se passam no ambiente amazônico e em períodos importantes para a literatura

nacional em que se propunha construir novos estilos literários a fim de se expressar uma literatura genuinamente nacional. Na produção sobre a Amazônia se quer exibir um cenário que abarque ambiente e o homem, isso tudo feito por um narrador que busca novos formatos estéticos para mostrar essa sociedade desconhecida e quebrar estereótipos preconceituosos sobre o habitante amazônida. Teriam eles conseguido, ou acabaram reafirmado a voz reinante, tanto sob o ponto de vista estético como dos conceitos cristalizados?

### **Imagens da Amazônia**

Desde as primeiras tentativas de se fazer literatura no Brasil, a natureza, a terra o ambiente tiveram papel determinante na construção daquilo que fosse nacional. A priori, descrita como forte e imponente, ela buscava evidenciar, também, a grandeza de seus habitantes. Em se tratando de Amazônia, não foi diferente. Aqueles que se propuseram a falar daqui tinham como desafio mostrar a sociedade em meio a inegável grandiosidade da floresta, sem, com isso, cair no “lugar comum”, no pitoresco. No romance, *O Coronel Sangrado*, temos no enredo o destaque para os conflitos gerados a partir das disputas de terras. A história é a continuação do romance anterior, *O Cacaulista*, no qual existe o conflito pela terra entre Miguel e o Tenente Ribeiro. Em decorrência disso, o personagem Miguel vai para a capital, Belém, fixando nela residência por cinco anos. Após esse período, Miguel retorna à cidade de Óbidos e o que vemos na descrição do narrador externo e onisciente, acerca desse reencontro, é o trecho que se segue:

De vez em quando parava o rapaz, e levava a contemplar as casinhas da cidade que tinha diante de si, absorto em melancólicos pensamentos. O seu olhar que brilhava por vezes um fogo estranho, parecia querer abranger a cidade toda, e corria constantemente da boca do igarapé ao depósito da lenha, como se uma febril impaciência não lhe permitisse observar detidamente os diversos pontos de vistas. (SOUSA, 2003, p. 42)

No trecho o que temos é a ansiedade do homem que, distante de sua terra natal, tenta agora reconstruí-la, embora não possa abrangê-la como um todo, mas de modo fragmentado. Por isso, a tentativa de reconstrução faz com que, ainda, apareça de maneira idealizada, pois quando o personagem se torna narrador de sua história, ao escrever uma carta para o seu amigo, a descrição é:

Eu ia rever o Amazonas. Aquelas regiões, que eu deixara menino, apareciam-me agora envoltas num véu de não sei que grandioso e maravilhoso sonho. A minha imaginação, excitada pelos livros e pela incerta recordação do passado, que deixara a descuidada infância, prometia-me um mundo de magníficas realidades, um paraíso de água e de verdura, em que, livre dos atentados do homem, se revelava a natureza com toda a força e poesia! (SOUSA, 2003, p.42)

A distância e os deslocamentos fazem com que a imagem da terra seja recriada, por meio das lembranças, se tornando artificial e fechada em um só aspecto, que neste caso é o das riquezas naturais “paraíso de água e verdura”. Outro ponto que vemos aqui, é a ideia de que a região estaria “livre dos atentados do homem”, que no decorrer do romance logo será derrubada, visto que o que se encontra na cidade são interesses semelhantes aos valorizados nos grandes centros em que o poder político é colocado em primeiro plano face a valorização do homem. Quanto a este processo de reconstrução, Lilian Schwarcz, afirma: “Mais que inventadas, nações são imaginadas, no sentido de que fazem sentido para a alma e constituem objetos de desejos e projeções” (Schwarcz, 2008,p.11). Dessa forma, a história não chega a nós “pura”, mas acaba sendo uma versão de fatos relatados. No Naturalismo, do qual foi, Inglês de Sousa, o fundador, o narrador analista é bem frequente, por isso, a preferência por descrever a sociedade e seus problemas. Na história, as questões políticas, familiares e os costumes característicos da região estão no centro e os aspectos naturais como o rio, a floresta e a terra, em sentido físico, são apenas pano de fundo, passando a ser propriedade particular dos poderosos locais. Neste período, este tipo de descrição atua como denúncia das condições vividas pelo povo da Amazônia, quebrando todo pensamento ilusório existente acerca da região. O narrador que está fora da história, relata com certo distanciamento, mas também com conhecimento das causas peculiares da região. Mesmo assim, surgem comparações com as grandes cidades, principalmente na composição do personagem Miguel, associando sua identidade de “homem da Amazônia”, muito mais à terra (solo) em si, do que às influências da sociedade local:

O corpo era elegante, não dessa elegância afetada dos nossos ridículos *goumeux*; mas de uma elegância natural, quase selvagem. Via-se que a vida das cidades dificilmente moldara à sua feição uma natureza virgem. Por vezes, pelos movimentos bruscos que como descuidadamente o assaltavam, via-se perfeitamente aparecer o filho do mato sob o invólucro mentiroso do cidadão. Um observador veria sob as vestes da moda bater o peito do matuto ingênuo e simples. Para os que o cercavam, porém, o passageiro do Madeira era um moço do



tom que viera trazer da capital as últimas modas e as últimas notícias. Era um objeto de inveja, porque decerto excitaria a imaginação de todas as moças da terra. (SOUSA, 2003, p.42) (grifo do autor)

Este tipo de análise que esbarra no cientificismo, valorizado pelos naturalistas, mostra, justamente, o diferencial marcado entre a cidade e o campo. Como o narrador pressupõe-se ser mais próximo dos habitantes das grandes cidades, vê-se então, um certo deslumbramento do caboclo por tudo aquilo que se expressaria como “moderno”, o que nada mais é a curiosidade por conhecer o diferente daquilo que se têm, fato que ocorre também com as pessoas citadinas em relação ao campo, no entanto, dificilmente elas são mostradas como deslumbradas, antes estão prontas a darem respostas a tudo o que acontecem nesses lugares, ou simplesmente, se mostram indiferentes.

Mais tarde, no período modernista, o romance *Safra* nos mostra o homem inserido no meio da floresta, do rio, da mata. No entanto, ela não é descrita separadamente dos seus habitantes, antes passa a integrar os costumes humanos em suas próprias essências: “O vento cheirava cachaça. As folhas de bananeiras rangiam como velas de embarcação. Eram as folhas maiores da natureza e ninguém ali se admirava disso (BASTOS, 1958, p. 10)”. A falta de admiração pelo tamanho das folhas das bananeiras já denota um possível desencanto, presente no homem, em relação ao ambiente natural, pois se outrora este fora visto como ambiente de refúgio, agora aparece com banalidade e até mesmo frágil, posto que no romance a terra e a floresta também se tornam propriedade particular dentro do ciclo da castanha descrito pelo autor. Exemplo disso é o fechamento do rio:

Só os grandes possuidores de terras, com as costas quentes pelo poder político ou apoiado nas armas de sua cabroada são capazes dessas proezas. Porque fechar um rio é impedir que nele entrem livremente todos os que ali tem negócios, terras, habitações ou interesses.

O rio passar a ser propriedade particular. (BASTOS, 1958, p. 40-41)

A análise do narrador está no poder que têm àqueles que oprimem, não somente aos homens tirando-lhes a liberdade de ir e vir, mas também o fazem com a própria natureza:

Manda quem está de cima. Onde estiver. Com a lei ou sem ela. Manda quem pode mandar.

(...)

Rio fechado é rio prisioneiro das mãos dos latifundiários. É rio arcabuzado e infeliz, envergonhado da própria grandeza de suas águas. (BASTOS, 1958, p. 41)

Neste contexto, toda a grandeza da floresta e do rio não são suficientes para conter os mandos e desmandos dos latifundiários. Ela, agora, diminui e se torna vítima do filho da terra. Assiste às injustiças cometidas e se envergonha por ser grande, mas impotente. Essa quebra da imagem do “paraíso”, em Safra, surge como mensagem alarmante e melancólica. Se para os românticos nacionalistas a natureza refletia a grandeza do homem nacional, neste momento ela reflete sua pequenez e fragilidade de seus habitantes, como podemos ver na constituição do sujeito:

Chico Polia considerava haver muita coisa errada neste mundo. E enquanto via os mosquitos e os besouros voltarem do mato e, com as asas imundas, voarem sobre a cabeça de Valentin, tinha a impressão de que o prisioneiro era um grande detrito, caído de um intestino monstruoso. E Chico Polia ficava surpreso ao descobrir que esse intestino se localizava na displicente e rancorosa sociedade, de que fazia parte. Tais vísceras não sentiam estremeções quando, na fossa das “necessidades”, homens e vermes se misturavam. (BASTOS, 1958, p. 8)

Isto está no primeiro capítulo do romance, quando vemos Chico Polia- guarda da cadeia da cidade- , via narrador, refletir sobre a condição do preso, Valentin, que por não concordar com a política imposta por Bento, mata-o e por isso está preso. Na condição em que se encontra, Valentin tem a companhia dos insetos que se misturavam aos homens. Essa cena nos mostra a reação dos insetos frente à situação em que se encontra o homem – comparado a um grande detrito. O narrador poderia ter feito isso por si mesmo, não por meio de um personagem, mas vale ressaltar que receber o relato de alguém que presenciou a cena dá maior credibilidade ao conteúdo. Mesmo Chico Polia sendo pertencente à parte da sociedade que representa o poder governamental, a sua identificação se dá muito mais com a condição de preso, pois também está impotente para oferecer mudanças às situações sociais existentes.

Estes modos de narrar, tanto no romance *O Coronel Sangrado* como em *Safra*, revelam novas formas de exibir a terra, a floresta e a sociedade do espaço amazônico. Elas se mostram como tentativas de se construir uma imagem que preze mais pela legitimidade do que pela idealização e emotividade, que logo nos levaria ao regionalismo piegas. Vale ressaltar que em termos de construção narrativa, ainda existe o aprisionamento às rígidas formas cultas, revelando na fala do narrador, opiniões que os distanciam ainda mais dos personagens como pode ser visto nas expressões “o povo acredita” ou “acreditam os caboclos” (BASTOS, 1958, p.37-38), evidenciando para qual público predominante essas obras são destinadas.

### REFERÊNCIAS:

BASTOS, Abguar. **Safra**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: - et alii. Textos escolhidos. São Paulo, Abril Cultural, 1983. (Os pensadores.)

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Tradução: Sandra Vasconcelos – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria** – Literatura e Senso Comum. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LEITE, Lygia C. Moraes. **Velha Praga? Regionalismo Literário Brasileiro**. In.: América latina: Palavra, literatura e cultura. Org. Ana Pizarro. Vol.II. Emancipação do Discurso. São Paulo: editora Unicamp, 1994.

SCHWARCZ, Lilian. **Imaginar é difícil (porém necessário)** – Apresentação In.: ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Trad. Denise Bottman.- São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUSA, H. M. Inglês de. **O Coronel Sangrado: (Cenas da Vida no Amazonas)** 2. Ed. – Belém: EDUFPA, 2003 – (Coleção Amazônia).

## NO MERGULHO ÀS ORIGENS: A EXPERIÊNCIA CORPORAL NA *LINHA-D'ÁGUA*, DE OLGA SAVARY

Andréa Jamilly Rodrigues Leitão – [andreaJamilly@gmail.com](mailto:andreaJamilly@gmail.com)  
Prof. Dr. Antônio Máximo Ferraz – [maximoferraz@gmail.com](mailto:maximoferraz@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho pretende instaurar novos diálogos com a poética de Olga Savary, sobretudo com o poema intitulado “Signo” da obra *Linha-d’Água* (1987), de modo a enriquecer o olhar acerca da experiência corporal e suas inter-relações com o erotismo e a própria experiência literária. Em meio ao enlace amoroso, a construção metafórica dos poemas da escritora paraense incorpora e transfigura os corpos dos amantes sob o movimento vital do elemento da água, operando o retorno, ou melhor, o mergulho às origens, como uma possibilidade de reconciliação com a natureza (PAZ, 1994). A hipótese de pesquisa, aqui articulada, reconhece o papel da transfiguração poética do corpo na obra de Olga Savary como a encenação poético-ontológica do princípio da unidade entre o ser humano e a natureza, do vigor que o reconduz às suas raízes, a uma experiência primordial e originária.

**Palavras-chave:** Água, origem, experiência corporal.

**Abstract:** This paper intends to establish new dialogues with poetic Olga Savary, especially with the poem entitled “Signo” of the book *Linha-d’Água* (1987), in order to enrich the look on the bodily experience and their interrelationships with eroticism and own literary experience. Amid the love link, the metaphorical construction of poems of the Brazilian writer incorporates and transforms the bodies of lovers under the vital movement of the element of water, operating the return, or better, the dive to origins, as a possibility of reconciliation with nature (PAZ, 1994). In this sense, the research hypothesis, articulated here, recognizes the role of the transfiguration of the body in the poetic work of Olga Savary as staging poetic-ontological principle of unity between human and nature, the force that leads back to his roots a primordial and original experience.

**Key-words:** Water, origin, bodily experience.

### 1 Considerações iniciais

Dentro do universo literário da escritora, a presença da natureza manifesta-se na escritura dos poemas da *Linha-d'Água* (1987), especificamente em relação à figuração e à recriação poética do corpo no poema “Signo”, no sentido de conjugar e integrar o ser humano ao domínio do mundo natural, a uma instância originária onde vigora a plena unidade entre eles. À luz de um autêntico mergulho, o envolvimento sinuoso dos corpos transmuta-se fluidez do movimento das águas, levando à plenitude a comunhão amorosa, e, por outro lado, ilumina fecundamente a própria construção da poesia.

No vigor da encenação do amor, a riqueza da escritura poética de Olga Savary reside na construção metafórica dos poemas que, ao incorporar e transfigurar o humano sob os elementos vitais do mundo natural – em especial no enlace das águas –, opera o movimento de retorno à sua origem, à sua raiz telúrica, como uma possibilidade de reconciliação com a natureza (PAZ, 1994). Além disso, em alguns de seus poemas, há a incorporação de vocábulos de origem tupi, os quais recuperam a memória de uma convivência harmônica e divinatória com a natureza. Na configuração do texto poético da escritora paraense, há a celebração do *élan* erótico e, sobretudo, da vida que habita em cada corpo.

Embora reconheça a importante interação instaurada entre o corpo do homem e os elementos da natureza, Angélica Soares (1999) atribui a esta relação o papel de afirmação e fortalecimento das subjetividades, a partir de uma recepção ecofeminista nos termos de Félix Gattari na sua obra *As três ecologias*, publicada originalmente em 1989. Deste modo, compreende que a transfiguração do corpo manifesta o operar de uma nova sexualidade, de uma nova identidade e, ao mesmo tempo, de uma nova realização literária, emancipando-a do paradigma masculino e patriarcal. A hipótese de pesquisa, aqui articulada, envereda por um outro caminho interpretativo, no qual se reconhece o papel da transfiguração poética do corpo na obra de Olga Savary não como a expressão de subjetividades relacionadas a questões de gêneros ou de papéis sociais – à luz de uma teoria crítica feminista –, mas a encenação poético-ontológica do princípio originário da unidade entre o ser humano e a natureza.

## **2 A natureza e o homem: diálogos reconciliatórios**

No seio da natureza repousa o acontecer pleno do amor, sob as emanções do espírito de Eros, na medida em que conduz o ser humano às origens, à morada originária, ao reencontro da unidade perdida. A experenciação corporal não somente do

sentimento amoroso, mas também da própria sexualidade proporciona a reconciliação do homem com o mundo natural, em que aquele se reconhece como *hūmus*<sup>94</sup> – que significa solo, terra –, de onde germina a vida, ou seja: se compreende *sendo* em meio ao movimento orgânico cíclico e incessante, transfigurando-se nas próprias forças vitais da natureza:

A idéia de parentesco dos homens com o universo aparece na origem da concepção do amor. É uma crença que começa com os primeiros poetas, permeia a poesia romântica e chega até nós. A semelhança, o parentesco entre a montanha e a mulher ou entre a árvore e o homem, são eixos do sentimento amoroso. O amor pode ser agora, como foi no passado, uma via de reconciliação com a natureza. Não podemos nos transformar em fontes ou árvores, em pássaros ou touros, mas podemos nos reconhecer em todos eles (PAZ, 1994, p. 193).

Em relação à recriação poética dos corpos, a pesquisadora Angélica Soares, interpretando a poética de Olga Savary, comenta que o envolvimento carnal dos humanos metamorfoseia-se paralelamente no dinamismo dos fenômenos vitais do mundo natural, cuja mútua correspondência estabelece uma conexão e uma sincronia no diálogo entre as suas manifestações. Diz a autora:

Perfeitamente inseridos na dinâmica *natural*, os corpos dos amantes se conectam e se complementam, na entrega plena e recíproca. Pela integração entre o ser humano e a Natureza, a linguagem dos corpos não é apenas deles, mas do mar, do animal, da flor, do fruto (SOARES, 1999, p. 63, grifo do autor).

Embora reconheça a importante interação instaurada entre o corpo do homem e os elementos da natureza, Angélica Soares atribui a esta relação o papel de afirmação e fortalecimento das subjetividades, a partir de uma recepção ecofeminista, cuja abordagem estabelece um diálogo entre a ecologia e questões relacionadas a gênero. O termo ecológico refere-se ao pensamento de Félix Guattari na sua obra intitulada *As três ecologias*. O filósofo francês defende o que denominou de ecosofia, a saber, uma articulação de natureza ético-política, na qual o inter-relacionamento das instâncias ecológicas do ambiental, do social e do subjetivo proporciona novos “territórios existenciais”, de modo que “sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais relativos à etnia, à nação ou mesmo aos direitos gerais da humanidade” (GATTARI, 2001, p. 37). Em outras palavras, estes territórios remontam a novas experiências humanas e modos de ser,

<sup>94</sup> Inclusive, o termo latino *hūmus* está relacionado etimologicamente com a palavra homem. As referências etimológicas citadas neste trabalho podem ser conferidas no estudo feito por José Pedro Machado (1995).

solicitando a transformação e a reorganização nas experiências, nos comportamentos e nas relações entre os sujeitos, a fim de gerar um novo equilíbrio global.

O mundo ocidental marcado radicalmente por uma tradição judaico-cristão e uma cultura historicamente patriarcal funda suas próprias interdições e dispositivos de produção de subjetividade. Em relação ao corpo e à sexualidade feminina, muitos são os mecanismos que exercem repressão e restrição ao agenciamento da mulher como sujeito pleno nas mais diversas esferas públicas, sob a insígnia da submissão, da passividade e da impotência. A crítica de estirpe feminista, surgida em meados da década de 1970, impõe-se como uma forma, por excelência, de resistência e de desestabilização das construções ideológico-discursivas e dos paradigmas convencionais excludentes. Deste modo, direciona o seu olhar analítico-investigativo para o que até então foi silenciado e, ao mesmo tempo, contribui para uma maior “visibilidade da mulher como produtora de um discurso que se quer novo, um discurso dissonante em relação àquele arraigado milenarmente na consciência e no inconsciente coletivos, inserindo-a na historiografia literária” (ZOLIN, 2003, p. 254).

No panorama da poesia brasileira contemporânea de autoria feminina, a transfiguração do corpo em meio à dinâmica do mundo natural manifesta o operar de uma nova identidade, de uma nova sexualidade e, principalmente, de uma nova realização literária, “na qual se recria a liberação do desejo, a figurização da mulher como sujeito da cena erótica” (SOARES, 2000, p. 123). O surgimento de subjetividades emergentes e, por consequência, de novas forças culturais articula um deslocamento e uma virada decisiva no âmbito de uma hegemonia de matriz autoritária e falocêntrica, no sentido de que demanda novos arranjos e disposições de ordem ético-política. Pois, de acordo com Gattari (2001, p. 14), é “nesse contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização que surgem as novas problemáticas ecológicas”.

Na esteira da ecosofia proposta pelo pensador francês, a mulher ao transgredir e insurgir-se contra o poderio tirânico masculino conquista a autonomia sobre o seu corpo e o seu engendrar no domínio seja da via erótica, seja da literária; e, simultaneamente, constrói um espaço significativo de inscrição e de ressingularização da sua própria experiência. Conforme destaca Angélica Soares (1999, p. 56), “a voz feminina da liberação do desejo, ao romper com valores já cristalizados pela ideologia masculina e ao desmarcar fronteiras fixadas pelo patriarcalismo e pela moral sexual cristã, encontra-se com o pensamento guattariano”. Sendo assim, o transfigurar dos corpos em

elementos da natureza revela o imperativo de modificação e de reorganização dos modos de ser, cujas implicações operam um desvencilhamento das estruturas hierárquicas e dos estereótipos socialmente impostos.

Apesar de reconhecer a legitimidade dos pressupostos teórico-metodológicos da crítica feminista no campo dos estudos literários, a hipótese de pesquisa, aqui articulada, envereda por um outro caminho interpretativo, no qual confere o papel da transfiguração poética do corpo sob o elemento simbólico da água não à expressão de subjetividades relacionadas a questões de gêneros ou de papéis sociais, mas à encenação poético-ontológica do princípio da unidade entre o ser humano e a natureza, do vigor que o reconduz às suas raízes telúricas, ao espaço ecológico <sup>95</sup> em que desde sempre esteve, tornar a ser o que simplesmente já se é, na medida em que reconhece e ressalta o seu próprio corpo enquanto *hūmus*; levando-o, assim, a uma experiência primordial e originária. <sup>96</sup> Neste sentido, a água manifesta a gênese, a “fonte de vida, a origem da energia se formando” <sup>97</sup> no corpo dos amantes, que pulsa em meio às emanações do espírito de Eros. Como está aludido nos versos do poema “Çaiçuçaua” – do Tupi: amor, amado –, que também integra a obra em questão de Olga Savary, “em tua água sim está meu tempo,/ meu começo” (SAVARY, 1987, p. 27).

Cada obra literária configura a sua própria *poiēsis* criativa, a sua própria interpretação acerca do mundo, constituindo-se como a irrupção de uma realidade inaugural que é a do texto. A natureza intrínseca do texto escrito permite-lhe libertar-se e transcender o primado da subjetividade, especificamente em relação ao movimento de restrição à intencionalidade e às vivências do autor sob um viés psicológico – no caso da teoria crítica feminista, a abordagem considera a mulher no papel de sujeito da enunciação –, a fim de, finalmente, abrir caminhos fecundos e ilimitados de leituras que jamais se esgotam. Pois, não se trata de “encontrar subjacente ao texto, a intenção perdida, mas expor, face ao texto, o ‘mundo’ que ele abre e descobre” (RICOEUR, 19-- , p. 53).

A obra de arte projeta novas dimensões e possibilidades de realização do ser-no-mundo, <sup>98</sup> as quais instauram, simultaneamente, novos sentidos e modos figurativos à dinâmica da existência do homem em meio à realidade a sua volta. A obra *Linha-*

<sup>95</sup> Compreende-se o radical eco- a partir do sentido do grego *oikos*, que significa casa.

<sup>96</sup> Como está aludido no poema “Ária”, da obra *Magma* (1982): “o que havia era a fúria no toque,/ nos corpos um elo desconhecido,/ arquetípico e anterior” (SAVARY, 1998, p. 183).

<sup>97</sup> Trecho do poema homônimo que inicia a obra *Linha-d’Água* (SAVARY, 1987, p. 17).

<sup>98</sup> Ricoeur empresta este termo de Martin Heidegger, da obra *Ser e Tempo* (1927).



*d'Água* manifesta, por meio de suas construções metafóricas, uma nova experiência do homem com o mundo, com a totalidade das coisas. Pois, ao transfigurar o corpo dos amantes em consonância com o movimento regenerador<sup>99</sup> da água, a poesia de Olga Savary encena a possibilidade de renascer, mediante o movimento de recuperação da unidade originária entre o ser humano e a natureza; de operar o retorno ao estado primordial do Paraíso; e, então, de desfazer a condição de exílio do homem, como comenta o escritor Octavio Paz (1994, p. 196):

Ao nascer, fomos arrancados da totalidade; no amor sentimos voltar à totalidade original. Por isso as imagens poéticas transformam a pessoa amada em natureza – montanha, água, nuvem, estrela, selva, mar, onda – e, por sua vez, a natureza fala como se fosse mulher. Reconciliação com a totalidade que é o mundo.

### 3 **Água e movimento: a experiência originária do corpo**

Dentro do projeto literário da escritora Olga Savary, vislumbra-se a celebração poética das origens, do fundamento primitivo e originário, dos elementos naturais fundamentais – o ar, a terra, o fogo e a água –, da própria dinâmica da existência nas suas mais diversas dimensões e manifestações. Para dar encaminhamento a este viés interpretativo, trazem-se para o prosaário da discussão dois poemas que integram a obra *Sumidouro* (1977). Destaca-se, a seguir, o poema intitulado “Terra”:

em golfadas envolve-me toda,  
apagando as marcas individuais,

devora-me até que eu  
não respire mais.

*Rio de Janeiro, 1972*  
(SAVARY, 1998, p. 129)

Relacionado ao movimento de impelir líquidos em um jorro, o termo “golfadas” remonta à união da água com a terra que, por sua vez, dá origem à massa. Segundo Gaston Bachelard (1989, p. 109), “a massa proporciona uma experiência inicial da matéria”. No viés da tradição judaico-cristã, pode ser comparada à formação do elemento do barro, o qual constitui a matéria-prima, por excelência, do homem. Este, inclusive, provém etimologicamente de *hūmus*, “terra”. Como se pode observar, o

<sup>99</sup> Segundo Mircea Eliade (2008, p. 110), “o contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um ‘novo nascimento’; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida”.

próprio título já sinaliza as raízes telúricas do ser humano. A água constitui-se como um elemento de ligação e, ao mesmo tempo, de apropriação, de modo que “envolve-me toda” para além das delimitações e das segregações. O ato de apagamento conduz à dissolução das formas humanas, especificamente no que tange às “marcas individuais” e, por assim dizer, subjetivas, relacionadas a questões identitárias de gênero, de modo que alcança o fulgor do humano. O sujeito assinalado pelo pronome “eu” é, em sua plenitude, “devorado” até que “não respire mais”, submergindo às suas origens e sendo simplesmente o que já se é: terra.<sup>100</sup>

No plano da criação poética, destitui-se a noção de autoria ou de um sujeito criador, uma vez que, como está figurado no poema “David”, “o poeta nas palavras/ põe essa força de nada:/ sua funda é o poema” (SAVARY, 1998, p. 139). Há a irrupção de um vigor criativo e misterioso da própria vida, anterior a essa “força de nada” manifestada pela subjetividade que cria. Conforme destaca Martin Heidegger (2003, p. 14), “em sua essência, a linguagem não é expressão e nem atividade do homem. A linguagem fala. O que buscamos no poema é o falar da linguagem”. O poema, então, não é o fim, o instrumento de um exercício subjetivo, mas é desde sempre a “funda”, o apelo que se funda no “falar da linguagem” e o percurso que se lança em direção às palavras no movimento de desvelá-las, superando a imposição de atributos e as instâncias de enunciação vinculadas a discursos individualizados.

Por outro lado, o poema “Projeto”, o penúltimo da obra, constrói ao longo de seus três versos a imagem primordial da existência. Segue abaixo:

de ser: respirar  
 como uma erva respira  
 útil e clara como cartilha de infância.

*Rio de Janeiro, 1976*  
 (SAVARY, 1998, p. 142)

O que é a existência senão um pro-jetar<sup>101</sup> criativo a partir do ser que vige em cada homem. O verbo “respirar” – associado ao elemento do ar – corresponde ao sopro de vida, ao vigor primordial do percurso existencial. A comparação sinalizada textualmente pelo advérbio “como” conduz à plenificação da unidade, ou melhor, à integração do ser humano que “respira” com a natureza, a saber, com as suas próprias

<sup>100</sup> Como está figurado nos seguintes versos que compõem a obra *Magma*, que também dá título ao poema: “Pele de terra, minha morada” (SAVARY, 1998, p. 185).

<sup>101</sup> Vocábulo entendido no sentido latino de lançar (*jectare*) para diante de (*pro-*).

origens – figurada no poema como a realidade eminentemente orgânica da “erva”. Tal como está aludido no poema “Fogo”, da mesma obra: “sou um ser marcado, natureza” (SAVARY, 1998, p. 128). Os domínios ligados ao homem e ao mundo natural se inter-relacionam intimamente em seus múltiplos movimentos, confluências e dimensões.

Além disso, o ser humano inscreve-se no sentido de desvelar-se em sua profundidade à luz de uma lição manifestada pela “cartilha da infância”, de maneira a se lançar “útil e claramente” à inocência, à pureza e à simplicidade, reconciliando-se com um estado primordial, o paraíso perdido do Éden. A epígrafe desta obra de Olga Savary apresenta, inclusive, uma referência a Charles Baudelaire: “*La poésie c’est l’enfance retrouvée*”.<sup>102</sup> Essa “infância redescoberta” de que fala o poeta francês, eis a abertura para o extra-ordinário, o fascínio diante do novo, a poesia original pela qual se opera o *élan* inaugural da própria vida.

No poema “Signo”, que integra a obra *Linha-d’Água*, vislumbra-se a importância da figuração dos elementos naturais, tais como o ar, a terra e a água, os quais se encontram plenamente conjugados na tessitura da poética de Olga Savary. Estes contribuem para a encenação de uma convivência harmônica entre a natureza e o homem e, como em um verdadeiro mergulho, se incorporam à própria envergadura dos corpos em meio à comunhão amorosa. Há, porém, a predominância da substância da água, como se pode notar abaixo no poema transcrito em sua íntegra:

Há tanto tempo que me entendo tua,  
exilada do meu elemento de origem: ar,  
não mais terra, o meu de escolha  
mas água, teu elemento, aquele  
que é o do amor e do amar.

Se a outro pertencia, pertença agora a este  
signo: da liquidez, do aguaceiro. E a ele  
me entrego desaguada, sem medir margens,  
unindo a toda esta água do teu signo  
minha água primitiva e desatada.

(SAVARY, 1987, p. 26).

A substância da água, enquanto “aquele que é o do amor e do amar” por excelência, acaba por se sobrepujar sobre os demais com a sua vastidão líquida indomável, na sua vazão implacável, “sem medir margens”. A “liquidez” e o

<sup>102</sup> No ensaio intitulado *Pintor da vida moderna*, uma reflexão a respeito da obra do artista Constantin Guys e publicado postumamente em 1869, Charles Baudelaire afirma que “o gênio é somente a *infância redescoberta* sem limites” (BAUDELAIRE, 2006, p. 856, grifo do autor).

“aguaceiro” constituem justamente características essenciais do elemento em questão. A entrega desmedida e “desaguada” desemboca na união dos corpos, os quais se transmutam, sob o vigor da encenação erótica, no próprio movimento das águas. Estas, por sua vez, evocam o princípio originário da vida, o fundamento “primitivo” da criação. Neste sentido, a fluidez do signo das águas alude à nudez natural <sup>103</sup> e, por extensão, à diluição das formas humanas, que se configuram livres e “desatadas” no instante da cópula carnal, em direção à unidade e à plenificação do amor.

Segundo Marleine de Toledo (2009, p. 84), a qual se debruçou significativamente sobre o conjunto da obra da escritora paraense, “o erotismo explode em *Linha-d’Água*, como, de resto, em toda a poesia savaryana, como vida, energia. A natureza é mais que natureza: é a natureza do corpo, a água do corpo, a água do orgasmo”. Em meio à potência erótica dos amantes, a natureza vigora na constituição carnal do homem, a vida se derrama no esplendor da figuração do corpo. A poética de Olga Savary conduz o ser humano à reconciliação com as forças vitais da natureza, ou melhor, com a natureza do seu próprio corpo.

A figuração do corpo presente nos poemas estudados manifesta, metaforicamente, uma estrutura de realização do ser-no-mundo, a saber, a própria condição ontológica do homem no mundo enquanto sua habitação. Pois, como sustenta Octavio Paz (1982, p. 31), “o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é senão tempo, ritmo perpetuamente criador”. Assim, evoca não uma dimensão supraterrena e imutável, porém a realização concreta, ambígua e perecível do ser humano. Este que é e está sempre jogado no e pelo tempo, sendo num constante vir-a-ser, a partir da vigência do princípio vital que rege a existência, do fluxo contínuo e cíclico do acontecer da realidade, sob a mobilidade e a fluidez do signo das águas.

Em suma, o projeto literário de Olga Savary não destaca as particularidades sócio-políticas ou, simplesmente, relacionadas a gênero entre os seres humanos, as diferenças que os tornam individuais em uma dimensão essencialmente subjetiva, mas articula uma abertura poético-ontológica para uma realidade primordial e originária – anterior às segmentações de toda ordem – que os irmana em uma unidade comum, sobre a qual a natureza e o homem comungam de uma mesma proveniência, reconciliados no seio consagrado da Mãe-Terra. A obra de arte configura-se, então, como a própria

<sup>103</sup> De acordo com Bachelard (1989, p. 36), “a água evoca a nudez *natural*, a nudez que pode conservar uma inocência”.

vigência da vida, gestando-se e, ao mesmo tempo, doando-se em suas inesgotáveis e fecundas possibilidades de realização.

#### 4 Considerações finais

A poética corporal plasmada na obra *Linha-d'Água*, de Olga Savary, alude ao princípio da unidade originária entre homem e a natureza, na medida em que a transfiguração poética do corpo dos amantes manifesta-se à luz do movimento dinâmico do elemento da água. Com efeito, os poemas que integram a obra supramencionada, também em diálogo com os pertencentes a outras obras da escritora, desvinculam-se da abordagem teórico-metodológica associada à crítica feminista, voltada para a plena inscrição das mulheres seja pela dimensão literária, seja pela dimensão do próprio corpo. A abertura ontológica da poesia opera no sentido de superar as construções subjetivas e identitárias em direção a uma instância primordial, na qual a experiência corporal e os elementos naturais se confundem e se correspondem intrinsecamente no vigor das origens.

Em meio à dinâmica cíclica e incessante da natureza, a experienciação não somente do *élan* sexual, mas também do amor proporciona o retorno do homem às suas raízes telúricas, na medida em que reconhece o seu próprio corpo enquanto *hūmus*, “terra”, transmutando-se nas forças vitais do mundo natural. Desse modo, é importante ressaltar a densidade metafórica da poética da autora paraense que, no operar de sua obra, articula uma nova relação do homem com a natureza, a saber, um mergulho às origens, em que estes se encontram plenamente reconciliados na unidade do acontecimento erótico dos corpos amantes.

#### REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Edição organizada por Ivo Barroso. Tradução de Alexei Bueno et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 7. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1995. 5 v.

RICOEUR, Paul. *Do texto à acção: ensaios de hermenêutica II*. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, [19--].

SAVARY, Olga. *Linha-d'Água*. São Paulo: Massao Ohono/Hipocampo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Repertório Selvagem: obra reunida: 12 livros de poesia (1947-1998)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; MultiMais; Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

\_\_\_\_\_. *Vozes femininas da liberação do erotismo (momentos selecionados na poesia brasileira)*. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 4, p. 118-129, 2000.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *Olga Savary: erotismo e paixão*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2003. p. 253-261.

## **A CRÔNICA E O FUTEBOL: AS PERSONAGENS PELÉ E GARRINCHA, NOS TEXTOS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E NELSON RODRIGUES**

Breno Pauxis Muinhos - brenomuinhos@yahoo.com  
Orientadora: Dra. Tânia Sarmiento-Pantoja - nicama@ufpa.br

### **RESUMO**

A presente pesquisa tem por objetivo analisar convergências e divergências percebidas nas crônicas esportivas de Carlos Drummond de Andrade e de Nelson Rodrigues publicadas nas obras *Quando é dia de futebol*, de Carlos Drummond de Andrade, e *À sombra das chuteiras imortais*, de Nelson Rodrigues. Apontando antagonismo na visão crítica das obras. Para tanto, realizar-se-á uma breve discussão sobre o gênero crônica, alguns traços de sua origem no Brasil, bem como a relação entre crônica, jornalismo e Literatura. Além de uma exposição sobre estudos acerca de crônicas esportivas, por fim, selecionamos algumas das crônicas dos dois autores sobre futebol, privilegiando seus textos que possuem dois jogadores como personagens principais: Garrincha e Pelé.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Crônica, futebol, Nelson Rodrigues;

### **ABSTRACT**

The present work aims to analyze agreements and divergences observed in Carlos Drummond de Andrade's and Nelson Rodrigues's sports writings, published in the works *Quando é dia de futebol* by Carlos Drummond de Andrade, and *À sombra das chuteiras imortais* by Nelson Rodrigues. It will be pointing antagonisms in critical overview of the texts. A brief discussion about the genre sports writing is done, the origins in Brazil, as well as the relation between this genre, journalism and Literature. In addition to an exhibition on studies about sports chronicle finally selected some of the chronicles of the two authors about soccer, favoring his texts that have two players as main characters: Garrincha and Pelé.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, soccer.

### **1. Do folhetim à crônica**

Muitos pensam em Literatura como poesia ou prosa. A primeira carrega tal título desde a antiguidade, a segunda ergue-se como Literatura posteriormente. Já há algum tempo, sabemos que o ensaio e a crônica cada vez mais se inserem no mundo literato. Mas nem sempre fora assim. O caminho percorrido pela crônica foi árduo: não nos

remeteremos aos primórdios, mas somente sua trajetória no Brasil do século XIX, já é complexa o bastante.

Antonio Candido (1992) afirma que a crônica é um “gênero menor”. No entanto, se de um lado ela é desprovida de nobreza do ponto de vista da “alta literatura”, por outro, ao estar longe dos “bastiões literários superiores”, a crônica está mais próxima de nós; está mais próxima do leitor. E isto se dá, do ponto de vista do crítico, em virtude do fato de o gênero tratar justamente de assuntos cotidianos vazados numa estrutura formal de aparência solta, fazendo uso de uma linguagem próxima daquela do leitor.

Essa aparente “humildade” da crônica acaba por justificar que a abordagem dos assuntos seja mais próxima da realidade do leitor, pois esses assuntos são tratados com uma linguagem que transmite familiaridade ao destinatário, portanto há uma tentativa de convencer aquele lê; assimilar a matéria esmiuçada por aquele que escreve.

Antonio Candido (1992) ressalva que os outros gêneros não são “melhores” que a crônica ou tão distantes da realidade do leitor, apenas que os assuntos abordados por estes, a forma como são desenvolvidos e a linguagem que podem apresentar são típicas de pressupostos artísticos, o que nem sempre compõe o propósito do cronista. A crônica, considera, vê grandeza nas coisas miúdas e as expressa sem as pompas da linguagem. No entanto, isto não a distancia da poesia e da verdade.

Parte dessa aproximação para com o leitor, e seu cotidiano, não se deve somente à linguagem ou abordagem utilizada, mas também ao suporte que, comumente, viabiliza a difusão do gênero, o jornal. Tal suporte dialoga, inevitavelmente, com a perspectiva assumida pelo autor. Nas palavras de Antonio Candido (1992): “... e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão...”. Em suma, a crônica, a princípio, não tem pretensão de durar, uma vez que é veiculada em um suporte geralmente destinado ao descarte. Isso, de certa maneira, tira-lhe a pompa e a aproxima do leitor. Como se sabe, a crônica passará a outros suportes, chegando ao suporte livro, seja por vontade de seus criadores, seja por iniciativas de editores.

Conforme Antonio Candido (1992) e Jorge de Sá (1987), antes de se firmar e se constituir como um gênero estabelecido, chegando atualmente a figurar-se no formato livro, a crônica teve suas primeiras manifestações ocorridas apenas em um espaço particular, que se chamava folhetim. O folhetim que era, a princípio, um espaço restrito que se localizava no rodapé do jornal. Nesse espaço, surgido no século XIX, eram tratados assuntos dos mais diversos, muitos dos quais cotidianos, como questões



políticas, sociais, artísticas etc. Praticamente tudo o que pudesse informar os leitores dos fatos ocorridos naquele dia ou naquela semana eram assunto do folhetim.

Machado de Assis, em reflexão sobre a natureza e função do que seria o “folhetim”, que nessa época apresenta função similar ao da “crônica” que estava por surgir, assinala sua união entre o fútil e o útil, a combinação de seriedade com a frivolidade, a sua necessidade de, como um “colibri”, tomar os mais diversos assuntos por mote (MEYER, 1992). Ao tratar o folhetinista como “colibri”, que pousa de tema em tema, sem manter-se por muito tempo em um especialmente, Machado de Assis, ainda jovem, expressa muito bem qual era, e ainda é, o papel do folhetim, atualmente denominado crônica, na sociedade. Todavia, o folhetim a que Machado de Assis se referiu não é o romance folhetim, praticado por ele, por José de Alencar, Aluísio Azevedo e tantos outros escritores do século XIX. O romance folhetim ganhou esse nome justamente porque ocupou o espaço do folhetim nos rodapés dos jornais, transferindo-os para outras colunas. Portanto, afirma-se que ambos acabavam por apresentar-se no mesmo espaço; um servindo-se de um fato ocorrido, explicitando uma opinião, e o outro produzindo uma narrativa de natureza ficcional, que pode ser definida, como aponta Karlheinz Stierle:

Um passo adiante e, no meio tão-só da linguagem, está a ficção autotélica. Ela é, ao mesmo tempo, a máxima intensificação do imaginário, na medida que o imaginário, para atingir sua maior descarga, precisa sobretudo de configuração artística. (STIERLE, 2006, p. 16)

Apesar da afirmação do crítico alemão, para Jorge de Sá (1987), é importante reiterar a diferenciação que a crônica aos poucos assume se comparada aos outros gêneros literários. De seu ponto de vista, a crônica vai ganhando, com o passar dos tempos, uma identidade mais literária. Referindo-se a João do Rio e sua obra *As religiões do Rio*, e a Rubem Braga, literato mais recente que apresenta trato similar ao de Paulo Barreto, evidencia-se que não apenas o enfoque mudou, mas também a estrutura e a linguagem utilizada. Apesar de aproximar a crônica de gêneros literários de fato, Jorge de Sá (1987) assinala que em outros gêneros, como o romance de folhetim e o conto, o autor elabora personagens, cenário, tempo e atmosfera para sua composição, diferente do que ocorre com a crônica que se apresenta de forma mais solta, haja vista

que o fato apresentado não é exposto por um narrador, que muitas vezes é uma personagem, e sim por um repórter.

Além dos detalhes, expressos através da opinião do cronista, que ajudam a dar concretude ao texto, há de se enfatizar também as distinções que se faz da crônica para com outros gêneros, principalmente o conto, em virtude do tamanho do texto desenvolvido. Tanto o conto como a crônica, ocupam um espaço menor do reservado ao romance ou à novela. Todavia, a crônica não necessariamente possui pretensões ficcionais. A crônica é um registro circunstancial realizado por um narrador-repórter que relata um determinado fato não apenas a um receptor, mas sim a vários receptores que conjuntamente criam um público específico. Tal público procura a crônica escrita sobre um determinado assunto, ou de um determinado jornal ou de um determinado cronista.

Diante de tais reflexões, percebe-se uma grande diferença em relação ao conto ou qualquer outro gênero literário, que aparenta não sofrer tais limitações. Outro fator de cisão importante, como já relatado como aparente semelhança, seria o tamanho: o tamanho do conto é proposital à narrativa que esteticamente necessita atingir em poucas linhas seu clímax, já a crônica limita-se a um espaço menor por dividir, no jornal, tal espaço com notícias e outras matérias de assuntos similares ou diversos. O tempo também é outro fator determinante. Assim como os outros gêneros citados, a produção e publicação do conto proporcionam tempo livre à vontade daquele que o escreve, enquanto o cronista que divulga seus textos nos periódicos, não dispõe de tanto tempo para uma elaboração dispendiosa e pausada. Ela deve obedecer à temporalidade do veículo que a divulga, seja ele o jornal, ou mesmo, atualmente, a revista, o site, o blog entre outros. Além desse tempo restrito de produção, a crônica também conta com outras restrições, como a temática, afinal o cronista deve relatar sua opinião sobre fatos que se modificam rapidamente: o cotidiano, conflitos armados, reviravoltas políticas, competições esportivas etc.

Esse espaço e tempo reduzidos e a temática pré-estabelecida determinam, entre outros fatores apontados, a habilidade do cronista. Determinam o valor da crônica. Angélica Soares (2006) explica que a crônica é um gênero inevitavelmente ligado ao tempo, ou, melhor, ao seu tempo; como sugere as origens de seu próprio nome: crônica deriva de *chrónos*, do grego, que significa tempo. Seria um registro que está marcado pelo tom circunstancial do gênero que registra o imaginário coletivo nas suas mais diversas manifestações cotidianas. Apesar de tais limitações já mencionadas, o cronista

tem certa liberdade ao lidar com seu texto, principalmente quando dá ênfase a sua capacidade literária. Tal versatilidade acaba por ser sua primazia, pois ainda que trate de fragmentos de opiniões, a crônica nunca se propõe a registrar a totalidade do ocorrido, mas sim a dar qualidade e facilidade na exposição de determinada opinião emitida pelo cronista que a constrói.

## 2. Jogadores e personagens: Pelé e Garrincha

O estranhamento em relacionar a Literatura ao futebol não incomum. Ainda que existam as mais diversas pesquisas em torno do tema, não é raro encontrar opiniões advindas de intelectuais que reforçam tal separação. Como é exposto na afirmação de Adorno (1993): “Se a consciência, mediante o desencantamento do mundo, se libertou do estremecimento antigo, aquele reproduz-se permanentemente no antagonismo histórico de sujeito e objecto.” Em que o sujeito representa-se pela classe intelectual e o objeto pelo futebol (sua representação nas mais diversas formas) como fenômeno de estudo. No início do século XX muitos escritores como Olavo Bilac, Paulo Barreto, Coelho Neto, Lima Barreto e Graciliano Ramos trataram sobre o futebol, em seus mais diversos sentidos ou propósitos, em suas crônicas. Na segunda metade do século XX, essa produção continuará ocorrendo.

Ao trabalhar diretamente com o estudo de crônicas esportivas em *Mil e uma noites de futebol* (2006), Marcelino Rodrigues da Silva, atribui à imprensa esportiva atuações essenciais na elaboração dos sentidos que o futebol vai assumindo rapidamente nos grandes centros populacionais nas mais diversas partes do país. O posicionamento do estudioso, sobre os estudos a respeito dos sentidos que o futebol pode assumir, propõe que há dois fortes sentidos que se sobressaem: a sacralização do esporte como meio de afirmação de uma comunidade ou grupo específico, e são os discursos que constroem os símbolos mais latentes. A cristalização desses sentidos está diversas vezes relacionada a espetáculos esportivos amplamente divulgados e comentados em crônicas esportivas expressas muitas vezes nos periódicos da época.

A partir das considerações anteriores, selecionamos para análise as crônicas escritas por Nelson Rodrigues e Carlos Drummond de Andrade sobre futebol que foram desenvolvidas com alguns assuntos em comum: os textos que abordam as façanhas de Pelé e Garrincha, jogadores muito populares na época que algumas vezes compuseram o selecionado brasileiro na disputa de alguns Campeonatos Mundiais. Tais crônicas foram

selecionadas em duas coletâneas: *À sombra das chuteiras imortais* (1993), onde estão algumas crônicas de Nelson Rodrigues, e *Quando é dia de futebol* (2002), onde são contempladas algumas de Carlos Drummond de Andrade. É fato, que se pretende aqui ressaltar as relações das crônicas selecionadas com elementos literários mais latentes, e os aspectos sociais da época em que foram escritas. Ainda que saibamos que de forma alguma tal escolha não esgota as obras, “[...] Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra” (CANDIDO, 1967).

Observando tais afirmações, desde a importância do homem por trás da bola de Nelson Rodrigues à visão do torcedor de Carlos Drummond de Andrade, trataremos a seguir de analisar, a partir de paralelos, aquelas que apresentaram temas em comum. Ainda que os temas sejam os mesmos nas crônicas escolhidas para análise iremos notar posteriormente a forma como cada cronista trata do assunto, tendo enfoque a dramatização de Nelson Rodrigues e o lirismo crítico de Carlos Drummond de Andrade.

Em “Pelé: 1.000”, publicada no *Jornal do Brasil*, em 28/10/1969, o jogador Pelé, nas letras de Drummond, é um objeto criador, um artista genuíno – ou um exemplo para ser seguido, para ser lembrado, como afirma o cronista, em uma nação necessitada de heróis e exemplos. Pode-se explicar, com base em Jorge de Sá (1987), que Drummond constrói uma imagem poética perfeita em suas crônicas utilizando o jogador e as une para encontrar a essência. As façanhas do “Rei do Futebol” são resumidas em uma crônica que fala de seu gol número mil. Até aquele momento, nenhum jogador profissional conhecido havia atingido tal conquista.

O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. (...) A obra de arte, em forma de gol ou de texto, casa, pintura, som, dança e outras mais, parece antes coisa-em-ser na natureza, revelada arbitrariamente, quase que à revelia do instrumento humano usado para a revelação. (...) Afortunadamente, no caso de Pelé, a comida de arte que ele oferece atinge o paladar de todos. O futebol é desses raros exemplos de arte corporal e mental que promovem a felicidade unânime, embora dividindo a massa, pois a fusão íntima se opera em torno da beleza do gesto, venha de que corpo vier. (...) Não sei se devemos exaltar Pelé por haver conseguido tanto, ou se nosso louvor deve antes ser dirigido ao gol em si, que se deixou fazer por Pelé, recusando-se a tantos outros. Ou ao gênio do gol, que

se encarnou em Pelé, por uma dessas misteriosas escolhas que a genética ainda não soube explicar, pois a ciência, felizmente, ainda não explicou tudo neste mundo. (ANDRADE, 2002, p. 196)

Como Drummond, Nelson também escreve sobre a proeza de Pelé em 21/11/1969 no jornal *O Globo* publicou: “O gol mil”. Sempre sem deixar de lado sua hipérbole constante, o cronista relaciona o feito de Pelé como um feito de todos os brasileiros. A valorização ao ocorrido é bem expressiva relacionando o jogador à nação e a todos os brasileiros que a constituem – principalmente ao postulá-lo como um fato histórico.

A representação do jogador é superior à pessoa em si. Nas crônicas ele passa a ser uma personagem – símbolo de afirmação nacional, resistência do próprio povo diante dos variados problemas que abalam o país, geralmente popularizados pelo próprio veículo que cria a personagem: o jornal.

Amigos, a cidade tem 5 milhões de habitantes, talvez mais. Pois esses 5 milhões deviam estar presentes, anteontem, no Estádio Mário Filho para ver o milésimo gol de Pelé. (...) Quando a bola foi colocada na marca do pênalti, criou-se um suspense colossal no estádio. (...)

Ao que íamos assistir já era História e já era Lenda. Imaginem alguém que fosse testemunha de Waterloo, ou da morte de César, ou sei lá. No ex-Maracanã, fez-se um silêncio ensurdecador que toda cidade ouviu. (...) E quando Pelé estourou as redes, o Estádio Mário Filho voou pelos ares. Desde Pero Vaz de Caminha, nenhum brasileiro recebera apoteose tamanha. De repente, como patrícios do guerreiro, cada um de nós sentiu-se um pouco co-autor do feito. Pelé voou, arremessou-se dentro do gol. Agarrou e beijou a bola. E chorava, o divino crioulo. Cem mil pessoas, de pé, aplaudiam como na ópera. Depois, assistimos à volta olímpica. Pelé com a camisa do Vasco. Naquele momento éramos todos brasileiros como nunca, apaixonadamente brasileiros. (RODRIGUES, 1993, p. 182)

Tendo explicação de Angélica Soares (2006), sobre o cronista e seu tempo, é clara a representação da crônica como o instante petrificado, guardado no tempo que aparece em ambos os textos, nos quais a representação ou a identificação daquele que lê

as crônicas ou assiste os jogos para com aqueles que jogam ou dos quais se escreve a respeito.

Assim como Drummond entusiasma a existência de Pelé como elemento criador de arte, ressalta-se aqui a crônica na qual ele fala de Garrincha: “Mané e o sonho”, publicada pelo *Jornal do Brasil* em 22/01/83, há a exposição da importância dele na “felicidade do povo”, que, segundo o cronista é o futebol. Se Pelé é um exemplo perfeito, Mané não é tão perfeito, porém é necessário.

A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com que o futebol se tornasse a felicidade do povo. Pobres e ricos param de pensar para se encantar com ele. (...) Mané Garrincha foi um desses ídolos providenciais com que o acaso veio ao encontro das massas populares e até os figurões responsáveis periódicos pela sorte do Brasil, ofertando-lhes o jogador que contrariava todos os princípios sacramentais do jogo, e que no entanto alcançava os mais deliciosos resultados. Não seria mesmo uma indicação de que o país, despreparado para o destino glorioso que ambicionamos, também conseguiria vencer suas limitações e deficiências e chegar ao ponto de grandeza que nos daria individualmente o maior orgulho, pela extinção de antigos complexos nacionais? (...) Garrincha, em sua irresponsabilidade amável, poderia, quem sabe? , fornecer-nos a chave de um segredo de que era possuidor e que ele mesmo não decifrava, inocente que era da origem do poder mágico e de seus músculos e pés. Divertido, espontâneo, incoseqüente, com uma inocência que não excluía espertezas instintivas de Macunaíma – nenhum modelo seria mais adequado do que esse, para seduzir um povo que, olhando em redor, não encontrava os sérios heróis, os santos miraculosos de que necessita no dia-a-dia. (ANDRADE, 2000, p. 218)

A personagem literária escolhida é Macunaíma. Muitas vezes percebido como um esboço da construção do “homem brasileiro” de Mário de Andrade. A identificação, como já exposto, de torcedores/leitores para com o jogador/personagem fora favorecida pela presença do cronista que, já nos tempos de Mário Filho, utilizava a figura do

jogador humilde para representar um herói. Nelson Rodrigues também enfatiza a importância de Garrincha para o futebol brasileiro; em apenas um jogo, o cronista identifica como é especial aquele jogador que tanto identifica o povo – por meio de suas jogadas magníficas e feitos fantásticos. Não é apenas um jogador que se destaca, mas um símbolo de resistência, o texto é mais do que se expõe, como afirmado por Sartre (1989): “Ora, a obra jamais se limita ao objeto pintado, esculpido ou narrado; assim como só percebemos as coisas sobre o fundo do mundo, também os objetos representados pela arte aparecem sobre o fundo do universo”. Tal crônica apresenta fortemente um sentido além, pois é um momento de declínio da carreira do jogador, mas que um jogo bastara para Nelson Rodrigues colocá-lo em destaque. Em texto publicado em 13/11/1969 no jornal *O Globo*, o cronista chega até expor que Garrincha vencera o 2º campeonato mundial para o Brasil sozinho:

Amigos, eu considero um pobre-diabo o brasileiro que não esteve, sábado, no Estádio Mário Filho, vendo e vivendo a festa de Garrincha. (...). Somos tão cegos que não enxergamos o óbvio ululante, isto é, que ninguém faltaria, ninguém. (...) Vejam vocês como são as coisas. Garrincha viva por aí, mais abandonado, mais desprezado do que um cachorro atropelado. (...) Pode-se dizer que de uma maneira geral, ninguém jamais admitiu a sua ressurreição. (...) Em 58 e 62, a nossa felicidade dependeu de suas pernas tortas. (...) Mas foi Mané que ganhou. Estreava na Copa. Quando recebeu a bola, no primeiro minuto de jogo, driblou um russo, mais outro, outro mais, como no soneto. (...) Em 62, os Andes se prostraram diante do seu gênio. Pelé saiu no segundo jogo e não voltou mais. Garrincha ganhou sozinho o bicampeonato. E, súbito, aquele rapaz da Raiz da Serra compensou-nos de todas as nossas humilhações pessoais e coletivas. (...) Em 58, ou 62, o mais indigente dos brasileiros pôde tecer a sua fantasia de onipotência (...). (RODRIGUES, 1993, p. 157)

O jogador assume, nas crônicas de Drummond e Nelson, uma representação do “herói nacional”, ou, melhor, um “anti-herói”, que se afasta e se aproxima do próprio povo que se identifica; ainda que coberto de defeitos, uma representação dos vícios e virtudes do povo/torcedor. Aquele que incorpora os ritos de sacralização e sublimação do jogo/guerra e da própria vida.

A crônica literária pode ter sido vista como um “gênero menor” por alguns, entretanto percebemos que encontrou, e tem se afirmado, seu lugar fortemente entre o cânone. A percepção e interpretação de tais obras de maneira semelhante a que são feitas a poemas e prosas, nos ajuda a entender a importância que o gênero possui. Como assinalado por Theodor Adorno:

Quanto mais profundamente se decifram as obras de arte, tanto menos o seu antagonismo permanece absoluto em relação à práxis; também elas são um outro enquanto seu elemento primeiro, seu fundamento, a saber, esse antagonismo, e expõem a sua mediação. São menos e mais do que a práxis. (ADORNO, p. 270)

O tema, também, visto como superficialidade e alienação (o que, naturalmente, pode vir a apresentar de fato, ou ser usado como tal), pode na maioria das vezes, estar carregado de elementos que nos leva a uma compreensão da própria cultura e sociedade que se envolve, não é incomum encontrar romances, contos e poemas que tratem de tal assunto. Críticos e educadores devem enfatizar os diversos sentidos que se esmiúçam no gênero e no tema, com vistas à formação cada vez mais crítica e contributiva por parte dos mais diversos leitores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Teoria Estética**. [trad. Artur Morão] Lisboa: Edições 70, 1993.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Record, 2002.
- CANDIDO, Antonio. A Vida ao Rés-do-Chão. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e sociologia**. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1967. p. 3-17.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. In: **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro, Ed. Unicamp, 1992.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. [coord. Ruy Castro] 3ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1993. [Coleção das obras de Nelson Rodrigues, 4]
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3ª edição, São Paulo: Ática, 1987. [Série Princípios, 5]
- SARTRE, Jean-Paul. **Por que escrever?**. In: *Que é a Literatura?* [1947]. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989. p. 32-53.



SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 6ª edição, São Paulo: Ática, 2006. [Série Princípios, 166]

## A QUESTÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM “TERRA SONÂMBULA”, DE MIA COUTO

VELASCO, Breno Ricardo da Silva – thaekhs@yahoo.com.br  
 FERNANDES, José Guilherme dos Santos – mojuim@uol.com.br

**Resumo:** O presente artigo objetiva discutir traços culturais relativos ao romance *Terra Sonâmbula* (1992), do escritor Moçambicano Mia Couto, delimitando o processo histórico pós-colonial envolvido na obra e questões culturais ligadas à identidade nacional presente na narrativa.

**Palavras-Chave:** Identidade cultural, Identidade nacional, Terra Sonâmbula.

**Abstract:** The current paper aims to discuss cultural features related to the novel *Terra Sonâmbula* (1992), by the Mozambican writer Mia Couto, by delimiting the post-colonial historic process involved in the production of the opus and cultural issues linked to the national identity presented on the narrative.

**Keywords:** Cultural identity, National identity, Terra Sonâmbula.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Inicialmente, esta pesquisa tem como ponto inicial análise superficial dos discursos presentes no romance *Terra Sonâmbula*, do escritor moçambicano Mia Couto. Essa abordagem das várias vozes faz-se necessária para compreender as questões socioculturais implícitas na obra, perpassando por breve análise do estilo da narrativa (estrutura da obra em si) e alcançando o conteúdo como forma de questionamento sobre a formação identitária do Moçambique que nos é apresentada através do enredo.

A abordagem dos discursos corrobora para chegarmos a uma noção de constructo político, crucial ao interpretar como os processos de interação entre as etnias passam a ser mediados de acordo com a contextualização histórica. Para tanto, nos guiamos pela análise do discurso de caráter foucaultiano no que diz respeito às estruturas de poder e suas instituições, quando Michel Foucault supõe que

“em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, seleccionada [sic], organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, [...] disfarçar a sua pesada, temível materiabilidade” (FOUCAULT, 1971: p. 2)

Prosseguindo seu pensamento, Foucault chega à ideia de que doutrinas (religiosas, políticas, filosóficas) tendem a se difundir entre os indivíduos, e é nesse entremeio que se estabelece uma “pertença recíproca” (FOUCAULT, 1971: p. 11) que tem em comum um conjunto de discursos dispostos pelas doutrinas.

No âmbito teórico dos aspectos culturais, partimos das distinções sobre tipos de sujeito feitas por Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade*, e consequência da hibridação argumentadas pelo autor jamaicano.

De modo a adequar o aparato conceitual desta pesquisa e chegarmos a uma interpretação de Identidades/Identificações culturais mais específica, exploraremos posteriormente determinadas ideias de Eduard Glissant pertinentes às funções da Literatura, e algumas clarificações terminológicas do filósofo italiano Antonio Gramsci acerca de literatura popular.

## CONTEXTOS DA LITERATURA MOÇAMBICANA

Moçambique foi uma das colônias de Portugal no continente africano, colônia cuja exploração iniciara-se nas primeiras décadas do século XVI, tendo obtido independência política da metrópole europeia somente em 1975.

Antes da mudança política, a literatura existente em Moçambique, de cunho anti-colonial e pré/pro-independência, representada por escritores militantes como Luís Bernardo Honwana, Orlando Mendes, José Craveirinha, dentre outros, possuía questionamentos voltados ao referido momento histórico (oposição ao domínio neocolonialista europeu em terras africanas).

No século XX, a luta pela independência política de Moçambique contra o neocolonialismo lusitano foi liderada por vários segmentos através de greves dos trabalhadores locais, manifestações pela arte e literatura, alijados por movimentos nacionalistas armados, com destaque à FRELIMO (Frente de Libertação do Moçambique). Pouco após a formalização da independência política de Moçambique, um novo conflito pelo controle do país se iniciara, desta vez entre os grupos políticos FRELIMO e RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), conflito que se alastrou e tomou porte de guerra civil. Sobre este peculiar passado recente de Moçambique, Mia Couto, em entrevista, alega que

“[a] guerra nasceu fora do país, de uma agressão externa, que depois se converteu num certo grau de violência interna. A Frelimo, ao longo dos primeiros anos de governo, era cega e arrogante em relação a práticas religiosas tradicionais e a valores mais antigos. Quando as pessoas perceberam que havia alguma alternativa de parar aquilo, que a Frelimo via como avanço da modernidade, aderiram à violência. E a grande bandeira da Renamo, que fazia guerra contra a Frelimo, era contra o comunismo, mas ninguém aqui sabia o que era comunismo”. (MUNIZ, 2012)

A fala citada do autor se assemelha ao excerto “O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido seus privilégios” (COUTO, 1992: p. 19), o que nos faz associar certas noções críticas entre narrador e autor em determinados trechos do romance. Todavia, esta pesquisa não analisa a obra aos moldes de biografismo, por não constituir abordagem adequada à interpretação da obra.

A respeito do conflito em Moçambique, a guerra teve seu agravamento ainda no fim da década de 1970, tendo um acordo de paz sido proposto entre os grupos armados somente em 1992, após o qual a ONU (Organização das Nações Unidas) passou a supervisionar o processo de reorganização interna do país.

Aqui se faz notória a diferença entre o processo de independência das colônias durante o século XIX – galgado pelos ideais da revolução francesa (caso do Brasil) – e o processo libertário das províncias ultramarinas noutro momento histórico – impulsionado após a segunda grande guerra (1939-1945).

Um fenômeno multifacetado derivado desta segunda forma de emancipação nacional é o processo de retorno dos colonizadores ao país de origem, geralmente para fugir dos conflitos armados nas colônias; em outros casos a permanência de alguns

colonos no período de independência como uma possível maneira de continuar em posições políticas ligadas ao governo; e, ainda, a migração dos nativos das colônias (então libertos do jugo europeu) para as metrópoles em busca de melhores chances de subsistência. A observação desse fenômeno nos ajuda refletir sobre a ideia de identidade cultural e outros elementos relevantes neste tipo de estudo, assim como compreender o processo de deslocamento e hibridismo sócio-cultural peculiar no século XX.

## O AUTOR E O ROMANCE ABORDADO

Antônio Emílio Leite Couto, conhecido por Mia Couto, nasceu em 5 de Julho de 1955 na cidade da Beira, em Moçambique. É filho de uma família de emigrantes portugueses. O pai, Fernando Couto, natural de Rio Tinto, foi jornalista e poeta, pertencendo a círculos intelectuais do país. Publicou dois livros que demonstraram preocupação social em relação à situação de conflito existente em Moçambique. Mia Couto publicou os seus primeiros poemas no jornal local Notícias da Beira, com 14 anos. Embora tenha iniciado seus escritos com poesia, posteriormente passou a escrever suas obras em prosa.

Em 1972 deixou sua cidade natal e foi para a capital Lourenço Marques (atualmente, Maputo) para estudar medicina. A partir de 1974 iniciou carreira em jornalismo, tornando-se, com a independência, repórter e diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM), da revista semanal Tempo e do jornal Notícias durante parte da década de 1980. Em 1985 deixou a carreira jornalística. Retornou à Universidade Eduardo Mondlane graduando-se em biologia, e especializando-se na área de ecologia, área em que atua profissionalmente.

A primeira edição de *Terra Sonâmbula* foi publicada em 1992, sendo o primeiro romance de Mia Couto. O romance narra o percurso do jovem Muidinga e do velho Tuahir, seu protetor nas andanças pelas estradas que cortam o interior do Moçambique. Enquanto tomam rumo pela estrada, ambos se deparam, inicialmente, com um machimbombo incendiado. Neste, a dupla encontra, além de corpos carbonizados, doze cadernos que não foram atingidos pelas chamas. Nos cadernos há relatos das experiências de um jovem chamado Kindzu. A partir dos escritos de Kindzu que Muidinga lê para o velho Tuahir, a narrativa do romance alterna entre o remontar dos primórdios da guerra na vida do protagonista daqueles escritos (que misturam traços memorialísticos, míticos e fantasiosos para a composição da perspectiva da personagem), e a sobrevivência dos que se deslocam no decorrer da guerra. Mais do que a sobrevivência física, as personagens tentam perseverar em suas tradições, manterem memórias e sonhos diante das consequências da guerra civil.

Mia Couto também entretetece um discurso de cunho histórico (mas não estritamente historiográfico) ao tratar da jornada das três personagens no contexto da guerra civil que assolou o país entre 1975 e 1992. O aspecto ficcional decantado pelo autor remonta alguns detalhes do momento histórico supracitado, menciona diversos elementos culturais que compõem a identidade de um Moçambique independente.

“Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz.” (COUTO, 1992: p. 17)

Assim é iniciada a narrativa do capítulo “*Primeiro Caderno de Kindzu: O tempo em que o mundo tinha a nossa idade*”, excerto no qual vemos indícios de certa indefinição de como lidar com o caos da guerra, e, mais abrangentemente, garantir a voz

metafórica daqueles que foram mortos e esquecidos na violência da guerra (como deixar de ser “uma sombra sem voz?”).

Na obra, vemos em ação um novo tipo de herói que não do estereótipo europeu. O herói de face e voz africanas que cruza terras e caminhos tipicamente tradicionais às raízes dos povos moçambicanos. No texto “Arte Engajada”, Benjamin Abdala Junior, ao analisar a *práxis histórica de um grupo social*, reitera a ideia de que

“grupos marginalizados podem construir modelos de práxis convenientes para enfrentar a adversidade social. Na literatura, a apropriação desses modos de articulação pode propiciar uma escrita inovadora, bem elaborada do ponto de vista artístico e com identificação com linhas estruturais da cultura marginalizada.” (ABDALA JR, 2007: p. 86)

Do ponto de vista estilístico, *Terra Sonâmbula* possui inovações linguísticas que recorrem à língua portuguesa transformada por neologismos e outras *brincadeiras*. Mia Couto também traz à forma escrita a tradição oral do povo moçambicano, fato perceptível em muitos de seus contos. No caso particular do romance aqui tratado, a leitura dos cadernos de Kindzu que é feita pela voz de Muidinga (narrativa *mise en abyme*) se assemelha ao ato de contar histórias, lendas, fábulas. O inusitado fica por conta de o jovem com amnésia poder ler/contar para o velho e analfabeto Tuahir histórias de um passado tão presente, enquanto ambos se destinam por mesmas estradas, na tentativa de fugir do fantasma da guerra.

Contudo, esta pesquisa não enfatizará a análise do discurso mitológico do “herói” em *Terra Sonâmbula*, embora breves pesquisas tenham sido feitas acerca do caráter mitológico conceituado em *A imagem mítica* e *O poder do mito*, de Joseph Campbell

## UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

A ideia de “o mesmo” provém do étimo latino *idem*, enquanto o sufixo *dade* significa estado ou qualidade. A busca pela ideia de semelhança entre indivíduos de tradições, costumes e orientações culturalmente distintas, aqui sem considerar ainda a questão étnico-racial que é marcante na relação entre colonizador e o recém-liberto, esbarra nas relações de poder, na escolha dos novos símbolos e representações que possam agregar os “fragmentos sociais”, elementos legitimados pelo discurso das instituições político-culturais.

Stuart Hall trabalha com o conceito de *sujeito pós-moderno* como “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006: p. 12) e desenvolve essa noção no processo de globalização que influi na identidade cultural dos povos e nações. Em contrapartida, o autor propõe a desconstrução da ideia de *cultura nacional* ao questionar, dentre outros processos e discursos, se há de fato um efeito unificador nos processos usuais de homogeneização.

Retomando a obra moçambicana, a narrativa apresenta o destino da personagem Junhito:

“Junhito se foi alonjando de nossa vidas, proibidos que estávamos só de mencionar sua existência [...]”

Uma manhã, a capoeira amanheceu sem ele. Nunca mais o Junhito. Morrera, fugira, se infinitara?” (COUTO, 1992: p. 22)

Junhito, cujo nome foi dado pelo pai Taímo em homenagem à Independência de Moçambique (25 de Junho de 1975), desaparecera ainda nos primórdios da guerra civil,

o que perfaz a alegoria do sumiço da independência em vida. A morte do pai Taímo, símbolo do sonho, da tradição também perfaz as mudanças que põe em movimento o destino de Kindzu.

Todavia, o panorama da literatura africana de expressão lusófona encontra certas incompatibilidades conceituais para outras interpretações, por ser de ordem mais complexa.

O pluralismo cultural constatado no romance (os nativos das aldeias, o pastor Afonso, a família do indiano Surendra, os lendários índios naparamas) exemplifica um recorte de perspectivas das personagens num dado momento histórico significativo, sem intentar definir uma única identidade. A narração de grupos ou etnias variadas dá pistas sobre como começar a estabelecer a ideia de uma nação moçambicana. Na verdade, a questão sobre a construção da (ideia de) nação, sustentada pelas identidades oriundas do povo, abrange muito mais do que literatura, e suscita conceitos sociológicos e de outras áreas que explicitam a relação da obra literária para com aspectos da realidade. Logo, a ideia de engajamento da obra literária e de seu autor surge de maneira mais veemente, mais objetiva em relação à contemporaneidade do autor e do público.

O pesquisador Otávio Ianni, ao discutir acerca de Nação e Narração em *Sociedade e Literatura no Brasil*, afirma que a questão nacional é vinculada à sociologia e à literatura, pois estas ajudam “a estabelecer o território e a fronteira, a história e a tradição, a língua e os dialetos, a religião e as seitas, os símbolos e as façanhas, os santos e os heróis, os monumentos e as ruínas.” (SEGATTO & BALDAN, 1998: p. 14). Apesar de Mia Couto já ter sido membro da FRELIMO, sua participação política no período de produção de *Terra Sonâmbula* já estava mais distante devido ao envolvimento do partido com o movimento armado. A literatura inovadora do escritor moçambicano superava o momento de conflito pós-colonial e evidenciava questões mais atuais, já nos tempos de paz e liberdade mais consolidadas.

Em adição, a devida percepção dos elementos e processos sistematizados nos meios, pelos quais o escritor transita e nos quais o leitor está inserido, é um dos fatores que propicia o engajamento. Como Benoît Denis propõe, “o engajamento procede [...] da consciência que o escritor possui da sua historicidade: ele se sabe situado num tempo preciso, que o determina e determina a sua apreensão das coisas; [...]” (DENIS, 2002: p. 38). O possível engajamento de *Terra Sonâmbula* se fundamenta nas questões próprias do período de reestabilização do país, que ainda constrói seus processos internos, advindos da interação de identidades fragmentadas e sua relação mais abrangente com o processo de globalização em Estados de modernização tardia, pensamento que converge à articulação entre “global” e “local” discutida por Stuart Hall, e que, por conseguinte, se vincula às ideias indissociáveis discutidas na perspectiva latino-americana sobre literatura, sociedade e cultura.

A pesquisa ainda em curso procura abordar a identidade moçambicana presente na narrativa de *Terra Sonâmbula*. Outros conceitos, mais complexos, e ainda em análise para o desenvolvimento da dissertação, incluem definições em torno do processo de identificação de um povo, e como as representações literárias no romance em questão permitem uma abordagem mais centrada na construção identitária do Moçambique no período de reestruturação.

A discussão nos estudos culturais sobre os variados conceitos de identidade exige, frequentemente, visitar outros autores e conciliar, quando for possível, ideias que propiciam melhor compreensão de certas obras literárias. Afinal, como definir a Identidade de uma nação?

Para que seja possível entender do que se trata o conceito de identidade nacional é necessária uma distinção entre os termos *nação* e *Estado-nação*. A ideia de *nação* remete a reunião de pessoas, geralmente do mesmo grupo étnico, que falam o mesmo idioma e tem os mesmos costumes, formando assim, um povo. Porque partilham certas características em comum, seus membros têm consciência de que constituem um corpo ético-político diferente de outros grupos (usualmente, cada povo se caracteriza pelos seus aspectos históricos). Uma nação se mantém unida pelos hábitos, tradições, religião, língua e consciência nacional. Elementos tais quais território, religião, língua, tradição e costumes não denotam necessariamente o caráter de uma nação; o conceito de Estado-nação parte da ideia de que uma nação cultural tende a se estabelecer em um território próprio (um país), organizado por instituições políticas e sociais que compõem o Estado, dentre as quais o Governo.

Outras referências que são imprescindíveis para abordar outro conceito, o de “deslocamento”, incluem as principais ideias do teórico indiano Homi Bhabha, assim como mais estudos sobre as hipóteses defendidas por Stuart Hall em *Da diáspora: identidades e mediações culturais*.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JR, Benjamin. Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa. *Gragoatá*. Niterói: 1. sem. 2008, n. 24, p. 31-44.
- \_\_\_\_\_. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- BALEIRA, Sérgio. Nações Concorrentes- Estratégias de Construção de Identidade. In: Fry, Peter (org.). *Moçambique-Ensaio*. Rio de Janeiro: URFJ Editora, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. *A imagem mítica*. Campinas/SP: Papyrus, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992. 160 p.
- \_\_\_\_\_. *O fio das missangas*. São Paulo: Schwarcz, 2009. 147 p.
- DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. São Paulo: EDUSC, 2002.
- FERRI, Franco. (Coord.) *Política e história em Gramsci*. Trad. de Luiz Mário Gazzano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. de Edmundo Cordeiro. 1971. Disponível em: <<http://www.portalentextos.com.br/livros-online-dw.html?id=69>>
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GREENWALD, Andy. *Postcolonialism as hope*. Mar 2002. Disponível em <<http://postcolonialweb.org/poldiscourse/greenwald2.html>>
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MARTINHO, Ana Maria Mão-de-ferro. *Cânones literários e educação: os casos angolano e moçambicano*. Fundação Caloust Gulbenkian (FCG) & Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), 2001.

MUNIZ, Estevan. Mia Couto e a paz. *Revista do Brasil*. Ed. 72, jun. 2012. Disponível em: < <http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/72/entrevista>>

SEGATTO, José Antonio & BALDAN, Ude (orgs.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.



## A MEMÓRIA LITERÁRIA EM TRÊS CONCEITOS

Edvaldo Santos Pereira<sup>104</sup>

Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões<sup>105</sup>

**RESUMO:** Com o objetivo de demonstrar a importância da identificação de elementos de outras áreas presentes no texto literário, o presente trabalho é uma reflexão acerca da representação da memória histórica em obras literárias. Essa memória se faz presente em diversos aspectos de uma vida social a que estamos sujeitos e de que fazemos parte, dentre as quais destacam-se as manifestações culturais que se apresentam como marcas de identidade de um povo, e também fazem parte de sua própria história. O trabalho tem como foco literário o livro de poemas *Batuque*, de Bruno de Menezes, com base de análise em três aspectos: a história social, a cultura e a identidade cultural, como elementos de reconhecida importância na representação da memória, no texto poético.

**Palavras-chave:** Memória histórica, história social, cultura, identidade cultural

**SUBSTRACT:** In order to demonstrate the importance of identifying the elements present in other areas in the literary text, this work is a reflection on the representation of historical memory in literary works. This memory is present in many aspects of social life to which we are subject, and to which we belong, among which we highlight the cultural events that present themselves as marks of identity of a people, and also part of their own history. The work focuses in the literary book of poems *Batuque*, of Bruno de Menezes based analysis in three aspects: social history, culture and cultural identity, as elements of recognized importance in the representation of the memory, in the poetic text.

**Keywords:** Historical memory, social history, culture, cultural identity

---

<sup>104</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA

<sup>105</sup> Profa. Dra. Integrante da linha de pesquisa Literatura, cultura e história do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA, orientadora do autor deste trabalho.

O registro de memória em obras literárias é frequentemente observado, sobretudo no que diz respeito à memória histórica, representada pela contextualização do momento de que se apropria a criação artística, não só como cenário, mas também como tema. Diferente da memória registrada pela história, a memória recriada na Literatura tem como forma de expressão o caráter fictício, ainda que comprometida com a verossimilhança, o que faz da Literatura uma arte que, mentindo a realidade, não deixa de ter relação com a objetividade do factual próprio da história, pois, como afirma Antonio Candido: “Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la”<sup>106</sup>. Em seu modo de exagerar a realidade, a Literatura recorre à memória como fonte de inspiração para sua criação. Mas não somente da Literatura, a memória também é a mola propulsora da História, que busca provas concretas que tragam a consistência devida para compreensão da sociedade, num processo que acompanha a humanidade, desde os primórdios de sua existência.

Sob a hipótese de que o ser humano, em qualquer momento da vida, está ligado às contingências de sua natureza gregária, do que não se pode desvincular, a memória se faz presente em diversos aspectos de uma vida social a qual estamos sujeitos. As manifestações culturais, que se apresentam como traços identitários e que fazem parte da história de um povo constituem recursos da pesquisa, que tem como objeto de interesse os poemas do livro *Batuque*, do poeta paraense Bruno de Menezes, que abordam a presença africana na conformação de uma população amazônica do início do século XX.

Arelada às circunstâncias do tempo, a obra literária que motivou este estudo focaliza um momento histórico marcado pela busca da nacionalidade brasileira, estabelecendo então uma relação entre a Literatura e a História, considerando que ambas se utilizam do espaço físico e as condições sociais na elaboração de suas obras. Assim, tanto na literatura quanto na história, identificam-se perspectivas de estudo em diversos campos científicos e artísticos, cujas diferenças estão nos objetos de estudo, mas que se intersectam em algum momento, devido a interesses recíprocos. Essas singularidades são caracterizadas, particularmente, pelos recursos linguísticos utilizados, pois na história, a objetividade da informação a impede do uso de recursos como, por exemplo, a metáfora, que, “para a criação poética, a metáfora tem um

---

<sup>106</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*; 9ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p.14 – <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>

estatuto ambíguo já que, atribuindo totalmente a obra a seu autor e não mais a uma inspiração que a perpassa, ela o submete às demandas e decretos dos comanditários e ouvintes”<sup>107</sup>.

Outra característica literária, e contra a qual a história luta, é a ambiguidade, que favorece a abertura a compreensões diversas em relação a uma mesma situação, mas que possibilita o historiador, ao ler um texto literário, partir em busca da prova concreta com a qual a história recria seus próprios conceitos. Essa característica é a demonstração de que a memória recriada de um passado distante, mesmo que seja exposta por um narrador que tenha vivido o fato que se recria, já não pode ser reconstituída de forma exata como o acontecido, o que cabe à história, enquanto ciência, investigar a veracidade dessa reconstituição de memória.

Para elaborar este trabalho tomou-se a História Social, a Cultura e a Identidade Cultural como conceitos relacionados com a temática, e base para o estudo de uma obra que retrata em sua estrutura aspectos socioculturais relacionados com a presença africana, enquanto componente de uma identidade cultural amazônica, sobretudo, da cidade de Belém, local de inspiração para a criação artística do poeta. Nesse sentido, os versos da terceira estrofe do poema “São João do folclore e manjericos ...”<sup>108</sup> “Teus cordões de bumbás/ de bichos folieiros com caçadores e pajés/ de compadrescos e afilhadismos/ vêm dos terreiros da Casa Grande,/ quando o escravo deixava o eito/ e aparecia a divertir os Senhores lusitanos”, representam a memória histórica de uma manifestação cultural africana, como traço de identidade do negro, na condição de escravo. Como pode ser observado, os três conceitos, aqui referidos, presentificam-se no mesmo espaço poético.

A preocupação da literatura em manifestar elementos de contingências sociais favorece a apropriação da história como instrumento de sua criação, sobretudo, da História Social, que, segundo Peter Burke, é o ramo da História que se preocupa “com o elemento social na política e com o elemento político na sociedade”<sup>109</sup>. Dessa relação dialética formou-se a concepção de que o ser político e o ser social, como elementos

<sup>107</sup> CHARTIER, Roger. Escritura e memória: o librilho de Cardenio. In: \_\_\_\_\_. Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura. São Paulo: UNESP, 2007, p.232.

<sup>108</sup> MENEZES, Bruno de. Batuque. Belém-Pará: Gráfica Sagrada Família, 7ª edição, 2005, p.43

<sup>109</sup> BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. A Escrita da história: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p.37.

constituintes da própria natureza humana, têm ligação direta com as relações de poder que se estabelecem nos diversos segmentos de uma sociedade que está sob a tutela do Estado. Enquanto instituição, o Estado toma como princípio a homogeneização das diferentes culturas que compõem essa sociedade, para designar as normas de conduta e sugerir uma unificação cultural; mas essa unificação nunca ocorre de forma homogênea devido às diferenças entre grupos e segmentos sociais. No poema já mencionado, os versos: “São João dos moleques vadios e também dos meninos ricos/ - já nascidos bacharéis – tudo correndo na rua/ atrás das ‘bichas’, dos ‘espanta-coiós’...”<sup>110</sup> mostram as diferenças no uso dos vocábulos moleques e meninos que, naquele contexto, aparecem homogeneizados numa mesma brincadeira.

O poder do Estado, no sentido de uma homogeneização cultural, torna-se reduzido diante das contingências sociais que interferem na formação individual e, conseqüentemente, na criação artística, como afirma Antonio Candido, ao referir que “a posição social é um aspecto da estrutura da sociedade”<sup>111</sup>, ou seja, a individualidade do artista, embora com aspectos singulares como todo e qualquer ser humano, não é uma representação desvinculada de características comuns de toda uma coletividade. Essa condição é percebida “à medida que remontamos na história e”<sup>112</sup> temos a impressão duma presença cada vez maior do coletivo nas obras, e é certo, como já sabemos, que as forças condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor”<sup>113</sup>, o que faz com que os historiadores já não se restrinjam à política como instrumento utilizado apenas por líderes de elite vinculados ao poder estatal, mas como um recurso palpável àqueles membros da sociedade, que, sem exercer cargos *estritamente políticos*, estejam aptos a usufruir indistintamente dos mesmos direitos.

Ao estabelecer uma relação entre História e Literatura, Aristóteles, em sua arte poética, considera que ambas se intersectam, porém, é evidente a diferença não apenas pela expressão estética da criação textual, mas também pela forma de abordagem de conteúdo, uma vez que historiador e poeta “diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido”<sup>114</sup>. É dessa relação que a história, enquanto ciência que estuda o passado de forma objetiva para reconstruí-lo no processo

<sup>110</sup> MENEZES, op. cit., p.44

<sup>111</sup> CANDIDO, op. Cit., p.27

<sup>112</sup> Grifo nosso.

<sup>113</sup> CANDIDO, op. Cit. P. 27/28

<sup>114</sup> ARISTÓTELES. Arte Poética. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo-SP: Martin Claret, 2005 (cap. IX) (publicação editada sem referência de página)

contínuo da trajetória da humanidade, cria condições de viabilidade para a construção do diálogo entre o passado e o presente, no qual a subjetividade literária busca a inspiração para a criação de suas obras.

Relacionado ao contexto histórico, surge o segundo conceito considerado na elaboração deste trabalho; o de cultura, no qual as ações políticas ocupam espaço além das esferas estritamente políticas e dão origem às negociações entre grupos diferenciados, que coexistem em uma mesma sociedade, mas que não comungam dos mesmos hábitos e costumes. Assim, a cultura pode ser concebida como “uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do estado”<sup>115</sup>. Como princípio pedagógico, a cultura contribui para a formação do individual, mas carrega consigo caracteres herdados de uma coletividade, da qual também é membro, mas que, pelos regimentos que o Estado determina, passa a ser representante de uma universalidade. Como representação maior da coletividade, a “cultura”, “é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político”<sup>116</sup>. Pela força da cultura, a sociedade não só adquire singularidades que a identificam em relação a outras sociedades, mas também contribui para a formação individual, com base na influência de manifestações culturais coletivas.

Não dissociada da história social, a cultura também está ligada diretamente ao ser político e social que constitui a ambivalência da sociedade, sendo, portanto, “uma dessas raras ideias que têm sido tão essenciais para a esquerda política quanto são vitais para a direita, o que torna sua história social excepcionalmente confusa e ambivalente”<sup>117</sup>. Nesse caso, o apartidarismo faz com que a cultura abra horizontes diversos para a difusão de práticas comuns a diferentes grupos sociais, sem que isso promova o conflito entre práticas diferenciadas, ou mesmo a absorção de várias práticas por um mesmo grupo. O poema *Chorinho* é um exemplo da propagação de uma prática cultural popular, observada na estrofe: “Das músicas chulas as notas subindo/ conduzem três almas demais brasileiras serenatando./ E vão por este mundão que se chama

---

<sup>115</sup> EAGLETON, Terry. A ideia de cultura; tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – 2ª edição – São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.16.

<sup>116</sup> EAGLETON, op. Cit. P. 41

<sup>117</sup> *Ibd.*, p. 11

Saudade/ e começa e termina numa esquina de rua.”<sup>118</sup> As *três almas* referidas no segundo verso sugerem uma possível representação das principais etnias que se fundiram para a formação do povo brasileiro, e juntas compõem as manifestações culturais que se mantêm pela memória de um passado que se faz presente.

Em seu livro *a ideia de cultura*, Eagleton enfoca inúmeras formas para esse único termo, que levam a vários conceitos, aplicações e explicações; porém, a que parece mais próxima daquilo que se pretende abordar neste trabalho é a ideia de que “o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz”<sup>119</sup>. Essa sugestão de uma criação que provém da artificialidade humana, não deixa de ter ligações com ambiente físico no qual as ações sociais se desenvolvem segundo princípios categorizados por Eagleton como de origem natural; identificados pela influência do ambiente físico no modo de vida, ou de origem artificial; marcados pela interferência e adaptabilidade do ser humano em relação ao ambiente em que vive, formando o campo de intersecção entre os fenômenos socioculturais que se manifestam na sociedade.

Dos embates travados pela sociedade e pela cultura em defesa de diferentes concepções surge uma relação dialética mediada pelo Estado. Enquanto instituição normalizadora que intermedia os princípios de cada grupo cultural, que compõe a sociedade, o Estado toma para si a responsabilidade pela manutenção da ordem social. Assim, “a sociedade e a cultura são agora encaradas como arenas para a tomada de decisões, e os historiadores discutem”<sup>120</sup> as diversas formas de políticas que se manifestam nos vários segmentos da sociedade. Cabe ao Estado, como instituição que regulamenta as manifestações culturais desenvolvidas em seu território, promover a harmonia entre os representantes das diferentes maneiras dessas manifestações.

Edward Palmer Thompson, para quem a cultura é “um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa assume a forma de um sistema”<sup>121</sup>, demonstra que há uma aproximação entre a história social e a cultura, que se estabelece dentro de um processo

---

<sup>118</sup> MENEZES, op. Cit., p.49

<sup>119</sup> *Ibd.*, p. 11

<sup>120</sup> BURKE, op. Cit. P. 37

<sup>121</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.17

social no qual as ações históricas se desenvolvem segundo os preceitos culturais da sociedade. Nesse sentido, a força da transmissão cultural está na eficiência de um processo de aprendizagem espontânea, mas que, sob a regulamentação do Estado, toma novos rumos, numa ação renovadora, sem no entanto deixar para trás os princípios de uma origem na pluralidade de culturas diversas. Assim, “a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*”<sup>122</sup>.

A concepção de nação produz também a ideia de unificação entre as diversidades existentes em um mesmo espaço físico, mas que se permitem uma interação entre diferenças que quebram as amarras de uma singularidade de grupos com características comuns, que ultrapassam o tempo e hoje, como afirma Homi Bhabha , “nos defrontamos com o desafio de ler, no presente da performance cultural específica, os rastros de todos aqueles diversos discursos disciplinadores e instituições do saber que constituem a condição e os contextos da cultura”<sup>123</sup>. Ao observador que acompanha o movimento cultural no processo histórico, não é difícil perceber que as manifestações culturais também acompanham e evoluem com a história, que se adéqua ao contexto social.

É sob essa mesma perspectiva que tem origem a identidade cultural, que “surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”<sup>124</sup>. No poema *São João do folclore e manjericos...* os versos “São João das capelinhas, dos banhos felizes,/ recendendo a raízes raladas e trevos e priprioca,/ dos cheiros cheirosos que se grudam na pele da gente/ e vão passando pra dentro”<sup>125</sup> demonstram a manifestação da cultura nos festejos de São João que, uma vez internalizada, passa a compor a identidade cultural.

A representação dessa identidade está não exatamente nas características que identificam uma nação politicamente organizada, mas nos símbolos que, absorvidos de uma coletividade, passam a fazer parte da formação individual, compreendendo-se

<sup>122</sup> HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11ª edição, 1ª reimpressão – Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 49.

<sup>123</sup> Bhabha, Homi K. O local da cultura; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 – 5ª reimpressão 2010, p.229.

<sup>124</sup> HALL, op. Cit. p.39

<sup>125</sup> MENEZES, op. Cit., p.44

então que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”<sup>126</sup>. A absorção de elementos que caracterizam os grupos sociais nos quais estamos inseridos é que nos leva à formação dos traços com os quais nos identificamos, e, conseqüentemente, somos conduzidos à produção de sentidos sobre a “nação”; organização social na qual as culturas nacionais adquirem o suporte para a construção de identidades. “Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”<sup>127</sup>, e fazem parte da totalidade formada por membros individuais, mas com características comuns unificadas no conjunto de uma coletividade.

Livre dos princípios normativos determinados pelo Estado, as contingências sociais, que se fazem presentes, por meio da memória cultural, são evidenciadas em certos segmentos da sociedade em detrimento de outros. Também representadas no panorama literário, mesmo àquelas relacionadas a grupos sociais minoritários, com pouca representatividade em decisões políticas encaminhadas por grupos de elite, contribuem para a certeza de que “a natureza incerta dos cânones literários e sua dependência de uma estrutura de valor culturalmente específica são coisas amplamente reconhecidas em nossos dias, juntamente com a verdade de que certos grupos sociais foram injustamente excluídos deles”<sup>128</sup>. Ao analisar o processo de formação da literatura brasileira, Candido observa o momento histórico no qual a sociedade pode aparecer refletida de forma totalizada, visto que as obras literárias, em maior ou menor escala, apresentam-se como a expressão do momento histórico escrito com o propósito de uma criação artisticamente elaborada.

A memória expressa da nação está ligada a um sistema cultural que a literatura demonstra em suas obras, e, nada mais é do que a representação das culturas nacionais, que “se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”<sup>129</sup>, presentes na sociedade antes mesmo do nascimento de cada membro que a compõe. Assim, para o estudo de uma identidade cultural presente em obras literárias, faz-se necessária a busca, na História Social e na Cultura, de elementos que tenham contribuído para o entendimento da formação das identidades que compõem uma sociedade, visto que

---

<sup>126</sup> HALL, op. cit., p.49

<sup>127</sup> HALL, op. cit., p.51

<sup>128</sup> CANDIDO, op. Cit. p.329

<sup>129</sup> HALL, op. cit., p.47



“dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”<sup>130</sup>, o que demonstra o caráter mutável das identidades, mas não desvinculado da memória que se faz presente em todo o percurso da história de um povo.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo-SP: Martin Claret, 2005 (cap. IX) (publicação editada sem referência de página).
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 – 5ª reimpressão 2010.
- BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. In: \_\_\_\_\_ *A Escrita da história: novas perspectivas*; tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*; 9ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p.14 – <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>
- CHARTIER, Roger. *Escritura e memória: o librilho de Cardenio*. In: \_\_\_\_\_ *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*; tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. – 2ª edição – São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11ª edição, 1ª reimpressão – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MENEZES, Bruno de. *Batuque* – Belém-Pará: Gráfica Sagrada Família. 7ª edição, 2005
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

---

<sup>130</sup> HALL, op. cit., p. 13

## TRADUÇÃO TRANSCRIADORA E MÍDIA DIGITAL EM E. E. CUMMINGS

Autora: Fernanda Pinheiro Arruda (arruda.fp.9@gmail.com)

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Izabela Guimarães Guerra Leal (izabelaleal@gmail.com)

**Resumo:** Esta pesquisa visa investigar como o projeto tradutório de Haroldo de Campos é aplicado por Augusto de Campos na tradução de 5 poemas do poeta e. e. cummings, e analisar ainda como o projeto tradutório se aplica no site “The Sweet Old Etcetera” na expansão do projeto estético dos poetas concretos.

**Palavras-chave:** transcrição, e. e. cummings, mídia digital.

**Abstract:** This research aims investigate how the translation project of Haroldo de Campos is applied by Augusto de Campos in 5 poems of e. e. cummings, and further analyze how the translation project is applied in the site "The Sweet Old Etcetera" to expand the aesthetic design of the concrete poets.

**Keywords:** trans-creation, e. e. cummings, digital media.

### O QUE É A TRANSCRIÇÃO

Faz parte do projeto de renovação da linguagem da Poesia Concreta no Brasil o pensar sobre a tradução de textos literários. É uma maneira até de se repensar as formas de criação de poemas e da própria cultura. O método pensado e criado por Haroldo de Campos chama-se “Transcrição” do qual Augusto de Campos se utilizará para a tradução dos poemas de e. e. cummings.

Como traduzir esta poética sujeita à intraduzibilidade de suas múltiplas significações e esteticidades? Pois para os irmãos Campos, quanto mais difícil for um poema de traduzir, mais poético ele será; mais interessante será a transcrição. Para realizar a transcrição de um texto considerado ‘poético’ por Campos, pensa-se em um cuidado maior com os aspectos visuais e fônicos das palavras – o objetivo é a reconfiguração, no idioma para o qual aquele texto é traduzido, da *forma significante* do poema (pensando na dicotomia significante-significado de Saussure), e não a mera reconstituição da mensagem do poema traduzido. A transcrição visa a “concretude” do poema, aos aspectos sonoros e visuais da palavra na qual está o sentido.

### CUMMINGS TRADUZIDO POR AUGUSTO: A ANÁLISE DOS POEMAS

Para melhor exemplificação, falarei de um poema dentre os cinco poemas de cummings os quais analiso: *l(a)*, da coletânea *95 Poems* (1958). Tal poema foi

considerado por Augusto de Campos como um dos mais perfeitos da obra de cummings, talvez por sua simplicidade que remete ao estilo japonês de poema denominada *haikai*: estilo que valoriza a concisão e a objetividade. Os [poemas](#) do *haikai* possuem três linhas, contendo na primeira e na última cinco [caracteres japoneses](#) (totalizando sempre cinco sílabas), e sete caracteres na segunda linha (sete sílabas). Normalmente os temas de um *haikai* referem-se à natureza, assim como muitos dos poemas de cummings. Vamos ao poema:

l(a	so
le	(l
af	f
fa	o
ll	l)l
s)	(ha
one	c
l	ai)
iness	itude
(e.e. cummings)	(Augusto de Campos)

Baseio-me na análise que Augusto de Campos fez deste poema, publicada originalmente no livro *E. E. Cummings – 40 poem(a)s* (1986), artigo titulado “Intradição de cummings”. Vemos um poema feito da combinação de uma palavra e uma frase: loneliness (solidão) e a leaf falls (uma folha cai). Trata-se de um poema de 20 letras – 4 vogais com 8 ocorrências, e 4 consoantes com 12 ocorrências, e ainda 2 parênteses. Logo no início do poema, o primeiro parêntese separa a palavra da frase, e assim já faz a oposição do momento, o fato gravado (a folha que cai) com o conceito subjetivo que quer se transmitir por este ato (a solidão).

O poema se organiza em “estrofes” ou “grupodelinhas” (termo cunhado por cummings), com alternância de 1 e 3 linhas. Para criar o efeito icônico que o fato objetivo e o

conceito subjetivo, juntos, trazem para este poema, o poeta usa de algumas técnicas: primeiramente, usa ‘estrofes’ curtas, com poucas letras/sinais de pontuação; segundo, usa o ícone das letras “l” e “f”, e em menor grau “s” e “i”, além dos próprios parênteses; em terceiro, a ambiguidade do ícone “l”, que pode remeter tanto à letra “ele” quando ao numeral “um”. Ainda, no recorte das estrofes, o poeta representa o movimento da folha caindo: o “l” que vem da primeira linha, passando pelos “f” seguintes, dando a ideia que a folha gira, na inversão das letras “af” (final de leaf) e “fa” (começo de falls), até cair por terra na última estrofe, no “i” de *iness*.

No nível semântico, repete-se a ideia de “um, sozinho”, quando cummings propõe divisões a palavra *loneliness* – há, isolado, o verso “one”, reforçada pelos “éles” que lembram o numeral “um”; pode-se ler a palavra “alone” (só) a partir do “a” de *l(a*, e juntando às estrofes “one” e o “l” isolado logo abaixo. Pode-se também ler a palavra “oneliness” (unicidade), ao juntar as estrofes mencionadas ao último verso (análise que A. de Campos aponta ser de Norman Friedman). Ainda, a exploração da ambiguidade tipográfica de “l” permite que o poeta transforme *loneliness* em “l-one-l-iness”, que reforça a ideia de isolamento transmitida pelo poema (GROSSMAN, 1966).

Augusto de Campos comenta sua própria tradução – a nomeia de intradução, e procura soluções para tal problema, admitindo a intraduzibilidade do que seria a essência da poesia. Uma solução possível é quando o teórico se esforça para tornar sua tradução mais próxima possível dos jogos poéticos que cummings faz em sua obra. Sua tradução tem menos letras (16), e dois parênteses a mais, sendo 5 vogais com 8 ocorrências e 7 consoantes com 8 ocorrências. Procura adotar o mesmo método espacial de isolar segmentos de letras e outros ícones. Assim, é adotada também a leitura de camadas (sobressaem as palavras “so” – que pode ser lida como “só” – e “ai”) e a evidência dos dois “l”, para remeter à ideia da solidão; o desenho das letras que, por associação, pode contaminar de alguma maneira outras letras (o “o” e o “c” isolados em especial), além dos “l” e “f” privilegiados. E a tal folha parece cair, dentro e fora dos parênteses, da segunda à quinta linha. Há, ainda, se passarmos um rápido olhar, uma possível leitura da palavra “haicai” a partir do penúltimo ‘verso’ – uma escolha de Augusto de C. para fazer uma pequena homenagem metalinguística a essa poética japonesa. (CAMPOS, 1999, p. 42).

## A POESIA VISUAL NAS MÍDIAS DIGITAIS

Paul Dencker (2012) demonstra que a história da poesia visual começa no século XVII, nos poetas barrocos tais como Georg Philipp Harsdörffer que em seu texto *Poetischen Trichter*, postula exemplos da tese: “O pintor deveria ser um poeta, ou o poeta deveria ser um pintor; não com o pincel, mas com a pena de ganso. Ambos, contudo, estão juntos; este ajuda aquele, e aquele ajuda este” (DENCER, 1972, p. 41). Aqui, o olhar do artista ultrapassa os limites de seu próprio gênero; a aproximação da literatura às artes visuais, já que as imagens também assumiam determinadas formas e apareciam nas metáforas literárias (DENCKER, 1992, p. 159). Na própria origem da escrita já se observa exemplos de mistura de imagem e texto, como o alfabeto pictórico, os papiros

da Grécia até os primeiros poemas com pinturas dos poetas bucólicos gregos; ou nos poemas em forma de grade de Porfiry, nas variantes desses poemas no Renascimento Carolíngio, nos textos barrocos, nos arabescos do século XVI até as imagens em formas de texto, como as obras de Mallarmé. A experiência das escolas do Futurismo e Dadaísmo continuaram esta tendência de hibridização, que então culminou na poesia concreta, na segunda metade do século XX. A poesia concreta foi uma maneira que alguns poetas encontraram, a partir da década de 1950, para repensar as estruturas de criação poética vigentes naquele tempo. Era a busca de uma linguagem poética que deveria ter como pano de fundo a expansão das fronteiras dos gêneros literários, a mistura dos gêneros, bem como para se desvencilhar da crise da linguagem do começo do século.

Foram analisadas no capítulo anterior as maneiras de criação poética de e. e. cummings, considerado poeta concretista, e as soluções que Augusto de Campos encontrou para traduzir/transcriar alguns poemas de cummings. Para o processo criativo de e.e. cummings, assim como para o trabalho de tradução de Campos dos poemas analisados, parecia que a máquina de datilografar, o instrumento, o suporte que o poeta dispunha na época, limitava a criação poética visual em sua plenitude, o que os irmãos Campos lamentam em seus textos da coletânea *Teoria da Poesia Concreta*. Mas com as novas mídias digitais advindas da década de 1990, tornou-se então possível que este processo criativo que orienta a produção do poema concreto pudesse se expandir.

Infelizmente e. e. cummings não pôde aproveitar a mídia digital para a expansão da proposta de sua poética; mas uma britânica, Alison Clifford, arquitetou um interessante trabalho com a fortuna literária do poeta. Esta nova forma de trabalhar poemas concretos, visuais, pode ser vista no site intitulado *The Sweet Old Etcetera*, batizado inclusive com o título de um dos poemas de cummings traduzidos por Augusto de Campos. Na apresentação do site, consta que se trata de um web-projeto criado pela britânica, que concebeu o conceito e design visual e a programação do site, e Graeme Truslove concebeu o design sonoro - que posiciona a poética de cummings contra uma paisagem imaginária. Inicialmente, a paisagem é nua, mas com a gradual interação do leitor/espectador, a poesia “cresce” do “solo” da paisagem e letras isoladas tornam-se protagonistas de cada história-poema. Justificando, Clifford explica no site *The Sweet Old Etcetera* que a poesia de e. e. cummings é altamente visual, lúdica e experimental. Cummings brincaria com a linguagem do modo como uma criança tomaria um brinquedo, o quebrasse em pedaços e brincasse com tais pedaços. A quebra das estruturas da sintaxe nos poemas, alega Clifford, faz com que essa poética se aparente muito mais a códigos de computador do que poderia exibir um poema de poética convencional, e o ritmo que o poeta toma aparenta ter muito mais “tom” de conversa, da fala cotidiana, do que as consagradas regras de métrica. Clifford acredita que talvez pelo resultado direto do fato de cummings ter sido também pintor, a poesia dele deve ser lida em um nível visual onde é preciso atentar para a forma e para o conteúdo simultaneamente. É neste espírito de inventividade e experimentação, combinado com um conteúdo altamente visual que estes poemas são manipulados pela web arte. As

tecnologias de interação oferecem a possibilidade de fazer com que objetos gráficos, textos e signos reajam ao movimento do mouse do usuário, criando uma experiência multimídia dinâmica. Clifford afirma que a poética de cummings, sendo tratada desta forma, removeria os poemas dos confinamentos da página impressa estática, oferecendo um nível maior de engajamento para o leitor. Neste site são apresentados cinco poemas do poeta norte-americano: *the sky was*, *l(a, um(bee)mo*, *D-re-A-mi-N-gl-Y* e *r-p-o-p-h-e-s-s-a-g-r*, mostrando as possíveis expansões criativas permitidas com as novas tecnologias, e colocando assim o projeto dos irmãos Campos e de Pignatari num patamar além do que fora possível, quando iniciavam os estudos sobre a poesia concreta.

O livro *Paideuma*, organizado por André Dick, (2010) é uma coletânea de artigos compostos por diferentes autores sobre os poetas-marco da poesia concreta, citados como referência pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos & Décio Pignatari. Dentre os artigos, encontra-se um de autoria de Daniel Lacerda, dissertando acerca do poeta cummings. Lacerda (in. DICK, 2010) aponta dois autores, Marshall McLuhan e Antonio Risério, que falam sobre um novo meio de comunicação para a expansão do poético de cummings – os textos midiáticos. McLuhan, em seu texto *Understanding Media*, traduzido por Pignatari como *Os meios de comunicação como extensões do homem* (1975), analisa os efeitos da máquina de escrever sobre a escrita moderna. Ele afirma que “a máquina funde composição e publicação, o que altera a atitude em relação à palavra escrita e impressa” (MCLUHAN, 1975, p. 292). O teórico da comunicação afirma ainda que, na linguagem de cummings, a mídia teria suas potencialidades exploradas ao máximo, pois usa a máquina de escrever para produzir um poema como uma partitura musical fala para o coro; “o poema cummingsiano, quando lido em voz alta, com todas as variáveis e possíveis pausas e inflexões, duplica o processo perceptivo de seu criador datilográfico”(MCLUHAN, 1975, p. 293). Aqui também se vê a ideia de partitura trazida ao movimento por Mallarmé, citado anteriormente, na interpretação do poema cummingsiano. Antonio Risério (1998) parte da reflexão de McLuhan, mas de certa forma para refutá-la. Não é a máquina a mola propulsora da escrita singular de cummings. Para o autor, o poeta parece querer extrapolar as páginas datilografadas:

(...) na verdade, cummings fez milagres com a máquina de escrever, Seus poemas pareciam pedir mais. Lutar contra limites. Fazer ‘caretas tipográficas’, gesticular, mas com gestos calcificados, estáticos. Fragmentos petrificados de gestos. Ou gestos que anseiam por algum sopro, algum ânimo. Letras que aspiram a alguma liberdade, ou mesmo à chinesa. (RISÉRIO, apud LACERDA, 1998, p. 128)

Essas letras poderiam alcançar este quase estado de chinês, segundo Risério, por outro meio, outra mídia, repotencializando a técnica da máquina de escrever:

É com o computador que o poeta pode realmente fazer com que sua escrita dê saltos nijinskianos e passinhos chaplinianos. (...) não é com ela [máquina de escrever] que vamos encontrar a liberdade escritural, a coreografia dos signos num monitor. (...) Não tem jogo de cintura para a dança das palavras. Dança é com a palavra eletrônica. A computação/animação da linguagem. O texto digital. (RISÉRIO, apud LACERDA, 1998, p. 128)

Através do meio digital, os desejos dos irmãos Campos poderiam se concretizar: repensar a Poesia Concreta, quando a imagem, a ação, a vivacidade das palavras são alteradas e subvertidas, permitindo explorar seus limites para além do campo semântico.

Considerando essas novas tecnologias, um dos recursos que o poeta da ‘tipografia inusual, não ortodoxa’ – ou “tortografia”, como Augusto de Campos prefere chamá-la (apud Lacerda 2010, p.149) –, poderia ter utilizado encontra-se no site *The Sweet Old Etcetera*. Estes poemas parecem ganhar vida própria, saltitando como gafanhotos, cuspidos luzes e sons, num labiríntico clicar de mouse. Traduzir este tipo de poética fora projeto do grupo de *Noigandres* por anos, e agora há a possibilidade de refletir acerca de uma nova ferramenta para a criação poética dentro da poesia concreta.

Consideremos este novo suporte que contém diversas mídias – o computador, e a rede da internet trazendo maior conexão entre os usuários desta rede; e o projeto poético da poesia concreta, em especial verificando a poesia cummingsiana. É possível chamar de uma “tradução” a operação de transposição dos poemas de um suporte, o papel impresso, para o suporte da mídia digital? Ou, como previam os irmãos Campos, uma transcrição? Uma questão importante é pensar se a alteração no suporte implica uma alteração na significação; ou seja, se o suporte imanta significação ao texto que ele veicula. Pensemos nos poemas de cummings, impressos no papel, como disponíveis na coletânea *Poem(a)s* traduzidos por Augusto de Campos. Pensemos, agora, os mesmos poemas analisados no capítulo anterior, apresentados no site *The Sweet Old Etcetera* em formato *flash*. Comparando-os, são os mesmos cinco poemas, inclusive na mesma língua, o inglês – não se encaixariam em uma tradução como costumamos pensar a tradução de uma língua falada para outra língua falada. Nesta transposição à mídia digital são acrescentados aos poemas cor, som, movimento, recursos disponíveis no suporte ‘computador’ e não disponíveis no papel; estes recursos agora potencializam a proposta concretista de uma linguagem poética dinâmica, comunicativa, mais compreensível ao público ao misturar as letras a recursos visuais-sonoros. A materialidade da forma do poema está mais à mostra, bem mais visual.

Seria possível afirmar que há, sim, uma transcrição, porém com algumas ressalvas. Devemos pensar em um conceito mais amplo da tradução, no qual toda operação de linguagem já consiste em uma tradução. Um exemplo disso seria este próprio trabalho acadêmico: ora, minha compreensão do que constitui a Transcrição, a Poesia Concreta e seu papel nas mídias digitais é filtrado por minha quantidade de conhecimento acerca

destes assuntos, pelo modo como disserto sobre tal conhecimento aos que estão lendo esta tese. Não é este o trabalho do tradutor, apresentar ao seu espectador/leitor aquele conhecimento que antes não estava ao seu alcance, através de seu modo de enxergar este conhecimento? Esta transposição de certa forma altera a significação que o leitor formularia do poema impresso, pois a sua participação está bem mais evidente. A significação imanente dos poemas, criada por cummings, intrinsecamente não mudou. As formas de demonstrar esta significação é que se tornam mais evidentes. E é preciso lembrar que a interpretação da obra de arte nos gêneros das mídias digitais é construída na co-produção entre o autor e o leitor/espectador. Alison Clifford torna-se desde então uma co-produtora dos poemas de cummings, ao transportá-los à internet. O modo como ela interpretou os poemas cummingsianos faz toda a diferença para os espectadores de seu web-projeto. Afinal, será que cummings, estando vivo hoje e podendo transpor um poema seu para este formato em animação *flash*, ele o faria exatamente como esta transposição foi efetuada? Decerto não. Então entra a interpretação de Alison Clifford.

A diferença da visualidade do papel para a do pc é que o leitor pode participar dessa visualidade no computador. Claro que essa modificação é limitada; porém é de início prevista pela produtora do site e, além disso, necessária para construir o poema. No papel, o poema está estático, e o leitor não pode modificar a sua visualidade (a não ser com uma caneta ou lápis); no entanto, essa modificação, imagino, não seria prevista pelo autor dos poemas do livro. Então a questão é: como Clifford estabeleceu as possibilidades de modificação dessa visualidade? Por que programou, por exemplo, uma letra "a" pra mudar de cor e não uma letra "b"? Pois a produtora do site interpretou à sua maneira os poemas de cummings, e os transcreveu em suas próprias formas. Há a questão do diálogo com o poema do livro e com o pensamento do autor do livro, mas provavelmente cummings não previria alguns efeitos que a programadora do site atribuiu aos elementos gráficos dos versos. O texto de Clifford está marcado por suas características de interpretação, de sua transcrição acerca dos poemas de cummings; os poemas cummingsianos ganharam mais vida, movimento, cores, e o leque de significações foram expandidos a grandes níveis – mas deve-se sempre lembrar que nos gêneros digitais a obra nunca terá suas significâncias e formas totalizáveis, fechadas em poucas linhas hermenêuticas. A obra de arte concreta, no meio digital, agora está aberta a expandir seu projeto poético. Com a citação de Paul Dencker:

Poesia visual: altera literário e arte terminologia; reage ao desenvolvimento das mídias; define outra vez o papel do produtor; procura pelo destinatário como produtor; desenha então novos modelos de comunicação, estética, e conteúdos; coloca em questão regras artísticas recebidas; abre-se para todos temas; trabalha com matérias inventados e encontrados; não reivindica nenhum valor eterno. (DENCKER, 2012, p. 144)



A tradução-transcrição junta-se então a esta poesia visual, para criarem formas de expressão que nunca se fecharão em um único sentido, e enriquecerá a linguagem poética.

## AVALOVARA: REALIZAÇÃO E NARRATIVA

Harley Farias DOLZANE (Bolsista CAPES) – hfdolzane@gmail.com  
 Prof. Dr. Antônio Máximo FERRAZ (Orientador) – maximoferraz@ufpa.br

Na retomada do sentido originário da *physis*, da narrativa e da ficção, a partir da verdade manifestativa que lhe anima toda a tessitura, *Avalovara* (1973) acena ao não-saber, ao vazio criativo que constitui propriamente o vigor da arte e, em específico, da literatura encenada como procura. Neste sentido, o trabalho artístico revela-se operante para além do subjetivismo do autor ou mesmo do leitor, pois, pelo figurar-se, pelo fazer-se e ser com a verdade, a rede de sentidos que é o ser humano se realiza na obra, pela narrativa, da mesma maneira que a obra, narrando, realiza-se no humano: trata-se de uma legítima co-labor-ação. Em *Avalovara*, o entrelaçar de oito enredos autônomos e seus vários fios narrativos, tensionados na dobra entre o real e a realidade, fala e silêncio, ser e não-ser, corresponde ao romance se fazendo na imagem de um pássaro único que congrega em si a verdade de ser, ao mesmo tempo, vários pássaros menores. Texto que se faz de vários outros textos, *Avalovara* figura, entre outras coisas, a literatura que se lança em voo no aberto, se oferta ao vazio e insufla-nos à inominada procura pela configuração da narrativa do humano que cada um é.

Palavras-chave: **Obra de Arte. Narrativa. Avalovara.**

“Tudo, nos vazios do tempo [...] tudo se tece e se encontra”.

“Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”  
 (ROSA, 2005, p. 113)

“O pássaro ergue voo e se olha ante um espelho”  
 (LINS, 1974, p. 282)

O acontecer do nada é um milagre. É o que se lê no conto “O espelho” de Guimarães Rosa, publicado em suas *Primeiras estórias* de 1962. Quase uma década depois, deu-se, em 1973, a primeira publicação de *Avalovara* de Osman Lins. Além do caráter iniciático de ambos, os textos também comungam a tematização da procura existencial na travessia criativa de ser em meio ao nada ou vazio, como abrir de possibilidades.

Ao olhar-se obliquamente num espelho de um banheiro público, um homem passa a procurar a verdade de sua imagem. Em Rosa se dá a narrativa de tal experiência que pode sobrevir, conforme conclui o próprio narrador do conto, na simples pergunta: “você chegou a existir?” Em *Avalovara*, porém, já a partir da estrutura do romance, a questão do existir e vir a ser (obra, literatura, narrativa e romance) se propõe em diversas dicções inseridas no próprio texto.

A obra é constituída do entrelaçamento de diferentes narrativas, estruturadas a partir de três elementos “claros, nítidos e nem por isso menos esquivos” (LINS, 1974, P. 73). São eles: 1 – o palíndromo SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS, que pode ser traduzido tanto por “o lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos” quanto por “o criador mantém cuidadosamente a obra ou o mundo na sua rota ou órbita”; 2 – um quadrado subdividido em vinte e cinco quadrados menores, cada qual comportando uma letra do referido palíndromo; 3 – uma espiral inscrita sobre o quadrado maior.

Sendo o palíndromo constituído de oito diferentes letras, cada uma originará um tema ou narrativa, de modo que a linha da espiral, sobrevoando cada quadrado menor, a intervalos regulares, é o que determina, ao longo da obra, o aparecimento, a retomada e mesmo a extensão dos fragmentos de cada narrativa.

A maioria das estórias se entrecruza no personagem Abel<sup>131</sup>, um escritor iniciante que se lança em busca do domínio da criação artística, do amor, e do autoconhecimento figurados na procura por uma cidade mítica vislumbrada ainda em sua infância, numa cisterna na Recife natal.

A procura se traduz num verdadeiro percurso rumo à plenitude existencial. Nele, Abel será conduzido por três mulheres: Cecília, Anneliese Roos e uma terceira, sem nome, identificada apenas por um símbolo gráfico: ☉. Ainda em Recife, Abel encontrará a primeira, Cecília, cuja condição de hermafrodita suscita a conjugação dos princípios masculino e feminino, geradores do universo. Na Europa, Abel conhece Anneliese Roos, uma alemã em cujo corpo várias cidades desabitadas se revelam, sendo ela mesma todas as cidades e também nenhuma. Em São Paulo, Abel se tornará amante de ☉, mulher duas vezes nascida e cujo corpo é formado por palavras. Com ela, Abel alcançará, enfim, o término de sua busca, que culminará na morte dos amantes e no encontro do Paraíso.

Há também a estória do escravo Loreius e de seu senhor Publius Ubonius, que viveram em de 200 a.C., na cidade de Pompéia. Ubonius prometeu liberdade a Loreius caso este fosse capaz de criar uma frase que pudesse ser lida em todos os sentidos e que

---

131 O resgate de uma dimensão sagrada da criação literária, que se observa ao longo de toda obra de Osman Lins, permite inferir que a escolha do nome do personagem não é sem motivo. Abel revela, já a partir de seu nome, uma condição ambígua, inerente à toda criação: na Bíblia, Abel, sendo filho do pecado, é também o homem escolhido do Criador. No prefácio da 2ª edição da obra, Antonio Candido considera que *Avalovara* “se situa numa ambigüidade ilimitada”. DALCASTAGNÉ (2000) defende um diálogo entre a construção de Abel e mitos da tradição grega, judaico-cristã e com outros personagens que figuram uma espécie de interlúdio entre o divino e o humano.

representasse “a mobilidade do mundo e a imutabilidade do divino” (LINS, 1974, p. 24). Outra linha narrativa é a da descoberta feita por Abel, na Biblioteca Marciana de Veneza, da versão grega de um poema místico, cuja estrutura baseada na espiral e no quadrado mágico orienta a construção da obra. Há, por fim, a estória de Julius Heckethorn, relojoeiro alemão nascido em 1908, cuja obra-prima – um relógio que toca uma frase da Sonata em Fá Menor K 462, de Domenico Scarlatti – vai parar, após a Segunda Guerra Mundial, na casa de Olavo Hayano, marido de ☹ e assassino da mulher e de Abel.

*Avalovara* é, portanto, um texto composto de textos, como o pássaro que dá título ao romance, feito de outros pequenos pássaros em constante mutação.<sup>132</sup> Trata-se de uma obra que, causando profundo estranhamento, rompe grades conceituais<sup>133</sup> ao questionar a teoria da narrativa tradicional e alçar voos em direção às origens do próprio sentido do *narrar*.

Uma multiplicidade de temas, personagens, espaços, tempos, imagens, enredam-se em tramas que vão se orientando não pelo mero engenho subjetivo de um eu autoral. “A espiral sobrevoa os vários temas; e estes não voltam por acaso, nem por força do arbítrio ou da intuição do autor, mas governados por um ritmo inflexível, uma pulsação rígida, imemorial, indiferente a qualquer espécie de manejos” (LINS, 1974, p. 54). É que “tudo, nos vazios do tempo, empurrado pelas correntes do tempo, os fios que eu poderia ter embaraçado, cortado [...] tudo se tece e encontra” (LINS, 1974, p. 309): em grandes questões, aberturas, vazios como possibilidade de ser.

Deste modo, é o vazio que possibilita a tessitura de *Avalovara*. É o nada, como possibilidade criativa, acontecendo em uma rede de enredos entretecidos. Essa rede nos envolve a cada leitura e, paradoxalmente, quanto mais nos prende, mais nos liberta. É que os sustentáculos de uma rede não são, somente, fios e amarrações, e sim suas

---

132 Explicando o título da obra, o autor revela que “o título corresponde ao nome de um pássaro que existe no romance. Um pássaro imaginário. Inveneti esse pássaro, não o nome. Pensava guardar para mim o segredo, mas revelo-o. Há uma divindade oriental, um ser cósmico, de cujos olhos nasceram o Sol e a Lua; de sua boca, os ventos; de seus pés, a Terra. Assim por diante. É lâmpada para os cegos, água para os sedentos, pai e mãe dos infelizes. Tem muitos braços, pois não lhe falta trabalho no mundo. Seu nome é Avalokiteçvara. Não foi difícil, aproveitando o nome, chegar ao nome claro e simétrico de ‘Avalovara’, que muitas pessoas acham estranho [...]. É um grande pássaro feito de pequenos pássaros. Simboliza o romance e também minha concepção de romance” (LINS, 1979, p.165).

133 *Avalovara* abala certezas ao romper “com o horizonte de expectativas de um leitor mais tradicional, mas afeito às narrativas lineares, com suas estruturas fechadas e de foco em univocidade” (CARONE *apud* SOARES, 2007, p. 14).

configurações como vazio em torno do qual todos eles se articulam<sup>134</sup>. Uma rede é o próprio vazio que se tenta definir, ou “buracos amarrado com barbantes” como diria Guimarães Rosa em *Tutaméia* (ROSA, 1979, p. 10).

O pássaro salta no vazio e, então, é um milagre que não vemos: ele ergue voo. Nós não o vemos e, sequer, sabemos para onde vai, pois lançar-se em voo, à procura, é o não-saber de todo o saber. Não se trata de algo passível de definição como reconhece Abel: “Assim escapa, entre as malhas da busca, o que procuro e cuja natureza ainda desconheço” (LINS, 1974, p. 68). E, ao reconhecer essa realidade, abre-se, novamente, o espaço para novas procuras, novos voos.

Deste modo, é esse mesmo vazio que proporciona toda e qualquer procura a ser realizada em *Avalovara*, obra que se encaminha para um pensamento originário que resgata a instância poética da prosa, projetando o fazer artístico numa dimensão mítica da linguagem, tal qual concebida pelos pensadores da *Physis* como Heráclito, Parmênides e, mais recentemente, retomada no pensamento de Heidegger.

### ***Physis e verdade***

“*Emerge da sombra a sua frente – clara, estreita e sombria.*”

(LINS, 1974, p. 13).

Há, pelo menos, 2.500 anos atrás, o pensador originário Parmênides escreve um longo poema intitulado *Peri Physis* (acerca da nascividade) em que se descortinam os caminhos dignos do procurar pensados na dinâmica de velamento do ser e do não-ser<sup>135</sup>.

<sup>134</sup> “A imagem de uma rede ou figura de uma rede coloca muito bem algumas das questões essenciais da leitura. Olhando uma rede, constatamos logo cinco dados fundamentais: 1º) Os fios - verticais e horizontais -; 2º) Os nós; 3º) Os entre-lançamentos; 4º) Os vazios; 5º) O vazio ou silêncio. Numa primeira visão, constatamos logo os nós e as linhas. Olhando melhor, acrescentamos os vazios entre-as-linhas-e-os-nós. Olhando mais profundamente, vemos que as linhas e os nós têm um limite e que o vazio/silêncio continua. [...] Diante do vazio dos vazios, vamos descobrir um círculo: as linhas e nós fazem aparecer os buracos/vazios. De repente, nos damos conta do círculo: é o vazio/silêncio que faz aparecer e doa as linhas e os nós. De fato, nem isto acontece. A tensão vai ser entre figura e vazio/silêncio. E aí outro círculo. Não são como parece as linhas e nós que formam a figura (da rede/ obra, etc). Pelo contrário, a con-figuração de linhas e nós é que faz surgir a figura. Separadamente as linhas e nós não figuram nada. O círculo se completa porque tanto a configuração como a figura são uma doação do vazio/silêncio.” (CASTRO: Rede, 3. In: CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br> )

<sup>135</sup> Fragmento II de Parmênides: “Vamos lá! – eu interrogarei, tu porém, auscultando a palavra, cuida que caminhos únicos do procurar são dignos de serem pensados: um, que é e que não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se). O outro, que não é, e que necessariamente, não-ser é; este caminho eu te digo em verdade ser totalmente insondável como algo inviável; pois não haverias de conhecer o não-ente (pois este não pode ser realizado) nem haverias de trazê-lo à fala.” (PARMÊNIDES, 1991, p. 45)

A narrativa de *Avalovara* também revela o procurar como destino humano de plenificação em meio ao desvelamento do real.

Em sua abertura, *Avalovara* evoca a ambiência de luz e sombra em meio a qual se dão os encontros, percursos e revelações de ser humano no universo. Eis o trecho:

No espaço ainda obscuro da sala, nesta espécie de limbo ou de hora noturna formada pelas cortinas grossas, vejo apenas o halo do rosto que as órbitas ardentes parecem iluminar – ou talvez os meus olhos: amo-a – os reflexos da cabeleira forte, opulenta, ouro e aço. Um relógio na sala e o rumor dos veículos. Vem do Tempo ou dos móveis o vago odor empoeirado que flutua? Ela junto à porta, calada. Os aerólitos, apagados em sua peregrinação, brilham ao trespassarem o ar da Terra. Assim, aos poucos, perdemos, ela e eu, a opacidade. Emerge da sombra a sua frente – clara, estreita e sombria. (LINS, 1974, p. 13).

Trata-se da narrativa de um surgimento a partir do que está encoberto pela sombra. Iluminância que, no entanto, permanece sombria. É possível estabelecer um diálogo deste segmento inicial de *Avalovara* com o fragmento 123 de Heráclito (*phýsis krýptesthai philéi*), que conforme sua tradução mais comum, dirá que “a natureza ama se esconder”. Ocorre que natureza, conforme o entendimento contemporâneo do termo, não traduz a riqueza da palavra grega *physis*, pois “a *phýsis* no pensar de Heráclito é o surgir incessante” (CASTRO, 2004, p. 28). E esse surgir que, incessantemente vem à luz (*phos*), no entanto, ama se esconder. Por isso a tradução de Emmanuel Carneiro Leão para o fragmento propõe: “surgimento já tende ao encobrimento” (HERÁCLITO, 1991, p. 91). Deste modo, o fragmento de Heráclito nos fala da experiência radical com a realidade, sempre oculta e revelada, de tudo aquilo que *é*, o que em termos filosóficos corresponde ao ente. “Ao ente como tal em sua totalidade, chamavam-no os gregos *physis*.” (HEIDEGGER, 1999, p. 44-46)

Atentos à mesma experiência lúdica, a construção mito-poética do antigo grego nos comunica com a figura da deusa da verdade, *Alétheia*, que é, já a partir de seu nome, o próprio jogo de ser e não-ser propondo-se àqueles que a evocam. Dizer *Alétheia* é realizar pela linguagem a dinâmica de tudo aquilo que se retida do ocultamento/esquecimento e, mostrando-se, cuida em conservar-se oculto/esquecido<sup>136</sup>.

<sup>136</sup> “O Radical etimológico de *Alétheia*, liga-se aos verbos *lanthánomai* (esquecer-se, de onde advém o nome do rio do esquecimento que corta o reino de Hades, *Lethes*) e *lanthánein* (estar oculto, velado). O radical é o mesmo na alternância vocálica: *leth* / *lath*. Esse mesmo radical aparece no verbo latino *latere*: estar latente, oculto, seguro. O radical de *a-létheia* reúne os dois sentidos, porque nele ressoa uma experiência originária do ser enquanto não-verdade/não-desvelamento da verdade/desvelamento, isto é, *a-létheia*. Esta palavra forma-se de *alethés*, isto é, *a* privativo + *leth/lath*. Então temos com o *alpha privativum*, respectivamente, o sentido de lembrar-se e esquecer-se.” (CASTRO: *Alétheia*, 2. In:

A experiência que o nome da deusa abriga corresponde à dinâmica da verdade originária, manifestação dos entes em sua totalidade. E é este também o movimento que atravessa *Avalovara*, desde o jogo encenado entre espiral e quadrado na linguagem do palíndromo, revelando a realidade divina que há na manifestação das coisas, passando pela construção de todas as imagens, como pássaro, título do romance, que se mostra diverso e uno na urdidura complexa dos enredos em revelação a cada segmento das oito narrativo.

Na correspondência de *Aletheia* e *Physis*, é possível inferir que tanto no poema de Parmênides, no fragmento de Heráclito, quanto no segmento inicial de *Avalovara*, dá-se um manifestar do ente em sua totalidade que vem à luz (*phos*) e, ao mesmo tempo, conserva-se no escuro originário. Vir à luz é, então, vir a ser, ou seja, nascer para o mundo, revelar-se real. *Physis* é a realidade se manifestando, nascendo a todo instante para o mundo no vigor de *Alétheia*.

Neste sentido, o que se dá em *Avalovara* é, também, esse mesmo nascer da *Physis*, o acontecimento real e verdadeiro, ou, ainda, a realização da verdade como velamento, uma vez que a obra, em sua tessitura, se situa na correspondência rigorosa da vigência de *Alétheia*. Isso lança novas luzes (ou antigas trevas) sobre a bimilenar tradição mimética, corolário de uma metafísica essencialista, a partir da qual a humanidade costuma encarar as questões da arte.

### **Obra de arte: vida e morte num só dizer.**

Em *Avalovara*, a obra de arte não é mais uma cópia, não está mais distante três graus da realidade essencial das coisas, como propõe a metafísica tradicional escorada na diacosmese platonista. A obra de arte é a própria verdade dizendo-se no que se vela, nascendo e nascendo incessantemente no tempo, realizando-se. Mesmo no velamento mais profundo da morte, mesmo ali, no completo não-ser, a obra de arte, como a vida, é verdade operando sem fim. O próprio Platão, cujo pensamento vigoroso não se deixa reduzir, no *Banquete* (*Sympósiion*) nos diz que a arte é a disputa entre o *tó ón* (o que é) e o *tó mé ón* (o que não é). A arte é real, pois é a verdade pondo-se em obra, ou seja, operando efetivamente na obra de arte<sup>137</sup>: em *Avalovara*.

---

CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br> )

<sup>137</sup> “a arte é o pôr-se em obra da verdade” (Heidegger, 2010, p. 89). Eis a tese central de Heidegger em *A origem da obra de arte*: a arte é verdade e a obra é a verdade operando. O que o pensador entende por verdade é a própria realidade eclodindo, desvelando-se em uma disputa com o velar-se: ente sendo

Em meio aos segmentos da narrativa R (☺ e Abel: Encontros, Percursos, Revelações), revela-se a história de uma personagem advinda ao romance sob a forma de um defunto levado em cortejo pelas ruas de São Paulo. Seu nome é Natividade, a mulher negra mãe de criação que cuida com amor e carinho do opressor e assassino Olavo Hayano, até ser mandada a um asilo. Não é infeliz sua morte, pois, na morte ela, paradoxalmente, liberta-se das limitações e vive.

Natividade viva e morta vendo apenas o que vemos ou julgamos ver [...] e rompendo com sua visão já sensível e ligeira os limites das limitações, ergue as mãos entevadas à altura dos olhos e fala: “Já estou morta. Porque minha carne ainda não secou? Não entendo. Estou cheirando a vivos”. (LINS, 1974, p. 43).

A personagem entreabre e prenuncia possibilidades à morte. Morrer não é o fim e pode, até mesmo, ser vida em plenitude. Parece ressoar na passagem citada as palavras de Octavio Paz n*O arco e a lira* (1982, p. 182), como que respondendo a indagação da personagem: “Mas a morte é inseparável de nós. Não está fora: não é algo exterior, ao contrário, está incluída na vida, de modo que todo viver é também morrer, a morte não é algo negativo. A morte não é uma falta da vida humana; ao contrário ela a completa.”

Da mesma forma não é negativo o destino, por exemplo, do casal ☺ e Abel que, mesmo sendo assassinado por Olavo Hayano, plenifica seu amor no encaminhar-se ao Paraíso. Também eles, morrendo, vivem, pois “viver é [justamente] ir para diante, avançar para o desconhecido e esse avançar é um ir para ao encontro de nós mesmos.” (PAZ, 1982, p.182).

Vida e morte, ser e o não-ser não são pares dicotômicos: constituem uma dobra, os dois caminhos do poema de Parmênides são caminhos únicos, quer dizer, um só caminho do procurar, em que o ser humano se prostra perplexo e põe-se a pensar. Natividade é a porta-voz da perplexidade que assombra todo o romance (e, de certa forma, também toda a obra de Osman Lins), ao apontar algo inerente à *Physis*. Este algo encontrará uma correspondência possível, não no discurso lógico-racional baseado em dicotomias, mas somente na dimensão mais originária e acolhedora da linguagem, no dizer poético que, novamente, segundo Octavio Paz,

é ritmo, temporalidade manando-se e reengendrando-se sem cessar. E sendo ritmo, é imagem que abraça opostos, vida e morte num só dizer. Como o próprio existir, como a vida, que ainda nos seus momentos de maior exaltação traz em si a imagem da morte, o dizer poético, jorro de tempo, é afirmação simultânea da morte e da vida. (PAZ, 1982, p. 180),

---

entre o limite e o não-limitado de ser, quer dizer, o não-limitado de ser realizando-se no limite do ente. A verdade enquanto desvelamento seria a realidade se dando como presença



A poética do romance corresponde à escuta consciente de um fenômeno incompreensível e inenarrável, como o surgimento do universo, e que exige do ouvinte (escritor, leitor) a disposição para realizar junto essa passagem do caos ao cosmos. Osman Lins tem consciência de que se ocupar deste acontecimento essencial é ocupar-se da narrativa<sup>138</sup>. Mas, então, qual o sentido de narrativa em *Avalovara*?

### Narrativa e destino

Mencionando a ocorrência de um eclipse – imagem que, não por acaso, bem reforça a dinâmica da verdade como manifestação de *Alethéia / Physis* – antes de retomar a história de Natividade, a ação da narrativa em face da existência humana é avaliada da seguinte forma: “A nossa existência mesma nem sempre é compreensível: isto por não ser, forçosamente, um evento completo. As narrativas simulam a conjunção de fragmentos dispersos e com isto nos rejubilamos. Os eclipses evocam-nas” (LINS, 1974, p. 27).

Porque viver é inseparável do morrer, estar jogado, dis-posto na tensão fragmentária, na dobra entre vida e morte, saber e não-saber, luz e sombra, carência e plenitude é o destino não somente da narrativa literária, mas sobretudo da narrativa que é ser humano. Estamos lançados nesta condição e quanto a isso, novamente, não há qualquer negatividade necessária. As narrativas são os sucessivos nascimentos que o homem experimenta neste entre-lugar de limites a transpor.

A certa altura de “O – História de ☺, Nascida e Nascida”, a mulher sem nome evoca, em meio à narrativa apaixonada, a questão do destino não como fatalidade (muito embora a morte, desde sempre, esteja presente), mas como condição de possibilidade para plenificação amorosa encaminhada, ou seja, destinada há milhões de anos ao ser humano.

Vem, Abel. Penetra-me e acrescenta-me. Obsedam-me as esponjas, seres de vida estreita, sempre a trocarem de sexo, ora expelindo óvulos, ora fecundando-os, obsedam-me as esponjas, há quinhentos milhões de anos já existiam, hesitavam entre um sexo e outro, e tudo o que faziam e fazem, assim continuam, essa conformação imota me apavora.

Não viverei sequer mil anos, minha vida é rápida, risco no tempo, tal como um peixe salta um dia acima das vastidões do mar e vê o Sol e um arquipélago onde se movem cabras entre as rochas, assim eu salto da eternidade, como todos, eis-me no ar, vejo o mundo dos homens, logo voltarei aos abismos marinhos. Este breve salto, esta aspiração ao ato de voar

<sup>138</sup> “É nesse sentido que todo o problema do caos e do cosmos me atrai, é pelo fato de que quando eu me ocupo das cosmogonias, vamos dizer assim, estou me ocupando da narrativa” (LINS, 1979, p. 224)

é tudo o que me foi concedido para ir da grafita ao grafito, para consumir o que os espongiários, em meio bilhão de anos, nem sequer esboçam, limitando-se a passar, continuamente, de um sexo a outro, de um sexo a outro. Vens?” (LINS, 1974, p. 26).

O destino é o convite que se lança para que o homem assuma o jogo de ser, a plenitude de viver: “Vens?” Da mesma forma, o peixe que salta e retorna às profundezas do mar realizando o voo, e, assim, também o próprio voo, o pássaro símbolo do romance, a reversibilidade palindrômica entre espiral e quadrado, são figurações da narrativa como o jogo fértil entre a vida e a morte.

Mais uma vez, o encadeamento de metáforas do romance parece apontar ao vazio, este nada que acontece no curto período entre vida e morte: o “risco no tempo” passa a ser o espaço, a fissura fundamental para o “jorro de tempo” de que falou Paz. Este espaço aberto, este entre-ser, é a fonte de toda a criação, pois, nele se abre ao ser humano a possibilidade de fazer a travessia, “da grafita ao grafito”, inscrevendo-se a si e a sua obra na realidade, ou seja, realizando-se.

### **Narrativa, nascer e conhecer**

Neste sentido, obra de arte e existência correspondem à operação pela qual o real vem à luz e realiza-se; nasce e, no vigor da *physis*, permanece nascendo<sup>139</sup>, pois, em verdade, o nascimento nunca é apenas um início. É *arché*, princípio sempre vigorante em tudo que é. É o salto originário e primordial para a vida e, por isso mesmo, é a própria origem da obra de arte<sup>140</sup>: o voo do *Avalovara*, para além dos limites das limitações da metafísica.

Após lançar-se no fosso de um elevador do edifício Martinelli em São Paulo, dá-se um segundo nascimento de ☺ e é após esse evento que a personagem, formada por palavras, rompe o silêncio de seus primeiros anos de vida num jorro incontável das palavras que desde sempre vinham se formando e acumulando dentro de si:

A testa ainda no chão, começo a balbuciar. Meu pai e minha mãe acreditam que eu esteja possessa do demônio. Falo aos solavancos, sem parar, sem nexos, minhas palavras são pus, minha boca um abcesso aberto, falo sem

<sup>139</sup> A arte corresponde, neste sentido, à questão que sempre se doou ao pensamento e que nenhum pensador jamais pode responder definitivamente, segundo Aristóteles na *Metafísica* (Z1, 1028 b 2 ff), quer dizer, a questão da permanência em meio a mudança das coisas em sua totalidade (*tí to ón?*)

<sup>140</sup> No título original de “A Origem da Obra de Arte” de Heidegger (*Der Ursprung des Kunstwerks*), o termo *kunstwerks* corresponde à obra de arte e *ursprung* é uma palavra alemã composta do verbo *sprigen* (pular) e do prefixo *Ur-* (o primordial). Em Heidegger, este salto primordial corresponde ao acontecimento poético-originário, que a metafísica tradicional identifica como o Ser. No ensaio “Identidade e diferença”, todavia, o ser (identidade das diferenças) não é mais tomado como fundamento ontológico, mas sim como “pulo”, ou seja, salto no vazio de e para ser.

parar, às vezes murmurando, aos brados em seguida, e assim como antes muitas palavras se formulam em mim sem que as pronuncie. Falo agora de coisas que estão fora de meu entendimento. [...] As palavras que lanço em meu discurso sem-fim e incontrolável representam a minha própria vida, embora ao proferi-las tudo eu ignore sobre isto; (LINS, 1974, p. 113)

A narrativa confunde-se com a própria vida, pois é, antes de tudo, o nascer da vida se lançando no mundo como totalidade das coisas. Portanto, também não é por acaso que, em meio à narrativa da relação sexual entre Abel e Cecília – ser que carrega em si as potências geradoras do universo, masculino e feminino – irrompa a seguinte reflexão: “Que sabe, da queda, um homem no instante em que perde o equilíbrio e tomba? Ele sofre o acidente e sua experiência é um gênero vertiginoso de conhecimento. Assim minhas passagens no cerne de Cecília.” (LINS, 1974, p. 287).

O ato sexual é, também, uma imagem do salto no vazio criativo: nele a vida é concebida. Mas são tantas as maneiras que a vida pode se dar e, cada qual tão incessante, que o saber humano, acidentário, jamais poderá definir. Isso porque a vida é *Physis*: discurso sem-fim que, incontrolavelmente, nos acontece. Nós não pedimos para nascer, desde sempre já estamos lançados nesta narrativa. Advindo do silêncio à luz das palavras, ora murmurada, ora aos brados, ela remanesce, todavia, como um falar de coisas que estão fora de nosso entendimento. Sua experiência é, por isso mesmo, um vertiginoso gênero de conhecimento, pois é mimeses (criação) do momento sempre presente, em que tudo (o ente em sua totalidade) nascendo com tudo (com o ser e não-ser), num verdadeiro co-nascimento (*cognoscere*)<sup>141</sup>, instaura o cosmos a partir do nada, o saber a partir de e para o não-saber, abertura escura e fecunda, útero ontológico.

*Avalovara*, portanto, é essa narrativa cheia da obscuridade do por vir (não-saber) em que já estamos lançados: cortejo ao desconhecido, caminho que vamos procurando conhecer, conhecendo-o entre luz e sombra, sol e lua, palavra por palavra, cada uma nascida e nascida entre encontros, percursos e revelações, interlúdio, travessia e eclipse real.

## Narrativa e ficção

<sup>141</sup> Atente-se para o fato de que “conhecer”, “narrar” e “nascer” se originam de uma mesma raiz indo-européia: \**gno-*, que significa gerar, engendrar, fazer nascer. Por consequência, também o nome da personagem Natividade comunga da mesma origem. \**Gno-* pode ser reconhecido no termo grego *gnosis* (ação de conhecer, conhecimento, sabedoria); no adjetivo latino *gnarus* (o que sabe, o que conhece) de onde deriva *narro* (expor, contar, levar ao conhecimento, dar a saber); no verbo latino *gnosco* (começar a conhecer), que acrescido do preverbal *cum-* (junto, com, em companhia de), formou o verbo *cognoscere*, em português: *conhecer* (ERNOUT, A. e MEILLET, A, 2001, p. 278 e 446).

“Pouco sabe do invento o inventor, antes de o desvendar o com seu trabalho”  
(LINS, 1974, p. 15)

A *mimesis* que a obra de arte realiza é *mimesis* não do real, mas da realidade que vige em todo real; não do meramente verdadeiro, mas da verdade presente como velamento em todo enunciado verdadeiro. Talvez aqui repouse o sentido da proposição de Tomás de Aquino, a partir da *Física* de Aristóteles (*hé tékhne miméitai ten phýsis*), segundo a qual a arte imita a natureza (*phýsis*) não porque reproduz servilmente o que esta lhe oferece como modelo, mas porque copia (*miméitai*) suas operações (ECO, 1989, p. 132). E é por isso que a obra de arte é real e verdadeira na tessitura de *Avalovara*, romance que se faz no vigor da dinâmica de velamento do real.

Deste modo, reaviva-se, também, a noção de ficção no encaminhamento que a obra dá ao termo, quer dizer, em direção às origens do seu próprio sentido: ficção vem do verbo latino  *fingere*, quer dizer, dar figura. Trata-se da atividade pela qual se dá a configuração da Terra nas mãos do oleiro (*figulus*), ou seja, aquele que, moldando o vazio, dá figura ao *húmus* (Terra).

*Húmus* e vazio é que se configuram na ficção e, com isso, a condição do autor enquanto criador é recolocada nos limites do humano. Assim, se é verdade que a configuração se deu nas mãos do oleiro, é também verdade que nem a terra nem o vazio foram por ele criados.

Em nossa época, “criador é o nome que o artista reivindica, porque acredita ocupar o lugar deixado vazio pela ausência dos deuses. Ambição estranhamente enganadora.” (BLANCHOT, 2011, p. 238). Mas Osman Lins não se deixa enganar e sabe que o homem não pode se colocar subjetivamente no vazio deixado pelos deuses, pois deixar vazio é o próprio modo de ser de *Alétheia*, deusa da verdade. Por outro lado e em vista disso, ele parece reconhecer que é por e com esse vazio que o próprio homem (*húmus*) se configura enquanto humano na atividade artística. O verdadeiro fazer artístico, então, não coloca o homem no lugar dos deuses, não o diviniza, mas apontando-lhe o vazio da procura a que está lançado, possibilita sua realização plena.

Neste sentido, no que se refere à criação literária, Lins parece, novamente, colocar-se a escuta do pensamento de Heráclito, que no fragmento 93 enuncia: “o Autor, de quem é o oráculo de Delfos, não diz nem subtrai nada, assinala o retraimento” (HERÁCLITO, 1991, p. 83). E assim, toda atividade do artista é verdadeiramente

criadora na medida em que se coloca na correspondência dessa ação originária, ou seja, quando também assinala o mistério do retraimento, velamento de *Alétheia*.

Apontar o mistério das coisas é deixa-lo ser aquilo que é: mistério, possibilidade de diversos sentidos em constante abertura e necessidade de uma procura pela ação originária. Por isso, em sua busca pela frase mágica,

Não ignora Loreius que a palavra central da frase a ser descoberta – e que servirá de suporte às outras quatro – deverá também, para desempenhar sua função, ser lida indiferentemente em ambos os sentidos. Repassa, assim, nos banhos, nos sonhos, só, em companhia, durante as representações teatrais ou ao longo de seus habituais passeios às vertentes suaves do vulcão, todos os termos palíndromos de que pode lembrar-se, acabando por, dentre todos, optar pelo que mais fascinante lhe parece. Escolhe a palavra TENET, não apenas por ser um verbo indicativo de posse, de domínio, fator de alta importância para ele, um escravo, como por subentender (tenet: “conduz”, “sustém”; mas quem conduz, quem sustém?) a existência de um terceiro, um agente, alguém que age, desconhecendo-se porém a sua identidade e o que faz ao certo. (LINS, 1974, p. 30-31).

Loreius entrevê a possibilidade de configurar sua vida como homem livre na ficção: a imutabilidade do divino e a mutabilidade do mundo em conjunto com algumas as palavras devem, através do escravo, gerar sentido em uma frase que todos possam ler. O divino, o mundo e as palavras (mesmo aquela que indica posse) ele não os possui, antes, é por eles possuído; ele não os cria, mas é, de certa forma, por eles criado. Porém, é na criatura que se dará o mistério da criação. Mas como? Não saber quem é o criador é algo que permanece, portanto. Mas como narrar isso? Quer dizer, como não subtrair o mistério do ser mistério na narrativa? Como dizer o mistério se o mistério é o impossível de se dizer? Como apontar o Autor desconhecendo sua identidade e o que faz ao certo?

### **Silêncio: dizer da arte**

É conhecida a fala de Wittgenstein, no prefácio ao *Tractatus logico-philosophicus* segundo a qual, ante aquilo que não se pode dizer, o melhor a se fazer é calar<sup>142</sup>. Todavia, a verdade, a existência como um todo, o que vem a ser o homem se afiguram como questões que, a despeito de serem essencialmente indizíveis, o ser humano insiste em dizer de diversas maneiras, inclusive pela arte. É possível ser artista?

<sup>142</sup> “Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com essas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 131).

Parece que retomamos a questão do destino suscitada pela personagem inominada, quer dizer: o que é indizível destina-se ao homem no falar de cada coisa como completo silêncio, ou ainda, a completude da verdade e da existência encaminha-se ao homem na sua experiência limitada de verdade e existência como possibilidade de plenificação.

Ante tais questões, devemos calar? Clarice Lispector em famosa entrevista, concedida pouco antes de sua morte, ao ser perguntada sobre qual o papel do escritor brasileiro na atualidade, respondeu, ironicamente, que ele deveria manter-se calado. É certo que não se deva entender tal resposta como uma omissão, ou esquiva ante as questões que nos afligem em nossa humanidade. Clarisse, em outros termos, nunca “calou” e a prova disso é sua obra. Da mesma forma, Osman Lins, entre outros tantos, soube como ninguém, em sua obra, cultivar esse não-falar.

Eudoro de Souza em *Mitologia*, ensaio sobre a possibilidade humana de fabular o real, reconhece que o silêncio não se limita a ausência de palavras e “está para linguagem como o Ser está para os entes que o ocultam, quando nos entes se revela. [...] O Grande Silêncio é como a noite cosmogônica, a Grande Matriz da Linguagem.” (SOUZA, 1984, p. 20).

O verdadeiro artista é esse que se dá ao cultivo da linguagem a partir do não-falar, quer dizer, do Grande Silêncio. O silêncio lhe atrai e ele se deixa conduzir. Ressoam, então, as palavras de um oráculo, em *Avalovara*, acerca de todo o fazer artístico: quem conduz? quem sustem? Ele, artista, cala em tudo o que diz a obra que por ele se faz. A obra, por sua vez, é também qualquer coisa se calando e, se em literatura o silêncio encontra na imagem da página em branco sua perfeita correspondência, não é à toa que encontramos a figura do escritor Abel tecendo a seguinte reflexão: “Perfeita em sua nudez é a folha de papel ainda não escrita. As palavras com que as escureço não restringem ou diminuem a sua perfeição” (LINS, 1974, p. 86).

E assim, é possível afirmar que, de todas as maneiras de dizer o indizível, de todas as experiências fragmentadas, a obra de arte talvez seja a que menos contraria a fala de Wittgenstein, pois, neste caso, o dizer da obra é um calar, ou melhor, é um apontar para o completo silêncio.

**“Sua voz é uma aragem e queima-me”**

Não é outra a atividade do lavrador que, cultivando a terra, labora cuidadosamente para que esta, em seu mistério, se recolha:

SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS. O lavrador mantém cuidadosamente a charrua nos sulcos. Ou, como também pode entender-se: O lavrador sustém cuidadosamente o mundo em sua órbita. Difícil encontrar alegoria mais precisa e nítida do Criador e da Criação [...] Idêntica é a imagem do escritor, entregue à obrigação de provocar, com zelo, nos sulcos das linhas, o nascimento de um livro (LINS, 1974, p. 72).

Novamente: quem conduz, quem sustém, quem age no recolhimento da deusa mãe que o homem desde tempos imemoriais cultiva? A quem, exatamente, cultua-se no cultivo de Gaia, a Terra por onde tudo nasce, a mãe de toda real narrativa? Não podemos saber. Mas todos nós reconhecemos que é neste recolhimento que ela se plenifica e, aos poucos, pode se ofertar à colheita. Do mesmo modo, a narrativa de *Avalovara* a todo o momento reconhece a ação misteriosa em torno do cultivo do texto na formação das figuras que, ao leitor e mesmo ao escritor, somente, aos poucos, vão se ofertando à leitura. Como, por exemplo, em “S – A Espiral e o Quadrado”, quando o narrador, acerca do fragmento inicial do romance, faz a seguinte reflexão:

Crer que os dois personagens e a sala de um fausto declinante onde se encontrem tenham para o narrador mais nitidez que o texto – vagarosamente elaborado e onde cada palavra se revela aos poucos, passo a passo com o mundo nelas refletido – seria enganoso [...] Pouco sabe do invento o inventor, antes de o desvendar com o seu trabalho” (LINS, 1974, p 14-15).

De maneira cíclica, é o produto dessa colheita que impulsiona o ser humano ao trabalho que desvela-nos o mundo como algo real e que ama se ocultar. O artista Abel, contempla o rosto e o corpo despido de sua amada sem nome às portas do paraíso. Ele percebe que a força velada naquela carne é o que, atraindo para a conjunção, lhe arrasta fazendo-o adentrar na morada originária de seu ser, a misteriosa Cidade:

Expressa o rosto de ☺, legíveis, símbolos claros e exatos como as letras que vogam entre os altos edifícios? Segredos numerosos, nele, espreitam-me; e o confronto do meu corpo com o seu atende a um esforço de perfuração ou rompimento, arrastam-me esse rosto e corpo – ventre anca jarretes, vulva peitos ombros, língua, braços coxas – com todos os imãs e iscas e méis, mas arrasta-me com ainda maior potência o esconso, o que irrevelado se move em sua carne, o ainda escuro e não aqui. Sua beleza estoura nos meus olhos e trespassa-me, cruza-me, atravessa-me, crava-se fundo em mim. (LINS, 1974, p.323)

O esconso, como beleza do que vigora entre o visível e o não-visível, o nada criativo, é a força que atravessa o artista. Na escuta da inominada força, Abel cunha-se artista: “sua voz é uma aragem e queima-me” (LINS, 1974, p. 16). Por ela, nele – *húmus* fértil – se dá a criação. Neste sentido, segundo Heidegger, se encaminha a intensão

primordial do artista, ou seja, para um deixar a obra de arte ser, verdadeiramente, obra da Arte operando através do artista na criação da obra.

Mas para isso já se encaminha a intensão primordial do artista. A obra deve, através dele, ser libertada para o seu puro auto-permanecer-em-si. Justamente na grande arte, e aqui só se fala dela, o artista posta-se diante da obra como algo indiferente, quase como uma passagem que se auto-aniquila para a produção da obra, no ato de criar. (HEIDEGGER, 2010, p. 98-99)

Deste modo, a obra permanecendo em si, é obra; a Arte é Arte; o mistério é mistério e é possível entender o aceno ao retraimento que faz do homem o produtor do indizível, quer dizer, o artista em verdade (*Alétheia*), como Abel, sua vida e seu amor, mas também Julius e o relógio, Loreius e o palíndromo, Osman Lins e *Avalovara*.

Recolocado no recolhimento amoroso do real, sempre velando-se (*phýsis kryptesthai philéi*), o ser humano não é, porque nunca o foi, o senhor da criação artística. Porém, a obra que por ele se faz, confere-lhe dignidade ao constitui-se como espaço privilegiado para o acontecer da verdade das coisas. Recinto em que se encontram *telos* e *arché*.

*Avalovara* evoca, a certa altura, um artefato arqueológico descoberto no início do séc. XX nas ruínas do palácio de Festo da antiga civilização minoica. Feito de argila, em formato de disco, nele se inscreveu, por volta do final da idade do bronze, uma série de hieróglifos em sequência espiralar cujo significado remanesce envolto em mistério. Com este mistério, Abel identifica, novamente, o corpo da amada. Mas o texto indecifrável aponta, também, para aquilo que é a expressão mais densa da linguagem, linguagem como esquecimento, verdade unívoca e prismática, vindo da *arché* das coisas e que encontra no objeto configurado pelas mãos do ceramista-escriva, do oleiro-escritor, o seu próprio centro, o seu ápice e nexos final. O *telos*.

O texto em espiral do disco de Festo, quando grafado, teria um primeiro significado, efêmero e já perdido. Hoje ressoa de longe, de um mundo impenetrável e nos atingem sem significar, evocando a presença e a visão do mistério. Não é isto a linguagem em sua expressão mais densa? Assim o corpo de ☉. [...] Aqui, o texto, em caracteres totalmente desconhecidos e resistentes à decifração, entra pelas bordas, vindo do mundo exterior, vindo do princípio – e enrosca-se em espiral girando para o centro. De tal escrita, sabe-se – com aquela espécie de certeza que ultrapassa e dispensa comprovações – sabe-se que obedecia a essa direção. Escrevia-se e lia-se, coisa única na História, fazendo girar entre as mãos o disco: como a Terra gira e os astros. Escrita que reflete, mais que nenhuma, o mundo e a nossa contemplação do mundo. Sendo-nos vedado, por uma afortunada ignorância, saber o que exprime ao certo o texto – para nós noturno – do disco de Festo, nele ouvimos e lemos uma verdade unívoca, prismática, laçada pela espiral egressa de um disco invisível, do qual o disco de argila é o centro e cujo nexos



final está no centro do objeto moldado pelo ceramista e escriba. (LINS, 1974, p. 326)

Pelas mãos do artista o real misteriosamente é conduzido ao seu *telos*, o ser se manifesta de maneira mais pungente. Da mesma forma o ser humano se plenifica, pois o homem é real. Por isso, se é o velamento de *Aletheia* que arrasta Abel pra dentro da Cidade eterna, essa mesma beleza que retrai e atrai, é que conduz todo ser à sua morada: quer dizer, à Linguagem, como nos diz Heidegger em *Carta ao Humanismo*:

A linguagem é a casa do Ser. Em sua morada habita o homem. Os pensadores e poetas são os guardiões dessa morada. Sua guarda consiste em levar a cabo a manifestação do Ser, na medida em que, mediante seu dizer, eles a levam à linguagem e ali a custodiam. (HEIDEGGER, 2000)

### Sopro na argila

Na retomada do sentido originário da *physis*, da narrativa e da ficção, a partir da verdade manifestativa que lhe anima toda a tessitura, *Avalovara* acena ao não-saber, ao vazio criativo que constitui propriamente o vigor da literatura: texto vivo, carne que não seca, pois é a natividade incessante, a morte “cheirando a vivos”.

Ao escritor, a palavra é o “sopro na argila” que “distingue, fixa, ordena e recria” (LINS, 1987, p.117), ficcionalmente o mundo. “Cada palavra se revela aos poucos, passo a passo com o mundo nelas refletido” (LINS, 1974, p15), são espelhos e é no espelho que o vazio acontece como milagre ofertado para todos.

Neste sentido, o trabalho artístico revela-se operante para além do subjetivismo do autor ou mesmo do leitor. Quer dizer, pelo figurar-se, pelo fazer-se e ser com a verdade, essa rede de sentidos que é o ser humano se realiza na obra da mesma maneira que a obra se realiza no humano, em co-labor-ação.

Deste modo, podemos dizer que a confecção de *Avalovara*, texto que se faz na imagem de um pássaro, é a literatura que se lança em voo no aberto, se oferta ao vazio e insufla-nos à inominada procura pela configuração da narrativa do humano que cada um é.

### REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO. PARMÊNIDES. HERÁCLITO. *Os pensadores originários*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRANDÃO, Junito de S. *Dicionário mítico-etimológico de mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1991. 2 v.

CARONE, M. Avalovara: precisão e fantasia. In *Osman Lins: o sopro na argila*. Hugo Almeida (org.). São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

CASTRO, Manuel Antônio de. "Poiesis, sujeito e metafísica". In: \_\_\_\_\_ (org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7letras, 2004, p.28.

\_\_\_\_\_. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Poética e Pensamento*. Internet. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br>

DALCASTAGNÉ, Regina. *A garganta das coisas: movimentos de Avalovara de Osman Lins*. Brasília: Editora da universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

ECO, Humberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Trad. Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

ERNOUT, A. e MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la langue latine: histoire des mot*. Paris: Klincksieck, 2001.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio e Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

\_\_\_\_\_. *Carta sobre o humanismo*. Tradução de Helena Cortés e Arturo Leyte. Madrid: Alianza Editorial, 2000 [on line].  
[[http://personales.ciudad.com.ar/M\\_Heidegger/carta\\_humanismo.htm](http://personales.ciudad.com.ar/M_Heidegger/carta_humanismo.htm)].

\_\_\_\_\_. *Introdução à metafísica*. Apresentação e tradução de Emmanoel Carneiro Leão. 4ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Que é isto – a filosofia? : identidade e diferença*. 2 ed. Trad. Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2009.

\_\_\_\_\_. *Sobre a essência da verdade. A tese de Kant sobre o ser*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

\_\_\_\_\_. *Ser e verdade*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2007.

ISIDRO PEREIRA, S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, s/d.

\_\_\_\_\_. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1974, 2ª ed.

\_\_\_\_\_. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

\_\_\_\_\_. *Nove, novena*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, 3ª ed.

ROSA, João Guimarães. *Primeira estórias*. 1 ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ROSA, João Guimarães. “Aletria e Hermenêutica” in *Tutaméia: terceiras estórias*, Editora José Olímpio, Rio de Janeiro, 1979.

SOUZA, Eudoro de. *Mitologia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus*. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos; [introdução de Bertrand Russell], 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2010.

## ***O TETRANETO DEL-REI: PRAZER DO TEXTO NUM TEXTO DE PRAZER***

Jonatas Alves da Silva – [nonalingua@yahoo.com.br](mailto:nonalingua@yahoo.com.br)

Profa. Dra. Socorro Simões – [galvão@ufpa.br](mailto:galvão@ufpa.br)

**Resumo:** Este trabalho não é propriamente uma análise do romance *O tetraneto del-rei* (1982), de Haroldo Maranhão (1927-2004), é uma apresentação dessa análise, um recorte. Partindo do âmbito da Literatura Comparada, passando pelo texto de prazer de Roland Barthes e chegando à Literatura e Sociedade de Antônio Cândido, pretende-se fazer um breve percurso por esta obra do prosador paraense .

**Palavras-chave:** Texto de prazer, Paródia, Leitura.

**Abstract:** This work is not properly an analysis of novel *O tetraneto del-rei* (1982), of Haroldo Maranhão (1927-2004), is a presentation this analysis, a clipping. Starting on scope of Comparative Literature, passing by pleasure text of Roland Barthes and reaching to Literature and Society of Antônio Cândido, intends to make a brief way by this literary of paraense prosaist.

**Keywords:** Pleasure text, Parody, Reading.

*O tetraneto del-rei*, romance do escritor paraense Haroldo Maranhão, é uma paródia da colonização do Brasil. Tem como protagonista Dom Jerónimo d’Albuquerque, também conhecido como o Torto, que é tetraneto do rei de Portugal D. Dinis. O Torto se gloria de duas coisas: o sangue e o pênis. Jerónimo sai de sua terra pátria para se livrar de dívidas que o poderiam levar à cadeia. Acompanhado dos piores homens de Portugal e tendo como capitão seu cunhado D. Duarte Coelho, Jerónimo chega ao litoral brasileiro.

Este romance instiga a outras leituras, tanto a releitura do próprio romance quanto a leitura das obras das quais Maranhão se valeu para enredar o texto. O desafio primeiro é a leitura enquanto decodificação do signo, por se tratar de um romance que utiliza/imita a linguagem do século XVI. O segundo desafio é compreendê-la como paródia e assim gozar do prazer reservado aos leitores mais “viajados”. Cabe a esse leitor mais que identificar ao longo do texto as “passagens” de outras obras, mas também ser capaz de perceber o distanciamento entre a paródia e o texto parodiado e, principalmente, compreender a ironia e a reflexividade que, conforme Linda Hutcheon (1989), caracterizam a paródia.

Partindo disso, este trabalho busca analisar as múltiplas possibilidades de leitura, tanto no plano do conteúdo com no plano formal da obra, seguindo a premissa, de Antonio Candido, de que estes são inseparáveis, e a própria construção artística pode refletir a estrutura de uma sociedade, — sem, contudo, ficar presa a ela, sabendo que seu valor estético ultrapassa o espaço e o tempo (cf. SANTIAGO, 1989) — pretendemos investigar essa problemática com base nas seguintes hipóteses.

O romance de Maranhão é exemplo do que Roland Barthes chamou de “texto de fruição” (ou texto de gozo, numa outra tradução do termo *jouissance*):

aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2002, p.21).

A leitura da obra causa desconforto, estranhamento, conduz para um beco sem saída, ou melhor, um beco cuja saída é a volta, quer seja o retorno às obras das quais se valeu o escritor, quer seja a volta às leituras acumuladas pelo leitor. A leitura é em busca de uma verdade que não é a da obra, nem a do autor, mas a do leitor, uma “verdade lúdica” referida por Barthes (2004), uma verdade que por ser lúdica conduz ao prazer.

Para Antoine Compagnon o essencial é aquilo que o próprio leitor recorta, o que o excita, afinal, na leitura, “a verdade é o que me compraz, o que me solicita” (1996, p. 33). Ele faz menção às palavras do guarda florestal citadas em *O trabalho da citação*, especificamente no capítulo *O homem da tesoura*: “Eu leio com a tesoura nas mãos, desculpem-me, e eu corto tudo o que me desagradar” (COMPAGNON, 1996, p.32). Ora, se o leitor corta tudo o que lhe desagradar, só resta o que lhe dá prazer, e isso que lhe resta já não é mais o que leu, mas o que recortou e colou na parede da memória, é o seu próprio texto. Mas isso não torna o leitor em autor do texto que lê?

Silviano Santiago, no ensaio *O entre-lugar do discurso latino-americano*, trata sobre textos que são escritos a partir de outros textos (como a paródia, por exemplo), destacando o papel do leitor:

O texto segundo se organiza a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original nas suas limitações, nas suas fraquezas, nas suas lacunas, desarticula-o e o rearticula, de acordo com as suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original (SANTIAGO, 1971, p. 22 — grifo meu).

Ainda sobre a indagação anterior, parece um bom caminho partir para uma dupla classificação proposta por Roland Barthes (textos legíveis e textos escrevíveis), em *S/Z*, e mencionada por Santiago:

O texto legível é o que pode ser lido, mas não escrito, não reescrito, é o texto clássico por excelência, o que convida o leitor a permanecer no interior de seu fechamento. Os outros textos, os escrevíveis, apresentam, ao contrário, um modelo produtor (e não representacional) que excita o leitor a abandonar sua posição tranquila de consumidor e a se aventurar como produtor de textos (1971, p.21).

Esse texto que excita o leitor convida-o para a práxis, despertando-o, radicalizando-o, colocando-o na posição de criador. Esse texto “escrevível” é dependente do leitor, é composto de lacunas. Mas, por outro lado, essa dependência do texto em função do leitor não ocorre de modo desorganizado, aleatório, pois a leitura, por

mais subjetiva que se possa imaginar nunca passa de um jogo conduzido a partir de certas regras. De onde vêm essas regras? Não do autor, por certo, que não faz mais do que aplicá-la à sua moda (...); visíveis muito aquém dele, essas regras vêm de uma lógica milenar da narrativa (BARTHES, 2004, p. 28-29).

Ao construir sua obra como quem monta um brinquedo, a partir de peças já existentes (o já escrito), Haroldo Maranhão cria uma nova brincadeira, como uma criança com um lego. Nesse jogo, o prazer reside em montar e não em admirar o já-feito. O escritor expõe o brinquedo ao leitor que deve desmontar e refazer a seu modo, respeitando as “peças de encaixe”. O leitor se vê diante não apenas de uma possibilidade, mas de muitas. Deve ter sido por isso que a Comissão Julgadora do VI Prêmio Guimarães Rosa/1980 deu o seguinte parecer<sup>143</sup> ao romance de Haroldo Maranhão:

*O Tetranelo Del-Rei* preenche coerentemente as exigências do indispensável diálogo entre autor e leitor. Nesse texto, o tributo devido à expressão e à comunicação se faz conscientemente realizado (...). Há, pois, uma exata correspondência entre linguagem e fabulação, que responde às necessidades de fundação de uma realidade nova – o romance/paródia/picaresco – que aparece então como um universo próprio a envolver capciosamente e inteligentemente o leitor.

Nessa paródia do prosador paraense, o prazer do texto é dispensado ao leitor, por múltiplas possibilidades: de (des)construir a história da colonização do Brasil; de (des)dobrar a

<sup>143</sup> Este parecer foi publicado na segunda capa (mais comumente chamada de orelha) de *O tetranelo del-rei*. Não se espante o leitor se, acaso, não encontrar essa orelha no exemplar que tenha adquirido, pois, alguns exemplares, por erro de corte, acredito, ficaram sem as preciosas orelhas tais quais as vítimas do bibliófilo – personagem da terceira narrativa de *Senhoras & Senhores*, obra de Haroldo Maranhão – que cortava e salgava orelhas (agora em seu sentido literal) de livreiros.

língua pela viagem à linguagem do século XVI; e de precisar (inter)romper a leitura para gargalhar sob o efeito da estúpida passagem do tom sério ao jocoso. Neste romance, o leitor pode, de fato, brincar, rir e se divertir.

O romance de Maranhão se vale de uma forma de crítica que tem a “vantagem de ser simultaneamente uma recriação e uma criação” (HUTCHEON, 1989, p.70), faz da crítica uma exploração ativa da forma: a paródia. Em seu artigo *Apesar de dependente, universal*, Silviano Santiago argumenta que “nas culturas periféricas, os textos descolonizados questionam, na própria fatura do produto, o seu estatuto e o estatuto do avanço cultural do colonizador” (1982, p.24). E é justamente por essa “resposta a essa representação no próprio nível da fabulação” que o texto da cultura dominada é mais rico que o da cultura dominante, como frisa Santiago:

Paradoxalmente, o texto descolonizado (frisemos) da cultura dominada acaba por ser o mais rico (não do ponto de vista de uma estreita economia interna da obra) *por conter em si uma representação do texto dominante e uma resposta a essa representação no próprio nível da fabulação*, resposta esta que passa a ser um padrão de aferição cultural da universalidade tão eficaz quanto os já conhecidos e catalogados. (1982, p.23).

*O tetraneto del-rei* é um romance que se vale de dois dos três “antídotos” contra o enciclopedismo europeocêntrico mencionados por Santiago (1982). O primeiro é a “noção mal-intencionada de antropofagia cultural brilhantemente inventada por Oswald de Andrade, num desejo de incorporar, criativamente, a sua produção dentro de um movimento universal” (SANTIAGO, 1982, p.21). O segundo antídoto é a “noção de ‘traição da memória’, eruditamente formulada por Mário de Andrade através das suas pesquisas em músicas com vistas a uma produção nacional popular.” (*idem*). O terceiro é a “noção e possivelmente ideológica de ‘corte radical’ em geral implicado (às vezes não explicitado) pelos sucessivos movimentos de vanguarda” (*ibidem*). Esse último antídoto não é considerado no romance.

O romance haroldiano em questão foi construído como se constrói um mosaico, com partes de outro, mas com uma forma própria. Tal como um artista plástico que dos pedaços de outras obras faz a sua própria, Haroldo Maranhão encontrou, nos pedaços de outras, a sua obra-prima. O romancista paraense faz questão de dizer em nota, no seu livro, de quais autores se valeu para tecer seu texto:

No texto, há enxertos de versos e passagens de Fr. Amador Arrais, Pero Vaz de Caminha, Bocage, Gregório de Matos, Fr. Francisco de Mont’Alverne, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Francisco Otaviano, Olavo Bilac, Fernando Pessoa, João Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Mario Faustino e Lêdo Ivo (MARANHÃO, 1982).

Assim a noção de “unidade” e “pureza” vai se esvaindo. Sobre isso Santiago orienta-nos:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza*: estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (1971, p.18).

As palavras de Santiago nos levam às de Eagleton: “Não existe nada como ‘originalidade’ literária, nada como a ‘primeira’ obra literária: toda literatura é ‘intertextual’, afinal, “Todos os textos literários são tecidos a partir de outros textos literários” (1983, p.148). O romance haroldiano é tecido com fios de outro tempo, fios do tear do leitor-criador. Fios de outros textos, fios que provam que “pureza” ou “unidade” na literatura nunca existiram, basta lembrar de Homero ou Shakespeare.

Para tratar da relevância deste trabalho, partimos da citação de Benedito Nunes, em texto que compõe a orelha de *O tetraneto del-rei*:

A aventura maior desta obra, resumo de suas proezas, que descendem em linha reta da Carta às Icamíabas, é proporcionar-nos o prazer do texto num texto de prazer. O gozo da história confunde-se com a fruição da linguagem numa narrativa inteiriça, destinada a ocupar proeminente lugar dentro do espaço da língua portuguesa – pátria comum de Guimarães Rosa e Camões, de Fernando Pessoa e Mário de Andrade.

Nunes põe Haroldo Maranhão ao lado dos grandes nomes da literatura de língua portuguesa, acentuando que o espaço é conquistado no romance em questão. Logo, parece desnecessária qualquer argumentação sobre a importância deste autor e desta obra para a literatura da Amazônia. Ele ainda destaca que o romance de Maranhão é capaz de oferecer, ao leitor, “o gozo da história com a fruição da linguagem”, mas, principalmente, “a aventura maior desta obra é proporcionar-nos o prazer do texto num texto de prazer”.

Se a “aventura maior” não está na obra em si, mas na re(l)ação com o leitor, então a importância deste tema fica mais que evidente, uma vez que o que se pretende explorar é essa margem entre a obra e o leitor, essa fenda cuja ponte é de mão dupla, de *idas e venidas*.

Desse modo, o próprio *corpus* nos conduz ao âmbito da Literatura Comparada, posto que, será necessário recorrer a outros intertextos para ampliar, em nosso texto de análise, as possibilidades interpretativas. Também há de se recorrer à Literatura e Sociedade de Antonio Cândido, bem como as relações entre Literatura e História.

E considerando *O tetraneto del-rei* como uma obra de ficção pós-moderna, faz-se necessário, a fim de propor esse diálogo entre ficção e história, seguir as orientações de Linda



Hutcheon, conforme a qual “a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é — em ambos os casos — revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico” (1991, p.147). Assim, compreende-se que o romance haroldiano ao reescrever um determinado momento histórico, desconstrói valores constituídos pela historiografia tradicional, mantendo sua atualidade.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad. Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMA, 1996.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura, uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Trad. de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARANHÃO, Haroldo. **O tetraneto del-rei**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

NUNES, Benedito. A morte do escritor Haroldo Maranhão. **O Liberal**. Belém, Pará, 20 jul. 2004. Caderno Cartaz, p. 5.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 11 – 28

\_\_\_\_\_. Para além da história social. In: **Nas Malhas da Letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 215 – 232.

\_\_\_\_\_. Apesar de dependente, universal. In: **Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

## **RUPTURA EXTERNO E INTERNO: QUANTO MAIS ENGAJADO, MAIS AUTÔNOMO O NATIVO DE CÂNCER DE RUY BARATA**

Autora: Laurenice Nogueira da Conceição –lauranog@yahoo.com.br

Orientador: Dr. José Guilherme Fernandes – mojuim@uol.com.br

## RESUMO

Este trabalho propõe um diálogo entre o poema “Nativo de Câncer” e as noções de externo e interno de Antonio Candido. Mostra como dialoga com a ideia de arte engajada e autônoma de Theodor Adorno, unindo o lírico e o épico, segundo Emil Staiger, num fenômeno de transculturação, conforme Angel Rama.

**Palavras-chave:** Epopeia, Arte, Amazônia.

### ABSTRACT

This article proposes a dialogue between the poem “Nativo de Câncer” (Native of Cancer) and Antonio Candido’s notions about the external and the internal. It is a dialogue between the Theodor Adorno’s ideas about engaged and autonomous art. It unifies the lyric and the epic, according to Emil Staiger which is a transcultural phenomenon, according to Angel Rama.

**Keywords:** Epic poem, Art, Amazonia.

Foi em 1960 que Ruy Paranatinga Barata publicou no Jornal *A Folha do Norte*, uma primeira parte do poema “O Nativo de Câncer”, então intitulado *Nativo*, musicado pelo filho Paulo André e cantado por Fafá de Belém como tema de novela, ganhando o Festival Latino-americano de Música, no Uruguai. Conforme informa Alfredo Oliveira (1990), o poeta paraense estava nos seus quarenta anos e já havia publicado o primeiro livro, *Anjo dos Abismos*, em 1943 e o segundo, *A Linha Imaginária*, em 1951. Nessa época, vivia em Belém, onde passou toda a vida e para onde se mudara aos 10 anos de idade, para estudar, vindo de Santarém, onde nascera, em 25 de junho de 1920 (Reis, 1990). Desde a segunda metade da década de 60, dedicou-se a dar continuidade e reescrever “O Nativo de Câncer”, principalmente nos seus dez últimos anos de vida, até sua morte, em 23 de abril de 1990. O poema foi publicado no *Antilogia*, em 2000, livro organizado pelo próprio Ruy Barata, nos dois primeiros meses de 1990, com catorze poemas, sendo sete de seu segundo livro, *A Linha Imaginária*, e sete inéditos (Nunes, 2000).

O *Nativo de Câncer* é o primeiro poema de *Antilogia*, ao lado de outras 13 poesias. Em outras versões não publicadas e alteradas pelo autor ao longo dos anos tem 527 versos e nove cantos, segundo Benedito Nunes (2000), mas na última versão é composto por 450 versos decassílabos, formando dois longos cantos, que o filósofo paraense classifica como descritivos e narrativos, sendo o primeiro mais enumerativo e paronomástico, pois há uma relação entre elementos opostos, por meio da proximidade dos sons deles, e a segunda predominantemente narrativa. Precisamente pela extensão

do texto, aqui, serão abordados apenas a primeira estrofe do canto 1 e a primeira do canto 2 do poema.

Neste trabalho, objetiva-se fazer um diálogo preliminar entre o poema em questão e os conceitos de externo e interno utilizados por Antonio Candido, principalmente na primeira parte de *Literatura e Sociedade*. Pretende-se mostrar como a eles dialogam com a ideia de arte engajada e arte autônoma de Theodor Adorno, em *Notas de Literatura*, especialmente quando se considera que o texto traduz um gênero híbrido, como o indicado por Emil Staiger, em *Conceitos Fundamentais de Poética*, no caso específico do poema aqui abordado, entre lírico e épico. Por questões didáticas, em alguns trechos, o título do poema será abreviado para “NC” e o nome do autor para “RB”.

Discutir as questões acima citadas pode contribuir para enriquecer os estudos da literatura na Amazônia e em todo o Brasil, fazendo mesmo a pergunta se existiria uma literatura amazônica. A propósito disso, a poesia de Ruy Barata “é única, é nova” – segundo Mário Faustino, em carta, em 1962, – “representará sem dúvida, para todos os poetas brasileiros, um motivo para libertação”. Afinal, pode-se partir do que disse Faustino na mesma correspondência:

A boa poesia, embreada à linguagem de um povo, ou torna mais clara, mais exata, ou então mais ampla, mais alta, mais rica, mais funda, mais pesada, essa linguagem. Uma espécie de lente da língua. Através de tua poesia a língua fica mais forte, mais vasta – embora (preço que pagas) mais obscura e mais desordenada. (*Antilogia*, 2000, p. 71).

Por esse caminho, há de se considerar também o quanto a linguagem do poema rediscute a própria linguagem poética e a língua portuguesa brasileira, contribuindo com outros estudos que já apontam para o fato de que não é apenas a suposta presença dos elementos históricos e culturais regionais que deve determinar o valor do *Nativo de Câncer*, mas principalmente como esses elementos são recriados por meio da linguagem. A partir daí, passa-se às prerrogativas de interno e externo, as quais, utilizadas por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* em 1965, trouxeram à baila a velha discussão sobre se a visão mais adequada para se fazer a abordagem de uma obra literária, seria aquela na qual imperam os elementos biográficos do autor, externos à obra, ou aquela cuja prioridade é a obra enquanto criação configurada em artifícios estéticos, ou seja, os fatores internos. No prefácio da 3ª edição do livro, publicado também na nona edição, de 2006, aqui

utilizada, o crítico diz que pretende se alinhar àqueles que à época viam essas ideias, não como paralelas e contrárias, mas como perfeitamente passíveis de serem fundidas. Sobre essa postura de equilíbrio, ele afirma:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (p.17).

Pode-se dizer, sob essa perspectiva, que podemos ler no poema “O Nativo de Câncer”, não uma simples narrativa dos acontecimentos históricos da Amazônia, mas uma construção seja possível discutir que essa historicidade seja transformada em algo intrínseco às características internas do texto. E que assim, sendo fiel à proposta de Candido, o externo, quando presente, tornaria-se integrante do interno, numa relação dialética. Basta para isso, considerar que o fato de narrar a “saga dos heróis e dos canalhas” (*Antilogia*, v. 364, p.36) da história de colonização da região, não é suficiente para fazer com que esse poema seja visto como grandioso, mas sim o de transformar a história dos grandes feitos e também a cotidiana numa elaboração artística que pode ser lida na primeira estrofe do canto 2:

228 Noite, norte-noite, nauta-noite,  
 229 no quilombo das pôitas e palmares,  
 230 o vento amanhecia na varanda,  
 231 trazendo um latifúndio de pesares,  
 232 suado do suor da maresia,  
 233 sedento da palavra poesia,  
 234 que pedia por novos calabares. (*Antilogia*, p.32)

Ainda numa primeira leitura, pode-se observar que há pelo menos duas referências diretas a momentos históricos: o do Quilombo dos Palmares (v. 229), e o da presença de Calabar (v.234), que aparece pluralizado. Ambas remontam ao século XVII, a primeira lembrando o maior quilombo do Brasil, o dos Palmares, na então Capitania de Pernambuco, e que hoje é uma parte de Alagoas (Reis, 1996). A segunda, lembrando Domingos Fernandes Calabar, que se tornou herói para uns e traidor para outros, uma vez que no início dos anos 30 daquele século, quando da disputa entre Portugal e Holanda por terras brasileiras, em Alagoas, sua terra natal, de soldado pelas tropas portuguesas, passou a soldado das tropas holandesas, atraindo sobre si desconfiança de ambos os lados e mesmo ódio (Nunes, 2002).

Brevemente situadas essas duas referências, pode-se finalmente observar que no conjunto da estrofe, elas não assumem apenas um papel histórico. Basta refletir que quilombo aí não se liga necessariamente a um lugar ou a um tempo, mas a uma ideia de resistência que bem pode ser o da própria poesia, pois é ela e não os acontecimentos que requer “novos calabares” (v.234). A figura de Calabar é emblemática, pois nela está sintetizada mais que a resistência, uma ambiguidade, e que por estar pluralizada abre espaço para se pensar não simplesmente na figura do caboclo da região, mas de qualquer pessoa, ou até mesmo numa postura (poética?) ante o mundo.

O simples fato de o autor recorrer a símbolos de resistência que não são próprios da região leva a descartar a possibilidade de enquadrar o NC numa simples apologia a símbolos regionais, pelo contrário, ele pluraliza, lança mão do ambíguo, generaliza os termos e os maneja como forma de criar figuras como a que observamos na imagem do vento que amanhece na varanda, que é suado de maresia e que traz em si um latifúndio, não de terras, mas de pesares (v.230-233) e vem com sede de poesia (v.234). O próprio vento aqui assume características humanas. Não é Calabar, o humano, que traz os pesares, mas o vento, que, aliás, é quem aparece “sedento” de poesia, numa prosopopeia cara à imagem poética.

Em “Noite, norte-noite, nauta-noite” (v.228), “norte”, o nome da região, aparece em minúsculo, antecedido por “noite”, que, por sinal é composta com esse norte, que poderia ser lido como rumo indefinido, posto que escurecido, identificado e predicado pela própria noite, associado também a “nauta”, cujo teor, Benedito Nunes ponderou que “talvez denomine a condição itinerante mesma do poeta numa região fluvial” (*Antilogia*, p.15). Essas referências biográficas, no entanto, ganham teor mais amplo que o simples biografismo, impedindo uma leitura apenas pelo viés biográfico, afinal “o poeta forja esse mundo que o invade forjando por ele seu vocabulário” (NUNES, *Antilogia*, p.14). Convêm notar no verso citado, a aliteração presente também em “no quilombo das pôitas e palmares” (v. 229), “suado do suor da maresia” (v. 232) e “sedento da palavra poesia”, (v. 233), o que vem conferir uma patente musicalidade poema.

Por esse caminho, pode-se afirmar que os elementos que remetem a momentos históricos da sociedade, portanto, externos à obra, podem ser considerados internos, uma vez que, na leitura, surgem como pretexto para a criação da própria estrutura interna do poema. E daí, pode-se recorrer ao que Candido disse sobre a liberdade de o trabalho artístico relacionar-se de maneira “deformante” com a realidade:

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra como realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal. (p.22).

Esse paradoxo referido por Candido e que, segundo ele, é central no trabalho artístico é o mesmo que encontramos no que Adorno fala sobre o engajamento ou a autonomia da arte, pois numa relação paradoxal e dialética, conforme o teórico alemão, uma obra pode ser autônoma mesmo engajada numa realidade. Primeiramente, porém, é necessário depreender do texto dele o que viria a ser engajamento e o que viria a ser autonomia na obra de arte. E quando se tenta fazer isso, observa-se que Adorno faz com que o conceito apareça por meio da descrição de posturas diante das obras. Ele diz:

Cada uma das duas alternativas nega, ao negar a outra, também a si própria: a arte engajada porque, como arte necessariamente distinta da realidade abole essa distinção; a da arte pela arte porque, pela sua absolutização, nega também aquele relacionamento irrecorrível para com a realidade. (Notas Sobre Literatura, 1973, p.52)

Assim, a obra de arte engajada à qual ele se referia na época seria aquela que se proporia a retratar de tal forma a realidade, que se comprometeria tanto com ela a ponto de negar a própria diferença entre a criação e o real. No outro oposto, estaria a obra autônoma que seria a arte com um fim em si mesma, e que nisso negaria qualquer vínculo com a realidade. Essas duas posturas são consideradas radicais pelo autor e se pode dizer que são o pano de fundo para a discussão sobre o paradoxo entre os fatores externos ou internos à obra já referidos aqui, com base na perspectiva de Antonio Candido.

Pode-se dizer que além do paradoxo exposto, a visão de uma dialética entre esses fatores remontam àquela vista por Adorno entre a autonomia e o engajamento da obra e que podemos ver no excerto abaixo, \_

Nenhuma palavra que é inserida numa obra literária desvincula-se completamente das significações que possui no discurso comunicativo, mas também em obra alguma, nem mesmo no romance tradicional, essa significação conserva inalterada aquela mesma que a palavra tinha fora do texto. (p. 52).

- de modo que a obra engajada, enquanto arte, necessariamente será mais que um retrato da realidade, para o quê seus próprios aspectos formais contribuem. E a obra autônoma, por mais que priorize o aspecto formal, jamais estaria totalmente desvinculada da realidade, seja ela social ou individual. Essa discussão é muito válida hoje e mais ainda em relação ao poema “O Nativo de Câncer”, pois quando se está diante de uma obra de teor épico, e que claramente faz referência à história de um povo, corre-se o risco de atribuir qualidades à obra apenas por esse motivo. De outro lado, há o perigo de detratá-la também pelo fato de ela manter esse vínculo com a realidade.

Porém, como se percebeu ao ler o trecho destacado do NC, essas duas posturas são insuficientes e reducionistas em relação à obra, pois ela, como arte, nem é reflexo puro do real, completamente engajada nele, nem algo totalmente autônomo em relação a ele. Tal assertiva se revela mesmo na própria construção da obra que, se de um lado reúne características de uma epopeia, de outro, apresenta um tónus de poema lírico. Para desenvolver melhor essa ideia, cumpre aqui que se recorra aos conceitos de lírico e épico segundo Emil Staiger, para logo depois exemplificar com o poema. Sobre o gênero lírico ele diz:

A distância entre obra e ouvinte, superada, inexistente igualmente entre poeta e aquilo de que ele fala. O poeta lírico diz quase sempre eu. Mas o emprega diferentemente de um autor de autobiografia. Só pode escrever sobre a própria vida quando a época abordada ficou para trás e o eu pode ser visto e descrito de um ponto de observação mais alto. O autor lírico não se “descreve” porque não se “compreende”. (1977, p. 26).

O lírico, portanto, fundamenta-se numa abolição da diferença entre o eu do artista e o que ele diz, de forma que o eu do próprio ouvinte ou leitor se identifica também nessa estreita relação. Também se pode dizer que nesse gênero, o poeta aprofunda-se nesse eu, quanto mais busca enxergá-lo de forma mais completa. Está, portanto, ligado, segundo Staiger (1977, p. 6), à recordação. Acerca da epopeia, na mesma obra, o autor afirma o seguinte:

O autor épico não se afunda no passado, recordando-o como o lírico, e sim rememora-o. E nessa memória fica conservado o afastamento temporal e espacial. O longínquo é trazido ao presente, para diante de nossos olhos, logo perante nós, como um mundo outro maravilhoso e maior. (p.40).

Na epopeia, conforme o citado acima, o autor não relembra com o coração, revivendo, mas com a memória, marcando o distanciamento do que relata. Sua matéria também é o passado, mas o transporta para o presente e o descreve, predominando aí a

objetividade. Essas duas descrições, no entanto, não são o cerne dos *Conceitos Fundamentais da Poética*, mas sim, como no caso dos conceitos de Antonio Candido e de Theodor Adorno, a relação estabelecida entre elas:

O modo como uma obra poética oscila entre épico, lírico e dramático, o modo como a tensão desenvolve-se e em seguida equilibra-se, é tão extraordinariamente delicado que toda mera aplicação de conceitos rígidos tende de antemão a fracassar. (p. 104).

Staiger faz a afirmativa, logo depois de perguntar: “E não poderia ser que uma obra poética seja tão mais perfeita, quanto mais intrinsecamente relacionados estejam os gêneros épicos e dramáticos que a impregnam?” (p.101). Poderíamos fazer a mesma pergunta em relação ao gênero épico e lírico, pois é essa relação que pode ser constatada em “O Nativo de Câncer”, de forma que como foi dito pelo crítico, é mais acertado observar exatamente sua oscilação entre lirismo e o epepeia, pois esse é um dos aspectos nos quais reside a riqueza da obra. Note-se na primeira estrofe do Canto 1:

01 Noite norte noite nauta noite  
 02 alimária alimento veigas várzeas  
 03 é carne crina corda cresta castra  
 04 onde velo indormiu trono e vassalo  
 05 à sombra do perau grelavam espadas  
 06 dardos e delfos dolos duros dados  
 07 e da túnica floral ao verde pasto  
 08 gemiam rui e rei entremeiagens  
 09 semelhantes setestrelas seistavados  
 10 de quelônios quebrantos e queimadas  
 11 de currais e busões sementes sardas  
 12 valcimentos de Apolo prendas partos  
 13 onde Melus se esvai em Melo e Mário  
 14 reinúncios e reispôncios reisplantados  
 15 em Lesbos que do rei tece o enjeitado  
 16 desmandando perdões traumando gastos  
 17 retas e rotas relhos penhas pasto. (RB, *Antilogia*, p.21).

Aqui, diluem-se dados referentes à biografia do poeta e os criados por ele, formando um todo. Impossível não perceber a transformação do seu próprio nome no verbo rui, relacionado a ruína e associado pela aliteração a rei. Aliteração que encontramos de forma bem explícita em “Noite norte noite nauta noite” (v.01) e em “retas e rotas relhos penhas pasto.” (v. 17). O nome pessoal serve de base, mas já não é



próprio, é outro, geral e específico a um só tempo: “gemiam rui e rei entremeiagens” (v.08). Misturam-se nomes de pessoas, como o do poeta Mário Faustino, “onde Melus se esvai em Melo e Mário” (v.13), sobrenomes “veigas” (v.02) e “Melo” (v.13), ao mundo reinventado dos neologismos “reinúncios e reispôncios reisplantados” (v.14), também aliterados.

O destaque da aliteração, que parece ser proposto pelo poema, como vimos, inclusive na outra estrofe citada não é somente um recurso estilístico, mas parece ter a função de unir, de aproximar elementos que comumente não poderiam estar juntos, como o nome do próprio autor, de personagens da mitologia grega e da história já referidos, além dos cotidianos, ambos já referidos. Eles são imantados mesmo pela própria característica sonora, numa criação peculiar a Ruy Barata. Ela serve de relação entre elementos biográficos e os inventados e contribui para que o que é externo à obra e faz parte do engajamento do autor, podendo ser associado mais ao elemento épico, seja fundido ao interno a ela, ao que garante sua autonomia, marcando-a também com características vinculadas ao lirismo. Dessa forma, pode-se entender que quanto mais engajado, mais autônomo (Adorno, 1973) e quanto mais épico, mais essencialmente lírico (Lukács, 2000) o “Nativo de Câncer”.

Esse é um dos motivos que justificam dizer que se trata de um poema de ruptura, que faz parte do percurso literário brasileiro e - por que não? - latinoamericano, podendo ser associado, segundo Fernandes (1995) à antropofagia dos Modernistas na década de 20, pois, conforme o pesquisador, Ruy Barata é um desses modernos, que “com primazia e originalidade, fala da Amazônia.”. E a partir do qual “Podemos atar o fio da meada por aí dessas duas modernidades: a brasileira e a que começa a se esboçar, a amazônica” (p.69).

Pensando-se assim, numa modernidade amazônica, pode-se concluir que ela está vinculada, no poema, a essa ruptura entre lírico e épico, externo e interno, história de fatos extraordinários e do cotidiano, autonomia e engajamento, tradição e modernidade, pelo uso de imagens e sonoridade, e que tudo isso aponta para um fenômeno maior sugerido por Angel Rama ocorrido na América Latina: o de que em certas regiões culturais, a Modernidade nas obras não se restringe ao atual, como é concebida pelo senso comum, nem a um caminho de retorno a raízes culturais precedentes, ou à negação dessas raízes, mas por uma manipulação consciente de tudo isso, gerando a

criação de elementos novos. Para o crítico, esse é um fenômeno típico dos países desse continente e, assim como as colônias latinoamericanas buscam se impor ante a metrópole, também as regiões se impõem dentro de um país, com maior ou menor impacto em determinados períodos e contextos sociais (2007, p.18).

É coerente, portanto, pensar que o “Nativo de Câncer” dialoga com as prerrogativas já apresentadas aqui, ultrapassando aquela que Rama aponta como a principal fragilidade do regionalismo: a mera transposição de elementos tradicionais para a literatura, sem que o caráter artístico da mesma se sobreponha e os transforme (2007, p. 32). Em suma, considerando o dito por esse autor e por Fernandes, já citado, retorna-se à pergunta fundamental feita pelo poeta Mário Faustino a RB, na carta já referida aqui, que pode resumir e fomentar qualquer diálogo estabelecido com o “Nativo de Câncer” ou com outras obras de autores da Amazônia: “Nascerá conosco uma poesia amazônica”?

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

1. ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Trad. Celeste Aída Galeão e Idalina Azevedo da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
2. BARATA, Ruy P. *Antilogia*. Belém: RGB Editora, Secult, 2000.
3. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. ed. 9. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
4. CARNEIRO, Tiago da Fonseca. *Mito e Epopeia na Modernidade: Uma Leitura de O Nativo de Câncer, de Ruy Barata*. 2011. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém.
5. FAUSTINO, M. Carta. *In: Antilogia*. Belém: RGB Editora, 2000.

6. FERNANDES, José Guilherme. Paranatinga, O Nativo das Águas Na “Res” da Brasilidade. *In: Asas da Palavra*. Belém: N° 02 – Junho/1995.
7. NUNES, Benedito. Apresentação. *In: Antilogia*. BARATA, Ruy. Belém: RGB Editora, Secult, 2000.
8. NUNES, Elzimar Fernanda. *A Reescrita da História em Calabar, o Elogio da Traição, de Chico Buarque e Ruy Guerra*. 2002. (Mestrado em Literatura Brasileira). Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília.
9. OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata*. Belém: Cejup, 1990.
10. RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa em América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2007.
11. REIS, João José. “Quilombos e revoltas escravas no Brasil”. *In: Revista USP*. São Paulo: n° 28 - Dezembro / Fevereiro/1995 /1996.
12. STAIGER. Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

## O LITERÁRIO E O FILOSÓFICO, ENTRE GUIMARÃES ROSA E MARTIN HEIDEGGER: DUAS VISÕES SOBRE O NAZISMO

Leonardo Castro da SILVA / leonardocn8@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Sílvio Augusto de Oliveira HOLANDA /eellip@hotmail.com

**RESUMO:** O tema que se situa aqui é uma discussão da crônica “O mau humor de Wotan” (*Ave, palavra*) de João Guimarães Rosa, em que o escritor destaca um dia-a-dia de guerra e suas consequências de terror. O Narrador ficcionado opôs-se à morte de civis, à persuasão da mídia nazista por meio do ministro Goebbels, ao autoritarismo, etc., que o escritor mineiro presenciou durante seu período de diplomata na Alemanha com seu casal de amigos Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen durante parte do período autoritário em que o nazismo se estabeleceu na Alemanha. Far-se-á a leitura da crônica rosiana, tendo como contraponto a obra *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* de Martin Heidegger em que tal obra explicita como o pensador alemão articula seu pensamento político-filosófico, mostrando-se favorável ao nacional socialismo, porém este carece de bases ideológicas a serem construídas através de seu pensamento, pois o povo alemão, ser-aí popular [*volklichens Daseins*] precisa encontrar orientação [*Führung*] para criar o estado, que é o ser [*Sein*] que o conduzirá e determinará suas possibilidades [*Möglichkeiten*]. A aproximação entre uma obra da Literatura e outra da Filosofia é possível a partir da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss em *Experiência Estética e Hermenêutica literária* [*Ästhetische Erfahrung und literarische Hermeneutik*], partir-se-á da premissa do nazismo em ambas as obras para utilizar o nível hermenêutico da aplicação para uma leitura atualizada da crônica rosiana, tendo uma argumentação contrária, ou seja, na Filosofia, tem-se uma posição favorável ao nazismo e, na Literatura, uma postura contrária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nazismo, Guimarães Rosa, Heidegger.

## THE LITERARY AND PHILOSOPHICAL, BETWEEN GUIMARÃES ROSA AND MARTIN HEIDEGGER: TWO VIEWS ON NAZISM

**ABSTRACT:** The issue that lies here is a discussion of the chronicle “O mau humor de Wotan” (*Ave, palavra*) by João Guimarães Rosa, where the writer posts a day-to-day consequences of war and terror. The storyteller fictionalized opposed the killing of civilians, the persuasion of the media through the Nazi minister Goebbels, authoritarianism, etc., The writer miner witnessed during his time as a diplomat in Germany with his couple of friends and Hans-Helmut Heubel Marion Madsen part during the authoritarian period in which Nazism was established in Germany. Guimarães Rosa’s chronic will be reading, as opposed to having work *Ser e Verdade: a questão fundamental da filosofia* of Martin Heidegger as this work explains how the German thinker articulates his political and philosophical thought, being conducive to national socialism, however this lacks ideological bases to be built through his thought, because the German people, popular *Dasein* [*Dasein volklichens*] need to find direction [*Führung*] to create the state, which is being [*Sein*] that the lead and determine their chances [*Möglichkeiten*]. The approximation between the Literature and Philosophy is

another possible from the Aesthetic Reception of Hans Robert Jauss in Aesthetic Experience and Literary Hermeneutics [*Ästhetische Erfahrung und Literarische Hermeneutik*] will be from the premise of Nazism in both works to use the level of application for a hermeneutic reading of chronic updated of Guimarães Rosa, having a contrary argument, in other words, in Philosophy, has a favorable position to Nazism and, in Literature, a position contrary.

**KEYWORDS:** Nazism, Guimarães Rosa, Heidegger.

O objetivo deste trabalho, de relevância para os estudos literários e filosóficos, é a aproximação entre a crônica “O mau humor de Wotan” (Guimarães Rosa), presente no livro *Ave, palavra* (1970), texto esse que cita acontecimentos de 1938 em diante, e a obra *Ser e Verdade* (Martin Heidegger), volume 36/37 das obras completas [*Gesamtausgabe*] (2001) (trabalhar-se-á apenas com o volume 36, *A questão fundamental da filosofia*), escrita pelo filósofo no semestre de verão de 1933. Através da publicação das *Obras completas*, pode-se constatar a limitação de vários textos antes produzidos sobre o pensamento heideggeriano, como *Compreensão e Finitude* de Ernildo Stein; *A via do pensamento de Martin Heidegger* de Otto Pöggeler e *A passagem para o poético* de Benedito Nunes, etc.

Após o ano de 2001 é possível afirmar que há textos heideggerianos que contêm elementos que mostram o vínculo entre o pensamento filosófico e político do autor alemão intimamente vinculados a uma ideologia Nacional Socialista como *Ser e Verdade: A questão fundamental da filosofia*, *Ser e Verdade: da essência Verdade*, *A Auto-afirmação da Universidade alemã*<sup>144</sup> etc. antes desconhecidos e é com o argumento do Nazismo em *Ser e Verdade* de Heidegger que se aproxima do “O mau humor de Wotan” pela metodologia da Estética da Recepção.

A metodologia que se utiliza neste trabalho se vincula à Estética da Recepção. Faz-se uma leitura da concepção de Guimarães Rosa, tendo, como contraposição, a filosofia de Heidegger. Assim, geram-se expectativas diferentes de quando se tem apenas um posicionamento sobre o tema. Partindo dos pressupostos da Estética da Recepção formulada por Hans Robert Jauss, em seu texto *Por uma hermenêutica literária*, tendo como base a articulação do teórico que, para a experiência com obra literária, não como artefato, mas em sua abstração é necessário partir de uma premissa que o autor define da seguinte forma: “Quando se interrogava especialmente sobre a ‘literariedade’ dos textos e aí se viam as próprias premissas da interpretação,

<sup>144</sup> Esta obra foi publicada antes das obras completas, porém explica-se na nota acima a relação deste texto com Nacional Socialismo.

desembaraçava-se muito frequentemente da reflexão hermenêutica.” (JAUSS, 1982, p. 12)

Todavia, respaldando-se em Jauss, utiliza-se a premissa do Nazismo nos anos 30 discutidos em Guimarães Rosa e será feita a crítica de “O mau humor de Wotan”, não tendo em outro lado simplesmente um texto que se opõe por ser filosófico, diz-se isto, devido a *Literaruta* ser arte e expor imagens ficcionais no texto e a Filosofia ser conceitual questionadora, mas por *Ser e Verdade*, ser um texto de aprovação ao nazismo. Partindo desta premissa presente nos textos, que ambos estão dispostos a tratar, o nazismo, de modo a desenvolver a concepção de Guimarães Rosa e de Heidegger, a Literatura será criticada.

O tema deste trabalho situa-se na abordagem de um mesmo acontecimento histórico e de uma mesma década, o nacional-socialismo na Alemanha na década de 1930, porém, são colocados aqui dois olhares distintos, o olhar literário de Guimarães Rosa em sua crônica “O mau humor de Wotan” e o olhar do filósofo Martin Heidegger, também, sobre o nazismo, em seu curso *Ser e Verdade*. Com base em abordagens distintas, uma na Literatura de Guimarães Rosa e outra na filosofia de Heidegger, é possível constatar que estamos diante de um embate ideológico que, obviamente está em campos abstratos, mas, este mesmo embate no terreno político, social, cultural e econômico.

O sustentáculo de uma discussão entre Guimarães Rosa e Heidegger surge quando ambos se dispõem a tratar de um mesmo tema (o nazismo na década de 1930), não apenas, por um autor estar no campo da Literatura e outro no da Filosofia, como já foi dito anteriormente, mas por estes terem divergentes posicionamentos. No que diz respeito a Guimarães Rosa, este mostra, em sua crônica “O mau humor de Wotan”, seu posicionamento oposto ao nacional-socialismo devido às consequências que levaram à Segunda Guerra Mundial, tais consequências apresentam-se como um atentado ao humano, destruição de cidades, a morte, a fome, etc. Eram fatos de que o personagem Hans-Helmut não queria falar. Em vez disso, preferiu dizer: “Da guerra, vi apenas cavalos e cachorros mortos, felizmente...” (ROSA, 1970, p. 6). Falar desses animais levava o personagem a evitar as atrocidades da guerra). Tratando-se de Heidegger, em seu curso *Ser e Verdade*, o filósofo apoia o nacional-socialismo, fazendo, porém, objeções a respeito do nazismo, pois, para Heidegger, este carece de base ideológica a ser construída por meio de seu pensamento.

Segundo Heidegger, o povo alemão, ser-á popular humano [*menschlichen*

*volklichen Daseins*] precisa de orientação [*Führung*] para estar à altura da missão [*Auftrag*] espiritual do povo que o destino [*Schicksal*] lhe reserva, este movimento de estar à altura se inicia nas universidades. *A missão do povo alemão de colocar-se e permanecer na questão fundamental da filosofia*, tocada e encoberta na filosofia antiga, é uma missão única entre os povos, esta é, explicando com as palavras do filósofo: “a tarefa de espiritualizar e enobrecer a realização cabal da revolução nacional socialista” (HEIDEGGER, 2007, p. 24). É possível comprovar que cabe unicamente ao ser-*aí* popular alemão o movimento de apropriação da questão fundamental, pois, para o filósofo alemão, a origem de seu povo entre os gregos antigos lhe dá esse privilégio entre os povos. O povo alemão necessita, em um movimento transcendental, de colocação, para estar na questão fundamental da filosofia, porém a questão foi encoberta entre os gregos antiquíssimos e permaneceu assim durante toda a História da filosofia.

A Filosofia foi encoberta na Antiguidade clássica por um acontecimento fundamental, após este momento, o que se considerou filosofia era um desvirtuamento do que o questionamento é de fato. Desvinculada de sua essência, foi pensada erroneamente, em toda sua história como: epistemologia (ciência), conceituação do que somos (sociologia), “fundamentação do saber” (relação entre filosofia e ciência), “saber absoluto” (equivalente a um deus) e “preocupação com a existência particular do homem individual como tal” (espécie de autoajuda). O ser-*aí* popular<sup>145</sup> (povo) alemão precisa reconhecer este desvirtuamento que se deu na história da filosofia para iniciar sua espiritualização.

Esta empreitada em que a Filosofia (aqui com um caráter lógico) foi o que ela não é teve seu início com Aristóteles, seus escritos não compreendiam a Metafísica, estes, perdidos e achados após quatro séculos não foram compreendidos em seu desvirtuamento, nem no que a Metafísica é de fato, eis uma perplexidade. Assim, começa o encobrimento<sup>146</sup> da Filosofia, logo, passou-se a compreender apenas pelo termo metafísica e não pela “força estimulante da própria coisa” (HEIDEGGER, 2007, p. 36). Na Idade Media, o encobrimento da Filosofia foi no campo da metafísica compreendida como teológica em que Deus é superior (transcendente) a todos os entes criados por ele no campo da natureza. O radical “meta”, de metafísica, torna-se “não”, e

<sup>145</sup> O termo presente no original *Sein und Wahrheit (Ser e Verdade)* é *volklichen Daseins*. Adotou-se a tradução de *Dasein* por *ser-*aí**, traduzindo-se *volklichen Daseins* por *ser-*aí* popular*, com base em Casanova (2009, p. 89).

<sup>146</sup> Usa-se *Verborgenheit* por encobrimento, a partir da tradução de Souza Júnior (2006, p. 188).

“física”, natureza. Assim, Deus é a não-natureza, o absoluto e o superior, assim, foi compreendida a metafísica da época e, por fim, na Idade Moderna, foi com Descartes, com método matemático, que a Filosofia, mais uma vez, se desvinculou de sua origem entre os gregos antiquíssimos e se mostrou novamente científica. Como se pode ver, a história da filosofia, nos termos de Heidegger, é uma decadência.

Para Heidegger, a filosofia hegeliana é uma concentração de toda a história da filosofia, de tudo que ela não é. O estado e a práxis alemãs são hegelianos e, Hegel é o antimodelo para Heidegger. Em um confronto histórico com Hegel pela Filosofia (no terreno da Metafísica onde se encontra o problema originário da Filosofia), não a que é vigente, mas a que Heidegger compreende como um questionamento incessante a partir de si mesma, um conflito, é o caminho para o ser-aí popular (cujas características são: cultural, material e histórico) colocar-se na questão fundamental da Filosofia, assim, o ser-aí popular cria o estado (ser) que o guiará, este estado será alimentado pela Filosofia (a ser construída com bases no pensamento de Heidegger).

O ser-aí popular alemão tem a necessidade [*Notwendigkeit*] da decisão [*Entscheidung*] para se colocar na questão fundamental da filosofia, tocada pelo antigo povo grego que lhe deu origem, porém foi encoberta durante a História da filosofia, na antiguidade. A decisão do povo alemão de apropriar-se da questão fundamental depende de cada membro do ser-aí popular, que em seu poder ser, ser-com [*Mitsein*], a comunidade do povo germânico apropriara-se de seu ser. Heidegger adjetiva de preguiçosos e covardes, aqueles membros do ser-aí alemão que querem estar à parte da decisão e estão acomodados pelas tarefas do dia-a-dia. O filósofo alemão coloca que:

De fato — mesmo que a necessidade de questionar a questão fundamental da filosofia nos chegue bem perto com a demanda de toda a história de nosso [ser-aí] alemão (a questão nunca vai se impor com violência), ainda assim ela permanece sempre em nossa decisão, uma decisão que [nos encontramos] em favor de nosso [ser-aí], isto é, em prol de nosso ser-com [histórico], de nossa convivência com os outros, na articulação de membros do povo. Depende sempre só de nós mesmos se terminarmos por dar guarita à preguiça do espírito e à covardia da vontade; se escamotearmos para nós mesmos a preguiça e covardia atrás de tarefas aparentemente urgentes de nossa atividade diária; se nos retrairmos para a comodidade e aparente segurança de deixar correr as coisas. Ninguém vai impedir os senhores de agir assim e de colocar-se à margem da história. (HEIDEGGER, 2007, p. 31)<sup>147</sup>

<sup>147</sup> Optou-se por substituir alguns termos da tradução de Emanuel Carneiro Leão, como “presença” por “ser-aí” (tradução de Marco Antonio Casanova); “tomamos” por “nos encontramos”, pois a tradução do verbo “treffen” por “encontrar” fica melhor contextualizada, devido ao ser-aí alemão estar se procurando no estado, dando-nos uma noção de que se procura para se encontrar e, por último, foi acrescentado à



O ser-aí alemão pode escolher entre se colocar ou não na questão fundamental, porém liberdade no contexto de vínculo político filosófico para Heidegger é um compromisso consigo mesmo e com o povo. Fazendo um diálogo entre *Ser e Verdade* e *A Autoafirmação da Universidade Alemã* em que o filósofo alemão critica a liberdade acadêmica<sup>148</sup> vigente e redefine-a, afirmando que: “O conceito de liberdade do estudante alemão é reconduzido agora à sua verdade” (HEIDEGGER, 2009, p. 9). Heidegger define três vínculos relacionados à liberdade dos estudantes:

O primeiro vínculo é o vínculo à comunidade do povo. Ele obriga a uma participação, que transporta e age em comum, nos esforços, aspirações e capacidades de todos os estados e membros do povo. Este vínculo é de agora em diante solidificado e enraizado na existência estudantil através do *serviço de trabalho*. O *segundo* vínculo é o vínculo à honra e ao destino [*Geschick*] da nação no meio dos outros povos. Ele exige a preparação, assegurada no saber e no poder, e centrada através do cultivo, para a mobilização até ao último. Este vínculo abrange e penetra futuramente toda a existência estudantil como *serviço militar*. O *terceiro* vínculo do estudantado é o vínculo ao encargo espiritual do povo alemão. [...] o serviço do saber [...] É porque o político e o professor, o médico e o juiz, o pároco e o arquiteto guiam a existência popular-estatal, vigiando-o e fixando-o solidamente nas suas relações fundamentais às potências formadoras de mundo do ser humano, que estas profissões e a educação para elas são da responsabilidade do serviço do saber. (HEIDEGGER, 2009, p. 09-10)

Portanto, pode-se ver como o conceito de liberdade do filósofo alemão, nestes textos de vínculos políticos e filosóficos, mostra como Heidegger está compromissado com os membros do ser-aí alemão e estrutura, nos três vínculos de serviço, o Estado que é o ser que guiará o povo.

Em *Ser e Verdade*, a problemática gira em torno de poder-se ou não afirmar que Heidegger quer tornar sua filosofia uma práxis; o filósofo afirma que a práxis alemã e o estado atual são hegelianos. Heidegger quer tornar-se ideólogo nazista e quer que sua filosofia conduza o Estado. Seria isto um argumento para afirmar que o filósofo quer tornar sua filosofia uma práxis? Mesmo em questionamentos culturais, materiais, práxis etc. pois o ser-aí em jogo é o povo, mas especificamente alemão. O filósofo continua a ser fenomenólogo.

Diferentemente dos anos de 1920, em que Heidegger trata do não-

---

tradução o termo “geschichtliches” (histórico) que foi omitido pelo tradutor de *Ser e Verdade*, resolveu-se fazer este manejo, pois é fundamental para a compreensão da obra que saibamos que o modo de ser, ser-com que está o ser-aí alemão é.

<sup>148</sup> Vale lembrar que é na universidade alemã que se iniciará a missão político espiritual do povo.

encobrimento<sup>149</sup>, seu foco nos anos de 1930 é o encobrimento. Na década de 1930, o olhar de Heidegger está direcionado à concepção do histórico do ser, esta historicidade dá acentuação política ao pensamento de Heidegger, que o filósofo tratou na segunda fase de sua filosofia, ou seja, no segundo Heidegger. Em seu escrito de 1930, *Da essência da verdade*, comentado por von Herrmann em *Wahrheit — Freiheit — Geschichte* (Verdade — Liberdade — História) já se mostra direcionado à historicidade do ser:

O texto “Da essência da verdade” mostra como Heidegger tem a questão da verdade para sua primeira elaboração fundamental-ontológica de uma essência, em uma condução ulterior, desta maneira já se localiza o caminho da questão na transição para o histórico do ser. (HERRMANN, 2002, p. 44)

Pode-se comprovar que o pensamento filosófico de Heidegger não se separa de seu pensamento político, na obra *Compreender Heidegger*, de Marco Antonio Casanova quando o autor afirma:

Com certeza, nenhum outro tema referente ao pensamento heideggeriano, possui um caráter tão controverso e explosivo quanto o tema da relação entre Heidegger e o nazismo (CASANOVA, 2009, p. 150).

Portanto, o autor, ao falar do “pensamento heideggeriano”, mostra-nos uma relação não somente entre Heidegger e o nacional-socialismo, mas entre o pensamento político e o filosófico do autor. Este vínculo entre pensamento político e filosófico de Heidegger tornou-se compreensível a partir da publicação das obras completas (*Gesamtausgabe*) que, após a disponibilidade total dos textos os estudiosos do assunto poderão detectar que, não há um caminho linear para o entendimento do pensamento heideggeriano, e sim um primeiro Heidegger referente à década de 1920, um segundo da de 1930, um terceiro dos anos 1940 em diante, que não há pensamento político filosófico fora de algumas obras da década de 1930 como *A autoafirmação da universidade alemã* (1933), *Ser e Verdade: A questão fundamental da filosofia* (1933), *Ser e Verdade: Da essência da verdade* (1933-1934), etc.

Em sua crônica, o narrador descreve personagens e acontecimentos de um contexto nazista em que são comuns: a destruição de cidades (como a cidade de Varsóvia, destruída durante a lua-de-mel de Hans-Heubel e Márion), a persuasão da mídia pelo ministro da propaganda Goebbels, a banalização da vida quando Hans-Heubel é mandado à guerra, tornando-se apenas um número na estatística oficial, etc.

<sup>149</sup> A tradução de *Unverborgenheit* por não-encobrimento é proposta por Souza Júnior (2006, p. 188).

São consequências de um regime totalitário que o autor descreve com a plasticidade de sua literatura, posicionando-se contra a barbárie do regime nacional-socialista. Santiago Sobrinho, em seu artigo “O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de Wotan”, de João Guimarães Rosa”, mostra como “O narrador clama por filosofia e arte, enquanto renega o nazismo” (2009, p. 143), ao falar em Heráclito e Sófocles, ambos da Grécia antiga, berço de toda civilização ocidental: “Tratemos de Heráclito, de Sófocles — arre ondeia a suástica sobre Himeto, Olimpo e Parnasso” (ROSA, 1970, p. 9)

O início da crônica rosiana surge de forma descontraída, pois as consequências da guerra ainda não eram próximas a ponto de afetar diretamente os personagens em questão, porém já é possível comprovar a prudência de Márion diante do nacional-socialismo. Tal postura assumida pela personagem está ligada ao fato de seu cônjuge, Hans-Helmut, ainda não ter padecido o terror do autoritarismo que virá cair sobre os personagens mais adiante no texto. Márion tenta persuadir Heubel, a ser adepto do nazismo, no entanto, será que a personagem teria esta postura se neste momento o impacto da guerra tivesse caído sobre eles?

Todavia, o Narrador comporta-se oposto ao posicionamento de Márion e concorda com a mãe da personagem, afirmando que entre os amigos, que sua “aliada era a mãe, *Frau Madsen*, que me fazia repetir, seguidos, cada discurso de Churchill.” (ROSA, 1970, p. 4). Reproduzir o discurso de Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido, durante a Segunda Guerra Mundial é um modo direto do cronista se colocar contra o inimigo alemão como alguém que está consciente ideologicamente de sua postura contrária ao nazismo.

O Narrador, ao falar da relação do casal Heubel e Márion com Annelise e o Capitão K., segue seu comentário demonstrando sua oposição em forma de ofensa ao Exército alemão e afirmando que a relação entre os membros militares era comum no: “II.º e 1/2 Reich. [...] enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a *Luftwaffe* quebrava o seu martelo na bigorna inglesa.” (ROSA, 1970, p. 9)

Portanto, veja-se que, neste trecho, além de denominar o “II.º e 1/2 Reich” como um Reich “de meia tigela”, o Narrador inclui-se entre os outros, “nós outros”, aqueles que não compartilham do nacional-socialismo e pranteiam pela derrota da França que lutava contra a Alemanha. Neste trecho, comenta-se a postura diferente do cronista que antes se opôs ao Nazismo, por meio do discurso de Churchill, ou seja, ideologicamente e agora a oposição é narrada em um acontecimento físico em que a *Luftwaffe* (Força

Aérea alemã), que era forte como um martelo, quebrava-se na bigorna inglesa, que era mais forte ainda.

Uma marca do nazismo era sua posição antissemita. Guimarães Rosa se opôs ao antissemitismo, conseqüentemente, também ao nazismo, como se vê em “O mau humor de Wotan”, ao lado de sua concepção pacifista, pois esta, em si, já é contrária a toda forma de totalitarismo e fica clara nesta passagem:

Rosa era contrário ao posicionamento antissemita. Esse contexto de leitura permite a Soethe valorizar ‘O mau humor de Wotan’, propondo sua interpretação como um texto pacifista e contrário ao nazismo. (GINZBURG, 2010, p. 18).

Em toda a crônica, o antissemitismo nazista, a persuasão da propaganda e a destruição física eram conseqüências a que Guimarães Rosa, se opôs, acima de tudo, estas coisas eram atentados contra os direitos humanos. A crítica de Guimarães Rosa se refere ao líder nazista ao mostrar que: “buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*<sup>150</sup>, a catástrofe final dos raivados devastadores” (ROSA, 1970, p. 07) e a seu ministro da propaganda que, o Narrador calava-se com seu:

Amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana. (ROSA, 1970, p. 7)

Todavia, além do cotidiano de conseqüências da guerra, a propaganda do partido era evidente com a persuasão da mídia. “O mau humor de Wotan” descreve um cotidiano regido pelo nazismo e o Narrador foi testemunha de todo este dia-a-dia marcado pelo contexto totalitarista, a que se opôs, como afirma Ginzburg, o narrador que:

apresenta sua própria opinião crítica sobre o líder nazista, e se refere também ao nome de Goebbels. O narrador fala ainda da suástica, de bombardeios, de itinerários de invasão nazista. (2010, p. 19)

As divergências entre Guimarães Rosa e Heidegger acerca do nacional-socialismo conduzem-nos a algumas hipóteses em forma de perguntas como: Podem os dois autores ter um mesmo posicionamento em algum aspecto? Sabendo que um autor atua no campo da Literatura e outro no da Filosofia, há um elo entre eles?

“O mau humor de Wotan”, embora, seja um texto pacifista e contrário ao nazismo e suas conseqüências, aparecem opiniões divergentes sobre o nacional-socialismo, por um lado temos Guimarães Rosa ficcionado, que se dispõe oposto radicalmente ao regime autoritário; Márion, que toma uma postura de prudência diante do nazismo

<sup>150</sup> Neste momento Guimarães Rosa faz uso de uma expressão bíblica que une três termos, *mane-téquel-fares* [contado + pesado + dividido = Daniel, V, 25]

chegando a prometer: “— ‘Vou-me casar e ter filhos...’” (ROSA, 1970, p. 3) para obedecer a Hitler, pois: “ — ‘O *Fuehrer* não encontra tempo para amar... O *Fuehrer* sagrou-se à política...’ ” (ROSA, 1970, p. 03) e Hans-Helmut, que se mostra como o cidadão alemão que, mesmo sofrendo o abuso do poder totalitário, não quer ver a derrota de seu país e se sente sem saída como nesta afirmação ao Narrador:

— “Sul-americano, você deseja a vitória dos países conservadores. Mas, nós, alemães, mesmo padecendo o Nazismo, como podemos querer a derrota? Que fazer?” (ROSA, 1970, p. 7, aspas do autor)

Portanto, perante os três posicionamentos dos personagens de “O mau humor de Wotan”, o que mais se aproxima da concepção de Heidegger é a personagens Márion, porém, diferentemente da personagem, que aderiu ao partido por prudência, ou por uma questão de sobrevivência talvez, o filósofo alemão adere ao nacional-socialismo, sem ser por prudência e sem sofrer seu impacto autoritário, e diagnostica no nazismo uma insuficiência ideológica que será suprida por sua filosofia. Heidegger apresenta-se como um ideólogo que fundamentará o partido alemão.

Em nenhum momento no texto *Ser e Verdade*, é mostrada na argumentação heideggeriana uma exposição de violência, autoritarismo, destruição física, etc. a fundamentação ideológica de Heidegger, não está relacionada à agressão física como foi muito vigente no nazismo, ela é somente sustentada em termos culturais, materiais e de língua. Mesmo a exclusividade de o ser-aí popular alemão ser o único que pode se colocar na questão fundamental da filosofia, o filósofo alemão, como já foi citado, disse que: “a questão nunca vai se impor com violência” e que cada membro do ser-aí alemão, mesmo, tendo como liberdade um compromisso consigo mesmo e com o povo, pode abdicar de se colocar na questão fundamental e ficar à parte da missão espiritual alemã.

Apesar de Heidegger propor novas bases ideológicas para o nacional-socialismo, pode-se afirmar que Guimarães Rosa não seria favorável ao discurso do filósofo alemão, pois o cronista, em “O mau humor de Wotan”, como já disse antes, clama por direitos humanos, sem excluir mesmo aqueles que eram adeptos, por prudência ao nazismo e não queriam ver a derrota de seu país, ou seja, seu casal de amigos:

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. (ROSA, 1970, p. 12)

Guimarães Rosa não seria conivente com a concepção heideggeriana de uma missão espiritual unicamente cabível ao povo alemão, pois esta articulação tem

argumentos culturais, sociológicos, linguísticos (referentes ao povo alemão ter em sua língua a discutível origem grega), etc., que são excludentes. Se o escritor mineiro clama por direitos referentes ao homem, por que viria a aceitar uma proposta mesmo que não autoritária de que unicamente o povo alemão poderia se colocar na questão fundamental?

## REFERÊNCIAS

- CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2009, 244 p.
- GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. In: CORNELSEN, Elcio; BURNS, Tom (Orgs.). *Literatura e guerra*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 17-27.
- HEIDEGGER, Martin. *A autoafirmação da universidade alemã*. Trad. Alexandre Franco de Sá Ed. Digital de: [http://www.lusosofia.net/textos/heidegger\\_martin\\_auto\\_afirmacao\\_universidade\\_alema.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_martin_auto_afirmacao_universidade_alema.pdf) retirado às 17: 57 do 20/01/2013, 13 p.
- \_\_\_\_\_. *Sein und Zeit* [Ser e tempo]. Tübingen: Max Niemeyer, 2001, 445 p.
- \_\_\_\_\_. *Sein und Wahrheit*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2001, 305 p.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Verdade*. Trad. Emmanuel C. Leão. Petrópolis: Vozes, 2007, 312 p.
- HERMANN, Friedrich Wilhelm Von. *Wahrheit — Freiheit — Geschichte*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2002, 242 p.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une herméneutique littéraire*. Trad. Maurice Jacob. Paris: Gallimard, 1982. p. 24-5.
- NUNES, Benedito. *A passagem para o poético*. São Paulo: Ática, 1992, 304 p.
- \_\_\_\_\_. *Heidegger e ser e tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, 59 p.
- \_\_\_\_\_. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed 34, 2009, 284 p.
- PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970, 274 p.
- SANTIAGO SOBRINHO, João Batista. O narrável da guerra e o inimigo objetivo, sob o céu de Hamburgo, em “O mau humor de Wotan”, de João Guimarães Rosa. *Investigações*, Recife, v. 22, n. 1, p. 133-150, jan. 2009.
- SOUZA JÚNIOR, Nelson José de. *Da transcendentalidade do Da-sein à verdade da essência: caracterização dos momentos estruturantes da filosofia de Heidegger entre o final da década de 20 e início de 30*. Porto Alegre, 2006. 237 p. Tese de doutorado em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- STEIN, Ernildo, *Compreensão e finitude: estrutura e movimento da interrogação heideggeriana*. Ijuí: Unijuí, 2001.

**“VIDAS SINGULARES. ESTRANHOS POEMAS: UM ESTUDO  
SOBRE A INFÂMIA EM ENEIDA DE MORAES” E LYGIA  
FAGUNDES TELLES**

Lilian Lobato do Carmo – lilianlobato3@gmail.com  
Tânia Maria Sarmiento-Pantoja – nicama@ufpa.br

**Resumo:** Este trabalho apresentará um estudo sobre o “discurso da infâmia” presente em Eneida, em seu livro *Aruanda* e em Lygia Fagundes Telles em *A Estrutura da Bolha de Sabão*. Neles vê-se a infâmia como símbolo de resistência contra formas de repressão como o patriarcado e as convenções sociais, em personagens como a mulher adúltera, o louco, ou ainda, em Eneida, o militante político.

**Palavras-Chave:** Infâmia, transgressão, resistência.

**Abstract:** This paper presents a study on the "Infamy Speech" in this Aeneid, in his book *Aruanda* and Lygia Fagundes Telles in *The Structure of bubble soap*. In them we see the infamy as a symbol of resistance against forms of repression such as patriarchy and social conventions in characters like the adulterous woman, the crazy, or, in the Aeneid, the political activist.

**Keywords:** Infamy, transgression, resistance.

### 1. Infâmia: da sociedade para a literatura

De acordo com os dicionários, a palavra “infame” significa: “*adj.* 1. Que tem má fama. 2. Desprezível, abjeto (o indivíduo). 3. Odioso, indigno (ato, procedimento)” (HOUAISS, 1990). O homem infame é marcado, portanto, pela repulsa, exclusão social. Um indivíduo pode ter uma existência aparentemente normal (ser até insignificante), mas ao entrar em confronto com alguma conduta social, não apenas é punido, mas também sua ação provoca o escândalo. Por esse ato indigno ele recebe como punição a exclusão do convívio em sociedade. Segundo Klein:

Infame é aquele que é marcado por infâmia: desonrado, desacreditado, desprezado, tocado pela vileza, pela baixeza, pela vergonha e pelo opróbrio. Para o infame não há crédito, honra ou aceitação; somente ignomínia, repulsa e censura. A infâmia é sempre pública e depende da opinião de muitas pessoas, que se encontram em um mesmo julgamento de ordem moral: o infame os escandaliza, fere as bases da conduta corrente e, por isso, deve ser sinalizado, separado e punido. O infame está sempre alhures. (Klein; 2010; p. 103)

O maior estudioso conhecido do tema foi Michel Foucault. A partir de sua obra outros teóricos também o estudaram, como Gilles Deleuze e Giorgio Agamben. Como o próprio Foucault aponta em seu texto *A Vida dos Homens Infames*, sua motivação para escrever sobre esses indivíduos foi “uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou outro sentimento qualquer” (Foucault, 2000, p.89).

Estudiosos como Foucault sentiram a necessidade de compreender o motivo pelo qual, ao longo da história, certos segmentos de pessoas foram (ou ainda são) marginalizados. Qual a razão, em que momento seus atos confrontaram o comportamento considerado “normal” em sua sociedade e, por isso, perderam tanto a liberdade física quanto a de expressão, pois não tiveram sequer o direito de narrar sua própria versão do delito para se justificar, ou mesmo se defender.

Essa busca pela história do infame vai além da reclamação dessas pessoas punidas por justiça, justamente ou não, pelos dispositivos de poder. Ela também faz parte da revisitação ao passado dos homens para dar ao vencido voz e direito de relatar a violência sofrida, para que esta não seja esquecida, tampouco praticada novamente. Um dos principais expoentes dessa “nova história” é Walter Benjamin (2011). Como o mesmo afirma em seu artigo *Sobre o Conceito de História*:

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para o qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. (Benjamin; 2011; p. 131)

Esse emudecer, ou melhor, esse silenciamento do oprimido, apontado por Benjamin, começou a ser observado no século XX para fazer uma crítica à História clássica, até então apenas vista sob a perspectiva do historicismo, ou da historiografia tradicional. Por isso a infâmia, enquanto categoria social oprimida, marginalizada, será vista pelos historiadores como porta-voz de uma existência, denominada por Foucault, “sufocada”, sua presença em seu tempo foi algo no qual a História dos grandes homens, dos vencedores, procurou esquecer, apagar.

Apesar disso, sua figura sempre gerou curiosidade, fascínio e temor nos homens considerados “normais”. Os infames transformam-se, por isso, em personagens de



fábulas de um imaginário coletivo, pois o que foram antes de violar uma regra, social ou institucionalizada, passa a ser ignorado, suas vidas foram marcadas por um fato e a narrativa dele será o objeto de interesse para a sociedade e até mesmo pelo Estado, pois ao indivíduo transgressor, após o confronto com o padrão, restará como atestado de sua existência e de sua vida como um todo, o registro documental de seu ato em boletins de ocorrência, ou laudos médicos de internação em hospícios. Segundo Foucault:

(...) qual teria sido sua razão de ser, a que instituições ou a que prática política se referiam; intentei saber porque é que, numa sociedade como a nossa, se tinha de súbito tornado tão importante que fossem “sufocados” (...); procurei a razão pela qual se tinha posto tanto zelo em impedir os pobres de espírito de se passearem por caminhos escosos. (Foucault; 2000; p. 92)

Além do registro oficial, uma das formas de perpetuação da imagem do indivíduo infame no imaginário de um meio social dá-se pelo texto literário. Foucault (2000) considera a literatura como um instrumento de coação a transgredir a ordem e expor a revolta e as transgressões provenientes da infâmia, tornando-se assim o meio pelo qual o chamado “discurso da infâmia” (FOUCAULT, 2000, p. 127) é registrado, para mostrar não apenas uma atitude, mas uma reflexão contrária, um questionamento com o intuito de mudar uma mentalidade, ou uma ideologia. Ainda segundo o autor:

A literatura faz assim parte daquele grande sistema de coacção por meio do qual o Ocidente obrigou o quotidiano a pôr-se em discurso; (...) ela terá tendência a pôr-se de fora da lei, ou pelo menos a tomar o seu cargo o escândalo, a transgressão ou a revolta. Mais do que qualquer outra forma de linguagem, é a ela que continua a ser o discurso da “infâmia”: cabe-lhe dizer o mais indizível – o pior, o mais secreto, o mais intolerável, o vergonhoso. (Foucault, Michel; 2000; p.127)

Ao refletir sobre esse conceito foucaultiano de infâmia e trazê-lo para o contexto da América Latina, percebe-se que, na formação de sua literatura, foi dada uma ênfase constante sobre a voz aos personagens excluídos, seja para apresentá-los como heróis, pessoas plenas de dignidade e caráter, como *Peri*, de *O Guarani*, do escritor José de Alencar, seja para criticar o processo de povoamento do europeu e a exploração das terras. As razões para essa valorização de figuras como a do índio, do crioulo, do degredado, dentre outros, já estão inseridas na própria história de sua colonização, violenta e cruel sofrida pelos povos latino-americanos, uma demonstração de resistência à cultura imposta pelas metrópoles européias. Como afirma Ángel Rama:

Nascidas de uma violenta e drástica imposição colonizadora que cega; (...) nascidas da rica, variada, culta e popular, enérgica e deliciosa civilização hispânica no ápice de sua expansão universal; (...), as letras latino-americanas nunca se resignaram com suas origens e jamais se reconciliaram com seu passado ibérico. (Rama; 2001; p. 239)

Ou seja, por mais que Foucault aponte como infames as já citadas categorias sociais, no contexto social latino-americano elas se ampliam com a presença de discursos opostos e conflitantes como os do colonizador e do colonizado, dos diferentes povos que forçosamente se encontraram em terras “novas”. Rama (2001) aponta essas presenças para marcar o início das tentativas de “negação”, ou melhor, distanciamento, entre a literatura produzida nos trópicos e a produzida nos centros europeus. Ao utilizar personagens marginalizados do processo de colonização para afirmar a presença, ainda que periférica, das nações do novo continente, vários escritores se valeram do discurso do vencido para afirmar suas diferenças e mostrar o modo no qual as ex-colônias de Portugal e Espanha são independentes.

Dessa forma a infâmia, enquanto categoria social recebeu (e ainda recebe) várias formas de percepção, afinal categoriza-la implica, primeiramente, perceber o caráter maleável de conceitos como “certo e errado”, “moral e imoral”, “legal e ilegal” em cada sociedade e em cada tempo da mesma, a variar de acordo com a nação e, até mesmo, com a própria origem de um povo. São normas e padrões mutáveis, e em constante debate.

Foucault, em sua pesquisa, elenca os seus três principais: o perverso sexual, o louco e o presidiário, mas se trouxéssemos esse conceito para a história da América Latina, teríamos não apenas os já apontados por Rama (2001), mas também personagens mais recentes, como os presos políticos durante o período ditatorial, mais uma categoria social a marcar a violência da formação de Estados, como o argentino e o brasileiro, por exemplo. Para esses grupos, em especial, o olhar da sociedade e dos dispositivos de poder acompanha seus indivíduos para julgar suas práticas, dizer se estão corretas e punir as inadequadas. Isso eles o fazem para, além de manter o controle social, usar essas pessoas e seus delitos como exemplo aos demais, para que o ato condenado não se repita.

Alguns dos atos considerados no passado como abjetos ainda hoje são vistos como práticas transgressoras. Os presos políticos, por exemplo, em um Estado democrático, já não existem, pois tem a liberdade de pensar e expressar sua própria

opinião. Ter um posicionamento contrário ao das instituições de poder, desde o final do século XX, na maioria dos países, não merece uma punição tão severa quanto o exílio de sua nação e as punições físicas, como a tortura e as execuções, comuns até o século XVIII e mantidas, de forma velada, em países em regime de exceção.

Essa mudança de mentalidade decorre do questionamento, do discurso contrário ao dominante, ainda que reprimido, a oferecer resistência às imposições jurídicas, éticas e religiosas. Por isso a literatura, enquanto produto de um meio cultural, ao servir-se da figura do infame para colocar em questão práticas e valores sociais, torna-se também um modo de *resistência imanente*, como mostra Alfredo Bosi (2002). De acordo com o autor, “resistir” significa opor-se, estar em desacordo com determinada situação, oferecer obstáculos à aceitação de algo. Logo, envolve uma série de conceitos sociais, como a moral e a ética, para questionar o correto e o errado em sociedade, como mostra o excerto:

Chega um momento em que a tensão *eu/mundo* se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; logo, o oposto do discurso ideológico do homem médio. (...). A vida como objeto de busca e construção, não a vida como encadeamento de tempos vazios e inertes. (...). A escrita da resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é, quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. (Bosi; 2002; p. 130)

Para critério de análise, portanto, este trabalho observará a infâmia enquanto uma categoria social dentro da obra literária segundo Antonio Candido (2008), ou seja, ela atua enquanto fator externo desta, já que sua conceituação não pode ser dissociada do contexto no qual a obra foi feita e o ato infame narrado. Dessa forma pretende-se mostrar o modo no qual valores sociais de uma determinada época tiveram seu discurso questionado pela literatura com a inserção da figura do transgressor, do infame. Também será visto de que forma esse tema, ao integrar-se ao texto literário, torna-se parte de sua estrutura. Fatores externos unem-se aos internos, então, para construir uma narrativa, como mostra o trecho:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos

elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, (...), que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra. (Candido; 2008; p. 15)

## 2. “Personagens Populares” em *Tanta Gente*

A infâmia, enquanto fato social, está presente tanto na memória individual quanto na coletiva, pois estas pessoas, ora vítimas da crueldade humana, como a Burra Cega, descrita na crônica *Tanta Gente*, no livro *Aruanda*: “Sabíamos que estávamos procedendo mal; já nos fora dito que com a desgraça humana não se brinca, mas não sentíamos a necessidade da proibição. Todo mundo mexia com aquela gente” (Moraes, 1989; p. 42), ora provocadoras de medo, como o peixeiro “Peixe- Camarão”: “-É muito perigoso mexer com êle – (...). A faca que trazia à cintura para cortar postas de peixe surgia ameaçadora quando atrás dele corríamos (Nunca – que eu saiba – Peixe- Camarão matou ninguém)” (Moraes, 1989; p. 46), além de um certo sadismo infantil ao mostrar a personagem “O Diabo Atrás da Saia”:

O “Diabo atrás de saia” era uma negra alta, magra, de pernas finas e tuíras. Sempre com um guarda-chuva que, de tanto fazer-lhe companhia, terminara parecendo com ele fisicamente. Andava sempre espantando o diabo, que a perseguia colado à sua saia de côr indecisa. Gritava-se: “Diabo atrás da saia!” e o guarda-chuva movimentava-se, ela esbravejava, dizia todos os palavrões do mundo e corria atrás dos moleques que éramos todos nós, meninos de meu tempo, (...). (Moraes; 1989; p. 40 – 41)

Mas também havia o sentimento de piedade em torno dessas personagens infames, citadas ao longo da crônica. É o caso da “mulher chamada Arantes” (MORAES, 1989; p. 46). Esta provoca pena, mas, novamente, prevalece a curiosidade em saber, seja pelo medo, seja pela própria descrença social, o testemunho do infame. Essa mulher nunca, assim como os outros, teve a possibilidade de narrar a própria vida, nunca teve o direito de dizer, ou foi questionada sobre, o motivo de seu pavor diante do vento. A sua presença incita a imaginação das pessoas que a conheceram em sua época, e também a da própria narradora e a do leitor da crônica. Todos especulam quem ou o quê seria o Arantes, mas saber, de fato, ninguém o saberá:

Mas a figura mais bela, aquela que jamais esquecerei nesse grupo desgraçado de personagens populares da minha cidade, era a mulher chamada Arantes.

Que acontecera em sua vida para ficar assim magrinha, a cabeça tôda branca e aquêlê terrível medo do vento, a quem chamava de Arantes?

Sim, o Arantes. Agarrava as saias muito de encontro ao corpo, andava lentamente, e quando a ventania de tôdas as tardes, aquela ventania que começava às três e acabava às dezesseis horas, (...), cosia seu corpo às paredes e ao muros, chamava as pessoas, dizia aconselhando trêmula, medrosa:

- Cuidado, cuidado, segure bem a sua saia. O Arantes já chegou. O Arantes está aí, o Arantes está sôlto.

Os homens podiam ir e vir; não deviam temer o Arantes, eram seus iguais. Mas as mulheres, essas, precisavam de defesa, fôsse qual fôsse a idade deviam defender-se do Arantes. (Moraes; 1989; p. 46 – 47)

O infame, nesse caso, ocupa um lugar na memória coletiva. No entanto, é curioso notar como esse personagem anônimo, reconhecido apenas por apelidos e por fugir ao controle social, marca e fascina quem o observa. Portanto, o infame não deixa de ser uma demonstração do que não pode ser controlado pelo homem e sua técnica, como mostra-nos o trecho:

A humanização funcional do poder absoluto do Virtual é uma caixa-preta de Pandora: uma gigantesca armação, uma propaganda enganosa transcendental sobre o modo próprio de ser da nossa existência, pois, criando uma aparência contrária, leva-nos para a forma mais perfeita de escravidão, (...). (Leão; 2004; p. 84-85)

O infame, portanto, não se enquadra a nenhum tipo de escravidão, mas entra em conflito com esse “poder absoluto” humano sobre o Virtual. A prova está no fato de nenhuma das instâncias de poder consegue, de fato, controlar uma verdade dita por um infame, ou consegue prever tudo o que pode (e é) feito pelo ser humano. Quando algo foge do controle do pensamento (dito) racional, mostra-se a instabilidade do domínio humano sobre a técnica, restando, portanto, como única alternativa para garantir a ordem social, o isolamento desses indivíduos em prisões ou hospícios, ou então colocá-los à margem da sociedade. Isolamento esse que não deixa de ser uma explícita incapacidade humana de controlar seu próprio instinto, ou de afirmar categoricamente o certo ou errado em uma sociedade, daí as constantes mudanças de valor e, conseqüentemente, de infames.

Por isso o infame é uma representação social do que não pode ser controlado. Em decorrência desse descontrole identificado pelas instâncias detentoras de poder, como o Judiciário, a Medicina e mesmo a Religião, fez-se necessário o isolamento desses

indivíduos a fim de mascarar essa lacuna e, ao mesmo tempo servir-se da imagem dessas pessoas, as quais não foram assistidas enquanto cidadãos comuns, para continuar a exercer domínio sobre as outras pessoas. Segundo Foucault:

O poder que vigiou aquelas vidas, que as perseguiu, que, ainda que só por um instante, prestou atenção às suas queixas e ao seu leve burburinho e que as marcou com um golpe das suas garras, foi também o poder que suscitou as poucas palavras que delas nos restam: quer porque se tenham querido dirigir para apresentar queixa, solicitar, suplicar, (...). Todas aquelas vidas, que estavam destinadas a passar ao lado de todo o discurso e a desaparecer sem nunca terem sido ditas, não puderam deixar traços – (...) – senão em virtude do seu contacto momentâneo com o poder. (Foucault; 2000; p. 98)

### 3. Infâmia e Libertação em *O Espartilho*, de Lygia Fagundes Telles

*O Espartilho* é um conto presente no livro *A Estrutura da Bolha de Sabão* (2010), lançado em 1978, de Lygia Fagundes Telles. No conto vê-se a (des)construção familiar de Ana Luísa, menina criada sob a rígida educação de sua avó a partir da descoberta do passado obscuro de sua família e, além disso, de sua própria origem. Ana Luísa ficou órfã muito cedo, após um violento acidente de carro que matou seus pais, fora criada, por isso, pela sua avó paterna, a qual apresentava a neta uma história familiar repleta de glórias, de pessoas dignas e de um passado irretocável. Mas o conto, já em seu início, instiga o leitor a duvidar de toda boa origem familiar:

Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. A *nossa família*, dizia a bela voz de contralto da minha avó. *Na nossa família*, frisava, lançando em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. Uma orfãzinha como eu seria a última das órfãs se todas as noites não agradecesse a Deus por ter nascido no seio de uma família assim. (Telles; 2010; p. 31)

O conto é narrado em primeira pessoa, pela própria Ana Luísa a relatar suas próprias descobertas pessoais desde a infância, quando sua criada, Margarida, filha bastarda de um de seus tios, conta a Ana que sua mãe, Sarah Ferensen, era judia e ela, portanto, também. A personagem, então, percebe viver uma vida falsa, que não a pertencia, pois sua própria avó a criara com uma educação ariana e ensinou-lhe a desprezar pessoas como sua própria mãe e, até mesmo, a si própria, por ser marcada por um estigma social desde o seu nascimento.

Se pensarmos a infâmia no conto de Lygia Fagundes Telles como um estigma social, pode-se pensar em Goffmann (2012):

(...) quando um indivíduo adquire tarde um novo ego estigmatizado, as dificuldades que sente para estabelecer novas relações podem, aos poucos, estender-se às antigas. As pessoas com as quais ele passou a se relacionar depois do estigma podem vê-lo simplesmente como uma pessoa que tem um defeito; as amizades anteriores, à medida que estão ligadas a uma concepção do que ele foi, podem não conseguir tratá-lo, nem com um tato formal nem com uma aceitação familiar total. (Goffmann; 2012; p.45)

Ana Luísa, a partir desse momento, perde a noção de pertencimento àquele seio familiar. Por sua vez, contudo, busca em seu velho álbum de fotografias e no isolamento de sua própria avó, símbolo máximo do autoritarismo e do fundamentalismo religioso, a verdadeira história de seus parentes, qual o motivo para seus desaparecimentos? Suas mortes tão trágicas e seu passado esquecido?

Eu aprendi com minha avó a classificar as pessoas em dois grupos nítidos, as pessoas boas e as pessoas más. (...) Queria que fosse assim. Tia Consuelo uivando desejo na dura cama de um convento, tio Maximiliano fazendo dinheiro à custa da mal-amada inglesa, tia Ofélia se matando um mês depois do casamento e minha mãe com seu nome judeu e seu violino – mas que família era essa que ela me apresentava? Que eu teria amado muito mais do que as belas imagens descritas pela minha avó. Mas tive medo de descobrir o alheio. (Telles; 2012; 34)

#### 4. Referências

ALVARES, Vânia Maria. *História e Memória em Aruanda e Banho de Cheiro*. Belo Horizonte. 155p. Dissertação (mestrado). Faculdade de letras da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, Minas Gerais.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: *Obras Escolhidas*. 13ª impressão: São Paulo: Editora Brasiliense. 2011.

BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2008.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?*. 4ª edição. Editora Passagens. 2000.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais: Curso no Collège de France (1974 – 1975)*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Coleção Obras de Michel Foucault).

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Tradução e organização: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMANN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

KLEIN, Kevin Falcão. Histórias da Infâmia: de Borges a Foucault. In: *Anuário de Literatura*. ISSN: 2175-7917, vol.15, nº1, 2010.

LOBO, Lilia Ferreira. *Os Infames da História: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MALUF, Marina. MOTT, Maria lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: NOVAIS, Fernando A. Sevecenko, Nicolau. (org). *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio*. Vol, III. São Paulo: Companhia das letras, 1998. p. 370.

MEIRELLES, Renata. Da Memória para a História: Experiências e expectativas de mulheres subversivas na Ditadura Militar. In: *Prisma Jur*. São Paulo, vol. 10, nº1, p. 111 a 134. Jan/ Jun 2011

MORAES, Eneida. *Aruanda*. Belém. Secult: 1989.

RAMA, Ángel. *Literatura e Cultura*. Tradução: Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparetto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaio latino-americanos; 6)

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. trad. Alain François. Campinas, São Paulo: editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Eunice Ferreira dos. *Eneida: memória e militância política*. Belém: GEPEN, 2009.

\_\_\_\_\_. *Eneida de Moraes: Tons e semitons do exílio*. UFPA. Belém: S.A.

TELLES, Lygia Fagundes. *A Estrutura da Bolha de Sabão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição. 2010.



## RASTROS LUSITANOS EM JORNAIS PARAENSES DO SÉCULO XIX

Maria Lucilena Gonzaga Costa<sup>151</sup> (UFPA)  
Germana Maria Araújo Sales<sup>152</sup> (UFPA)

**Resumo:** A mudança da família real de Portugal para a colônia brasileira, em 1808, ocasionou transformação em várias províncias, mormente o Rio de Janeiro, afinal, ambientar e adaptar esse território aos moldes e costumes portugueses era necessário para que a realeza não padecesse na terra recém-chegada. A liberação de impressão no país, no mesmo ano, propiciou um maior desenvolvimento das letras e melhores perspectivas à nação que estava se firmando através de movimentos, de rebeliões que reivindicavam independência de Portugal. Nesse contexto, a chegada da imprensa na província do Grão-Pará ocorreu em 1822, com Felipe Patroni que fundou o jornal *O Paraense*, cujo objetivo era a divulgação de constitucionalização, liberdade, e autonomia diante do domínio português. Daí em diante, um número considerável de jornais veiculou nesse período, o que suscitou a investigação de textos literários publicados nesses periódicos a partir da segunda metade do século XIX. Neles buscamos perquirir a persistência e a permanência da cultura portuguesa aqui registradas. O interesse na investigação de tal assunto deu-se pelo fato de que a Província do Grão-Pará apresenta em sua historiografia fatos e circunstâncias peculiares e adversas às demais províncias do Brasil. Tudo isso nos faz acreditar que haja na Província do Grão-Pará um forte apelo por parte da elite paraense e da portuguesa à manutenção dos laços lusos. Talvez pelo fato de que essa região, nos anos oitocentos, tinha maior contato e proximidade com as terras portuguesas do que com as demais regiões do Brasil.

**Palavras-chave:** Jornal; Literatura; Século XIX.

### 1.1 Lusitanos em *Terra Brasilis*

A transferência da corte portuguesa para a colônia brasileira ocasionou transformações em várias províncias, mormente o Rio de Janeiro, afinal, ambientar e adaptar esse território aos moldes e costumes portugueses era necessário para que a realeza não padecesse na terra recém-chegada.

Dentre as adaptações feitas na Colônia vale sublinhar o surgimento da imprensa, em 1808, cuja contribuição foi preponderante para o desenvolvimento político, cultural e intelectual dos brasileiros, leitores principalmente de jornais, veículo impresso mais difundido, no período.

---

<sup>151</sup> Maria Lucilena Gonzaga COSTA, Doutoranda em Estudos Literários/PPGL - Universidade Federal do Pará (UFPA) marialucilena@yahoo.com.br

<sup>152</sup> Germana Maria Araújo Sales, Professora do PPGL/UFPA

Assim sendo, o Rio de Janeiro tornou-se, além de sede do governo, a capital literária<sup>153</sup> onde se desencadeou intenso movimento de imprensa, no qual se misturavam literatura e política, junção relevante para a profissionalização do escritor no Brasil. Conforme Francisco M. P. Teixeira, a presença de intelectuais e artistas estrangeiros favoreceu os ares europeus adquiridos pela cidade:

Não foram poucos, é certo, os benefícios que o Rio recebeu com a presença da Corte portuguesa – equivalentes, aliás, aos imensos problemas criados com a sua instalação. Academias Militares, Academia de Belas Artes, Escola de Medicina, Biblioteca Real, Imprensa Régia, Museu Real, Jardim Botânico, circulação de jornais etc. Isso e mais a presença de intelectuais e artistas estrangeiros ajudaram a dar à cidade ares mais europeus, mais civilizados.<sup>154</sup>

A Família Real cultivava os costumes europeus. Assim, foi fundada a Biblioteca Nacional e com ela, importados milhares de livros para suprir a necessidade da realeza que, embora estivesse do outro lado do Atlântico, mantinha hábitos de leitura e “civilidade” europeus.

A chegada da Corte Portuguesa proporcionou também a liberação de imprensa no país o que propiciou um maior desenvolvimento das letras e melhores perspectivas à nação que estava se firmando através de movimentos, de rebeliões que reivindicavam a Portugal independência do Brasil, como ressalta Nelson Werneck Sodré:

O desenvolvimento da imprensa não ocorreu apenas na Corte e em função das lutas nela travadas. Estendeu-se por todo o país, particularmente nas províncias em que as lutas políticas alcançaram nível mais alto, interessando profundamente, em alguns casos e episódios, camadas muito mais amplas do que teria sido possível supor à base dos choques meramente eleitorais. (...) O setor mais importante da imprensa da época viria a ser, com as rebeliões, o que estava ligado, nas províncias, aos movimentos que nelas surgiram. (...) Em todas encontrou-se, entretanto, o sulco profundo dos papéis impressos, o clarão das pregações, a nota das ideias que buscavam multiplicar influências, abalar situações, mobilizar a opinião. É surpreendente que a história desses movimentos de rebeldia não tenha aproveitado, até agora, e via de regra, esse material informativo extraordinariamente rico e esclarecedor – o dos jornais.<sup>155</sup>

Importa mencionar que na província paraense deu-se o mesmo processo ocorrido no Rio de Janeiro, haja vista influências de ideologias revolucionárias que movimentaram os estudantes locais na propagação da imprensa.

<sup>153</sup> Conferir o uso em COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004. p. 17.

<sup>154</sup> TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. **História concisa do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2000. p.119.

<sup>155</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 128 -130.

## 2. Imprensa Cabana?!

A implementação da imprensa no Pará ocorreu com Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente (1794 - 1866), paraense, estudante em Coimbra e partidário da revolução liberal do Porto, fundou, em 22 de maio de 1822, o primeiro jornal do Estado, intitulado *O Paraense*, cujo objetivo era a divulgação de constitucionalização, liberdade, e autonomia diante do domínio português.

Segundo Carlos Roque (2001), não é de se espantar o grande número de publicações ocorridas no período imperial em Belém, pois o período era favorável à circulação de jornais de momentos ou em defesa de alguma causa:

Se dermos o número de 250 para a média dos jornais, revistas e outras publicações que circularam em Belém no período imperial, muita gente vai ficar surpresa. E não sem motivo: afinal, a imprensa ter tanta vida, tanta influência em uma cidade pequena como a nossa, pobre, isolada dos grandes centros, quase sem escolas, com uma população iletrada, reduzidíssima, é, sem dúvida, motivo de surpresa. Embora dessas duas centenas e meia de publicações, a grande maioria se constituísse de jornais de momento, ou seja, de comemorações a um fato, a uma data, ou ainda para circular duas ou três vezes, em defesa de uma causa política ou religiosa.<sup>156</sup>

Com efeito, é importante destacar que a imprensa paraense nasceu sob o influxo ideológico e constituiu a partir de posicionamentos políticos. Assim sendo, entre o número considerável de jornais que veicularam naquele período é pertinente citar que o primeiro jornal diário de Belém foi o *Diário do Gram-Pará*, vindo a lume em 1853. Segundo Clóvis Meira, “O jornal *Diário do Gram-Pará*, matutino, noticioso e político, possibilitou a divulgação de trabalhos produzidos pelos jovens e que não chegaram a ser coletados em livros” (1990, p. 71). Daí a pertinência de investigação não apenas nesse, mas em outros jornais diários coetâneos. Socorro Barbosa assinala que:

Estabelecer relações entre o que circulou nos jornais da Corte e nos das províncias é outra possibilidade bastante significativa proporcionada pela pesquisa nos jornais e periódicos. Aliás, elas são inúmeras e podem fornecer ao historiador da leitura aproximações mais verdadeiras das práticas de leitura e do gosto desses leitores, além de tornar mais convincentes as generalizações.<sup>157</sup>

Reiterando a afirmação da autora, há que se estabelecer relação/comparação entre os jornais publicados na província do Grão-Pará e alguns jornais portugueses a fim

<sup>156</sup> ROQUE, Carlos. **História geral de Belém Grão-Pará**. Atualização de textos: Antônio José Soares: Belém: DistribeL, 2001. p. 63.

<sup>157</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre:,Nova Prova, 2007. p. 80.

de verificar se tais publicações compartilhavam a mesma ideologia de manter o império literário e cultural advindos da nação portuguesa.

### 3. Rastros Lusitanos em Terras *Parauaras*

*O interesse na investigação de tal assunto deu-se pelo fato de que a Província do Grão-Pará apresenta em sua historiografia fatos e circunstâncias peculiares e adversas às demais províncias do Brasil, entre as quais podemos sublinhar, primeiramente, a Adesão do Pará à Independência do Brasil, que só aconteceu em 15 de agosto de 1823, há quase um ano após a Independência das demais regiões do país, ou seja, a do Pará única entre as províncias brasileiras a manter vínculo estreito com Portugal após 1822. Em um segundo momento, o Movimento da Cabanagem, em 1835, foi o único movimento de cunho político nacional liderado pelo povo, que chegou a transferir sua capital para o interior da região (Cametá). No final do século XIX, o período áureo da exploração da borracha, o que constituiu uma fase denominada de “Belle Époque”, na qual a região vivenciou transformações culturais, bem como maior desenvolvimento intelectual.*

Além desses momentos, os rastros portugueses estiveram presentes nos nomes de vários lugarejos paraenses que receberam nomes parecidos com de alguns locais de Portugal, tais como: Alenquer, Almerim, Aveiro, Alter-do-Chão – em Santarém, Barcarena, Belém, Beja – em Abaetetuba, Bragança, Breves, Chaves, Faro, Limoeiro, Melgaço, Monte Alegre, Nazaré, Óbidos, Odivelas – São Caetano de, Oeiras, Salvaterra, Santarém, Soure, Vila do Conde, entre outros, que denotam fortes influências da colonização portuguesa nessa província.

Tudo isso nos faz acreditar que haja na Província do Grão-Pará um forte apelo por parte da elite paraense, bem como da portuguesa, à manutenção dos laços lusos. Talvez pelo fato de que essa região, nos anos oitocentos, tinha maior contato e proximidade com as terras portuguesas do que com as demais regiões do Brasil, conforme afirma Clóvis Meira (1990, p. 19):

O Pará, pela sua posição geográfica, pelo clima e pelo intercâmbio com a Europa, sofreu muito dessa influência quanto os hábitos, a língua e o modo de viver do outro lado do Atlântico. Para os paraenses de outros tempos era bem mais fácil ir à Europa do que ao sul do país.<sup>158</sup>

Tal assertiva coaduna com a hipótese levantada acerca da necessidade de investigar a persistência e a permanência portuguesa na (in)formação do conteúdo

<sup>158</sup> MEIRA, Clóvis. *Introdução à Literatura no Pará*. Belém: CEJUP, 1990. p. 19

literário em jornais paraenses da segunda metade do século XIX. Assim sendo, Tania Regina de Luca enfatiza que:

De fato, jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.<sup>159</sup>

Em consonância com Luca, é importante atentar para a intenção com que os textos são publicados haja vista projetos de manutenção de determinada cultura, ideologia, política, literatura, em detrimento daquela que é eclipsada.

### 3.1. Rastros Lusitanos em Jornais Parauaras

Para melhor entendimento, fizemos um levantamento de informação acerca dos rastros lusitanos em jornais paraenses, publicados diariamente, na segunda metade do século XIX, tais como: *Diário do Gram-Pará*, *Jornal do Pará*, *Diário de Belém*, *Liberal do Pará*, *Diário de Notícias* e *A Província do Pará*, cujas investigações reforçam a hipótese de que esses periódicos foram instrumentos de circulação e de manutenção da cultura portuguesa na província do Grão-Pará após o a independência do Brasil, consoante considerações de Clóvis Meira (1990, p. 118):

A efervescência cultural e literária no final do século era grande, os jornais tomando parte importante nesse desenvolvimento, não somente por se constituírem em órgãos de divulgação, como pela feitura imprimida, o que os tornava dos mais bem elaborados do país: *A Província do Pará*; *O Diário do Gram-Pará*; *O Diário de Notícias*; *A Folha do Norte*, participavam diretamente dos movimentos políticos, sociais e literários. Não há como negar a importância do peso econômico da borracha, o papel que desempenhava na balança comercial do Brasil, a navegação marítima feita diretamente com a Europa e a América do Norte, de onde chegavam companhias teatrais, livros recentemente editados, revistas e jornais, tudo com regular frequência.<sup>160</sup>

No jornal *A Província do Pará*, de 30 de abril de 1876, foi encontrado anúncio intitulado *Portugal Cabelleira* em que se fazia a divulgação de obra que rememorava as façanhas portuguesas, “que o braço feito às armas, como disse Camões, não se desnervou ainda” perante as mudanças ocorridas na modernidade. Nele o autor convoca a juventude a conhecer os feitos e a tradição de Portugal:

<sup>159</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 140

<sup>160</sup> MEIRA, Clóvis. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. p. 118.

*Portugal Cabeleira* por Alberto Pimentel

Na maior parte dos casos, a cabeleira esconde a velhice, não a velhice amolentada com dolorosos achaques, e indiferente às alegrias do mundo, mas a que se sente ainda vivedoura, forte, crente, e conlúina com os olhos postos no futuro, a gloriosa serie das façanhas passadas.

Portugal está exactamente n'estas condições. Tem a sua velhice de sete séculos, e portanto uma história de setecentos annos. A sua cabelleira representa, como geralmente acontece, antiguidade, commettimentos realizados, aventuras bem succedidas, proezas levadas a cabo, e ao mesmo passo denuncia que não está morto o coração, que o braço feito às armas, como disse Camões, não se desnervou ainda, e que a epopea, das suas conquistas e descobertas não é por emquanto o epitáfio inscripto sobre o tumulo d'um heroe. Ainda bem. Portanto escrevendo sobre o antigo Portugal, ainda florescente, não vamos exhumar um cadáver espetaculoso, sobre doloroso, repugnante, que bastaria a afugentar do conhecimento d'este livro os mais curiosos leitores. Vamos, simplesmente, levantar uma ponta do chinó, esmiunçar, com leveza que obste ao aborrecimento, as paginas de antigos usos, costumes, aventuras, tradições, chronicas. Sentados no velho canapé, que Bocage motejou, conversaremos velharias, soprando cautelosamente o caruncho dos séculos para que nos não empoeire o espirito com nuvens de tedio. Seo author consegue alguns velhos usam rememorar as façanhas da mocidade, haverá conseguido o seu fim, e, se o publico o escutar com aprazimento, dar-se-hia por bem pago de andar rebuscando em pergaminhos bolorentos umas certas antigualhas que explicam muitos costumes modernos.

À venda na Livraria dos Edictores. Tavares Cardoso & C<sup>a</sup>.  
Preço.....2\$000

Como se depreende, há no anúncio da obra portuguesa um apelo à tradição, aos usos e costumes de nossos colonizadores que insistem em “andar rebuscando em pergaminhos bolorentos umas certas antigualhas que explicam muitos costumes modernos” mesmo em um período em que o brasileiro relutava contra a cultura lusa. Alberto Pimentel remonta as proezas lusitanas de mais de setecentos annos que precisam ser rememoradas de modo a servir de exemplo aos mais novos, mormente aos brasileiros.

No mesmo periódico, em 20 de maio de 1876, na coluna *Miscellânea* encontramos um texto sobre os benefícios da leitura e sua associação com de prazer que o texto pode proporcionar: “lendo-se pela primeira vez um livro, experimenta-se o mesmo prazer que se experimentaria se se adquirisse um novo amigo: relê-lo é um antigo amigo que se recebe”. A nota demonstra um incentivo à cultura letrada no Pará, os jornais propagavam a importância da leitura para “melhorar” o indivíduo e torná-lo cada vez mais hábil a cada experiência, como comprovamos com a citação na íntegra:

A leitura deve ser para o espírito como o alimento para o corpo, moderada, saudável e de fácil digestão.

A leitura é inútil a algumas pessoas: as idéas lhes passam em pé sobre a cabeça.

O amor da leitura é um presente do céu.

Montesquieu dizia que nunca teve tristeza que resistisse a uma hora de leitura.

A leitura encanta os felizes e consola os desgraçados.

Emquanto se pode ler não se é completamente infeliz.

Amar a leitura é fazer uma troca das horas de enjoo por horas deliciosas.

A leitura é um estado mixto entre a conversação e a reflexão, que não tem nem a frivolidade de uma, nem a fadiga da outra, e reúne as vantagens de ambas.

Assim como colhendo rosas temos o cuidado de evitar os espinhos, colhendo dos livros o que n'elles ha de bom devemos evitar tudo o que n'elles ha de nocivo.

Nós lemos para nos tornarmos mais habeis. Se lessemos para nos tornarmos melhores, logo ficaríamos mais habeis.

Lendo-se pela primeira vez um livro, experimenta-se o mesmo prazer que se experimentaria se se adquirisse um novo amigo: relê-lo é um antigo amigo que se recebe.

Os olhos dos espectadores são mais difficeis que os ouvidos do espectador.

Quando uma leitura vos elevar o espirito e vos inspirar sentimentos nobres, não procureis outra regra para julgar da obra.

O texto acima ratifica a contribuição dos jornais para com a leitura, mormente nessa província, pois conforme já mencionamos anteriormente, era grande o número de periódicos que contribuía com o estímulo ao contato com os livros, na região.

Na mesma coluna, outro texto chamou-nos atenção pelo caráter “espirituoso” – era assim assinalado o texto – com que foram publicadas no folhetim da *Reforma* umas notas do imperador D. Pedro II, em visita a província do Pará:

Espirituoso – O folhetim da *Reforma* figura publicar umas notas a lápis escriptas pelo imperador em viagem, e à propósito do Pará, lê-se o seguinte: Aproximamo-nos de Belém.

Não há muito que foram vencidos os baixos de Bragança.

Baixos de Bragança!

Duas palavras inconciliáveis, por quanto Bragança só tem alturas e altezas...

—

Estamos no Gram-Pará.

Pois sim, senhores, é maior do que eu supunha!

Que importância!

Compreende-se, a vista de tantos cousas gigantescas, aquella caudalosa conta do quinino...

Sim formidável conego; nesta terra tudo deve ser incomensurável!

Arvores que parecem florestas, rios que parecem oceanos!

E o Fausto tão pequenino lá na secretaria do império!

Império dos pigmeus!

—

Saltei.

Vi e gostei. Menos do assahy.

Também Benevides não tem a mínima côr local.

A cidade é bela e está respirando progresso por todos os pôros.

Todavia os administradores atrasam o caminhar desta província...

Si a aurora da regeneração despachasse um pirarucu presidente do Pará... talvez acertasse melhor do que tem acertado...

Manda, porém, o João Alfredo e o José Bento! Dous bagres!...

—

Vamos suspender ferro, e... boa noite!

Deixo o Brasil com saudades.

E deixo-o em má ocasião.  
 Ora!... coração à larga e o duque que se agüente no balanço!  
 Sofro uma estafa de metter medo, com este officio de reinar, governar e administrar, Inda nas vésperas da viagem tive de ir à Jurujuba para mandar remover o lixo, e a garganta de João Ayres para decidir um traçado de via férrea!  
 Sem metter em linha de conta a nomeação do carcereiro de Macacu, que discuti em donselho, fazendo abafar a proposta do ministro.  
 E muito trabalhar, e isto não vae a matar.  
 Divirtamo-nos um pouco.  
 Viva o centenário e a exposição!  
 E sobretudo a grande nação como se exprimia o ministro do império, sem dizer de que tratava!  
 Novos ares, novos climas.  
 Respiremos a fartar esta brisa saudável!  
 Os meus carneiros de Panurgio não arredarão pé do logar onde os deixei.  
 O vapor sacude o penacho de fumo, e como que está dizendo, na mesma língua do poeta:  
 “*My native land, good nighth.*”

As notas do imperador, a propósito da visita ao Pará, publicadas na *Reforma* denotam em tom de ironia as comparações feitas pelo regente às terras paraenses que tem o mesmo nome das terras portuguesas: “Baixos de Bragança! Duas palavras inconciliáveis, por quanto Bragança só tem alturas e altezas...” e “Também Benevides não tem a mínima côr local”. A exigência do Imperador é tamanha a ponto de comparar localidades tão distintas.

Ainda nas notas, o imperador se assusta coma a extensão territorial da província que ele diz ter, para ele, grande importância: “Estamos no Gram-Pará. Pois sim, senhores, é maior do que eu supunha! Que importância!” e mais ainda com a grandiosidade da flora e da bacia hidrográfica da região: “Sim formidável conego; nesta terra tudo deve ser incomensurável! Arvores que parecem florestas, rios que parecem oceanos!”. Pelas notas, percebe-se o espanto e a admiração de D. Pedro II em relação à província.

Outro assunto interessante no comentário do imperador diz respeito ao sistema político, quando pondera: “A cidade é bela e está respirando progresso por todos os pôros. Todavia os administradores atrasam o caminhar desta província...”, parece-nos que o presidente da província não tinha uma boa relação com o governante, pois ele reitera “Si a aurora da regeneração despachasse um pirarucu presidente do Pará... talvez acertasse melhor do que tem acertado...”. E continua irônico ao dizer “Manda, porém, o João Alfredo e o José Bento! Dous bagres!...”, neste fragmento o imperador chega a citar os nomes de dois presidentes da província daquele período de modo a demonstrar sua insatisfação com o governo local.



Enfim, o imperador se despede da província, dando a entender que está deixando o país por hidrovias paraenses, conforme já mencionamos acerca da proximidade com o continente europeu: “Vamos suspender ferro, e... boa noite! Deixo o Brasil com saudades”. E não deixa de queixar-se da viagem e da estafa acometida pelos trabalhos do governo: “Ora!... coração à larga e o duque que se aguente no balanço! Sofro uma estafa de metter medo, com este officio de reinar, governar e administrar...”.

As notas foram de muita valia, pois vieram confirmar as suspeitas acerca do percurso feito pela navegação no período imperial, da impressão do imperador com a extensão do território paraense, do seu posicionamento sobre a política local, o desabafo sobre o cansaço de governar, entre outras informações.

### **Considerações Finais**

Nas últimas décadas, vários pesquisadores tem se debruçado sobre muitos periódicos de séculos passados ou mesmo aguçado a vista diante de máquinas de projeção de microfilmes em bibliotecas de obras raras, isso porque cada vez mais é constatada a importância de estudos com periódicos como possibilidade de (re)contar a história de uma nação, de uma região ou sociedade. Assim sendo, ratificamos a necessidade desse tipo de pesquisa no Pará por percebermos o quanto é possível reconstituirmos a historiografia literária nessa região por meio dos jornais antigos.

Alguns levantamentos já foram feitos, contudo, há grande necessidade de continuação, conforme ressalta Clóvis Meira:

O século XIX foi fértil e pródigo para a literatura do Pará. A Academia Paraense de Letras, ao tomar a iniciativa de promover este levantamento, certamente que estará apenas abrindo veredas na densa floresta que permanece adormecida nas páginas dos jornais, das revistas, de livros esquecidos nas empoeiradas bibliotecas. Outros, com o correr dos anos, com mais competência e acutilada inteligência, certamente que juntarão novas pedras ao caminho, novas flores às suas margens, enfeitando-a e engrandecendo-a, pelos séculos futuros.<sup>161</sup>

As pesquisas realizadas por Germana Sales apontam que ainda há muito a fazer por essa província e que os jornais paraenses são fontes ricas de informação do conteúdo literário. Ademais, o que vimos neste trabalho foi apenas uma amostra do que pode ser encontrado na “densa floresta que permanece adormecida nas páginas dos jornais”. Por meio desses periódicos, informações mais recentes já foram contestadas (a

<sup>161</sup> MEIRA, Clóvis. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990. p. 126

Cabanagem, por exemplo), ratificadas ou mesmo se tornaram novidades, portanto, havemos de mobilizarmo-nos para que a história paraense não seja silenciada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marcia & SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cultura Letrada no Brasil: Objetos e práticas**. São Paulo: FAPESP, 2005.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos, 1750-1880**. 12ª ed. São Paulo: FAPESP, 2009.

COSTA, Maria Lucilena Gonzaga. *Gazeta Oficial Periódico Paraense Noticioso e Literário do Século XIX*. **Dissertação de Mestrado**. Curso de Mestrado em Letras – Universidade Federal do Pará, 2008.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global, 2004.

LAJOLO, Mariza & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIRA, Clóvis. **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990.

ROQUE, Carlos. **História geral de Belém Grão-Pará**. Atualização de textos: Antônio José Soares. Belém: Distribel, 2001.

SALES, Germana Maria Araújo. *Folhetins: uma prática de leitura no século XIX*. In: **Entrelaces - Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFC**, nº 1, p. 44-56, agosto/2007.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870)**. Brasília: Ed UNB, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. **História concisa do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2000.

## AS NARRATIVAS CAMILIANAS PUBLICADAS NO ESPAÇO FOLHETIM DO *DIÁRIO DO GRAM-PARÁ*

Neila Mendonça Garcês Lima –neilagarces@yahoo.com.br  
Orientadora: Germana Maria Araújo Sales – gmaa.sales@gmail.com

**Resumo:** Dentre as obras estrangeiras que circularam na cidade de Belém no século XIX estão algumas de autoria do escritor português Camilo Castelo Branco, cuja galeria de personagens e as tramas envolventes contribuíram para torná-lo um dos mais cotados escritores lusos presentes no espaço folhetim de periódicos na capital paraense. Tendo em vista a intensa publicação de textos literários em jornais, o que fixou a prática da leitura de obras literárias também no norte do país, o presente estudo propõe a investigação das narrativas camilianas publicadas no *Diário do Gram-Pará* – importante por ter sido o primeiro jornal diário da cidade, e por ter se mantido por quase quatro décadas. A partir de dados relativos à história editorial das obras e às circunstâncias da publicação das narrativas do citado autor no país e em Belém, este trabalho pretende contribuir para o conhecimento sobre a formação do público leitor local e sobre a presença portuguesa no Brasil.

**Palavras-Chave:** Publicação, Camilo Castelo Branco, narrativas.

**Abstract:** Among the foreign works that circulated in the city of Belém in the nineteenth century are some authored by Portuguese writer Camilo Castelo Branco, whose gallery of characters and engaging plots helped to make it one of the most quoted writers lusos present within the serial journals in the state. Given the intense literary publishing in newspapers, which established the practice of reading literary works also in the north, this study proposes the investigation of Camillian narratives published in the *Diário do Gram-Pará* - important for being the first daily newspaper of the city, and to have remained for nearly four decades. From data on the publishing history of the works and the circumstances of the publication of the narratives cited author in the country and in Belém, this paper aims to contribute to knowledge about the formation of the readers on the site and the Portuguese presence in Brazil.

**Keywords:** Publication, Camilo Castelo Branco, narratives.

A formação do leitor de literatura no Brasil está estreitamente ligada à circulação de obras estrangeiras na imprensa de muitas cidades brasileiras. Desde o século XIX, quando se intensificou a presença de narrativas francesas traduzidas e publicadas em jornais cariocas, a disseminação da literatura em prosa na imprensa local foi um

importante fator para a constituição de uma cultura letrada no Brasil, pois grande parte dos textos que circulavam na época eram publicados no espaço folhetim dos periódicos, adquiridos em razão das notícias do dia e também por força do crescente interesse do público pelas histórias narradas.

Nesse contexto, em que pese a então dominante presença francesa, a circulação de obras portuguesas em nosso país ganhou grande destaque pela importância de nomes como Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós, seja pela reimpressão dos livros dos escritores, seja pelas publicações nos jornais locais.

Muito lidas pelos leitores paraenses do século XIX, especialmente pelo fácil acesso às obras que os jornais propiciavam, as narrativas de Camilo representaram boa parte do que de melhor se publicava em Belém do Pará nesse período.

Em um dos mais importantes jornais locais – o *Diário do Gram-Pará* – seis narrativas de Camilo foram levadas a público entre 1863 e 1864, com publicação diária na seção folhetim, o que denota uma boa aceitação das narrativas do autor por parte do público leitor de jornal. Foram elas: *Coisas Espantosas* (1862) e *A Neta do Arcediogo* (1856), *O Arrependimento* (1863) e *A Gratidão* (1863), todos publicados em 1863 e *O Bem e o Mal* (1863) e *A Filha do Doutor Negro* (1864) publicados em 1864.

Embora pouco conhecidos pelo leitor brasileiro de hoje, os romances citados tiveram uma grande repercussão desde sua primeira edição, o que está provado pelas diversas reedições das obras, impressas por diferentes casas editoriais.

As seis narrativas constantes do *Diário* foram obras com sucessivas publicações. Conforme estudo do Dicionário de Camilo Castelo Branco<sup>162</sup> de Alexandre Cabral (1989), foram identificadas informações interessantes sobre a bibliografia de Camilo, e sua produção bibliográfica, inclusive das narrativas aqui citadas, válidas para elucidar de que modo elas se fizeram presentes tanto em Portugal quanto no Brasil, precisamente em Belém, nas publicações em folhetins e em formato livro, como aqui e lá ocorreram.

*A Neta do Arcediogo* foi inicialmente trazida como terceira parte da miscelânea *Cenas contemporâneas*, publicada de setembro a dezembro de 1855, na forma de folhetim no jornal do Porto *A Verdade* e, no ano posterior, foi apresentado como livro pela Empresa da Concórdia.

Com sucessivas edições, o romance gozou de grande apreço popular, por seu enredo cheio de sinuosidades, com os ingredientes que consagraram a obra de Camilo.

---

<sup>162</sup>CABRAL, Alexandre. Dicionário de Camilo Castelo Branco. Editorial Caminho – Lisboa, 1988.

Após a edição de 1855, seguiram-se a 2ª de 1860, a 3ª de 1874, ambas pela Casa de Cruz Coutinho, do Porto, a 4ª de 1892, a 5ª de 1905 por A. M. Pereira, a 6ª edição, conforme a 3ª, em 1918, a 7ª em 1926 pela Parceria A. M. Pereira, a Edição popular nº 37 em 1926 e 1957, a 8ª de 1957 e a 9ª edição de 1973.

A narrativa *Coisas Espantosas* teve sua primeira aparição ao público em 1859, com o nome de *A natureza das coisas*, no jornal *Aurora do Lima*, da cidade de Viana do Castelo, cujo primeiro número foi no ano de 1855. Tendo um amigo seu como redator – José Barbosa e Silva – Camilo pode publicar muitas obras suas em folhetins. A primeira e a segunda publicações autônomas da obra ocorreram em 1862 e 1864, sendo aquela editada pela Parceria A. M. Pereira, como passou a ser chamada a editora de Antonio Maria Pereira após sua morte. Até o momento foram identificadas nove edições do romance, a 9ª é de 1969.<sup>163</sup>

As narrativas *O Arrependimento* e *A Gratidão* tiveram sua 1ª edição 1863 no livro *Anos de prosa*, publicado por Antonio José da Silva Teixeira. Antes disso, no ano de 1858 e 1859, respectivamente, esteve presente nas edições dos periódicos portugueses *Mundo Elegante* e *O Nacional*, sob o título *A mulher que salva*, naquele constando como redator o próprio Camilo, para depois, em 1861, aparecer no periódico de Lisboa *Revolução de Setembro* já reunidas sob o título *Anos de Prosa*.

Originalmente publicado em folhetins em 1863, *O Bem e o Mal* surgiu em edição autônoma no mesmo ano pelo diário *O Comércio do Porto*. Depois, seguiram-se edições em 1877 pela Livraria de Campos Junior (3ª), 1889, 1897, 4ª e 5ª edições respectivamente, a 9ª edição de 1936, a partir do que vieram as edições de 1940 e 1946 pela Parceria A. M. Pereira, bem como a 12ª de 1951, a de 1955 pela Organização Simões, 1969 e 1971, também pela Parceria A. M. Pereira.

O romance *A Filha do Doutor Negro* foi inicialmente publicado em folhetins em 1864 no jornal *O Comércio do Porto*, cujo redator – Antônio Joaquim Xavier Pacheco – amigo de Camilo, recebeu a obra como livro em homenagem, no mesmo ano de 1864, lançada pela Livraria de Campos Junior. A 2ª edição foi lançada já em 1870. Após, a 3ª edição em 1891, a edição de 1904, a 6ª edição de 1926, por Antonio Maria Pereira, a de 1971 (8ª). Consta ainda a edição lançada pela Cidade Publicações.

Não apenas pelo número de romances apresentados, mas também pela data de publicação das obras, muito próxima do lançamento em Portugal, a presença de Camilo

---

<sup>163</sup> CABRAL, 1988, p. 192.

no *Diário* parece indicar ter ocorrido, também em Belém, uma prática relativamente comum no restante do país na época – a publicação de textos literários portugueses sem a devida autorização dos autores.

As preocupações com os direitos autorais não eram acentuadas como nos dias atuais. Muitas obras apresentadas ao público, no espaço do folhetim, foram elaboradas por autores diversos aos que constavam na publicação. Walter Benjamin<sup>164</sup> trata da questão, revelando que o desrespeito à autoria muitas vezes recebia o aval do próprio autor, em função de sua condição social: “Acontecia de o editor, na compra do manuscrito, reservar para si o direito de tê-lo assinado por um autor de sua escolha [...] Corria o boato de que Dumas empregava em seus porões toda uma companhia de literatos pobres”.

A polêmica envolvendo a produção da obra e os direitos decorrentes dela existe há séculos. E desde os anos de 1700 já ocorriam discussões acerca da universalização do acesso à obra e a existência da propriedade sobre o bem fruto do fazer literário<sup>165</sup>.

Na sociedade portuguesa houve posições bem definidas quanto a defesa dos direitos do autor, com destaque a Almeida Garrett que “foi o político que lutou pela legislação sobre a propriedade literária e artística, quando membro do Parlamento português<sup>166</sup>” para onde retornou em 1851. A defesa feita pelo político Garrett não se fez sentir no escritor, porque no que se refere a sua produção intelectual, o escritor era menos determinado, diferente de Camilo Castelo Branco, que sempre foi um defensor enérgico de suas produções. A informação quem nos fornece é Marisa Lajolo e Regina Zilberman<sup>167</sup>: “A legislação resultante da militância de Almeida Garrett não beneficiou seu autor, mas facultou a um de seus pares, Camilo Castelo Branco, a alegação, perante a justiça, de seus direitos”. E acrescentam, referindo-se a uma peça de Camilo – ‘Poesia ou dinheiro?’ – na qual há o letrado Júlio Correia:

Também Camilo Castelo Branco, talvez seu *alter ego* de carne e osso, subverte o comportamento aristocrático do fundador do Romantismo português, mostrando-se bem mais

<sup>164</sup> BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. 1 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 26. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. (Obras escolhidas; v. 3).

<sup>165</sup> NEVES, Lúcia; FERREIRA, Tania. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros/Aníbal Bragança e Márcia Abreu (organizadores). – São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 503-517.

<sup>166</sup> LAJOLO, ZILBERMAN, Marisa e Regina. O preço da leitura. – São Paulo: Ática, 2001, p. 123.

<sup>167</sup> Idem, p. 124.

aguerrido na defesa de seus direitos do que qualquer um dos poetas fictícios presentes na literatura em língua portuguesa do século XIX.<sup>168</sup>

No Brasil, a legislação que disciplinou o direito autoral tardou a aparecer. Antes de haver uma legalização sobre o assunto, a prática de contrafação<sup>169</sup> era comum no mercado brasileiro. Mesmo com o estabelecimento do acordo entre a coroa portuguesa e o Brasil, em 1825, prescrevendo a proteção dos direitos de propriedade, as publicações de obras portuguesas seguiam por terras brasileiras, fossem por meio de reimpressões de livros, fossem pela publicação de obras literárias no espaço folhetim dos periódicos.

Acerca deste fato, importantes são as informações que nos prestam Lúcia Neves e Tânia Ferreira<sup>170</sup>:

O primeiro ponto acerca das contrafações foi tangenciado pelo tratado entre Brasil e Portugal de 29 de agosto de 1825, no qual se reconheceu a independência do novo país. Esse acordo estabelecia que os direitos e propriedades dos súditos portugueses seriam guardados e protegidos (Tratados, 1992, p.43-5). No entanto, isso não significava de forma explícita a inclusão da propriedade literária, sendo garantidos apenas os bens de propriedade material. Assim, a reprodução de obras portuguesas multiplicava-se, pois os editores brasileiros alegavam que tal prática não podia ser considerada um crime, uma vez que não havia nenhuma lei que a regulasse.

Os intelectuais portugueses não estavam alheios a este fato. As denúncias seguiam sendo apresentadas aos governos português e brasileiro, a partir da identificação dos editores e livreiros praticantes dos atos de violação da propriedade intelectual, como o caso indicado abaixo, ocorrido no estado do Pará:

[...] Em janeiro de 1854, o ministro português reafirmou a justiça e a conveniência de estabelecer-se, de maneira mais positiva e duradoura, o Direito de Propriedade Literária e Artística entre Portugal e o Império, em função das inúmeras reclamações que recebia. Citava como exemplo o caso de um livreiro estabelecido no Pará, um dos locais de maior presença lusa, que fizera por sua conta a reimpressão do Manual enciclopédico para uso das escolas de instrução primária e do Método fácilimo para aprender a ler e escrever a gramática francesa teórica e prática, com “grave prejuízo de seu autor, o súdito português Emílio Aquiles Monteverde”<sup>171</sup>.

Embora se esteja dando destaque aos livros, como de fato ocorreu na época com as reimpressões não autorizadas, convém frisar que a mesma lógica parece ter sido

<sup>168</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>169</sup> Produção comercial de um artigo sem autorização da entidade que detém a sua propriedade intelectual. (Fonte Wikipédia, acesso em 23 de julho de 2013 às 12:06h).

<sup>170</sup> NEVES, Lúcia e FERREIRA, Tania. BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (Org.). 2010, p. 507.

<sup>171</sup> Idem, p. 508.

utilizada nas publicações das obras nos jornais, uma vez que a legislação deixava espaço também para esta prática.

Em razão dessas circunstâncias, haja vista a popularização dos romances alçada pela via da imprensa, ou pela equivalência do idioma, o Brasil era um importante mercado para os livros portugueses, inclusive os de Camilo, cujos negócios envolviam também nosso país.

Sobre as relações do mercado bibliográfico brasileiro e português, Marisa Lajolo e Regina Zilberman<sup>172</sup> afirmam:

Assim, à moda do obscuro Manuel Alves, personagem de *Poesia ou dinheiro?*, o Brasil aparece no horizonte das possibilidades e enriquecimento, razão por que constitui mercado atraente para os portugueses, sobretudo após os anos 50 do século XIX. Não é acidentalmente, portanto, que, entre aquela época e o final do período monárquico, em 1889, Portugal se empenhe em legalizar os negócios relativos aos direitos autorais com a ex-colônia americana.

Apenas no final do século XIX, e motivada pelo interesse em concretizar os negócios relativos à publicação de livros, inclusive portugueses, tendo em vista o fato de o Brasil ser um interessante mercado consumidor, é que surgiu, em 1898, a lei 496, definindo e regulamentando os direitos do autor<sup>173</sup>.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Editorial Caminho – Lisboa, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 1 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1989. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. (Obras escolhidas; v. 3).

LAJOLO, ZILBERMAN, Marisa e Regina. *O preço da leitura*. – São Paulo: Ática, 2001.

IMPRESSO NO BRASIL: Dois séculos de livros brasileiros/Aníbal Bragança e Márcia Abreu (organizadores). – São Paulo: Editora Unesp, 2010.

<sup>172</sup> LAJOLO, ZILBERMAN, 2001, p. 129.

<sup>173</sup> NEVES, Lúcia e FERREIRA, Tania. BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (Org.). 2010, p. 516.



## O SILÊNCIO COMO VOZ DE ALFREDO NA LEITURA DO MUNDO MARAJOARA

Regina Barbosa da Costa – anygger@yahoo.com.br<sup>174</sup>

Marlí Tereza Furtado – marlitf@ufpa.br<sup>175</sup>

### RESUMO:

O propósito deste artigo é apresentar a prática de leitura feita pelo personagem Alfredo, no livro *Chove nos Campos de Cachoeira*, publicado em 1941 pelo escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909/1979). A intenção é mostrar a personagem na prática individualizada de leitura, diferindo dos demais personagens-leitores que figuram neste primeiro romance, posto que ele aparecerá na obra como protagonista de um estágio inicial de leitura, mas nem por isso menos importante que os outros leitores na ficção, já que suas primeiras leituras representam o olhar crítico do mundo marajoara, representado pelo município de Cachoeira do Arari. Para melhor elucidar o assunto resolvemos dividir o estudo em três fases: na primeira, faremos uma apresentação teórica sobre leitura, silenciamento na ficcionalização da leitura; na segunda, o propósito é refletir sobre personagens e personagens-leitores na ficcionalização da leitura; e na terceira, focalizaremos o personagem-leitor Alfredo na leitura do mundo marajoara observado em seu percurso inicial, seus conflitos silenciosos e sua saga para alcançar um ensino de qualidade e assim poder ascender socialmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Personagem, Leitura, Silêncio.

### ABSTRACT:

The purpose of this paper is the practice of reading by the character Alfredo in the book *Chove nos Campos de Cachoeira*, published in 1941 by writer from Pará-Brazil, Dalcídio Jurandir (1909/1979). The intention is to show the character in his individualized reading practice, differing from the other characters-readers appearing in this first novel, since it appears in the work as the lead in an early stage of reading, but no less important than the other readers in this fiction, since their first readings represent the critical marajoara's world, represented by the city of Cachoeira do Arari. To further elucidate the subject, we decided to divide the study into three phases: the first will do a theoretical presentation about the reading, silencing the fictionalization of reading, the second purpose is to reflect on characters and characters-readers in the fictionalization of reading and the third will focus on the character-reader Alfredo in the reading about the marajoara's world observed in their preliminary round, his conflicts and his silent saga to achieve a quality education and thus to ascend socially.

**KEYWORDS:** Character, Reading, Silence.

### INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto de uma pesquisa, ainda em andamento, que tem como finalidade apresentar algumas reflexões em torno das leituras realizadas por personagens-leitores, no livro *Chove nos Campos de Cachoeira*, do ficcionista

---

<sup>174</sup> Aluna do mestrado em Letras/Estudos Literários da UFPA.

<sup>175</sup> Professora orientadora do Mestrado em Letras da UFPA.

amazônico Dalcídio Jurandir<sup>176</sup>. Desta forma, analisaremos especificamente a personagem Alfredo que é um dos mais importantes protagonistas neste primeiro livro, e o mais importante personagem Dalcidiano, no Ciclo do *Extremo Norte*<sup>177</sup>, com participação em quase todos os volumes do Ciclo.

Na obra de Dalcídio fica evidente certa inquietação com relação à cultura escrita, que permeará os livros do referido ciclo, especialmente *Chove nos campos de Cachoeira*<sup>178</sup>, escrito em 1939, premiado pela Editora Vecchi e pelo Jornal Dom Casmurro, em 1940, mas publicado um ano depois. Nela, será possível observar a representação da cultura praticada por personagens-leitores, especialmente na trajetória de leituras da personagem Alfredo, que se apresenta de forma singular na narrativa.

O espaço ficcional escolhido para a representação do ato de ler é Cachoeira do Arari, um município da ilha de Marajó, cercada por fazendas que limitam seu crescimento econômico, social e cultural, além de estar situada no centro das microrregiões dos Campos e isolada da capital paraense. Na narrativa, o local é carente de um projeto educacional que contemple as aspirações da personagem Alfredo.

Para apresentação deste trabalho foi traçado o seguinte roteiro: uma apresentação teórica sobre leitura e silenciamento; após, uma explanação sobre as personagens, especialmente as personagens-leitoras, atuando na ficcionalização da leitura e finalmente abordaremos sobre Alfredo na leitura do mundo marajoara, em seu percurso inicial de leitor.

Desta forma, nosso alvo é a *performance* do personagem na tematização do complexo cultural de que fazem parte a leitura, o leitor e o texto. Esta representação de leitura serve como suporte para debates ainda mais pontuais sobre a problemática social que circunda a história do leitor e da leitura, que na ficção pode ser redimensionada.

## 1. LEITURA E SILENCIAMENTO

<sup>176</sup> Dalcídio Jurandir foi escritor e jornalista nasceu em Ponta de Pedras (1909) e faleceu em 1979 no Rio de Janeiro. Morou em Cachoeira do Arari até 1922 e foi para Belém estudar, mas não concluiu os estudos.

<sup>177</sup> O *Ciclo do Extremo Norte* (1929 e 1978) é composto por dez romances, dos quais o primeiro é *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), seguido de *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes*, *Chão dos Lobos* (ambos de 1976) e *Ribanceira* (1978). Dalcídio também escreveu *Linha do parque*, em 1959, este, porém, não pertence ao Ciclo.

<sup>178</sup> O livro possui sete edições, porém optamos pela primeira edição do livro, visto que na última edição (2011) foram modificados cerca de 95% do texto inicial, além da supressão de um dos vinte capítulos.

Em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), o escritor Dalcídio Jurandir promove a representação da arte de ler, de forma e maneira diferenciadas, conferindo a cada personagem um estilo diferente de leitura. A individualidade do leitor é marcante nesta primeira narrativa do ciclo, haja vista que ele apresenta leitores que vão além da simples capacidade simbólica e crítica e chegam a ser visionários de um novo tempo.

Desta forma, a leitura é assunto para vários estudiosos, como pedagogos, linguistas e literatos que engendram diversos conceitos para defini-la, conforme seu campo de ação. Um deles é a proposição de Steven Roger Fischer (2006), que a concebe como “capacidade de extrair sentido de símbolos escritos ou impressos” (FISCHER, 2006, p. 11). Ele a define como indicadora de avanço da própria humanidade.

Outro estudioso da leitura é Roger Chartier que comenta: “[a leitura] é sempre apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1999, p.77) e explica ainda da liberdade que cada leitor possui de ler, mesmo que esta liberdade não seja tão absoluta. É interessante ressaltar que Chartier amplia o conceito de leitura quando compreende que ela pode ser apresentada em diferentes suportes. Desta forma, também apresenta diversos formatos de leitura como a fotografia, a pintura e o cinema. Assim, percebe-se que o conceito de leitura ganha novos significados, por ser ela uma “prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares” (CHARTIER, 1988, p.123), resignificando o assunto lido.

A leitura também é remontada por Ricardo Piglia (2006), nos conceitos de Ezra Pound: “arte da réplica” e de Claude Lévi-Strauss: “arte como modelo reduzido” e formula que a arte da leitura é vista como “uma forma sintética do universo, um microcosmo que reproduz a especificidade do mundo” (PIGLIA, 2006, p.13), e assim propõe nova forma de vislumbrar a leitura, num universo indefinido de leitores.

A leitura, compreendida como modo de interpretar/traduzir, é também assunto para Eni Puccinelli Orlandi (2011), quando explica os sentidos do silêncio numa relação entre o dizível e o indizível e mostra que “há um processo de sentidos silenciados que nos faz entender a dimensão do não-dito, distinta da que se tem estudado sob a rubrica do “implícito”(ORLANDI, 2011,p.12). Esses sentidos silenciados são percebidos a partir de fragmentos de leituras apresentadas pela personagem Alfredo, conforme comprovaremos na terceira sessão deste estudo.

O estudo da personagem Alfredo propicia entender um dos sentidos do silêncio proposto por Orlandi. Nele é possível perceber que há muito não-dito, mas que pode ser compreendido se nos reportamos à leitura ampla que vai do dito pelo personagem e pelo

narrador e chega até ao não-dito ou não-visto, mas é preciso ir além e perceber as entrelinhas da leitura traçada por Dalcídio.

É este universo de leituras, de ditos e não ditos, de silêncios e fragmentos que serão analisados no personagem-leitor Alfredo, em *Chove nos campos de Cachoeira*. Ressalvando sua importância para este como para os demais romances por desempenhar a função de protagonista da saga dalcidiana, que comporta em sua essência a origem das outras narrativas do ciclo e que serão desenvolvidas posteriormente.

## 2. PERSONAGENS E PERSONAGENS-LEITORES: A FICCIONALIZAÇÃO DA LEITURA

O estudo do personagem é visto pelos estudiosos de múltiplas maneiras. No Dicionário de Narratologia, por exemplo, o personagem é caracterizado como “categoria fundamental da narrativa [e] evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos. [...] é o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa” (REIS E LOPES, 2002, p. 314). Portanto, a personagem é definida pelo seu papel dentro da estrutura narrativa.

No Brasil, um importante estudo foi feito por Antonio Candido, em colaboração com outros estudiosos como Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para conhecer o personagem. Desse estudo nasceu o livro “*A personagem de ficção*”. Nele encontram-se várias inferências a respeito do assunto “personagem”, no qual destacamos as considerações feitas por Antonio Candido quando observa que é na ficção “o único lugar [...] em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referências a seres autônomos” (CANDIDO, 2000, p. 35), diferentes das pessoas reais as quais não se pode observar como elas realmente se apresentam, por não serem transparentes.

Antonio Candido, neste estudo sobre personagens (*Homo Fictus*), colabora inferindo sobre a importância das mesmas para o leitor. Destaca que “ao leitor importa a possibilidade de ser ele [o *Homo Fictus*] conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem” (CANDIDO, 2000, p. 63). Em *Chove nos Campos de Cachoeira*, o mundo da personagem exposta por Candido se descortinará, haja vista que

encontraremos personagens atuando para serem analisados, posto estarem disponíveis para leitura por nós, *Homo Sapiens*, inclusive as personagens-leitoras.

É sobre essa modalidade de personagem, entendida como “leitora” que dedicamos boa parte de nossa pesquisa. Apresentamos aqui apenas um recorte desta ficcionalização, ou seja, apenas um personagem será analisado, mas este possui certa singularidade e grande importância na maioria das narrativas do ciclo dalcidiano.

Hoje, muitos pesquisadores se dedicam a estudar a questão da leitura, conforme já citados na primeira parte do estudo. No Brasil, são exemplos deste tipo de investigação, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, visto que trabalham a personagem-leitora e justificam a presença das mesmas, no texto literário, ratificando que “[é no texto literário] o lugar privilegiado para o início do desenho de uma história social da leitura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 17) e inferem que o assunto pode ser tematizado na literatura, por ser o espaço privilegiado para discuti-lo.

Esta modalidade de personagem é importante, visto que estão na categoria de fictícios e podem motivar críticas à sociedade, justamente por não poderem receber sanções, que geralmente sofre quem critica determinados segmentos da sociedade. Exemplos de personagens-leitores são comuns, na literatura nacional e na estrangeira, desde *D. Quixote* que marca esta representação, seguido de *Hamlet*, *Madame Bovary*, *A mão e a luva* e *Chove nos campos de Cachoeira*, enfim são inumeráveis as representações de leitura dentro da literatura.

Enfim, é por meio da ficcionalização da leitura que vamos conhecer este *status* concedido à personagem, visto que a difere das personagens comuns, simplesmente por praticar o ato da leitura na ficção, o que torna a obra lida por nós, leitores reais, extremamente interessante.

### **3. ALFREDO NA LEITURA DO MUNDO MARAJOARA**

O estudo do personagem-leitor Alfredo é representado na ficção dalcidiana a partir de um olhar específico para a força própria do personagem e ao espaço em que ele está inserido que é o mundo marajoara. É neste espaço que suas leituras vão aflorar de forma crítica, contudo esta crítica se dará com muita sutileza e será percebida por meio de pequenas situações, que nos remetem ao fato de que ele, enquanto leitor, quer assinalar; todavia, ressalta-se que sua força motriz está no desejo de sair daquele mundo e conseguir a tão sonhada instrução escolar, fato que será obsessivo na obra.

Seus primeiros passos na condição de leitor será mostrado, pelo escritor, a partir da utilização de recursos narrativos modernos que consistem em:

brusca alternância da voz narrativa, ora centrada em um narrador em terceira pessoa, [...] ora em um narrador em terceira pessoa,[...], assim como, repentinamente, da terceira voz se passa para a primeira, do diálogo direto entre personagens se passa para o discurso indireto ou para o discurso indireto livre, ou para o monólogo interior. (FURTADO, 2011, p. 21)

A utilização desses recursos permite notoriedade ao romance de Dalcídio, visto que dão singularidade à ficção amazônica. O manejo da técnica empreendida pelo escritor possibilita melhor observação das leituras de Alfredo, pois se percebe a voz do narrador que pactuará com a da personagem e com o caroço de tucumã, que é personagem mágico e que ganhará vida nas mãos de Alfredo e com ele dialogará nos seus mais densos momentos:

Os campos o levaram para longe. O caroço de tucumã o levava também [...] [O]s campos não voltaram com ele, nem as nuvens nem os passarinhos e os desejos de Alfredo caíram pelo campo como borboletas mortas. Mais para longe já eram os campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos. E a tarde parecia inocente, diluída num sossego humilde e descia sobre os campos queimados como se os consolasse. Voltava donde começavam os campos escuros. *Indagava* por que os campos de Cachoeira não eram campos cheios de flores, como aqueles campos de uma fotografia de revista (JURANDIR, 1941, p. 15, grifo nosso).

No quadro, pintado por Dalcídio, a interação natureza x personagem acontece poeticamente, visto que a personagem é mais um elemento, entre os diversos existentes no painel, como as borboletas mortas, os passarinhos tontos, os gaviões caçadores, a tarde inocente e os campos queimados, escuros e os floridos. Nota-se que a observação do narrador se mistura aos sentimentos do menino que não fica passivo ante ao quadro observado: ele indaga, compara e conclui suas observações. Sua percepção ambientalista é muito aguçada, paralela à sensibilidade preservacionista de um caboclo nativo da Amazônia. Os campos queimados correspondem aos campos em fase de preparação para pastos das grandes fazendas que estavam sendo instaladas em Cachoeira, representando diferença em relação aos campos que a personagem “lia” nas revistas de seu pai; desta forma, podia fazer a distinção de dois universos: um que cultua a natureza e outro que a destrói.

O chalé é um espaço mágico na narrativa. É um pequeno mundo, o porto seguro de Alfredo e dos pequenos animais indefesos. É no chalé que existe um universo chamado “saleta”, e que agrega personagens-leitores muito importantes: Alfredo,

Eutanázio e o Major Alberto que a projetou e “pôs [as] duas estantes de livros” (JURANDIR, 1941, p.45). A saleta serve para tudo e é o universo para os leitores, sendo de grande importância, principalmente por comportar as duas estantes de livros, única fonte de cultura escrita da cidade, e por não ter na narrativa igual referência. A saleta era o espaço intocável “que não se varre não se arruma, não se espana, não se abre ao sol” (JURANDIR, 1941, p. 250), funcionava como quarto, como biblioteca, como sala de visitas, como refúgio, enfim lá era o universo que comportava o mundo do chalé e o mundo de Cachoeira.

As representações do ato de ler em Alfredo acontecem de forma um pouco confusa, certa vez teve que recitar *O estudante Alsaciano*<sup>179</sup>, uma longa poesia que era ensaiada na casa da professora Lucinda<sup>180</sup>, para os festejos da região, mas ele não conseguiu recitar, gaguejou e enfim foi um fracasso total. Porém, conseguiu êxito quando recitou na Intendência a poesia *O pássaro cativo*<sup>181</sup>, com a qual obteve sucesso total. A partir daí, conseguiu fama de menino inteligente em Cachoeira, mas o motivo pelo qual ele apregou melhor uma poesia que a outra, se deve ao fato de seus sentimentos estarem expressos em *O Pássaro Cativo*, isto porque ele se sentia um pássaro cativo na gaiola de Cachoeira e, além disso, a poesia representava seu ideal ambientalista. Já *O estudante Alsaciano* representava a escola que não desejava e da qual queria fugir, com métodos que vão de encontro ao seu projeto educacional.

Alfredo, além de conseguir fazer a seleção de textos poéticos, a partir de suas preferências e conteúdos, também era dotado de imenso poder criativo; prova disso encontra-se nas contínuas visitas que fazia aos livros do pai, mesmo que não conseguisse entender exatamente algumas palavras que ele lia, em parceria com a bolinha de tucumã. O fato é que ele recriava até a história do Brasil, criticamente “Bolinha fiel [...] tinha idade para pensar já que o Brasil andava errado. E sonhava com um presidente da República que fosse o salvador do país. Nilo Peçanha”<sup>182</sup> (JURANDIR, 1941, p. 144). Para Alfredo, o presidente era um cidadão que não se corrompia.

<sup>179</sup> Poesia elaborada na época da segunda guerra, pelo poeta português Acácio Antunes (1853 – 1927).

<sup>180</sup> No texto são referenciados os professores Lucinda e Proença, proprietários de escolas informais, pois naquela época não existia escola institucionalizada pelo Estado e os professores ministravam aulas em suas casas. Pesquisa realizada em Cachoeira do Arari nos dias 11 e 12/07/2013.

<sup>181</sup> Poesia de Olavo Bilac, pertencente ao livro Poesias Infantis.

<sup>182</sup> Nilo Peçanha foi Presidente do Brasil (1909 a 1910), inaugurou o Ensino Técnico no Brasil.

O fato de Alfredo ler confusamente os livros da estante do pai era por conta de ainda não estar familiarizado com a cultura, além de possuir um segredo que era o de não conseguir terminar a leitura de um texto, fato descoberto pelo padeiro “Menino, você lê as coisas até o fim? Lê nada! Leu isso da Dr.<sup>a</sup> Ormind Bastos até o ponto final? [...] Alfredo ficava zangado porque o padeiro dizia mesmo a verdade” (JURANDIR, 1941, p. 261). Episódios como este deixavam o iniciante leitor aborrecido, porém ele aceitava a crítica, o seu projeto de vida estava longe de Cachoeira.

Alfredo representa o menino pobre, solitário, afrodescendente,<sup>183</sup> que deseja ascender socialmente para mostrar aos meninos de cor “branca”, que ele era também capaz de vencer. Ele rejeitava a escola e o professor da cidade de Cachoeira, por este motivo desejava sair daquele lugar de misérias. Sua primeira aspiração era estudar no Rio de Janeiro, no Anglo Brasileiro, pois conheceu a escola a partir dos catálogos de seu pai. Em seguida, percebe que era sonho impossível e resolve que quer ir para Belém.

A escola de Cachoeira, frequentada por Alfredo, era pequena e o professor, conhecido como Proença, possuía um perfil de um louco: era cínico, gritava e dava gargalhadas, além de possuir olhos vidrados, ásperos e ferozes. Os métodos de ensino se pautavam em humilhações e castigos, como ficar nu: “uma tarde [...] ele foi posto nu pelo Proença. Flor sorria candidamente e Proença com os seus olhos de louco e o riso canalha gritava: - Mas Flor, Flor, olha o pipi dele. O pipi, Flor!”<sup>184</sup> (JURANDIR, 1941, p. 38) além deste método também deixava os alunos de joelhos e batia com palmatória.

O desânimo de Alfredo pela escola do Proença era imenso que chegava a ficar doente ou simular doença para não sofrer humilhações. É por este motivo que as representações de leitura na escola do Proença não aparecem em *Chove nos campos de Cachoeira*, e isto denota um apagamento em relação à leitura da personagem na escola, evidenciando que nele ficou a marca profunda do “ensino” recebido. Esse apagamento nas representações de leituras de Alfredo apresenta-se na ficção sob a forma de silêncio, descoberto por meio de pistas, que são as fragmentações de leituras, a análise da paisagem cachoeirense, além das críticas ao método empregado pelo professor.

Estas pistas culminam no silenciamento da leitura na escola, que deveria ser o local de maior incidência desta prática. O silêncio das leituras de Alfredo é a marca de seu protesto “é a própria condição da produção de sentido [...]” (ORLANDI, 2011, p.68)

<sup>183</sup> A mãe de Alfredo era negra e o pai branco, porém moravam num chalé que representava certo poder conferido ao “branco”.

<sup>184</sup> As humilhações sofridas por Alfredo na escola do Proença, hoje é chamado de *bullying*.



que significa e/ou ressignifica o silêncio possibilitando a reflexão em torno do interdito que é a não divulgação da situação de miséria de Cachoeira quanto ao ensino.

E assim que, entre muitas solicitações, Alfredo sairá de Cachoeira e irá para Belém, fato que só se concretiza em outro livro do Ciclo, conhecido como *Belém do Grão-Pará* (1960). Belém é duplamente vista pelo personagem: sob o olhar de Siá Rosália que guarda na memória “um devaneio sobre o passado” (CASTRO, 2010, p. 28), reflexo do *Ciclo da Borracha*, século XIX (1970-1910), que trouxe muitas riquezas às pessoas da região. Ela mostra para Alfredo uma cidade com aparência de “reino de história encantada [com] toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos” (JURANDIR, 1941, p. 86). A outra visão da cidade ele pode conhecer quando esteve em Belém na casa de mãe Ciana: era uma cidade miserável,<sup>185</sup> com barracas distantes do centro, ruas cheia de lama e moleques sujos, portanto, uma cidade distante da idealizada por Siá Rosália.

Enfim, o saldo positivo deste personagem-leitor em relação aos demais personagens-leitores do romance é seu projeto de crescer, não ficar estacionado em Cachoeira, mas conhecer as faces de Belém, o Rio de Janeiro, o mundo, nem que seja por meio de leituras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As figurações do personagem-leitor Alfredo, em *Chove nos Campos de Cachoeira*, foram montadas a partir das imagens de leitura representadas por ele ao longo da narrativa e que colaboraram para isso alguns rastros que foram encontrados ao longo da narrativa como fragmentações de leitura, leitura incompleta, análises sobre fauna e flora da região e crítica à educação e à política de Cachoeira e do Brasil.

As pistas direcionam para uma leitura que, apesar de estar se inicializando, já mostra grande potencial analítico, por conta das inúmeras inferências que Alfredo realizou ao longo da narrativa, mostrando sempre um progresso nas análises e conjecturas silenciosas realizadas com a ajuda de um caroço de tucumã, que representa o interlocutor do personagem nos seus mais significativos momentos.

De todos os caminhos percorridos nas leituras de Alfredo, a que deixou marcas mais significativas são as leituras retiradas dos métodos empregados no ambiente escolar de Cachoeira. O menino leitor sofre *bullying* neste ambiente, que não era uma

<sup>185</sup> Declínio do *Ciclo da Borracha*, (1912), ocasionando desemprego e fuga de capital.

Instituição de Ensino, mas apenas uma sala de aula com um professor autorizado a ministrar aulas. O ambiente onde funcionavam essas salas de aula era impróprio para o ensino e o professor era dotado de capacidade limitada de conhecimento; por esse motivo, fazia seus próprios métodos de ensino e, por não existir uma fiscalização para verificar a qualidade das aulas, esses professores ficavam totalmente livres para “ministrar” suas aulas.

A investida de Alfredo para conseguir estudar fora de Cachoeira acontece de inúmeras formas, montadas com estratégias inteligentes para dar maior sentido ao pedido constantemente formulado aos pais. Suas investidas no sentido de galgar um futuro melhor, por meio da cultura letrada, eram pesquisadas por ele na saleta do pai, o personagem-leitor Major Alberto. Seu objetivo de ir para a capital paraense será consolidado no segundo núcleo de romances do ciclo do *Extremo Norte* que é *Belém do Grão-Pará*, publicado em 1960.

Foi assim que, seguindo o caminho da ficcionalização da leitura, Dalcídio Jurandir nos apresentou um leitor de “primeiras letras” que, de maneira silenciosa, impõe sua importância na ficção e colabora com nossa proposta de pesquisa que é apresentar a temática leitura e aquisição de conhecimentos de forma ficcionalizada, para assim se conhecer os meandros da cultura para enfim ser mais conhecida e ajuizada.

#### REFERÊNCIAS:

- ANTUNES, Acácio. *O Estudante Alsaciano*. <http://www.blocosonline.com.br/literatura/Poesia/pi01/pi210548.htm>. Acesso em 24 de julho de 2013.
- BILAC, Olavo. *O Pássaro Cativo*. In: Poesias Infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929. <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pinf/pinf0068.htm>. Acesso em: 24 de julho de 2013.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FONSECA, Fábio. *A cidade Sebastiana: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade*. Belém: Edições do autor, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- FISCHER, Steven Roger. *História da Leitura*; tradução Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras: 2010.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vecchi: 1941.
- \_\_\_\_\_. *Belém do Grão-Pará*. São Paulo: Martins: 1960.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª Edição. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- PIGLIA, Ricardo. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. 7ª ed. Coimbra: Almedina: 2002.

## **A PENA FEMININA: ROMANCES-FOLHETINS FRANCESES NA BELÉM OITOCENTISTA**

Shirley Laianne Medeiros da Silva<sup>186</sup>  
(shirleyletras\_ufpa@hotmail.com)

Orientadora: Dra. Germana Maria Araújo Sales<sup>187</sup>  
(gmaa.sales@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho mostra a circulação de romances-folhetins na Belém oitocentista a partir da observação da coluna *Folhetim* do jornal diário *A Província do Pará*, demonstrando a preferência do público leitor desse período pelos enredos traduzidos do francês, bem com uma presença relevante de publicações de autoria feminina, dentre as quais as quais foi escolhida a obra de Condessa Dash para, a partir da observação de sua trajetória editorial, demonstrar a relevância da escrita feminina no século XIX bem como sua permanência até os dias atuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance-folhetim, A Província do Pará, Condessa Dash.

**ABSTRACT:** This paper shows the circulation of serial novels in Belém of Ninententh century, researching the *Feuilleton* column in *A Província do Pará* (The Province of Pará) newspaper, demonstrating the preference of readers in this period about the french translated texts, and the relevant female authors publishing from Nineteenth Century to nowadays.

**KEY WORDS:** serial novels, A Província do Pará, Condessa Dash.

O estudo em periódicos vem constituindo há muito um abundante manancial no que concerne à pesquisa relacionada às práticas de formação e consolidação da intelectualidade brasileira. Instrumento dinâmico de circulação de informações, o jornal foi um veículo essencial para diversos processos de criação, divulgação e consolidação de ideias como pode confirmar Socorro Pacífico quando afirma que

(...) um dos méritos deste suporte foi o de abrir as suas ‘colunas’ a um variado número de pessoas, consagrando-se, portanto, o mais democrático dos meios e o baluarte da cultura letrada do país no século XIX<sup>188</sup>

---

<sup>186</sup> Aluna do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, orientada pela professora Dra. Germana Maria Araújo Sales e bolsista financiada pela CAPES.

<sup>187</sup> Professora de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

No que diz respeito ao caráter democrático desse suporte, destacado pela pesquisadora, temos como grande representante o romance-folhetim. Com sua origem na década de trinta do século XIX, idealizado pelo jornalista francês Émile de Girardin<sup>189</sup>, essa modalidade de leitura surgiu para atender à uma demanda de novos leitores oriundos dos processos de democratização e laicização do ensino ocorridos a partir da Revolução Francesa<sup>190</sup>, cujos enredos melodramáticos, lacrimajantes e fantásticos, posto que não demandavam erudição, se tornam aliados na instrução da classe burguesa, essa em meio a um processo de afirmação e consolidação, resultado das revoluções.

Idealizadas para serem um chamariz a mais na conquista de novos perfis de leitores – tais como jovens estudantes e mulheres<sup>191</sup> –, as narrativas fasciculadas impressas nos rodapés das páginas dos jornais rapidamente conquistaram seu propósito e, superando as expectativas, transformaram-se em verdadeiros fenômenos de venda, extrapolando fronteiras e invadindo novos territórios.

Esse foi o caso do Brasil, conforme afirma José Ramos Tinhorão:

Os romances de folhetim, quase sempre traduzidos do francês, começaram a ser publicados com regularidade em jornais brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro, ainda na década de 1830.<sup>192</sup>

A partir de então, a recém-nascida nação brasileira se transformaria num extraordinário consumidor desses textos, como nos mostra Marlyse Meyer quando destaca que “Entre 1839 e 1842 os folhetins-romance são praticamente cotidianos no *Jornal do Comércio* (...)”<sup>193</sup>.

Sobre o fenômeno folhetinesco em páginas brasileiras (que conforme alguns pesquisadores<sup>194</sup>, tem início em 1838 com a publicação de *O capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, no *Jornal do Commercio*) Yasmin Nadaf afirma que

Do *Jornal do Commercio*, o folhetim se espalhou para os demais jornais do Rio de Janeiro, estendendo-se para a imprensa de outras províncias do país. A facilidade de sua acolhida deveu-se pelo menos a dois fatores. De um lado,

<sup>188</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, p.18

<sup>189</sup> Cf. em MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>190</sup> Op.Cit.

<sup>191</sup> Cf. em HOHLFELD, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

<sup>192</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p. 29.

<sup>193</sup> Idem 4 p. 283

<sup>194</sup> Idem 6.

reestruturação da própria imprensa nacional que após a maioria de D. Pedro II se expandia (...). De outro lado, a excepcional receptividade no Brasil, e na corte em especial, da cultura francesa. Com a intensificação do fervor nacionalista (...), o Brasil passou a acusar Portugal pelo seu atraso e paralelamente passou a absorver tudo o que vinha da França por representar progresso e modernidade.<sup>195</sup>

O processo histórico que propiciou esta “absorção” da cultura francesa em seus diversos aspectos, dentre eles o hábito de leitura do romance-folhetim, como já vimos, se expandiu, para além da Corte do Rio de Janeiro, a outras províncias do país, tendo alcançado uma dimensão de publicações que se estenderam de norte a sul, como nos é possível constatar a partir dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos por Germana Sales<sup>196</sup> no Pará, Socorro Barbosa<sup>197</sup> na Paraíba, Yasmin Nadaf<sup>198</sup> no Mato Grosso e Antonio Hohlfeldt<sup>199</sup> no Rio Grande do Sul, para citar alguns, o que nos permite observar o alcance dessa modalidade de leitura em meio ao público oitocentista brasileiro como um todo.

Destacamos aqui a então província do Grão-Pará, com ênfase na cidade de Belém, como um desses espaços que se abriu para o afrancesamento e incorporou como uma prática do cotidiano a leitura os romances-folhetins.

Sobre anos oitocentos, período áureo proporcionado pelo apogeu do extrativismo da borracha no Norte, denominado de *Belle-Époque*, a pesquisadora Maria de Nazaré Sarges afirma que

Belém vai sofrer alterações que se operaram nas estruturas sociais, ocasionando uma intensificação da vida social e intelectual da cidade, aumento demográfico, maior complexidade das relações sociais e a concentração de fortunas entre os novos setores dominantes.<sup>200</sup>

Essas transformações sociais e políticas proporcionam uma efervescência intelectual que refletiu num grande volume de jornais circulando na segunda metade do século XIX<sup>201</sup>.

<sup>195</sup> NADAF, Yasmin Jamil. Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002, p.41.

<sup>196</sup> SALES, Germana Maria Araújo. Mulheres entre Linhas: entre coser, ler e escrever. Duc in Altum. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina. Muriaé, nº 1., p. 13-24, set. 2003.

<sup>197</sup> Idem 3.

<sup>198</sup> NADAF, Yasmin Jamil. Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

<sup>199</sup> Idem 6.

<sup>200</sup> SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a Belle-époque (1870-1912). Belém: Paka Tatu, 2002, p. 17.

<sup>201</sup> Cf. em Catálogo de periódicos microfilmados – Biblioteca Arthur Vianna.

Neste trabalho nos detivemos sobre *A Província do Pará*, folha que circulou a partir do ano de 1876 que, por sua vez, foi um dos jornais diários de maior e mais duradoura circulação na capital paraense, acerca do qual temos acesso a suas publicações até 1989<sup>202</sup>, isto é, mais de um século de existência. No entanto, o período ao qual nos ativemos foi a primeira década de circulação do periódico, que compreende os anos entre 1876 e 1886.

A catalogação<sup>203</sup> desse suporte nos proporcionou, em primeiro lugar, constatar a preferência do público leitor paraense pelos enredos folhetinescos traduzidos do francês, pois, dentre os anos pesquisados, considerando apenas as narrativas longas cujo jornal atribuiu a caracterização de “Romance”, localizamos 22, das quais 14 são de autoria exclusivamente francesa e as oito restantes estão distribuídas entre autores portugueses, brasileiros, dentre esses, paraenses, bem como de autoria desconhecida.

Outro aspecto também ligado aos romances-folhetins nos saltou aos olhos a partir da consulta ao jornal, que foi o fato de dentre os 14 folhetins de autoria francesa localizados na primeira década da publicação de *A Província do Pará*, 4 desses são de autoria feminina e, por coincidência ou prática comum do período, os quatro são assinados por elas sob pseudônimo. São eles: *A Marquiza Ensanguentada* (1876), de Condessa Dash, *Dosia* (1879) e *Consórcio de uma artista* (1883), de Henry Greville e *Um remorso* (1876), de Th. Bentzon.

Neste trabalho, privilegiamos a observação do primeiro romance-folhetim localizado no periódico em questão, o já citado texto *A Marquiza Ensanguentada*, da autoria de Condessa Dash, pseudônimo de Gabrielle Anne Cisterne de Courtiras, Viscondessa de Saint-Mars. Nascida em Paris em 1805, foi casada com o Visconde de Saint-Mars. Iniciou sua produção escrita em 1839 com a publicação de *Le jeu de la reine*, a primeira de suas muitas obras<sup>204</sup>.

No que tange à sua circulação, o romance-folhetim localizado em Belém foi publicado pela primeira vez no ano de 1846, sob o título *La Marquise Sanglante*<sup>205</sup>, mas infelizmente não conseguimos a informação do suporte no qual foi veiculado. Localizamos ainda esta obra veiculada como romance-folhetim na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente no periódico *Diário do Rio de Janeiro*, no ano de 1853 e, para nossa surpresa, encontramos ainda à venda pela internet uma versão em livro de *La Marquise Sanglante* editada em 2010<sup>206</sup>, da qual apresentamos a imagem abaixo:

---

<sup>202</sup> Op. Cit

<sup>203</sup> Cf. relatórios de iniciação científica de Shirley Medeiros 2008 e 2009 e Sara Vasconcelos.

<sup>204</sup> Bibliothèque Nationale de France.

<sup>205</sup> Op.Cit.

<sup>206</sup> [www.amazon.com/Marquise-Sanglante-Gabrielle-Cisterne-Courtiras](http://www.amazon.com/Marquise-Sanglante-Gabrielle-Cisterne-Courtiras)



Essa breve trajetória da obra de Gabrielle Anne Cisterne, ou Condessa Dash, certamente não abrange todo o percurso editorial desta produção e essa, por enquanto, está longe de ser nossa pretensão. No entanto, podemos observar que esses dados vem corroborar com a nova postura das mulheres após as revoluções burguesas, onde elas passam a assumir funções que lhes garantem um espaço mais atuante na sociedade da qual fazem parte, como por exemplo, executando o fazer literário, como é possível notar na afirmação de Dominique Gordineau:

Em França, a maioria das mulheres que desejam exprimir-se sobre a Revolução fazem-no publicamente. Textos manuscritos ou impressos em discursos orais, todos visam um público mais ou menos extenso, mas em caso algum limitados apenas às silhuetas familiares de parentes e amigos.<sup>207</sup>

A ousadia das mulheres da França revolucionária em compartilhar seus escritos se mostra uma conquista sem volta no fazer literário feminino dessa nacionalidade. Tal raciocínio nos leva a crer ser coerente o fato encontrarmos não um número que se equipare às obras francesas de autoria masculina, mas o suficiente para que possamos todos perceber que elas estão lá, eternizadas em suas obras, essas escritoras que registraram um modo de ver o mundo com suas representações e mais ainda, acompanharam as tendências do que era escrito para vendagem em massa, demonstrando, além de talento, que seu fazer literário também estava à

---

<sup>207</sup> GORDINEAU, Dominique. *Filhas da Liberdade e cidadãs revolucionárias*. In: História das mulheres no Ocidente. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento, 1991, p.31



altura de ser veiculado nos jornais partilhando o cotidiano dos leitores na forma de romances-folhetins.

Contudo, não podemos deixar de destacar que casos como o de Condessa Dash mostram, em termos editoriais, que as obras escritas pela pena feminina demonstram com o passar do tempo, transpondo o jornal e os séculos, que vieram para ficar e se perpetuar.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira do século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova 2007.

COURTIRAS, Gabrielle Anne Cisterne de. *A Marquiza Ensanguentada*. A Província do Pará. 30 de abril a 23 de dezembro de 1876. Folhetim, p. 1.

GORDINEAU, Dominique. *Filhas da Liberdade e cidadãs revolucionárias*. In: História das mulheres no Ocidente. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

HOHLFELD, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MEYER, Marlise. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-époque (1870-1912)*. Belém: Paka Tatu, 2002.

SILVA, Shirley Lianne Medeiros. *Os caminhos dos romances-folhetins*. Relatório Técnico-Científico (PIBIC/FAPESPA/UFGA), 2009, Pará.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

VASCONCELOS, Sara. *A prosa de ficção n'A Província do Pará*, Relatório Técnico-Científico (UFGA/CNPq). Pará, 2012.

## INCERTEZAS E DESCOBERTAS: A PRODUÇÃO LITERÁRIA DURANTE OS ANOS INICIAIS DO REGIME MILITAR BRASILEIRO (1964-1968)

Prof.<sup>a</sup> Esp.<sup>a</sup> Suellen Monteiro Batista – suellenb@ufpa.br  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Sarmiento- Pantoja – nicama@ufpa.br

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo observar as implicações do contexto político-social brasileiro entre os anos de 1964-1968 (período em que vigora a ditadura civil-militar) nas produções do período, atentando para a forma como é elaborada a escritura do tempo presente nos textos do período.

**Palavras-Chave:** Literatura, História, Regime Militar Brasileiro (1964).

**Résumé:** Le présent travail a pour objectif d'observer les implications du contexte socio-politique du Brésil entre les années 1964-1968 (la période qui s'étend de la dictature civilo-militaire) dans les productions de l'époque, en notant comment l'acte est préparé cette fois les textes de la période.

**Mot-Clef:** Littérature, Histoire, Régime Militaire Brésilien (1964).

### INTRODUÇÃO

A partir da década de 1960 ocorre uma mudança significativa na temática e na elaboração estética da produção literária brasileira. Segundo Silviano Santiago (1989, p. 12), o tema da exploração do homem pelo homem que convergia em uma esperança otimista e utópica da evolução do capitalismo para o socialismo, sai de cena e deixa espaço para a entrada de uma temática ocupada com a discussão do modo como funciona e atua o poder. Tal enfoque surge em decorrência da mudança na organização política do país, que a partir de 1964 mergulha em uma das muitas ditaduras que assolaram a América Latina nesse período, e que foram marcadas pelo uso intenso da repressão aos movimentos de resistência ao autoritarismo, que visavam a manutenção do poder do estado.

É possível notar, na produção literária do período, ressonâncias e reescritas das singularidades historiográficas do período em questão e que podem ser percebidas mais nitidamente nas produções literárias a partir do momento em que estas abriram campo

para uma crítica radical e fulminante de toda e qualquer forma de autoritarismo, principalmente aquela que, na América Latina, foi sido pregada pelas forças militares quando ocuparam o poder, em teses que se camuflam pelas leis de segurança nacional. (SANTIAGO, 1989, p. 12)

As manifestações artísticas não ficaram alheias a tal contexto, pelo contrário, muitas podem ser tomadas como formas de resistência ao regime, por transformarem em matéria ficcional a narrativa das atrocidades cometidas pelo governo e desta forma darem voz aos silenciados pela ditadura. Nas obras literárias produzidas durante e sobre o período, nota-se diversas formas de abordagem do tema, assim como a incorporação nas narrativas dos aspectos e dos fatos mais marcantes durante o período, como, por exemplo, o relato da tortura nas obras que testemunham sobre o período, a referência a acontecimentos verídicos (assassinato e desaparecimento de pessoas conhecidas), etc.

Por trazerem um tom de denuncia, as manifestações culturais sofreram tentativas de cerceamento por parte do governo, que utilizou como uma de suas principais estratégias de controle a censura, ela era a responsável pela seleção do que circularia ou não de acordo com os interesses do governo. Ela figuraria como o tentáculo do governo sobre as artes e a circulação de informações, como aponta Fabio Lucas (1987), ao tratar da repressão exercida pelos militares, após o golpe de 1964:

Em suma: poderosas forças de dominação se arregimentaram para evitar um câmbio no exercício do poder. O grande fator dissuasório foi a repressão. Além da violência física, representada por prisões, torturas, assassinatos, confinamentos e exílio, praticou-se sistematicamente a violência ideológica, consistente na censura, na ocupação dos canais de informação, na direção do ensino, na manipulação da opinião pública, enfim, em todos os artifícios que forçam ao silêncio as vozes discordantes (LUCAS, 1987, p. 10-11).

A atuação da censura deu-se de modo tão incisivo no campo das artes que a crítica cultural Flora Süssekind (2004, p. 30), a aponta como uma interlocutora das produções, ou seja, as obras seriam produzidas visando um diálogo com o mecanismo de coerção do governo. Posicionamentos da crítica literária contemporânea às produções das obras, como, por exemplo, a de Süssekind, colaboraram para o surgimento da ideia de que não há produção durante o período de vigência do regime militar ou que as produção não tem sobrevida (no sentido que qualidade artística) fora do contexto de produção, porém discordamos de tal posicionamento e apoiados em estudos como, por exemplo, Candido (1989) e Schwarz (2001), podemos afirmar que o que acontece é o contrário, há uma

produção de qualidade e quantidade surpreendentes durante o regime ditatorial. Fruto ora dos investimentos governamentais, ora do clamor da coletividade por se ver representada na literatura.

Em parte as controvérsias quanto a produção pós-64 se devem ao fato dos estudos sobre ela serem frutos de uma discussão recente. Segundo Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 25), os estudos realizados durante as décadas de 1970 e 1980, quase sempre, se debruçaram sobre o mesmo aspecto: registro e/ou denúncia da violência que foi legitimada nesse período. Essa abordagem advém das características dos textos de maior circulação nessa época (as autobiografias, os contos que dialogam com notícias etc.) que, em sua maioria, trazem um registro mais cru da realidade, aproximando os textos literários de reportagens especialmente em função da linguagem utilizada e da forma como se efetiva a abordagem dos temas. Tais composições apontam para uma diluição das barreiras dos gêneros, aspecto marcante na produção literária desse período e que foi apontada por Antonio Candido no artigo “A nova narrativa”, quanto o autor afirmar que

[...] [na produção pós-64] não se trata mais de coexistência pacífica das diversas modalidades de romance e conto, mas do desdobramento destes gêneros, que na verdade deixam de ser gêneros, incorporando técnicas e linguagens nunca antes imaginadas dentro de suas fronteiras. Resultam textos indefiníveis: romances que mais parecem reportagens; contos que não se distinguem de poemas ou crônicas, semeados de sinais e fotomontagens; autobiografias com tonalidade e técnica de romance; narrativas que são cenas de teatro; textos feitos com a justaposição de recortes, documentos, lembranças, reflexões de toda a sorte. (CANDIDO, 1989, p. 208)

Essa construção peculiar das obras produzidas durante este período resulta em textos ligados ao contexto de modo incisivo, pois este deixa de ser apenas tema e é incorporado ao texto, pela inserção de documentos ou alusão a fatos verídicos, por exemplo. Tais composições exigem uma ordenação diferencial do texto, assim como estratégias composicionais que supram as necessidades

Partindo das nuances do contexto e da produção literária deste período é possível propor uma sistematização das produções, o que nos permitirá observar a apropriação e reescritura do tempo presente realizada pelas obras, partindo da pesquisa bibliográfica (tanto no campo da crítica literária, quanto na área da historiografia) realizada para fundamentação deste trabalho, identificamos a existência de um momento marcado pelas incertezas do período e os desdobramentos em composições específicas.

## De incertezas e descobertas (1964 – 1968)

Este momento corresponde aos anos iniciais do regime autoritário, indo deste a tomada de poder pelos militares, em 31 de março de 1964, até a passeata dos cem mil, em 26 de junho de 1968. Este período será marcado como um período de conscientização da população do que era este novo contexto no qual o Brasil passava a ser governado por militares. No decorrer destes anos, devido a mudança na forma de conduzir o país, o povo percebeu as implicações resultantes desta mudança de governo no cotidiano, pois alterações foram feitas em todos os setores da administração pública, para garantir a centralidade do poder e legitimar ações arbitrárias que basearam a ditadura instalada.

Durante estes quatro anos o país foi governado por Ranieri Mazzili (interino), pelo Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e pelo Marechal Artur da Costa e Silva, foram anos de intensa transformação na forma como o governo é conduzido e/ou deixa-se mostrar para população, ele passou de uma aparência positiva, influenciada pela expansão dos meios de comunicação e de certa liberdade de manifestação da esquerda, para um momento declaradamente de cerceamento e controle das manifestações contrárias ao regime. Ao fazermos tal afirmativa deixamos claro que o ocorre não é uma mudança de postura, mas uma mudança no modo como a sociedade olha para o regime. Em outras palavras, a maior diferença entre o governo de Castelo Branco e Costa Silva, será o modo como eles expõem a condução do governo, pois as práticas seguem semelhantes. Como pontua Carlos Fico (2004) ao tratar das versões e controvérsias do regime ditatorial

Castelo foi complacente com as arbitrariedades da linha dura, não teve forças para enfrentá-la e permitiu, assim, que o grupo de pressão fosse conquistando, paulatinamente, mais espaço e poder. Essa evolução é essencial para bem caracterizar diversos outros episódios do período, pois informa que o projeto repressivo baseado numa “operação limpeza” violenta e longeva estava presente desde os primeiros momentos do golpe. Assim, o Ato Institucional nº 5 foi o amadurecimento de um processo que se iniciara muito antes, e não uma decorrência dos episódios de 1968, diferentemente da tese que sustenta a metáfora do “golpe dentro do golpe”, segundo a qual o AI-5 iniciou uma fase completamente distinta da anterior. Trata-se de reafirmar a importância, como projeto, do que se pode chamar de “utopia autoritária”, isto é, a crença de que seria possível eliminar quaisquer formas de dissenso (comunismo, “subversão”, “corrupção”)

tendo em vista a inserção do Brasil no campo da “democracia ocidental e cristã” (FICO, 2004 p. 33-34).

Em meio a este jogo de velar/desvelar do governo, a grande massa da sociedade consumia a ideia de Brasil grande e próspero que era vinculada pelos meios de comunicação, principalmente a televisão, que funcionou no período como uma das principais estratégias de controle do governo, pois através dela era possível conseguir o apoio da população. Neste contexto a repressão mais incisiva e violenta durante este período recaiu sobre uma parcela pequena da população, segundo Roberto Schwarz (2001, p. 22), mais precisamente contra os militantes que tinham um maior contato com marinheiros, soldados e operários, ou seja, com a parcela da população que desde o início se manifestou contrária ao regime. Desta forma a intelectualidade teve uma maior possibilidade de organização e pode difundir seu posicionamento contrário ao regime, apoiado, principalmente, em uma teoria comunista. Este grupo ganhou voz e corpo nestes anos iniciais do regime, como ficou claro pelo crescimento do número de manifestações que mostravam um descontentamento com relação a ditadura instalada no país e clamavam por sua dissolução.

Como ocorre até os dias atuais, a maior parte do grupo que irá para as ruas será formada pelos filhos da classe que tem acesso a informação e possuem uma formação acadêmica diferenciada, em decorrência de seu poder aquisitivo, e que mesmo não tendo sua comodidade financeira ameaçada, vai à luta em busca de uma mudança nos rumos do país. A geração de 68, expressão utilizada para se referir aos jovens manifestantes, foi fortemente influenciada por acontecimentos no âmbito mundial como, por exemplo, a primavera de Praga, as manifestações de estudantes e de trabalhadores que ocorreram em diversos países como Itália, França e Alemanha etc..

Tais manifestações não tiveram apenas uma dimensão política, mas também possuíam implicações sociais e comportamentais, marcadas pela inversão de tabus e a quebra com a ordem familiar, “tudo isso explica por que um dos traços dessa geração foi uma desconfiança que, misturada a uma febril exaltação com o aqui e o agora, produzia uma original síntese de desprezo do passado e exaltação do futuro” (VENTURA, 2008, p. 47). Foi uma geração peculiar quando aos seus posicionamentos e quanto a sua formação, segundo Zuenir Ventura, no livro *1968 – o ano que não terminou*, “a geração de 68 foi a última criada nos livros” (VENTURA, 2008, p. 58).

A presença destes filhos da classe média no grupo contrário ao regime será importante para a compreensão do segundo momento que identificamos, no qual trataremos da queda das máscaras do governo e o desvelar de seu lado obscuro, que ao vir à tona faz com que a parcela da classe média que apoiou a tomada de poder pelos militares, passa a ser contrária, por ver que as ações governamentais, sobretudo as violentas, recaem sobre seus filhos. A escolha do final deste período ser marcada pela passeata dos cem mil é por esta ser sintomática desta mudança de posição da população. Aspecto que se confirma, sobretudo, pela incorporação de diferentes setores da sociedade as manifestações (principal símbolo do descontentamento popular), o que é comprovado pelo fato da comissão formada ao fim da passeata ser composta por intelectuais, representantes, do clero, da família e do movimento estudantil<sup>208</sup>.

Dentre os diversos aspectos políticos de destaque durante estes anos iniciais, o surgimento da chamada *Lei de segurança nacional* desponta por ser a chave para compreensão do funcionamento das ações do governo militar. O decreto-Lei de nº 314, que passou a vigorar em 13 de março de 1967, funcionou como fio condutor da atuação do governo, ao nortear as medidas e ações dos militares para manterem-se no poder por mais de vinte anos. Será esta lei a responsável por institucionalizar a Doutrina de Segurança Nacional ou Ideologia da Segurança Nacional que corresponde ao “sistema através do qual se teria processado, calculadamente, a articulação da ditadura. Nesse arcabouço doutrinário, formulado e desenvolvido na Escola Superior de Guerra, seria possível encontrar, [não muito bem] arrumadas, as ideias do regime militar” (GASPARI, 2002, p. 39). Tal ideologia cria uma atmosfera propícia para implementação de práticas policiais, como, por exemplo, a sistematização da tortura quanto esta ganhou o status de política de Estado e passou a ser utilizada no combate aos inimigos do governo. Será a partir da articulação da força policial e de uma inteligência precária que os militares tomarão como apoio de suas ações.

---

<sup>208</sup> Tendo como fatos precursores o velório e a missa de sétimo dia de Edson Luís de Lima Souto (estudante secundarista morto durante a invasão do restaurante universitário “Calabouço”) e a chamada “Sexta-feira sangrenta”, a passeata dos cem mil foi uma das maiores manifestações populares de expressão do descontentamento da população com relação às diretrizes do governo, principalmente a repressão violenta e as prisões arbitrárias. Ao fim da caminhada, parte dos manifestantes decidiram as reivindicações que fariam ao presidente, Arthur de Costa e Silva, e uma comissão foi formada para pleitear a aguardada reunião, que foi realizada, porém as reivindicações, como o fim da censura, não foram atendidas. Esta comissão foi formada pelo psicanalista Hélio Peregrino representando da intelectualidade, D. Irene Papi representando as mães, por José Américo Pessanha representando os professores, o padre João Batista, o clero e os estudantes representados por Franklin Martins e Marcos Medeiros (VENTURA, 2008, p. 146).

As transformações ocorridas no Brasil durante os anos de 1964-1968, não estão restritas apenas ao âmbito político, mas repercutem no cultural, com perceber, por exemplo, na consolidação do cinema novo e nas transformações no teatro, com destaque para a encenação de *Roda viva* e *O rei da vela*<sup>209</sup>, sendo que esta inspirou o surgimento do Tropicalismo, movimento que produziu uma “atualização” da antropofagia proposta pelos modernistas de 20. Chama atenção, também, a “construção” da jovem guarda, com forte influência do rock americano, que foi classificada pela esquerda como um movimento alienado e alienante, embora não passasse de uma manifestação sintomática da mudança comportamental do jovem da época.

No âmbito literário, nota-se que as produções incorporam a atmosfera do momento, trazendo em suas narrativas as incertezas quanto ao contexto e, também, quanto à figura do militar, caracterizada alternando entre o tirano e o indivíduo desencontrado, que semelhante à população em geral, não compreende o novo contexto político no qual o Brasil se encontra.

Podemos citar com uma publicação marcante durante o período o lançamento de *Quarup*, de Antonio Callado, publicado em 1967 e que traz a narrativa das inquietações vividas pelo padre Nando protagonista do romance, em suas construções e desconstruções de projetos utópicos, partindo da proposta de criação de uma nova sociedade, revelando uma postura alienada ante o contexto histórico, e chegando a uma inserção (motivada por acontecimentos e não por escolhas) da militância, mais especificamente na luta armada. Esta de postura é sintomática da mudança ocorrida na sociedade, podendo Nando ser tomado como uma projeção da sociedade.

Esta construção, também, está presente no romance *Passach – a travessia*, de Carlos Heitor Cony, que semelhante ao romance de Callado narra a transição da alienação para o engajamento, partindo do personagem Paulo Simões, escritor, que pode ser tomado como uma referência à intelectualidade da época.

Outra obra sintomática deste período é a coletânea *64 d.c.*, composta por contos de Antonio Callado, Carlos Heitor Cony, Hermano Alves, Marques Rabelo e Sergio Porto, publicada em 1967; sua peculiaridade advém de dois aspectos: a temática das narrativas, compostas exclusivamente para a coletânea – o que acontece após o golpe de 1964? –, e a opção pela coletânea que permite reunir textos de diferentes autores, uma

---

<sup>209</sup> O teatro pode ser tomado como uma das manifestações mais expressivas da geração de 68, por pautar-se na agressividade e brutalidade como forma de chocar e tirar da apatia o telespectador. Segundo José Celso, era necessário “deseducar o público pela violência e pelo choque” (VENTURA, 2008, p. 91).



forma de organização editorial recorrente nas produções do período e constituem boa fonte de pesquisa sobre o período por possibilitarem um olhar panorâmico das produções. As coletâneas chamam a atenção por permitirem observar em conjunto as produções, possibilitando observar como estas dialogam entre si tanto no âmbito da composição, quanto no da temática.

Dos dois aspectos elencados a unidade temática é o que salta aos olhos durante a análise, pois a coletânea vai além de amarrar os textos por meio de tema – o contexto político no qual o país se encontra – ela transforma as aporias e incertezas do período em matéria ficcional. Para dar conta desse material verídico e transformá-lo em arte, *64 d.c.* cria um jogo de dizer e, ao mesmo tempo, questionar o que é dito, colocando o registro do período como fictício, porém sem refutar a ligação com o presente pós golpe, como podemos perceber pelo texto de apresentação presente nas orelhas do livro:

Há momentos na vida de um povo, de uma cidade ou uma nação, em que certas ocorrências de tal maneira ultrapassam as fronteiras do real que parecem fantasias ou alucinações. KAFKA certa vez nos contou histórias tão estarrecedoras que muito preferiram ver nelas apenas fantasmagorias de uma mórbida imaginação. Mas as suas histórias eram terrivelmente verdadeiras.

As histórias que reunimos aqui neste volume, e que foram escritas exclusivamente para ele, são frutos também da imaginação de escritores sabidamente imaginosos [...]. Mas se por circunstâncias alheias a nossa vontade, em algum país do mundo, em qualquer instante da sua vida, elas adquiriram inevitável caráter de veracidade, a culpa não é de seus autores, nem nossa. Todos nós solidariamente lamentamos.

E para que fiquem bem claros os nossos sadios propósitos, não resistimos à atenção de acrescentar aqui a inevitável advertência: *qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera acidental coincidência.* (t.b.)

A citação é longa e nos leva a refletir sobre os aspectos particulares da produção do período, principalmente no que tange a relação entre o ficcional e o tempo presente motivador da narrativa. Ao criar um paralelo entre a produção de Kafka (inserida não apenas em função da presença do absurdo como em *Metamorfose*, mas também em razão das atrocidades presentes em obras como, por exemplo, *Na colônia penal*) os contos criam uma atmosfera de devir, que acabam por revelarem-se como uma previsão sombria dos rumos do país, que realiza-se nos anos seguintes.

A coletânea também é sintomática das formas de composição, pois nela é possível encontrar, tanto a construção direta do fato (denominada anos depois por Antonio

Candido de *realismo feroz*), quanto construção velada, na qual a sugestão e os subentendidos são os aspectos escolhidos para estruturar a composição.

Nos cinco contos quem compõem a coletânea, encontramos perfis sociais que serão recorrentes em produções dos momentos posteriores. É o caso do protótipo da classe média construído a partir do personagem Jacinto, professor de história, que é o protagonista do conto “O homem cordial”, de Antonio Callado, este personagem segue uma ideologia própria pautada na fé na cordialidade inerente ao homem e se mantém afastado das discussões políticas, mesmo quando atingido por arbitrariedades como a cassação de seus direitos políticos. Só mudando de posicionamento quando sua filha, militante do movimento estudantil, é agredida em uma manifestação. Seu comportamento pode ser tomado como um reflexo irônico do comportamento da classe média, que foi apresentado anteriormente.

Outros contos utilizam da alegoria e/ou do símbolo para fazerem referências ao contexto, caso dos contos “O estranho caso do computador”, de Hermano Alves, “Ordem do dia”, de Carlos Heitor Cony, e “O elefante”, de Sérgio Porto. Nestes textos é possível perceber a integração do contexto a elaboração narrativa, por exemplo, na mistura de gêneros, uma estratégia composicional muito utilizada nos anos posteriores, por construir um ar de veracidades nos textos. Dos três podemos destacar o conto “O elefante”, por este iniciar com um *pseudo* Ato Complementar nº 5, que devido o absurdo por ele institucionalizado, desencadeia uma série de ações desastrosas na condução de um elefante. Tal elaboração ficcional cria uma ligação direta entre o ficcional e o real, ao retomar (mesmo que de modo indireto) os famigerados Atos Institucionais que foram recorrentes durante o regime militar e seus reflexos na condução do país.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, o destaque dentre os contos recai sobre de Rabelo, “Acudiram três cavaleiros”, por este trazer a temática da tortura, como prática nos interrogatórios, objetivo da elaboração estética e núcleo da cena narrativa. Desta forma o conto corrobora para a comprovação de ser a tortura uma prática recorrente do governo desde os anos iniciais do regime, tese investigada e comprovada pelos estudos da historiografia contemporânea, assim como permite observar os primeiros sinais de construções que se tornarão recorrentes nos contos que apresentam como núcleo a cena de tortura, tais como, o uso de uma linguagem abjeta, necessária para construção dos aspectos vil que compõe a cena, presente na descrição dos atos e na caracterização dos personagens militares, principalmente, os que realizam a tortura.

## Considerações finais

Em suma, este primeiro período será marcado pelo boom das telecomunicações e o surgimento de manifestações artísticas que revolucionaram e influenciam até os dias de hoje a produção cultural brasileira. Assim como pode ser tomado como o período de explosão das manifestações populares contrárias ao regime, e que culminaram nos anos de 1968 em diversas passeatas e manifestações, que contavam com a presença de civis, de religiosos e da classe média. Ao pensarmos na literatura, objeto deste trabalho, podemos apontá-lo como o período embrionário da literatura de resistência, apresentando o engatinhar de estratégias de composição que serão aperfeiçoadas em produções posteriores. Notamos, também, a presença da tortura a partir de estratégias composicionais como o realismo cru, mas as mais fortes representações se dão por meio da alegoria e do símbolo, por serem estratégias que permitem driblar o cerco que o governo começa a tecer para impedir a divulgação de aspectos negativos do governo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Hermano; CALLADO, Antonio; Porto, Sérgio, *et al.* 64 d.c. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967
- CALADO, Antônio. *Quarup*. 14 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: \_\_\_\_\_. *Educação para noite & outros artigos*. São Paulo: Ática, 1987.p. 198-215.
- CONY, Carlos Heitor. *Passach: a travessia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967.
- FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, V. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LUCAS, Fábio (org.). *Contos de repressão*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- SANTIAGO, Silviano. Poder e alegria: A literatura brasileira pós-64 – Reflexões. In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHAWARZ, Roberto. Cultura e Política, 1964-1969. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e terra, 2001.
- SELIGMANN-SILVA, Marcio (org.). *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2004.
- VENTURA, Zuenir. *1968 – O ano que não terminou*. 3 ed. São Paulo: Editora Planeta, 2008.

## OS HERÓIS DEMOCRÁTICOS NAS CRÔNICAS DE DALCÍDIO JURANDIR PARA O JORNAL *DIRETRIZES*

Tayana Andreza de Sousa Barbosa – [tbarbosa\\_ufpa@hotmail.com](mailto:tbarbosa_ufpa@hotmail.com)

Marlí Tereza Furtado – [marlitf@ufpa.br](mailto:marlitf@ufpa.br)

### **Resumo:**

Considerando a íntima relação que há entre os intelectuais brasileiros e a imprensa, e a vasta produção de Dalcídio Jurandir nos periódicos, objetiva-se, com este trabalho, analisar alguns aspectos da colaboração do escritor para o periódico *Diretrizes*, tentando observar como ele se comportou política e ideologicamente nesse periódico.

**Palavra-chave:** Dalcídio Jurandir, *Diretrizes*, imprensa.

### **Résumé:**

En considérant l'étroite relation qui il y a entre les intellectuels brésiliens et la presse, et la grande production de Dalcídio Jurandir dans les journales, l'objectif de ce travail est d'analyser quelques aspects de la collaboration de l'écrivain pour le journal « *Diretrizes* », en essayant d'observer comment il se comportait politiquement et idéologiquement dans la périodique .

**Mot-clef:** Dalcídio Jurandir, *Diretrizes*, presse.

A parceria entre os intelectuais e os meios de comunicação sempre esteve no palco dos grandes acontecimentos, sobretudo nos momentos de crise e mudanças históricas profundas. Foi assim na Instalação do Império, na Proclamação da República, na Revolução de 30 e no Estado Novo (1937-1945). A partir do final dos anos 20 e início dos 30, contudo, essa relação vai sistematicamente se direcionar para o âmbito do Estado, identificando-o como o representante maior das ideias da nação. Agora esse intelectual passa a não somente agir como condutor de um sentimento nacional ou regulador das improbidades administrativas do governo, mas também a interferir diretamente no processo de organização nacional e nas atividades político-pedagógicas do país.

Com os últimos acontecimentos políticos que estavam ocorrendo no Brasil e no mundo entre os anos 20 e 30: III Congresso do Partido Comunista, decidindo pela bolchevização/proletarização do partido; Revolução de 30, com a forte repressão ao

movimento dos trabalhadores; redefinição da direita partidária, com exclusão de lideranças como Astrogildo Pereira e Octávio Brandão, e da linha política provinda da Internacional Comunista, vários foram os jornais que sofreram influência dos comunistas e buscaram atingir os mais diferenciados públicos como trabalhadores, militares e estudantes, demonstrando a ampliação da presença desse grupo social no país. No início da década de 30, reapareceu o diário carioca *A Classe Operária*, que por muitos anos foi o veículo de comunicação oficial do partido e fortaleceu a presença dos intelectuais, sobretudo dos comunistas, na imprensa desse período.

Auto-intitulando-se o porta-voz do povo e mentor da população excluída e explorada pelo sistema capitalista de produção, o intelectual brasileiro, principalmente aquele vinculado ao PCB, buscou nos jornais de modo geral um meio de chegar à grande massa trabalhadora. Sua consciência política-ideológica privilegiada lhe obrigava a conduzir e esclarecer a população sobre seus direitos e deveres.

Essa postura de guia na qual o intelectual se encontrava era uma exigência feita pelos próprios membros do PC. Andrei Zdanov, principal ideólogo russo e defensor do Realismo Socialista nas artes<sup>210</sup> afirma que

Exigimos que os nossos camaradas, tanto os que dirigem o campo literário como os que escrevem, se guiem por alguma coisa sem a qual não poderá existir a ordem soviética, ou seja, que se guiem pela política, de tal modo que a nossa juventude possa ser educada não num espírito maligno e sem ideologia, mas num espírito vigoroso e revolucionário. (ZDANOV, 1945, P. 79-80)

Percebe-se a preocupação do ideólogo russo com a inserção dos escritores comunistas na política. Para ele, se uma pessoa escreve bem, tem verve para a escrita artística, deve usar isso a favor do povo, sendo um porta-voz da arte para a grande massa trabalhadora, guiando a população para o espírito revolucionário. O artista não pode se utilizar da arte pela arte, mas sim empregar nela um elevado conteúdo ideológico, de significação social.

O auge da atividade da imprensa e da influência do partido Comunista na década de 30 acontece em 1935, ano de maior polaridade ideológica e luta política. Foram inúmeros jornais e boletins sindicais, jornais de estudantes, diários e revistas culturais,

---

<sup>210</sup> O Realismo Socialista foi o estilo artístico oficial da União Soviética, idealizado por Andrey Zhdanov, entre as décadas de 1930 e 1960, aproximadamente. Foi, na prática, uma política de Estado para a estética em todos os campos de aplicação da forma, desde a Literatura até o design de produtos, incluindo todas as manifestações artísticas e culturais soviéticas (Pintura, Arquitetura, Design, Escultura, Cinema, Teatro etc.).

semanários, folhetos etc. que surgiram com o intuito de propagar as ideias do partido e chamar a população para aderir ao movimento revolucionário. De acordo com Moraes,

Coube a esta rede de jornais e revistas divulgar no país os alicerces da doutrina estética exportada pela União Soviética para os partidos comunistas aliados. A mídia do PCB foi, assim, o lugar exemplar de reverberação das teses de Andrei Jdanovo, ideólogo e censor da literatura e das artes na era Stálin. (MORAES, 1994, p. 16)

Como se pode observar, os intelectuais comunistas perceberam nos jornais um importante veículo para fazer reverberar as ideias do partido. Era preciso aglutinar as massas na luta pela consolidação do sistema político soviético.

Assim, os comunistas iniciaram uma enorme rede de comunicação, configurando a fase áurea da sua imprensa no Brasil. Essa rede potencializou seu funcionamento com a utilização de muitos intelectuais – jornalistas, escritores, artistas plásticos, pintores – filiados ou próximos ao partido, os quais encontraram nesse aparato político-cultural também um espaço de verdadeira formação artística e jornalística.

Entre esses intelectuais encontra-se o paraense Dalcídio Jurandir, que teve sua atividade intelectual dividida entre a imprensa e a literatura. Dalcídio nasceu em Ponta de Pedras, na ilha do Marajó, em 10 de janeiro de 1909 e morreu em 16 de junho de 1979, na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou-se na vida das letras muito cedo. Aos vinte anos de idade escreveu a primeira versão de *Chove nos Campos de Cachoeira*, com a qual recebeu o primeiro lugar no concurso literário promovido pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi, em 1940. Desde então, lançou-se no cenário nacional literário, recebendo outros dois prêmios: Paula Brito, com o romance *Belém do Grão-Pará*, e Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra.

Sua dedicação para a literatura continuou se expandindo. Após a boa recepção crítica de *Chove nos Campos de Cachoeira*, considerado pelo próprio autor como embrião dos outros nove que o sucederão, Dalcídio deu prosseguimento ao seu projeto de traçar um quadro de costumes e tradições marajoaras em dez romances, sob o título **Extremo Norte**. Assim, seguido do primeiro romance da saga, tem-se *Marajó* (1947), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1968), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). Em meio à composição do ciclo, o romancista escreveu a obra *Linha do Parque*, editada em 1959, cuja proposta estética é bastante diferente da proposta utilizada no ciclo.

Além de sua verve para a literatura, Dalcídio foi um intelectual comprometido com os problemas político-sociais do Brasil. Desde muito cedo, inseriu-se em movimentos sociais, participando ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e em lutas contra o nazi-fascismo. Não é espantoso, portanto, que tenha militado junto ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante muitos anos, de quem, inclusive, acatou diversas exigências. Uma delas foi a elaboração de *Linha do Parque*. A obra foi uma encomenda do PCB com a determinação de que o romance devesse se configurar sob as regras do realismo socialista.

Sua inserção no mundo jornalístico se dá de maneira muito precoce. Aos 16 anos o romancista já aparecia ao lado do irmão Flaviano Ramos Pereira e de Edgar Alves Ribeiro, como diretor chefe de uma revista chamada *Nova Aurora*<sup>211</sup>. A partir disso, consolidou sua participação em outros importantes periódicos de Belém do Pará. Na década de 30, por exemplo, já com mais maturidade crítica e literária, passou a exercer uma longa e assídua atividade jornalística na capital paraense, colaborando para o jornal *O Estado do Pará* e para as revistas: *Revista Escola*, *Novidade*, *Terra Imatura* e *A Semana*. Em 1941, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a contribuir para os periódicos da cidade carioca: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Voz operária*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *Novos Rumos*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, *Literatura*, *O Cruzeiro*, *A Classe Operária*, *Para Todos*, *Problemas* e *Vamos Ler*.

Analisando a publicação de Dalcídio Jurandir nos periódicos, percebe-se que ele não só publicou seus textos em jornais comunistas, como também em periódicos que não tinham vínculo algum com o partido. Por motivos financeiros ou não, o fato é que os textos de Dalcídio estiveram bastantes presentes na imprensa brasileira, discutindo obras literárias, acontecimentos do momento, personalidades históricas etc. Crônicas, Críticas Literárias, Ensaios e Reportagens foram gêneros explorados pelo escritor para difundir seu pensamento e tentar, de alguma forma, contribuir para uma mudança social-político-ideológica do país.

Dalcídio, assim como todos os outros intelectuais da época, também se via como um mentor do povo e buscava, por meio de seus textos, esclarecê-los sobre os problemas causados pela má distribuição de renda, exploração trabalhista e péssimas condições de trabalho. Ele acreditava que só por meio de uma organização e de uma

---

<sup>211</sup> NUNES, Benedito *et al.* **Dalcídio Jurandir Romancista da Amazônia**. Belém: SECULT, 2006, p. 29

conscientização da população se poderia fazer a revolução. Por isso, em seus textos, procurou enaltecer grandes líderes, lutadores e idealizadores das ideias do partido, objetivando, com isso, fazer com que a grande massa se espelhasse nesses grandes homens combatentes e se juntassem ao movimento.

Em meio a vários jornais, comunistas ou não, para os quais o criador do ciclo Extremo Norte colaborou, encontra-se *Diretrizes*, importante periódico que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1938 a 1949. Ao longo de sua existência, *Diretrizes* passou por várias modificações, tanto no seu formato quanto na sua direção. Primeiramente, circulou como revista mensal, mas, por desentendimentos entre o diretor-chefe – Azevedo Amaral – e o secretário – Samuel Wainer –, a revista passou a circular semanalmente, agora sob a direção de Samuel Wainer. A partir de então, o semanário alterou sua direção diversas vezes, passando pelas mãos de Octávio Xavier, Moacyr Werneck de Castro, Maurício Goulart, Osvaldo Costa, Archimedes Pereira Lima, Herculino Cascardo, Raul Pedrosa e Nino Gallo. Em julho de 1944, o jornal foi proibido de circular pelo órgão repressor, após ter publicado uma matéria sobre Miguel Costa, um dos líderes da Coluna Prestes. Em 1945, *Diretrizes* voltou a circular como jornal diário, fechando, definitivamente, em 1949. O periódico se ocupava basicamente de política, economia e cultura, e seus colaboradores buscavam chamar a atenção dos leitores para os acontecimentos político-sociais que o Brasil enfrentava naquela época.

Vale ressaltar que com a mudança do seu corpo editorial e, sobretudo, com a saída de Azevedo Amaral de sua direção, *Diretrizes* apresentou grandes mudanças no domínio político e ideológico, assumindo um caráter antifascista e antinazista. Além disso, esteve muito mais inclinado às ideias do partido comunista, embora não levantasse a bandeira desse movimento.

O jornal abriu espaço para que muitos escritores militantes do partido pudessem difundir suas ideias e seus trabalhos artísticos, como é o caso de: Jorge Amado, Graciliano Ramos, Álvaro Moreyra, Raquel de Queiroz, Aníbal Machado, Osório Borba, Rubem Braga, Marques de Rebelo, José Lins do Rego, Carlos Lacerda, Nelson Werneck Sodré e o próprio Dalcídio Jurandir.

Embora o escritor marajoara tenha transitado por vários gêneros, na colaboração para esse periódico, é importante destacar a presença da crônica. Apesar de um número reduzido, as crônicas chamam atenção por estarem interligadas umas as outras pelo mesmo fio condutor – são textos curtos em defesa de uma personalidade histórica, que lutou em prol da democracia brasileira e/ou a favor do povo.



As crônicas “Mateoti e o desespero do povo italiano”, “O centenário de um republicano”, “Escritores e poetas ingleses em combate” e “Sampaio Correia” foram publicadas em *Diretrizes* em dezembro de 1942, com exceção da última, publicada em março desse mesmo ano.

No texto “Mateoti e desespero do povo italiano”, Dalcídio recrimina as injustiças e os crimes cometidos pelo regime fascista, na figura do então ditador Benito Mussolini. Um deles foi a morte do socialista italiano Mateoti (1885-1924), líder do Partido Socialista Unido (PSU) e fiel combatente das ideias de liberdade do povo italiano. As causas de sua morte até hoje não foram solucionadas, mas, para o cronista, Mussolini mandou assassinar Mateoti para poder escravizar e ultrajar a Itália. O texto também critica o rumo que tomou a doutrina fascista, deixando-se dominar por Hitler, que colocou a Itália sob o total domínio da Gestapo (Política secreta de Estado). Observa-se que há em “Mateoti e o desespero do povo italiano” um profundo teor crítico diante da situação política pela qual a Itália passava. Para tanto, o autor expõe seus argumentos de forma incisiva e enfática diante do que ele considera ser um ato de injustiça, que é a ação criminosa do regime fascista. Desde a tomada do poder, Mussolini afundou o país em destruição e miséria, fazendo valer sua voz por meio da violência e da opressão do povo italiano. A fome e o desespero foram disseminados pelo país, construindo uma imagem vergonhosa e ridícula do império erguido pelo ditado. Observe o que diz o cronista sobre a situação da Itália:

Nestes dias sombrios vemos que o Duce semeou o luto, a destruição, a fome, o desespero. Seu Império foi a imagem mais pungente e vergonhosa do ridículo. Mussolini não passou de um cínico aventureiro que forçou, pelos meios mais vis, o povo italiano a aceitar uma postura feita de paradas, alalás, discursos no Palácio Veneza, a força de um renascimento da Grandeza romana cujos soldados foram assassinar os negros da Abissínia e experimentar a mais triste das derrotas antes do heroísmo do povo grego.

(JURANDIR, 1942)

Percebe-se que o escritor imprime ao texto uma carga de indignação contra a ação violenta e arbitrária de Mussolini, detendo-se em montar uma imagem dura e cruel do fato narrado. Isso porque sua intenção é de provocar ao leitor o mesmo sentimento de revolta que o impulsionou a escrever a crônica.

Não raro, o tema do fascismo volta a ter destaque nas crônicas de Dalcídio Jurandir, produzidas para esse periódico. Em “O centenário de um republicano”, a crítica aos regimes totalitários (nazismo e fascismo) se faz por meio da defesa de uma

personalidade política, que lutou em favor das ideias democráticas e dos princípios da civilização e do progresso, o general Frederico Solon Ribeiro (1839-1900).

Assim como na crônica anterior – “Mateoti e o desespero do povo italiano” –, na qual o cronista destaca Mateoti como um símbolo de luta e de dedicação à liberdade do povo italiano, em “O centenário de um republicano” ele exalta o caráter de um grande combatente dos ideais democráticos no Brasil que foi o general Solon, o qual depositou toda sua força em defesa do movimento republicano brasileiro, contribuindo decisivamente para o assentamento das bases democráticas no país.

O texto põe em relevo uma data importante da história da República brasileira, que é o centenário de nascimento desse legítimo combatente republicano, o qual, juntamente com Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant, lutou pelos ideais de liberdade inspirados pela democracia francesa e norte-americana. Por isso, o dia 23 de novembro não poderia passar despercebido, para Dalcídio, sobretudo nesse contexto de luta contra a escravidão nazi-fascista. Nesse momento, mais do que nunca, as tradições republicanas precisam ser reafirmadas e difundidas pelo mundo e com elas, a justa homenagem aos seus principais representantes.

Na terceira crônica intitulada “Escritores e poetas ingleses em combate”, Dalcídio exalta a figura de Aldenor Campos, um jovem e lúcido combatente da juventude brasileira contra o totalitarismo fascista. Foi responsável pela tradução de inúmeras obras que falam da conduta admirável de escritores e poetas ingleses em combate. Escritores que fizeram de sua arte uma arma em defesa da democracia e serviram, assim, de inspiração para os que pretendem se inserir na luta contra a desordem político-social do Brasil e do mundo, instauradas pelos regimes totalitários da Alemanha e da Itália.

Por fim, o último texto denominado “Sampaio Correia”, publicado em março de 1942, não foge dessa linha de enaltecimento dos grandes exemplos de luta e dedicação às causas políticas e sociais. Sampaio Correia é apresentado como uma autêntica figura da democracia brasileira. Dedicou-se com fervor aos problemas nacionais. O político é descrito como um homem exemplar e de uma inteligência indefectível, que não se cansou em lutar, até os últimos minutos, pela democracia, pela cultura e pela justiça de nosso país.

Assim como os demais intelectuais brasileiros, Dalcídio Jurandir tinha consciência da importância de sua voz diante da grande parcela da sociedade leitora dos periódicos. Assumindo, portanto, seu papel de guia do povo, o escritor também se

utilizou da imprensa para fazer reverberar suas ideias e, assim, conseguir chamar a população para aderir ao movimento de luta por melhores condições política e social no Brasil. Para tanto, aproveitou o espaço dos jornais para conscientizar a população, fazer essa parcela da sociedade se sentir motivada por meio das grandes personalidades que lutaram em prol da justiça e da democracia no Brasil e no mundo. As crônicas analisadas nesse trabalho, dessa forma, apresentam um profundo teor político, exaltando as ideais de liberdade e de democracias na política brasileira e criticando as injustiças cometidas pelos regimes totalitários.

### Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Tayana. **Dalcídio Jurandir: um cronista de O Estado do Pará e de Diretrizes**. 2010. 51 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Letras). Faculdade de Letras (FALE), Instituto de Letras e Comunicação (ILC), Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém.

FURTADO, M. T. **Dalcídio Jurandir e o realismo socialista: primeiras investigações**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008, São Paulo. Anais do XI Congresso internacional da ABRALIC, 2008: São Paulo, SP - Tessituras, Interações, Convergências.

JURANDIR, Dalcídio. **O centenário de um republicano**. *Diretrizes*. Dezembro de 1942.

\_\_\_\_\_. **Mateoti e o desespero do povo italiano**. *Diretrizes*. Dezembro de 1942.

MORAES, Denis. **O Imaginário Vigiado**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

NUNES, Benedito *et al.* **Dalcídio Jurandir Romancista da Amazônia**. Belém: SECULT, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Editorial Didático da UFBA, 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural no Estado Novo**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1987. Trabalho disponível em: [bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6604/803.pdf?...1](http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6604/803.pdf?...1). Acessado em: 21-03-2010.

ZDANOV, Andrey. A frente ideológica e a literatura. In: **Literatura, Filosofia e Realismo**. México D.F: Editorial Grijalbo S.A, 1971.

**‘ÁLIBI’ DO RECORDAR COMO ‘PÓLVORA’ PARA A FICCIONALIZAÇÃO:  
O PREFÁCIO DE *HOMENS & CARANGUEJOS***

Thiago Azevedo Sá de Oliveira ([prof.thiagoazevedo@gmail.com](mailto:prof.thiagoazevedo@gmail.com))

Profª.Drª. Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões ([ssimoes31@hotmail.com](mailto:ssimoes31@hotmail.com))

**Resumo:** Apresentada ao grupo de leitores brasileiros silenciados pela repressão política do pós-64, *Homens e caranguejos* (1967), única narrativa ficcional de Josué Apolônio de Castro é sumariamente expressiva desde o prólogo que antecede a trama. Nomeando as páginas introdutórias de Prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro, Josué de Castro antecipa através do paratexto que escreve uma analogia que, aos olhos do leitor ingênuo incorrerá na confissão da qualidade estética, uma vez pesado o caráter inaugural e inédito do romancista. Entretanto, a duvidosa admissão de culpa não se confirma e abre dentre muitas possibilidades um “jogo de atração” que provoca o público a encorajar-se pela leitura, refutando ou se atraindo pela ficção dramática e verossímil da fome.

**Palavras-chave:** Romance, autor e prefácio.

**Abstract:** Presented to a group of Brazilian readers silenced by political repression of the post-64, *Homens e caranguejos* (1967), only fictional narrative of Josué Apolônio de Castro is summarily dramatically since the prologue which precedes the plot. Naming the introductory pages of Preface somewhat plump for a novel somewhat thin, Josué de Castro anticipates through paratext who writes an analogy that in the eyes of the naive reader incur the confession of aesthetic quality, heavy since the inaugural and unique character of the novelist. However, the dubious admission of guilt is not confirmed among many possibilities and opens a "game of attraction" that causes the public to encourage yourself by reading, refuting or attracting the dramatic fiction and believable hunger.

**Keywords:** Romance, author and foreword.

---

Mestrando em Letras, bolsista CAPES. Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenadora do Projeto IFNOPAP - Campus Flutuante.

## INTRODUÇÃO

Para considerar a produção do romance *Homens e caranguejos* e sua escassa circulação no Brasil durante o início da segunda metade do XX, faz-se necessário tomar ciência da sociedade brasileira pós-golpe ditatorial de 1964. Superados os moldes românticos da ilustração burguesa vigente na tradição romanesca dos séculos XVIII e XIX, o romance nacional do pós-regime de exceção democrática diferencia-se não apenas pelo forte apelo do cotidiano na vida literária, mas pelo estreitamento da ficção com as questões sociais e políticas relativas a “uma realidade não heroica sem princípio nem fim, cujas formas na sua chamada pré-história viveram relegadas aos gêneros “baixos” de literatura popular uma vez que não são considerados pela cultura dominante.” RODRIGUES (1984, p. 35).

Advertido pelo escritor como “de muita farofa com pouca carne”, o romance é projetado não com base nas vivências do autor-médico estudioso da fome, mas na experiência cultural e humana vinda do cotidiano de omissão social, aqui tomado como um dos nutrientes que alimentam o literário do conflito do homem contra as limitações naturais e políticas. Posta em cena no palco da criação fictícia sob as peles e ossos dos famintos imigrantes do sertão e da zona da mata açucareira, a composição josueniana parte do diálogo entre a realidade de memórias biográficas e a ficção, pela qual a vida local, paraíso dos *homens-caranguejo* vê-se atada aos braços universais da imagem romanesca.

Cerceado desde a restrição que lhe fora imputada com a cassação dos direitos políticos no ano de 1964, Josué de Castro, na condição de ficcionista atento a arte e a sociedade, dedica a questão literária de sua obra ao drama verossímil da fome. Exilado em Paris, escreve em 1966 e publica no ano seguinte, com ambientação histórica distanciada em 1877 o seu único romance intitulado *Homens e caranguejos*, “contemporâneo” do primeiro romance brasileiro a tratar da fome, o naturalista *A fome* (1980), de Rodolfo Teófilo. Motivando sua inédita produção ficcional distante da época em que a escrevia, o autor tenta em vão, escapar da censura artística que proibiria a venda e circulação de sua obra até fins da década de 80, com o escritor já falecido em 1973. Fruto de uma preocupação primária com o contexto social e esquecendo o valor estilístico agregado ao texto, o romance josueniano pouco circulou na crítica em função da

ingênua leitura biográfica e documental com que foi lido ao longo de mais de duas décadas de silêncio.

O autor, em ação pouco frequente nos romances realistas-políticos expressos em *O prisioneiro* (1967), de Érico Veríssimo e *Quarup* (1966), de Antônio Callado, aplica “o passado – recente ou remoto – como metáfora para o presente em forte recriação”, diz SILVERMAN (1995, p. 185). Josué de Castro escreve a próprio punho, valendo-se do recorte de outro texto de sua autoria, *O ciclo da fome* (1935) o prefácio romanesco. Com isso pretende antecipar ao leitor um ensaio experimental, capaz de dimensionar uma mescla de memórias biográficas de sua infância, experiências profissionais enquanto médico e aberturas artísticas reafirmadas pelo diálogo com outros poetas, escritores e cantadores representantes da cultura popular, todos comovidos, cada qual a seu modo, com a fome, tal se confirma;

Foi com estas sombrias imagens dos mangues e da lama que comecei a criar o mundo da minha infância. Nada eu via que não me provocasse a sensação de verdadeira descoberta. Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pedaço de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco matando sua fome. E vi também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo do capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome. (CASTRO, 2007, p. 17).

No caso do romancista-prefaciador, o tema da fome é defendido como se fosse apenas natural da descoberta que fizera nos primeiros anos de sua infância. Todavia, o motivo na verdade permanece articulado de modo oculto pelo contato científico e sociológico que o autor aborda em todas as fases de sua vida. Ainda que na penumbra, o ficcionista deixa escapar sua maturidade acadêmica quanto ao assunto, apontando causas impossíveis ao alcance do olhar de uma criança;

É a história da sociedade desses seres anfíbios que eu conto neste livro. Desta sociedade que, economicamente, também é anfíbia, pois que vegeta nas

margens ou bordas de duas estruturas econômicas que a História até hoje não costurou num mesmo tecido: a estrutura agrária feudal e a estrutura capitalista. Estruturas que persistem no Nordeste do Brasil, lado a lado, sem se fundirem, sem se integrarem até hoje num mesmo tipo de civilização.

A sociedade dos mangues é uma sociedade impressada entre estas duas estruturas esmagantes. É uma sociedade que, comprimida pelas duas outras, escorre como uma lama social na cuba dos alagados do Recife, misturando-se com o caldo grosso da lama dos mangues. (CASTRO, 2007, p. 13-4).

Maria Ignêz Novais Ayala (2003, p. 89) alertando que “há um momento para a narração”, estabelece, contudo que não um instante mágico e cronológico em que as estórias possam ser impunemente contadas, mas um tempo social em que elas se justificam e funcionam. Nesse sentido, Josué de Castro abaliza no prefácio sua cautela de teórico da fome, não só a fim de rechaçar a premissa de uma estética panfletária, mas também a fim de permitir ao leitor o encanto e sofrimento com a realidade ficcional tão próxima e impactante à cena real das fomes brasileiras, carências de comida, moradia, terra, mas também de liberdade, sensibilidade artística e sonho, adiante desdobrado nas aventuras da personagem-protagonista do “menino” João Paulo.

Em meio à caracterização do espaço que servirá de palco ao drama universal da fome, na medida em que notabiliza suas memórias ficcionalizadas, o autor pernambucano intercala ao livro o cheiro e o gosto da pretensão dissimulada e da veracidade dos prefácios oitocentistas que, ao menos em tese de subterfúgio este romance o é. No aceno do artista ao leitor através de uma fórmula que segundo SALES (2009, p. 127) propõe oferecer aos leitores romances sem fantasias, como Joaquim Manuel de Macedo em *As vítimas-algozes* (1869), o ficcionista novecentista põe em xeque o realismo de sua obra, tal qual, *a posteriori* fazem os leitores que a leram ou lêem *Homens e caranguejos* com a convicção biográfica e documental;

Mas será mesmo este um livro de romance? Ou não será mais um livro de memórias? Talvez, sob certos aspectos, uma autobiografia?

Não sei. Tudo o que sei é que, neste livro se conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida. A história da vida de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa paisagem que é, toda ela, um braço de mar – um longo braço de um mar de miséria. (CASTRO, 2007, p. 09-10).

Conscientes do alerta de SILVERMAN (1995, p. 185) de que maioria dos romances realistas do pós-64 “apresenta grande influência política na ênfase temática, mas suas qualidades (ou deficiências) estilísticas colaterais chamam mais atenção”, a estratégia discursiva do autor salta aos olhos em função de confundir o leitor e a crítica sobre o fato de se estar diante ou não do que, embora alocado no plano da prosa ficcional, caminha lado a lado do terreno fértil da imaginação e do espaço concreto da conjuntura histórica contextual da segunda metade do século XX.

O prefácio de *Homens e caranguejos* reserva ao fim um lugar de destaque à cultura popular, aqui representada nas vozes e nas canções dos cantores de feira e no espetáculo do bumba-meu-boi. Desde cedo, o autor-prefaciador antecipa ao leitor ter conhecido a fome reinventada pela cena cultural reproduzida pelos cantadores e repentistas. CASTRO (2007, p. 18-9) ecoa nos cantos dos homens e das mulheres simples que vagam e berram pelos espaços de grande circulação de pessoas gritos dos seres que “representando, falando, gesticulando, era sempre a fome em seus disfarces. Eram os violeiros cantando”, avalia AYALA (2003, p. 86), com uma espécie de rastro-atrás que aproxima ainda mais a ficção do cotidiano humano dos leitores.

Triste vida de posseiro  
 junto à Alagoa Amarela.  
 Vinte anos sobre a terra  
 cavando o faltoso pão,  
 vinte anos de promessa  
 com a mesma enxada na mão,  
 catorze filhos no mundo  
 fora os que estão no caixão.

-----  
 Peguei na espingarda velha  
 como que pega o enxadão  
 com a força que a fome dá



pra quem defende seu pão. (CASTRO, 2007, p. 18-9).

Como se remediasse o mal da “consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de país subdesenvolvido”, vide CANDIDO (2000, p.142), vigente em uma sociedade que sofre com a fome, a exposição do elemento cultural expressa por outro lado a riqueza interna da arte, do poder que esta investe na transformação criativa e social do homem, do modo similar ao como ambiciona empreender o autor deste romance. Tem-se como fundamento a perspectiva de que “a cultura popular mudava, do mesmo modo que mudam as relações sociais. Descobria-se nas diferentes manifestações populares, diversas maneiras de fazer literatura”, lembra AYALA (2003, p. 91-2).

O ficcionista de *Homens e caranguejos* utiliza no recurso da cultura popular com o propósito de ouvir a voz das classes socialmente excluídas, dos pobres. Nesse intuito, o famoso romance de Eugène Sue, *Os mistérios de Paris* (1845) ajuda, uma vez que nele se nota a substituição dos reis pelos pobres, “pela classe desprezada, cuja vida, destino, alegrias e sofrimentos constituem a trama dos romances”, concluem MARX & ENGELS (2010, p. 233). Dá-se aí a medida exata do quanto o social comove os escritores oitocentistas ou, como limitamos aqui, o mundo “pseudo oitocentista” no qual o escritor pernambucano tenta estilisticamente se camuflar e, por segundos escapa, deixando cair no chão a máscara realista-política de romance de resistência pós-64.

Assumindo uma postura enviesada que se propõe a apresentar a fome pelo viés de personagens famintas à beira dos espaços periféricos de exclusão social, o romance recifense atravessa a emblemática dicotomia entre realidade e ficção que lhe poderia ser imputada pela travessia simbólica de um menino para a outra margem da cidade, onde progride a esperança, o sonho e a felicidade. Convidando o leitor para esta aventura, o prefácio de *Homens e caranguejos* se compõe numa dramática experiência universal do autor (hipoteticamente quando criança) em seu contato primeiro com a expressiva e generosa topografia do mangue, paradoxalmente ladeada de milhões de homens-caranguejo esfomeados.

Por dedicar à fome considerável repercussão em sua bibliografia como médico, político e escritor, dos quais são exemplos os textos de *Geografia da fome* (1946), *Geopolítica da fome* (1951), *Sete palmas de terra e um caixão* (1965) Josué de Castro foi estigmatizado por opositores e defensores de sua causa como “Josué da Fome”. Trazendo para sua inédita ficção o calvário do tema atrelado a dinâmica de migração de retirantes do campo (do sertão e da zona da mata açucareira) para as cidades, o autor propõe reaver a discussão que tem na ação migratória a solução para erradicar as carências abertas. Com isso, o autor junta-se a alguns

poucos autores, tais Rodolfo Teófilo, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos que em suas ficções legaram interesses sociais e propostas estéticas semelhantes nas respectivas produções de *A fome* (1890), *O quinze* (1937) e *Vidas Secas* (1938).

De natureza introdutória e autoexplicativa, o prefácio de *Homens e caranguejos* tenta “poupar o tempo” do leitor para equívocos naturais, como a pergunta da obra se tratar de um livro de memórias ou de um romance. Convencendo o público para importância do texto inicial em sua essência de “recomendação”, o autor projeta questões futuras, mostra sua personalidade de escritor de ficção em “começo de carreira” e as hesitações cunhadas pela crítica censora do poder ditatorial quanto à qualidade e o teor político de sua composição literária. Como se buscasse um alibi, o prefácio lança luz das memórias do autor a fim de reconstruí-las e desfigurá-las nas páginas seguintes, cuja obra se liberta do próprio autor e, entrega-se a figura do narrador cujo ângulo de observação e de protagonismo não é mais o da fome que salta aos olhos homens, mas a ponte com a força inventiva, plural e livre que preenche o imaginário de sonhos e aspirações humanas recriadas na percepção singular e dramática das personagens.

## CONCLUSÃO

O estudo do prefácio de *Homens e caranguejos* propôs-se aqui ao interesse de, se não saciar a infindável fome narrativa e temática desafiada pelo autor aos leitores, amenizar uma lacuna em termos da carência crítica a que a obra foi legada em termos de recepção. Em pouco mais de quarenta anos desde a sua primeira publicação (silenciada pelo Estado) e, seis anos após a última reedição lançada em 2007, à título de celebração ao que seria o centenário de nascimento de Josué de Castro, persiste invólucra e silenciosamente outra fome, a de envolver-se a produção josueniana aos pares da crítica e da ficção literária brasileiras.

Compatível ao que poeticamente suscita SARAMAGO (2009, p. 18) ao pontuar que “fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória”, procuramos pela aparente frieza da imagem de memórias biográficas da fome, fazer surgir na fina estampa “paratextual” do prefácio GENETTE (1982, p. 07) os sinais do que seria uma simulação própria da inventividade romântica. Somando força às vozes dos teóricos críticos, juntou-se um suporte discursivo de referências que, postas em contato crítico com o texto de *Homens e caranguejos*, puderam justificá-lo nas bases artísticas, merecedora do diálogo acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] AYALA, Maria Ignez Novais. “Aprendendo a aprender a cultura popular”. In: PINHEIRO, Hélder (Org). *Pesquisa em Literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- [2] CALLADO, Antônio. *Quarup*. 10 ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1967.
- [3] CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- [4] CASTRO, Josué A. de. *O ciclo do caranguejo (conto)*. Rio de Janeiro, Editôra, 1935.
- [5] CASTRO, Josué A. de. *Homens e Caranguejos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- [6] GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- [7] MACEDO, Joaquim Maria de. *As vítimas-algozes; quadro da escravidão*. Rio de Janeiro: Topografia Americana, 1869. 2. v.
- [8] MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Trad. José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- [9] QUEIROZ, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: José Olympio.1937.
- [10] RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.104ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2008.
- [11] RODRIGUES, Selma Calasans. A narrativa e sua problemática. Diálogo sobre a origem do romance: Georg Lukács e Mikhail Bakhtin. In: *A narrativa ontem e hoje*. Org. Lúcia Vassalo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- [12] SALES, Germana Maria de Araújo. Os prefácios de Macedo: Para além do espaço ficcional. In: SOUZA, Roberto Acízelo de; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira; AUGUSTI, Valéria. (Org). *Narrativa e recepção: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2009, v. 1, p. 107-121.
- [13] SARAMAGO, José. O caderno. In: *Palavras para uma cidade*. São Paulo: Cia das Letras. 2009.
- [14] SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Trad. Carlos Araújo. Porto Alegre/São Carlos: UFRGS/Universidade de São Carlos, 1995.
- [15] SUE, Eugène. *Os mistérios de Paris*. Lisboa: Guimarães & Cia, 1913.
- [16] TEÓFILO, Rodolfo. *A fome*. Org. e notas de Waldemar Rodrigues Pereira Filho; posfácio de Lira Neto. São Paulo: Tordesilhas, 2011.
- [17] VERISSÍMO, Érico. *O prisioneiro*. Porto Alegre: Globo, 1967.

## CAMINHOS PARA O SILÊNCIO NA POESIA DE MAX MARTINS

Autor: Thiago de Melo Barbosa

thiagomelob@hotmail.com

Orientador: Antônio Máximo Ferraz

maximoferraz@gmail.com

**Resumo:** O artigo concentrar-se-á na exposição das “linhas de força” do projeto de mestrado intitulado “A Voz do Silêncio na Poesia de Max Martins”, que tem por finalidade fazer um percurso interpretativo pelos textos do poeta Max Martins em diálogo com a questão do silêncio entendida como essência da linguagem.

**Palavras-chave:** Poesia, Silêncio, Max Martins.

**Abstract:** The article will focus on the exposition of the “lines of force” of the master's project titled "The Voice of the Silence on Max Martins' Poetry", which aims to make a interpretative journey through the texts by the poet Max Martins in dialogue with the silence question understood as the essence of language.

**Keywords:** Poetry, Silence, Max Martins.

Sobre a obra de Max Martins (1928-2009), poeta paraense que dedicou mais de meio século da sua existência ao exercício de “luta com as palavras”, no sentido drummondiano do termo, é possível afirmar que, ainda hoje, em 2013, ela foi pouco estudada e permanece quase que totalmente desconhecida fora do estado do Pará. E mesmo dentro do estado, apesar de muito reconhecido e aclamado, poucas são as publicações críticas realmente significativas acerca da poesia martiniana, entre estas, merecem destaque uma edição da revista *Asas da Palavra*, da Universidade da Amazônia (UNAMA) e um artigo (que pode ser encontrado em várias fontes, inclusive no meio digital) intitulado “Max Martins, Mestre-Aprendiz”, do filósofo, crítico literário e amigo do poeta, Benedito Nunes. Tal fortuna crítica, ainda que contando com o brilhante texto — certamente o mais influente trabalho sobre o autor — do professor Benedito Nunes, está muito longe do ideal, haja vista as qualidades e peculiaridades da produção desse poeta.

Entretanto, nem tudo são dores no que diz respeito à recepção crítica da poesia de Max Martins, isto porque, de alguns anos para cá, o poeta parece ter começado a cair nas “graças” da academia. Para se ter uma ideia mais clara dessa assertiva, basta observar que nos últimos três anos foram defendidas quatro dissertações de mestrado cuja temática girava entorno do “assunto” Max Martins, são elas: *Max Martins e a Modernidade: uma poética (de tradução) da tradição ocidental*, de Lenilde Pinheiro; *1952: a poesia de O Estranho de Max Martins*, de Melissa Alencar; *Cartas ao Max: limiar afetivo da obra de Max Martins*, de Élide Pinheiro; e *Por uma história da recepção da obra de Max Martins*, de José Francisco Queiroz<sup>212</sup>. Além destes, o poeta que um dia gritou, parafraseando Graça Aranha, “Que morra a academia!”, também já possui, como fortuna crítica acadêmica, vários trabalhos de conclusão de curso e, vale destacar, uma tese de doutorado, intitulada *Max Martins: biografia literária e edição de excertos de seus diários*, em processo de produção, no curso de pós-graduação em Literatura Brasileira da USP, pelo doutorando Paulo Roberto Viera.

Frente a isso, o novo pesquisador que tenha interesse em estudar esse poeta, encontra-se, de imediato, diante de uma visão dúbia sobre a recepção do autor: por um lado, se vê a carência de publicações e da inserção de Max Martins no cânone nacional, por outro, um real e crescente interesse acadêmico e um lugar cativo no cânone regional. Estas duas visões parecem contraditórias, e realmente o são, contudo, não excludentes. Isto porque, as fronteiras entre o nacional e o regional (e/ou local) estão cada vez mais dilatadas, uma vez que, especialmente por conta do advento da internet, as produções (tanto críticas quanto artísticas) podem atingir um alcance quase que ilimitado, sem que haja necessidade de um “aval” do centro, o que, indubitavelmente, favorece certa independência do regional com relação ao nacional.

Toda essa discussão acerca de cânone regional e nacional, dilatação de fronteiras etc. poderia, muito bem, ser desenvolvida num trabalho não só sobre o Max, mas sobre a maioria dos autores paraenses. Contudo, esses pontos foram tocados aqui apenas para que se tenha uma pequena ideia do atual lugar do receptor que intenta estudar a obra do poeta em questão, que, como toda poesia autêntica, abre inúmeros caminhos para se adentrar. Certamente nunca será fácil escolher entre tantas portas que poesia oferece, porém, é necessário não se deixar paralisar diante das possibilidades, mas, sim, encarar a travessia por aquela cuja questão desde já se inscreve no receptor e na obra.

Conheci a poesia de Max Martins em meados de 2008, quando estudante do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará. O encantamento e o desafio que aqueles “poemas diferentes” — extremamente herméticos aos meus olhos da época —

<sup>212</sup> As duas primeiras dissertações citadas foram defendidas em 2011, a terceira em 2012 e a última no início do corrente ano, 2013. As referências completas das dissertações estarão contidas na bibliografia do presente trabalho.

provocaram em mim foram tão grandes que, já no ano seguinte, em 2009, uma urgência quase angustiante de compreender aquele poeta me impulsionou a escrever o projeto de iniciação científica “O Percurso Estético de Max Martins”, o qual foi aprovado pouco antes do falecimento do autor. Esse trabalho, um tanto quanto “megalomaniaco”, objetivava mapear, livro a livro e de modo cronológico, todas as mudanças de caráter “estético-formais” empreendidas pelo autor no decorrer da sua trajetória poética, porém findou como uma espécie de análise “estilístico-hermenêutica” sobre os três primeiros livros<sup>213</sup> do poeta, graças à realidade revelada pelo tempo — impossível executar uma pesquisa do tamanho que se pretendia em apenas nove meses — e as sensatas orientações do professor Wenceslau Otero Alonso Jr.

O projeto de iniciação científica pode não ter sido executado exatamente do modo como foi planejado, no entanto, foi mais ou menos um ano que fiquei, juntamente com meus companheiros de pesquisa na época, Janaína Torres e Pedro Nascimento, em contato direto com os textos martinianos, se não “resolvendo todos os enigmas” destes, como pretensiosamente ambicionava, ao menos aprendendo e vislumbrando as inúmeras veredas que se abriam cada vez mais que se aprofundava o mergulho na poesia. Logo compreendi que não seria tarefa das mais fáceis “compreender aquele poeta”, entendi que ainda precisaria de anos para conhecê-lo como desejava. Desde então, a curiosidade e a paixão pela poesia de Max Martins apenas aumentou e, conseqüentemente, o impulso para a pesquisa sobre a obra também, ainda mais quando, após algum tempo, chego à mesma conclusão que Francisco Queiroz chegou, na sua dissertação já citada, sobre a recepção dos escritores locais, ao afirmar que:

Sempre que um autor local ganha alguma projeção na mídia ou no meio acadêmico costuma-se tratá-lo sob um enfoque subjetivo e, assim, a discussão sobre os aspectos propriamente literários ficam em segundo plano, sem que possamos conhecer o seu trajeto de publicações e a relação que os demais autores venham a possuir ente si (QUEIROZ, 2012, p. 11).

A consciência de tal constatação ajudou-me na delimitação dos caminhos que gostaria de trilhar pesquisando a poesia martiniana. Partindo disso, dois pontos foram colocados como princípios básicos para o trabalho que ora desenvolvo: primeiramente, evitar um enfoque subjetivista sobre a obra, especialmente no sentido da utilização de fórmulas prévias — que normalmente mascaram a subjetividade com o discurso da “objetividade científica”, mas que

<sup>213</sup> Respectivamente: *O Estranho*, de 1952; *Anti-Retrato*, de 1960; e *H’Era*, de 1971.

findam é por ditar os rumos do caminhar interpretativo — e, posteriormente, na verdade, concomitantemente, concentrar-se no estudo das questões que a própria obra opera, i.e, acima de tudo, se por à escuta dos poemas: lê-los.

Em tempo de grande voga dos Estudos Culturais, Antropológicos, Pós-coloniais e Cia., ou seja, na atual conjuntura, em que o pêndulo das principais linhas crítico-teóricas da literatura tão fortemente pende para o lado do receptor (vale lembrar o famoso tripé que norteia os estudos literários: autor, obra e leitor) em seu contexto sociocultural, a opção pela ênfase na obra, no texto propriamente dito, pode parecer anacrônica ou, para os menos polidos, até mesmo rançosa. Uma abordagem assim, vista de relance, facilmente é taxada, como se insulto fosse, de formalista e/ou estruturalista.

Não desmereço os estudos formalistas, estruturalistas, pós-coloniais, biográficos, culturais ou seja lá quais forem, todos têm suas razões de ser, e não existiriam não fosse a grande abertura que a obra de arte, inevitavelmente, instaura. Todavia, para “o caso” Max Martins, pelos motivos já expostos e por alguns outros que ainda serão, senti-me impulsionado, sobretudo, para uma abordagem que leva-se em conta, prioritariamente, a interpretação da obra. Com essa escolha quer-se, inclusive, a diferenciação entre o presente trabalho e os outros que recentemente foram feitos sobre o autor no âmbito acadêmico, focando em uma parte do “bolo” ainda pouco mexida. Isto é possível uma vez que, dos trabalhos pesquisados — as dissertações citadas alguns parágrafos acima —, dois focam na discussão sobre o lugar do autor (e sua obra, logicamente) dentro da poesia moderna, um corresponde a uma leitura autobiográfica apenas inspirada nos textos (e na vida) de Max Martins e, o último, ateu-se ao estudo dos textos críticos sobre o autor. Ou seja, em nenhum o foco principal foi a leitura-interpretativa da obra poética de Max Martins como um todo.

Contudo, não se quer dizer, com isso, que os outros pesquisadores abdicaram de ler a obra em favor de reflexões extraliterárias. De for alguma se afirma isso, pois sabemos que para cada trabalho deste a lida com, e o conhecimento dos, poemas foi essencial. O que se pretende salientar com essa linha argumentativa é que mesmo que todas as pesquisas partam da obra, o resultado exposto pende, nos casos em questão, ora mais para o lado do contexto histórico, ora para o lado da recepção, do leitor (seja crítico ou não). Aqui, por outro lado, tentar-se-á que os resultados da pesquisa retornem para a obra, seguindo a ideia de um “círculo hermenêutico”. Não se trata, entretanto, de uma nova “morte do autor”, pois estamos com Heidegger quando este afirma, em *A Origem da Obra de Arte*, que:

O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Do mesmo modo que nenhum dos dois porta sozinho o outro. Artista e obra *são* em-si e em mútua referência através de um terceiro, que é o primeiro, ou seja, através daquilo a partir de onde artista e obra de arte tem seu nome, através da arte (HEIDEGGER, 2010, p. 37).

Com essa reflexão, o pensador expõe-nos ao óbvio muitas vezes esquecido, i.e, recorda-nos do mútuo pertencimento que há entre artista e obra, no caso da literatura, entre autor e texto. Deste modo, torna-se patente que, indiferente as nossas artificiais oposições teóricas, o que há, para o artista e sua arte, como o elo que os definem e ao mesmo tempo é definido por eles, é a Arte. Por isso não faz sentido, dentro desta linha de raciocínio, falar nem em morte do autor, nem em vida, uma vez que seguindo esse caminho chega-se à união indissolúvel obra-autor.

A citação de Martin Heidegger ajuda-nos a diluir um pouco as oposições, que nós mesmo construímos, entre os elementos da arte. Contudo, alguém pode de repente perguntar: “mas e o receptor? E o contexto?”. Acredito que uma das saídas para tais perguntas encontra-se na ideia de interpretação, de hermenêutica: está na consciência de que a obra só se faz completa quando fruída. Assim, não há motivos para se ressaltar um em detrimento do outro, visto que aquilo que interpretamos, desde sempre, já ressoa em nós, receptores que compartilham as mesmas questões com a obra, tal qual bem esclarece as palavras de Benedito Nunes, no seu ensaio “Interpretação, discurso e verdade”:

Ora, estamos aqui lidando com a base do interpretar, que se aplica ao texto, porque, na nossa situação, só interpretamos o que já compreendemos previamente, na medida da nossa facticidade, isto é, como *ser-no-mundo*, já circunscritos por objetos, vivendo em determinado estado de conexão com os outros. O “círculo hermenêutico” é, pois, uma expressão da nossa própria finitude (NUNES, 1999, p. 76).

Por isso, quando no começo deste texto falei em dar ênfase na obra, não quis dizer no sentido usual, da polarização dos elementos, mas, sim, por crer que é pela obra, pelo que a arte opera, que é possível se chegar a uma visão mais totalizadora, holística, das questões que envolvem o poético. No caso da poesia martiniana, dentro da pesquisa de mestrado, “A voz do silêncio na poesia de Max Martins”, na qual este texto é baseado, o silêncio é questão que



norteia o percurso interpretativo. O silêncio entendido como essência da linguagem, marca a travessia que se pretende com a pesquisa, porém, não é a reflexão externa sobre “O que é o silêncio?” que a delimita, mas, sim, como esta está intimamente relacionada com o fazer poético de Max Martins: quer-se pôr em evidência o movimento dialético existente entre Silêncio e Poesia com os poemas.

A questão do silêncio é inerente a todo fazer poético, visto que, como foi dito, está na essência da própria linguagem. Por isso, o trabalho visa não apenas discorrer sobre tal questão, mas antes verificar por quais vias a poesia de Max Martins caminha na sua direção, i.e, procura entender algo como o “grau” de consciência poética manifestada nos próprios textos martinianos, bem como os recursos utilizados pelo autor para pôr em obra tal questão. Sendo assim, é claro que o que se chama aqui de a “voz do silêncio” não é exclusividade da poesia produzida por Max Martins, é antes, se é que se pode dizer assim, uma “particularidade” da linguagem poética (Por isso no título optou-se pelo “na” ao invés do “da”). Contudo, os “notes”, os guias para se percorrer esta questão vêm todos, no presente trabalho, dos poemas desse autor: os textos conduzem à discussão e a discussão.

Certamente a abordagem aqui proposta não é das mais comuns, afinal, como se fala a partir do silêncio? Não há nada o que dizer, no silêncio, cala-se. Entretanto, o silêncio não é entendido neste trabalho como mera ausência de som, mas, sim, como uma questão, e, posto desta forma, a pergunta de estranhamento poderia ser: “como não falar a partir do silêncio?” uma vez que este pressupõe todo “falar”, portanto, todo pensar. Na poesia, a busca pela instauração deste silêncio — o poeta roga: “E infundir silêncio nesta mão de madeira escrevendo o caminho.” (MARTINS, 2001, p. 62) — vai na contramão da atual Era da Informação na qual estamos inseridos; é a eterna luta da poesia contra a instrumentalização da linguagem. Então, justamente por isso, é mais do que nunca necessário a atenção para essa “voz do silêncio”, pois ela, além de questionar, assumindo uma posição crítica com relação ao nosso modo de pensar (usar) a linguagem, com certeza tem algo a nos dizer acerca da nossa própria condição de seres que habitam na linguagem.

Por fim, ressalto que essa reflexão acerca do silêncio manifestado — e não apenas tematizado, vale dizer — dentro dos poemas de Max Martins mostra também seu vigor e sua relevância para um estudo acadêmico, na medida em que, mesmo partindo de um ponto específico, auxilia na compreensão total do fazer poético deste artista, além de revelar várias questões que habitam o abismo que é o silêncio, por si próprio, e também o operado pela poesia martiniana, que não deixa de ser o mesmo, mas sem ser igual. Neste abismo poético, “O som/ (subterrâneo)/ que o teu silêncio chama” (MARTINS, 2001, p. 75), as questões que nos olham,

fervilham no escuro, e é nele vale a pena saltar à procura não de respostas, mas de questões que estão ainda mais fundas.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Melissa da Costa. *1952: a poesia de O Estranho de Max Martins*. 2011. 247f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Pará, 2011.

HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Trad. Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

LIMA, Élida. *Cartas ao Max: limiar afetivo da obra de Max Martins*. 2012. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINS, Max. *Poemas Reunidos, 1952 – 2001*. Belém: EDUFPA, 2001.

NUNES, Benedito. *Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

PINHEIRO, Lenilde Andrade. *Max Martins e a Modernidade: uma poética (de tradução) da tradição ocidental*. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura, Universidade da Amazônia, Pará, 2011.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. *Por uma História da recepção da obra de Max Martins*. 2012. 233f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Pará, 2012.

## SUBVERSÃO À MORALIDADE: LEITURA DE CINCO MULHERES MACHADIANAS EM O JORNAL DAS FAMÍLIAS

Autor: Valdiney Valente Lobato de Castro (UFPA)  
 valdiney.castro@uvaamapa.com.br  
 Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales  
 gmaa.sales@gmail.com

**Resumo:** A série de Contos “Cinco Mulheres”, de Machado de Assis, apresentava personagens com atitudes que iam além das questões morais que o *Jornal das Famílias* propunha, possibilitando o despertar crítico das leitoras, a quem o periódico – preocupado com a manutenção da burguesia – era destinado.

**Palavras-chave:** *Jornal das Famílias*, mulher, Machado de Assis

**Abstract:** The Story series “Cinco Mulheres”, of Machado de Assis, presented personages with attitudes that went beyond the moral questions that the *Jornal das Famílias* considered, making possible the critical wakening of the readers, to who the periodic one - worried about the maintenance of the bourgeoisie - were destined

**Keywords:** *Jornal das Famílias*, woman, Machado de Assis

Na primeira metade do século XIX, na França, surge o romance-folhetim nos jornais: o espaço, no final da página, o *rez-de-chaussée* – rés do chão, rodapé, que antes apresentava assuntos variados de entretenimento passou a incorporar, também romances. Para despertar o interesse dos leitores as histórias apresentavam dramas amorosos ou familiares, com mistérios e suspenses; e para manter a atenção a técnica de interromper a narrativa para continuar em um próximo número, com cortes em momentos cruciais fez com que o romance-folhetim deixasse de ser apenas uma mera parte do jornal para ser a principal atração a que todos os leitores buscavam avidamente. No início, o jornal serviu ao romance dando-lhe seu poder de penetração, mas depois o periódico passou a depender da coluna folhetim para garantir o sucesso das suas vendas. A leitura era feita por diversas camadas da sociedade francesa: dos nobres aos camponeses, dos patrões aos empregados, o que contribuiu para que ocorresse o aumento da tiragem e o barateamento, ocorrendo então uma democratização do jornal:

O resultado foi um grande sucesso. A fórmula “continua amanhã” ou “continua num próximo número” que a ficção em série proporcionava ao folhetim alimentava paulatinamente o apetite e a curiosidade do leitor diário do jornal e, obviamente, como resposta, fazia aumentar a procura por ele,

barateando os seus custos. O jornal democratizava-se junto à burguesia e saía do círculo restrito aos assinantes ricos (NADAF, 2002, p. 18)

Atingir a população em geral representa não apenas a ampliação do gosto pela leitura, mas também perpassa pela moralização da população: a luta do bem contra o mal era o tema central dos folhetins, o que o aproxima do melodrama ao se apoiar nos sentimentos de medo, entusiasmo, dor e riso. Em geral, nas histórias, o mal perturba a ordem natural das coisas e passa a reinar até que a situação se reverta e o bem possa triunfar.

Para concretizar a vitória do bem na vida dos leitores, os temas passaram a ser os mais diversos: amores mal resolvidos, injustiças familiares, mistérios, todos apresentando muitas ações como mortes, prisões, intrigas e traições sempre marcadas pela aproximação com a vida do leitor, por isso os menos afortunados e os espaços mais variados estão presentes:

Nos romances folhetins que elegeram como núcleo temático os chamados “dramas parisienses”, a população pobre e marginal e os aspectos da vida miserável e criminosa da cidade ocuparam um lugar de destaque. Os hospícios, os orfanatos, as galés, as tavernas da velha cidade e as subumanas estalagens do proletariado e seus aterrorizantes e desafortunados personagens entrecruzavam-se com os castelos e os boulevards e seus ricos habitantes, resultando em estórias tensas, nebulosas e apaixonantes. A esse tempo, Parisse industrializava e modernizava, mas contradizia-se por trás de suas famosas e luxuosas galerias metropolitanas – vitrines de moda e de cultura para o mundo – com a miséria proletária e os dramas urbanos decorrentes desse mesmo contexto histórico. (NADAF, 2002, p. 22)

No Brasil, após a chegada da Família Real, em 1808, o Rio de Janeiro se tornou a Cidade da Corte e a abertura dos portos proporcionou a todos a percepção de como Portugal, como metrópole colonizadora, representava um atraso cultural, por isso houve a absorção das influências que vinham da França e simbolizavam o progresso e a modernidade.

Daí, o sucesso que os folhetins faziam em Paris se proliferou também no Brasil com a estréia, em 1839, no *Jornal do Commercio*, da novela *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock. Os demais jornais acompanharam a moda e os romances-folhetins passaram a ser publicados causando um enorme sucesso:

O romance folhetim foi uma febre nacional que impulsionou muitos dos nossos grandes autores a utilizarem esse espaço como forma de publicação das suas obras e projeção dos seus nomes entre o público e a crítica. Sendo o jornal o veículo de comunicação mais acessível na sociedade dos oitocentos, talvez este fosse o caminho mais rápido e fácil para o escritor alcançar notoriedade (SALES, 2007, p. 45)

O enorme sucesso do folhetim fez com que ele ocupasse outros espaços no jornal e alcançasse uma importância fundamental, em alguns periódicos, por exemplo, eram publicadas simultaneamente duas histórias. O romancefolhetim *se estendia a todos os jornais da corte. Ainda que não existiam as necessárias pesquisas, de difícil execução dada a escassez de dados sobre tiragens e publicações, não faltam indícios da correlação entre a prosperidade do jornal e o folhetim* (MEYER, 1996)

Entre os vários editores merece destaque Baptiste Louis Garnier, que em 1863 deixa de publicar a *Revista Popular*, de cunho informativo e político e passa a editar o *Jornal das Famílias*, que durou até 1878. O periódico era destinado às mulheres leitoras com clara intenção moralizante: formar boas esposas prontas para coordenar as tarefas do lar e para a educação dos seus filhos.

Durante seus dezesseis anos de existência o jornal manteve a mesma ilustração da capa: uma mulher sentada muito à vontade com os olhos atentos em sua costura. As imagens de mulheres reforçam a especificação do jornal para o público feminino. No primeiro editorial merece destaque o seguinte trecho: “Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem aos pais, à economia doméstica, à instrução moral e utilidade das famílias” (*Jornal das Famílias*, jan. 1863, p.2-3 apud SILVEIRA, 2005). A preocupação com a moralização e a preocupação em instruir a mulher para ser boa esposa e mãe é a tônica do jornal que:

mesmo editado por homens, demonstra preocupação em satisfazer mesmo que sob a ótica masculina, aos anseios de suas leitoras. Elas não são informadas sobre as conquistas alcançadas pela mulher em todo o mundo, mas são retratadas pela iconografia e pelas cartas de redação como efetivadas leitoras, que precisam ser educadas para dar ordens às criadas, que desejam ser informadas sobre as últimas tendências da moda de Paris e que precisam ler literatura para se distrair e para aprender com os sucessos e fracassos das protagonistas das narrativas. Enfim lendo e se informado, seriam melhores mães e esposas. (PINHEIRO, 2002, p. 98)

As imagens presentes no periódico retratavam essa instrução moralizante da mulher. Na sua maioria as ilustrações apresentavam a mulher lendo para a família, sozinha ou com uma amiga. A proliferação das imagens de mulheres leitoras coadunava-se com o esperado crescimento da leitura no Brasil. Além de incentivar a leitura, o jornal propunha também a formação da mulher para se tornar uma boa dona do lar, o que pode ser percebido pelas seções do periódico “Economia Doméstica” e “Medicina Doméstica”. Ainda há a seção “Moda”, repleta de boas ilustrações

apresentando a moda européia e “Romances e Novellas”, com a presença da literatura nacional.

No *Jornal das Famílias* a leitora é quase uma personagem da narrativa: o narrador a faz participar da história, dialogando com o texto lido, o qual ridiculariza possíveis desvios cometidos e ensina os benefícios do bom comportamento inclusive para formar a mulher para a vida matrimonial. O folhetim de Garnier era considerado como um jornal casamenteiro. As heroínas são belas, educadas, prendadas, aceitam as decisões dos pais e por mais que questionem sua condição, não se rebelam contra elas. As obras são apresentadas como bons exemplos para as leitoras:

o novo gênero não se limitou a refletir os valores de seu tempo, mas ajudou a criá-los, ou para dizer de outro modo, os romances foram instrumentos que contribuíram para constituir interesses sociais mais do que lentes que os refletiram (VASCONCELOS, 2002, p. 11-12)

Essa preocupação com a moral precisa ser compreendida também considerando a preocupação em agradar o público. Não havia as vantagens financeiras dos anúncios publicitários, o lucro estava nos assinantes. Outras estratégias empregadas pelos escritores para atrair e manter o interesse dos leitores eram

os títulos atraentes e inícios impressionantes das histórias, a opção por tramas extraordinários e casos singulares narrados com base em um discurso totalmente sensacionalista, o investimento na ação e na multiplicidade dos incidentes, a prática do corte sistemático e a devida valorização do suspense, a exploração da curiosidade e das expectativas do leitor por meio de anúncios e antecipações de informações, a busca da identificação do leitor com a obra projetando-se o universo social e psicológico do público no interior da narrativa (CRESTANI, 2007, p. 67)

Entre os vários autores que publicaram no jornal, Machado de Assis é o grande destaque: durante os 16 anos de existência do periódico foram publicadas duzentas e vinte e três narrativas, dentre elas mais de cem são de autoria de Machado.

O autor ia além do que comumente se apresentava no jornal, mostrando uma renovação dos temas: o casamento, que comumente encerra as narrativas como um grande objetivo alcançado pelas mulheres, na sua obra, em certas ocasiões, é transferido para o início da narrativa e a partir daí são desconstruídas as mistificações e excessos que eram comuns nas narrativas de outros autores. Com isso o matrimônio era revisitado com uma abordagem mais realista, manifestando certa isenção aos propósitos edificantes e moralizantes do *Jornal das Famílias*. Em busca de uma abordagem real, o narrador faz uma apresentação da mulher vivendo em uma sociedade patriarcal e conservadora, sendo vista em um espaço limitado com seu destino já traçado: casar e ter

filhos. Há, nos contos do autor, a denúncia às aparências construídas pelas famílias para a apresentação de um enlace perfeito, por isso é comum a crença de que os contos teciam uma moralidade às avessas.

É preciso entender que as condições de produção em folhetins obedeciam uma organização tipográfica especial, o espaço limitado do papel fazia com que muitas vezes a história fosse interrompida para ter continuidade na próxima edição. Muitos dos contos presentes nos *Jornal das Famílias* se estendem por mais de um mês, tendo alguns se prolongado por até quatro números seguidos. Com essa preocupação com o espaço é possível que muitas vezes os autores tenham sido levados a alongar as suas histórias, mesmo que não fosse esse o propósito. O pagamento dos escritores da época era calculado segundo as linhas escritas; os autores, assim, prolongavam suas histórias ou pela questão financeira ou ainda pela preocupação em ocupar o espaço do papel. Para produzir esse alongamento o expediente mais comumente usado era o diálogo que permitia ganhar espaço porque a cada frase – às vezes, a cada palavra – há espaços em branco e se ganha uma linha.

Entre os contos que Machado de Assis publicou no *Jornal das Famílias* está a série de contos *Cinco Mulheres*, publicada de agosto a setembro de 1865 com o pseudônimo de Job. A série é dividida em quatro histórias independentes, retratando cinco mulheres de distintas índoles e naturezas, diferentes idades e aspirações. O próprio escritor evidencia chama atenção para o fato no preâmbulo que antecede a história:

Aqui vai um grupo de cinco mulheres, diferentes entre si, partindo de diversos pontos, mas reunidas na mesma coleção, como em um álbum de fotografias. Desenhei-as rapidamente, conforme apareciam, sem intenção de precedência, nem cuidado de escolha. Cada uma delas forma um esboço à parte, mas todas podem ser examinadas entre o charuto e o café (ASSIS, 1998, p. 117)

As mulheres Marcelina, Antonia, Carolina, Carlota e Hortência são representações da sociedade burguesa do final do século XIX. Daí nos contos os costumes burgueses estão sempre presentes como o hábito de tocar piano em Marcelina; a reunião de amigos em casa e a ida ao teatro, que está presente em Antonia; o chá, que se toma no final da tarde, em Carolina; ou ainda o enterro luxuoso em Carlota e Hortência.

O conto foi publicado em 1865 e aponta a inovação na apresentação do enredo daquele que viria, dezesseis anos depois, surpreender a todos com a sequencia

construída em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Essa novidade pode ser percebida também na omissão de determinadas passagens, geralmente as que conduziriam ao excesso de sentimentalismo, mostrando a consciência do escritor da necessidade de síntese exigida para a escritura do conto e sua acidez crítica ao excesso de sentimentalismo romântico.

Em *Marcelina* o narrador informa: “Isto não é um romance, nem um conto, nem um episódio, não me ocuparei, portanto, com os acontecimentos dia por dia”; e em *Carolina*: “Como eu não quero entreter os leitores com episódios inúteis e narrações fastidiosas, salto aqui uns seis meses e vou levá-los a casa de Mendonça em uma manhã de inverno”; e em *Carlota e Hortência*: “Não interessa aos leitores saber dos cafezais de L. Patrício”.

Essa conversa com o leitor revela certa cumplicidade que é estabelecida ao longo do texto e acontece em vários momentos das narrativas: “Sem conhecer ainda as nossas heroínas, já o leitor começa a lamentar a sorte da futura mulher de Mendonça” (*Carolina*); ou ainda: “Este pequeno diálogo já dá ao leitor uma ideia dos acontecimentos que precederam à morte de Carlota” (*Carlota e Hortência*). Esse diálogo com o leitor revela uma cumplicidade que serve tanto – através dos cortes narrativos – para criticar os romances carregados pelo excesso de sentimentalismo romântico quanto para auxiliar o leitor na compreensão da história: “O leitor sagaz suprirá o resto da carta acrescentando qualquer período tirado de qualquer romance da moda” (*Carolina*)

Esse auxílio na compreensão do enredo é necessário porque, entre as inovações de Machado de Assis, há a quebra na estrutura comumente usada de organização da narrativa: Em *Carolina* a história começa com um diálogo entre Carolina e Lúcia e só depois se situa o leitor sobre as personagens e em *Carlota e Hortência* a história inicia com o enterro de Carlota e só depois o leitor tem conhecimento sobre a história da personagem. Essa inovação fica ainda mais evidente no final do conto *Antonia*, onde Machado de Assis apela para a sagacidade do leitor para compreender a infidelidade da personagem.

É exatamente a (in) fidelidade no casamento o grande tema que percorre todas as quatro narrativas. *Marcelina* apaixonou-se pelo noivo de sua irmã e não revela esse amor, entregando-se à morte.

Essa passividade em aceitar o destino e não entregar-se ao amor a fim de manter os ditames sociais também está presente em *Carolina*, que aceita o imposto



consórcio com Mendonça, mesmo sendo apaixonada por Fernando, o qual corresponde ao seu amor:

Se meu casamento é um túmulo, nem por isso posso deixar de respeitá-lo.  
Reza por mim e pede a Deus que te faça feliz.  
Foi para estas almas corajosas e honradas que se fez a bem-aventurança  
(ASSIS, 1998, p. 122)

A reflexão final de Machado de Assis acentua o tom moralizante, mas apresenta a infelicidade da mulher que adentra ao casamento como em um túmulo.

Esse respeito às convenções sociais também está presente no último dos quatro contos: Carlota, mesmo descobrindo que seu marido, Durval, a trai com sua amiga Hortência, não a expulsa de casa por lamentar o reflexo desse ato na sociedade, o que acaba por gerar a morte da esposa que não suporta a traição do marido. Hortência, que depois casa com Durval, acaba por traí-lo, o que gera também a morte dele.

A esposa infiel, que durante a narrativa apresenta-se como inocente e devotada ao marido e depois se revela como dissimulada e astuciosa, está presente em Antonia, que se mostra entristecida pelo marido não poder acompanhá-la ao teatro, mas depois surpreende o leitor quando se descobre que já havia um encontro marcado entre ela e seu amante.

Há uma evidente distinção entre os perfis femininos: indo desde a mulher que se resigna à infelicidade de não ter o homem amado até a esposa infiel que aparenta uma felicidade conjugal para satisfazer a sociedade burguesa. Apesar de serem mulheres muito diferentes é possível perceber que aquelas que agem de acordo com o que a sociedade lhes impõe – como Carolina – vivem uma vida marcada pelo sofrimento, o que certamente serve como um espelho para a reflexão da leitora.

Machado de Assis relata uma postura sutilmente subversiva no relato da moralidade, fazendo críticas e questionando as regras sociais, tais como os casamentos por conveniência e a condição subalterna da mulher brasileira, o que possibilita a leitora repensar o seu papel de passividade diante da sociedade patriarcal em que vivia.

## REFERENCIAS

**Jornal das Famílias.** Paris: B. L. Garnier, 1865 (Ano de Publicação da série de conto Cinco Mulheres, de Machado de Assis)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Contos: uma antologia** / Machado de Assis: seleção, introdução e notas John Gledson, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- AZEVEDO, Silvia Maria. **A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livro.** (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 1990.
- CRESTANI, Jailson Luís. **Machado de Assis: colaborador do Jornal das Famílias** (Dissertação de Mestrado). Assis: UNESP, 2007.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. **Revista Popular (1859 – 1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier.** (Dissertação de Mestrado). Assis: UNESP, 2002.
- MEYER, Marlise. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das Miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (século XIX e XX)** Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- SALES, Germana Maria Araújo. **Folhetins: uma prática de leitura no século XIX.** Revista Entrelaços. Agosto de 2007.
- SILVEIRA, Daniela Magalhães. **Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias.** (Dissertação de Mestrado). Campinas: UNICAMP, 2005.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. **Dez lições sobre o romance inglês do século XIX.** São Paulo: Boitempo editora, 2002.

## PREFÁCIOS CAMILIANOS: A MORALIZAÇÃO DO ROMANCE EM CENA

Vanessa Suzane G. dos Santos

[vanessasuzane@yahoo.com.br](mailto:vanessasuzane@yahoo.com.br)

Orientadora: Profa. Dra. Germana Sales

[gmaa.sales@gmail.com](mailto:gmaa.sales@gmail.com)

**Resumo:** Objetivamos analisar os prefácios dos romances de Camilo Castelo Branco disponíveis no acervo das *Camilianas*, na biblioteca do Grêmio Literário Português, no estado do Pará, e avaliar a defesa da finalidade moralizadora do romance e o possível intuito do romancista em construir tal imagem acerca do gênero.

**Palavras-chave:** Camilo Castelo Branco, romances, prefácios.

**Resumé:** Nous avons cherché à examiner les préfaces des romans de Camilo Castelo Branco disponibles dans la collection des <<Camillianas>> dans la bibliothèque du *Grêmio Literário Português*, dans l'État du Pará, et évaluer la défense de l'intention moralisatrice du roman et possible intention du romancier pour construire une telle image sur le genre.

**Mots-clés:** Camilo Castelo Branco, romans, préfaces.

Camilo Castelo Branco (1825-1890) foi o escritor português de mais extensa produção literária e que despertou interesse do público e da crítica nos anos oitocentos, ao longo de aproximadamente 45 anos de atividade. Seus escritos, que incluem - além de teatro, poesia, traduções, edições e crítica literária - uma vasta produção em prosa de ficção, forma literária que lhe deu maior notabilidade, não se restringiram aos limites de Portugal.

No Brasil, forte consumidor de produções literárias portuguesas, tanto originais quanto traduções, aspectos fortes do seu mercado editorial, naquele momento (EL FAR, 2004) as obras do escritor lusitano também se fizeram presentes. Especificamente no estado do Pará, para onde se dirige nossa atenção, as produções de Camilo Castelo Branco formaram o acervo denominado *Camilianas*, na biblioteca do Grêmio Literário Português, instituição fundada em 1867 com o intuito de divulgar a cultura e a literatura da colônia luso-brasileira paraense, funcionando, desse modo, como espaço de

ampliação das possibilidades de acesso aos livros, seguindo uma tendência que se consolidava desde a chegada da corte portuguesa no país, em 1808.<sup>214</sup>

No acervo das *Camilianas*, que comporta textos de todos os gêneros pelos quais o escritor passou, notamos a expressiva presença de textos em prosa de ficção, especialmente o romance, que totaliza sessenta títulos no acervo<sup>215</sup>, e que é o objeto de interesse deste trabalho. Ao observar esses romances, nossa atenção se voltou para os paratextos que os integram, pois neles é possível identificar grande frequência de prefácios, textos introdutórios que têm como objetivo apresentar a obra, difundir ideias, provocar reflexão, e, assim, garantir credibilidade ao enredo e fisgar a atenção do leitor.

Notamos que os prefácios camilianos tratam, em muitos casos, do próprio gênero romance, procurando dar-lhe credibilidade, em um momento em que o gênero ainda era alvo das desconfianças de letrados e de pais de famílias quanto as suas possíveis más influências no comportamento dos leitores, pois havia um grande receio de que o público se identificasse com o modo de vida e com as experiências do homem comum, que passavam a ganhar destaque nas páginas dos romances.

Nesse sentido, Camilo seguiu uma tendência que se firmou desde o século XVIII, em outros países europeus quando da ascensão do romance moderno por lá, pois, sendo o romance considerado um gênero menor, que não pertencia aos gêneros clássicos e cujas diretrizes não se apresentavam bem definidas, coube aos escritores defendê-lo, dar-lhe notabilidade, discutir seus fundamentos e apresentá-lo aos leitores, sendo o espaço dos prefácios dos próprios romances, um dos meios utilizados para este fim.<sup>216</sup>

É claro que a prática de escrever prefácio não apareceu juntamente com o romance, nem se restringia às obras literárias, pelo contrário, ela vem de uma tradição

<sup>214</sup> A instalação da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, desencadeou uma série de transformações que culminaram com a liberação da atividade tipográfica no país, a instalação de um número maior de livrarias e a criação de espaços destinados à leitura, como as bibliotecas e os gabinetes de leitura, tendência que se deu mais efetivamente a partir de meados do século XIX, com o maior desenvolvimento cultural, político, econômico e educacional ocorrido no país, momento em que as bibliotecas públicas começaram a ser visualizadas como lugar onde os homens preservam e acessam os saberes, a tradição, a memória e o patrimônio cultural humano (SILVEIRA, 2007).

<sup>215</sup> O acervo das *Camilianas* foi objeto de estudo dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Vanessa Suzane G. dos Santos, sob o título *As Camilianas: uma história do livro no Grêmio Literário Português*, e de Joice Assunção Pimentel, com o título *Camilianas: uma trajetória de dramas, poesias, polêmicas, ensaios e escritos religiosos no Grêmio Literário Português*.

<sup>216</sup> Sandra Vasconcelos (2007), ao tratar da formação do romance inglês, ainda no século XVIII, afirma que o exame dos prefácios dos romances ingleses evidencia uma profusão de termos e de critérios que eram discutidos em torno do gênero, que ainda não apresentava contornos definidos. Segundo a autora, a prática do prefácio era um fenômeno especialmente intenso nesse período, e sua análise pode oferecer elementos da história do romance.

antiga anterior à profissionalização do escritor, quando este, desprovido de uma fortuna patrimonial, necessitava das relações de patrocínio, e, por meio das dedicatórias e dos agradecimentos, dedicava a obra a um príncipe, a um ministro ou a alguém de poder, em troca de remuneração e da promoção à publicação da obra (CHARTIER, 1999). Essa prática, como vimos, não perdeu fôlego no século XIX, e muitos escritores mantiveram o hábito de apresentar seus romances ao leitor por meio do prefácio, numa época em que o gênero ainda não dispunha de prestígio literário.<sup>217</sup>

Assim, os prólogos serviam como meio de comunicação entre autor e leitor, pois legitimavam a palavra do escritor e exerciam papel fundamental no espaço dos romances em que estavam presentes. Esses textos introdutórios buscavam persuadir o leitor para a leitura da obra, orientavam, apontavam caminhos e funcionavam também como espaços de debate e definição de ideias. Dessa forma, ao considerarmos a produção literária do escritor Camilo Castelo Branco, podemos afirmar que ele se interessou ativamente por essa seara, com prática frequente da escrita de prefácios em suas obras.

A década de 1860, período em que veio a lume a obra mais conhecida do escritor português, *Amor de Perdição* (1862), foi também a época em que se assistiu à publicação de inúmeros romances do autor, muitos deles com a primeira edição publicada em um mesmo ano<sup>218</sup>, além das reedições, que também emergiram com força expressiva no período, por esse motivo nossa atenção se voltou para esse recorte temporal. Nos prefácios desses textos, uma das questões discutidas pelo autor diz respeito ao conteúdo que deveria ser tratado no romance, e, principalmente, ao modo adequado de transmitir tal teor, no qual a moralização ganhava posição privilegiada.

A defesa da finalidade moralizadora do romance é vista aqui como uma estratégia pertinente para conquistar o leitor, sobretudo, porque a perversão da moral e da virtude era uma das principais acusações ao gênero, incriminação sobre a qual os romancistas e defensores do gênero se debruçaram e procuraram contornar, afirmando que, ao invés de levar os leitores a cometerem erros, como queriam os seus detratores, as experiências descritas nos romances poderiam ensiná-los a evitá-los, fazendo com

---

<sup>217</sup> Conforme apontam os estudos de Germana Sales (2003), esta tendência também foi assídua entre os escritores brasileiros, cujos prefácios se configuram como um importante espaço de debates dos procedimentos da criação do novo gênero romanesco em terras brasileiras.

<sup>218</sup> No ano de 1863, por exemplo, vieram a lume os romances *Anos de Prosa*, *Agulha em Palheiro*, *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, *O Bem e o Mal*, *Estrelas Propícias*, *Noites de Lamego*, dentre outros.

que, por meio da exemplificação, não se equivocassem em suas próprias vidas (ABREU, 2003).

Assim, dentre os prefácios de romances publicados por Camilo Castelo Branco na década de 1860, e que estão presentes na biblioteca do Grêmio Literário Português do Pará, tomaremos para análise neste trabalho os prólogos elaborados para os romances *Annos de Prosa* (1863), *A Filha do Doutor Negro* (1864) e *O Esqueleto* (1865), nos quais a defesa da finalidade moralizadora como força motriz do romance é apresentada como uma das imagens que o autor constrói acerca do gênero, como forma de convencer o leitor de que seus romances poderiam ser apreciados sem prejuízo para as moças de família.<sup>219</sup> Conforme afirma Jacinto do Prado Coelho (1982), Camilo faz seu o lema clássico “instruir deleitando”, ainda que, em seus prefácios, nem sempre exprima com coerência suas ideias estéticas, utilizando constantemente o estilo irônico para expressar suas opiniões, críticas e queixas.

No prólogo do romance *Annos de Prosa* (1863), intitulado “Discurso Proemial”, o autor diferencia dois tipos de romance - o bom e o mau romance - e demonstra parecer partilhar da idéia de que o romance pode ter efeitos negativos em seus leitores, sobretudo, nas leitoras:

Mal hajam os sacerdotes das letras derrancadas que vendem peçonha em lindos crystaes, e defloram as almas em luxuriante florescencia da sua primavera. O mau romance tem afistulado as entranhas d’este paiz. Não ha fibra direita no coração da mulher que bebeu a morte, e – peor que a morte – algumas dezenas de galicismo no que por aí se escreve e copia. O anjo da inocência foge de certos livros, como os editores de certos autores. A candura virginal de uma menina de quinze anos é a cousa mais equívoca d’este mundo, se a menina leu cousa em que os pedagogos do coração a ensinaram a conhecer-se, antes que a experiência a doutrinasse. (BRANCO, 1863)

Para Camilo, portanto, o romance poderia moralizar e ensinar, mas também poderia perverter e deflorar, sendo esta segunda consequência, atribuída, pelo autor, aos romances que iludiam por meio dos “francesismos” típicos do folhetinesco, do rocambolesco e do melodramático, cuja prática era imitada com frequência em Portugal.<sup>220</sup>

<sup>219</sup> Conforme informamos anteriormente, escolhemos como recorte temporal para análise dos prefácios camilianos a década de 1860, justamente por ela concentrar o maior número de publicações de romances do escritor português. Esse grande número de publicações, no entanto, nos impede de analisar, neste trabalho, os prefácios de todos os romances que se enquadram no referido recorte, por isso, optamos por abordar aqui somente os prefácios que evidenciam com maior satisfação os aspectos selecionados para análise. Ressaltamos ainda que, neste trabalho, optamos por manter a ortografia original das edições dos romances camilianos consultados.

<sup>220</sup> Tal técnica, no entanto, foi criticada por Camilo, que apresentou, perante a França, uma atitude de incompreensão ou de antipatia, acusando o gosto depravado do gênio francês e as inverossimilhanças de suas novelas, contra as quais ele propunha uma prosa natural e castiça (MACHADO, 1984). Conforme

Assim, o autor condenava os maus romances franceses e as versões portuguesas que seguiam o mesmo estilo, acusando-os de provocarem emoções desproporcionais nos leitores, atingindo inclusive os costumes tradicionais de família, haja vista, que a mulher poderia se espelhar nas histórias ilusórias de suas páginas e dar sinais de insatisfação com a vida recôndita e amena dos cuidados com o lar e com a família, pois

o malefício do romance não está somente no plagiato irrisório; o pior é quando as imaginações frívolas ou compassivas se entalham os lances da vida phantasiosa da novella, e crêem que a norma geral do viver é essa. (BRANCO, 1863)

No entanto, esse tom de combate aos denominados “maus romances” também servia como estratégia de Camilo para colocar os seus romances na contramão dos corruptores, assegurando aos leitores, e aos mediadores da leitura, como era o caso dos pais de família, as suas melhores intenções em prol do ensinamento moral.

Comecem os Paes de famílias, por circunvalerem suas casas de um cordão sanitário contra a peste do romance, que não se abonar com a prometida pudicicia d’este, e de outros com que o author, coração aberto a todas as chimeras, e de entranhas lavadas, tem querido enxertar no tronco carcomido da humanidade toda a casta de virtude. (BRANCO, 1863)

O autor lusitano, portanto, imprime, neste prefácio, a ideia de romance, ou de bom romance, como aquele que moraliza por meio da condenação do vício em prol e benefício da virtude. Lembremos, no entanto, que tais discussões evidenciam o objetivo primeiro de, por meio da proclamação da moralidade, persuadir o leitor a apreciar seu texto, tendo em vista as principais acusações feitas ao gênero. Percebemos, assim, toda uma construção discursiva acerca do “romance corruptor” para, posteriormente e comparativamente, Camilo pôr o seu texto em nível mais elevado e oposto, como aquele que respeita os valores da vida casta e é capaz de regenerar as “leitoras ingênuas” acometidas pelas leituras frívolas de derivação francesa.

Na obra *A Filha do Doutor Negro* (1864), Camilo destina doze páginas ao “Prefácio”, que, em sua maior parte, apresenta a justificativa do autor em escrever o romance. Para conferir veracidade e garantir credibilidade ao enredo, buscando

---

afirma Pavanelo (2009), os autores portugueses, assim como os brasileiros, ao concorrer com os romances franceses e ingleses que dominavam o mercado editorial, tinham de escrever para um público habituado com a moda romanesca, mas procuravam novos atrativos, de forma que suas obras não constituíam meras imitações dos modelos vigentes, caracterizando-se, muitas vezes, como ironia e paródia aos *lugares-comuns* do movimento romântico, a exemplo, no caso de Camilo, da obra *Amor de Perdição*, conforme apontam novas leituras feitas sobre os romances camilianos (FERREIRA, 2007; PAVANELO, 2009; 2011).

alcançar, assim, um efeito de verdade que suscitasse uma maior adesão do leitor, o escritor utiliza-se de argumentos retóricos como estratégia. Dessa maneira, Camilo apresenta o romance como uma história real acerca de uma mendiga de nome Albertina, da qual teria tomado conhecimento por meio de seu amigo Antonio da Silveira, em 1845. Encenando a aquisição da diegese, em alguns trechos do prefácio o escritor reproduz uma espécie de diálogo ficcional entre ele e o amigo, e relega à voz de Antonio da Silveira, o seu informador, o repúdio aos romances de terror grosso, aos quais a história de Albertina viria a se opor:

A vida dessa mulher não é o que o senhor cuida. Ha umas historias que ouvem sem se pedirem: são a dos crimes, que se desafogam das presas do remorso; e também as ha negrissimas, contadas pela fatuidade cynica. D'essas busque-as o senhor que as ha-de achar de molde para escrever um *Flos-diabolorum* de ambos os sexos. No tocante porém, á historia de Albertina, dir-lhe-ia que os revezes são de uma espécie, que não anda usada em romances, por ser iguaria insossa a paladares enfariados de condimentos ardentos de especiaria franceza, os quaes cifram em sangue, lagrimas, e lama. (BRANCO, 1864)

Camilo justifica o comentário do amigo ao revelar ao leitor que, à época em que a história de Albertina lhe foi relatada, ele ainda se “alistara na laureada e gananciosa milícia dos romancistas de terror grosso” (BRANCO, 1864)<sup>221</sup>, e que somente agora teria se libertado e finalmente conseguido publicar, sem receio de crítica, a história, pois “Agora, revirou-se o meu entendimento em cousas d’esta ordem [...]. Estou apto para transladar o que vi e vejo, sem pedir emprestado á imaginativa o que a natureza me não dá” (BRANCO, 1864)<sup>222</sup>. Associada à proclamação da verdade está também a defesa da ideia moralizadora deste e de outros romances que seguem o mesmo perfil:

Cabe a propósito n’este ponto declarar eu á crítica bem intencionada de alguns avaliadores dos meus últimos livros, editados em folhetins do Comercio do Porto, que nem levemente me constrangem as condições, que me pauto e imponho, no desenvolvimento da ideia moralizadora, ou, pelo menos, intuito social e humanitário de cada um dos meus romances. (BRANCO, 1864)

<sup>221</sup> Esta pode ser vista como uma declaração de teor irônico, sobretudo, porque estudos mais recentes sobre a obra camiliana afirmam que os seus romances classificados como folhetinescos, os quais lhe renderam acusações de ter meramente copiado modelos importados da França, na verdade constituem-se paródias de tais modelos, numa forma de reagir criticamente diante daquela espécie de narrativa que já adquiria popularidade entre os leitores. Nesse sentido, Camilo utilizava-se das técnicas, mas não assumia as posições teóricas, mantendo, assim, uma atitude crítica subtil ou declarada (ALVES, 1990).

<sup>222</sup> Conforme afirma Silva (2011) a utilização de argumentos para reforçar a ilusão referencial era uma velha astúcia romanesca, que teve largo uso no romance do século XVIII, quando os romancistas usavam tal recurso no intuito de se libertarem do estigma fantasioso e, assim, aproximarem o gênero romanesco do prestigioso gênero histórico.



Por meio das palavras do romancista somos informados que esse romance foi primeiramente publicado em folhetim, no jornal *Comercio do Porto*.<sup>223</sup> A referência irônica à denominada “crítica bem intencionada” de alguns avaliadores de seus livros, diz respeito, conforme afirma Jacinto do Prado Coelho (1982), às acusações feitas a Camilo, por contemporâneos seus, de que, por questões mercantis, ele se subordinava à orientação puritana do referido jornal, pois a defesa da ideia moralizadora e do intuito humanitário dos seus romances, elementos defendidos no trecho citado acima, não passaria de sujeição à moral burguesa. Vale ressaltar que Camilo foi um dos primeiros romancistas portugueses a sobreviver exclusivamente da sua produção literária, e, por esse motivo, muitos de seus romances saíram mais ao gosto do público e dos editores do que ao seu próprio gosto, questões que, no entanto, não ficaram imunes às suas próprias críticas, geralmente irônicas. Sujeição ou não, o fato é que mais uma vez o romance é apresentado ou definido como um gênero que pode ter uma finalidade pedagógica, cabendo a cada escritor adotá-la ou não.

Já no “Prefacio” à obra *O Esqueleto* (1865), Camilo, assumiu uma nova postura diante do gênero. Nesse texto, a moralização é projetada não mais como uma opção do romancista, mas como elemento inerente ao próprio romance. Não se distingue mais entre bom e mau romance, mas entre a forma mais adequada de se chegar à moralização, pois, conforme explicita o autor existem duas formas de escrever romances mantendo as virtudes em evidência:

Em quanto a influencia do romance nos costumes, estou mais do que desconfiado de que o romance não morigera nem desmoralisa.

Porém admitida a ponderação que lhe alvidram os exhortadores dos pais de famílias, não sei decidir como se ha de escrever o romance fautor de sã moral. São dois os expedientes: levar os personagens viciosos ao despenhadeiro; ou crear anjos n’um paraíso sem serpente.

Na primeira espécie, mostra-se a lucta de virtude e crime; natural e concludentemente triumpha a virtude.

Na segunda forma de romancear, a virtude recebe as ovações sem batalha. O romancista põe peito à reformação das obras de Deus. E corrige-as. Quando os seus personagens se avisinham de algum sujo aguaçal, em que é uso a gente commum salpicar as botas, atam-lhes asas de sarafins, e largam-lhe trella por esse azul dos ceus dentro, até lhes vir a jeito poisal-os em alegretes de flores.

São estes os romances que moralisam ou os outros? É a minha dúvida. (BRANCO, 1865)

O autor se põe na condição de romancista que tem consciência de seu papel, sujeito às críticas alheias, mas ironicamente finge não saber qual a melhor forma de

<sup>223</sup> De acordo com Henrique Marques (1894), esta obra começou a ser publicada em folhetim no jornal *Comércio do Porto* em 9 de abril de 1864.

fazer romance que tenha o verdadeiro efeito moralizador, postas as duas maneiras suscitadas por ele, seja mostrando a luta entre virtude e crime, na qual triunfa a virtude; seja celebrando a virtude, sem demonstrar os perigos que a cercam. Esta é, pois, uma pergunta bastante pertinente, haja vista que Camilo cultivou as duas formas em momentos diversos de sua carreira literária, sobretudo, porque acatava os desejos de leitores e editores que exigiam esta ou aquela conduta.

A discussão acerca da maneira mais apropriada de alcançar à instrução moralizante é apresentada no prefácio a partir de uma contenda, exposta num diálogo ficcional entre o autor e um dos editores de suas obras, cujo teor expressa as relações editoriais e comerciais que envolviam a publicação de uma obra e dão indícios do condicionamento dos escritores às exigências dos editores e destes ao gosto dos leitores:

Querem os pais de famílias que suas filhas ignorem a corrupção, que lavra nos pantanes da sociedade – observou-me o meu amigo.  
 - Os pais de família, contestei, não conseguem, isso, em quanto não acharem o caminho da lua, onde presumo que não há costumes, nem romances.  
 - Mas não se ganha moralisação para os espíritos brancos e virginaes das leitoras, em dar-lhes novellas de adulterios – redarguiu o cavalheiro.  
 - Ganha, quando se lhes mostram os infortúnios acapellados em volta da mulher que se deshonra. [...] Então é que o romance ganha muito, levando ao conhecimento das donzellas, até certo ponto innocentes, que o desdouro, cujo horror não as apavorou nos salões, tem angustias secretas, e infâmias estrondosas. Parece-me isto, meu amigo.  
 - Acho-lhe rasão – obtemperou o honrado e illustrado editor dos meus livros – mas que quer, se os pais de família intendem que suas filhas desconhecem a existência de certos crimes? E desadoram romances que revolvam essas sentinas hediondas? (BRANCO, 1865)

Considerando o romance a expressão dos costumes da sociedade, Camilo se mostra propenso à posição de que, ao narrar tais costumes, se devia desnudar os vícios, os infortúnios do coração, e punir os corrompidos, para chegar à essência da virtude humana, pois, somente assim, seria fiel ao que via, haja vista, a sua propensão à retórica da verdade. Por outro lado, o seu editor não partilhava da mesma ideia, ou, por ser comerciante, não lhe convinha pensar da mesma forma. O autor, no entanto, decide não acatar os “conselhos” do editor e resolve sujeitar a obra à avaliação dos leitores:

Aqui ficou a contenda amigável. Não procurei pai de famílias nenhum para argumentarmos. Fiquei-me a scismar se devia queimar este volume que estava escripto, no intuito de mostrar o squalor de uma chaga social, sem a mínima pretensão de lhe pôr o cauterio. Não queimei; mas protesto extrahil-o da circulação, se um dia me persuadir de todo em todo que esta coisa de romances, escriptos assim, peoram a humanidade, e alvortam a quietação dos pais de famílias. (BRANCO, 1865)

A opinião defendida pelo autor, diante das circunstâncias apresentadas pelo editor na contenda, não deixa de expressar, nas entrelinhas, um pedido de benevolência aos leitores para com a obra, que poderia apresentar aspectos não compreensíveis para os defensores dos personagens virtuosos. Mas até que ponto os leitores não apreciavam esse tipo de romance? Camilo não estaria mais uma vez sendo irônico? Não devemos esquecer que o prefácio se ancora em uma estratégia de convencimento, de persuasão, de sedução do leitor, e, no caso de Camilo, escritor profissional, a aceitação da obra pelo público leitor, lhe garantiria lucros. Além de que, afirmar que, de alguma forma, esse romance poderia provocar “reações adversas” nas leitoras, constituía, a nosso ver, mais uma estratégia de sedução dessas leitoras, pois uma possível proibição aguçaria ainda mais sua curiosidade.

A leitura desses prefácios nos permitiu concluir, portanto, que convinha a Camilo tratar o romance como instrumento capaz provocar efeitos em seus leitores, assim como consideravam os detratores do gênero. No entanto, ao contrário dos detratores que viam essas influências como nocivas aos leitores, o romancista procurou dotá-las de teor positivo, tomando a função moralizadora como uma das finalidades mais elevadas do gênero. No entanto, a defesa de tal finalidade, em muitos casos, era permeada por discursos irônicos, principalmente quando se tratava nitidamente de atender às vontades do público, por esse motivo seus textos intróitos devem ser em muito merecedores de desconfianças, pois os prefácios eram meios eficientes de diálogo, em que a construção discursiva era orientada de acordo com os objetivos pretendidos pelo autor, nem sempre sugerindo o caráter verídico desse discurso.

Assim, se constituído como espaço limiar entre ficção e realidade, os prefácios permitiam certas estratégias discursivas, que giravam em torno do convencimento do leitor. Portanto, as discussões arroladas nos textos dos prólogos acerca do conteúdo adequado ou da forma apropriada de abordar tal teor no romance não deixavam de obedecer a essas estratégias, em um tempo em que o gênero ainda era pouco prestigiado pelas camadas letradas da sociedade e carecia ser legitimado, funcionando o prefácio, nesse sentido, também como espaço de validação do gênero.

É sabido o valor literário do romancista Camilo Castelo Branco, contudo, o estudo que ora iniciamos demonstra que ainda há muito o que explorar na vasta produção deste escritor, e direcionar o olhar para os textos introdutórios assinados pelo próprio escritor é verificar que eles apresentam um prosador ensaísta, irônico, mas

sobretudo ocupado em dissertar acerca da gênese e do desenvolvimento do gênero romanesco.

### Referências Bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- ALVES, Édil de Lima. *A paródia em novelas-folhetins camilianas*. Lisboa: ICALP, 1990.
- BRANCO, Camilo Castelo. *Annos de Prosa*. Porto: Editor António José da Silva Teixeira, 1863.
- BRANCO, Camilo Castelo. *A Filha do Doutor Negro*. Porto: Typographia do Commercio, 1864.
- BRANCO, Camilo Castelo. *O Esqueleto*. Lisboa: Livraria de Campos Junior – Editor, 1865.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Introdução ao estudo da novela camiliana*. Lisboa: IN/CM, 1982. 2v.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FERREIRA, Geraldo da Aparecida. *Memórias Póstumas de Brás Cubas e Coração, Cabeça e Estômago – Machado de Assis e Camilo Castelo Branco: leitores e críticos do Romantismo*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-25022008-104648/pt-br.php>>. Acesso em: 07/05/2012.
- MACHADO, Álvaro Manuel. *O “francesismo” na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.
- MARQUES, Henrique. *Bibliographia Camilliana*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira - Editor, 1894.
- PAVANELO, L. M. . *Camilo e Macedo: adesão e repúdio aos modelos na ascensão do romance português e brasileiro*. Darandina Revista eletrônica, v. 2, p. 1-7, 2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Luciene-Marie-Pavanelo.pdf>>. Acesso em: 25/04/2012.
- PAVANELO, L. M. *Resgatando best-sellers oitocentistas: uma releitura de A Moreninha e Amor de Perdição*. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba. Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Curitiba: ABRALIC, 2011. p. 1-7. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0287-1.pdf>>. Acesso em: 05/06/2012.
- SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)*. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 387. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2003.
- SILVA, João Paulo Braga C. da. *Retórica da ficção: a construção da narrativa camiliana*. Braga, 2011. p. 428. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa – Braga, 2011. Disponível em: <<[http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/7258/1/Tese\\_Doutoramento\\_Ret%C3%B3rica%20da%20Fic%C3%A7%C3%A3o\\_J.Paulo%20Braga.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/7258/1/Tese_Doutoramento_Ret%C3%B3rica%20da%20Fic%C3%A7%C3%A3o_J.Paulo%20Braga.pdf)>>

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. *Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de biblioteconomia do Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação (ECI), Universidade Federal de Minas Gerais, 2007. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECID79CMVL/1/mestrado\\_fabr\\_cio\\_jos\\_nascimento\\_da\\_silveira.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECID79CMVL/1/mestrado_fabr_cio_jos_nascimento_da_silveira.pdf)>. Acesso em:16/11/10

VASCONCELOS, Sandra Gardini. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

## **“PARA FALAR DO CORPO MORTO É PRECISO FICAR NO CINZA”: RESSONÂNCIAS DA MELANCOLIA EM CINZAS DO NORTE, DE MILTON HATOUM**

PINHEIRO, Veridiana Valente (UFPA) - veridianavalente@gmail.com

SARMENTO-PANTOJA, Tânia (UFPA) - nicama@ufpa.br

**Resumo:** Este trabalho é fruto da pesquisa do projeto de Mestrado, “‘Para falar do corpo morto é preciso ficar no cinza’: Ressonâncias da melancolia em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum”, consiste em examinar os aspectos relacionados às categorias resistência e melancolia. Objetivamos identificar os elementos caracterizadores de tais categorias, ou seja, como se realizam e o que as define enquanto categoria estética, em que procuramos observar, de maneira muito particular, as manifestações melancólicas no personagem Mundo, do romance *Cinzas do Norte* (2005), do escritor amazonense Milton Hatoum.

**Palavras-chave:** Resistência, Melancolia, Literatura.

**Abstract:** This work is the result of research masters project “‘Para falar do corpo morto é preciso ficar no cinza’: Ressonâncias da melancolia em *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum”, is to examine aspects related to the categories strength and melancholy. We aimed to identify the characteristic elements of such categories, that is, how to perform and what defines them as aesthetic category, in which we seek to observe, in a very particular way, the melancholic manifestations in the character Mundo from the novel *Cinzas do Norte* (2005), from the amazon writer Milton Hatoum.

**Keywords:** Resistance, Melancholy, Literature.

### **Considerações iniciais**

A perspectiva central deste trabalho é a análise do romance *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, a partir de uma abordagem que mescla filosofia, história e literatura, tendo em vista os contextos de produção da obra, principalmente os sociais e os políticos.

A análise centra-se em reelaborar a memória do passado, para compreender de que forma os traumas sofridos, em particular os experienciados pelo personagem Mundo, são reelaborados pela arte. A arte produzida por ele se torna mediadora, de uma voz que

fala por metáforas, ao produzir sentidos diversos, objetivando com isso uma projeção reflexiva, no futuro, de um passado recente.

De forma específica trataremos das relações entre a constituição do personagem Mundo e suas implicações históricas e políticas. Além dessas, analisaremos também o discurso elaborado pelo narrador Lavo e a melancolia literária presentes na narrativa. Esses aspectos permeiam a elaboração do personagem principal e os processos de resistência, que fazem referência ao período da Ditadura Militar de 1964, no Brasil.

De fato, já existe um conjunto de obras literárias produzidas no período citado, mas o interesse aqui é mostrar, também, que mesmo uma obra não sendo produzida nesse período, pode fazer referência ao mesmo, a partir do momento em que o texto vislumbra reflexões acerca da memória e da história recente do país. A história surge como elemento norteador do assunto que vamos tratar no decorrer deste trabalho que é a melancolia, enquanto categoria literária e movimento de reação estética.

Obras como *Estorvo* (1991), *Benjamin* (1995), *Cinzas do Norte* (2005), *Em Câmara Lenta* (1977) e outras, foram produzidas fora do período ditatorial, mas têm em seu núcleo elementos norteadores, que tematizam a melancolia voltada ao trauma provocado pela violência do estado. Essas obras, além de problematizarem a melancolia e a violência, elas também elaboram a estética, através de estratégias ficcionais próprias da literatura, e isto é devido ao movimento de apropriação dos dados históricos, ficcionalizados pela crítica sobre o Estado autoritário e pelos grupos sociais que promoveram ou promovem a resistência ao regime militar.

Em nossa pesquisa verificamos que o romance de Milton Hatoum pode ser inserido neste contexto, na medida em que as estratégias de composição da narrativa se configuram em uma relação conflituosa entre pai e filho. Tal relação é reproduzida pelo narrador através do processo de apropriação e atualização do discurso de ambos (pai e filho). Assim, o romance permite um olhar minucioso sobre a história atualizada pela memória dos personagens.

Na narrativa, cenas de violência são apresentadas e descritas constantemente pelo narrador, seja pelas descrições dos momentos de violência vivenciadas, ou pelas descrições das obras de arte de Mundo, por Lavo. Tanto em um momento, quanto em outro, ocorre a produção da sensação de nojo em relação aos torturadores e, pelas vítimas, o efeito de choque naquele que os observa.

O personagem Mundo ao reelaborar a violência por meio da arte, apresenta dois aspectos importantes a serem refletidos: o primeiro, diz respeito aos traumas

insuperáveis, provocado pelo torturador, que neste caso é o pai de Mundo e, o segundo, são os efeitos que esses traumas causam no personagem, sendo que esses efeitos são percebidos principalmente na relação estabelecida entre pai e filho, que sempre culmina em confronto e, conseqüentemente, em violência, seja pelo pai que não aceita a escolha de vida do filho, seja pelo filho que reage utilizando a arte para enfrentar o pai. Esses efeitos de sentidos, que fazem referência à relação conflituosa de ambos, são explorados pelo narrador através de suas descrições, de um mundo que vivenciou desde sua infância até a fase adulta.

Nesse processo, o narrador descreve e reelabora os eventos traumáticos sofridos por Mundo, através da memória de suas vivências com o amigo. Essas reelaborações ocorrem pelo discurso do narrador e pelas reiterações constantes de descrições das cartas, das obras de artes produzidas por Mundo e, além dessas, as cenas da vida do personagem, tanto em relação às vivências familiares, quanto às com a sociedade. Com isso, observamos uma narrativa fragmentada, devido à constituição do espaço e do tempo, presentes na fala do narrador.

Para dar conta do que nos propomos a analisar vamos primeiro conceituar trauma, melancolia e memória para, em seguida, iniciarmos a análise do objeto.

## **2 – Aportes teóricos sobre *Trauma, Melancolia e Memória.***

### **2.1 – *Trauma***

A partir do conceito de trauma, objetivamos provocar reflexões acerca da categoria para compreendermos a forma como ela se apresenta pelo viés da memória na narrativa de *Cinzas do Norte*, devido compreendermos que há uma persistência de ramificações em relação aos atos de violência, na memória daquele que as sofreu.

No texto<sup>224</sup>, escrito por mim e a pesquisadora Deurilene Sousa, realizamos um estudo sobre o trauma segundo a visão de Gabriela Maldonado e Marta Cardoso. Para essas autoras, o trauma é denominado como uma lesão causada por um determinado agente externo e sua origem vem do grego. O aspecto citado foi considerado nos estudos que realizamos, enfatizando que em período tardio da psicanálise freudiana, o conceito de trauma psíquico foi desenvolvido como um

<sup>224</sup> Memórias da violência na América Latina: *ARAGUAIA - CAMPO SAGRADO, KAMCHATKA E LINHA DE PASSE*. Texto apresentado no III Seminário Nacional Literatura e Cinema de Resistência (SELCIR), na Cidade Universitária Professor José da Silveira Netto (UFPA - Belém e, enviado a Revista eletrônica *Literatura e Autoritarismo* (no prelo), prevista para publicação em 2014).

“afluxo pulsional excessivo, sobrepondo-se à capacidade do psiquismo de ligá-lo e elaborá-lo. Assim, o traumático estaria situado além da capacidade de representação psíquica” (SOUSA, PINHEIRO. 2013. p. 0. Apud, Cardoso, Maldonado, 2009. p.46.).

A partir dessa noção, constatamos que a reflexão das autoras é voltada “[à] concepção de trauma [que] constitui um vivido que ultrapassa a capacidade psíquica de apropriação e de recalçamento, em muito pode ser enriquecida, por uma análise das narrativas”<sup>225</sup>.

O conceito de trauma tem sido objeto de estudo do pesquisador Marcio Seligmann-Silva, em seu texto *O local da diferença* (2005. p. 66), em que o “trauma é descrito como uma fixação psíquica na situação de ruptura”. Essa ideia de ruptura nos traz a necessidade de compreender a memória traumática do personagem Mundo, ou seja, como a memória traumática do personagem foi elaborada pelas artes plásticas criadas por ele. Mesmo sabendo que a impossibilidade de averigua-la em sua totalidade é impossível, Seligmann-Silva (2005. p. 73), ao citar Laplanche e Pontalis, afirma que, “o que permaneceu incompreendido retorna: como uma alma penada, não tem repouso até encontrar a resolução e liberação”.

A postulação de Seligmann-Silva<sup>226</sup> centra-se no sujeito e na maneira de como ele testemunha o irrepresentável, ou seja, são as dificuldades de elaboração da ferida traumática e não a ferida traumática propriamente dita, que se encontra no plano do irrepresentável. Para o autor a literatura de testemunho é vista como um gênero em que

a obra é vista tradicionalmente como a representação de uma “cena” [...] que não foi “plenamente” simbolizada. A vivência traumática é justamente a de algo que não se deixou apanhar pela nossa teia simbólica que trabalha na redução do visto/vivido ao “já conhecido” (Seligmann-Silva, 2005. p.105).

Por considerarmos que a memória faz parte de um trabalho simbólico de reelaboração ou elaboração do vivido, antes de iniciarmos a análise do objeto em questão, vamos apresentar o conceito de memória com os quais estão lidando para discutir as questões levantadas.

## **2.2 – Memória**

Desde o surgimento das primeiras civilizações o homem sempre procurou registrar suas memórias, através dos recursos mais primitivos de arte. Com o surgimento do desenho na pré-história, o homem das cavernas grafava, por meio de desenhos, os hábitos e experiências dos primitivos, e tais registros eram realizados através das pinturas

<sup>225</sup> Considerações também presentes no texto *Memórias da violência na América Latina: ARAGUAIA - CAMPO SAGRADO, KAMCHATKA E LINHA DE PASSE*.

<sup>226</sup> Considerações também presentes no texto *Memórias da violência na América Latina: ARAGUAIA - CAMPO SAGRADO, KAMCHATKA E LINHA DE PASSE*.



rupestres<sup>227</sup> que eram utilizadas como forma expressão e comunicação antes mesmo que se consolidasse uma linguagem verbal.

Nesse sentido, com a consolidação da linguagem, o homem passou a refinar seus rabiscos através de pinturas que retratavam a memória social de um indivíduo ou a memória coletiva de seu povo, principalmente seus costumes e hábitos.

É de acordo com os aspectos citados que verificamos a definição de memória segundo Peter Burke, como sendo “Toda atividade humana [...] portadora de uma história”. Para o autor, a memória pode ser estudada a partir de dois aspectos: o primeiro, diz respeito ao estudo da Memória como uma fonte histórica e o segundo, é a Memória enquanto fenômeno histórico.

De acordo com Burke, “as recordações são maleáveis e necessitamos compreender a forma como são moldadas e por quem”. Assim, é a partir das recordações que podemos mapear situações traumáticas experienciadas pelo indivíduo ou grupo social. Burke assinala cinco aspectos, nos quais podemos verificar traços dessas memórias: o primeiro, são as tradições orais; o segundo, é o território do historiador (memória e outros documentos escritos); o terceiro, são as imagens, pictóricas ou fotográficas, paradas ou em movimento; o quarto, são as ações que transmitem recordações tal como transmitem práticas, de mestre a aprendiz; e o quinto, é o espaço onde são colocadas imagens que desejam recordar algo, por exemplo, os palácios de memória, ou teatros de memória, que têm, em sua decoração, imagens e estátuas de ícones da Renascença.

Diferente de Burke, Paul Ricoeur define a memória como sendo um processo de adquirir, construir e armazenar informações assimiladas pela mente, mais precisamente porque a memória “é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar” (RICOEUR, 2007, p. 40).

Por outro, Le Goff (2003, p. 419) define a memória com um

“Fenômeno individual e psicológico, [...] [em que] a **memória** liga-se também à **vida social (sociedade)**. Esta varia em função da presença ou **ausência da escrita (oral/escrito)** e é **objeto da atenção do Estado**, que, para **conservar os traços** de qualquer acontecimento do **passado (passado/presente)**, produz diversos tipos de **documentos/monumento**, faz apreensão da memória, depende deste modo do **ambiente social (espaço social)** e político (**política**): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da **posse de imagens e textos (imaginação social, imagem, texto)** que falam do passado, em suma, de um certo modo de **apropriação do tempo (ciclo, gerações, tempo/temporalidade)**”.

<sup>227</sup> Algumas leituras sobre este assunto foram coletadas no site: <http://www.fumdham.org.br/pinturas.asp>. Acesso em: 22/06/2013.

É diante dessa relação entre trauma e memória que a melancolia surge, enquanto categoria estética e literária, na medida em que o indivíduo ao vivenciar cenas de violência que o traumatizam, na dificuldade de as expressarem, passam a representá-las pela arte. A melancolia, neste caso, emerge como forma de reação às imposições violentas de poder. A observação desta categoria na arte é vista como processo de criação em que uma das metáforas de representação é a dor, o sofrimento, a violência e a tristeza.

### **2.3 – *Melancolia***

A ênfase da melancolia por Walter Benjamin é observado nos poemas de Erich Kastner, a partir dos três volumes de poemas publicados em Berlim, por volta de 1930. De acordo com Benjamin, para investigar as características das estrofes é necessário lê-las em seu formato original pois, para ele, nos livros elas aparecem comprimidas e sufocadas e nos jornais “deslizam como peixes na água” (BENJAMIN, 1985. p.73). Vale resaltar que a água, citada por Walter Benjamin, é uma metáfora relacionada à linguagem produtiva, que a poesia provoca naquele que a lê. É clara a diferença observada pelo autor, sobre a forma como as leituras são observadas a partir de objetos diferentes.

Uma das observações que Benjamin traça sobre a poesia de Kastner é a de que o poeta expressa, em sua poesia, o próprio ódio contra a burguesia, por ser constituída de um aspecto, voltado à familiaridade exagerada mas, por outro lado, o autor critica o posicionamento da poesia quando, através da nostalgia, perde de vista o que se propõe a atingir. De acordo com Benjamin, a perda se configura na seguinte estrofe: “Oh, se existisse apenas doze homens sábios, com muito dinheiro!” (BENJAMIN, 1985. p.74).

Baseado nesse confronto do poeta, por meio da poesia e sua relutância em se manter sobre as rédeas da burguesia, e ao dizer que Kastner é um poeta “insatisfeito e um melancólico”, que Benjamin captura os elementos do social para definir a melancolia criativa em um poeta que, através de sua insatisfação, observa a rotina de um meio que o enoja, transformando-o em poesia.

Lages destaca em sua tese alguns pontos ligados às complexas concepções de tradução e melancolia, que vislumbram esse processo de discussão. Ela, baseada na obra de Walter Benjamin, considera, em sua tese, quatro articulações que compõem o caráter intrigante das concepções. A primeira, é a figura de um anjo; a segunda, a questão da verdade e da narração em suas diferentes manifestações; e a terceira, a análise de Proust e Baudelaire

como paradigma de uma moderna escrita melancólica; e a quarta, é a questão voltada à melancolia em sua conexão com linguagem e morte.

Para Lages (2007, p. 65), “o trabalho do tradutor e o de outros intelectuais [...] correspondem, respectivamente, ao aspecto “melancólico [...]”. Tanto para Walter Benjamin, quanto para Lages a tradução é, antes de qualquer coisa, um aspecto inerente ao trabalho do tradutor.

Tanto Benjamin quanto Lages apresentam em suas teses, a melancolia relacionada ao sentido de perda, ao sentido da poesia pelo tradutor. Assim ocorre um processo de reação por quem produz ou traduz uma poesia e é nesse aspecto que a perda surge como um recurso criativo, pois o aspecto que se perdeu será reelaborado pela memória que a cria e a traduz no âmbito de simbolização da arte.

### **3. Análise: manifestações melancólicas no personagem Mundo, do romance *Cinzas do Norte* (2005).**

O primeiro aspecto observado é voltado à ideia de que o personagem Mundo é um artista e suas obras (pinturas e instalações) aparecem na narrativa não em formato de pintura ou instalação, mas em formato de textos, descritos pelo narrador Lavo. Este narrador se comporta na narrativa como tradutor das obras de Mundo, na medida em que reelabora os traumas que o amigo viveu, tanto na escola, quanto na família, durante toda a vida. Segundo a arte de Mundo e segundo o olhar de Lavo, a vida de Mundo vai sendo descrita pelas pinturas que o mesmo produziu. Assim, a arte elaborada pelo personagem problematiza a forma de atuação autoritária da instituição familiar; como observado no seguinte fragmento:

“quando o apito trilava, e os bandos se precipitavam na quadra de cimento, Mundo se deslocava para a arquibancada, abria a caixinha de lápis e desenhava os corpos que corriam, trombavam, se contorciam, giravam, caíam” (HATOUM, 2010, p. 12).

No início da juventude de Mundo:

“Então, Jano presenciou a cena que tanto sonhava: o filho grudado ao corpo de uma moça [...] as putas gostam, gritou Mundo, arrotando na cara dele [...] Mundo desenha “a lápis as casinhas de Okayama Ken, do armazém e do casarão [...] no rodapé de cada folha estava escrito: “Propriedade do imperador Trajano” (HATOUM, 2010, p. 50 - 60).

O desenho de Mundo, no fragmento citado no parágrafo anterior, surge como uma espécie de catarse da violência a que o pai o obrigava a vivenciar. Além disso, reagia contra tais imposições do pai através da arte, por meio da escrita metafórica confronta estes mandos.

Além disso, verificamos que há aspectos ligados à melancolia no discurso do *narrador* e *tradutor*, pois o atravessamento de discursos, por exemplo, como o discurso do autor, o discurso da vida de Mundo inscrito no romance, o discurso de denúncia do autoritarismo de Trajano, pai de Mundo, e a violência imposta pelo regime de opressão, são decorrentes das ações do estado. Com isso, temos plena convicção que as ações decorrentes do período que corresponde ao da Ditadura Militar, foram violentas e traumáticas para os que lutaram contra o regime de imposição.

Além desses, surge também o discurso da tradução desenhada por uma metáfora do trauma, que se configura na perda das referências memorialísticas “indizíveis”, mas reconstruída mediante o processo de representação de uma memória fragmentada. O trauma, neste caso, é observado como representação, ainda que metafórica, de um processo tradutório daquilo que realmente não consegue ser dito.

Reafirmando o que foi dito anteriormente sobre os elementos que compõem a categoria da melancolia no romance e como elas emergem, verificamos que fazem parte do processo as obras de arte presentes na narrativa de *Cinzas do Norte*. Entre elas, estão alguns elementos próprios da arte de Mundo, como: as pinturas, as instalações e as cartas.

Na instalação, cujo nome é denominado *O Campo de Cruzes*, observa-se a obra (pintura de Mundo), descrita segundo o olhar de uma abstração do narrador, no processo de apreciação. Assim, a melancolia vai sendo tecida no entremeios de sentido de palavras como: cinzas, trapos pretos e cruzes, que se misturam a uma sensação de dor ou coisa ruim, o que se observa a seguir:

“a obra de meu amigo, no Novo Eldorado, também terminara e, cinzas. Na foto do jornal, o tronco e os galhos secos de uma árvore, cheios de trapos pretos, e uma fileira de cruzes de madeiras fincadas nas ruas sem calçada” (HATOUM, 2010, p.131).

A pintura também é visualizada pelas descrições de como Lavo a observa e a descreve. Assim, é nesse processo de descrição das obras de Mundo, que a tradução é associada à melancolia, como resíduo de uma vida destroçada pela violência e dor impostas por Jano. A partir das cartas de Mundo, para Lavo, é possível observar marcas do trauma vivido pelo personagem, e que desencadeou a melancolia enquanto rastros de uma vivência opressiva, que resiste pelo poder da arte, quando Mundo fala: “ainda não terminei. Quero fazer uma obra da Vila Amazônia [...] Falta a desforra da imaginação, a desforra da arte, Lavo. Vou fazer o diabo com o rosto dele, com a crueldade e a loucura [...]” (HATOUM, 2010, p. 159).

Além das cartas, observa-se também a manifestação da melancolia nas anotações do artista Mundo, quando o narrador descreve que encontrou “em uma caderneta [o] esboço das obras do projeto futuro de Mundo queria fazer, cujo tema seria: *Pai – Filho – Vila Amazônia – História*”.

Com isso, a melancolia emerge a partir da história traumática da personagem Mundo, quando ele toma a voz do discurso e diz:

“Pensei em reescrever minha vida de trás para frente, de ponta – cabeça, mas não posso, mal consigo rabiscar, as palavras são manchas no papel, e escrever é quase um milagre... Sinto no corpo o suor da agonia. Amigo... E não primo. Esse teto baixo, paredes vazias, ausência de cor e de céu[...]” (HATOUM, 2012, p. 230).

Considerando os aspectos expostos, verificou-se que o melancólico para Walter Benjamin é o ser da modernidade e, na medida em que a obra de arte perde o lugar da comunicação, perde a função social e o artista é um sem lugar dentro da sociedade.

No caso de Mundo, ocorre a busca por um lugar que não é próprio dele. Essa busca encontra-se ligada à tradução, que está associada com a melancolia de sua vida expressa na arte. Em Mundo, a melancolia ocorre pelo processo de reelaboração do trauma que ele viveu. Um exemplo desse processo são as pinturas, descritas por Lavo.

A personagem Mundo vive um profundo luto e morre no momento em que não consegue mais representar. Nesse sentido, as pinturas são processos de reelaborações, e a morte é o silenciamento e apagamento da memória traumática. Susan Sontag (1986, p.) afirma que “o caráter melancólico é perseguido pela morte, são os melancólicos que melhor sabem decifrar o mundo [...]”.

### **Considerações finais**

Verificamos, no decorrer deste texto, que a arte, ao provocar reflexões sobre a vida, literatura e a história de um indivíduo ou uma sociedade, traz à tona questões ligadas à violência, aos traumas provocados pela violência de estado. E essas questões se instalaram nesses indivíduos ou sociedades elementos de resistência que funcionam como catarse daquilo que os incomoda. Um desses elementos é a melancolia criativa que, mesmo provocando no indivíduo ou na sociedade, angústia, dor, sofrimento e tristeza, reelaboram o trauma de maneira criativa com elementos da memória metaforizados pela arte.

### **Referências bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. In: **Melancolia de esquerda: A propósito do novo livro de poemas de Erich Kastner**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

CARDOSO, Marta Rezende. MALDONADO Gabriela. **O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias**. Psic. Clin, Rio DE JANEIRO, VOL.15, N.2, P.X – Y, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. Ed. 34: São Paulo, 2005.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. Ed. Companhia da Letras. São Paulo, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François, Ed. Unicamp. Campinas, São Paulo, 2007.

BURKE Peter. **História e Cultura Jurídica no Brasil**. In. **A Nova História** (resumo). Disponível em: [http://www.olibat.com.br/documentos/A\\_nova\\_historia.pdf](http://www.olibat.com.br/documentos/A_nova_historia.pdf). Acesso em 10/06/2013.

## VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES: RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE VICTOR TAMER.

VULCÃO, Vivianne da Cruz.<sup>228</sup>  
SIMÕES, Maria do Socorro.<sup>229</sup>

**RESUMO:** Com o propósito de melhor conhecer como a tradição cultural influencia na constituição da identidade de uma comunidade, apresentamos uma análise de fragmentos de duas narrativas intituladas Visagens e assombrações da infância I e Visagens e assombrações da infância II, presentes no livro Crônicas e Memórias, do escritor cametaense Victor Tamer, organizado por seu filho, Sérgio Vitor Tamer, e por seu neto, Sérgio Martins Tamer, por ocasião do centenário do autor ocorrido em 2012. As pesquisas realizadas no Instituto Histórico e Geográfico do Pará e sua passagem pela Academia Paraense de Letras evidenciam o empenho deste autor como pesquisador e escritor em demonstrar o compromisso de manter viva a tradição histórica e cultural da cidade de Cametá. Nos relatos de sua história pessoal e de seus conterrâneos, procuramos como referência teórica e documental as informações sobre uma memória histórico-cultural neles contidas. A referida edição inclui também o texto integral do livro Chão Cametaense, publicado como folheto em 1987, ampliado e reeditado em 1998 como segunda edição. Além de ser uma homenagem ao autor, este trabalho servirá também como suporte à minha dissertação, enquanto mestranda que pesquisa as narrativas orais cametaenses.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recordações. Infância. Cametá.

**ABSTRACT:** In order to better understand how cultural traditions influence in the constitution of the identity of a community we present an analysis of fragments of two narratives entitled Visagens and childhood haunts I and Visagens and childhood haunts II, in the book Chronicles and Memories of cametaense writer Victor Tamer, edited by his son, Sergio Victor Tamer, and his grandson, Sergio Martins Tamer, on the occasion of the centenary of the author occurred in 2012. The research conducted at the Institute of History and Geography of Pará and its passage by the Academy of Arts Para demonstrate the commitment by this author as a researcher and writer in demonstrating the commitment to keep the historical tradition and cultural city of Cameta. The reports of his personal history and his countrymen we have as a theoretical reference and documentary information about a historical-cultural memory contained therein. That edition also includes the full text of the book Cametaense Ground, published as pamphlet in 1987, expanded and reissued in 1998 as second edition. Besides being a tribute to the author, this work will also serve as a support to my dissertation, while student researching the oral narratives cametaenses.

---

<sup>228</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA, na área de Estudos Literários  
E-mail: [viviannevulcao@hotmail.com](mailto:viviannevulcao@hotmail.com)

<sup>229</sup>Profa. Dra. Integrante da linha de pesquisa Literatura, cultura e história do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPA, orientadora da autora deste trabalho. E-mail: [galvao@ufpa.br](mailto:galvao@ufpa.br)

**KEYWORDS:** Memories. Childhood. Cametá.

## INTRODUÇÃO

“A predestinação de Cametá, reconhecida em toda a parte, vem a ser sem dúvida alguma, a da inteligência de seus filhos, dote que se revela na seara política, do clero, das letras e das artes.” (p.56).

O orgulho que o escritor sente por sua cidade natal e pela inteligência típica desses cidadãos é algo notório na citação. Associado também, ao passado de filhos ilustres, como Dom Romualdo de Seixas, que chegou a ser o primaz da igreja do Brasil, e presidiu a coroação do Imperador Dom Pedro II; Padre Prudêncio das Mercês Tavares, conhecido como “padre-soldado” por mostrar sua valentia diante da resistência heroica frente à invasão cabana; e outros, que se destacaram por suas produções artísticas impressas na música, na escultura, na pintura, no jornalismo, na política e em muitas outras áreas; deixando todo um legado artístico, cultural, histórico que até hoje inspiram gerações.

Victor Tamer nasceu em 31 de Agosto do no ano de 1912. Seus pais chamavam-se Armindo Tamer e Rosa Tamer, ambos libaneses. Formou-se em odontologia e exerceu a profissão por 60 anos. Como escritor deixou suas marcas impressas na formação cultural de seus conterrâneos ao pesquisar e registrar a história de Cametá, levantando dados históricos importantíssimos. Diante dos resultados e de seu compromisso social, fundou em Cametá a revista literária *O Royal* e colaborou com os jornais locais: *Jornal de Cametá* e *O Tocantins*.

O Dr. Tamer escreveu em Belém durante muito tempo na “Folha do Norte” e no Jornal “A Província do Pará”. Foi Professor de Língua Francesa pela Aliança Francesa de Belém (presidente por três vezes) e no Colégio Santa Rosa, ministrou aulas desse idioma por mais de dez anos. Por toda sua produção literária, se tornou sócio efetivo tanto da Academia Paraense de Letras – onde ocupou a cadeira n°. 15 – quanto do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Foi coordenador da *Revista da Academia Paraense de Letras* e com seu modesto dom pela pintura, dizia que suas inspirações o faziam reviver nas telas produzidas, os cenários de sua própria vida.

Na leitura do livro *Crônicas e Memórias* percebemos uma visão apaixonante desse escritor diante das memórias de sua infância; do convívio familiar; dos encontros cotidianos e das relações proximais bem características das cidades do interior. Suas amizades, construídas ainda na infância, estenderam-se por toda vida como relata em seus textos. Tamer demonstrou ser dono de uma memória afetiva desprovida de



sentimentos de dor, insatisfação, tristeza, melancolia ou desesperança. Pelo contrário, sua produção foi movida pela alegria, satisfação, prazer e esperança.

Diante do exposto, consideramos que tais características devem servir de inspiração tanto no âmbito acadêmico local quanto na formação cultural dos cametaenses e de todos os paraenses que ainda não conhecem suas produções.

## **O PASSADO COMO ATUALIZAÇÃO DO PRESENTE**

“Cultuar a memória dos nossos antepassados, perpetuando nossos fatos históricos na lembrança das gerações que se renovam, deve ser preocupação prioritária nos programas culturais de nossos governos.” (p. 74).

Victor Tamer incentivou e esperou em vida, que os governantes, de alguma maneira, despertassem nas gerações futuras o culto à memória de seus antepassados. Porém, nenhuma das administrações se sensibilizou em atender ao pedido desse filho ilustre. Desde o seu falecimento, ocorrido em 03 de Abril de 2003, até o presente momento, nenhum projeto foi aplicado nesse sentido. Talvez daqui a alguns anos quando a cidade completar 400 anos de fundação ecoe a lembrança desse pedido. Esperamos também alguma homenagem, ainda que póstuma, seja atribuída à sua pessoa, em respeito aos seus 91 anos de idade que foram dedicados à cidade de Cametá.

A experiência em rememorarmos, contarmos e recontarmos o que se ouviu ou se viveu um dia, em um determinado lugar, mostra-nos claramente a ideia de que não podemos apenas apresentar o passado sem atualizá-lo ao presente. Muitas narrativas, que constituem o livro, apresentam o cidadão cametaense como bom contador de histórias, e todo o desempenho desses “contadores de histórias” revela a alegria de transformar o trágico em cômico ou até mesmo, o cômico em trágico.

Outra característica evidente relaciona-se à espontaneidade do narrador, pois dependendo do acontecimento, toda sua bravura chama a atenção do ouvinte atento, e o interesse manifestado por esse ouvinte aumenta ainda mais a segurança do contador. Fatos simples e comuns geralmente relacionados aos hábitos locais, diante do conhecimento público, constituem uma narrativa longa e bem estruturada, sendo a riqueza de detalhes sua principal característica.

O orgulho, o prazer e alegria em contarmos histórias e sermos ouvidos com atenção, levam-nos a pensar que podemos ser o elo entre um passado que não vivemos, mas que nos encontra, ou revisita-nos diariamente. Nesse sentido, Ecléia Bosi no livro *Memória e Sociedade* (2006, p.55), nos faz refletir no quanto as memórias são atuais,

pois lembrar não é apenas reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

Mediante a leitura de Tamer e pelas relações de alguns aspectos relacionados ao estudo de Ecléia Bosi, poderemos mesmo na condição de visitantes, andar pelas ruas da cidade de Cametá e perceber – principalmente nas ruas da frente da cidade, as quais abrigam o comércio local – o quanto está impresso, na paisagem atual, um passado secular que a cidade evoca e que muito inspirou a produção do escritor em questão.

Cametá dispõe de um grande acervo de memórias ainda não coletadas, editadas e analisadas. O devido tratamento a essas narrativas, ainda não acontece e muitas delas estão se perdendo, por quatro possíveis razões: falta de interesse do público jovem; “pré-conceito” de não vê-las como algo real, ou verídico, por assim dizer; pelo falecimento de idosos; e a última, pela falta de incentivo cultural por parte dos governantes, conforme a indicação feita por Tamer e por nós também pontuada no início da discussão.

A maioria das narrativas são narrativas orais. Elas remetem a uma época em que o sistema elétrico da cidade era precário. Diariamente, o sistema de iluminação pública tinha hora certa para iniciar e terminar. Muitas dessas narrativas referem-se a esse período e estão relacionadas a assombrosos relatos que influenciavam na vida da população.

Alguns moradores de Cametá, hoje com idade entre 70 a 90 anos, contam-nos que especificamente às 21 horas da noite, uma forte sirene tocava. Esta sirene era uma espécie de “toque de recolher”. Ela era o aviso de que o sistema de iluminação pública seria desligado. Dizem os mais velhos, que acontecia uma correria quando essa hora se aproximava. As crianças eram instruídas a se preparem logo para dormir. Os transeuntes apressavam os passos; as janelas e portas eram fechadas; as pessoas que costumavam ficar na frente das casas conversando recolhiam seus assentos e despediam-se; enfim, todos se recolhiam para dentro de suas casas.

As histórias daquela época – mesmo criadas – facilitavam o trabalho das autoridades. Dependendo de seus temas, ajudavam a manter a ordem na cidade. O que se torna comum a todas as narrativas, é que de fato, muitas “coisas estranhas” aconteciam na alta madrugada; na calada da noite, quando as luzes se apagavam.

## **ACONTECIMENTOS VIVIDOS**

“A recordação da infância permanece tão nítida na memória da gente, que a própria idade não consegue distanciá-la. Pelo contrário. Quanto mais vivemos, mais dela nos aproximamos.” (p.82).

Victor Tamer sempre fala de sua infância com muita saudade e emoção. Descritos a partir do período vivido em Cametá, os fatos relatados assemelham-se às histórias de vida de muitos cametaenses. Para prosseguir os estudos, mudou-se para Belém na fase de sua adolescência. Estudou no Colégio Progresso Paraense e, em regime de internato, sentiu saudades do lar. Nesse período, ele se lembra de uma das primeiras encomendas vindas de Cametá: um paneirinho com farinha de tapioca, enviado por seu pai.

Mesmo com o passar dos anos, o relato do escritor ainda tem algo muito comum às histórias da classe estudantil cametaense; pois àqueles que pretendem prosseguir seus estudos, ainda precisam deixar o aconchego do lar para morarem na capital do Estado, com finalidade de buscar uma boa formação, ou qualificar-se, como é o caso da mestranda em questão. A história de Tamer assemelha-se muito à história de outros conterrâneos que ainda hoje, com seus paneiros e isopores, tentam amenizar a saudade do aconchegante lar cametaense.

Entre idas e vindas, o trajeto Cametá-Belém/ Belém-Cametá apresenta aos olhos de bons observadores de uma paisagem rústica. Até aportarmos na cidade para o desembarque vemos os cachos de açaí maduros, respiramos o ar puro e frio das pequenas matas e ilhas, vemos à revoada de papagaios que de par em par produzem o seu harmonioso “gadan, gadan”, botos no seu gracejo “mundiando” as embarcações, indicando às vezes ao longe, o cardume de maparás. Tudo isso diante de um belo amanhecer ou entardecer.

Tamer nos fala das festas religiosas, principalmente da Festa do Padroeiro de Cametá São João Batista; dos passeios para a praia da Aldeia dos Parijós e dos banhos de rio. Suas memórias estão tão relacionadas a esses fatos vividos, lembranças que imortalizou em telas de tinta a óleo. Em 1953 pintou uma tela que explicava ser a estrada da Aldeia nos anos 30 e a charrete era de seu pai, o comerciante Armindo Tamer, retratado com familiares. Outras telas retratam os anos 20 tanto da cidade de Cametá quanto de Belém, evidenciando imagens do passado histórico das cidades por onde passou.

Para demonstrarmos exemplos mais consistentes das recordações do autor, as narrativas, que terão fragmentos comentados, serão disponibilizadas na íntegra, como anexos deste artigo. A primeira narrativa analisada e comentada é intitulada *Visagens e assombrações da infância I* e a segunda, *Visagens e assombrações da infância II*.

## ANÁLISE E COMENTÁRIOS DAS NARRATIVAS

Os fragmentos foram selecionados com o objetivo de facilitar o comentário de elementos comuns ao período histórico vivido pelo autor na cidade de Cametá. A título de informação, é possível encontrar uma versão digitalizada de impressão editada das narrativas, e encontram-se respectivamente nas páginas de nº. 91, 93 e 94 do livro *Crônicas e Memórias*, organizado em 2012 em homenagem ao centenário de nascimento de Victor Tamer.

### VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES DA INFÂNCIA I

Comum sistema de iluminação pública limitado, pois no abastecimento diário havia horário certo de início e término, a cidade de Cametá tornava-se ambiente propício para o surgimento das narrativas. Para sustentar tal informação, o narrador comenta que nesse período bem próprio de sua infância, em que as luzes se apagavam, conviveu também com os relatos acerca de visagens e assombrações, observado nos fragmentos abaixo:

**FRAGMENTO 01: A deficiente iluminação pública** a querosene e dos candeeiros, que se apagavam com o vento em nossa casa, **forneciam a penumbra necessária para o esconderijo das almas penadas do outro mundo**. E a imaginação infantil, sempre temerosa do escuro da noite, logo pensava que **era de visagem qualquer ruído no quarto de dormir**.

**FRAGMENTO 02: Corria nesse tempo em Cametá o boato** de que uma mulher de cabelo comprido vagava alta hora da noite pelas ruas desertas e desaparecia, **tomando o rumo do cemitério**. Essa **versão, contada com firmeza por quem já tinha visto**, aumentava a credulidade das pessoas temerosas e **muito mais ainda do nosso medo infantil**.

Os dois fragmentos caracterizam o medo infantil, assim denominado pelo escritor. A presença das visagens e assombrações em meio à escuridão, e a ligação que elas possuem em relação a lugares comuns é uma constante. Tidos ao mesmo tempo como assustadores, como por exemplo, o cemitério; ganhavam na época, por aqueles que já as haviam visto, uma característica de veracidade inquestionável, tanto é que não

impressionava somente o garoto Victor; indiretamente, outras crianças também sabendo dessas histórias, manifestavam medo.

O final da narrativa descreve com muita precisão o ambiente (noite de luar) e a perseguição da visagem (moça do cabelo comprido) feita por um homem corajoso. Os elementos estruturais dessa narrativa em particular, chamam a atenção do leitor para um clímax tenso; uma vez que prende a atenção ao desfecho, que, com a resolução do problema, desperta um misto de espanto e humor, observado nos dois fragmentos seguintes.

**FRAGMENTO 03:** Tanto disso se falou, que **um corajoso de nome Agapito, conhecido como caçador de pombas do mato, tomou a si a decisão de desvendar o integrante mistério da assombração.** Armou-se então de sua espingarda de perdigueiro e numa bela noite de luar, a preferida da aparição, **pôs-se de tocaia junto a um poste de luz apagada, à espera da mulher da meia-noite que lá costumava passar.**

**FRAGMENTO 04:** Lá pelas tantas, na curva de uma rua a lua clareava, viu **ele um vulto que se aproximava, tomando a forma de gente. Não teve dúvida, é ela.** Era. A visagem, porém, notando que alguém a espiava, apressou os passos, a cabeça brilhando à luz do luar, seguindo direto no caminho do cemitério. **O caçador, de espingarda em punho, não se aterrorizou e seguiu atrás.** Sentindo que o perseguidor não desistia e encontrando o portão do cemitério fechado, **virou-se a visagem rápido e, frente à frente com o matador de pombas, exclamou: Seu Agapito, você já é corajoso!**

A causa do espanto é devido ao aparentemente “aborrecimento” ou “incomodo” da visagem com a perseguição; pois não pôde entrar no “refúgio das almas” (o cemitério). Outro fato relevante é quando a visagem enfrenta seu perseguidor e, na maioria das histórias de visagens, elas não são tão ousadas nesse sentido. O humor surge a partir da frase final, que elucida a coragem de um Senhor, que não é qualquer Senhor e também não possui qualquer profissão; ou seja, era o Seu Agapito, caçador de pombas.

## VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES DA INFÂNCIA II.

**FRAGMENTO 01:** Tais narrativas de fundo misterioso, que **a gente escutava em profundo silêncio,** tinham a sequência de frade sem cabeça, mulher de longa cabeleira, matinta-perera, vulto que logo desaparecia e até de pessoas viventes que respondiam com duas vozes, a sua e a do diabo.

No fragmento acima percebemos o relato do escritor, da postura por ele adotada, assim como por toda sua geração infantil: ficarem quietinhos escutando as histórias dos mistérios locais e do cenário cultural amazônico por assim dizer. O interessante é que se comparada à outra narrativa acima comentada, essa de agora, prenuncia nos fragmentos abaixo, um fato ocorrido com o próprio autor, que não chega a ser uma história de visagens propriamente dita; mas que pelo contexto dos acontecimentos, o fez acreditar por breves instantes, estar vivendo algo dessa natureza.

FRAGMENTO 02: Naquela semana **havia falecido**, bruscamente, **um rapaz da sociedade cametaense**, pessoa estimada no meio em que vivíamos pelo seu **temperamento alegre e comunicativo**. Morte tanto mais sentida porque arrebatará uma vida na flor da idade.

Victor não sabia que o falecido possuía um primo com as mesmas características físicas e coincidentemente com a mesma idade. Diante de tais características – mais para irmãos gêmeos do que para primos – percebemos de acordo com os fragmentos abaixo, todo o “sufoco” que o garoto passou ao ver esse primo do falecido:

FRAGMENTO 03: Foi justamente, a quando **do seu retorno, sozinho, do Cemitério**, que **o acaso me colocou, inopinadamente, frente a frente com aquele vulto malicento**, a face encovada, que o impudismo mais acentuara com a palidez de cera. **A extraordinária semelhança física com o outro me dera**, sob o impacto da terrível ilusão, **a certeza de que o jovem morto de sete dias voltava do Cemitério para a casa**.

FRAGMENTO 04: **Aí gelei, o cabelo em pé, sem ação de correr ou gritar. O coração aos pulos, aterrava-me a demora do “ressuscitado” em desaparecer, em desacordo com as rápidas aparições na vidência das empregadas**. Teimosamente visível, o “fantasma” passou por mim e ainda por cima falou: **“Alô Victor”**.

Não é que o rapaz me conhecia? E dele não tinha eu um tico de conhecimento!

O relato do “garoto Victor” se resume ao fato de não conhecer nem ter conhecimento do primo do falecido. Apesar da fisionomia parecida, o rapaz que o cumprimentou não estava presente no enterro, porque estava adoentado. Porém, a relação que as histórias de almas penadas, visagens e assombrações, que apavoravam sua vida infantil e a de todas as crianças do interior, tinham sempre como garantia de veracidade um juramento de quem presenciou a história e vivenciou o fato.

O que mais nos chama atenção é o grande susto e a sensação de medo que lhe percorreu o corpo; pois se nas histórias ouvidas durante a noite apareciam rapidamente e por alguns instantes, “com essa visagem ou assombração” era diferente. E como se não bastasse, ela ainda o conhecia. Tal situação também desperta o riso e nos faz imaginar o alívio que “o garoto Victor” sentiu ao fazer uma pesquisa sobre esse primo, saber a causa de sua ausência, a doença que o impediu de vir; enfim, do levantamento de informações que pudesse dividir conosco esse fato um tanto quanto incomum.

## CONCLUSÃO

“Parece que a função da memória é de armazenar, condicionalmente, os acontecimentos vividos, para preencher com as suas recordações, o vazio da vida futura. Daí a afirmação de que recordar é viver outra vez.” (TAMER, 2012, p.215).

Provavelmente ao dizer-nos que recordar é viver outra vez, Tamer queira nos dizer que precisamos sempre lançar um olhar especial a tudo o que diz respeito a nossa vida. Percebemos ainda que diante de uma análise superficial feita apenas de duas de suas narrativas, mediante a leitura do livro *Crônicas e Memórias*, o autor divide conosco esse olhar especial que lançou sobre sua própria vida, sobre o tempo em que morou, tanto em Cametá quanto em Belém, e de tudo que pode imprimir em seus escritos.

Diante da organização do livro destacam-se muitos escritores, políticos, lideranças religiosas, familiares e amigos que homenagearam Victor Tamer durante a vida e agora postumamente. Entre eles destacam-se: Alcyr Meira, Os Editores, Pedro Roumié, Alberto Mochel, Alonso Rocha, Leonam Cruz, Gerson Peres, Jarbas Passarinho, Edson Franco, Dom Vicente Zico e muitos outros.

Em comemoração ao centenário de nascimento do autor Victor Tamer, muitos textos, principalmente os de suas palestras relacionadas à história e fundação da Cidade de Cametá, e que fundamentam sua obra, foram reeditados. A vida e a memória narrada pelo autor nos inspiram a olhar de modo especial para as recordações da infância. Talvez pelo fato de ele nos apresentá-las de maneira venturosa e por todas elas estarem associadas à Cametá, sua querida cidade natal. Assim, consideramos também a ideia de Paul Zunthor (2005; p.48) de que é preciso distinguir na história (e até mesmo nas memórias) o aspecto da documentação ou erudição, que se reporta à coleta e à organização de dados. Pois como fica evidente em seus estudos, o aspecto do relato, no fim das contas sempre se constituirá como história e vice-versa.

**REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

**BOSI**, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 13. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

**TAMER**, Sérgio Victor. *Crônicas e Memórias*. Sérgio Victor Tamer; Sérgio Martins Tamer (Orgs).\_\_\_São Luís: Editora Gênese, 2012. 306p.

**ZUMTHOR**, Paul. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaio*s. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. Cotia, Ateliê Editorial, 2005.





Universidade Federal do Pará  
Instituto de Letras e Comunicação  
Programa de Pós-Graduação em Letras

Cidade Universitária Professor José da Silveira Neto  
Rua Augusto Corrêa, 01, Guamá  
CEP 66075-900, Belém-PA  
Fone-Fax: (91) 3201-7499  
E-mail: [mletras@ufpa.br](mailto:mletras@ufpa.br) Site: [www.ppgl.ufpa.br](http://www.ppgl.ufpa.br)